"Adorei o livro."
Rosamunde Pilcher

Em Busca de Abrigo



JOJO MOYES

BERTRAND BRASIL

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

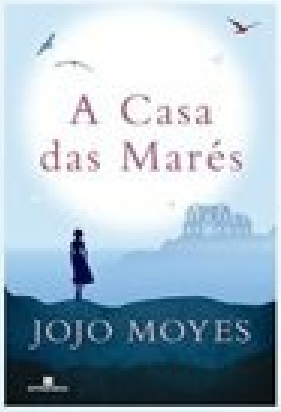
"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

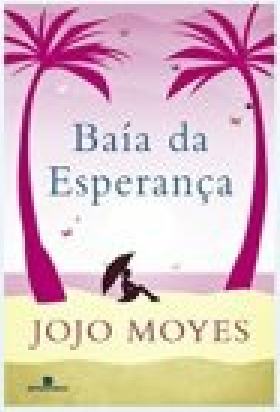
"Este tocante romance de estreia faz da relação
mãe e filha uma história difícil de largar...
Prepare-se para deixar seus afazeres de lado."
– *Elle*

"Embora a história pule de uma geração para outra,
corra de norte a sul, a autora consegue fazer
com que isso se torne um prazer para o leitor.
Os personagens são reais, fortes e inesquecíveis –
e conquistarão a simpatia de todos... Uma leitura
prazerosa e um promissor romance de estreia."
– *Sunday Express*

"Personagens verossímeis, cenários deslumbrantes,
cavalos e cães, argila e arte; isto é bom demais,
o que há de melhor numa história clássica.
Destinado a ser um *best-seller*... É impossível parar de ler."
– *North Shore Times*

Leia também:





BERTRAND BRASIL
BERTRANDBRASIL.COM.BR
/BERTRANDBRASIL
@BERTRANDBRASIL

ISBN 978-85-286-1084-0

Título: Em Busca de Abrigo.

Autor: Jojo Moyes.

Título original: Sheltering Rain.
Digitalização: Dores Cunha.
Correção: Ana Medeiros.
Revisão: Star Books Digital

Introdução

E então o Arcebispo deverá beijar a mão direita da Rainha. Após este ato, o Duque de

Edimburgo subirá os degraus do Trono e, após descobrir a cabeça, deverá se ajoelhar diante de Sua Majestade; colocando as suas mãos entre a s mãos d a Rainha, deverá pronunciar as palavras de Homenagem e Respeito, dizendo: Eu, Philip, Duque de Edimburgo, Torno-me vosso vassalo, de corpo, alma e total devoção terrena; A fé e a verdade juro portar, por vós, para viver e morrer, lutando contra todos, Que Deus me ajude.

E, levantando-se, deverá colocar a Coroa sobre a cabeça de Sua Majestade, e beijar a face esquerda de Sua Alteza.

Desta mesma forma, o Duque de Gloucester e o Duque de Kent deverão, solenemente, prestar sua homenagem.

Texto extraído do Protocolo e Ordem do Serviço da Coroação, 1953

Provavelmente tinha sido um pouco rude, Joy avaliou mais tarde, uma mulher encontrar o futuro marido no dia consagrado a ser como o Dia da Princesa Elizabeth. Ou o Dia da Rainha Elizabeth II, como ela seria pomposamente reconhecida ao final daquele dia. Mesmo assim, considerando a importância da ocasião para as duas, foi muito difícil (pelo menos para Joy) exibir um sentimento de empolgação adequado.

Foi um dia cheio de presságios de chuva, e não de compromissos divinos. O céu acima do porto de Hong Kong estava úmido e cinzento e, enquanto caminhava lentamente pelo mirante de Victoria Peak, segurando uma pasta úmida cheia de partituras, o suor sob os braços deixando-a pegajosa e a blusa já grudando nas costas como se fosse um glacê gelado, Joy não se sentiu muito como uma monarquista fervorosa diante da lembrança da Festa da Coroação na casa dos Brougham Scott.

Lá estava a sua mãe, já se agitando pela casa, como a corda de um instrumento, tensa de insatisfação e expectativa, em grande parte devido à presença do seu pai, que estava de volta de uma de suas viagens à China. As visitas dele sempre pareciam coincidir com uma ligeira retração no humor de Alice, transformando suas aspirações de uma vida melhor, em algum outro lugar, em algo mais cruel e sombrio.

— Você não vai usar isto — disse ela, franzindo a testa para Joy e formando com a boca um amuo escarlate de desaprovação.

Joy continuava de olho na porta. Louca para se encontrar com Stella, a fim de evitar ter que andar até a villa dos Brougham Scott com seus pais, ela lhes contara uma pequena mentira, dizendo que os anfitriões haviam pedido para entregar as partituras mais cedo. Passeios com os pais, mesmo a pé, a deixavam enjoada.

— Você está vestida de modo tão simples, querida. E está usando salto alto! Vai ficar mais alta do que todos, na festa. — Aquele "querida" era um adoçante familiar, para disfarçar as coisas desagradáveis que Alice estava dizendo.

— Eu vou ficar sentada.

— Não pode ficar sentada a noite inteira.

— Vou andar com os joelhos dobrados, então.

— Você devia colocar um cinto mais largo. Ia parecer mais baixa.

— Vai me incomodar, apertando as costelas.

— Não sei por que você tem de ser tão difícil. Estou só tentando fazer o que é melhor. Você é que devia procurar melhorar a sua aparência.

— Ah, mamãe, eu não me importo. Ninguém vai se importar. Até parece que alguém vai reparar em mim. Vão todos estar prestando atenção à voz da princesa, quando ela estiver declamando seus votos, ou sei lá o que ela faz. — Ficar em paz era só o que ela queria. Já ia ser difícil o bastante ter que aturar o mau humor corrosivo de Alice durante toda a festa.

— Bem, pois eu me importo. As pessoas vão achar que eu criei uma filha desleixada.

O que as pessoas iam achar era muito importante para Alice. Hong Kong era pequena como um aquário, ela costumava dizer. Sempre havia alguém olhando para você, e falando de você. Que mundo pequeno e chato era aquele em que eles viviam, Joy tinha vontade de responder à mãe. Mas não o fazia, especialmente porque era verdade.

Lá estava seu pai que, sem dúvida, ia beber demais e beijaria todas as mulheres na boca, em vez de no rosto, de maneira que elas iam ficar olhando em volta, preocupadas, sem saber se o tinham, de algum modo, provocado. Deixando-se ficar à vontade, ele ia brigar com Alice, mais tarde. Que tipo de mulher seria capaz de negar um pouco de diversão ao marido, depois de semanas de exaustivo trabalho na China (e não sabemos, todos nós, os horrores de ter que lidar com os orientais)? Seu pai não era mais o mesmo, desde a invasão japonesa. Eles, no entanto, não falavam a respeito daquilo. Lá estavam os Brougham Scott. E os Marchant. E os Dickinson. E os Alleyne. E todos os outros casais que moravam no condomínio que ficava bem debaixo do mirante de Victoria Peak, mas não abaixo da estrada Robinson (a região do centro era, na verdade, para a classe administrativa dos funcionários públicos), e eles se encontravam em todos os coquetéis do Clube de Cricket de Hong Kong, e tornavam a se encontrar nas corridas do hipódromo de Happy Valley, ou viajavam juntos nos juncos chineses à vela da companhia, em jornadas regadas a xerez, pelas ilhas mais distantes, lamentando-se pela dificuldade de conseguir leite, reclamando dos mosquitos, do preço dos imóveis e da chocante rusticidade dos empregados chineses. E conversavam sobre a Inglaterra, sobre o quanto sentiam saudades de casa, a respeito dos visitantes que chegavam de lá e como as suas vidas eram chatas e sem graça, e ainda como a Inglaterra parecia apagada, apesar do fato de que a Grande Guerra já havia terminado há séculos. Mas, principalmente, conversavam a respeito deles mesmos, os soldados e subalternos se comunicando com piadinhas particulares e humor de quartel, e m uma linguagem totalmente independente, os homens d a Marinha Mercante discutindo e menosprezando o desempenho dos rivais, e suas mulheres se agrupando e reagrupando, em permutações infinitamente chatas.

E o pior de tudo, lá estava William, onipresente em qualquer reunião social, com seu queixo recuado e o cabelo louro, tão frágil e fino quanto a sua voz aguda, que parecia

estrangulada, sempre colocando as mãos pegajosas na base das costas de Joy e empurrando-a para lugares aonde ela não tinha vontade de ir. E enquanto fingia, educadamente, ouvir o que ele dizia, ela olhava para baixo, para o alto da sua cabeça, a fim de avaliar se o cabelo dele ia ficar ainda mais ralo.

— Você acha que ela está nervosa? — perguntou Stella. Seu cabelo, brilhante como verniz recém aplicado, estava preso impecavelmente atrás da cabeça, em um coque. Não havia um fio sequer solto ao vento úmido, ao contrário dos cabelos de Joy, que se agitavam em movimentos caóticos, tentando escapar, minutos após terem sido novamente presos. BeiLin, sua ama, sempre olhava de cara feia e estalava a língua em sinal de desaprovação a cada vez que Joy tentava prendê-los, como se aquilo fosse algum tipo de rebeldia deliberada da parte dela.

— Nervosa? Quem?

— A princesa. Eu ficaria. Pense só em todas aquelas pessoas que vão estar olhando.

Stella, resplandecente em uma saia vermelha, blusa branca e casaco azul, vestida especialmente para a ocasião, vinha mostrando, nas últimas semanas, o que Joy considerava um interesse não muito saudável pela princesa Elizabeth, especulando a respeito das joias que ela ia escolher, as roupas que ia usar, o peso da coroa, e até mesmo o quanto o marido dela ia sentir ciúmes do seu título, já que ele jamais conseguiria ser rei. Joy estava começando a achar que tudo aquilo mostrava uma identificação não muito humilde, pouco adequada a uma súdita.

— Bem, nem todos vão vê-la. Vai haver muitos, como nós, que vão apenas ficar escutando pelo rádio. — As duas chegaram para o lado, para deixar um carro passar, olhando rapidamente para dentro das janelas para ver se era alguém que conheciam.

— E também pode ser que ela pronuncie alguma palavra de forma errada. Eu faria isso. Tenho certeza de que ia gaguejar.

Joy duvidava disso, pois Stella era o modelo perfeito para qualquer coisa que se relacionasse com etiqueta e comportamento social. Ao contrário de Joy, Stella tinha a altura apropriada para uma jovem dama, e sempre usava as roupas elegantes que seu costureiro Tsim Sha Tsui lhe preparava, dentro da última moda de Paris. Jamais tropeçava nos próprios pés, o u s e mostrava irritada, ou ficava muito tempo calada durante as conversas com a infindável fila de oficiais que, estando de passagem, eram obrigados a comparecer a todas as "recepções", criadas para fazê-los esquecer a iminente entrada da Inglaterra na Guerra da Coreia. Joy sempre achou que a imagem pública de Stella ficaria ligeiramente arranhada se a sua capacidade de declamar o alfabeto inteiro fingindo arrotar fosse divulgada.

— Você acha que a gente vai ter que ficar até o fim?

— O quê, até o fim da cerimónia? — Joy suspirou, chutando uma pedra. — Aquilo deve levar horas, e eles vão ficar todos bêbados e começar a falar uns sobre os outros. E a minha mãe vai começar a flertar com Duncan Alleyne, e explicar como William Farquharson tem parentesco, por casamento, com os Jardine, e também que ele é o tipo certo de rapaz para uma jovem com a minha posição.

— Pois eu acho que ele é muito baixinho, para uma jovem com uma posição alta como a sua. — Stella também era espirituosa.

— Por isso é que eu vim de salto alto.

— Ora, vamos, Joy. É empolgante. Vamos ter uma nova rainha.

— E por que razão eu deveria ficar empolgada? — Joy encolheu os ombros. — A gente nem ao menos mora no mesmo lugar que ela.

— Mas não importa, ela é a nossa rainha. E tem quase a mesma idade da gente!

Imagine só! Além do mais, vai ser a maior das festas em muitos anos. Todo mundo vai estar lá.

— Mas são sempre as mesmas pessoas. Não tem graça, ir a festas onde as pessoas são sempre as mesmas.

— Ah, Joy, você decidiu que vai se sentir infeliz. Se ao menos conversasse com as pessoas, você ia ver que tem sempre um monte de gente nova.

— Mas eu não tenho nada a dizer. Elas só estão interessadas em compras e roupas, e em quem está difamando quem.

— Ora, desculpe-nos — disse Stella, arqueando as sobrancelhas. E sobre o que há mais para conversar?

— Eu não quis dizer você. Mas você sabe o que eu quero dizer. Tem que haver algo mais, na vida. Você não tem vontade de ir para os Estados Unidos? Ou para a Inglaterra? Viajar pelo mundo?

— Já viajei. Estive em um monte de lugares. — O pai de Stella era comandante da Marinha. — Para ser franca, acho que as pessoas estão interessadas nas mesmas coisas, aonde quer que a gente vá. Quando estivemos em Cingapura, tudo foi uma imensa sucessão de coquetéis. Até mamãe ficou entediada — disse Stella. — Enfim, não são sempre as mesmas pessoas. Há os oficiais da Marinha. Hoje vai ter um monte deles, aqui. E tenho certeza de que você não vai conseguir conversar com todos.

Havia um monte de oficiais. O largo terraço aberto dos Brougham G C Scott, que oferecia uma vista do alto do porto de Hong Kong nos raros momentos em que a névoa no alto do mirante de Victoria Peak diminuía, parecia um mar de uniformes brancos.

Dentro da casa, debaixo de ventiladores de teto que zumbiam como se fossem hélices gigantescas, os empregados chineses, igualmente vestidos com uniformes brancos, moviam-se silenciosamente, calçando sapatos macios e oferecendo drinques gelados em copos longos, sobre bandejas de prata. O murmúrio de vozes aumentava e diminuía, acima da música que parecia abafada pelo calor pesado e úmido. As bandeiras do Império Britânico, penduradas no teto em determinados locais, pareciam roupas penduradas para secar, e quase não se moviam, apesar do vento fornecido pelos ventiladores.

Pálida, sedutora e aparentemente sem energia, Elvine Brougham Scott estava reclinada sobre uma chaise-longue estofada em tecido adamascado, em um dos cantos da sala de estar com piso de mármore, rodeada, como de hábito, por um batalhão de oficiais solícitos. Usava

uma blusa de seda cor de ameixa, com decote em formato de coração, e uma saia longa e drapeada, que lhe caía em dobras em volta das pernas compridas e pálidas. (Não havia marcas de suor sob seus braços, Joy reparou, apertando os dela para mais junto do corpo.) Um dos seus sapatos, enfeitado com uma imitação de pele de arminho, já tinha sido atirado sobre o chão, revelando seus pés e as unhas pintadas de escarlate. Joy já sabia o que sua mãe ia dizer quando visse aquilo, engolindo a própria frustração por não ter o tipo físico de Barbara Stanwyck e poder usar aquela cor, ela mesma. Mulheres com batom escarlate também eram o mais próximo da imagem de mulher fatal que Alice conhecia, embora insinuassem os seus desejos secretos.

Joy e Stella entregaram as partituras e fizeram um aceno com a cabeça, à guisa de cumprimento, pois sabiam que a senhora Brougham Scott não queria ser interrompida.

— Como vamos fazer para ouvir a cerimónia? — perguntou Stella, ansiosa, olhando em volta à procura do rádio. — Como é que eles vão saber a hora do início?

— Não se preocupe, minha cara, ainda faltam algumas horas disse Duncan Alleyne, curvando-se, ao passar por elas, para olhar o relógio. — Não se esqueçam de que, na Inglaterra, eles estão oito horas atrasados em relação a nós. — Duncan Alleyne sempre falava como um herói da RAF, a Força Aérea Britânica, nos filmes de guerra. As garotas achavam aquilo ridículo, mas Alice, para desgosto de Joy, parecia achar que isso a transformava em uma espécie de Célia Johnson[1].

— Você sabia que ela vai ter que aceitar os "oráculos energéticos de Deus"? — perguntou Stella, com entusiasmo.

— O quê?

— A princesa Elizabeth. Na cerimónia. Vai ter que aceitar os "oráculos energéticos de Deus". Não tenho a menor ideia do que seja isso. Ah, e vai ter quatro Cavaleiros da Ordem da Liga[2] só para cuidar dela. Você acha que eles vão conseguir vigiar a liga da meia que a princesa vai usar? Afinal, ela tem uma Aia de Vestimentas, só para isso. A Betty Warner me contou.

Joy notou o olhar distante no rosto de Stella. Como era possível que a amiga se sentisse tão enlevada pela ocasião? Por que será que, só de pensar na noite que estava começando, o coração de Joy já se enchia de terror?

— E você nem vai acreditar. Ela vai ter o seio ungido com óleo sagrado. Um seio real. Queria assistir ao vivo, sem ficar apenas ouvindo pelo rádio, só para ver se o arcebispo vai tocar no seio dela, de verdade.

— Olá, Joy. Nossa, você parece... Parece... Na verdade, está parecendo que você está com calor. Teve que vir a pé, até aqui? — Era William que chegara, corando à simples aproximação; tinha a mão estendida, meio mole, em uma tentativa pouco convincente de cumprimentá-la. — Desculpe-me, eu não quis dizer... Isto é, eu vim andando. Também. E estou me sentindo terrivelmente úmido. Muito mais suado do que você, olhe só. — Joy agarrou um copo alto com um drinque cor-de-rosa de uma bandeja que estava passando, e engoliu o líquido. Não era só a princesa Elizabeth que ia sacrificar a vida pelo país, naquele dia.

Haviam aparecido vários outros drinques cor-de-rosa em copos longos quando a hora da Coroação começou a se aproximar. Joy, que tinha tendência a ficar desidratada por causa do calor, achou que os drinques cor-de-rosa até que desciam com facilidade.

Não pareciam conter álcool, e a atenção da sua mãe estava em algum outro lugar, dividida entre o sorriso vincado de Duncan Alleyne, que parecia fazer parte de um daqueles rostos esculpidos em canecas, e a fúria por ver que seu marido estava, aparentemente, se divertindo. Assim, foi uma surpresa para Joy o momento em que o rosto da princesa Elizabeth, pregado bem no alto da parede da sala de jantar, repentinamente se multiplicou, parecendo estar sorrindo em cumplicidade com ela, diante das suas tentativas de caminhar em linha reta.

Depois de várias horas, o barulho da festa havia gradualmente aumentado e inchado, os imensos salões dos anfitriões estavam cheios, com as vozes dos convidados ligeiramente pastosas e amplificadas pelo ininterrupto suprimento de bebidas. Joy estava ficando cada vez mais voltada para si mesma no decorrer da festa, perdendo progressivamente a capacidade de conversar sobre assuntos que eventos como aquele pareciam pedir. Pelo visto, ela era boa apenas em perder as pessoas, e não em cativá-las.

Finalmente se livrara de William, dizendo que estava certa de que o senhor Amery estava à procura dele para conversar sobre negócios. Stella desaparecera, engolida por um círculo de oficiais da

Marinha que a admiravam. Rachel e Jeannie, as outras duas jovens da idade dela, estavam sentadas em um canto, com seus dois acompanhantes de cabelo empastado.

Sentindo-se livre do opróbrio e até da atenção de suas amigas, Joy e os drinques longos cor-de-rosa acabaram por se tornar bons amigos.

Notando que seu copo estava inexplicavelmente vazio outra vez, ela olhou em volta à procura de um garçom. Eles pareciam ter sumido, ou talvez fosse ela que estivesse achando difícil distingui-los entre os convidados. Eles deviam todos estar usando paletós com o desenho da bandeira britânica, decidiu ela, rindo sozinha. Paletós embandeirados. Ou pequenas coroas.

Ela notou que um gongo soava a distância, e ouviu a ridícula voz de tenor do senhor Brougham Scott, que tentava reunir os convidados em volta do rádio. Joy, encostada de leve em uma coluna, esperou que o povo à frente dela começasse a andar.

Assim que o fizessem, ela ia conseguir sair para o terraço e respirar a brisa. Só que, naquele momento, seus corpos continuavam oscilando e se fundindo, formando uma muralha intransponível.

— Ah, meu Deus — murmurou ela —, preciso de um pouco de ar. Ela achava que essas palavras tinham sido ditas apenas em sua cabeça, mas, de repente, uma mão segurou-a pelo braço e sussurrou:

— Então, vamos lá para fora.

Para sua surpresa, Joy viu que tinha que olhar para cima. (Joy raramente tinha que olhar para cima; era mais alta do que quase todos os chineses, e do que a maioria dos homens da

festa.) Ela conseguiu distinguir apenas dois rostos compridos, com ar grave, ampliando-se e m sua direção, flutuando sobre dois colarinhos brancos. Um oficial da Marinha. Ou dois. Ela não tinha muita certeza. De qualquer modo, um deles a pegara pelo braço e a estava levando, com cuidado, por entre a multidão, em direção ao terraço.

— Você quer se sentar? Respire fundo, algumas vezes. Vou pegar um copo d'água para você. — Ele a deixou sentada em uma cadeira de vime e desapareceu.

Joy respirou com vontade o a r puro. Estava começando a anoitecer, e a névoa descera do mirante, envolvendo a casa e isolando-a do resto da ilha de Hong Kong. A única pista de que ela não estava ali sozinha eram os distantes e rústicos apitos das barcaças que navegavam sobre as águas lá embaixo, o murmúrio das figueiras-de-bengala, ali perto, e um leve odor de alho e gengibre, que vinha pelo ar parado. Foi esse cheiro que fez Joy passar mal.

— Ó Deus — murmurou. — Ah, não...

Olhou para trás, reparando com alívio que o último dos convidados já estava desaparecendo para dentro do salão onde estava o rádio; então, debruçou-se sobre a sacada e vomitou durante muito tempo, fazendo muito barulho.

Quando se sentou novamente, com o peito subindo e descendo, os cabelos grudados no suor das têmporas, abriu os olhos para encontrar o oficial da Marinha em pé diante dela, trazendo o prometido copo de água gelada. Joy não conseguiu falar.

Simplesmente olhou para ele com um horror mudo estampado nos olhos, e então enterrou o rosto, agora inundado de constrangimento, no copo. Talvez, rezou, sentindo-se repentinamente sóbria e desconfortável, quando ela levantasse a cabeça de novo ele já tivesse ido embora.

— Quer um lenço?

Joy continuou com a cabeça baixa, olhando de cara amarrada para os sapatos altos demais. Alguma coisa estranha estava entalada em sua garganta, recusando-se a descer, apesar das suas repetidas tentativas para engolir.

— Olhe. Aqui. Pegue.

— Por favor, vá embora.

— O quê?

— Eu disse: "Por favor, vá embora."

Ah, Deus, se ela não saísse dali bem depressa, sua mãe viria até ali fora para procurá-la, e então ia ser o diabo para aguentar. Ela já podia ouvir os capítulos adiante: 1) Ela não servia para ser levada a parte alguma; 2) A vergonha do seu comportamento ou por que ela não podia ser mais parecida com Stella?; 3) O que as pessoas iam pensar?

— Por favor — repetiu ela. — Por favor, vá embora.

Joy sabia que estava parecendo grosseira, mas o horror de ser descoberta, bem como a possibilidade de ficar presa ali, tendo que manter uma conversa educada, enquanto podia haver sabe-la-deus-o-quê respingado na blusa, ou no rosto, fazia a sua rudeza parecer menor.

Houve uma pausa longa. O som de exclamações em voz alta se sobrepondo aumentou e diminuiu, vindo do salão.

— Eu não sei se... Acho que seria melhor se alguém lhe fizesse companhia, por algum tempo. — Não era uma voz jovem, nem o zurrar excitado da maioria dos oficiais; no entanto, era uma voz que não possuía o basso profundo de um longo convívio com o poder. Ele não devia ter uma patente muito elevada.

Por que ele não vai embora?, pensou Joy.

Mas ele simplesmente continuou ali em pé, parado. Suas calças imaculadamente brancas tinham, ela reparou, um pequeno respingo de alguma coisa laranja, na altura da canela esquerda.

— Olhe, eu já estou muito melhor agora, obrigada. E, realmente, eu preferia que você me deixasse sozinha. Acho que eu devia ir para casa.

— Sua mãe ia ficar furiosa, mas ela podia dizer que se sentiu mal. Não seria uma mentira completa. Apenas aquele homem diante dela saberia a verdade.

— Deixe-me acompanhá-la — disse ele.

Houve outra explosão de vozes no lado de dentro, e alguns risos altos e ligeiramente histéricos. Uma gravação de jazz começou a tocar e, tão de repente quanto iniciara, parou.

— Por favor — disse ele. — Pegue a minha mão. Vou ajudá-la.

— Será que você não poderia, por favor, me deixar sozinha? Desta vez a sua voz pareceu mais áspera, mesmo para os ouvidos dela. Houve um breve silêncio e então, após um infindável intervalo, ela ouviu o som dos passos dele sobre o piso do terraço, enquanto se afastava em direção ao interior da casa.

Joy estava desesperada demais para se sentir envergonhada por muito tempo.

Colocou-se em pé, tomou um gole bem longo de água gelada e então começou a caminhar rápido, ainda que ligeiramente trémula, em direção à casa. Se tivesse um pouco de sorte, poderia avisar os criados e escapar enquanto todos estavam ouvindo a transmissão. Só que, ao passar diante da porta do salão, os convidados já estavam se deslocando de volta para o terraço. Uma Stella com os olhos cheios de lágrimas e os cantos caídos em sinal de desapontamento estava entre as primeiras pessoas a saírem do salão.

— Ah, Joy, dá para acreditar?

— O que foi? — perguntou Joy, imaginando em quanto tempo se livraria dela.

— A porcaria, aquela porcaria de rádio. Que dia ele escolheu para enguiçar! Não consigo acreditar que eles só têm um aparelho daqueles, aqui. Certamente todo mundo tem mais de um rádio em casa.

— Não precisa ficar irritada, minha cara Stella — disse Duncan Alleyne, com uma das mãos alisando o bigode, enquanto a outra se mantinha sobre o ombro de Stella durante um tempo longo demais para a sua declarada atitude de interesse paternal. — Não vai demorar

muito tempo para que um dos empregados vá até a casa dos Marchant e pegue outro aparelho. Você não vai perder quase nada.

— Mas nós vamos perder todo o início! E jamais vamos conseguir ouvir de novo.

Provavelmente não vai nem haver outra coroação e m toda a nossa vida. Ah, e u não consigo acreditar. — Stella estava chorando abertamente agora, sem ligar para os convidados em volta dela. Alguns deles, evidentemente, consideravam a sagrada cerimónia dos reis apenas uma irritante interrupção em uma festa perfeita.

— Stella, eu tenho que ir embora — Joy sussurrou. — Sinto muito, de verdade. Não estou passando bem.

— Mas você não pode ir embora! Pelo menos fique até eles conseguirem o rádio novo.

— Eu a procuro amanhã de manhã. — com rapidez, vendo que seus pais ainda estavam no grupo dos que continuavam sentados em volta do rádio morto, Joy correu para a porta. Acenando depressa com a cabeça para o rapaz que lhe abriu a porta, sozinha, no ar úmido da noite, apenas um esquadrão de mosquitos a lhe fazer companhia e uma distante preocupação com o homem que deixará para trás.

Os expatriados britânicos de Hong Kong estavam acostumados a viver bem, com uma programação quase diária de jantares e coquetéis. Portanto, era comum haver poucos gweilo, ou estrangeiros, pela rua, logo cedo. Joy, no entanto, apesar do infeliz acidente com os drinques cor-de-rosa, tinha acordado com a cabeça surpreendentemente limpa, e se encontrou na rara posição de ser a única de uma minoria.

Era como se toda a região do mirante de Victoria Peak estivesse de ressaca. Além dos homens e mulheres chineses que passavam caminhando pela rua aos pares, alguns carregando pesadas cestas ou puxando carrinhos de lixo, não havia um só europeu à vista. Do lado de fora das casinhas pintadas de branco e afastadas da rua, compridas faixas coloridas estavam penduradas, como se estivessem pedindo desculpas, e fotos da princesa sorridente estavam desenroladas para o lado de fora das janelas, elas próprias parecendo exaustas dos excessos da noite anterior.

Caminhando na ponta dos pés de um lado para o outro, sobre o piso de madeira, Joy e Bei-Lin se comunicavam aos sussurros. Nenhuma das duas queria acordar Alice e Graham, cujas discussões exaltadas e incoerentes haviam se estendido quase até o amanhecer. Joy decidira que a única solução para aquilo seria um passeio até a parte nova da cidade, onde ela poderia cavalgar um pouco. Todas as pessoas estariam com a cabeça inchada e sentindo-se infelizes, naquele dia; o calor úmido estava mais pesado do que nunca, aumentando as dores de cabeça de ressaca, trazendo para todos a certeza de que o dia seria gasto em um torpor mal-humorado, estendido sobre a mobília e debaixo dos ventiladores. Não era um bom dia para ficar na cidade. O problema de Joy é que aquela era a única manhã em que não havia ninguém por perto para levá-la para longe dali.

Ela caminhara até a casa de Stella, por volta de dez horas, mas as cortinas ainda estavam fechadas, e ela não quis acordá-la. Seu pai, com quem ela normalmente podia contar para levar a sua princesa de carro, dificilmente se levantaria antes de meio-dia.

Não havia ninguém mais a quem ela se sentisse à vontade para apelar. Naquele instante, sentada em uma cadeira de vime junto da janela, Joy avaliava a ideia de pegar um bonde até o centro da cidade, e depois pegar um trem, mas ela jamais havia feito aquilo sozinha, e Bei-Lin se recusara a acompanhá-la, sabendo que sua patroa ficaria ainda mais mal-humorada se acordasse e descobrisse que a criada havia saído para dar um passeio.

— Ah, Deus salve a rainha — murmurou Joy, diante da recusa de Bei-Lin.

Não pela primeira vez, Joy se sentiu revoltada por causa das restrições de sua vida, tanto geográficas quanto físicas. No período em que ela e sua mãe moraram na Austrália, pouco depois de os japoneses invadirem Hong Kong e as mulheres e crianças serem obrigadas a abandonar a colónia, Joy tinha entrado em contato com uma liberdade inaudita. Elas haviam ficado com a irmã de Alice, Marcelle, cujas portas da casa de frente para o mar pareciam estar permanentemente abertas para as saídas de Joy, e os vizinhos eram muito mais relaxados e alegres, mais fáceis de se entrar em contato, comparados com os de Hong Kong.

Alice tinha estado mais relaxada lá, também, e florescera no calor seco, onde todos falavam a sua língua e os homens altos e bronzeados flertavam descaradamente. Ali, os costumes de Alice tinham representado o máximo em refinamento, suas roupas eram muito mais bonitas do que qualquer coisa que eles tinham visto até então, e ela podia aparecer exatamente como gostava: chique, cosmopolita e exótica, por conta do exílio.

Além do mais, Marcelle era mais jovem do que ela, e agradavelmente respeitosa em questões de gosto e estilo. Este elevado senso de boa vontade significara que Alice tinha ficado muito menos "preocupada" com Joy do que habitualmente, e a despachara para a praia ou para a área onde ficavam as lojas sem sequer pensar duas vezes, ao contrário de Hong Kong, onde ela ficava o tempo todo ansiosa com as deficiências na aparência de Joy, nas suas maneiras e nos perigos potenciais de, em um país não civilizado, ela ser deixada na rua por conta própria.

— Eu odeio a minha vida — disse Joy em voz alta, deixando os pensamentos saírem de sua cabeça para ficarem pendurados no ar diante dela, como nuvens pesadas.

— Senhorita? — Era Bei-Lin, parada no portal. — Há um cavalheiro na entrada, que veio fazer uma visita.

— É para a minha mãe?

— Não. Ele está à procura da senhorita — sorriu ela, com o olhar expressivo.

— Então é melhor deixá-lo entrar.

Franzindo a testa, Joy arrumou a parte de trás do cabelo e se levantou. Companhia era a última coisa que ela queria.

A porta se abriu, e entrou um homem que ela jamais vira, vestido com uma camisa branca de manga curta, e calças cor de creme. Tinha o cabelo ruivo cuidadosamente cortado, um rosto longo e aristocrático, e olhos azul-claros. Ele era muito alto, e abaixou a cabeça sem necessidade, aparentemente pela força do hábito, ao passar pela porta.

Era da Marinha, Joy pensou, distraída. Eles sempre abaixavam a cabeça quando passavam sob os portais.

Senhorita Leonard. — Ele segurava um chapéu de palha, apertando-o com as duas mãos.

Joy olhou, sem entender. Não podia imaginar como é que ele sabia o seu nome.

— Sou Edward Ballantyne. Desculpe-me pela intromissão. Eu queria apenas...

Pensei em vir aqui para ver como a senhorita estava.

Joy olhou para os e u rosto e ficou imediatamente ruborizada, diante do reconhecimento constrangedor. Ela só vira aquele rosto antes em duplicidade. Levou a mão, sem sentir, até a boca.

— Eu tomei a liberdade de perguntar à sua amiga o seu nome e endereço. Queria apenas ter certeza de que a senhorita chegou bem em casa. Fiquei me sentindo culpado por tê-la deixado ir embora sozinha.

— Oh, não — disse Joy, olhando fixamente para os próprios pés. Eu cheguei bem.

O senhor é muito gentil — acrescentou, após um instante, notando que estava sendo rude.

Eles ficaram de pé por alguns instantes, até Joy descobrir que ele não ia se oferecer para ir embora. Ela estava se sentindo tão desconfortável que sua pele formigava.

Jamais s e sentira tão envergonhada quanto na noite anterior, e naquele momento a sensação estava se repetindo, como alguma coisa que tinha um gosto muito forte. Por que motivo ele não podia deixá-la em paz? Deixá-la com sua própria humilhação? BeiLin estava andando de um lado para o outro, do lado de fora da sala, mas Joy a ignorava de propósito, pois não ia permitir que ela chegasse e oferecesse um drinque ao visitante.

— Na verdade — disse ele —, eu estava pensando se a senhorita não gostaria de dar uma volta. Ou jogar um pouco de ténis. Nosso comandante nos deu uma permissão especial para usarmos as quadras da avenida Causeway Bay.

— Não, obrigada.

— Será que eu poderia lhe pedir, então, para me mostrar alguns dos lugares importantes da cidade? Nunca estive em Hong Kong, antes.

— Olhe, eu sinto muito, mas estava de saída — respondeu Joy, notando que ainda não conseguia olhar para ele.

Houve um longo intervalo. Ele estava, certamente, olhando para ela. Dava para sentir.

— É algum lugar interessante?

— Como? — Joy sentiu o coração bater contra o peito. Por que ele não ia logo embora?

— A senhorita falou que estava saindo. Eu fiquei pensando... Bem, para onde vai?

— Vou cavalgar.

— Cavalgar? — Nesse momento, ela olhou para cima, percebendo a empolgação na voz dele. — Existem cavalos, aqui?

— Aqui, não — respondeu ela. — Pelo menos, não na ilha. Eles estão na parte nova da cidade. Um amigo de meu pai administra uma cavalariça, lá.

— A senhorita se importaria se eu fosse junto? Costumo cavalgar, lá na minha terra, e sinto falta disso, terrivelmente. Para falar a verdade, há nove meses que não ponho os olhos em um cavalo.

Ele disse isso com o ar melancólico com que a maioria dos marinheiros falava das famílias. Todo o seu rosto, ela notou, tinha se aberto, de certa forma, com as feições e linhas severas se aplainando e demonstrando euforia. Ele era, Joy tinha que admitir, terrivelmente bonito, de uma forma muito adulta.

Só que ele tinha presenciado a vergonha que ela passara no terraço.

— Eu tenho um carro — continuou ele. — Poderia levá-la até lá. Ou simplesmente segui-la, se isso fosse mais, ha... Conveniente.

Joy sabia que a sua mãe era capaz de ficar horrorizada quando BeiLin lhe dissesse que a senhorita Joy tinha desaparecido de carro, e m companhia de um homem estranho, mas as consequências provavelmente seriam ainda piores se ela ficasse junto de Alice o dia todo, servindo de saco de pancada verbal para a ressaca de sua mãe. E havia algo de delicioso na ideia de circular pelas estradas tranquilas com aquele estranho alto e sardento que, em vez de fazê-la se sentir inábil e atrapalhada com as palavras, como a maioria dos oficiais fazia, simplesmente falava sem parar de si mesmo, dos seus cavalos na Irlanda (curiosamente, ele não tinha sotaque de irlandês), da região rural em que morava e que era dedicada à caça e, por contraste, da terrível sensação de tédio e claustrofobia que o fato de se achar confinado em um navio lhe trazia, vendo-se sempre preso no mesmo mundinho, com as mesmas pessoas, durante meses e meses.

Joy jamais ouvira um homem falar do jeito que ele falava, sem aquelas infindáveis observações curtas que caracterizavam a maioria dos oficiais com os quais ela falava. A conversa de Edward era descontraída, bem desenvolvida e franca. Ele falava como alguém que tivesse ficado sem conversar durante muito tempo, com frases inteiras saindo de uma vez só, apressadas, como um homem se afogando, tentando conseguir um pouco de ar, e as partes engraçadas eram pontuadas com gostosas gargalhadas.

Então, de vez em quando, ele parava de falar, olhava para ela como se sentisse envergonhado pelo seu falatório e ficava calado, até que a explosão seguinte de palavras jorrasse dele.

Joy se viu rindo, também, timidamente, a princípio, sentindo seu interior ser aos poucos liberado por aquele homem estranho, de forma que, no momento em que chegaram à cavalariça, ela já estava toda animada, dando risadinhas de uma forma totalmente estranha, até mesmo para ela. Depois de passados quarenta minutos, Alice não teria reconhecido a própria filha. Na verdade, nem a própria Joy conseguia se reconhecer, ali, trocando olhares furtivos com o homem ao seu lado, desviando o rosto de jeito envergonhado quando os seus olhos se encontravam e se comportando, de um modo geral, como se fosse... bem... Como se fosse Stella.

O senhor Foghill disse que o deixaria montar. Joy esperava secretamente que ele agisse assim, e depois que Edward estivera conversando com ele na pequena cocheira, falando e num tom respeitoso dos grandes cavalos para caçada que conhecera e concordando a respeito da evidente superioridade das linhagens irlandesas em relação às inglesas, o pequeno senhor Foghill, que era viúvo, perdera todas as reservas iniciais, e chegou até mesmo a recomendar o seu próprio cavalo, um animal alto e jovem, de cor castanha e porte altivo. Ele pediu que Edward circulasse com ele umas duas vezes pelo pátio de equitação, só para conferir a sela e as rédeas, e o que viu evidentemente o satisfez, pois logo depois eles já estavam trotando suavemente rumo aos portões e estrada acima, em direção ao campo aberto.

A essa altura, Joy já não sabia o que dera nela. Era impossível parar de sorrir e concordar com a cabeça, mas mesmo assim estava achando difícil ouvir qualquer coisa que ele dissesse e que fosse mais alto do que o pouco familiar som dos cascos em seus ouvidos. Ela se sentia grata por, pelo menos, ser capaz de segurar as rédeas e conseguir fixar o olhar de modo correto no longo pescoço cinza diante dela, descendo e subindo de forma compassada ao som dos cascos que batiam no chão, porque não conseguia se concentrar em outra coisa. Ela se sentia distante de tudo à sua volta e, ao mesmo tempo, extremamente consciente dos mínimos detalhes. Como as mãos dele. E as suas sardas. E o jeito com que o seu rosto formava dois vincos na lateral dos maxilares, quando ele sorria. Joy nem mesmo notou quando os mosquitos atacaram o seu pescoço, instalando-se sob seus cabelos presos e piscando a carne pálida e tenra.

O melhor de tudo é que ele conseguia cavalgar, cavalgar de verdade, e se sentava, alto e relaxado sobre a sela, com as mãos se movimentando suavemente para trás e para frente, de forma que as rédeas não forçavam a boca do animal, e ocasionalmente esticava a mão para acariciá-lo ou espantar uma mosca inesperada. Joy já estivera, certa vez, na cavalariça com outro homem do qual gostara, um banqueiro tímido amigo do seu pai, e seu frágil interesse por ele s e dissipara como fumaça quando o viu completamente torto em cima do cavalo, incapaz de esconder o próprio medo quando o animal começou a correr em um trote não tão rápido. Seu nome era William e, de repente, ela não queria nem chegar perto dele. Não havia nada melhor para fazê-la desistir de um homem do que vê-lo pouco à vontade em cima de um cavalo. Só naquele momento Joy compreendeu a forte atração que um homem que sabia cavalgar com desenvoltura podia exercer sobre ela.

— Você já esteve na Escócia? — perguntou Edward.

— Como?

— Estes mosquitos. Parecem muriçocas — disse, dando um tapa na parte de trás do próprio pescoço. — Eles picam você em todos os lugares.

Joy ficou vermelha e olhou para baixo. Continuaram cavalgando.

O céu começou a ficar mais escuro e com nuvens baixas, de modo que Joy já não tinha certeza se era a umidade do ar ou o suor que estava empapando suas roupas e fazendo com que pontas de grama e sementes lhe pinicassem a pele. A atmosfera parecia abafar tudo, cobrindo o som dos cascos dos cavalos como se eles estivessem envoltos em flanela, e protegendo a ela

e a Edward como se ambos estivessem sob um cobertor molhado. Acima deles, bem alto, contrastando com o fundo formado pela montanha do Leão, até mesmo os falcões pareciam estar suspensos no ar, como negras gotas de umidade e como se o próprio movimento representasse um esforço exagerado, enquanto as folhas que s e roçavam de encontro à s suas botas deixavam para trás pequenas trilhas de água, apesar da ausência de chuva.

Se ele reparou que os pensamentos dela estavam galopando caoticamente, ou que ficava ruborizada o tempo todo, tinha dificuldades para falar, ou que o seu cavalo vivia tirando vantagens da distração dela para abocanhar pedaços de arbustos pelo caminho, não disse nada. Joy se sentiu um pouco mais calma quando começaram a andar a meio galope, ao longo de uma trilha ao lado de um arrozal, e depois quando ele saltou e foi até uma cabana às margens do caminho para pegar um pedaço de melancia para ela, mas apenas fingia poder olhar para ele naquele instante sem se sentir envergonhada. Foi nesse momento que ela descobriu que sua fita havia caído, o seu cabelo estava solto e escorrido sobre os ombros, com as pontas desarrumadas e suadas. Se ele reparou nisso, porém, também não disse nada, e simplesmente estendeu a mão para lhe entregar um lenço, puxando uma mecha do cabelo dela para o lado e tirando-a da frente do seu rosto.

Ela sentiu o choque do seu toque eletrificar a pele durante vários minutos.

— Sabe, Joy, eu me diverti como nunca — disse ele, com ar meditativo, enquanto vinham trazendo os cavalos de volta em direção à cavalariça. — Você não imagina o que significou, para mim, poder cavalgar novamente.

Joy tinha consciência de que, em algum momento, ela ia ter que falar, mas sentiu que, se abrisse a boca, ia acabar dizendo alguma coisa grosseira ou inadequada; ou, pior ainda, que ia, de algum modo, revelar aquela estranha e dolorosa sensação que lhe surgira do nada. Se não dissesse nada, o que de pior ele poderia pensar a respeito dela?

— Eu não conheço muitas garotas que saibam cavalgar. Lá em casa, na minha aldeia, as garotas são... Como poderia dizer?... um pouco gordinhas. Garotas do interior.

Enfim, não são do tipo que eu levaria para cavalgar, de qualquer modo. E onde quer que nós aportemos, as únicas que encontro só querem saber de ir a coquetéis, se mostrar inteligentes, e eu não gosto muito dessas coisas. Tive uma namorada, uma vez, e ela era um pouco parecida com você, só que ela... Bem, isso já passou. E nunca mais encontrei alguém com quem eu me sentisse realmente à vontade. Isso já faz muito tempo.

Ah, mas Joy queria beijá-lo. Eu sei, eu sei, ela queria gritar. Eu me sinto desse modo, também. Sinto as mesmas coisas que você sente. Só que ela simplesmente sorriu e concordou com a cabeça, trocando olhares rápidos com ele por trás do cabelo molhado, ao mesmo tempo em que se repreendia por sua súbita transformação no tipo de garota que sempre desprezara. Ela não sabia o que queria em um homem. Jamais lhe ocorrera que dependia dela fazer a escolha, e agora se encontrava ali, totalmente atraída por ele, não por causa de qualidades específicas, e sim por uma longa lista de negativas: a sua capacidade de não fazê-la se sentir esquisita, o fato de que ele não parecia um saco de arroz em cima de um cavalo, e o fato de

que ele não olhava para ela como se desejasse que ela fosse outra pessoa. Algo se ampliou e cresceu dentro de Joy: era maior do que um simples enjoo, mas igualmente incapacitante.

— Obrigado, de qualquer modo. Porque eu me diverti muito, realmente. — Ele esfregou a testa, deixando o cabelo levantado na parte da frente, e desviou os olhos dela.

— Sei que você, na verdade, nem queria que eu viesse.

Joy olhou para ele com horror enquanto ouvia essas palavras, mas agora era ele que estava olhando para frente. Ela não conseguia achar um modo de transmitir ao rapaz que ele tinha entendido errado, que era a lembrança do enjoo da véspera que a tinha feito tentar fugir dele, e não ele. Falar sobre isso seria trazer toda a história de volta, e ela não queria que ele se lembrasse dela por causa daquilo. Ah, onde é que estava Stella, quando se precisava dela? Ela sempre sabia como conversar com os homens. No momento em que decidiu que uma simples negação de tudo aquilo seria a melhor resposta, eles já estavam de volta, entrando no pátio, e os cavalos já estavam com a s cabeças estendidas para frente e para baixo, adiante deles, balançando-se, cansados, enquanto rumavam para casa.

Edward se ofereceu para ajudar a guardar os cavalos, e o senhor Foghill sugeriu que Joy talvez quisesse se refrescar no toalete das senhoras. Diante da sua imagem refletida, Joy notou que ele estava querendo ser gentil. Ela estava um horror. Seus cabelos estavam molhados, embaraçados e arrepiados, pareciam um chumaço no fundo do ralo da pia. Quando ela tentou passar os dedos por eles, ficaram em pé, vários centímetros acima da cabeça. Seu rosto estava suado, molhado pela umidade do ar e todo sujo da poeira da trilha, e havia marcas verdes de saliva em sua blusa branca, nos locais em que o cavalo tentara esfregar a cabeça, depois que ela desmontara. Ela arranhou todo o rosto furiosamente com uma toalha de mão molhada, quase em lágrimas por causa da sua incapacidade de lembrar de trazer coisas tão simples como um pente, ou uma fita extra para o cabelo. Stella jamais teria esquecido coisas como essas. Mas quando ela saiu, Edward a recebeu com um sorriso largo, como se não houvesse nada de errado com a sua aparência. Foi então que ela notou que as calças dele estavam listradas com suor e barro, limpas só das canelas para baixo, onde o senhor Foghill lhe emprestara um par de botas de montaria.

— Sua carruagem está à espera — disse ele, sorrindo diante da própria aparência.

— Você vai ter que me guiar na volta. Não tenho a menor ideia de onde estamos.

Edward estava um pouco mais calado no caminho de volta, e Joy sentiu o próprio silêncio de maneira mais contundente. Ela podia indicar o caminho, mas, apesar de se sentir à vontade em sua companhia, não conseguiu encontrar nada de interessante para conversar. Isso até parecia fútil, de certa forma, pois tudo o que ela queria transmitir a ele era que, no curto espaço de tempo daquelas quatro horas, ele conseguira colocar o mundo dela fora do eixo. Nos olhos dele Joy enxergava outras terras, frescos campos verdejantes, cães de caça, aldeões excêntricos e um mundo onde não havia coquetéis. Na voz dele, ela ouvia palavras livres de artifícios e perspicácia, que ficavam a continentes de distância da linguagem endinheirada e bem-comportada dos exilados de Hong Kong. Nas suas mãos largas e sardentas ela via cavalos, carinhos e algo mais, que fazia seu estômago se apertar de ansiedade.

— Gostaria que nós tivéssemos nos encontrado mais cedo — ele estava dizendo, com a voz carregada para longe pelo vento.

— Como? O que foi que você disse? — Joy colocou a mão em concha, no ouvido.

— Eu disse que gostaria que tivéssemos nos encontrado mais cedo.

— Ele diminuiu a velocidade do carro, para que ela conseguisse escutar melhor.

Um veículo cheio de oficiais da Marinha passou por eles, cumprimentando-os com a buzina, de modo espalhafatoso. — Eu... eu... ah, eu não sei. É que me parece um tormento saber que já vou embora, depois de amanhã.

Um calafrio atingiu o coração de Joy. Ela podia sentir todas as veias se transformando em gelo.

— Como assim? O que quer dizer?

— Nós vamos zarpar em dois dias. Tenho só mais um dia de licença, e depois disso vamos direto para águas coreanas.

Joy não conseguiu esconder o horror que surgiu e m seu rosto. Isso era cruel demais. Ter encontrado alguém, ter encontrado Edward, e tudo isso para ele ir embora tão depressa...

— Por quanto tempo? — A voz de Joy, quando saiu, estava baixa e trémula. Não soava como a voz dela. Edward se virou para olhar para ela, notou algo em seu rosto e então voltou a atenção para o volante, sinalizando que ia para o acostamento, a fim de parar o carro.

— Acho que nós não vamos voltar a Hong Kong — respondeu ele, olhando para ela.

— Vamos ajudar os americanos por algum tempo, em águas coreanas, e depois seguiremos direto para Nova York. Vamos ficar no mar durante meses. — Ele estava com os olhos fixos nos dela, naquele instante, enquanto dizia isso, aparentemente para deixar subentendida a impossibilidade de entrar em contato, já que ele estaria sempre em movimento.

Joy sentiu como se a sua cabeça fosse explodir. Suas mãos, ela reparou, haviam começado a tremer. Era como receber a chave da cela de uma prisão, para então descobrir que ela era feita de plástico. Joy sentiu, com desalento, que ia começar a chorar.

— Eu não posso — disse ela, baixinho, mordendo o lábio.

— Não pode o quê? — Edward se chegara mais para perto de Joy, de modo que a sua mão estava agora muito próxima da dela.

— Não posso simplesmente deixar você ir embora. Não posso deixá-lo ir. — Ela disse isso mais alto, naquele momento, com os olhos encarando-o, de frente. E enquanto falava, mal podia acreditar no que estava dizendo, na inadequação total das palavras que estavam saindo da boca de uma jovem com a sua criação. Mas ela não conseguia parar de falar e as palavras saíam já totalmente formadas de sua boca, como pequenas pedras sólidas e quentes que caíam diante dele como uma oferenda.

Houve uma pausa longa e eletrificada, durante a qual ela achou que fosse morrer.

Então, Edward tomou a mão. Joy sentiu que a mão dele estava quente e seca.

Achei que você não tinha gostado de mim — disse ele.

— Eu nunca gostei de ninguém. Quer dizer, jamais gostei de ninguém, antes.

Jamais me senti à vontade com ninguém, antes. — Ela estava atropelando as palavras, agora, e elas saíam sem que ela pensasse, mas ele não se afastou dela. — Eu acho difícil conversar com as pessoas. E aqui não há ninguém com quem eu goste realmente de conversar. A não ser Stella. Ela é aquela amiga minha. E quando você chegou lá em casa, hoje de manhã, eu estava tão envergonhada pelo que aconteceu na noite passada que achei que era mais fácil pedir para que você fosse embora do que tentar ser gentil.

Só que, quando você ficou, e nós entramos no carro e tudo o mais, eu notei que jamais me sentira daquele jeito. Nem por um instante eu me senti como se estivesse sendo julgada. Foi como se eu me sentasse ali, simplesmente, e alguém conseguisse me compreender.

— E eu achei que você estava de ressaca — ele riu.

Joy, porém, estava se sentindo muito intensa, muito cheia de emoções para rir com ele.

— Todas as coisas que você disse hoje, eu concordo com elas. Não houve nada do que você tenha dito que eu mesma já não tenha sentido. Isto é, com exceção das caçadas, porque eu jamais estive em uma. Mas o resto, todas as coisas que você falou sobre os coquetéis, e as pessoas, e gostar mais dos cavalos, às vezes, e não se incomodar pelo fato de as pessoas acharem você um pouco estranho, bem, tudo isso sou eu, também. Sou eu. É como se eu estivesse ouvindo os meus próprios pensamentos.

Então, eu não posso... Não posso deixá-lo ir embora. E se você está horrorizado pelo que eu acabei de dizer, e acha que eu sou a mulher mais constrangedora e oferecida que já encontrou na vida, mesmo assim não me importo, porque este é o momento em que sinto que estou sendo mais verdadeira comigo mesma, em toda a minha vida.

Duas lágrimas gordas e salgadas começaram a escorrer lentamente pelo rosto vermelho de Joy, contrabalançando a emoção por trás do que era com certeza o mais longo discurso de toda a sua vida adulta. Ela engoliu em seco, tentando segurar as lágrimas, apavorada e aliviada pelo que tinha feito. Ela tinha se prostrado diante daquele homem que mal conhecia, de uma forma que a sua mãe, e provavelmente Stella também, considerariam uma prova de insanidade. E quando falou para ele que não se importava, isso não era verdade. Se ele a desprezasse naquele instante, ou dissesse alguma coisa superficial e educada sobre o dia maravilhoso que eles tiveram e que, sem dúvida, ela deveria estar se sentindo exausta, ela ia aguentar até chegar em casa e então procuraria u m meio de simplesmente se matar. Porque ela não ia, de jeito algum, suportar ficar esquiando pela superfície de sua existência banal depois de ter mergulhado nela e descoberto algo bom, calmo e profundo. Diga, pelo menos, que você compreende tudo o que estou dizendo, ela desejou. Mesmo que você simplesmente me diga que compreende tudo, já vai ser o suficiente para mim.

Houve um silêncio longo e doloroso. Mais um carro passou por eles, acelerando enquanto prosseguia pela estrada.

— Acho que é melhor voltarmos — disse ele, colocando a mão de volta no volante e usando a outra para trocar as marchas.

O rosto de Joy ficou frio, e de modo lento e imperceptível, seu corpo se encolheu no banco do passageiro, com a espinha tão frágil que parecia que ia quebrar. Ela entendera tudo errado. Claro que entendera. O que será que tinha dado nela, para achar que uma explosão de sentimentos como aquela poderia ganhar o respeito de um homem, quanto mais o seu coração?

— Desculpe-me — ela sussurrou, com a cabeça pendendo sobre o peito. — Sinto muito.

Ah, meu Deus, mas ela era tão tola.

— Desculpá-la pelo quê? — perguntou Edward, esticando a mão e colocando para trás uma cortina de cabelos úmidos que caíra sobre o rosto dela. — Eu quero falar com o seu pai.

Ela olhou para ele, sem entender. Será que ele ia dizer ao pai dela que Joy era uma tola?

— Olhe — ele disse, segurando o rosto dela com a mão. Ela cheirava a suor. E a cavalo. — Eu sei que você provavelmente vai achar isso um pouco inesperado. Mas, Joy, se você me aceitar, eu gostaria de pedir ao seu pai a sua mão em casamento.

— Você não pode estar achando que nós vamos dizer que sim, não é? — disse a mãe dela, com o rosto iluminado pelo horror e o assombro de ver que a sua filha conseguira extrair sentimentos tão fortes de um homem. (Seu mau humor aumentara ainda mais pelo fato de que eles haviam voltado antes que ela tivesse tempo de se maquiar.) Nós nem sequer o conhecemos. — Ela falava como se ele não estivesse presente na sala.

— Posso lhe contar tudo o que a senhora desejar saber, senhora Leonard — disse Edward, com as suas pernas compridas enfiadas nas calças sujas e esticadas diante dele.

Joy o observava com a alegria atordoada de uma nova posse. Ela passara o resto da viagem em estado de deslumbramento, rindo quase histericamente diante da loucura do que eles haviam acabado de decidir. Ela não o conhecia! Ele não a conhecia! E, no entanto, eles haviam sorrido um para o outro com uma espécie de louca cumplicidade, entrelaçando as mãos de modo desajeitado, e ela havia lançado de bom grado a vida dela nas mãos dele. Ela não tinha planejado encontrar ninguém. Sequer pensara em procurar. Mas ele parecia saber o que estava fazendo, e parecia saber o que era certo, muito mais do que ela. E não ficara nem remotamente aborrecido diante da perspectiva de expor aquela insanidade aos pais dela.

Edward respirou fundo e começou a enumerar os fatos.

— Meu pai é um juiz aposentado. Ele e minha mãe se mudaram para a Irlanda, onde criam cavalos. Eu tenho uma irmã e um irmão, ambos casados, ambos mais velhos do que eu. Tenho vinte e nove anos, estou na Marinha há quase oito, desde que acabei a universidade, e tenho uma poupança particular, além do meu soldo de oficial.

O pequeno torcer de nariz que sua mãe deu ao ouvi-lo mencionar a Irlanda foi contrabalançado pelas palavras "poupança particular". Mas foi para o rosto de seu pai que Joy olhou, procurando com desespero algum sinal de aprovação.

— Tudo isso é terrivelmente repentino — disse Alice. — Não vejo o porquê de vocês não poderem esperar.

— Você acha que a ama? — O pai de Joy, recostando-se na poltrona, com um copo de gim-tônica na mão, olhava para Edward. Joy enrubesceu. Parecia quase obsceno ouvir o seu pai

falar isso daquele jeito, em voz alta.

Edward olhou para ela por um bom tempo, e então tomou a mão, fazendo-a ficar vermelha novamente. Nenhum homem jamais a tocara na frente de seus pais.

— Não sei se nós dois poderíamos chamar a isto de amor, pelo menos agora — disse bem devagar, quase se dirigindo a Joy. — Mas eu não sou mais um jovem tolo. Já encontrei muitas garotas e sei muito bem que Joy é diferente de qualquer outra que eu tenha encontrado.

— Ah, isso, com certeza! — respondeu a mãe.

— Tudo o que eu posso dizer é que acho que posso fazê-la feliz. Se dispusesse de mais tempo, talvez conseguisse deixá-los mais tranquilos. O fato, porém, é que tenho que zarpar para longe, e bem depressa.

Não ocorreu a Joy questionar a velocidade dos sentimentos dele. Ela sentia, simplesmente, uma profunda gratidão pelo fato de que eles, aparentemente, tinham a mesma força que os dela. Ainda abalada pelo fato de que alguém tinha se referido a ela como única no bom sentido, levou alguns minutos para perceber que sua mão estava suando.

— É muito cedo, Graham — disse Alice. — Fale para eles. Eles nem se conhecem direito.

Joy notou o brilho nos olhos de sua mãe, e a agitação por trás deles. Ela está com ciúmes, pensou, de repente. Ela está com ciúmes porque se sente desapontada com a vida que leva, e não pode suportar a ideia de que alguém esteja prestes a me resgatar da vida que eu levo.

O pai dela olhou para Edward por mais algum tempo, como se pudesse arrancar um pouco mais. Edward sustentou o olhar dele.

— Bem, os jovens fazem as coisas mais depressa, hoje em dia disse Graham, fazendo um sinal para Bei-Lin pegar mais bebidas. Você se lembra de como era na época da guerra, Alice.

Joy teve que se segurar para não exprimir a pequena fisgada de empolgação.

Apertou a mão de Edward e sentiu uma leve resposta.

Seu pai acabou de tomar o drinque. Pareceu momentaneamente absorto por alguma coisa fora da janela.

Então, suponhamos que eu diga que sim, meu rapaz. O que planeja fazer a respeito disso, nas próximas trinta e seis horas?

— Nós queremos nos casar — disse Joy, sem fôlego. Ela se sentiu capaz de falar naquele instante porque notou que eles estavam falando apenas sobre prazos.

Seu pai não lhe deu ouvidos. Ele estava conversando com Edward.

— Respeito os seus desejos, senhor.

— Então digo que vocês têm a minha bênção. Para ficarem noivos. O coração de Joy deu um pulo de alegria, e então desabou.

— E vocês poderão se casar — completou o pai — quando você, meu rapaz, estiver novamente de licença.

Houve um silêncio de assombro na sala. Joy, lutando contra o desapontamento, estava ligeiramente consciente dos sons agitados que BeiLin fez, atrás da porta, ao sair correndo para contar a novidade à cozinheira. Sua mãe estava olhando para ela e de volta para o pai. "O que as pessoas iam pensar?"

— Se o sentimento de um pelo outro for sério, então não vai fazer mal esperar. Você pode comprar o anel, anunciar para todos e, então, se casar mais tarde. — O pai colocou o copo sobre a mesa de modo pesado, para mostrar que o veredicto tinha sido dado.

Joy se virou para olhar para Edward, que estava soltando um longo e profundo suspiro. Por favor, discorde dele, ela desejou. Diga que você quer se casar comigo agora. Leve-me com você em seu grande navio cinza.

Mas Edward não disse nada.

Olhando para ele, Joy experimentou o primeiro momento de desapontamento com o novo parceiro; a primeira impressão, rápida e amarga, de que o homem no qual ela depositara as suas maiores esperanças e toda a confiança talvez não fosse inteiramente o que ela esperava.

— E quando é que isso vai acontecer? — perguntou ela, tentando manter o tremor longe da voz.

— Quando é que você acha que terá uma nova licença do seu navio?

— A nossa próxima parada é Nova York — explicou ele, quase como se estivesse pedindo desculpas. — Só que isso não vai acontecer antes de nove meses, mais ou menos. Pode até mesmo chegar a um ano.

Joy se sentou ereta e olhou para a mãe, que havia relaxado. Ela estava quase sorrindo: um sorriso condescendente, o tipo de sorriso que queria dizer: "Ora, os jovens.

Pensam que estão apaixonados, mas vamos ver o que acontece, seis meses à frente."

Alice queria provar que estava certa, Joy percebeu, sentindo frio. A sua mãe queria a afirmação de que o amor verdadeiro não existia, e de que todos acabavam presos a casamentos tão infelizes quanto o dela. Bem, se os pais achavam que isso ia dissuadi-la, estavam enganados.

— Então, Edward, nós nos veremos novamente daqui a nove meses — disse ela, fixando-se nos olhos azuis de seu noivo e tentando transmitir toda a certeza que sentia no próprio olhar. — Só lhe peço que... escreva para mim.

A porta se abriu.

— Deus salve a rainha! — disse Bei-Lin, entrando com uma bandeja de drinques.

Um

Outubro de 1997

Os LIMPADORES DE PÁRA-BRISA do carro de Kate resolveram parar de vez, quando elas estavam chegando aos arredores de Fishgnard; a princípio se agarraram ao vidro, e então foram se deixando deslizar, resignadamente, até bater no capo, no exato momento em que a chuva, até então satisfeita por cair forte, escolheu mudar para torrencial.

— Ai, que porcaria! — disse ela, desviando o carro para a beira da estrada, enquanto dava pancadas leves para cima e para baixo na pequena alavanca do painel.

— Não consigo ver nada. Meu amor, se eu parar no acostamento, será que dá para você tentar limpar o vidro, esticando o braço?

Sabine dobrou as pernas, colocando os joelhos de encontro ao peito e olhou com cara feia para a mãe.

— Não vai fazer a menor diferença — respondeu. — Era melhor a gente parar um pouco.

Kate parou o carro, baixou o vidro e tentou enxugar a metade do para-brisa que ficava do lado dela com a ponta do cachecol de veludo.

— Não podemos ficar aqui paradas. Já estamos atrasadas. E eu não quero que você perca a barca.

A sua mãe, em geral, era uma pessoa gentil, mas Sabine notou que aquela ponta de rudeza na voz de Kate significava que nada menos feroz do que um tsunami seria capaz de impedir Sabine de pegar aquela barca. Aquilo não era uma grande surpresa: era apenas um lembrete daquilo que ela enfrentara muitas vezes nas últimas três semanas; ter que ouvir mais uma reafirmação da sua completa impotência diante de sua mãe fez o lábio inferior de Sabine apontar para fora, inconscientemente, e o seu corpo se virar para o lado, em um protesto mudo.

Kate, já acostumada com os humores imprevisíveis da filha, observou aquilo e olhou para fora.

— Sabe de uma coisa, Sabine? Se você não estivesse tão determinada a odiar essa viagem, poderia até se divertir.

— Como é que eu posso me divertir? Você está me mandando para um lugar onde eu só estive duas vezes em toda a minha vida, para ficar em uma cidade no meio do brejo, em companhia de uma avó que você ama tanto que não vai visitar há muitos anos, e vou me tornar uma espécie de escrava doméstica enquanto meu avô está se preparando para bater as botas. Legal. Que férias. Estou louca para chegar lá!

— Ah, olhe! Os limpadores voltaram a funcionar. Vamos ver se conseguimos chegar até o porto. — Kate virou o volante e o Fusca, todo acabado, se arrastou para seguir em frente pela estrada molhada, jogando leques de água da cor de chá para os dois lados da pista. — Veja

bem... Não sabemos se o seu avô está tão doente assim, aparentemente ele está apenas frágil. E acho que vai ser muito bom para você sair de Londres por algum tempo. Você mal conheceu a vovó, e vai ser legal que as duas se encontrem e convivam um pouco, antes que ela fique velha demais, ou você saia por aí, viajando, ou algo que o valha.

Sabine olhava com determinação para o lado de fora de sua janela.

— Vovó... Você faz isso se parecer com aquele seriado da TV, Famílias felizes.

— E sei que ela vai ficar eternamente grata pela ajuda.

Mesmo assim, Sabine se recusava a olhar para a mãe. Sabia muito bem por que estava sendo despachada para a Irlanda, e Kate também sabia, e se sua mãe era tão hipócrita para negar isso, também não podia esperar que Sabine concordasse com ela.

— Pista da esquerda — disse ela, ainda sem se virar.

— O quê?

Pista da esquerda. Você tem que pegar a pista da esquerda para chegar ao terminal das barcas. Ai, pelo amor de Deus, mãe, por que é que você não usa a porcaria dos óculos?

Kate deu uma guinada repentina, para levar o pequeno carro para a pista da esquerda, ignorando as buzinas de protesto que soaram atrás dela e, seguindo as orientações mal-humoradas de Sabine, foi diminuindo a velocidade até chegar perto da placa açoitada pelo vento, onde se lia "Passageiros sem veículo". Foi dirigindo até encontrar um lugar para estacionar, um deserto asfaltado igualmente açoitado pelo vento, onde ela parou ao lado de um prédio cinza e sem atrativos que mais parecia a prisão Lubyanka, em Moscou. Por que será que eles construíam terminais tão sem graça?, pensou Kate, distraída. Como se as pessoas já não estivessem se sentindo infelizes o suficiente, ao chegar ali. Quando o carro e os limpadores pararam novamente, a chuva fez com que o prédio fosse devidamente apagado, transformando tudo do lado de fora do carro em um borrão impressionista.

Kate, para quem a maioria das coisas quando vistas sem os óculos era sempre um borrão impressionista, olhou para o esboço de imagem representado por sua filha e desejou, subitamente, que elas pudessem ter o tipo de despedida profunda que estava certa que outras mães e filhas experimentavam. Kate queria dizer para a filha que se sentia profundamente triste pelo fato de Geoff estar indo embora, e por saber que, pela terceira vez na vida da jovem filha, as suas rotinas domésticas estavam sofrendo uma reviravolta. Queria lhe dizer que a estava mandando para a Irlanda para protegê-la, para evitar que ela presenciasse o tipo de cenas amargas que ela e Geoff já não estavam conseguindo evitar, enquanto terminavam a sua relação de seis anos, e queria lhe dizer que, embora Sabine e Kate já não tivessem nenhum tipo de relacionamento, Kate queria que a filha conhecesse a sensação de ter uma avó, alguém a mais na família que não fosse ela.

Só que Sabine sempre tornava impossível para Kate dizer qualquer coisa: parecia estar sempre coberta por uma capa permanente de farpas que não paravam de surgir, como se ela fosse um atraente, embora irritado, filhote de porco-espinho. Se Kate dissesse que a amava, seria criticada por ser tão açucarada. Quando tentava abraçar a filha, sentia Sabine se encolher toda dentro de seus braços. Como é que isto aconteceu?, ela se perguntava o tempo

todo. Eu estava tão determinada a fazer com que o nosso relacionamento fosse diferente, que minha filha tivesse todas as liberdades que me foram negadas. Que nós fôssemos amigas. Como é possível que ela, agora, me despreze?

Kate se tornara especialista em esconder os próprios sentimentos da filha. Sabine a odiava ainda mais quando ela ficava carente e emotiva; isso a tornava mais irritadiça.

Em vez disso, ela enfiou a mão na bolsa, que estava cheia, e pegou a passagem junto com o que ela considerava uma generosa quantia de dinheiro para gastar. Sabine não soube reconhecer nada disso.

— Olhe, a travessia vai levar mais ou menos três horas. Parece que o mar vai estar um pouco agitado, mas receio não ter trazido nenhum remédio para enjoo. Você vai chegar a Rosslare lá pelas quatro e meia, e a vovó vai se encontrar com você no balcão de informações. Quer que eu escreva tudo isso?

— Acho que consigo me lembrar das palavras "balcão de informações" — respondeu Sabine, secamente.

— Bem, se algo sair errado, coloquei os telefones da casa da vovó nas costas do envelope da passagem. E telefone para mim assim que chegar lá, para eu saber que você chegou bem.

Para ter certeza de que o caminho está livre, pensou Sabine, com amargor. Sua mãe devia achar que ela era uma completa idiota. Devia realmente achar que Sabine não sabia o que estava acontecendo. Houve tantas vezes nas últimas semanas em que ela queria gritar para a mãe: "Eu sei, e você sabe. Eu sei por que você e o Geoff estão se separando, sei tudo sobre você e o tal de Justin Stewartson. E sei que é por isso que você está me despachando por algumas semanas, para me tirar do caminho para que possa continuar com o seu casinho nojento, sem ter a mim nem ao Geoff para atrapalhar."

Só que, por algum motivo, apesar de toda a raiva, ela jamais conseguiu dizer nada daquilo. Porque a sua mãe lhe parecera muito triste, muito infeliz e sentindo-se para baixo, com tudo aquilo. Mesmo assim, se Kate achava que Sabine ia ficar calada, estava enganada.

As duas ficaram sentadas no carro por alguns minutos. De vez em quando o temporal amainava, e elas conseguiam ter uma visão rápida do terminal sem graça diante delas, mas logo depois a chuva piorava novamente e transformava as imagens em volta em uma aquarela cujas cores estavam escorrendo.

— Então, quando eu voltar, Geoff já vai ter ido embora? — Sabine levantou o queixo ao perguntar isto, de modo que a pergunta soou mais como um desafio do que simples curiosidade.

Kate olhou para ela.

— Provavelmente — respondeu, devagar. — Mas você ainda vai poder se encontrar com ele, sempre que quiser.

— Como eu ia poder ver Jim, sempre que quisesse.

— Você era muito mais nova naquela época, querida. E as coisas ficaram complicadas, porque Jim formou uma nova família.

— Não, elas ficaram complicadas porque eu arrumei um padrasto atrás do outro.

Kate esticou a mão, tentando tocar no braço da filha. Por que ninguém lhe tinha dito que a dor do parto era a mais fácil de suportar?

— É melhor eu ir — murmurou Sabine, abrindo a porta do carro. Não quero perder a barca.

— Deixe que eu vá com você até o embarque — pediu Kate, com as lágrimas lhe picando os olhos.

— Não precisa se incomodar — disse Sabine, e com o som oco da porta que bateu, Kate ficou só.

Foi uma travessia difícil, ainda mais com as crianças que ficavam berrando e deslizando para cima e para baixo no corredor acarpetado sobre as bandejas roubadas do salão de refeições, enquanto seus pais também deslizavam confortavelmente para frente e para trás em cima dos bancos cobertos com plástico, bebendo latas de cerveja Red Stripe e, ocasionalmente, explodindo em gargalhadas barulhentas. Outros, mal conseguindo se equilibrar, ficavam na fila para comprar batatas fritas caras demais na cafeteria, ignorando as saladas que murchavam em pequenas bandejas, debaixo do plástico transparente esticado, o u jogavam na s máquinas caça-níqueis que emitiam ruídos metálicos e sirenes barulhentas, ao longo das escadas. A julgar pelo número de famílias e o resoluto adiamento das ressacas para mais tarde, a travessia de domingo à tarde era muito popular entre os viajantes de fim de semana.

Sabine se sentou ao lado da janela, com o seu discman deixando-a isolada de todas aquelas pessoas irritantes ao redor. Elas pareciam pertencer à mesma remessa que as pessoas que ela via nos postos de gasolina das estradas ou nos supermercados. Pessoas que não se importavam muito com as roupas que usavam, nem se o corte de cabelo estava fora de moda, ou se o jeito com que se sentavam ou falavam parecia tão embaraçoso. Era exatamente assim que a Irlanda ia ser, Sabine disse para si mesma, de forma sombria, com uma voz interior mais alta do que o som grave e profundo do seu CD. Um lugar atrasado. Sem cultura. Uma região totalmente sem atrativos.

Pela milionésima vez, ela praguejou contra a mãe, que era a responsável por aquele exílio, aquela separação brusca dos amigos, dos seus domínios, da sua vida normal.

Aquilo ia ser um pesadelo. Ela não tinha nada em comum com aquelas pessoas, seus avós eram verdadeiros estranhos, ela estava deixando Dean Baxter nas garras afiadas de Amanda Gallagher, bem na hora em que ela achava que estava chegando a algum lugar com ele e, o pior de tudo, ela não ia ter nem um celular ou um computador para manter contato. (Até mesmo ela tinha de reconhecer que o computador era grande demais para transportar, e a sua mãe lhe dissera que se Sabine achava que ela ia pagar para a filha ter um serviço de chamadas internacionais no celular, que já era usado demais, podia ir tirando o cavalinho da chuva. Por que será que as pessoas usavam aquela expressão? Se ela mandasse a mãe tirar "o cavalinho da chuva", Kate começar a ladainha de que deveria ter mandado Sabine para um colégio interno.) Assim, ela estava não apenas para ser exilada, mas também sem ter em ao menos os

confortos de um telefone e um e-mail. Mas, enquanto estava sentada ali, olhando com pesar para o turbulento mar d a Irlanda, Sabine s e permitiu sentir uma pequena sensação de alívio, pois não ia ter que tomar parte da infindável tensão entre sua mãe e Geoff, enquanto os dois, lenta e dolorosamente, desemaranhavam a sua teia doméstica.

Ela percebera que aquilo estava para acontecer antes mesmo de Geoff. Já sabia desde aquela tarde em que desceu do quarto e escutou a mãe sussurrando ao telefone: "Eu sei. Também quero ver você, mas você sabe que isso é impossível neste momento. E não quero tornar as coisas ainda piores."

Ela ficara parada, como se estivesse congelada, nas escadas, e então começou a tossir bem alto. Sua mãe colocara o fone no gancho na mesma hora, com ar culpado, e depois disse, com animação exagerada na voz, enquanto entrava na sala de estar: "Ah, é você, meu amor! Nem ouvi você chegar!

Estava aqui, pensando, o que vamos fazer para o jantar?"

Sua mãe jamais fazia o jantar. Era uma cozinheira incompetente. O jantar era tarefa de Geoff.

E então, ela o encontrou. Justin Stewartson. Fotógrafo de um jornal de tendências esquerdistas, de circulação nacional. Um homem que se julgava tão importante que preferia pegar o metro em vez de andar no carro velho de Kate. Um homem que se achava o máximo porque usava uma jaqueta de couro que podia ter sido bem legal cinco anos atrás, e calças caqui com botas de explorador. Ele bem que tentara, com empenho, conversar com Sabine, fazendo comentários sobre conjuntos amadores de rock que ele achava que ela devia conhecer, tentando parecer cético e bem informado a respeito do cenário musical. Ela lhe lançara o que tentou parecer um olhar inocente. Sabine sabia por que ele estava tentando ser amigável, e aquilo não ia colar. Além do mais, homens com mais de trinta e cinco anos jamais conseguiam ser interessantes, nem mesmo quando pensavam saber tudo sobre música.

Pobre Geoff. Pobre Geoff, velho e antiquado. Ele ficara sentado em casa com as sobrancelhas franzidas, preocupado, noite após noite, com os pacientes que não conseguira internar, telefonando para todas as unidades psiquiátricas do centro de Londres para tentar evitar que mais um maluco acabasse solto nas ruas. E não percebera coisa alguma. Sua mãe foi se afastando aos poucos, fingindo parecer que se importava com ele, até o dia em que Sabine veio para o andar de baixo e notou que obviamente ele descobrira tudo, porque lançou para ela um daqueles olhares longos e penetrantes do tipo: "Então, você sabia? Até tu, Brutus?" Era difícil enganar Geoff, por causa do seu treinamento psiquiátrico, e por isso, quando ela olhou de volta para ele, tentou transmitir solidariedade e desaprovação pelos atos patéticos de sua mãe.

Sabine não deixou que nenhum dos dois soubesse o quanto ela chorou. Geoff tinha sido irritante, um pouco sério demais, e ela jamais o deixara pensar que era algum tipo de pai para ela. Mas ele também era gentil, cozinhava, mantinha mamãe com a cabeça boa e estava por ali desde que Sabine era pequena. Ficara mais tempo do que qualquer um dos outros, na verdade.

Além do mais, só de pensar em mamãe transando com Justin Stewartson, já fazia Sabine sentir vontade de vomitar.

O aviso de que Rosslare estava a poucos minutos de distância veio logo depois das quatro e meia. Sabine saiu do seu lugar e foi se dirigindo até o local de desembarque para os passageiros que estavam a pé, tentando ignorar a pequena agitação nervosa no estômago. Ela só havia viajado sozinha, antes, uma vez, e tinha sido em um desastroso voo de férias para se encontrar com Jim, o antigo namorado da mãe, na Espanha. Ele queria provar a Sabine que ela ainda fazia parte da família. Sua mãe queria provar à filha que Sabine ainda tinha uma espécie de pai. A aeromoça da British Airways queria provar a Sabine que ela já era uma "mocinha muito crescida" por viajar sozinha. Só que, a partir do momento em que Jim foi se encontrar com ela no aeroporto carregando a nova namorada a tiracolo, com olhar desconfiado e imensamente grávida, Sabine descobriu que tudo aquilo ia ser um desastre. Ela tornara a vê-lo apenas mais uma vez, depois disso, quando ele tentou fazê-la ficar "envolvida" com o novo bebê. A namorada tinha ficado olhando o tempo todo para ela como se quisesse que Sabine se envolvesse o mínimo possível. E Sabine não a culpava, na verdade. O bebé não era seu parente de sangue, e a jovem mãe não ia mesmo querer uma criança vinda de um antigo relacionamento do namorado para ficar pendurada neles como uma alma penada.

As portas se abriram, e Sabine se viu ser transportada ao longo do passadiço, cercada por todos os lados por pessoas batendo papo. Ela pensou em colocar os fones de volta no ouvido, mas teve medo de perder algum comunicado vital. A última coisa que ela queria era ter de ligar para a mãe para dizer que havia dado alguma mancada.

Olhou em volta, tentando imaginar como é que a sua avó deveria se parecer. A fotografia mais recente que Sabine vira dela havia sido tirada mais de dez anos antes, quando ela estivera pela última vez na casa irlandesa. Sabine tinha lembranças muito vagas disso, mas a foto mostrava uma mulher de cabelos pretos, ossos largos e muito bonita, sorrindo discretamente e olhando para baixo enquanto acariciava um pónei cinza.

E se eu não a reconhecer?, pensou, já nervosa. Será que ela ia se sentir ofendida?

Os cartões que ela enviava no aniversário e no Natal eram sempre curtos e formais, e não mostravam o tipo de conversa que denotasse algum senso de humor. Pelas poucas informações que sua mãe lhe dera, era muito fácil que ela se enganasse.

Foi então que ela o enxergou, de pé, encostado em uma escrivaninha, que podia ser ou não o balcão de informações, segurando um pedaço de cartolina com a palavra "Sabine" escrita. Tinha altura mediana, era magro, com um cabelo espesso e escuro, cortado bem curto junto da cabeça. Provavelmente tinha a mesma idade de sua mãe.

Também, ela reparou enquanto caminhava lentamente em direção a ele, tinha apenas um braço. O outro se estendia em uma mão de plástico que parecia uma garra, em um tipo de pose pouco relaxada, mais comumente vista em manequins de vitrine.

Ela colocou a mão sobre o cabelo, inconscientemente, para ver se ele não tinha ficado muito achatado com a viagem, e depois foi chegando mais perto, tentando demonstrar o máximo de despreocupação possível. "Você mudou muito, vovó."

Ele começou a olhar para ela com toda a atenção, enquanto ela se aproximava, como se estivesse avaliando se ela era a garota certa. Então, sorriu e estendeu a mão boa. Para isso, foi necessário colocar o cartaz sobre a mesa, antes.

— Sabine. Meu nome é Thom. Você é mais velha do que eu pensei. Sua avó me disse que você era... — E balançou a cabeça. — Bem. Ela não pôde vir recebê-la, porque o Duke está sendo examinado pelo veterinário. Portanto, eu sou o seu motorista.

— O Duke? — perguntou ela.

Ele tinha aquele sotaque irlandês cantado que a gente pensava que só existisse em seriados da TV, Sabine pensou, rapidamente. Sua avó não tinha nenhum sotaque irlandês. Tentou não fixar o olhar na mão de plástico. Ela parecia feita de cera, como se fosse algo morto.

— Duke é o velho cavalo. O rapagão dela. Está com um problema na perna. E ela falou que não gosta de mais ninguém tomando conta dele. Mas disse que vai se encontrar com você em casa.

Então a avó de Sabine, a quem ela não via há quase dez anos, preferiu não vir recebê-la, e em vez disso ficou pajeando um cavalo sarnento. Sabine sentiu os olhos arderem, cheios de lágrimas inesperadas. Bem, só aquilo já dizia tudo o que ela precisava saber a respeito da maneira com que sua visita era vista.

— Ela é um pouco esquisita com aquele cavalo — explicou Thom cuidadosamente, enquanto pegava a mala das mãos dela. — Se eu fosse você, não estranhava isso, não.

Sei que ela está ansiosa por rever você.

— Que jeito de demonstrar isso — disse Sabine, e então olhou depressa para Thom, para ver se ele a estava achando mal-humorada.

Ela ficou um pouco mais animada quando eles saíram do terminal de desembarque. Não tanto por causa do carro — um imenso Land Rover, muito usado (embora fosse obviamente muito mais legal do que o da mãe) —, mas pela carga: dois imensos labradores da cor de chocolate, com o pêlo sedoso e se movendo como focas, contorcendo-se um de encontro ao outro, em apaixonadas tentativas de festejar os que retornavam.

— Estes são Bella e Bertie. São mãe e filho. Vamos lá, cheguem para o lado, seus bobalhões.

Bertie? — perguntou ela. Sabine não pôde deixar de sorrir, enquanto acariciava as duas cabeças adoráveis, tentando afastar os focinhos molhados do seu rosto.

Os nomes deles começam todos com a letra B, a geração toda.

Como se fossem cães sabujos, de caça. Só que os sabujos têm o nome começando sempre com a letra H.

Sabine não quis perguntar sobre o que ele estava falando. Sentou-se na parte da frente do carro e colocou o cinto de segurança. Ficou se indagando, ligeiramente preocupada, como é que Thom ia conseguir dirigir, sem um dos braços.

De modo esquisito, como acabou descobrindo. Mas enquanto eles corriam pelas ruas cinzentas de Rosslare, pegando a seguir a estrada principal em direção ao Kennedy Park, ela compreendeu que não podia estar inteiramente certa de que isso era devido ao seu modo inseguro de segurar a alavanca do câmbio. Sua mão a apertava como se fosse um capacete mal colocado, fazendo um pequeno ruído quando e encontrava c om a capa de plástico, enquanto o carro sacolejava pelas estradas esburacadas.

Como caminho para casa, ela decidiu, aquilo era pouco promissor. As ruas apertadas e molhadas da cidade portuária não continham nenhuma loja que ela pudesse desejar visitar, e estavam cheias, pelo que Sabine podia ver, de roupas de baixo acolchoadas, próprias para velhas senhoras, ou peças de carro, enquanto a parte externa das construções era toda com cercas vivas, e pontilhadas por bangalôs modernos que exibiam uma infinidade de antenas parabólicas, como se fossem estranhos cogumelos que brotavam dos telhados. De fato, o cenário nem se parecia com uma paisagem rural propriamente dita. É verdade que havia um parque em homenagem a um presidente morto, mas ela não se via assim tão desesperada pelo verde e pela natureza, a ponto de precisar ir até lá.

— Será que tem alguma coisa para a gente fazer em Wexford? perguntou a Thom.

Ele se virou rápido para ela e riu, com a boca se curvando relutantemente para cima, como se o riso não acontecesse naquele rosto com muita frequência.

— A nossa garota da cidade grande já está entediada, não é? — perguntou ele, mas de um jeito amigável, que não a incomodou. — Não se preocupe. Quando chegar a hora de ir embora, você vai estar se perguntando o que há de bom para fazer na cidade.

De algum modo, ela duvidava daquilo.

Para se distrair e esquecer o nervoso que sentia, Sabine começou a pensar a respeito do braço de Thom, que naquele momento estava pousado sobre o freio de mão, ao lado dela. Jamais, em sua vida, ela encontrara alguém com um braço falso. Será que aquilo ficava grudado nele com algum tipo de cola? Será que ele tirava o braço para dormir, à noite? Será que ele o colocava dentro de uma vasilha com água, como a dentadura postiça de Margaret, sua vizinha? E havia, ainda, a parte prática das coisas.

Como é que ele fazia para vestir as calças? Sabine quebrara o braço uma vez, e achou que era impossível fechar o zíper da calça com uma mão só. Ela tinha que pedir à mãe para fazer aquilo por ela. E ela se viu de repente olhando discretamente para a braguilha da calça dele, para ver se havia algum tipo de fecho com velcro, e logo a seguir olhou para outra coisa, depressa. Ele podia pensar que ela era alguma pervertida interessada nele e, apesar de Thom parecer um sujeito legal, Sabine não tinha intenção de ficar de saliências com alguém de um braço só, enquanto estivesse ali.

Durante o percurso, Thom voltou a falar com ela só mais uma vez, para perguntar como ia sua mãe.

Sabine olhou para ele, surpresa.

— Como é que você a conhece? Deve estar aqui neste lugar desde que nasceu.

— Não tanto. Mas vim para cá quando era pequeno. Mais tarde, fui trabalhar na Inglaterra, uns dois anos depois de sua mãe ter ido embora.

— Ela nunca me falou de você. — Assim que acabou de falar, percebeu como aquilo tinha soado grosseiro, mas ele não pareceu ofendido. Quando ele falava, ela notara, o fazia com uma espécie de atraso permanente na resposta, como se estivesse medindo as palavras antes de permitir que elas lhe saíssem da boca.

Não sei o quanto ela poderia se lembrar de mim. Eu trabalhava nas cocheiras, e ela nunca se ligou muito em cavalos.

Sabine olhou para ele, louca para fazer mais perguntas. De alguma forma parecia estranho imaginar sua mãe ali, fazendo amizade, talvez, com aquele cavaleiro de um braço só. Sabine só conseguia imaginar Kate em um ambiente urbano: em sua casa em Hackney, com os pisos sem tapetes, as plantas colocadas em vasos sobre tripés e cartazes de musicais pelas paredes, anunciando a condição social delas, de classe média baixa. Ou comendo em um daqueles cafés étnicos em Kingsland Road, batendo papo, compenetrada, com suas amigas zangadas que usavam imensos brincos de argola, tentando adiar o momento terrível em que ia ter de voltar para casa a fim de escrever o seu artigo. Ou chegando em casa em completo êxtase depois de ter assistido a algum filme de arte no cinema, enquanto Geoff, sempre realista, reclamava das diferenças entre aquela película e o velho cinema tradicional da escola alemã. Ou algo desse tipo.

Só de pensar em Geoff o estômago de Sabine se apertou e, só para deixá-la ainda mais chateada, lhe provocou uma nova palpitação dos nervos. Ela se perguntou, por um segundo, se deveria tentar escrever para ele. De algum modo, saber que ele e mamãe não iam mais estar juntos tornava tudo um pouco esquisito. Ela já não sabia mais como devia agir, junto dele. Provavelmente, ele ia arrumar alguma nova namorada dentro de poucos meses, como Jim, e em seguida a mamãe ia ser dispensada pelo Justin Stewartson, para acabar se tornando amarga, preocupada e se perguntando por que os homens eram seres "tão estranhos". Bem, dessa vez, ela não ia lhe mostrar nenhum tipo de solidariedade. E jamais ia concordar em visitar Geoff nas férias, se ele já estivesse com uma nova família. Isso, ela tinha certeza.

— Pronto, chegamos — disse Thom.

Ela não tinha lembrança alguma do lado de fora da casa, a não ser do tamanho. Do seu tempo de criança, tudo o que ela recordava era o lado de dentro da casa: as escadas todas feitas de madeira escura, os corredores que iam e vinham, o cheiro de fumaça e lenha, de cera e das cabeças de raposa. Ela se lembrava bem das cabeças de raposa, montadas e datadas de acordo com o dia de sua morte, projetando-se de pequenas bases em forma de escudo, parecendo rosnar, impotentes, do alto das paredes. Aos seis anos, Sabine as achara aterrorizantes, e perdia um tempo imenso, agachada ao lado da escada, esperando algum adulto passar por ali, o que lhe dava coragem para correr diante delas.

Da parte externa da casa, tudo o que ela lembrava era de um burro pesaroso, que não parava de zurrar quando ela passava na frente dele, de forma que ela se sentia obrigada a não andar por lá. A mãe dela e Jim tinham achado que ela adorava o burro, e contavam a todos a

gracinha que era. Ela não podia contar que se sentia intimidada por ele, e ficava aliviada quando alguém a levava de novo para dentro de casa.

Agora, ela estava reparando na fachada desgastada que a casa exibia: as janelas em estilo georgiano, muito altas e com a tinta descascando; os peitoris lascados e envergados, como a boca de uma tia muito velha. Obviamente, aquela tinha sido uma grande casa, um dia; maior do que a de qualquer pessoa que Sabine conhecia. Mas ela parecia cansada, em franca decadência, como alguém que deixara de se importar com as coisas e estava à espera apenas de um pretexto para ir embora. Ela se parece comigo, pensou Sabine, e sentiu uma inesperada empatia pela casa.

— Espero que você tenha trazido os seus agasalhos — disse Thom, falando pelo canto da boca, enquanto colocava a mala dela nos degraus da entrada. — Lá dentro é terrivelmente úmido.

Eles esperaram alguns momentos e depois tocaram a campainha; então, a porta se abriu e uma mulher alta apareceu diante dela, vestida com calças de tweed e botas de boca larga e cano alto, limpando restos de feno que haviam ficado grudados no casaco.

Era alta e suas sobrancelhas, o nariz e o queixo davam um veredicto digno de sua idade avançada. Mas ela estava ali de pé, comprida e esbelta. Quando esticou a mão, seus dedos pareceram a Sabine inesperadamente largos e juntos uns dos outros, como salsichas rugosas.

— Sabine — disse ela, sorrindo. E, como se de repente se lembrasse de fazer isso, estendeu a outra mão também, como se estivesse à espera de um abraço. — Desculpe-me por não ter ido recebê-la na barca. A manhã voou.

Sabine não sabia se devia se aproximar ou não.

Olá — respondeu ela, incapaz de dizer "vovó". Passou as mãos pelos cabelos, meio sem graça, sem saber o que fazer com elas. Prazer... Prazer em vê-la.

Sua avó recolheu as mãos e esperou, com o sorriso um pouco mais tenso, agora.

— Sim, sim... Você fez uma boa travessia? Aquela barca, às vezes, é terrível. Eu mal posso suportar.

— A viagem foi boa. — Sabine notou que a própria voz estava se tornando um sussurro. Sentiu a presença de Thom atrás dela, esperando e prestando atenção a todo aquele encontro ridículo. — O mar estava um pouco agitado, mas não foi tão mau. — Fez uma longa pausa. O seu cavalo está melhor?

— Não, não está não, para falar a verdade. Coitado. Nós lhe demos um pouco de Bute, um remédio, para ele passar melhor a noite. Oi, Bella, minha garota. Olá, olá. Sim, eu sei. Sim, Bella. Você é uma garota muito comportada. Agora você, Bertie, não ouse ir lá para cima.

Parando de acariciar o pêlo brilhante dos cães, a velha senhora se virou e caminhou com firmeza em direção à sala. Sabine ficou parada e olhou para Thom. Ele fez um gesto para que ela acompanhasse a avó e então, depois de ter deixado a mala no portal, fez uma reverência e desceu suavemente os degraus de volta.

Sentindo uma vontade súbita e infantil de pedir para que ele não fosse embora, Sabine se sentiu paralisada, por um momento. Sua avó, ela notou com certa indignação, nem sequer agradecera a Thom por ter ido buscá-la. Sequer mostrou ter notado a presença dele. Sabine sentiu que as primeiras pontadas de ressentimento que vinham sendo carregadas em silêncio, desde que ela deixara Londres naquela manhã, estavam se transformando em algo mais potente. Entrou lentamente e fechou a grande porta atrás dela.

Os cheiros e sons da sala lhe atingiram a memória em cheio, com a força de um trator de demolição. A cera de polir móveis. Os tecidos antigos. O som das patas dos cães batendo no piso de lajotas. Atrás da avó, que se movia rapidamente pelo corredor, ela podia ouvir o pesado tique-taque do grande relógio de pêndulo, marcando o tempo no mesmo compasso distante, como fizera em sua última visita, uma década antes. Só o ângulo de visão era diferente: agora, a sua altura permitia que ela visse tudo por cima das mesas, onde os cavalos de bronze continuavam descansando ou congelados, semi-empinados, por sobre sebes de bronze. Nas paredes havia pinturas a óleo de outros cavalos, a maioria deles com seus primeiros nomes, Marinheiro, Ilusão d a Feiticeira, Grande Mergulhador, como se fossem retratos de membros da família quase esquecidos. De certo modo, Sabine achou reconfortante revê-los. Eu não me sentia nervosa naquela época, disse a si mesma. E ela é apenas a minha avó, pelo amor de Deus. Provavelmente está ansiosa por estar me recebendo aqui, e talvez imaginando o que poderá me deixar mais confortável.

Mas ela parecia esconder muito bem esses sentimentos.

— Colocamos você no quarto azul — disse ela, subindo as escadas e se dirigindo para um quarto nos fundos do andar de cima. — O aquecimento não anda muito bom, mas vou pedir à senhora H para acender a lareira. Só que você vai ter que usar o banheiro de baixo, porque estamos sem água quente no de cima. Não podia lhe dar o quarto bom, porque seu avô está nele. E o do andar de baixo está com mofo nas paredes.

Sabine tentou não estremecer diante da fria camada de negligência que sentiu no ambiente, e olhou em volta, para todo o quarto, com uma decoração curiosa que misturava o estilo dos anos 50 com o dos anos 70. O papel de parede azul, imitando motivos chineses, recebera, em algum momento, o complemento mais otimista de um felpudo tapete turquesa moderno. A s cortinas, bordadas com apliques dourados, se apertavam em mil dobras, como se tivessem vindo de uma outra janela, muito maior.

Uma pia antiga estava pregada firme sobre dois pés de ferro fundido, com uma toalha verde-clara pendurada ao lado, junto da lareira. Uma aquarela que mostrava um cavalo puxando uma carroça estava pendurada sobre o console, enquanto um retrato maior e muito malfeito de uma mulher jovem, que bem poderia ser a mãe de Sabine, estava na parede junto da cama. Sabine, de vez em quando, olhava para trás, para a porta, consciente da silenciosa presença do seu avô, algumas portas adiante.

— Há algumas peças de roupa no armário, mas mesmo assim deve haver espaço de sobra para as suas coisas. Foi só isso que você trouxe?

Sua avó olhou para a mala de Sabine, e depois em torno, como se esperasse alguma coisa a mais.

Sabine aguardou um pouco e perguntou:

— Vocês têm computador?

— O que disse?

— Vocês têm computador? — Sabine compreendeu, no instante em que perguntava, que já sabia a resposta. Deveria saber desde o início, pelo jeito do quarto.

— Um computador? Não, não temos computadores, por aqui. Para que você precisa de um computador? — Sua voz parecia brusca, incompreensiva.

— Para mandar e receber e-mails. Só para me manter em contato com o pessoal de casa.

— Não — repetiu a avó, parecendo não ouvir o que ela dissera. Não temos nenhum computador aqui. Agora, se desfizer as malas, nós podemos tomar um pouco de chá e então você pode ir ver o seu avô.

— Vocês têm televisão?

Sua avó lhe fixou um olhar penetrante.

— Sim, há uma televisão. Seu avô a colocou no quarto dele, no momento, porque gosta de assistir ao noticiário, à noite. Estou certa de que pode pegá-la emprestado, ocasionalmente.

No momento em que elas entraram na sala de estar, Sabine já afundara sob uma nuvem negra de depressão. Nem mesmo a chegada da senhora H, baixinha, rechonchuda e tão cheirosa quanto os pães caseiros e os bolinhos que preparava, conseguira levantar seu astral, apesar das perguntas amigáveis a respeito da travessia do mar da Irlanda, o estado de saúde da mãe dela e a satisfação de Sabine com os arranjos feitos para o quarto de dormir. Não havia como escapar: Thom parecia ser a pessoa mais jovem dali, e tinha a mesma idade da sua mãe. Não havia TV a cabo nem computador, e ela ainda não descobrira onde é que eles haviam instalado o telefone. E

Amanda Gallagher ia roubar Dean Baxter dela antes que ela conseguisse voltar para casa. Era assim que o inferno devia ser.

Quando Sabine reapareceu na sala de estar, sua avó não parecia estar nem um pouco mais feliz. Continuava olhando para as coisas em volta da sala sem vê-las, enquanto comia, como se estivesse tentando resolver algum problema distante. De vez em quando ela se levantava toda dura, da poltrona, caminhava rapidamente até a porta e gritava alguma ordem para a senhora H ou alguma outra pessoa não identificada, de tal modo que, depois da quarta vez, Sabine decidiu que a sua avó não estava acostumada a tomar o chá da tarde, e sentia aquilo como uma espécie de obrigação, ter que ficar sentada ali em companhia da neta por tanto tempo. Ela não perguntou pela mãe de Sabine. Nem uma vez.

— A senhora está precisando dar uma olhada no seu cavalo? — perguntou Sabine, afinal, imaginando que aquilo daria a ela uma boa oportunidade para sair dali com facilidade.

Sua avó a olhou com alívio.

— Sim. Sim, você está certa. Eu devo mesmo dar uma olhada no meu velho rapaz.

Muito bem. — E se levantou, sacudindo as migalhas das calças, fazendo os cães pularem na mesma hora para verificar o tapete. Caminhou a passos largos até a porta e depois se virou para trás.

— Quer ir até lá para dar uma olhada, Sabine? Quer ver os estábulos? Sabine estava louca para desaparecer, a fim de poder se lamentar do seu imenso sofrimento em particular, mas sabia que aquilo poderia ser considerado falta de educação.

— Tudo bem então, vou sim — disse, a contragosto. Sua sessão de depressão por causa de Dean Baxter poderia esperar mais meia hora.

O burro já tinha morrido há muito tempo ("Laminite, pobrezinho", disse a avó, como se ela pudesse entender), mas o resto do curral tinha um ar familiar. Ali, certamente, havia mais vida do que dentro da casa. Ao longo da fileira de cocheiras, dois homens franzinos e encurvados moviam suas vassouras de pêlos encrespados e baldes barulhentos enquanto dividiam um fardo de feno em pacotes quadrados; atrás deles dava para ouvir os cascos dos cavalos batendo sobre o chão de cimento ou ecoando de encontro às tábuas. Um pequeno rádio, equilibrado sobre um balde virado ao contrário, emitia melodias indistintas ao fundo. Olhando para aquela cena, Sabine teve uma vaga lembrança de ter sido levantada até a parte de cima de uma daquelas portas, e de gritar com divertido horror quando a cabeça comprida e imensa de um dos cavalos surgira lá do fundo para vir vê-la.

— Imagino que você esteja cansada demais para cavalgar hoje, mas eu já aluguei para você um pequeno cavalo capão, muito manso, que veio de New Ross. Ele vai servir, enquanto estiver aqui.

A boca de Sabine se abriu. Cavalgar?

— Eu... Eu não cavalgo já faz muito tempo — disse, gaguejando. Acho que desde que era criança. Isto é... Mamãe não me disse que...

— Bem, vamos dar uma olhada no armário das botas, mais tarde. Quanto você calça? Trinta e seis? Trinta e sete? As velhas botas da sua mãe devem servir em você.

— Já faz mais de cinco anos. Eu desisti de cavalgar.

— É... É uma coisa completamente horrorosa, tentar cavalgar em Londres, não é?

Eu, certa vez, fui a um daqueles estábulos d o Hyde Park. Tive que atravessar uma estrada movimentada só para chegar a um lugar onde havia grama. — Sua avó passou pelo pátio e repreendeu um dos empregados do estábulo por causa do serviço malfeito que ele fizera com a palha. — Acho que, na verdade, não quero cavalgar.

Ela não ouviu. Pegara a vassoura de um dos homens e estava lhe mostrando como usá-la, com golpes curtos e zangados.

— Olhe, eu não curto mais cavalgar, como antes. — A voz de Sabine atravessou os ruídos, aguda e penetrante, de modo que todos se voltaram na direção do som.

Sua avó parou na mesma hora e se virou lentamente, até ficar de frente para ela.

— O quê? — perguntou.

— Eu não gosto. De cavalgar. Eu... eu já estou muito grande para isso.

Os dois homens do estábulo se entreolharam, um deles com a ponta de um sorriso forçado. O que ela acabara de dizer, certamente, era o equivalente, no linguajar de Wexford, a dizer: "Eu assassino bebés", ou "Eu uso as calcinhas sujas do avesso, para não precisar lavá-las tantas vezes". Sabine sentiu que estava ficando vermelha e se xingou por isso.

Sua avó ficou olhando para ela sem expressão, por um minuto, e a seguir se virou novamente e seguiu em frente, na direção dos estábulos.

— Não seja ridícula — ela murmurou. — O jantar é às oito horas, em ponto. Seu avô vai jantar conosco, portanto não se atrase.

Sabine chorou por quase uma hora, sem ninguém ouvir, em seu quarto distante e úmido. Praguejou contra a mãe, por tê-la enviado para aquele lugar idiota, praguejou contra a avó distante e pouco amigável, contra os seus cavalos idiotas, praguejou contra Thom por fazê-la acreditar, por alguns instantes, que as coisas não iam ser tão más.

Depois, praguejou contra Amanda Gallagher que, ela tinha certeza, já estava com Dean Baxter naquele exato momento, enquanto Sabine continuava deitada, ali, e praguejou também contra o sistema de barcas irlandês por não cancelar as travessias quando o tempo estava tão pavoroso, e por fim xingou o tapete turquesa felpudo, por ser tão medonho que, se algum dos seus amigos descobrisse que ela ficara hospedada em um quarto com a aparência daquele, ela ia ser obrigada a ir embora da Inglaterra. Para sempre. Finalmente, se sentou e xingou a si mesma por ficar toda roxa, com a cara manchada e repulsiva sempre que chorava, em vez de ficar com a aparência tristonha de um rosto pálido, com os olhos imensos, do jeito melancólico que os homens achavam irresistível.

— Toda a minha vida é uma terrível, terrível bagunça — choramingou, e então chorou um pouco mais, porque o som parecia mais triste quando ficava mais alto.

O avô de Sabine já estava sentado à mesa de jantar quando ela desceu, lentamente, pelas escadas.

A jovem notou a bengala dele antes mesmo de enxergá-lo. Ela se projetava por baixo da mesa, entre as suas pernas. Então, enquanto entrava, pelo canto da sala de jantar, viu as costas dele, curvadas como se fossem um ponto de interrogação, repousando desconfortavelmente de encontro à cadeira de espaldar alto que estava protegida por um cobertor de tartã xadrez. A mesa estava posta para três, com a imensa extensão do tampo de mogno brilhando entre os lugares marcados, mas o seu avô estava simplesmente sentado à luz das velas, olhando para o nada.

— Ah... — disse ele, lentamente, quando ela entrou em seu campo de visão. -Você está atrasada. O jantar é às oito horas. Oito!

Um dedo ossudo apontava para o relógio da sala, que informou Sabine que ela estava uns sete minutos atrasada. Ela olhou de volta para ele, sem saber se devia pedir desculpas.

— Bem, sente-se, sente-se — disse ele, abaixando a mão suavemente e colocando-a no colo.

Sabine olhou em volta, e então se sentou no lado oposto ao dele. Ele era o homem mais velho que ela jamais vira. Sua pele, através da qual dava quase para ver o formato do crânio, era muito mais do que enrugada: estava dividida e m centenas de pequenas fendas, como u m pântano que ficara ressecando durante décadas. Uma veia fina pulsava acima de sua têmpora, latejando como um verme que estivesse se arrastando por baixo da pele. Sabine descobriu que mal podia olhar para ele: por algum motivo, lhe parecia doloroso demais.

— Então... — a voz dele abaixou um pouco, como se ele ficasse exausto só por deixá-la sair dos lábios -... você é a jovem Sabine.

Aquilo não parecia exigir resposta. Sabine apenas olhou para ele, com um ar de aceitação. — E quantos anos você tem? — Até mesmo as perguntas pareciam arrastadas, ditas em voz baixa. — Dezesseis — respondeu ela.

— Quantos?

— Tenho dezesseis. Dezesseis! — repetiu ela. Ah, Deus, ele era surdo, também.

— Ah... Dezesseis. — Ele fez uma pausa. — Isso é bom.

Sua avó apareceu por uma porta lateral.

— Ah, aí está você! Certo. Vou mandar trazer a sopa. — Só com aquele "aí está você", ela também conseguiu comunicar a Sabine que ela estava atrasada. O que havia de errado com aquelas pessoas?, pensou Sabine, sentindo-se infeliz. Afinal, eles não estavam sendo cronometrados por ninguém.

— Os cães roeram um dos seus chinelos — a avó disse, da sala ao lado, mas o avô de Sabine não pareceu ouvir. A jovem, depois de um pequeno conflito interno, decidiu não passar a mensagem adiante. Não queria ser responsabilizada pelo resultado.

A sopa era só de vegetais. Os verdadeiros, em vez dos enlatados, com muitos pedaços de batata e repolho aparecendo. Ela comeu tudo, embora em sua casa teria recusado. Ali, porém, as paredes frias da casa a fizeram ficar com fome. E a sopa estava, ela tinha que reconhecer, muito gostosa.

Sentindo a necessidade de tecer algum comentário social, já que os três estavam sentados ali em total silêncio, Sabine se lançou ligeiramente para frente e para cima, e falou:

— A sopa está boa.

Seu avô levantou o rosto lentamente, sorvendo a sopa da colher com muito barulho. A parte branca dos olhos dele, ela notou, estava quase completamente leitosa.

— O quê?

— A sopa — repetiu ela, mais alto. — Está muito gostosa.

Com uns nove minutos de atraso o relógio do saguão anunciou que eram oito horas.

Um dos cães, que Sabine não conseguiu descobrir onde estava, soltou um suspiro trémulo.

O velho voltou o rosto para a mulher.

— Ela está falando da sopa? A avó não levantou os olhos.

— Ela disse que a sopa está gostosa — repetiu ela, bem alto.

— Oh... É sopa de quê? — perguntou ele. — Não consigo sentir o gosto.

— É de vegetais.

Sabine de repente notou que estava percebendo o som do tique-taque do relógio do saguão. E parecia estar ficando mais alto.

— Vegetais? Você disse que é de vegetais?

— Isso mesmo.

Longa pausa.

— Não tem milho verde aqui dentro, tem?

A avó limpou a boca cuidadosamente, com o guardanapo de linho.

— Não, querido. Sem milho verde. A senhora H sabe que você não gosta de milho verde.

Ele se concentrou na tigela à sua frente, como se estivesse examinando o conteúdo.

— Eu não gosto de milho verde — explicou, bem devagar para Sabine. — Troço horrível!

Sabine, a esta altura, já estava lutando com uma urgência quase histérica de rir e chorar ao mesmo tempo. Ela se sentia aprisionada em um programa de televisão de terceira categoria, onde o tempo tinha parado e ninguém jamais conseguia escapar.

Tenho que voltar para casa, disse a si mesma, silenciosamente. Não vou conseguir aguentar noite após noite disso aqui, de jeito nenhum. Vou acabar definhando e morrendo. Eles vão me encontrar mumificada, dentro de um quarto, sobre um tapete turquesa, e não vão conseguir descobrir se eu morri de frio ou tédio. E estou perdendo os melhores programas da TV.

— Você caça?

Sabine olhou para o avô, que finalmente acabara de comer. Um fino rastro opaco com restos da sopa lhe escorria pelo canto da boca.

— Não — respondeu ela, baixinho.

— O quê?

— Não, eu não caço.

— Essa menina fala muito baixo — disse ele, em voz alta, para a mulher. — Ela devia falar um pouco mais alto.

A avó, que havia recolhido os pratos vazios, saiu diplomaticamente da sala.

— Você fala muito baixo — disse ele. — Devia falar mais alto. É muito grosseiro falar baixo.

— Desculpe — disse Sabine, bem alto, e sem nenhum tom de desafio. Velho sacai.

— E então, com quem você caça?

Sabine olhou em volta, desejando de repente que a avó voltasse.

— Eu não caço — disse ela, quase gritando. — Eu moro em Hackney. Fica em Londres. Não há caçadas, lá.

— Não há caçadas?

— Não.

— Oh... — Ele pareceu muito chocado, como se um lugar onde não houvesse caçadas fosse um conceito inteiramente novo. — Então, onde você cavalga?

Ah, Deus, assim era impossível!

— Eu não cavalgo — disse ela. — Lá não há lugar algum onde eu possa cavalgar.

— Mas, então, onde é que você guarda o seu cavalo?

— Ela não tem um cavalo, meu bem — disse a avó, chegando com uma bandeja grande, de prata, coberta por aquela tampa em forma de cúpula que Sabine achava que só era usada por mordomos, em comédias. — Ela e Katherine moram em Londres.

— Oh... Sim. Elas moram em Londres, não é?

Ah, mamãe, venha correndo me buscar, desejou Sabine. Desculpe ter sido tão má com você, e com Geoff, e com Justin. Simplesmente venha me buscar. Prometo que nunca mais vou reclamar de nada. Você pode ter uma fileira interminável de namorados que não têm nada a ver conosco, que eu juro que não vou dizer nada. Vou ficar quietinha e só vou tirar notas altas. Vou até parar de roubar o seu perfume.

— Então, Sabine, você prefere o seu malpassado ou bem-passado? Sua avó levantou a cúpula de prata e um monte de bifes morenos, ainda chiando, liberou o seu aroma no ar parado da sala. Eles estavam rodeados por batatas assadas e vinham dentro de um lago de suculento molho marrom.

— Pode escolher, querida — continuou a avó. — Pode deixar que eu corto. Vamos, escolha logo, não quero que esfriem.

Sabine olhou para ela com horror.

— A minha mãe não contou para a senhora, contou? — perguntou, calmamente.

Não me contou o quê?

O quê? — perguntou o avô, irritado. — O que é que vocês estão dizendo? Falem mais alto!

Sabine balançou a cabeça devagar, torcendo para não ver a expressão dura e exaltada no rosto de sua avó.

— Eu sou vegetariana.

Dois

TUDO, NA VERDADE, ERA muito simples. Aparentemente. Se a pessoa tomasse um banho no banheiro d o andar de baixo (em vez de usar o banheiro de cima, que obviamente tinha sido construído junto com a casa e vira água quente pela última vez mais ou menos na mesma época), então a pessoa tinha que limpar todos os vestígios de sua presença em um intervalo de cinco minutos após acabar de se lavar. Isso incluía as toalhas molhadas, vidros de xampu, esponjas de banho, até mesmo a pasta e a escova de dentes. Ou então a pessoa podia contar que encontraria tudo isso atirado do lado de fora do banheiro, menos de meia hora depois.

Se a pessoa queria tomar café da manhã, então a pessoa tinha que se certificar que conseguiria chegar à sala de refeições do andar de baixo até as oito e meia, no máximo.

Não na sala de jantar. É claro. E jamais às nove e quinze, momento em que metade do dia já teria se passado, e a senhora H tinha outras coisas mais importantes a fazer do que ficar esperando ali parada, enquanto todo mundo acabava de tomar café, embora ela fosse muito gentil para dizer isso. E a pessoa tinha que tomar mingau, seguido de torradas. Com mel ou geleia. Tanto o mel quanto a geleia ficavam em pequenos recipientes de prata. E não, não havia sucrilhos Aspen. Nem tortinhas Pop Tarts.

E a pessoa não podia reclamar do frio. A pessoa tinha que se vestir de modo apropriado, sem ficar circulando quase sem roupa, nem tagarelando o tempo todo, comentando que havia correntes de ar. Isso significava ter que usar casacos com malha grossa. E calças. E se a pessoa não tivesse roupas suficientes, então ela tinha apenas que falar, porque havia montes de roupas extras guardadas nas gavetas de baixo do camiseiro grande. E só mesmo uma pessoa mal-educada ia comentar sobre o cheiro de mofo que as roupas tinham, ou que pareciam ter sido usadas pela última vez por órfãos da Albânia, muito tempo antes de a pessoa nascer. E isso tudo valia para os calçados, também. A pessoa não podia achar que ia usar os seus ténis caros por toda parte e mantê-los novinhos e limpos, como se tivessem saído da caixa. Então, a pessoa devia ir até o armário das botas e procurar um par bem resistente de botas de cano alto e boca larga, que lhe servissem. E se a pessoa costumava ficar histérica quando via aranhas, então era melhor sacudir bem todas as coisas antes de usá-las.

Isso tudo sem falar nas regras das quais a pessoa nem precisava ser lembrada.

Como, por exemplo, jamais deixar os cães irem para o andar de cima. Ou deixar as botas na sala de estar. Ou desligar a televisão sem antes deixá-la no canal de notícias favorito do vovô. Ou começar a comer antes de todos terem acabado de se servir. Ou usar o telefone sem pedir licença. Ou ficar sentada sobre o tampo do velho fogão Aga para se manter aquecida. Ou tomar um banho à noite (ou encher a banheira com mais de quinze centímetros de água).

Uma semana depois de ter chegado, Sabine descobriu que havia tantas regras para lembrar que até parecia que a própria casa era um ser humano cheio de nove-horas, com as coisas meticulosamente arrumadas do jeito dela, como os seus avós. Em sua casa, ela crescera

praticamente sem regras: sua mãe tinha uma espécie de satisfação perversa em deixar Sabine estruturar a própria vida, como um tipo de existência montessoriana, de modo que ter de encarar aquelas intermináveis e aparentemente incompreensíveis restrições fazia Sabine se sentir cada vez mais deprimida e ressentida.

Isso tudo até Thom lhe ensinar a regra mais importante de todas, que acabou por devolver uma pequena porção de liberdade para a sua vida: nunca, jamais, tente transpor qualquer distância, seja dentro de casa ou do lado de fora, em um passo mais lento do que o modo Kilcarrion de caminhar. Esse jeito de caminhar era específico, rápido e sempre com um objetivo; devia ser executado com o queixo erguido e os olhos focados em um ponto a média distância.

Isso, se fosse feito na velocidade correta, servia para afastar qualquer pergunta do tipo: "Para onde você está indo?", ou, o que era mais comum: "O que é que você está fazendo?

Vamos lá, venha me ajudar a limpar esta cocheira, recolher os cavalos, soltar o reboque, lavar o galpão dos cães com a mangueira."

— Não é só com você, não — explicou Thom. — Ela não gosta de ver ninguém sem fazer nada. Fica ansiosa. É por isso que todos nós seguimos essa regra.

Agora, que Sabine reparava naquilo, via que era verdade. Ela jamais vira alguém na casa, com exceção do seu avô, se movimentando a menos de mil quilómetros por hora. E como ela só tinha visto o velho sentado, não podia ter total certeza com relação a ele.

Mas não era apenas a casa e o seu labirinto de regras. Sabine, afastada dos amigos, com apenas um rápido e insatisfatório telefonema para a sua mãe, sentia-se isolada e arrancada de tudo o que ela conhecia. Ela era uma estranha naquele ambiente, e sentia-se tão confusa com o contato com seus parentes mais idosos quanto eles se sentiam com ela. Deixara a casa e seus arredores apenas uma vez, até aquele momento, a fim de acompanhar a avó até um tipo de supermercado na cidade mais próxima onde, se ela estivesse disposta, poderia ter comprado qualquer coisa, desde queijo fundido até mobília de plástico branco para jardins. Isso era tudo, além de uma agência dos Correios e uma vendinha vagabunda, onde havia apetrechos para cavalos. Não tinha um McDonalds, nem um cinema ou uma loja de jogos eletrônicos. Não havia revistas, também. E, aparentemente, nenhuma pessoa com menos de trinta anos. Como os dois jornais que chegavam, o Daily Telegraph e o Irish Times eram o único contato com o mundo exterior, ela nem sequer sabia qual a canção que estava em primeiro lugar nas paradas.

Sua avó, s e chegou a perceber a descida acelerada de Sabine e m direção à depressão, evidentemente resolveu ignorar o fato ou considerou o problema algum tipo de frescura de adolescente. Ela "organizava" o dia de Sabine logo pela manhã, dando uma infinidade de tarefas, tais como trocar os jornais do chão do canil, ou colher vegetais na horta atrás da cozinha para levar para a senhora H, e a tratava com o mesmo distanciamento brusco que usava para tratar a todos em volta dela. Isto é com exceção dos cães. E, mais especialmente, do Duke.

Aquela tinha sido a pior desavença até então, pior do que a insistência de sua avó de que o conceito de comida vegetariana não poderia, evidentemente, incluir frango.

Tudo acontecera dois dias depois disso quando, pendurada na porta enquanto Duke era levado, com dificuldade, de volta para o estábulo, Sabine se esquecera de fechar a tranca da parte de baixo da porta com o pé, como sua avó pedira, e teve que assistir logo em seguida, horrorizada, ao momento em que, com o jeito arisco de um animal muito mais jovem e menos manco, o velho cavalo baio conseguira destrancar o pino de cima da porta com os dentes e lançou-se elegantemente em direção à liberdade, correndo através do pátio e depois para os campos abertos e além.

Levou quase duas horas para que a sua avó e os dois rapazes do estábulo, com a ajuda de seis maçãs e um balde de mistura de farelo, conseguissem pegá-lo, ela andando de um lado para o outro, com a cara feia, sobre os campos mais altos, enquanto o cavalo chegava desesperadamente perto para depois correr de volta para longe, com a cauda levantada bem alto, em uma espécie de desafio. Como estava começando a escurecer, ele finalmente voltou, devagar, com a cabeça baixa pela exaustão. Além de exibir um ar de algo parecido com embaraço, mancava muito. Sua avó ficara furiosa. A princípio berrara com a neta, dizendo que ela era uma "menina tola, muito tola", e depois, quase chorando, focara toda a sua atenção no seu "rapaz", alternando carícias em seu pescoço com broncas dadas em tom suave, enquanto ambos caminhavam com decisão de volta ao estábulo. Sabine, a esta altura já cheia de lágrimas nos olhos, queria gritar para a avó que se afastava: "E quanto a mim? Sou a sua própria neta, e a senhora jamais me dirigiu palavras assim tão gentis!"

Foi nesse momento que Sabine começou a planejar a sua fuga. E a evitar a avó, que conseguia, apesar de jamais voltar a se referir ao incidente, fazer Sabine sentir todo o peso de sua desaprovação. Ela nem tentara abraçar Sabine, depois disso. Na verdade, achou difícil dizer qualquer coisa que fosse para a neta, durante um ou dois dias. Seu estado de espírito só melhorou um pouco quando o veterinário anunciou que a inflamação na pata de Duke estava começando a diminuir.

Sendo assim, Sabine passava a maior parte do tempo com Thom e os dois rapazes, Liam e JohnJohn. Ambos, como a senhora H, eram uma espécie de parentes distantes.

Liam, um antigo jóquei de exibições de salto, era meio devasso, quase incapaz de dizer qualquer coisa que não tivesse dupla interpretação. John— John, por sua vez, seu protegido de dezoito anos, era quase mudo, e tinha uma vontade desesperada de se qualificar para participar de uma corrida, em uma pista próxima dali, e essa disposição estava gravada em seu rosto prematuramente castigado pelo tempo. Thom, embora quieto demais, parecia compreender a frustração e o ressentimento de Sabine, e ocasionalmente tocava no assunto com um jeito zombeteiro, mas carinhoso. Ela parara de reparar no braço dele, que vivia coberto até o punho por blusas e casacos. Ele era alguém com quem ela podia conversar.

— E então, Thom, eu esperei até depois de dez e meia, até ter certeza absoluta de que o velho já tinha acabado de usar o banheiro, e então vi que não havia sobrado nenhuma água quente. Nadinha. Estava com tanto frio na hora em que saí do banho que meus pés ficaram azuis. Sério. E meus dentes pareciam castanholas.

Encostada na porta do estábulo, ela chutou um balde, fazendo com que o líquido dentro dele quase entornasse. Thom, puxando para baixo a palha limpa que havia sido empilhada ao

longo da parede, parou e levantou uma sobrancelha, enquanto Sabine começava a descer de cima do fardo, olhando inconscientemente para o Duke enquanto fazia isso.

— Aqui não tem secador de cabelo e, por causa disso, o meu cabelo está ficando todo achatado. E os meus lençóis vivem úmidos. Úmidos de verdade. Quando eu vou entrar na cama, tenho que desgrudar o lençol de cima do de baixo, de tão colado que eles ficam. E eles têm cheiro de mofo.

— Como é que você sabe?

— Como é que eu sei o quê?

Que os lençóis têm cheiro de mofo. Ontem, você me disse que a casa inteira cheirava a mofo. Os lençóis deveriam, na verdade, ter até um cheiro bom.

— Dá para ver o mofo. Fica tudo cheio de pontinhos verdes. Thom deu uma gargalhada, ainda misturando a palha com o ancinho.

— Esses pontinhos verdes são, provavelmente, o desenho do tecido. Aposto que você tem a visão tão ruim como a da sua mãe.

Sabine olhou para ele, largando a porta que segurava.

— Como é que você sabe a respeito da visão ruim da minha mãe? Thom encostou o ancinho na parede. Abaixou-se e tirou o balde de perto dos pés de Sabine, esperando até ela sair do caminho antes de jogar água no piso do pátio.

— Vocês são todos ceguetas. A sua família toda. Todo mundo sabe disso. Fico surpreso por você não usar óculos.

Thom era assim: Sabine achava que já sabia tudo sobre ele, e os dois conversavam com camaradagem e então, de vez em quando, ele soltava algum pedaço de informação a respeito da sua mãe, ou do próprio passado dele, e Sabine ficava calada, tentando encaixar essa nova informação no quadro que estava tentando formar.

As coisas que Sabine sabia a respeito dele (algumas arrancadas, outras descobertas através da senhora H, que era uma verdadeira emissora de informações quando não estava na presença da avó de Sabine) eram que Thom tinha trinta e cinco anos, passara alguns anos na Inglaterra trabalhando em um hipódromo, que tinha voltado para casa sob condições meio nebulosas, e que perdera o braço em uma corrida.

Este último fato não tinha sido relatado por Thom. Apesar de se sentir à vontade com ele, ela ainda não se sentia com coragem suficiente para questioná-lo a respeito da amputação. A senhora H, porém, lhe havia dito que "sempre achou que os cavalos iam ser a ruína dele. Ele não tem medo de nada, veja você. Seu pai era assim, também". A senhora H não sabia de toda a história, e não gostava de ficar perguntando tudo à irmã, a pobre mãe de Thom, mas era alguma coisa que tinha a ver com o hábito que ele tinha de pular com o cavalo sobre as estacas.

— Estacas? — perguntara Sabine, imaginando uma cerca feita de estacas. Será que ele caíra e se machucara, espetando-se nas estacas?

— Não, obstáculos, na verdade. Ele era um jóquei de salto. É uma coisa muito mais perigosa do que cavalgar no terreno plano, pode acreditar.

Tudo ali existia em função de cavalos, pensou Sabine, de modo sombrio. Todos ali tinham aquela obsessão, a ponto de as pessoas não se abalarem por perder partes do próprio corpo. Até agora, ela conseguira adiar o momento de montar o cavalo cinza, no campo dos fundos, dizendo para a avó que estava com dor nas costas. Mas Sabine sabia, pela expressão de impaciência no rosto da velha senhora, e pelo jeito com que ela já pescara em algum lugar um velho par de botas de montaria e um chapéu, e os deixara sutilmente na porta do quarto, que não ia conseguir escapar por muito tempo.

Sabine não queria montar. Só de pensar nisso, já ficava doente. Ela conseguira convencer a mãe de que devia desistir daquilo havia alguns anos, depois que as visitas semanais a o estábulo começaram a deixá-la cada vez mais enjoada e nervosa, morbidamente convencida, talvez com razão, de que aquela era a semana em que teria de montar um dos terríveis "demónios" da escola de equitação, aqueles que disparavam, davam guinadas bruscas, empinavam e perseguiam os outros, com as orelhas totalmente para trás e os dentes expostos, e que aquela era a semana em que ela seria arrastada, sem controle, com as pernas balançando frouxas, batendo na sela, com os braços tentando em vão controlar as rédeas. Aquilo não era um desafio, como parecia para a maioria das garotas. Nem mesmo era divertido. E Kate também não quis contrariá-la, quando Sabine falou que não queria mais andar a cavalo, como se estivesse obrigando a filha a fazer aquilo apenas por algum incerto senso de tradição familiar.

— Eu não quero cavalgar — confiou a Thom, em segredo, enquanto ele levava um dos animais, amarrado, de volta para o estábulo.

— Vai dar tudo certo. Aquele cavalo é muito bem-comportado. Sabine olhou de longe para o cavalo cinza.

— Não me interessa o que ele é. Não quero cavalgar. Você acha que ela vai me obrigar?

Mas ele é ótimo. Monte nele umas duas vezes e você vai se sentir melhor.

— Droga, você não está me levando a sério — disse ela, quase gritando, o que fez John— John, no estábulo ao lado, esticar o pescoço para fora da porta para ver o que estava havendo. — Eu não quero montar naquele cavalo. Não quero montar em cavalo nenhum. Eu não gosto disso.

Thom, calmamente, retirou a rédea principal de cima do cavalo e lhe deu um tapa carinhoso na anca, com a mão boa. Depois, foi até ela, fechando a porta atrás de si, trancando o ferrolho do piso.

— Você está com medo, não está?

— Simplesmente eu não gosto.

— Não há nada de errado em ficar um pouco nervosa. A maioria de nós já sentiu isso em algum momento.

— Você não está conseguindo me escutar? Deus, vocês, também!... Eu simplesmente não gosto de cavalgar.

Thom colocou sua mão artificial no ombro dela. Ela ficou parada ali, dura e sem vida, curiosamente em conflito com o sentimento que tentava transmitir.

— Quer saber de uma coisa? Ela não vai ficar satisfeita até você, pelo menos, fazer uma tentativa. Isso vai até mesmo fazer com que as coisas corram melhor. Por que não dá uma volta comigo, amanhã de manhã? Vou cuidar para que você fique bem.

Sabine ficou com vontade de chorar.

— Mas eu realmente não quero. Ah, meu Deus, não posso acreditar que estou presa neste lugar. Minha vida está um caos completo.

— Amanhã de manhã. Só você e eu. Pense bem, é muito melhor sair cavalgando comigo, da primeira vez, do que com ela, não é?

Ela levantou a cabeça e olhou para Thom. Ele sorriu.

— Você sabe muito bem que a sua avó vai deixar você comendo poeira. Ela é a amazona mais destemida em todo o sul da Irlanda. Ainda cavalgava com os sabujos, nas caçadas, até o Duke começar a mancar.

— Vou é quebrar o pescoço. E aí, você vai se arrepender.

— Certamente que vou. Como é que eu vou poder carregar o seu corpo de volta por todo o caminho, com um braço só?

Só que, na manhã seguinte, ela conseguiu se desvencilhar de Thom, novamente.

Desta vez, porém, havia uma desculpa válida.

— Olhe, Sabine. Eu vou ter que ficar fora a maior parte do dia, e a senhora H vai estar muito ocupada, então eu gostaria que você tomasse conta do seu avô.

Sua avó estava vestida com as roupas de "ir à cidade". Pelo menos, Sabine imaginou que aquelas fossem as roupas que ela usava para isso: era a primeira vez que via a avó sem as velhas calças de tweed e as botas de cano alto. Ela usava uma saia azul-escura de idade indeterminada, mas certamente bem antiga, um casaquinho de lã verde-escuro sobre uma blusa de gola redonda, e o indefectível casaco acolchoado, por cima de tudo. Colocara um pequeno colar de pérolas ao pescoço, e escovara os cabelos para trás, de forma que eles estavam arrumados daquele jeito que o cabelo das pessoas idosas sempre pareciam ficar, em ondas, em vez de exibir a sua usual aparência descabelada.

Sabine teve de segurar a vontade que sentiu de lhe perguntar se ela estava indo "agitar". De algum modo, sabia que a avó não ia achar nada engraçado.

— Aonde está indo? — perguntou, sem interesse.

— Vou a Enniscorthy. Preciso ver um treinador, pois vou vender para ele um dos nossos cavalos de um ano de idade.

Sabine suspirou sem conseguir esconder o ar de tédio, com a informação entrando por um ouvido e saindo pelo outro.

— Olhe, o seu avô vai querer o almoço à uma hora da tarde, em ponto. Ele está dormindo na poltrona, lá em cima, então lembre-se de acordá-lo pelo menos uma hora antes do almoço, porque provavelmente ele vai querer se arrumar para descer. A senhora H vai preparar o almoço dele e vai deixar tudo pronto na copa, junto da sala de jantar, e vai deixar o seu almoço pronto também, para que ele não coma sozinho. Só que é você que vai ter de colocar a mesa, porque ela está toda atrapalhada esta manhã, distribuindo as frutas que caíram sozinhas, de tão maduras, para os vizinhos. Não vá perturbar Thom nos estábulos, porque eles já estão com muita coisa para fazer, por lá. E não deixe os cães irem lá para cima. Bertie entrou no quarto do seu avô novamente, ontem, e roeu a escova de cabelos dele.

Não entendo que grande perda foi essa, pensou Sabine. Ele só tem uns dois fios para escovar.

— Vou voltar logo depois do almoço. Você entendeu tudo?

— Almoço há uma hora. Não se atrase. Não perturbe a senhora H. Não perturbe Thom. Não deixe os cães irem lá para cima.

Sua avó ficou olhando para ela por um minuto, com aquele olhar curiosamente vazio, de modo que Sabine não conseguiu saber se ela havia reparado no seu tom de revolta ou se, como acontecia com ela mesma quando o assunto se relacionava com cavalos, suas palavras lhe tinham entrado por um ouvido e saído pelo outro. Então, colocou o lenço sobre a cabeça, apertou-o com firmeza sob o queixo e, com rápidas e adoráveis palavras de despedida para Bella, que estava de pé ansiosa, ao lado dela, saiu rapidamente pela porta da frente.

Sabine ficou em pé por alguns minutos, até que o som da porta que bateu acabasse de reverberar pelas paredes e se transformasse em silêncio, e então olhou em volta, pensando no que ia fazer. Ela parecia gastar grandes porções do seu dia ali, tentando achar algo para fazer. Todos os elementos que haviam preenchido completamente o seu tempo em casa, como a MTV, a Internet ou ficar pendurada no telefone com os amigos, ou simplesmente vagabundear pela área de Keir Hardie, do lado leste de Londres, para ver quem estava por ali e saber o que estava acontecendo, tudo aquilo lhe tinha sido cortado, deixando-a com aquele imenso vácuo de tempo para preencher. Só havia tempo de sobra para organizar o seu quarto (mas o tapete felpudo azul-turquesa fazia com que se sentisse enjoada) e se você não gostava de cavalos, o que mais havia ali?

Ela não estava a fim de ir para o pátio, porque sabia que Thom ia começar com aquela história de montar aquele pónei idiota. Não podia ver televisão, porque os programas de dia eram horríveis. E da última vez que ela tentara, clandestinamente, ligá-la no meio da tarde, seus tímpanos tinham virtualmente explodido. "Isso aí é só para o seu avô assistir ao noticiário", berrara a senhora H, que subira correndo para ver que barulho era aquele.

"É melhor deixar o aparelho desligado." Todas as noites às nove horas, onde quer que ela estivesse na casa, Sabine podia ouvir a vinheta trovejante que tocava no início do programa. Seu avô ficava sentado, olhando atentamente para a tela, e como tinha aquele problema de audição, as pessoas que ficavam em volta dele liam os jornais do dia no meio da barulhada, educadamente fingindo que não estavam ficando surdas.

Mesmo assim, pensou ela, subindo devagar as escadas, seguida por Bella, a ausência de sua avó lhe oferecia uma espécie de alívio. Ela não havia percebido o quanto a presença da velha senhora a deixava ansiosa, até notar que a sua ausência lhe revelava aquela sensação de calma até então desconhecida. Metade do dia de liberdade.

Metade do dia de tédio. Ela não sabia o que era pior.

Sabine passou quase uma hora deitada na cama, com os fones a todo o volume, lendo um romance popular dos anos 70 que a senhora H lhe trouxera. A senhora H já havia, evidentemente, decidido que sabia tudo o que as jovens precisavam: romance e mais um pouco de bolo. E do jeito que Sabine estava se sentindo, a senhora H acertara em cheio. Aquilo não era exatamente literatura. Havia, no entanto, muitas ilustrações.

As mulheres eram divididas em vadias, que respiravam ofegantes com volúpia mal disfarçada, junto de heróis másculos, que estavam apenas interessados em salvar o mundo, ou virgens, que arfavam com controlado interesse enquanto os mesmos heróis tentavam seduzi-las. Só os homens, na verdade, faziam alguma coisa, na história. As mulheres ou eram mortas (as vadias) ou se agarravam aos homens (as virgens). E, apesar de todos os gemidos, havia relativamente pouco sexo. Sabine folheara tudo antes, para ver. Talvez isso é o que significava estar em um país católico. Muito gemido e pouca ação. "Como acontece com você, Bella", disse ela, acariciando a cabeça da cadela, que estava sobre a sua cama.

Pensar em respiração ofegante fez com que se lembrasse de Dean Baxter. Quase o beijara, uma vez. Não era exatamente como se aquele fosse o primeiro beijo dela; ela já andara dando uns beijinhos em um monte de garotos, e até fora um pouco além dos beijinhos com alguns deles, embora ficasse muito atrás da maioria das garotas que ela conhecia. Ela logo percebeu que Dean Baxter estava flertando com ela; eles tinham ficado sentados em cima do muro depois do entardecer, e ele ficara juntinho dela, brincando, para que ela o empurrasse para o lado e ele a empurrasse de volta, tudo isso, na verdade, só como pretexto para tocarem um no outro. Ela sabia que eles provavelmente iam acabar se beijando, e se sentia bem com isso, porque já gostava dele há muito tempo e, embora ele fosse brincalhão, não forçava muito a barra e não era do tipo que fica contando vantagens para os amigos, no dia seguinte. Além do mais, ele não achava que Sabine era uma garota esquisita por ter uma casa cheia de livros, ou por sua mãe usar roupas de segunda mão. Ele até mesmo escorraçara algumas das garotas que a haviam chamado de "Intelectual" e "dona Certinha", por ela levar os estudos a sério e não fumar. Só que, um dia, ele ficou empolgado e, em vez de empurrá-la de volta, levantou-a no ar e colocou-a sobre os ombros, como um bombeiro que a estivesse resgatando de um incêndio. Sabine entrou em pânico e berrou para que ele a colocasse de volta no chão, e quando ele continuou a rir, em vez de abaixá-la, ela começou a bater sem parar, com força, em sua cabeça. Ele, afinal, colocou-a novamente no chão, deu um passo para trás e ficou olhando para ela, colocando a mão na orelha, que ficara vermelha. Perguntou então o que havia de errado com ela. Mas ela não sabia explicar, e então simplesmente riu, apesar de estar com vontade de chorar, e tentou transformar tudo aquilo em uma piada. Mas ele não achou graça, e nunca mais as coisas tinham sido as mesmas entre eles. Então, uma semana depois, ela soube que ele estava circulando com Amanda Gallagher. A ridícula Amanda Gallagher, com seu cabelo

comprido de garotinha, roupas de grife e perfume barato. Provavelmente já estaria com o nome de Amanda Baxter, no dia em que ela conseguisse voltar para casa. Talvez já fosse o momento de esquecer Dean Baxter. Além do mais, ele tinha caspa. A irmã dele contara a Sabine.

Ela balançou a cabeça para afastar pensamentos indesejáveis e, em vez disso, resolveu pensar em

Thom. Sabine sempre achou que era mais fácil esquecer alguém se você começasse a pensar em outra pessoa. Thom era o único homem por ali que tinha, remotamente, boa aparência. Não, na verdade, ele era bem bonito. Ela jamais saíra com um homem mais velho, embora sua amiga Ali já tivesse feito isso, e ela contara que eles "tinham um bom jogo de cintura". Só que ela não conseguia deixar de lado a imagem do braço dele. A preocupação de Sabine era que, se chegasse ao ponto de trocar beijos com ele (ou será que eles iam ficar só respirando, ofegantes, já que ele era irlandês?) e tirassem as roupas um do outro, ela poderia sair correndo, apavorada, quando visse o cotoco do braço dele. Ela tinha muita consideração por ele, para ofendê-lo dessa maneira.

Sabine não tinha certeza se Thom gostava dela. Ele sempre parecia muito satisfeito quando a via, e parecia gostar, quando ela ficava por perto. Além do mais, ela podia contar qualquer coisa para ele. Mas era difícil imaginá-lo dominado pela paixão, ou olhando para ela com um desejo intenso. Ele era muito reservado, de certa forma. Muito contido. Talvez apenas precisasse de um pouco de tempo. Talvez o sentimento de romance na idade adulta funcionasse de forma diferente.

Pensar em romance na idade adulta fez Sabine se lembrar da mãe, e ela se levantou da cama, a fim de se distrair.

Com Bella caminhando atrás dela, Sabine abriu o armário, sentindo o cheiro de mofo de coisas há muito tempo intocadas, e olhou para as profundezas escuras. Seus avós não tinham nem mesmo o tipo certo de coisas velhas: os armários de outras pessoas estavam sempre cheios de vestidos de festa, jogos antigos de tabuleiro, ou caixas, ou cartas, ou aparelhos eletrônicos que já não funcionavam. Ali, o que havia eram pilhas de toalhas de mesa de linho branco bordadas, e coisas desse tipo, um abajur quebrado e alguns livros com títulos como Guia de equitação para garotas e o Anuário Bunty de cavalos, 1967.

Envolvida pela cumplicidade da casa em silêncio, Sabine resolveu explorar os outros cómodos. A porta do quarto do seu avô estava fechada, mas entre aquele quarto e o banheiro havia outro aposento, no qual Sabine jamais entrara. Girando a maçaneta bem devagar para não fazer barulho, ela abriu a porta e entrou depressa.

Era um quarto de homem, com a aparência de um escritório, mas sem o ar de atividade recente que caracterizava o escritório que ficava no andar de baixo, que tinha mesas cheias de cartas, livros de contabilidade e catálogos coloridos cheios de fotos de cavalos de raça que tinham nomes como "Jake Saltador Filigrana III, cria de Flancake Filigrana e Jemimah Saltador", e outros animais que lhe pareciam exatamente iguais, embora Thom já tivesse dito que as diferenças entre os cavalos eram muitas e podiam chegar à casa dos milhares de libras.

Aquele escritório tinha um ar empoeirado de negligência, e suas cortinas semiabertas estavam paradas, completamente imóveis, como se fossem esculpidas. Havia no ar um cheiro de papel mofado e tapetes empoeirados, com pequenas partículas de pó suspensas no ar, que brilhavam e se moviam. Sabine fechou a porta bem devagar, e foi até o centro do aposento. Bella olhou para cima, com interesse, mas a seguir se deitou, resmungando, sobre o tapete.

Ali não havia nenhum quadro com cavalos, nas paredes. Via-se apenas uma caricatura emoldurada, de um caçador de raposas gritando, um mapa amarelado do Extremo Oriente e algumas fotos de pessoas com roupas dos anos 50, que cobriam uma imensa parede revestida com papel de parede em estilo William Morris. Em estantes embutidas ao lado da janela estavam caixas dos mais variados tamanhos, algumas delas com manuscritos enrolados sobre elas, enquanto bem no centro da mesa havia o modelo de um imenso navio de guerra cinza, provavelmente em escala. Em uma estante de madeira escura, do lado direito, havia muitos livros encadernados em luxuosas capas duras, basicamente sobre a Segunda Guerra e o Sudeste Asiático, além de duas coleções de charges humorísticas e um livro de bolso sobre como fazer discursos em jantares. Na última prateleira havia uma série de livros encadernados em couro, todos decrépitos, com o dourado das lombadas já quase inteiramente descascado.

Foi o outro lado do quarto que atraiu a atenção de Sabine. Ali, havia dois álbuns de fotografia encadernados em couro e colocados em cima de um baú. A julgar pela grossa camada de poeira que os cobria, eles não eram folheados há muitos anos.

Sabine se agachou e pegou, cuidadosamente, um dos álbuns. Na etiqueta estava escrito 1955 -. Sentando-se no chão com as pernas cruzadas, ela colocou o álbum no colo e abriu-o, manuseando com cuidado o papel fino que havia entre as páginas duras.

Havia uma foto em cada página, e a primeira era da sua avó. Pelo menos, ela imaginou que fosse a sua avó. Era uma foto profissional, feita em estúdio, que mostrava uma jovem sentada no peitoril de uma janela baixa, vestindo um bolero escuro e sério, com uma gola fina, que combinava com um vestido também escuro. Ela usava um colar de pérolas. Seus cabelos, que eram castanho-escuros, em vez de grisalhos, tinham sido penteados em ondas, e ela usava a maquiagem da época; sobrancelhas e cílios pesados e bem delineados, e batom cuidadosamente aplicado. Parecia, apesar d a pose, ligeiramente sem graça, como se tivesse sido apanhada fazendo algo suspeito. A foto seguinte era da mesma moça, agora em companhia de um jovem muito alto. Eles estavam em pé ao lado de um tripé com uma planta, e o rapaz sorria, orgulhoso, enquanto a mão da moça estava colocada sobre o braço dele, descontraída. Ela parecia menos esquisita, ali, mais segura de si mesma, com um ar curiosamente digno. A sua figura alta e imponente era atraente. Ela não estava com os ombros curvados para frente, com ar de quem pedia desculpas, do jeito que a mãe de Sabine ficava.

Sabine, envolvida com aquilo, folheou o álbum inteiro. Mais para perto do fim, junto com fotos da avó, parecendo muito à vontade em companhia de outra jovem incrivelmente bonita, havia fotos de um bebé, usando o tipo de roupa de batizado que não se via mais hoje em dia: feito em croché muito bem trabalhado e pequeninos botões forrados em seda. Não havia nada escrito, então Sabine se viu olhando com toda a atenção para a foto, tentando descobrir se

aquele bebé sorridente, todo enrolado, era a sua mãe ou o seu tio Christopher. Não dava nem para dizer se era menino ou menina, porque naquela época as pessoas pareciam vestir os bebés todos da mesma forma.

Foi o que havia dentro da caixa, porém, que tornou as coisas realmente interessantes: uma foto colada em uma cartolina mostrava a sua avó (era definitivamente ela, Sabine decidira) de braços dados com a moça linda e mais baixa, as duas agitando bandeirinhas da Grã-Bretanha, e rindo abertamente. Era estranho pensar que alguma vez na vida a sua avó rira daquele jeito. Atrás delas havia um grupo, ou era uma reunião, com a maioria dos homens muito bonitos, vestidos de branco, como Richard Gere com seu uniforme da Marinha no filme A força do destino.

Havia uma bandeja com copos altos ao lado delas, o que fez Sabine imaginar se sua avó estava bêbada, e algumas letras douradas embaixo da foto informavam que aquele evento tinha acontecido em honra da coroação de Sua Majestade, a rainha Elizabeth II, em 1953. Aquilo era história! Sabine ficou parada por algum tempo, tentando digerir aquilo: sua avó esteve presente em um momento histórico.

E havia também outras fotos menores. Entre dezenas de fotos de cavalos e rostos sorridentes não identificáveis, sobre barcos compridos e estreitos, havia a foto de uma garotinha, mais ou menos com seis anos de idade, que definitivamente era a sua mãe.

Ela tinha os cabelos ruivos e encaracolados de Kate e, mesmo com aquela idade, exibia o jeito peculiar de ficar em pé com os joelhos meio tortos. Ela estava de mãos dadas com um menino que parecia chinês, e sorria alegremente, por baixo de um chapéu de palha.

O menino parecia um pouco menos à vontade, sem coragem de encarar a câmera, e se apoiava na menina como se precisasse de conforto.

Então foi assim que a minha mãe cresceu, pensou Sabine, manuseando a foto em tons de sépia. Cercada de meninos e meninas chineses. Ela sempre soube que Kate passara a primeira parte da infância no exterior, mas até então, ao olhar para o vestido claro de algodão e o chapéu da menina, ela não tinha imaginado a sua mãe em um lugar exótico. Curiosa, ela começou a procurar nas fotografias outras imagens da mãe.

Foi arrancada repentinamente de sua fantasia pelo som de uma porta batendo no andar de baixo, acompanhado de um grito abafado, que parecia ser alguém chamando por ela. Assustada, deu um pulo e correu em direção à porta, com Bella logo atrás, abrindo-a e fechando-a depressa atrás de si. Olhou para o relógio. Já era meio-dia e meia.

Ficou parada por um instante, e sussurrou para o cão não contar a ninguém onde ela estivera ("Ah, meu Deus", ela gemeu, ao reparar com quem estava falando, "eles estão me deixando maluca") e então desceu bem devagar as escadas, sacudindo a poeira das mãos e do vestido.

A senhora H estava na cozinha, já de avental.

— Ah, aí está você. Estou atrasada, Sabine — disse ela, sorrindo. Acabei me demorando na casa de Annie. O seu avô comentou o que vai querer para o almoço?

— Ahn... Ele não falou muita coisa comigo, na verdade.

— Bem, então vou preparar ovo cozido com algumas torradas. Ele tomou um café da manhã muito bom, então não deve estar querendo nada muito pesado. E você, o que vai querer? A mesma coisa que ele?

— E... Está ótimo. — Sabine se lembrou, com um tremor, que não acordara o avô uma hora antes d o almoço, como sua avó mandara. Voltou a subir a s escadas, enxotando Bella, que tentava acompanhá-la de novo lá para cima, e perguntando a si mesma se, caso ele estivesse realmente atrasado, ela ia ter que ajudá-lo a se vestir. Por favor, Deus, faça com que eu não seja obrigada a tocá-lo, rezou, já do lado de fora da porta. Por favor, faça com que ele não mencione coisa alguma a respeito de banhos na cama ou urinóis, ou sei lá o que as pessoas velhas usam para se aprontar. E por favor, Senhor, faça com que ele esteja com todos os dentes na boca, senão eu vou ficar histérica.

— Ahn... Olá — gritou ela, da porta. Não houve resposta.

— Olá! — ela falou mais alto desta vez, lembrando-se da surdez do velho. — Vo.. Vovô?

Ah, meu Deus, ele estava dormindo. Ela ia ter que tocar nele, para acordá-lo.

Sabine ficou parada do lado de fora da porta e respirou fundo. Ela não queria sentir sob seus dedos aquela pele transparente e seca, que parecia papel crepom. Gente velha fazia com que se sentisse estranha, até mesmo em casa, quando ela olhava para eles.

Pareciam vulneráveis demais, prontos para quebrar ou se machucar a qualquer momento. Vê-los assim tão de perto sempre a deixava arrepiada.

Ela pensou na reação da avó, caso não fizesse aquilo.

Bateu mais uma vez na porta, com força, esperou mais um pouco e entrou.

A cama, que ficava na parede do fundo do quarto, era linda: tinha quatro colunas entalhadas em madeira escura, e nelas estavam penduradas antigas tapeçarias chinesas em vermelho-sangue, com bordados cintilantes feitos de fios de ouro. Sobre a cama propriamente dita, havia uma colcha de seda antiga, em várias camadas, debaixo da qual lençóis de puro linho podiam ser vistos, drapeados como dentes em uma boca vermelha e brilhante. Era o tipo de cama que se via em filmes americanos, quando eles tentavam mostrar como eram as propriedades rurais inglesas. Tinha o resplendor exótico do Extremo Oriente, dos imperadores e mercadores de ópio. Aquilo estava muito distante da cama barulhenta, enfeitada com ferro, que ela usava.

Mas ele não estava deitado nela.

Levou menos de dez segundos para Sabine compreender que não apenas ele não estava na cama como não poderia estar em nenhum outro lugar do quarto. A não ser que ele tivesse entrado dentro do guarda roupa, o que ela duvidava muito (mas foi olhar, só para ter certeza).

Ele só podia estar no banheiro. Sabine saiu do quarto e caminhou ao longo do corredor. A porta estava encostada, e por isso ela chamou por ele. Quando viu que não tinha resposta, empurrou a porta e descobriu que, também no banheiro, a ausência de seu velho avô era completa.

Sua cabeça começou a trabalhar. Sua avó não lhe dissera que ele ia sair. Ela disse que ele estava dormindo. Então, onde, diabos, ele tinha se enfiado? Sabine foi olhar no quarto vazio de sua avó (muito mais simples, ela notou), depois olhou no banheiro do andar de baixo e então, sentindo uma pontada de pânico aumentar, verificou em todos os cómodos da casa. Ele não estava em parte alguma.

Eram quinze para a uma.

Ela tinha que contar a alguém. Desceu até a cozinha, no andar de baixo, e confessou à senhora H que, de algum modo, perdera o avô.

— Ele não está no quarto dele?

— Não. Foi o primeiro lugar onde eu olhei.

— Ah, meu Deus. E onde está Bertie?

Sabine olhou para ela, e então, atrás dela, para Bella.

— Eu não o vi — disse ela.

— Ele saiu com o cão. Não devia sair sozinho, principalmente levando Bertie, porque o cão é muito novo e esbarra na bengala dele. Ela se levantou da mesa e começou a tirar o avental. — É melhor a gente ir procurá-lo, antes que a senhora Ballantyne volte.

— Não. Não... A senhora fica aqui e cuida da casa. Eu vou chamar Thom para ajudar.

Sabine, já com o peito apertado de medo, correu até o pátio olhando por cima das portas dos estábulos e chamando o nome dele.

Thom, com um sanduíche nas mãos, colocou a cabeça para fora do compartimento onde ficavam as selas e arreios. Por trás dele, dava para ouvir o rádio e ver a silhueta das figuras sentadas de Liam e John— John, que liam um jornal sobre turfe.

— Onde é o incêndio? — perguntou ele.

— E... É o velho. Não consigo encontrá-lo.

— Como assim, não consegue encontrá-lo?

— Ele devia estar no quarto dele, dormindo. A senhora H acha que ele deve ter saído com o Bertie, e ela falou que ele sempre o derruba. Você me ajuda a encontrá-lo?

Thom xingou baixinho, os olhos já olhando para longe, em volta.

— Não toquem no meu almoço, ouviram, seus espertinhos? — murmurou ele, e então pegou o casaco e saiu depressa para o pátio.

— Desculpe, Thom, eu sinto muito. Simplesmente não sei o que fazer. Ele deveria estar em casa.

— Certo — disse ele, franzindo a testa e pensando. — Você vai e verifica na estrada, dos dois lados, e se ele não estiver lá, dê uma olhada nos campos da parte alta. Eu vou olhar nos campos da parte baixa e no pomar, e aproveito para olhar nos celeiros também. Você tem certeza que olhou em todos os lugares da casa? Ele podia estar em algum cantinho, vendo TV

Sabine, agora assustada pela expressão de Thom, sentiu uma fisgada de lágrimas no canto dos olhos.

Olhei em toda parte. E o Bertie sumiu, também. Ele deve ter levado o cão junto.

Jesus, para onde será que aquele velho tolo foi? Olhe, leve Bella com você. E fique chamando pelo Bertie. Se o velho levou um tombo, há a esperança de que o cachorro possa nos levar até onde ele está. Encontro-me com você aqui, de volta, em vinte minutos. E tome, leve esta trombeta de caça com você. Se conseguir encontrá-lo, dê uma boa soprada nela. — Entregou a trombeta a Sabine, se virou, saltou por cima da cerca e correu em direção aos campos de baixo, que eram rodeados por cercas altas.

Sabine, com Bella pulando alegremente atrás dela, correu até os portões da frente, e andou pela estrada, nas duas direções, chamando pelo avô o tempo todo. Sem ter certeza de até onde devia ir antes de voltar, correu até sentir o peito doer, além da grande fazenda na curva, depois da pequena igreja e uma fileira de chalés. Estava caindo uma garoa, e as nuvens estavam ficando mais cinzentas e pesadas acima dela, como se anunciando alguma terrível maldição. Com a cabeça cheia de imagens desagradáveis do velho jogado, todo machucado, em algum monte na beira da estrada, e sem saber que horas eram, ela decidiu voltar para verificar nos campos da parte alta.

— Onde está você, seu velho chato? — ela sussurrava. — Onde está você?

Então deu um pulo, sentindo o coração quase parar, quando uma imensa cobertura de plástico verde, que estava no meio da sebe, começou a se mover na direção dela.

Bella parou com as pernas esticadas, alguns passos à frente de Sabine, com os pêlos do cangote arrepiados. Latiu uma vez, como alerta. Com o coração disparado e os olhos arregalados, Sabine ficou parada no meio da estrada e então, respirando fundo, chegou mais perto e levantou uma ponta do plástico.

Se não estivesse tão tensa, Sabine teria caído na gargalhada. Debaixo da imensa capa plástica estava um burro cinza, atrelado a uma carroça. Ele abriu os olhos rapidamente, só para mostrar que notara a presença dela, e então voltou, resignado, em direção à relativa proteção da sebe.

Sabine deixou cair a ponta do imenso plástico novamente sobre o animal, e começou a correr de novo, os olhos olhando para a direita e para a esquerda. Não havia nada. Nenhum sinal dele. Além do martelar do seu coração, do som de seus ténis batendo no chão e o fino silvo da chuva em suas orelhas, ela não ouvia nenhum latido de boas-vindas, nenhum resmungo com sotaque aristocrático, nenhuma trombeta de caça.

Sabine, agora devidamente apavorada, começou a chorar.

Ele estava morto, obviamente. Todos iriam culpá-la, pensou, tropeçando enquanto corria morro abaixo. Ele seria encontrado frio e úmido, provavelmente com seus ossos quebrados, esfarelados, no lugar onde Bertie o derrubara, sobre o piso de concreto; ele ia pegar pneumonia e então seu coração ia desistir de bater. E tudo isso seria culpa dela, que estivera muito ocupada, lendo livros sujos e sendo abelhuda. Sua avó ia ficar ainda mais zangada do que da vez em que ela deixara Duke escapar. Thom jamais ia querer conversar com ela de

novo. Sua mãe ia se recusar a levá-la de volta, por ter praticamente assassinado o pai dela, e então ela ia ficar presa ali, com os habitantes da aldeia olhando e apontando em silêncio para ela, como no filme Amargo pesadelo, e ela ficaria conhecida como A Garota que Matou o Próprio Avô.

Sabine não se lembrara de colocar as botas e, descendo pelo pasto encharcado, seus pés começaram a ficar empapados de lama. Viscosa e marrom, o lodo subia por cima dos ténis, que inchavam e esvaziavam a cada passo, impregnando os pés com a umidade gélida. Há uma semana, ela teria ficado histérica com o estado do par de ténis Reebok novinho em folha, mas naquele momento ela estava se sentindo tão infeliz que nem reparou. Percebendo que já fazia mais de meia hora desde que saíra, começou a soluçar alto, limpando o nariz que escorria com as costas da mão.

Foi nesse momento que Bella, também encharcada e triste, começou a correr de volta na direção da casa.

— Não vá me abandonar aqui, você também! — berrou Sabine, mas Bella a ignorou, aparentemente determinada a voltar para o abrigo e o conforto de um fogão Aga bem quentinho. Sabine não sabia mais onde procurar. Teria de perguntar a Thom. Foi caminhando com dificuldade morro acima, atrás da cadela, sem saber o que ia dizer à senhora H, embora estivesse certa de que ia levar a culpa.

No momento em que chegou em casa, Bella já desaparecera. Sabine, afastando os cabelos molhados da frente dos olhos e tentando manter seus choramingos sob controle, abriu a tranca da porta de trás e a empurrou, ouvindo, ao fazer isso, som de passos sobre o cascalho, atrás dela.

Era Thom, com os cabelos empastados sobre a cabeça, e o braço falso segurando outra trombeta de caça, que pendia meio desengonçada do seu peito. Ela já ia começar a se desculpar quando notou que ele estava olhando para alguma coisa que vinha atrás dela.

— Você está atrasada — disse uma voz, do fundo do corredor. Esperando um momento para se acostumar com o escuro, Sabine olhou para o fundo da passagem com piso de lajotas, que ia dar na sala. Conseguiu apenas perceber uma silhueta com costas curvadas, a terceira perna representada pela bengala e dois cães da cor de chocolate, rosnando um para o outro, em um cumprimento alegre.

— O almoço era há uma hora — continuou a voz. — Uma hora! A comida já está ficando fria. Não sei por que preciso lhe explicar tudo isso, novamente.

Sabine ficou parada no portal, boquiaberta, assaltada por emoções conflitantes.

— Ele voltou há coisa de cinco minutos — murmurou Thom, por trás dela. — A gente deve ter se desencontrado dele, pelo caminho.

— Bem, vamos, entre logo, entre logo. Você não pode se sentar à mesa desse jeito — ralhou o avô. — Vai ter que trocar os sapatos.

— O velho canalha — sussurrou Sabine, com os olhos cheios de lágrimas, e sentiu a mão boa de Thom apertar o seu ombro, solidária.

A senhora H, encostada na porta da cozinha, pediu desculpas, fazendo sinais com a boca, e encolheu os ombros, sem saber o que dizer.

— Quer que eu pegue uma roupa seca para o senhor, senhor Ballantyne? — perguntou ela, mas foi rejeitada com um irritado abanar de mãos. Enfiou-se de volta na cozinha, na mesma hora.

Seu avô se virou, rígido, em direção à escada, sacudindo a água do chapéu com a mão livre. Os cães passaram correndo por ele, que, desequilibrando-se por um instante, jogou o peso do corpo sobre o braço magro, a fim de alcançar o corrimão.

— Não devia ter que lhe repetir isso novamente — e murmurou alguma coisa para si mesmo, enquanto balançava a cabeça que quase não s e via, acima d a curva exagerada dos ombros. — Senhora H, se a senhora quiser ter a gentileza de me servir o almoço. Parece que a minha neta prefere comer no corredor.

Foi logo depois do chá que Sabine resolveu contar todo o dinheiro que a sua mãe havia lhe dado, para ver se sobrara o bastante para levá-la de volta à Inglaterra. Sua mãe não ia gostar daquilo, mas Sabine achava que morar com ela e o detestável Justin não poderia ser pior do que ficar ali. Não dava para aguentar. Mesmo quando ela tentava fazer a coisa certa, eles agiam como se ela tivesse feito algo errado, de propósito. Nem mesmo se importavam com ela. Tudo o que lhes interessava era a porcaria daqueles cavalos, e suas regras rígidas e idiotas. Se ela fosse encontrada caída na cozinha com um machado enterrado na cabeça, era capaz de eles ralharem com ela, por estar trazendo ferramentas para dentro de casa.

Estava procurando no envelope da passagem, para ver se encontrava o telefone das barcas, a fim de reservar uma passagem, quando ouviu uma batidinha leve na porta.

Era a senhora H.

— Por que não vai até a casa de Annie comigo, esta noite? Sua avó falou que, por ela, está tudo bem, e vai ser bom para você, estar um pouco entre pessoas mais jovens.

— O que ela queria dizer é que era melhor que ela desse um sossego aos avós, e eles a ela. Mas Sabine não se importava. Qualquer coisa seria melhor do que passar outra noite em companhia deles.

Annie era a única filha da senhora H. Ela morava na grande casa de fazenda um pouco acima da estrada, na direção da aldeia. Dirigia uma pousada em companhia do marido, Patrick, um homem mais velho do que ela, que escrevia livros. ("Eu nunca li nenhum livro dele, não faz o meu género", tinha dito a senhora H, "mas já me disseram que são muito bons. Coisa para intelectuais, entende?") A competência de Annie como dona de pousada não era tão garantida. A pequena hospedaria era lendária, segundo Thom, por jamais ter mantido um hóspede por mais de uma noite. Pelo que diziam, Annie se esquecia de preparar algumas coisas para os hóspedes. Como café da manhã, por exemplo. Às vezes, se esquecia por completo que estava com hóspedes. E alguns deles reclamavam do hábito que ela possuía de ficar circulando em volta da casa às primeiras horas da manhã. Só que nem Thom nem a senhora H haviam explicado isso com mais detalhes.

— Ela não é muito mais velha do que você. Tem vinte e sete anos. Quantos anos, mesmo, você tem? Ah, bem, ela é um pouquinho mais velha, mas você vai gostar dela.

Todo mundo gosta. Apenas, não ligue muito se a achar um pouco... Bem, um pouco distraída.

Sabine, caminhando lentamente pela estrada molhada e escura com a senhora H, ambas encolhidas sob um guarda-chuva muito velho, estava curiosa, imaginando alguém com o tipo de Maud Gonne, com cabelos ruivos rebeldes e saias rodadas, colocando de lado brigas domésticas com um leve e artístico agitar do punho. Os hábitos excêntricos de Annie pareciam estar a milhões de quilómetros da rotina da casa em Kilcarrion. Uma mulher que se esquecia de preparar o café da manhã não tinha muito a ver com jantares formais, não é? E um marido escritor não lhe parecia que só ia querer conversar sobre cavalos. Era possível que ela conseguisse relaxar naquela noite, brilhar e se mostrar especial, na companhia de pessoas admiráveis. Talvez assistir a um pouco de TV Quem sabe Annie tivesse até uma antena parabólica? Muitas casas irlandesas tinham. E, além do mais, a senhora H lhe disse que Thom ia aparecer por lá, mais tarde.

Ele fazia sempre isso, pelo jeito, apenas para ver como Annie "estava passando".

Mas a Annie que abriu a porta não era nem de perto a figura excêntrica que Sabine imaginara. Era uma mulher baixa, usando uma blusa larga demais para ela, cabelos castanhos lisos, na altura dos ombros, lábios cheios, e olhos grandes e tristes. Eles se apertaram, tentando formar um cumprimento, enquanto ela estendia a mão, não para apertar a de Sabine, mas para puxá-la delicadamente para dentro de casa. Ela também, Sabine notou com tristeza, estava usando calças jeans de qualidade inferior.

— Sabine. Como vai? Foi tão bom você ter vindo. Oi, mamãe. Trouxe o bacon?

— Trouxe. Vou colocar na geladeira.

Não havia saguão: as pessoas entravam direto na sala de estar, da qual quase uma parede inteira estava tomada por uma velha lareira de pedra, com uma tora de lenha queimando intensamente. Dois sofás azuis compridos, muito usados, estavam colocados e m ângulo reto com a lareira, e uma mesinha de café estava entre eles, entulhada com pilhas de revistas e livros precariamente amontoados. Agora que ela estava olhando com mais atenção, havia livros em toda parte. Eles se alinhavam em prateleiras arqueadas e s e empilhavam debaixo de bancos e mesas, e m montes irregulares.

— Estes livros todos são de Patrick — explicou Annie, falando da cozinha, que ficava nos fundos da sala. — Ele adora ler.

— Annie? O que preparou para o jantar? — A senhora H fechou a geladeira e olhou em volta, como se esperasse ver alguma panela borbulhando sobre o fogão.

Annie esfregou a testa, franzindo as sobrancelhas.

— Ah, mamãe, desculpe. Isso nem me passou pela cabeça. Podemos colocar alguma coisa no micro-ondas, rapidinho.

— De jeito nenhum — disse a senhora H, ofendida. — Não quero que Sabine volte para a casa-grande dizendo que nem lhe oferecemos o que comer, direito.

— Eu jamais diria isso — replicou Sabine, que não se importava de verdade. — Eu não estou mesmo com muita fome.

— Uma garota magrinha como você. N a verdade, olhem s ó para a s duas. Um cachorro de açougue é mais gordo do que vocês. Annie, sente-se aí e converse um pouco com Sabine, enquanto eu preparo uns bifes. Deixei alguns no freezer, há umas duas semanas.

— Eu... Eu não sou muito de comer carne — arriscou Sabine.

— Não, não. Eu me esqueci, é claro que não. Bem, então, você pode comer os vegetais. E vou lhe preparar um sanduíche de queijo, para acompanhar. Que tal?

Annie sorriu para Sabine com um ar de cumplicidade e estendeu a mão para que ela se sentasse. Ela não era de falar muito, mas tinha um jeito de levar as pessoas a fazer confidências, e em pouco tempo Sabine s e viu descarregando-se das muitas injustiças e momentos infelizes aos quais ela estava sujeita na casa de Kilcarrion.

Contou a Annie a respeito das infindáveis regras e regulamentos, e como era completamente impossível se lembrar de todos eles. Contou como era ridiculamente difícil se comunicar com os avós, e como eles eram irremediavelmente antiquados.

Contou a Annie como ela se sentia estranha no meio de todas aquelas pessoas com obsessão por cavalos, e o quanto ela sentia falta dos amigos, da televisão, da própria casa e das coisas dela, como os CDs e o computador. Annie simplesmente ouvia tudo e concordava, com ar compreensivo, e depois de algum tempo, Sabine suspeitou que ela já tinha ouvido muitas daquelas histórias pela senhora H. Isso só serviu para aumentar o seu sentimento de vítima. Porque era isso o que ela devia ser, avaliou, se as pessoas estavam todas conversando a respeito dela com um tom de pena.

— E por que a sua mãe não está aqui com você, Sabine? Ela está trabalhando?

Sabine parou de falar de repente, sem saber ao certo o quanto devia contar. Eles pareciam pessoas boas, mas ela mal os conhecia, e sentiu que devia um pouco de lealdade à sua mãe.

— Sim — mentiu. — Ela queria vir comigo, mas estava muito ocupada.

— O que ela anda fazendo, agora? — perguntou a senhora H. — Já faz tanto tempo que eu não a vejo!

— Ela escreve. — E fez uma pausa. — Não escreve livros nem nada desse tipo, apenas artigos para jornais. A respeito de famílias.

— Sobre famílias antigas? — A senhora H enfiou uma bandeja de comida no forno.

— Na verdade, não. Sobre vida familiar, de um modo geral. Problemas e coisas assim.

— Isso me parece muito útil — disse a senhora H.

— Você deve sentir saudades dela — disse Annie.

— Como disse?

— Da sua mãe. Você deve sentir saudades. Ela estando assim tão longe e tudo o mais.

— Sinto, um pouco — Sabine hesitou e então completou, corajosa.

— Nós duas não somos assim tão chegadas, na verdade.

— Mas ela é a sua mãe. Vocês deviam ser chegadas. — E de repente, inexplicavelmente, os olhos de Annie se encheram de lágrimas.

Sabine ficou olhando para ela, horrorizada, tentando descobrir o que será que dissera para provocar aquilo. A senhora H, olhando fixamente para a filha, disse: — Sabine, eu encontrei um pouco de peixe, aqui no freezer. Se você quiser, eu posso prepará-lo, em um molho de manteiga. Talvez você possa me ajudar a descongelá-lo, no micro-ondas. Annie, meu amor, por que não vai até a sala para chamar o Patrick e avisá-lo de que vamos comer em vinte minutos?

Sabine se levantou, devagar, tentando não olhar muito ostensivamente para Annie, e foi em direção à cozinha.

Annie ficou muito quieta por mais de meia hora, depois disso. Quase não conversou durante o jantar, e o seu marido também falou muito pouco, então ficou por conta da senhora H e de Sabine, que estava se sentindo um pouco desanimada, a tarefa de continuar a conversa. Patrick não era o tipo de escritor que ela imaginara, não era magro e não tinha a aparência torturada, mas sim um homem grande, com peito estufado e aparência quase vulgar, com vincos profundos na testa e nos cantos da boca.

Mas era gentil e solícito, e tinha aquele ar silencioso de pessoa inteligente que deixava Sabine intimidada, falando pouco e achando que quase tudo o que dizia soava banal ou tolo.

— O seu jantar está bom, Patrick? Eu fiz tudo assim, meio na correria.

— Está ótimo, mãe — respondeu ele. — O carneiro está uma delícia. Sabine, que se pegou olhando fixamente para Annie, estava achando difícil imaginar os dois juntos. Ele era tão grande e com aparência rústica, enquanto ela tinha uma cara lambida, sem substância, como se algum vento de melancolia pudesse carregá-la para longe, a qualquer momento. E, no entanto, ele obviamente a adorava; embora falasse pouco, Sabine notou que ele tocou o braço dela duas vezes, e uma vez esfregou as costas, fazendo carinhos lentos e suaves.

Vocês estão esperando algum hóspede neste fim de semana? — perguntou a senhora H, pegando uma das costeletas com o garfo e a faca e colocando-a no prato de Patrick, que já estava cheio.

Patrick olhou para Annie, e depois novamente para a sogra.

— Não, acho que não temos nenhuma reserva. Até pensei em ir com Annie até Galway, só para mudar de ares.

— Galway! — exclamou a senhora H. — Fica em Lough Inagh, eu conheço, é um lugar lindo! Eu e seu pai costumávamos ir para lá nas férias, quando você era pequena, Annie. O tempo estava sempre horrível, não sei por quê, mas você adorava. Compramos umas botas de borracha com detalhes cintilantes, lembra? Você ficava correndo com elas na chuva, o tempo todo.

Annie não levantou o rosto.

Perdida por um instante nos momentos felizes do passado, a senhora H continuou: — Uma noite, você até mesmo quis dormir com elas, de tanto que adorava aquelas botas. Quando foi de manhã, sua cama estava tão cheia de areia que eu tive de sacudir os lençóis para fora da janela! Uma gracinha. Você tinha só três anos.

Annie lançou um olhar frio para a mãe, que parou de falar na mesma hora. Por alguns minutos, tudo o que se ouviu foram os estalidos e chiados da lareira, e o tamborilar distante da chuva no peitoril da janela. Sabine, observando tudo, olhou de volta para Annie, tentando descobrir o que a senhora H tinha dito de tão errado. Mas ela simplesmente olhou para baixo de novo e empurrou o prato quase cheio em direção ao centro da mesa. Curiosamente, a senhora H não pareceu se importar com aquilo. Ficou apenas esperando até ter certeza de que todos já tinham acabado de comer e começou então recolher os pratos.

Não daquele jeito brusco, do tipo estou-fazendo-isso-só-para-provar-que-estou-certa, como sua mãe costumava agir quando Sabine fazia alguma grosseria com ela. Ela não pareceu se ofender, realmente, como se tudo o que havia a considerar fosse o destino dos pratos.

— Não precisa ser e m Galway — disse Patrick, carinhosamente, n o ouvido da mulher. — Podíamos ir a Dublin. Um passeio na cidade grande. Há muita diversão por lá, nesta época.

Houve uma pequena pausa.

— Talvez outra hora qualquer, está bem? — Annie deu um tapinha no braço do marido, se levantou e saiu da sala sem maiores explicações.

A senhora H empurrou a própria cadeira para trás e se virou na direção da cozinha.

— E agora, Sabine, você vai querer um pouco de pudim, não vai? Temos torta de maçã, também, que eu posso aquecer no micro-ondas, ou talvez um pouco de sorvete de chocolate. Aposto que você não vai recusar um pouco de sorvete, não é verdade?

Ela não deu tempo de Sabine tentar descobrir o que estava havendo. Patrick, com um beijo carinhoso no rosto da sogra, também saiu da sala, mas fez que sim com a cabeça quando perguntado se queria pudim, o que deixou no ar a ideia de que ele ia voltar logo. Foi nesse exato momento de perplexidade que a porta se abriu e Thom entrou, com o vento soprando forte por trás dele e a sua capa brilhante por causa da chuva. Sabine quase correu para cumprimentá-lo; estava começando a se sentir pouco à vontade.

— Perdi o jantar? Um dos estábulos estava cheio de goteiras, então eu achei que devia tentar cobrir o telhado com uma lona, antes de sair. O tempo está horrível, lá fora — informou ele.

— Sente-se aqui, meu amor, sente-se. Coloque a capa em cima daquela cadeira. Eu deixei o seu jantar n o forno. Costeletas de carneiro, isso está bom para você? — A atmosfera d a sala imediatamente ficou mais relaxada e leve, tanto que Sabine se recostou na cadeira. Thom sempre parecia aliviar a tensão dos lugares. Ela sorriu para ele, e ele sorriu de volta.

— Conseguiu ver um pouco de TV, afinal, Sabine? Sabine olhou para a senhora H.

— Eu não vim aqui só para assistir à TV Eu queria conhecer... todo mundo.

Ora, tinha alguma coisa na TV a que você queria assistir, meu amor? Para ser franca, com a correria do jantar e tudo o mais, eu nem pensei nisso.

Bem, vamos deixá-la ligada, agora, enquanto comemos o nosso pudim, que tal? Deve estar passando algum filme, não é?

E se sentaram juntas, trocando de canais à procura de alguma coisa, de modo muito amigável, enquanto Thom devorava a comida. Ele comeu com voracidade, com a cabeça baixa, o garfo e a faca trabalhando em conjunto, com rapidez, para levar a comida à boca; o jeito de comer que se via em membros de famílias grandes, que não queriam perder a chance de comer o último pedaço. A senhora H balançava a cabeça diante disso e sorria com silenciosa satisfação. Era evidente que gostava muito do sobrinho, e olhava para ele como se fosse um filho favorito. Sabine, observando tudo isso na sala aquecida, com o estômago cheio e o distante ribombar do vento e da chuva do lado de fora, sentiu uma fisgada de pena pelo fato de que a casa da sua avó não conseguia dar aquela sensação de calor humano e aconchego que ela sentia ali. Ela nem conhecia aquelas pessoas, e já se sentia triste por ter que voltar para a mansão Kilcarrion.

Olhou para cima no momento em que Annie voltava para a sala, sorrindo. Patrick estava ao seu lado, parecendo um pouco tenso.

— Oi, gato — cumprimentou Annie, despenteando o cabelo de Thom. — Como vai o meu primo favorito? Você está parecendo um rato afogado.

— Se der uma olhada lá fora — disse Thom, esticando o braço e apertando a mão dela —, vai ver que o culpado é o tempo que está fazendo.

Ainda sorrindo, Annie se sentou de volta à mesa. Patrick se sentou ao seu lado, olhando para o rosto da esposa, atentamente. Nem tocou no pudim.

— Por onde você andou durante toda essa semana? — Annie perguntou a Thom. — Não vi nem sinal de você.

— Andei por aí — respondeu ele. — Nessa época do ano há muito trabalho.

Estamos preparando os cavalos para o início da temporada. E por aqui, vai tudo bem, Patrick?

— Você e os seus cavalos — continuou Annie. — Devia arrumar uma namorada, Thom, cuidar um pouco dos seus interesses. O que aconteceu com aquela garota do restaurante? Ela era legal.

— Não era o meu tipo — respondeu Thom, sem levantar os olhos da comida.

— E qual é o seu tipo?

— Ela é que não é.

A senhora H, secando a pia na cozinha, soltou uma gargalhada.

— Você já devia saber, Annie. Não se consegue arrancar nada de Thom, ele não conta coisa alguma. Podia ter mulher e seis filhos em casa, e o resto da sua própria família não ia saber nada sobre ele. Sabine, você já encontrou um sujeito assim?

Sabine sentiu que ficou com o rosto todo vermelho. Para seu alívio, ninguém percebeu.

— Seu problema é escolher demais — disse Annie, brincando com o sorvete derretido no fundo da tigela.

— Provavelmente.

A senhora H olhou para a filha algumas vezes, mas não fez comentários sobre a sua rápida ausência da conversa. Continuou lavando a louça, dispensando a ajuda pouco entusiasmada que Sabine ofereceu.

— Não, não, fique sentadinha aí. Você é a convidada.

— Ora, não fale assim, mamãe. Vai fazê-la se sentir como um daqueles que vêm pousar.

Sabine olhou para Thom, sem entender.

— Pousar... Os clientes que vêm para ficar na pousada — explicou Patrick. — Nossos hóspedes.

— Ora, eu pensei que eles eram prisioneiros — disse Thom. Você não está me dizendo que ainda por cima cobra alguma coisa deles, está?

— Você não é uma convidada nem hóspede — disse Annie, ignorando o gracejo de Thom e colocando a mão no braço de Sabine. — Você é uma Ballantyne, portanto, é praticamente da família. E é sempre bem-vinda, a qualquer hora. Eu bem que preciso de companhia. — Seu sorriso era genuinamente caloroso. A senhora H fez que sim com a cabeça, como que confirmando o que Annie dissera.

Quer uma xícara de chá, Patrick? Posso levar até lá, se você estiver trabalhando.

Não, obrigado, mamãe. Estou bem, tomando o meu vinho.

Thom, você quer um pouco?

Sabine esticou o braço para pegar a garrafa de vinho e entregar a Thom, mas antes de conseguir completar o gesto, a senhora H colocou na frente dele um copo de suco de laranja, que ele pegou e bebeu na mesma hora, avidamente.

— Eu vou tomar mais um pouco de vinho — disse Annie, olhando em volta da mesa. — Aonde foi parar o meu copo?

— Eu lavei — disse a senhora H.

— Bem, poderia me pegar outro? Vou beber mais um pouco.

— E o livro, como está indo? — perguntou Thom.

— Meio parado, para falar a verdade — Patrick balançou a cabeça.

— Não sei como é que você consegue — comentou a senhora H. Ficar sentado lá sozinho, dia após dia. Eu ia ficar tão entediada que era capaz de enlouquecer. Ninguém, nem uma pessoa para conversar, só aqueles personagens todos na cabeça. Fico surpresa de você não ficar doido com isso... Bem, minha gente, já acabei tudo por aqui.

Vou para casa, já está na hora. Seu pai foi para o clube, e eu quero estar em casa quando ele chegar.

— Vai se encontrar com o seu rapagão, hein mamãe? — Patrick se levantou e segurou o casaco para ela. — Não se preocupe, a gente não conta para ninguém.

— Ela gosta de estar em casa para recebê-lo, quando ele volta da rua — disse Thom, balançando a cabeça com ar de descrença.

— Se eu gosto de receber o meu marido quando ele volta para casa, ninguém tem nada com isso, é só da nossa conta — disse ela, ligeiramente ruborizada.

— E d a conta dos vizinhos, também — disse Patrick, sorrindo e olhando para Thom. — Pobrezinhos!

— Você é um patife, Patrick Connolly — reagiu a senhora H, agora vermelha como um pimentão. — Alguém pode levar Sabine para casa? Não quero que ela vá andando pela estrada sozinha, no escuro.

— Mas é perto, são pouco mais de cem metros de distância. Eu vou bem, é sério — replicou Sabine, irritada com a leve sugestão de que era muito criança.

— Não se preocupe — respondeu Thom. — Vamos colocá-la para fora quando estiver na hora de fecharmos.

— Obrigada por preparar o jantar, mamãe — disse Annie, acompanhando a mãe até a porta e beijando-a. Ela estava sorrindo o tempo todo, agora, um sorriso suave e generoso, embora ele não se estendesse até os olhos. Indo atrás dela, Patrick a beijou com ternura, e então subiu lentamente as escadas. Ela deu um tapinha de leve nele, em resposta, como se faz com uma criança.

Enquanto Sabine olhava, Annie fechou a porta, depois de a mãe sair, e a seguir ficou parada no centro da sala, como se não soubesse ao certo onde se colocar. Depois de alguns segundos, foi até o sofá e se atirou lá, levantando as pernas e colocando os joelhos embaixo do queixo.

— Muito bem, Sabine, por que você não procura um filme para assistir na TV ou algo assim? — disse ela, parecendo, de repente, desesperadamente exausta. — E vocês dois, fiquem batendo papo. Espero que não se incomodem, mas eu acho que vou desmontar, aqui no sofá. Chega de conversar, por hoje.

— Sua amiga, Melissa, telefonou. Queria saber se você ia à festa dela, no dia quinze. Eu disse que não sabia se você já estaria de volta ou não, antes desse dia.

— Ah...

— E Goebbels vomitou no seu quarto, mas já mandei o tapete para a lavanderia, e eles acham que não vai ficar manchado.

— E ele está melhor?

— Está ótimo. É que a ração de gato acabou, e ele devorou uma lata inteira de atum.

— Você não devia dar atum em lata para ele.

Eu sei, querida, mas a vendinha da esquina já estava fechada, e eu não pude aguentar, vendo-o tão esfomeado. Ele se dá bem com atum, desde que não coma tão depressa.

Sabine telefonara para a mãe na véspera com a intenção de implorar para que ela lhe mandasse algum dinheiro para voltar para casa. Tinha pensado em lhe dizer que a amava, que estava arrependida de ser tão desagradável, e que tudo ficaria melhor se ela pelo menos pudesse voltar para casa, porque sabia, e tinha certeza de que sua mãe ia compreender, que ela não aguentava ficar presa ali nem mais um minuto.

Só que elas já estavam ao telefone há uns sete minutos, e sua mãe estava evidentemente um pouco confusa, sem entender o que Sabine queria quando lhe deixara um recado "urgente" para que ligasse para ela. E Sabine, simplesmente, não conseguia encontrar as palavras. Queria voltar para casa, queria de verdade, mas de certo modo aquilo lhe parecia menos urgente agora, depois da noite anterior na casa de Annie. E ela descobriu que ainda estava, bem no fundo, furiosa por causa da história de Geoff e Justin. E era tão difícil para ela se mostrar muito melosa com a mãe. Kate ficou toda emotiva, e disse um monte de coisas para a filha, de forma que Sabine acabou se arrependendo de ter falado muito e se sentindo ligeiramente irritada, como se tivesse baixado a guarda demais. Sua mãe não conseguia, simplesmente, deixar as coisas como estavam.

— E então... O que está planejando fazer, filha? A vovó já levou você para cavalgar?

— Não. E eu também não vou.

— E o que tem feito então, por aí?

Sabine pensou na caixa de fotografias, que tornara a vasculhar naquela manhã enquanto a avó foi às compras, e se lembrou das que encontrara e que mostravam a sua mãe, bem novinha, ao lado do menino chinês. Pensou na casa de Annie, e de como ela simplesmente caíra no sono na frente dela, na noite anterior, de forma abrupta, como se não ligasse a mínima para o que as pessoas pudessem achar disso. Lembrou-se de Thom no momento em que ele perguntara, um pouco sem graça, o que é que a mãe de Sabine andava fazendo.

— Nada — respondeu à mãe.

Três

GOEBBELS, O GATO, ESTAVA SENTADO sobre o batente do portão, como se fosse uma sentinela de pedra, e o seu pêlo ligeiramente arrepiado servia de indicador da temperatura gélida que fazia lá fora. Do outro lado da rua, o senhor Ogonye consertava o carro, como sempre fazia, enfiando-se com determinação debaixo do capo, como um domador de circo que colocava a cabeça dentro da boca do leão, para a seguir trazê-la novamente para fora, limpando as mãos em um pano, com ar de lamento, como se estivesse arranjando coragem para fazer tudo de novo. Entre as latas de lixo, a maioria largada junto do meio-fio, esquecida desde a coleta do caminhão pela manhã, dois sacos barulhentos de plástico se perseguiam, voando em círculos agitados.

Você já se perguntou se você e o seu filho estão falando a mesma língua? Bem, de acordo com uma pesquisa realizada na Suíça, pode ser que não.

Em um relatório que deve arrancar comentários do tipo "eu já imaginava", pelos lares de toda a Europa, os psicólogos sociais da Universidade de Genebra descobriram que o que os pais falam e o que os filhos ouvem, às vezes, são duas coisas diferentes.

Agnes, vestindo um leve casaquinho azul e caminhando devagar empurrando o seu novo carrinho de compras em alumínio, parou e falou com ele, ao passar. O senhor Ogonye encolheu os ombros com ar triste, apontando para o motor. Enquanto falavam, o ar frio se solidificava diante deles em pequenas nuvens em forma de cogumelos, como se fossem balões de histórias em quadrinhos à espera de letras para preenchê-los.

"Os pais raramente se colocam no lugar de seus filhos", diz o professor Friedrich Ansbulger, que chefiou o estudo de duas mil famílias. "No entanto, se o fizessem, iriam compreender por que motivo as crianças desprezam completamente seus conselhos.

Não se trata, necessariamente, de desobediência. Simplesmente as palavras não combinam com o seu senso alternativo de lógica."

Kate suspirou e se obrigou a olhar de volta para o computador. Levara quase uma hora para escrever três parágrafos e, naquele ritmo, ia ganhar um salário que deixaria chocado um operário de Bangladesh.

Não era difícil, para uma mulher com a sua imaginação, descobrir os motivos para a sua incapacidade de trabalhar dos últimos dias. Para começar, o ambiente estava silencioso demais. Apesar de Sabine raras vezes parar em casa, Kate achava tudo à sua volta curiosamente sem vida, pois sabia que a porta da frente não ia bater a qualquer momento, que ela não ia ouvir o ruído familiar dos passos subindo a escada e a porta do quarto que se fechava, seguida pelo som abafado de alguma banda de rock com batida compassada e inaudível. E, apenas de vez em quando, um "oi" murmurado.

Além do mais, havia o aquecimento central, cujo defeito a deixara toda enrolada em camadas de panos, como uma mendiga, e diante do qual o bombeiro havia balançado a cabeça com um olhar de pena e resignação, não muito diferente do próprio senhor Ogonye, prometendo voltar com a peça certa para o conserto. Isso já tinha três dias.

E havia aquele artigo idiota que se recusava, teimosamente, a escrever-se sozinho.

Em um dia bom, Kate conseguia produzir dois artigos, com oitocentas palavras cada, antes do almoço. Aquele não era um desses dias: os contatos não deram retorno e as palavras se arrastavam de modo esquisito pelas páginas. Os níveis de motivação de Kate afundaram, soterrados por sua auto piedade.

Porque aquela era a primeira semana, em toda a sua vida adulta, em que ela estava propriamente sozinha. Sabine sempre estivera por ali, e quando estava fora, em excursões da escola ou na casa de amigos, havia Geoff e, antes dele, Jim. Ela sempre soube que ia haver alguém no fim da tarde para dividir com ela um prato de macarronada, uma garrafa de vinho e refletir sobre os acontecimentos do dia. Agora, Geoff se fora, Justin estava fora, em uma viagem de trabalho sem prazo para voltar, e Sabine estava na Irlanda, pelo jeito decidida a conversar com ela tão pouco quanto possível. E tudo isso era culpa dela mesma.

Pela enésima vez tentou não pensar em como Geoff teria resolvido o problema do aquecimento central em questão de horas. Ele sempre fora prático. Tinha números de telefone que reuniam trabalhadores e operários confiáveis que ele já conhecia há anos, e em geral ligava primeiro para eles, como se fosse um favor, e lhes oferecia um generoso "drinque",

como ele curiosamente chamava. Quando ele encorajou Kate, da primeira vez, a oferecer um "drinque" ao eletricista, ela lhe preparara uma xícara de chá de ervas, e os dois homens tinham sorrido um para o outro de forma deplorável, e depois caíram na risada, dando tapinhas nas costas um do outro, como se dissessem "nós, homens, nos entendemos". Na época, ela odiara aquilo, considerando a cena como prova de ingenuidade, de sua parte. Agora, em uma casa congelante e analisando os fatos em perspectiva, achava a história cativante. Mas não podia ligar para Geoff para pedir ajuda. Nem a Justin, pois ele a avisara, com ar de lamento, de que "não gostava de cuidar da casa".

Na verdade, após três meses de relacionamento, havia um número cada vez maior de coisas das quais Justin "não gostava". Ele não gostava de telefonar todas as noites quando estava fora. ("Olhe, amorzinho, nem sempre é possível. Meu celular fica com a bateria descarregada, e quando trabalhamos até mais tarde ou estamos em uma área fora de alcance, a última coisa que dá para fazer é ficar catando um orelhão.") Ele não gostava de morar junto. ("Adoro o que nós temos. Não quero estragar tudo. E tenho certeza de que morar junto ia acabar provocando isso.") E não gostava de fazer planos. ("Você é a mulher mais fantástica que eu já encontrei.

Quero ficar junto de você, mais do que jamais quis com qualquer outra pessoa. E isso vai ter que ser o suficiente, por enquanto.") Kate, olhando para a tela do computador, sem ver nada, procurou se concentrar nas coisas das quais ele gostava, recriminando-se por estar à procura de problemas. Ele a amava, não é? Dizia isso para ela o tempo todo.

Agnes continuava a empurrar o carrinho heroicamente, para frente, indo em direção à esquina, com a cabeça cheia de cabelos brancos colocada sobre o pescoço frágil, como um dente-de-leão na brisa. Devia estar a caminho do café Luis, na rua de cima onde, todos os dias, com incansável regularidade, ela chegava às doze e quarenta e cinco para sua porção de batatas fritas com ovo, acompanhada de chá, enquanto dava uma olhada solitária nos jornais. Depois disso ela ia dependendo do dia, direto para o bingo ou dava uma passada no centro, ou na biblioteca, voltando para casa só depois que ela fechava. Kate levara vários anos morando ao lado de Agnes para descobrir que o estilo de vida admiravelmente sociável de sua vizinha servia apenas para disfarçar a sua incapacidade de manter a sua pequena casa devidamente aquecida. Vamos lá, disse para si mesma, sentindo frio devido à súbita empatia, acabe logo de escrever este artigo, senão você vai ter que ir para a rua, também.

Talvez toda aquela solidão fosse para o seu bem. Geoff vinha naquela noite, para buscar o resto das suas coisas, e depois do desastre que tinha sido o primeiro encontro entre Justin e Geoff, ela não ia suportar vê-los novamente juntos. Já era difícil o bastante ter que ver Geoff sozinho.

Kate continuava sentada ali, olhando para as palavras diante dela, tentando se decidir entre as duas opções pouco atraentes que tinha para fazer à tarde. Então, trocou os óculos pelas lentes de contato, colocou mais uma camada de roupas por cima de si mesma e, sentindo um profundo pressentimento, foi para o centro comunitário.

Dá para trazer aquelas mesas lá, que estão junto da porta? Acho que não vai ter mesa suficiente para todo mundo.

Maggie Cheung estava em pé, enrolada em um casaco acolchoado, no meio da sala do centro comunitário, onde havia inúmeras correntes de ar, e dirigia a movimentação da mobília como se fosse um guarda bêbado dirigindo o trânsito. Suas sobrancelhas se franziam em concentração, ela gesticulava enfaticamente e então, de súbito, mudava de ideia, mandando Kate ou uma das alunas de volta para o outro lado da sala, arrastando as mesas de fórmica ou as cadeiras de plástico, enquanto tentava descobrir a melhor maneira de acomodar todo mundo na sala.

Atrás dela, em um círculo, um grupo de mulheres chinesas idosas batiam papo em idioma cantonês, animadas e descontraídas, às voltas com um jogo que parecia dominó.

Do outro lado da sala, perto dos velhos que bebiam chá de jasmim em copos de plástico, duas mulheres jovens, as duas parecendo tão caladas e infelizes quanto os filhos, ignoravam uma à outra e ao jovem solitário que estava entre elas.

— Não vai haver cadeiras suficientes, não importa a forma como você as arrume — disse Ian, o gerente, após uma rápida explosão de aritmética mental.

— As auxiliares podem comer em pé — disse Maggie.

— Mesmo assim, vai ficar apertado. Era melhor separar em dois grupos. — A expressão abatida e o ar pálido de Ian mostravam as dificuldades de uma vida de compromissos públicos.

— Não, é melhor todo mundo se apertar do que dividir as pessoas — observou Maggie. — Assim, a gente fica mais quentinho.

— Sinto muito pelo problema com o aquecimento — disse Ian, pela quinta vez. — E o corte no orçamento. Temos que economizar para os idosos e as novas mamães, que vêm às terças e sextas.

Kate, já se sentindo mais quente, devido ao movimento, carregou suas duas mesas através da sala e as colocou junto das outras, seguindo as instruções de Maggie, em um arranjo circular, junto da cozinha. Apesar da confiança demonstrada pela outra mulher, ela não via como seria possível todos conseguirem almoçar ao mesmo tempo. Maggie, porém, era insistente: aquela reunião tinha por finalidade criar laços entre os mais velhos e os jovens, os recém-chegados e os veteranos, e não havia motivo para formar um grupo separado, pois isso só ia dividi-los.

Além do mais — dizia ela, com ar alegre —, a nossa cultura é assim mesmo. Todo mundo come junto.

Kate não destacava o fato de que a tal cultura apregoada por Maggie era bem elástica, e incluía idas ao McDonalds com os filhos, revezamentos nos horários de jantar com o marido médico, que trabalhava em turnos irregulares no hospital local, e uma adoração irrestrita por Coronation Street Não valia a pena discutir com Maggie: como um político calejado, ela simplesmente "fingia não ouvir" qualquer coisa que não se encaixasse no seu atual ponto de vista, e alegremente mantinha as suas opiniões, como se jamais tivessem sido questionadas.

— Pronto! Conseguimos! — exclamou, alguns minutos mais tarde.

— E podemos manter as mesas desse jeito, a partir de agora. Já lhe contei que consegui convencer um dos professores da escola Brownleigh para vir até aqui, a fim de ensinar técnicas de leitura e redação? Se aparecer mais algum formulário pedindo benefícios adicionais, acho que eu vou morrer.

— Pois eu, se não conseguir me adaptar ao formulário do senhor "Yip, acho que ele é que vai querer que eu morra — disse Ian. Aquilo era o mais próximo que ele conseguia chegar do humor, e tanto Maggie quanto Kate sorriram, para ser gentis.

— Não me diga que eles o devolveram de novo.

— Pela quarta vez. Eu não me importo, só que sou eu que tenho de preencher tudo.

Se eu, que trabalho no conselho há mais de onze anos, não consigo, como é que ele quer que alguém consiga?

Kate se tornara auxiliar voluntária no Grupo de Apoio aos Orientais de Dalston e Hackney quase um ano antes de Geoff ir embora. Certa noite, quando emergira, piscando os olhos, d o fundo da Revista Americana de Psiquiatria Aplicada, Geoff lamentara as taxas incrivelmente altas de doenças mentais entre os imigrantes, provocadas pelo isolamento, alienação e racismo em suas comunidades urbanas, e comentara sobre o trabalho que Maggie realizava para tentar combater isso. Kate ficara surpresa ao saber do nível de envolvimento de Maggie. Apesar de serem amigas há muitos anos, Maggie e Kate restringiam a conversa a "marido e filhos". Então Geoff trouxe o assunto novamente à baila, em outra noite, quando Maggie e Hamish tinham vindo jantar com eles, e Kate descobriu que a reserva de Maggie em conversar sobre aquele assunto com ela se devia à falta de interesse que ela sentia por parte de Kate.

Apesar disso, Maggie, sem perda de tempo, conseguira arrancar uma fraca promessa de Kate de que ela ia aparecer por lá, para ajudar.

— Não sei e m que e u poderia ser útil — disse Kate, incerta quanto à sua real vontade de participar.

Só que, quando Maggie descobriu que Kate passara os primeiros anos de sua vida em Hong Kong, não houve jeito de escapar.

— Meu Deus, mulher, você conhece a cultura chinesa! — exclamara. — Você é praticamente chinesa. — E ignorou os argumentos de que toda a "cultura" de Kate, a partir dos oito anos de idade, consistira em alguns anos no colégio interno de Shropshire e a vida de interior que levara no sul da Irlanda. — E daí? — Maggie respondeu. — O lugar mais ao oriente que eu vivi é Theydon Bois, aqui na Inglaterra.

Mesmo depois de todos aqueles meses, Kate era de pouca utilidade prática. Ao contrário das outras voluntárias, ela não sabia falar a língua, não sabia cozinhar e não sabia decifrar as exigências kafkianas dos formulários da Previdência Social. Tudo o que podia oferecer era apoio nas aulas de leitura, além da sua presença física. Mas Maggie parecia não se importar. E Kate, na verdade, até mesmo curtia algumas coisas: ao observar o mestre-cuca d o restaurante local, por exemplo, que trabalhava como voluntário e preparava autênticos pratos chineses na pequena cozinha do centro, ou ao notar o modo como as pessoas mais velhas pareciam estar mais próximas e mais animadas do que os seus equivalentes europeus, Kate

acabava apreciando as suas rápidas imersões em um mundo totalmente diferente. Gostava de ver o modo com que Maggie trocava de idioma, passando do inglês para o chinês com uma rapidez impressionante, e o jeito com que ela reunia aquelas pessoas tão diferentes em torno dela, mantendo-as juntas pela simples força de sua personalidade. Além disso, de um modo perverso, trabalhar com o grupo ajudara a aplacar a culpa que sentira por largar Geoff, dando a si mesma uma oportunidade de uma vez por semana, buscar reparação para os seus pecados. Na maior parte do tempo, funcionava.

Achei que você não vinha, hoje — disse Maggie, aparecendo subitamente abaixo do ombro de Kate. Sua pouca altura tornava difícil vê-la de qualquer outro ângulo, apesar de ela gostar tanto de usar saltos altos.

— Quase que eu não vim — admitiu Kate. — Não estava muito a fim.

— Sempre é bom sair um pouco de casa quando a gente está se sentindo infeliz, para ficar bem longe do gás do fogão. Ah, eu esqueci que o seu fogão é elétrico, não é? A gente conversa durante o almoço.

— Não sei se eu vou ficar para o almoço.

— Olhe só para elas! — disse Maggie, sem ouvir o que Kate dissera.

— Aquelas duas deviam estar conversando! — exclamou, puxando Kate para um canto e apontando para uma das mães que estavam caladas. Duas jovens, com dois bebés. É absolutamente ridículo que as duas fiquem ali, em silêncio. Temos que fazê-las conversar. E preste atenção àquela outra ali, temos que fazer com que ela leve o bebé para tomar as vacinas. Ela já está aqui há quase seis meses, e a tola ainda não foi ao Centro de Saúde. — Quatro semanas depois de trazer a moça para a Inglaterra, explicou Maggie, o marido foi embora, dizendo que ia em busca de algum dinheiro. Sem contar uma testemunha não confirmada que o viu em Nottingham, aquela tinha sido a última vez que a mulher soubera dele. Ela conseguiu autorização para continuar no país, mas não tinha emprego, dividia um quarto e não tinha dinheiro suficiente para voltar para casa. — Tudo o que ela precisa é começar a conversar com as pessoas. Abrir-se um pouco. Vá até lá e puxe assunto com ela, Kate, enquanto eu vou ver como está indo o almoço — instruiu Maggie, e foi embora.

Trabalhar no centro comunitário normalmente colocava os problemas pessoais de Kate em perspectiva, mas ela relutara muito em vir, durante toda a manhã: o clima de melancolia provocado pelo silêncio pouco natural de sua casa a deixara, de um modo perverso, com pouca vontade de ter companhia. Sabine, certa vez, lhe contara que os jovens dividiam as garotas de sua turma em "ralos e radiadores". Radiadores eram as garotas populares, que despertavam interesse e entusiasmo, atraindo as pessoas para junto delas, e ralos eram... Bem, ralos eram aquelas que sugavam a atmosfera de um lugar e o alto astral de um ambiente como se fossem aspiradores de pó.

Naquele dia, Kate pensou, ela era, definitivamente, um ralo.

Um ralo que tinha de se transformar em radiador. Arrastando os pés como uma colegial, Kate foi lentamente até a jovem, que estava sentada, meio jogada fora, com seu casaco com capuz, sapatos de plástico e um ar generalizado de infelicidade. Kate não sabia ao certo como

ajudá-la, diante de um desespero tão monumental. E Maggie sabia que a jovem não falava inglês. Com o ar evangélico e autoritário de uma professora de catecismo, ela simplesmente esperava que as pessoas conseguissem atingir os objetivos.

"Os que possuem determinação sempre encontram um meio."

Kate respirou fundo, parou a certa distância da jovem, para dar tempo para que ela percebesse que havia alguém se aproximando, então sorriu e apontou para o bebé.

— Olá — disse ela. — Meu nome é Kate.

A jovem, com os cabelos presos em um rabo-de-cavalo e olheiras que mostravam mais do que o pouco sono comum a mães de bebés, olhou sem expressão para Kate, e então vagou com os olhos em volta da sala à procura de Maggie ou de uma das voluntárias chinesas.

— Kate — repetiu ela, apontando para si mesma e sentindo que estava falando alto demais, como um conquistador imbecil que achava que falar em volume alto ajudava os nativos a compreender a língua.

A garota olhou para ela com os olhos arregalados, à espera. Com um gesto tão sem conteúdo quanto o olhar, balançou a cabeça.

Kate respirou bem fundo. O que deveria fazer? Não possuía aquele talento de colocar as pessoas imediatamente à vontade. Na maior parte do tempo, ela própria se sentia desconfortável. — Meu nome é Kate. Sou ajudante, aqui no centro — disse ela, de forma ineficaz. E então: — Qual é o seu nome?

O silêncio que se seguiu foi interrompido por uma explosão de gargalhadas vinda do outro lado da sala, e o rápido metralhar de peças de dominó que se espalhavam sobre a mesa, com estardalhaço. Os jogadores mais velhos tinham encerrado o jogo. Maggie se movimentava no meio deles, com exclamações e congratulações em chinês, o cabelo preto e liso escondendo o rosto quando ela se inclinou para examinar o tabuleiro.

Kate se virou novamente para a jovem, tentando manter o sorriso no rosto.

— É menino ou menina? — perguntou, indicando a criança, cujo rosto adormecido mal se via por entre as camadas de roupa doada. Menino? — Tentou ela mais uma vez, apontando para o homem sentado ali perto, que olhou para ela com uma expressão de desconfiança. Ou menina? — E apontou para si mesma. Mas, ah, meu Deus, ela estava parecendo uma idiota. Com o sorriso cada vez mais difícil de manter, ela se aproximou da criança. — Seu bebé é lindo! — E era, mesmo. Dormindo, todos eram.

A garota olhou para a bebé e a seguir de volta para Kate, apertando a criança mais para perto de si, ao fazer isso.

Vou desistir, pensou Kate. Vou só apontar a mesa do almoço para ela e deixar o resto por conta de Maggie. Não sirvo para isso, nem um pouco. E se lembrou, por um rápido momento, de sua casa vazia, quase com saudade. Então, subitamente, as palavras relampejaram em seu cérebro, como se fossem um eco mental: duas palavras da sua infância, sussurradas suavemente pelos lábios de sua ama.

— Hou leng — disse ela, apontando para a criança. A seguir, repetiu, mais alto: — Hou leng.

A jovem olhou para a criança e levantou os olhos de novo. Franziu ligeiramente a testa, como se não conseguisse acreditar no que estava ouvindo.

— O seu bebé... — voltou Kate —, hou leng.

Duas palavras doces e suaves: "muito lindo". O idioma internacional do elogio.

Kate sentiu uma pontada de calor por dentro. Ela era capaz de fazer aquilo, afinal.

Vasculhou no fundo do cérebro, tentando se lembrar se tinha empregado o tom de voz correto.

— Hou leng. Muito lindo — disse novamente, sorrindo com uma benevolente satisfação.

Nesse instante, Maggie apareceu por trás dela.

— O que está fazendo com a pobrezinha? — perguntou. — Ela não fala cantonês, é do continente, sua tola. A língua dela é o mandarim. Ela não tem a menor ideia do que você está falando.

Hamish, alto, magro e com ar comum, era um parceiro que não combinava com Maggie. As pessoas comentavam isso havia dezoito anos, desde que eles se casaram.

Não era apenas a pouca altura de Maggie, seu cabelo escuro e a sua energia bem simples, vinda da terra, em contraste com a palidez sem substância dele; nem a agitação chinesa dela e a emoção com os filhos, que se contrapunham à placidez do norte da Europa, representada por Hamish. É que ela simplesmente parecia ser demais, em tudo, para ele. Ela parecia ser demais para qualquer pessoa que Kate conhecesse, por falar nisso. Falava muito alto, era muito atirada, muito segura de si. Kate tinha quase certeza de que Maggie não mudara em nada, desde a adolescência. Era por isso que Hamish a adorava.

Kate, por outro lado, se modificara com praticamente todos os homens com quem estivera. Eram as mudanças que eles provocavam nela que serviam como medida do quanto ela se apaixonara. Com Jim, ela fora a mãe descontraída, e apreciara o jeito amoroso e solto com que ele tratara tanto a ela quanto à filha, e o fato de, pela primeira vez desde o nascimento de Sabine, ela não s e sentir totalmente definida pela sua condição de "mãe". Ele lhe trouxera um pouco da juventude de volta, ela avaliou na época, a deixara mais leve, mais solta, fez com que ela parasse de se preocupar. Ensinou a ela muitas coisas a respeito de sexo. Só que, depois, quando as coisas começaram a dar errado, ela detestara a pessoa na qual ele a transformara. Detestava ser aquela paranoica, a infeliz lamentável que mendigava pela verdade, desesperadamente modificando a própria aparência em uma tentativa de reconquistar a atenção dele, desviada por uma ameaça invisível. E então, quando Jim foi embora, a tristeza se tingiu de alívio, por ela não ser mais obrigada a ser aquela pessoa.

Quando Geoff chegou, ela já era uma amante mais velha e mais sábia. Não entregara tantas coisas a ele, consciente da necessidade, daquela vez, de guardar algo para si. No entanto, ele lhe dera tudo, isto é tudo o que ele tinha para dar. Com Geoff, ela se tornara adulta. Ele lhe abrira a cabeça, conversava com ela sobre política e sociedade, fez com que ela olhasse com

mais atenção para as injustiças do mundo à sua volta. Se a comodidade daquilo contrabalançava a paixão, então estava tudo bem, dissera a si mesma. Provavelmente, ela estava melhor com alguém que a mantivesse estável. Com Geoff, Kate aprendera a usar o cérebro, e sentiu que estava ficando mais madura. E ele tinha sido tão doce com Sabine, jamais tentando se impor sobre ela nem se fingindo de "papai", mas simplesmente fornecendo uma base de amor e conhecimento.

Então, seis anos depois, aparecera Justin, que a fez descobrir que uma parte inteira dela estivera hibernando durante anos, e agora insistia em explodir e voltar à tona. Ela era um ser sexual, e ele fez surgir isso nela. Depois que aquela força se agigantou como um gêiser, recusou-se a ser subjugada. Ninguém a fizera brilhar tanto quanto ele; ninguém a deixara vermelha de vergonha, nem caminhando vertiginosamente pela casa como uma bêbada, às nove da manhã. Ninguém a rodeara com uma aura virtual de sexualidade, um manto borbulhante de feromônios, a ponto de ela se ver, de repente, atraindo olhares e assobios de homens, mesmo quando vestida com recato. E ela merecia aquilo, não merecia?, dissera a si mesma, tentando desesperadamente racionalizar as mágoas que estava a ponto de provocar. Ela merecia ter mais uma chance. Por que motivo deveria desistir do amor romântico aos trinta e cinco anos?

— O que é isso, uma conspiração deflagrada pelos magros? Enquanto você ficou ali sentada, sonhando acordada, eu comi quase todo o cheungfim. — Maggie, encostada na pia da cozinha, balançava, com força, os pauzinhos que usara para comer diante do nariz de Kate. — Só porque você não sabe a diferença entre o cantonês e o mandarim, não quer dizer que não possa comer.

— Desculpe — disse Kate, entregando o almoço que esfriara na tigela. Ela achou que estava com fome, mas seu apetite, tão imprevisível nos últimos tempos, preferiu desaparecer de novo.

— Ah, meu Deus. Você não pode estar nesse baixo astral, até agora. Não acredito que ainda esteja na fase do "não consigo comer nada" depois de... Quanto tempo já tem?... Três meses?

— Não sei em que fase estou — respondeu Kate, sentindo-se péssima. — Ou melhor, sei, sim. A fase da culpa.

Maggie levantou uma das sobrancelhas, cuidadosamente. Quando Kate lhe contou que estava largando Geoff para ficar com Justin achou que Maggie, que conhecia Geoff há muito mais tempo, fosse automaticamente tomar partido. Mas isso não acontecera.

Maggie, que parecia ser capaz de sustentar dois pontos de vista conflitantes ao mesmo tempo, também parecia ser capaz de ser leal a duas pessoas.

— A fase da culpa? Ah, não seja tão fraca, pelo amor de Deus! Você está feliz, não está? Justin não está feliz? Geoff, cá entre nós, não está para se matar a qualquer momento por causa disso. Nem leva jeito, com todo aquele treinamento psiquiátrico.

Provavelmente está passando em si mesmo um sermão terapêutico, neste exato momento. — E quase se engasgou, dando uma risada tão forte que fez um pedaço de macarrão voar para o outro lado da mesa.

— O problema não é o Geoff. É Sabine — explicou Kate. — Estou arrasando com a vida dela.

Maggie pegou um último camarão empanado, suspirou fundo e então colocou sua tigela de comida dentro da pia lotada.

— Entendo — comentou. — Então é o inferno d a adolescência, não é ? A menina-moça está deixando você no sufoco.

— Nem tanto. Ela quase não fala comigo. Mas dá para ver estampado em seu rosto.

Ela acha que eu estraguei toda a vida dela. E me odeia por tê-la mandado ficar uns tempos na casa da avó.

— Bem, por esse problema você não pode culpá-la, a julgar por tudo o que você me contou. Quanto a arruinar a vida dela, não seja tão melodramática. — E sorriu para Kate. — Eu sei que é fácil, para mim, dizer isso, mas sejamos francas ela não é nenhuma criança abandonada, é?

Kate olhou para ela, desesperada em busca de apoio.

Maggie levantou uma das mãos e começou a contar, com os dedos rechonchudos.

Um. Ela está vestida e alimentada? Sim. Bem demais, até, se quer a minha opinião, com todas aquelas roupas de grife. Dois. Você, alguma vez colocou alguém na vida dela que fosse cruel? Não. Todos os seus maridos... Bem, todos os dois, simplesmente a adoravam, e não era por nada que a mocinha tivesse lhes oferecido de bom, em troca, cá entre nós. Três. Geoff era o pai verdadeiro dela? Não, conforme ela fazia questão de lembrar a ele em todas as ocasiões possíveis. Quatro. Ela vai sair de casa nos próximos anos sem ao menos olhar para trás? Claro que vai.

— Ah, bem, isso faz com que eu me sinta muito melhor.

— Estou só sendo franca, querida. Apenas quero dizer que você se preocupa demais. Sabine é uma adolescente tão bem ajustada quanto você poderia esperar. E estou falando isso numa boa. Ela é brilhante, é atrevida e não leva desaforo para casa.

Você não tem com o que se preocupar.

— Mas ela não conversa mais comigo. Simplesmente, parou de falar.

— Ela tem dezesseis anos, pelo amor de Deus! Eu não falei direito com os meus pais por quatro anos, e eu tinha os dois em casa.

— Mas e se o motivo for eu mesma? E se ela continuar me odiando?

— Espere só até ela querer um carro. Uma entrada para comprar o primeiro apartamento. O amor vai voltar, pode acreditar. O amor vai voltar.

Kate olhou para fora da janela, para as fachadas cinzentas da estrada de Kingsland: a loja de acessórios para carros e a outra ao lado, de equipamentos para computação, os cafés locais, os imensos e imundos cartazes de propaganda, e os postos beneficentes que serviam de prova de que, não importa o que os corretores de imóveis dissessem, aquela região "que ia se valorizar muito" insistia em não ir adiante. O que a fazia imaginar que sua filha pudesse

melhorar depois daquela temporada na região verdejante e isolada de Kilcarrion? Que benefícios aquilo trouxera para ela mesma, no passado?

Kate ficou brincando com um camarão empanado, empurrando-o com o garfo em uma jornada solitária em torno da borda do prato.

— Você alguma vez se sentiu enjoada do Hamish? — Kate não sabia bem de onde viera aquela pergunta, mas depois que a colocou para fora compreendeu que precisava saber a resposta.

Maggie, que estava com a xícara levantada à altura da boca, abaixou-a lentamente e ficou avaliando a resposta que deveria dar.

— Enjoada? Não sei se o termo certo seria enjoada dele, exatamente. Às vezes, sinto vontade de esganá-lo. Isso serve?

— Mas o que faz com que vocês continuem juntos? Vocês não podem se sentir felizes o tempo todo. Podem? — A última palavra saiu com um ar de lamento, então Kate procurou transformar a pergunta em uma piada.

— É claro que nós não somos felizes o tempo inteiro. Nenhum casal é completamente feliz o tempo todo, e se alguém lhe disser que é, saiba que é mentira das grossas. Mas você já sabe disso. — Maggie franziu a testa. — O que há com você, Kate?

Honestamente, às vezes parece uma garota de quinze anos, quando fala sobre relacionamentos.

— É porque eu me sinto com quinze anos, quando o assunto é esse. Então, o que faz vocês dois continuarem juntos? O que mantém você junto dele, quando chega àquele ponto em que a gente quer desaparecer do mapa? — O ponto, ela pensou em silêncio, no qual eu normalmente desapareço.

— O que nos mantém juntos? Você quer saber além das custas de um processo de divórcio, e além do fato de que a nossa casa praticamente não se valorizou nos últimos cinco anos? Ah, e aqueles monstrinhos que temos lá em casa, disfarçados de filhos?

Quer saber a verdade, Kate? Francamente, não sei. Espere, sei, sim. É que, apesar do fato de ele ser um completo idiota, algumas vezes, e um desastre quando se trata de dinheiro; apesar de algumas vezes beber demais e, para falar a verdade, não treparmos muito, a não ser em aniversários e ocasiões especiais, eu, para ser sincera, não consigo me imaginar com outra pessoa sem ser o Hamish. Isso ajuda?

— Eu jamais estive envolvida em um relacionamento em que não tenha imaginado como seria estar com outra pessoa — confessou Kate, com tristeza.

Hum... bem, Kate, eu não estou considerando as minhas fantasias com Robert Mitchum.

Eu também não. Ah, meu Deus... Robert Mitchum?

— Eu sei — Maggie sorriu. — Esse é o meu pecado secreto. É que ele tem um jeito assim de ser tão durão e implacável, entende?

— Mas eu não estou contando as fantasias sexuais. Sempre pensei em como seria estar com outra pessoa. Às vezes sinto atração por outros homens e coisas assim.

— Você tem quinze anos mesmo. Eu sabia.

— Ah, Deus, o que há de errado comigo? Por que eu sou tão terrivelmente incompetente nos relacionamentos? — Ela não queria ter dito aquilo em voz alta.

Maggie começou a recolher as tigelas vazias que estavam empilhadas em bandejas por toda a cozinha e disse:

— Detesto dizer isso, gostosona, considerando o estado em que está e tudo o mais.

O fato, porém, é que talvez, simplesmente, você ainda não tenha encontrado a pessoa certa.

Justin telefonou às quinze para as sete, pouco antes da hora que Geoff marcara para aparecer. Kate ficou grata pelo telefonema, grata pelo fato de que, mesmo pelo som metálico da linha telefónica a voz de Justin ainda conseguia preenchê-la com calor e saudade, reafirmando que sua decisão tinha sido acertada. A conversa com Maggie tinha sido desanimadora, mesmo sabendo que tinha sido a própria Kate que provocara aquilo, com sua demonstração tão óbvia de tristeza. Agora Justin, com aquele telefonema inesperado, colocara tudo de volta nos trilhos.

— Estava pensando em você — dissera ele — e liguei só para ouvir a sua voz.

— E eu fiquei tão feliz por você ter ligado — respondeu ela, quase sem fôlego. — Estou morrendo de saudades.

— Nossa, como eu gostaria de estar aí. Não consigo parar de pensar em você. — A voz dele parecia estar a milhões de quilómetros de distância.

— Como está indo tudo...

— Onde é que você...

Os dois falaram ao mesmo tempo, e então pararam, um sem querer interromper o outro.

— Fale você, primeiro — disse Kate, xingando o sistema telefónico por estar causando um atraso na voz.

— Escute, eu não posso falar muito. Quero só dizer que provavelmente vou voltar antes do fim de semana. Tenho só mais uma pessoa para contatar, e depois estou pensando em deixar o resto do grupo e pegar um voo de volta, mais cedo.

— Quer que eu vá me encontrar com você no aeroporto? É só ligar, quando tiver marcado o voo.

— Não, não se preocupe com isso. Eu não gosto muito daquelas cenas de reencontro na volta das viagens.

Kate engoliu o desapontamento. Tinha visualizado uma imagem rápida dos dois se abraçando, apaixonados, no meio do aeroporto de Heathrow, ele usando uma calça caqui empoeirada, com rugas de cansaço no rosto que desapareceriam assim que a visse chegar. Pelo amor de Deus, Kate se recriminou, Maggie estava certa. Ela tinha mesmo quinze anos.

— Vou para a cozinha preparar uma coisa bem gostosa, então. Para quando você voltar.

— Não, não precisa.

— Mas eu quero. Estou com saudades.

— Não, é que provavelmente vou chegar todo moído e imundo. Prefiro ir direto para minha casa, a fim de dormir por doze horas. Vejo você quando estiver limpo e descansado. Então, nós podemos ir a algum lugar divertido.

Kate respondeu que mal podia esperar, tentando esconder a decepção que sentiu pela falta de pressa dele em revê-la. Ela queria vê-lo assim que ele pousasse; suado, exausto, de qualquer jeito; queria cobri-lo de beijos, preparar um banho quente, servir taças de vinho enquanto ouvia suas aventuras intrépidas e depois alimentá-lo com uma comidinha feita em casa, para depois observá-lo cochilar, todo contente, em seu sofá. Só que Justin não era bem daquele tipo de homem que cochila no sofá. Na verdade, Kate tinha uma forte suspeita de que Justin estava mais para o hiperativo.

Para ele, era difícil se sentar sossegado, em qualquer lugar que fosse: ficava balançando as mãos sem parar, tamborilava com os dedos nos joelhos, coçava o cabelo louro e andava de um lado para o outro pela sala. Kate supunha que era isso que o tornava bom naquilo que fazia. Mesmo quando estava dormindo, ele se encolhia e se remexia todo, murmurando coisas, como se estivesse em uma trilha noturna que não acabava nunca.

Inquieta, Kate foi lentamente até o seu quarto e ficou olhando para a própria imagem no espelho inteiro do guarda-roupa em estilo antigo. O que será que ele vê em mim?, pensou, sentindo-se subitamente vulnerável e em conflito consigo mesma. Ele poderia ter qualquer mulher e, no entanto, me escolheu: uma mulher de trinta e cinco anos, com marcas de celulite e começando a criar pés-de-galinha nos cantos dos olhos, além de um cabelo que, apesar de abundante e bem ruivo, era comprido demais para alguém da idade dela, segundo sua filha. Uma mulher que, desde novinha, jamais ligara muito para as roupas da moda e achava mesmo que aquilo era algo que não tinha nada a ver com o jeito dela. Sabine lhe dissera que as roupas de segunda mão dos anos 50 e 60 que ela comprara em uma loja em Stoke Newington eram "uma piada", mas Kate gostava delas. Apreciava o padrão superior dos tecidos, e a sensação de boa qualidade em uma roupa que ela não teria condições de comprar pelos preços atuais. Gostava do fato de que aquelas roupas davam a ela um certo destaque em comparação com todas as outras mães de trinta e cinco anos que ela via nas populares lojas Sainsbury. Naquele momento, porém, sob uma nuvem de dúvidas, ela perguntava a si mesma se, no fundo, ela não parecia apenas esquisita e deslocada. Será que ele vai me largar?, pensou, analisando o seu reflexo. Justin tinha a mesma idade que ela, mas levava um estilo de vida tão improvisado e tão livre de responsabilidades que parecia dez anos mais novo.

Será que, no fim, ele não ia querer alguém que compartilhasse aquela liberdade com ele?

Kate fechou a porta do guarda-roupa, tentando se livrar dos pensamentos que a atormentavam.

Ela não servia para ficar sozinha: isso lhe dava tempo demais para pensar, para ficar ruminando as coisas. Grande parte da felicidade dela era determinada por sua vida amorosa,

foi o que Maggie dissera. Ela se permitirá ser vulnerável demais, com relação a isso. Kate negara o fato, mas, estranhamente, não conseguira nenhum argumento para provar que Maggie estava errada. E Maggie dissera aquilo sem conhecer nem metade da história. Não sabia que Kate gastara uma fortuna em novos lençóis de linho, só porque uma vez Justin comentara que gostava de dormir envolto em algodão egípcio. Maggie não sabia que Kate dispensara dois serviços que lhe renderiam um bom dinheiro, só porque não queria estar trabalhando, quando ele voltasse, nem como ela tinha imensa dificuldade de se arrumar e se colocar bonita quando Justin não estava lá, e ficava em casa sozinha na ausência dele, usando os óculos de leitura com armação de plástico preto, em calças de pijama.

Nossa, ela não prestava mesmo para ficar sozinha. Era melhor alugar u m dos quartos para alguém. Ou arrumar um cão. Ou alguma outra coisa. Qualquer coisa que fizesse aqueles pensamentos depressivos desaparecerem. Vamos lá, ralhou consigo mesma. Geoff vai chegar a qualquer momento. Recomponha-se.

Feliz por ter encontrado um motivo para se animar, Kate escovou bem os cabelos, espantada com as pontas embaraçadas que haviam se formado em menos de dois dias sem escova, passou batom e então, sem pensar, espalhou um pouco de perfume: Mitsouko, da Guerlain. Olhou então, horrorizada, para o frasco: foi Geoff quem lhe dera aquele perfume. Todos os anos ele lhe trazia um vidro, no Dia dos Namorados. Era o perfume favorito dele. Ele podia ficar achando que ela mudara de ideia, e o queria de volta. Kate ficou olhando para seu reflexo e então, depois de um instante de hesitação, pegou um lenço de papel e removeu o batom. Fechou o botão de cima de sua blusa de seda creme dos anos 50, tirou as lentes de contato e colocou os horrorosos óculos de trabalhar. Depois, esfregou o pescoço com um lenço, tentando arrancar o perfume. Ela já o magoara demais; a última coisa que desejava era reacender a paixão, involuntariamente. Com isso em mente, a imagem de uma Kate sem graça e envelhecida, o tipo da mulher que ela passara as últimas duas horas reclamando de ser, era o presente mais aconselhável que poderia oferecer a Geoff.

Ele chegou tarde, o que a deixou surpresa. Geoff sempre era pontual. Era uma das suas "características". Kate se sentiu quase grata quando a campainha, finalmente, tocou: ela estivera sentada em silêncio na sala de estar, olhando como se fosse pela primeira vez para os buracos vazios na estante e os espaços na parede onde as coisas dele haviam estado. Como será que Sabine ia se sentir, quando notasse a falta de tantos objetos familiares? Será que ela tinha algum tipo de afeição por algum deles? Será que ela alguma vez reparou que eles existiam? Como é que a gente podia saber o que se passava na cabeça de um enigma?

Ele parecia, Kate reparou, no momento em que passou por ela e entrou na sala, um pouco melhor do que na última vez em que ela o vira. Um pouco menos envelhecido, por tudo aquilo. Mas isso talvez não fosse surpresa: aquele tinha sido o dia da mudança; as semanas que se passaram desde então pareciam anos, para ambos.

Ele ficou em pé no meio da sala, um homem alto de cinquenta anos, ligeiramente curvado e aparentemente sem saber ao certo onde se sentar. Sentindo-se repentinamente alegre por vê-lo, de um jeito perverso, Kate sorriu, um pouco nervosa, e apontou o sofá.

— Quer um drinque? As suas coisas estão lá em cima, mas eu sei que você veio de longe, e não quero que sinta que precisa ir embora correndo.

Geoff coçou a parte de trás da cabeça grisalha, um gesto que ela jamais havia visto, e se sentou, vacilante.

— Na verdade, eu vim de perto, de Islington. Acabei voltando aqui, para esta região.

Kate tinha certeza de que ele mencionara que havia alugado um apartamento em Bromley, perto do hospital psiquiátrico, mas não disse nada. Perguntas inocentes podiam fazê-la parecer interessada demais. Ela não tinha mais nada a ver com a vida dele.

— Quer chá? Café? Vinho tinto? Tem uma garrafa aberta.

— O vinho seria ótimo, obrigado.

Ela foi pegar a garrafa na cozinha, afobada e surpresa por sentir a rapidez com que um parceiro de tantos anos se metamorfoseava em um convidado formal. Ao entregar a taça, Kate sentiu que os olhos dele estavam fixos em seu rosto, e isso a fez ficar vermelha, com uma emoção que não era bem-vinda.

— E então, como você está? — perguntou ele. Isso a desarmou, de certa forma, pois ela ia perguntar a mesma coisa.

— Eu estou... estou bem — respondeu ela. — Vou indo.

— Sabine ainda está na casa da sua mãe?

— Está. Ela não gostou muito disso, no início, mas esta semana ainda não me telefonou. Em se tratando dela, acho que é um bom sinal.

— É... as más notícias chegam voando. Se ninguém ligou, é bom sinal.

— É... acho que sim.

— Diga a Sabine que eu estou com saudades, da próxima vez que falar com ela.

— Sim — ela concordou com a cabeça —, pode deixar que eu digo. Houve uma longa pausa. Kate reparou que o botão de cima da blusa estava novamente aberto, e ficou pensando se conseguiria abotoá-lo novamente sem parecer pouco natural. Resolveu apertar o casaco mais para junto do corpo, esperando que isso resolvesse o problema.

— Você não está com o aquecimento ligado? — perguntou ele, como se subitamente sentisse o frio que estava fazendo.

— Tive alguns problemas com o boiler. O homem vem consertar amanhã — mentiu ela.

— E ele é bom? Você não deve chamar esses curiosos para consertar as coisas. Eles podem arrebentar com tudo: a parte elétrica, os canos, e acabar provocando um desastre.

— Ah, mas esse é muito bom. É um profissional registrado e tudo...

— Que bom. Porque se você precisar, é só me avisar que eu... — E parou de falar, meio sem graça. — Bem. Enfim, fico satisfeito por você já ter resolvido o problema.

Kate olhou para sua taça de vinho, sentindo-se péssima. O pior é que estava sendo gentil. Ela achava mais fácil lidar com Geoff quando ele estava berrando com ela.

Quando Kate lhe contara a respeito do caso que estava tendo, ele gritara com ela, chamando-a de "meretriz", uma palavra que, curiosamente, não conseguira magoá-la na ocasião, em parte porque, no fundo, era assim mesmo que ela se sentia, e também porque aquela era a única coisa realmente pesada que ele jamais dissera contra ela, e acabou servindo como desculpa para deixá-la furiosa com ele.

— Para falar a verdade, Kate — voltou ele —, eu preciso conversar com você.

O coração de Kate pulou até a garganta. Geoff estava olhando fixamente para ela, com os olhos calmos e o rosto suave. Por favor, não diga que ainda está apaixonado por mim, ela implorou, em silêncio. Não aguento essa responsabilidade.

— Não é melhor trazer as suas coisas aqui para baixo, antes? — perguntou ela, de modo brusco.

— Depois disso, a gente pode conversar.

— Não.

Ela olhou para ele.

— Olhe, Kate, é que eu preciso falar com você, agora!

Nós, mulheres, passamos a vida inteira tentando fazer com que os homens falem conosco, Kate pensou, e quando eles finalmente resolvem fazer isso, preferimos estar a quilómetros de distância.

Nesse exato instante, Goebbels entrou caminhando silenciosamente na sala, com o pêlo preto um pouco arrepiado e pontilhado por gotinhas de chuva. Ignorando Kate, ele foi até Geoff e, após farejar com estudada falta de interesse as pernas de sua calça, pulou com leveza e se deitou ao lado dele, no sofá. Não, você também, não!, pensou Kate, desesperadamente.

— Isso tudo é muito estranho... — começou ele.

— Não, não, sou eu quem deveria estar me sentindo estranha. Geoff, eu sinto tanto por tudo o que aconteceu. Sinto, de verdade. Você é um homem tão maravilhoso, e eu daria qualquer coisa para que as coisas não tivessem terminado do jeito que terminaram. Sinto muito, sinto muito mesmo. Só que eu tive que ir em frente. Tocar a vida, entende?

— Kate sorriu para ele de uma forma que, ela esperava, pudesse transmitir todo o amor e a gratidão que sentira por ele ao longo dos anos, e também a sua determinação de que não sobrara mais nada para ser ressuscitado.

— É muita bondade sua — disse ele, olhando para os sapatos. Eram sapatos novos, ela notou. Com sola reforçada e aparência de produto caro. Muito diferente do jeito de Geoff. — Fico feliz por você ter dito tudo isso. Porque eu estava me sentindo meio esquisito, porvir até aqui, hoje.

— Você não precisa se sentir assim, nunca — disse Kate, de modo sincero, e quase acreditando, ela mesma, naquilo. — Sabine vai querer manter contato, sempre. E eu também vou sempre... — Nesse ponto ela parou, buscando as palavras certas —... sempre me importar, e ter um carinho especial por você. Detestaria pensar que nós nunca mais vamos nos ver.

— Você sente isso, de verdade? — Ele estava com o corpo inclinado na direção dela, com as duas mãos pousadas de leve sobre os joelhos.

— Sinto — disse ela. — Geoff, você foi uma parte imensa da minha vida.

— Mas você teve que ir em frente.

— Isso mesmo. — Kate sentiu os olhos se encherem de lágrimas.

— Fico feliz — disse ele e, pela primeira vez desde que chegara, sua expressão ficou mais relaxada. — Porque o que eu preciso lhe contar... Bem, eu estava um pouco preocupado, porque não sabia como você estava.

Kate olhou para ele, sem compreender.

— É que, assim... bem, assim as coisas ficam um pouco mais fáceis para mim.

Porque eu também toquei a vida para frente. Eu... bem, eu encontrei uma pessoa.

A cabeça de Kate deu um branco.

Geoff balançou a cabeça de leve, como se o que ele estivesse dizendo fosse inacreditável, até mesmo para ele.

Eu encontrei uma pessoa — continuou. — E parece que a coisa é séria. Isso me fez perceber que você estava certa. Estava certa em fazer o que fez.

Eu sei que fiquei muito magoado, naquela hora. Você não imagina o quanto. E isso torna tudo ainda mais surpreendente, para ser franco, imaginar que tudo pudesse mudar tão depressa. Porque, quando foi mesmo que você me contou... tem o quê, seis semanas?

Kate balançou a cabeça, com cara de boba.

— É que essa pessoa... — explicou Geoff—... essa mulher fez com que eu entendesse que a sua decisão foi de uma coragem incrível. Porque nós estávamos nos afastando um do outro. Não estávamos estimulando um ao outro, nem nos fazendo felizes. E eu encontrei isso, agora. E se você também encontrou, bem... Nossa, eu não acredito que estou falando tudo isso. É que eu acho que, no fim, acabou ficando tudo bem, de certa forma. Foi tudo para melhor. Isto é, contanto que Sabine esteja bem.

Kate ouviu um distante som de campainha dentro do ouvido. Ela franziu o rosto, tentando se livrar da sensação.

— Você está bem? — perguntou Geoff, estendendo a mão.

— Estou ótima — respondeu ela, com delicadeza. — Apenas um pouco... surpresa.

— Os sapatos, ela pensou. Foi essa tal mulher que tinha feito com que ele comprasse aqueles sapatos. Geoff saíra de casa havia três semanas e essa mulher já havia conseguido fazer com que ele comprasse sapatos decentes.

— Quem é ela? — perguntou Kate, levantando a cabeça. — É alguém que eu conheço?

Geoff se remexeu, parecendo um pouco desconfortável.

— É sobre isso que eu estava querendo conversar com você. — Fez uma pausa. — É a Soraya.

Kate olhou, parecendo não entender. Então, perguntou: — Soraya? Não pode ser a Soraya do seu trabalho.

— Pois é. É essa Soraya.

— A Soraya que veio aqui jantar conosco, o quê, umas cinco ou seis vezes?

— É.

Soraya, a rainha asiática da psiquiatria. Soraya, de quarenta e poucos anos, a deusa das roupas de grife e dos sapatos caros, com seus olhos de corça. Soraya, que herdara uma casa imensa em Islington, imaculadamente mobiliada em estilo georgiano, além de uma alta renda própria e nenhum filho. Soraya, a bruxa surrupiadora de maridos. Piranha. Piranha. Piranha.

— Ela não perdeu tempo, não foi? — Kate não conseguiu esconder o tom amargo da voz.

Geoff encolheu os ombros e sorriu, meio sem graça.

— Ela foi muito cuidadosa, e me perguntou se o rompimento era mesmo definitivo.

Ela é muito íntegra a respeito dessas coisas, entende? Quando eu lhe contei que era definitivo, ela me disse que, se não me agarrasse depressa, alguém ia fazer isso. Falou que há falta de homens adultos e decentes na praça. — Geoff teve a graça de ficar ruborizado ao repetir os elogios da nova mulher, mas não conseguiu esconder seu orgulho por eles.

Kate não conseguia acreditar naquilo. Geoff, agarrado pela mulher solteira que era o melhor partido dentre todas as que ambos conheciam. Geoff, subitamente transformado no prémio fulgurante disputado pelas mulheres da classe média. Como foi que isso aconteceu? Será que ela tinha sido tão cega que deixara de perceber alguma qualidade nele, com o passar dos anos?

— Eu só estou lhe contando tudo isso, Kate, porque você me disse que estava feliz com Justin. Jamais faria algo para magoá-la, você sabe disso.

— Ora, não se preocupe conosco. Estamos ótimos, em estado de êxtase. — Ela sentiu que aquilo soou meio infantil, mas não conseguiu evitar.

Os dois continuaram sentados em silêncio por alguns instantes, com Kate bebendo o vinho rápido demais. Finalmente, ela voltou a falar.

— Então, é realmente sério?

— Sim, é sim.

— Depois de três semanas?

Não dá para ficar marcando passo, na minha idade. — Ele tentou fazer com que a observação parecesse uma piada.

— É sério, como? Vocês estão assim, tipo... morando juntos? Cate estava incrédula.

Como é que ele podia estar com uma vida nova, assim tão depressa, quando ela nem mesmo conseguira aceitar completamente a perda do que eles tinham?

— Bem, eu ainda estou com aquele apartamento que aluguei em Bromley, porque o contrato era de três meses. Mas, na verdade, passo a maior parte do tempo em Islington.

— Que bom para você, não é?

— Você sabe que coisas materiais nunca foram importantes para mim.

Kate olhou para os sapatos dele. Até agora, pensou consigo mesma. Soraya vai trabalhar você e transformá-lo em um daqueles intelectuais completamente arrumadinhos, cheios de camisas de linho e paletós exclusivos da Nicole Farhi, antes que você perceba.

Geoff fez um carinho no gato. Ambos pareciam estar muito à vontade.

— Tinha acontecido... houve alguma coisa entre vocês, antes disso, Geoff? — A suspeita, que havia se entranhado aos poucos nos pensamentos de Kate, acabou por encher todas as ideias, como uma Medusa tóxica com mil cabeças.

— O quê?

— Bem, é que tudo isso me parece terrivelmente cómodo, não é? Três semanas depois de você ter ido embora, já está praticamente morando junto com uma das nossas boas amigas. Você tem de admitir que isso aconteceu bem depressa.

A expressão de Geoff se tornou completamente séria.

— Kate, eu lhe asseguro, categoricamente, que nada havia acontecido, jamais, entre nós, até que você me contou a respeito do seu... a respeito de Justin. Eu sempre achei que Soraya era uma mulher atraente, mas no mesmo nível de outras amigas nossas. Bem, talvez um pouco mais atraente do que as outras, mas nunca pensei nela de forma diferente do que pensava a respeito de qualquer uma delas, se é que você me entende.

Ele estava dizendo a verdade. Geoff jamais conseguira mentir. Então, por que razão Kate estava se sentindo tão amarga?

— Soraya me disse que sempre gostou de mim, mas que jamais s e aproximaria enquanto eu estivesse com outra pessoa. E se ela não tivesse tomado a iniciativa, bem, provavelmente eu ia me enfiar no meu apartamentinho horroroso e ficar lambendo as feridas, durante anos. Você sabe como eu era. Sabe como eu sou. Isso não faz o meu género. Infidelidade.

Mas faz o meu, pensou ela, embora você seja educado demais para falar. Kate, sentindo-se inexplicavelmente passada para trás, sentiu que estava com vontade de gritar. Gritar e berrar sem sentir vergonha, como alguém que tivesse sido traída, e depois chorar muito, até ficar ofegante e cheia de dor nos músculos da barriga. E tudo aquilo era culpa dela mesma.

Talvez fizesse bem, Kate pensou de modo insano, se ela o seduzisse, ali. Talvez ela devesse pular em cima dele, lhe arrancar as roupas de modo selvagem e fazer amor com ele, libertando uma paixão animal que o deixaria trémulo, menos convencido e seguro a respeito da legitimidade do seu novo amor. Ela o queria inseguro, ansioso. Queria anular, pouco a pouco, Soraya e seu enigmático sorriso asiático. Ela bem que conseguiria fazer isso, ela sabia que conseguiria. Ela o conhecia mais do que qualquer pessoa, afinal.

Então, reparou que Geoff estava olhando para ela com uma expressão gentil e preocupada. Era o tipo de olhar, ela compreendeu, que ele normalmente reservava para seus pacientes. Aquilo era pior do que infidelidade. Ela arrancou os óculos, lembrando-se, com desconforto, da sua aparência pálida e do rosto sem maquiagem.

— Você está bem, Kate?

— Estou bem? Nossa, estou ótima! Apenas aturdida pela notícia maravilhosa.

Fiquei tão satisfeita por você. — E se levantou, deixando a gola da blusa de seda despencar para o lado, de vez. — A vida é fantástica, hein?

Geoff, sentindo que o encontro chegara a um fim repentino, também se levantou, colocando o copo de vinho, ainda pela metade, na mesinha lateral.

Você tem certeza de que não se incomoda? Acredite ou não, é importante para mim que você se sinta bem a respeito do que eu lhe contei.

Me incomodar? — Os olhos de Kate brilharam. — Por que motivo eu deveria me incomodar? — Ajeitou os cabelos, olhando de forma distraída em volta da sala. — Justin vai ficar surpreso quando eu contar a ele como foi que as coisas acabaram se ajeitando.

Surpreso e satisfeito. Sim, nós dois estamos muito felizes. Agora, que tal pegarmos as suas coisas? — disse ela, toda animada e com um sorriso largo colado no rosto, enquanto seguia em direção à porta.

Quatro

— É ISSO Aí!... CALCANHARES PARA BAIXO, sente-se reta. Isso, está vendo? Você está indo muito bem.

— Estou me sentindo um saco de batatas.

— Você está ótima! Levante as mãos, só um pouquinho. Deixe-as um pouco afastadas do pescoço dele.

— Mas elas são as únicas coisas que estão me mantendo aqui em cima.

Sabine bufou por cima do cachecol, enquanto Thom ria, e a respiração dela provocou uma lufada quente que bateu de volta em seu rosto. Ela tinha que reconhecer que estava quase se divertindo com aquilo, embora não estivesse disposta a demonstrar isso para ele. O pequeno cavalo cinza movia-se obediente sob o seu comando, abanando as orelhas para frente e para trás enquanto Thom falava, e o seu pescoço estava firme e arqueado como o de um cavalo de pau. Ele não tentara corcovear para derrubá-la, nem mordê-la, nem escoiceá-la, nem avançara sobre um arbusto, nem saíra em disparada, como ela secretamente temia. Ele nem sequer olhara para ela com aquela expressão malévola no olhar, como os cavalos da escola de equitação; em vez disso, ele parecia simplesmente satisfeito por estar aproveitando a brisa gelada da manhã, e aceitava a sua passageira humana como um preço necessário a pagar.

— Eu lhe disse que a sua avó sabia muito bem como avaliar um cavalo — disse Thom, do alto do seu imenso cavalo baio, ao lado dela. Ele mantinha as duas rédeas na mão direita, ao estilo do Velho Oeste, enquanto seu outro braço pendia do lado esquerdo, solto. — Ela jamais a colocaria em cima de um cavalo muito agitado. Teve a precaução de se certificar que esse aí era um animal absolutamente à prova de sustos, antes de mandar trazê-lo. Eu mesmo a ouvi falando ao telefone.

Sabine sentiu que, diante disso, ela deveria expressar algum tipo de gratidão ou admiração. Só que ela não conseguia. Sua avó, nos últimos dias, mal olhava para ela, e quando o fazia era só para reclamar de alguma coisa errada que ela tinha feito. Como não tirar a lama das botas antes de recolocá-las no armário. E deixar Bertie dormir em sua cama durante o dia. Ela até mesmo gritara com a senhora H, por ela ter usado uma marca errada de manteiga para preparar os ovos mexidos do seu avô, levando a bandeja de volta até a cozinha, ela mesma, e continuando a falar sobre aquilo sem parar, como se a pobre senhora H estivesse tentando envenená-lo ou algo assim. Sabine ficou com vontade de gritar com a avó, mas depois que ela subiu de volta para o quarto do avô carregando a bandeja com os ovos recém-preparados, a senhora H colocou a mão sobre o ombro de Sabine e disse que aquilo não importava.

— Sua avó está sob um bocado de tensão. Temos que considerar isso e desculpá-la — explicou ela a Sabine.

— Por que todo mundo engole todas essas coisas deles? — perguntou a Thom, quando ele desmontou para abrir um portão de madeira.

— Quem? Engole o quê?

— O que eles fazem. Meus avós. Por que razão todos continuam a trabalhar para eles, apesar de eles tratarem todo mundo tão mal? Eu duvido que paguem a vocês um salário muito alto, porque a minha avó está sempre falando em economizar. — E pronunciou a última palavra quase cuspindo, como se ela tivesse um sabor amargo.

Thom empurrou o portão até escancará-lo, dando um tapinha no traseiro do cavalo para que passasse por ele, fazendo piruetas desajeitadas, e Sabine seguiu logo atrás, com os cascos de seu cavalo fazendo estranhos ruídos de sucção na lama.

— Sua avó é uma pessoa legal.

— Não é, não. Ela nunca agradece por nada do que você faz. E fez grosseria com a senhora H, ontem. Mesmo assim, nenhum de vocês responde a ela.

— Não há razão para isso. Ela não nos ofende em nível pessoal.

— Isso não é desculpa.

— Não estou dizendo que seja. É que cada pessoa tem o seu jeito, e esse é o dela.

Nossa, está frio, hoje. — com um grunhido, Thom enfiou o pé no estribo e, dando impulso para cima, jogou a outra perna por sobre o cavalo. Suas botas estavam cobertas de lama.

— Mas isso é degradante, Thom. Ela trata vocês como se fossem empregadinhos dela. Como se todos ainda estivessem no século XIX.

Thom bateu no pescoço musculoso do cavalo baio.

— Bem, Sabine, eu acho que a gente pode dizer que somos mesmo empregados dela.

— Isso é absurdo. Vocês fazem parte da equipe.

Thom estava rindo novamente, agora. Seu sorriso foi aumentando, até que apareceu por cima do cachecol bem apertado que lhe envolvia o pescoço.

— Mas, então, qual é a diferença? — perguntou ele.

— Simplesmente, há uma diferença.

— Continue.

Sabine continuava olhando para as orelhas do seu cavalo. A da direita ficava o tempo todo para frente e para trás. Thom, às vezes, era muito irritante.

— O problema é o que ela faz com vocês. Eles fazem, os dois. A diferença está no jeito com que ela trata vocês, como se fossem todos iguais, ou como se... Bem, sem respeito algum.

E olhou furtivamente, meio de lado, para Thom, perguntando a si mesma se tinha ido longe demais. No meio da conversa, Sabine compreendeu que ele poderia acabar se ofendendo de verdade, pelas coisas que ela estava lhe dizendo.

Thom, porém, simplesmente encolheu os ombros e arrancou uma folha seca que pendia de um galho.

Eu não vejo as coisas desse modo — respondeu ele. — Os seus avós são gente boa, mas têm um jeito antiquado. Você precisa se lembrar que eles cresceram cercados de empregados.

Foram criados nas colónias. Gostam das coisas feitas de um determinado modo e, como são velhos, ficam aborrecidos com facilidade se as coisas não acontecem como esperavam. Olhe, Sabine — e Thom saltou do cavalo, virando-se para olhar para ela —, se houvesse uma única pessoa que eles tratassem mal, ou berrassem com ela sem motivo, ou qualquer coisa assim, acho que todos nós iríamos embora.

Ninguém é trouxa por aqui, por mais que você ache isso. É que nós os compreendemos. E respeitamos o jeito deles. E, apesar de você não ver assim, eles nos respeitam, também.

Sabine ainda não estava convencida, mas algo no jeito de Thom a fez ficar sem vontade de insistir muito naquele assunto.

— E não importa o que você pense da sua avó neste momento, a senhora H está certa. Ela está sob uma pressão muito grande. Você devia baixar a guarda um pouco, Sabine, conversar com ela. Pode ter uma surpresa.

Sabine encolheu os ombros, como se não conseguisse se importar com aquilo. Mas a pressão que a sua avó estava sofrendo, ela sabia, era por causa da saúde do avô, que estava cada vez pior. Ele já estava sem sair do quarto havia cinco dias, e o médico do lugar, muito jovem e muito sério, vinha fazendo visitas frequentes.

Sabine não quis perguntar à avó o que havia de errado. Há poucos dias, a senhora H pedira a Sabine que ela levasse o almoço dele para o quarto, e ela ficara lá, em pé, parada, petrificada no portal, assustada e fascinada com a forma que, por cima da colcha oriental em vermelho berrante, a cabeça esquelética do avô parecia sugar o ar de forma dolorosa, zumbindo em um sono agitado e espasmódico. Ela não saberia dizer se ele estava passando mal. Ele era velho demais para parecer outra coisa a não ser... velho.

— Ele vai morrer? — perguntou a Thom. Ele se virou sobre a sela, olhou para ela de repente e, então, desviou o rosto, como se estivesse considerando alguma coisa.

— Todos nós vamos morrer, Sabine.

— Isso não é resposta.

— Bem, é porque eu não tenho como lhe dar uma resposta. Vamos logo, o tempo está fechando. É melhor levarmos os cavalos para dentro.

Tudo aquilo começara na noite dos cães de caça. Quase uma semana antes, Sabine acordara no meio da madrugada, ouvindo o que parecia ser uma alcateia de lobos perto de sua janela, com os uivos formando um coro sufocante e agoniado. Eles uivavam, não de forma lamentosa, mas com uma espécie de sede de sangue urgente: era uma harmonia horripilante, uma canção que despertava medos primitivos. Amedrontada, ela saíra da cama bem devagar, e foi descalça até a janela, quase esperando, em seu estado ainda semi-adormecido, ver uma lua cheia. Em vez disso, na luz azul difusa da noite, tudo o que conseguiu enxergar foi a silhueta magra de sua avó, com a camisola bem fechada contra o corpo, correndo pelo pátio na direção do estábulo, parecendo um pavio de vela, uma aparição. Ela estava gritando para alguém, pedindo para que ele voltasse.

Não parecia o grito furioso e elétrico de alguém correndo no encalço de um criminoso, mas um pedido brusco, ainda que quase suplicante: — Volte, meu querido — dizia ela. — Vamos para casa, venha, por favor.

Sabine ficara parada ali, com a mão espalmada na janela enquanto via a avó desaparecer, e ficou sem saber o que fazer. Por um lado, queria ajudar, no entanto tinha uma forte impressão de que estaria se intrometendo em alguma coisa particular.

Então, poucos minutos mais tarde, os uivos pararam. Ela ouviu passos e, logo depois, a voz de sua avó de novo, desta vez mais suave, repreendendo baixinho, como quando ela falava com o Duke. Sabine abriu a cortina e viu a avó trazendo o avô pelo braço, lentamente, para a porta dos fundos. Ele estava curvado e mancava um pouco, e o vento moldava o seu pijama, colando-o contra o corpo, de forma que parecia que seus ossos furavam o tecido, como se fossem cabides entortados.

— Eu estava só verificando os cães de caça — ele vinha falando. Eu sei que aquele homem não os anda alimentando direito. Estava só dando uma olhada neles.

Sabine e sua avó não conversaram sobre esse incidente. A jovem não estava nem mesmo certa de que deveria ter presenciado aquilo. Só sabia que, a partir daquele dia, seu avô nunca mais saíra do quarto. E durante a noite, ocasionalmente, quando estava em estado de semiconsciência, meio acordada, ouvia os passos rápidos da avó pelo corredor, como se ela estivesse vigiando, para ver se o marido ainda estava quietinho na cama e não desaparecera em outra missão noturna.

Com a curiosidade desperta, no entanto, Sabine acabou perguntando à avó se poderia ir até lá para ver os cães de caça. Ela pediu para que Thom a levasse, mas a avó, depois de lançar um daqueles olhares, como se não estivesse realmente acreditando que Sabine estivesse interessada, disse que ela mesma a levaria depois, ainda naquela tarde.

— Eles são malhados de preto com castanho-claro — explicou a Sabine, enquanto caminhavam, bem depressa, pelo pátio que levava ao estábulo. — São de uma raça muito especial de sabujos. Nós os criamos aqui, nesta região, há várias gerações. — Ela pronunciou "sabuchios". Foi a frase mais longa que dirigira a Sabine, em mais de uma semana.

— Os Ballantyne sempre foram mestres da caça à raposa, Sabine. Mestre é a pessoa que lidera a caçada. Eles começaram a criação de cães especiais no fim do século XIX. E o seu avô passou a maior parte de sua vida mantendo a tradição viva. Ele era mestre da caçada até uns dez anos atrás, quando parou de cavalgar. Temos uma matilha maravilhosa. Da última vez que fui caçar, você precisava ver a maneira nobre com que eles latiam, para dar o sinal de que haviam farejado a raposa. — E parou de falar por um instante, sorrindo e perdida em recordações.

Sabine, tentando controlar a vontade de rir quando ouviu as últimas palavras da avó, não lhe contou que tinha motivos secretos para ver os cães. Estava convencida de que os pobrezinhos eram tratados com crueldade. Nenhum animal satisfeito poderia emitir um som como o que os cães tinham feito. E só de pensar que eles viviam presos em canis com chão de cimento, longe dos confortos de um local aquecido e sem tapetes velhos e usados para se

aquecerem, Sabine quase sentiu lágrimas nos olhos. O que faria quando os visse, ela ainda não sabia. Nos seus maus dias, ela resolvia que ia soltá-los, e depois ia entrar em contato com a associação protetora dos animais do local e criar um rebuliço. O problema é que aquilo ia trazer problemas para todos, inclusive Thom. Nos bons dias, ela não pensava nos cães, nem por um momento.

Eles ficavam recolhidos em um pátio cheio de cercados de concreto, alguns deles com portões de metal muito altos, ou arame farpado. Parecia uma espécie de prisão, pensou Sabine, com amargura, enquanto corria para acompanhar o passo apressado da avó. Tudo ali cheirava a desinfetante, excrementos de cão e alguma coisa nojenta que ela não conseguiu identificar. Como é que ela podia cuidar tão bem dos seus cães labradores e, no entanto, deixar aqueles cães ali, naquele frio?

— Como é que Horatio está, Niall?

— Um pouco melhor, senhora Ballantyne — respondeu o homem de meia idade que surgira de dentro de um dos galpões ao ver que elas vinham chegando. Ele usava um avental de couro bem comprido, como se fosse um ferreiro, e seu rosto tinha os olhos e a boca muito próximos do nariz, como se alguém tivesse espremido tudo junto. — O curativo já está quase caindo da pata, e por baixo está ficando curado bem depressa.

— Vamos dar uma olhada? — Não era uma pergunta. Sua avó marchou com decisão até o cercado do canto e olhou lá para dentro, no escuro. Por trás dela, Sabine mal conseguia divisar a silhueta de um cão deitado sobre o feno, com a pata enrolada em uma bandagem e colocada, protetoramente, sob o corpo.

— O que houve com ele? — Sabine perguntou ao homem. O cão levantara as orelhas ao vê-lo chegar, como se estivesse à espera de alguma coisa, e então as deixou cair um pouco quando ele virou o rosto a fim de olhar para ela.

— Foi atropelado por um cavalo. Um dos visitantes do centro equestre não segurou seu animal e ele pegou esse pobre malandro, deixando-o debaixo dos cascos. — E balançou a cabeça com ar de censura. — Sabe o que acontece, senhora Ballantyne? Eles não explicam aos visitantes nem mesmo as regras básicas que eles devem seguir, antes de liberá-los com os cavalos. Simplesmente pegam o dinheiro e os colocam para fora dos portões. Não querem nem saber se os pagantes sabem montar direito, na maior parte das vezes.

A avó de Sabine concordou com a cabeça, com o olhar ainda fixo no cão.

— Você tem toda a razão, Niall — disse ela. — Toda a razão.

— E piorou muito depois que eles transformaram o clube em hotel. Pelo menos, antes disso, o lugar era frequentado basicamente pelos habitantes da região. Agora, só se vê turistas, homens de negócios e outros desse tipo, e tudo o que interessa a eles é tirar o dia para participar de uma caçada. E não adianta nada tentar falar alguma coisa para eles. O velho John MacRae, do estábulo de lá, me contou que dá vontade de chorar quando a gente vê o estado em que alguns dos cavalos são trazidos de volta.

— Voltam mancando, não é? — A avó de Sabine olhou para ele.

— Mancando é o de menos. Alguns dos clientes os mantêm andando durante quatro, seis horas, até que eles fiquem completamente sem fôlego. Outro dia, um deles voltou colocando sangue pelas narinas. E aquela égua de pêlo castanho que eles foram buscar em Tipperary, a senhora se lembra dela? Voltou toda lanhada até aqui embaixo — e apontou para a lateral de seu próprio corpo —, porque uma mulher idiota resolveu usar esporas, e as colocou ao contrário.

Sabine observou a sua avó balançar a cabeça, concordando. Tinha uma expressão no rosto que ela jamais vira.

— Acho que eu vou ter uma conversa com Mitchell Kilhoun disse ela, com firmeza.

— Vou dizer a ele que os homens têm que cuidar melhor dos animais, senão eu não vou mais deixá-los ir caçar conosco.

— E será que a senhora podia também conversar com o mestre da equipagem?

— Claro que sim — respondeu ela.

— Seria ótimo, senhora Ballantyne. Eu fico com o coração despedaçado quando vejo bons animais serem feridos à toa. — E olhou para trás, para o cão, que estava lambendo a pata boa, com ar pesaroso. — Esse velho malandro deveria ter sido sacrificado.

— Sacrificado? — Sabine, que estava olhando distraída para o cão, olhou firme para ele.

Niall olhou rapidamente para a avó dela e, a seguir, de volta para Sabine.

— Sim, senhorita. Teria sido a melhor coisa para ele.

— Ser sacrificado? Como é que você pode dizer uma coisa dessas?

— Bem, um cão de caça com apenas três pernas não serve para ninguém, não é? — Niall franziu a testa de leve. — Ele ia ser deixado para trás. Talvez até mesmo provocado pelos outros companheiros. Isso não é nada agradável, é?

— Você teria mesmo coragem de matá-lo? — Sabine olhou para a avó.

— Niall está certo, Sabine. Um cão ferido não tem mais vida.

— Bem, se atirarem nele, aí mesmo é que ele não vai mais ter vida.

— Enfurecida, Sabine sentiu lágrimas inexplicáveis lhe surgirem nos olhos. — Como é que vocês podem ser tão cruéis? O que é que a senhora ia achar se alguém desse um tiro e matasse Bertie, só porque ele não conseguia mais fazer o seu trabalho? Vocês não têm nenhum senso de responsabilidade?

A avó respirou fundo. Trocou um olhar com Niall, e então foi na direção de Sabine, com a intenção de carregá-la de volta para a casa-grande.

— Eles não são animais de estimação, querida. Não são como Bertie e Bella. São cães de caça, criados de forma especial...

Ela foi interrompida pelo barulho do motor do Land Rover, que fazia a curva e entrava no pátio, seguido de perto por um trailer azul-claro, bem antigo. O barulho de sua aproximação aumentou com a cacofonia que veio de um dos canis, onde os cães voavam de encontro aos

cercados, atirando-se contra as grades em um êxtase de latidos e ganidos, caindo uns por cima dos outros, no esforço de chegar mais perto do portão.

No meio de todo o barulho, a porta do motorista do Land Rover se abriu e Liam saltou agilmente.

Desculpe ter demorado tanto, Niall. Não tinha ninguém lá para carregar aquela porcaria. Oh, desculpe, senhora Ballantyne. Eu não reparei que a senhora estava aí.

Vamos embora, Sabine — disse a avó, guiando-a pelo braço, com firmeza, em direção ao portão. — Vamos voltar para casa.

Mas Sabine resistia.

— O que vai acontecer com o cão que quebrou a pata? Horatio? Ele vai ser sacrificado?

A avó olhou rapidamente para o trailer, cuja rampa de trás Michael j á estava começando a baixar, e começou a empurrar Sabine, com um jeito carinhoso, colocando as mãos na base das suas costas.

— Não. Ele não vai ser sacrificado. Como Niall nos contou, o veterinário disse que ele está melhorando.

— Mas por que é que a senhora não o trata como os outros cães? Niall se colocou no outro lado da rampa e, segurando com cuidado, ele e Michael acabaram de baixá-la até o chão, deixando cair com força os últimos vinte centímetros, o que provocou um eco que fez os cães ladrarem ainda mais furiosamente. Eles pareciam, Sabine notou em silêncio, um pouco assustados.

— Sabine, vamos logo A gente precisa realmente voltar para casa. Sua avó a estava empurrando, agora. Sabine parou de repente, olhando para ela com surpresa. Para que tanta pressa? O que será que a avó não queria que ela visse?

A perna rígida de um cavalo respondeu à pergunta. Ela estava pendurada, balançando como o ponteiro solto de um relógio, pendendo do lado de fora do trailer em um ângulo impossível, apontando para o alto das chaminés. Na ponta da perna havia um casco preto, que ainda brilhava com algum tipo de óleo decorativo. Enquanto Sabine observava, Niall amarrou uma corda em volta da ponta da perna, de forma casual, e deu um puxão, enquanto Michael, que subira alguns metros rampa acima, não podendo ser visto, soltava alguns grunhidos de esforço para conseguir empurrar a coisa para fora.

— O que eles estão fazendo? — murmurou ela. Estava chocada demais para conseguir se comunicar direito.

— Ele está morto, Sabine. — O tom de cansaço na voz de sua avó sugeria que essa reação já era esperada. — Ele não pode sentir nada.

Sabine se virou para a avó, com os olhos cheios de lágrimas. Atrás dela, os cães se debatiam, alvoroçados, atirando-se freneticamente contra os arames de proteção.

— Mas o que eles estão fazendo?

A avó de Sabine olhou para o corpo do cavalo baio, que deslizava, centímetro por centímetro, rampa abaixo.

— Eles vão levá-lo para o depósito de carne.

— Para o depósito de carne? Depósito de carne?

— Os cães precisam comer alguma coisa, querida.

Os olhos de Sabine se arregalaram. Ela olhou para o cavalo morto e depois para os cães, atrás da avó, que estavam babando. Tudo o que conseguia ver eram dentes, gengivas e saliva.

— Os cães vão despedaçá-lo. — Sua voz ficou engasgada, e as duas mãos voaram, sem ela sentir, para o rosto. — Ah, meu Deus, eu não posso acreditar que a senhora vai deixar que eles o rasguem em pedaços. Ah, meu Deus...

Os dois homens pararam de trabalhar, e logo a seguir continuaram o serviço, enquanto Sabine saía em disparada pelo portão e corria de volta para casa.

A senhora H já havia preparado o chá há quase meia hora e, no momento em que Joy Ballantyne se lembrou de pegar a caneca que estava sobre o fogão Aga, uma película já havia se formado sobre ele, de modo que o reflexo de um sol pálido, meio marrom, estava sobre a superfície do líquido.

Ela devia saber que não era uma boa ideia levar Sabine até os canis. Aquela era uma atividade suja e rústica, e a menina ainda estava recoberta com a proteção de um celofane urbano. Os moradores da cidade grande achavam difícil lidar com as realidades da vida e da morte tão de perto, e a cidade estava entranhada na carne de Sabine como uma pedra incrustada em uma joia. Além do mais, Joy já tinha muito com o que se preocupar, agora que Edward estava piorando tanto.

Ela levantou a cabeça, inconscientemente, como um cão de caça, tentando detectar algum som de movimento no andar de cima. A senhora H tinha ido às compras, a casa estava envolta em silêncio, e os únicos sons eram o distante ruído metálico do sistema de aquecimento e os ocasionais roncos e grunhidos dos dois cães, que estavam deitados aos seus pés.

Joy suspirou. Ela já pensara longa e profundamente sobre o que fazer com aquela menina, tentando descobrir como arrancar um pouco de entusiasmo, um pouco de vida daquele rostinho tenso e desconfiado. A jovem, porém, não parecia se interessar por coisa alguma e se fechava, afastada de todos e trancada no quarto, o u tentava desaparecer em diferentes partes da casa com um ar tão pesado de descontentamento por estar em Kilcarrion que esse sentimento emanava dela como se fosse um odor desagradável. Ela parecia se sentir pouco à vontade em qualquer lugar em que estivesse: no seu quarto, na mesa de jantar, se era tocada por alguém sem esperar, e até mesmo quando estava sozinha.

Será que Kate era assim, nessa idade? Talvez fosse. Joy, tomando chá morno na cozinha deserta, folheou antigas lembranças, como alguém que tenta achar um trecho em u m livro. As caras emburradas de Kate, na adolescência; sua fúria diante da incapacidade de seus pais compreenderem suas próprias preocupações; sua decisão, mais tarde, de parar de cavalgar, deixando o cavalo baio, que eles levaram meses tentando achar, intocado e solto na campina

de baixo, como um lembrete permanente do abismo que havia entre ela e os pais. Kate era tão diferente do irmão mais velho, Christopher, que vinha de Dublin todos os fins de semana e passava o tempo todo para cima e para baixo com seus cavalos. Era difícil acreditar que os dois tinham o mesmo sangue. Mas ali estava a prova de volta, na figura da filha de Kate.

Ela imaginou que aquilo seria até divertido, reconheceu Joy, enquanto acabava o chá. Queria se apegar a Sabine. Planejara dar a ela uma estada divertida, ali, cheia de ar puro, atividades diversas e boa comida, para então mandá-la de volta com um brilho especial naquelas bochechas pálidas. Joy até mesmo passara horas tentando conseguir um cavalo pequeno e manso, que pudesse servir de companhia à menina. Mais do que tudo, queria a oportunidade de sentir que tinha uma neta, em vez de tentar afastar essa ideia da cabeça o tempo todo, como fizera desde que ela e Kate, no passado, haviam se desentendido. No dia em que Kate telefonara, inesperadamente, e perguntara se podia mandar a filha para passar uns tempos em Kilcarrion, ela interpretara mal o silêncio de Joy, achando que era uma negativa e, na mesma hora, magoada, retirou a proposta. Só que o silêncio de Joy fora apenas uma reação de prazer e espanto: jamais, nos últimos dez anos, ela imaginou que poderia ganhar a chance de, simplesmente, ter a neta por perto.

Agora, os únicos momentos em que ambas se sentiam à vontade era quando Sabine sumia e ia para a casa de Annie. O que, por sinal, ela fazia com cada vez mais frequência. Sabine nem mesmo parecia gostar da avó. E Joy tinha que reconhecer que achava a companhia da neta desconfortável, e até mesmo irritante.

Talvez nós sejamos velhos demais para ela, pensou, reparando no som dos seus joelhos, que estalaram quando ela se curvou para acariciar a cabeça macia de Bella.

Somos muito velhos e muito chatos, e ela está acostumada com o tumulto da cidade, um tipo de vida que nós não conseguiríamos entender nem se tentássemos. Computadores, era isso o que ela queria, não é? Computadores e televisões? Foi tolice achar que ela poderia se adaptar à nossa vida. Tolice ficar aborrecida com ela, só porque ela não compreende a importância de Duke. Ela ainda não teve nenhuma responsabilidade verdadeira, na vida. E eu deveria estar lamentando tudo isso, por ela, e não me sentindo frustrada por causa dela, pensou Joy. Que vida estragada e desconjuntada ela tivera, até ali. A menina não tem culpa de ser assim. A culpa é de Kate.

— Vamos, meninos — disse ela, erguendo-se novamente. — Vamos lá, procurar Sabine.

O exterior severo de Joy escondia uma certa generosidade de espírito. Embora se colocasse firme em seus valores, não era tão rígida a ponto de não ceder um pouco, quando estava errada. Havia coisas que ela podia fazer para tornar a menina mais feliz, disso tinha certeza.

Podia dar a ela algum dinheiro e pedir a Annie para levá-la ao cinema. Também faria bem a

Annie sair um pouco de casa. Poderia pedir a Thom para ensiná-la a dirigir, treinando no Land Rover, nas campinas da parte de baixo. Ela ia gostar disso. Era só tentar achar algum ponto em comum entre as duas.

Joy ordenou aos cães que ficassem embaixo e subiu as escadas. Um pouco mais cedo, quando tinha vindo trazer água fresca para Edward, ela ouvira choro e soluços vindos do quarto azul; irritada e sem saber se uma tentativa de aproximação seria rejeitada, voltara para baixo sem fazer barulho. Lembrava-se disso, naquele momento, com um pouco de vergonha. Pelo amor de Deus, mulher, repreendeu a si própria, ela é só uma criança. Você devia ser adulta o suficiente para tomar a iniciativa e se aproximar dela.

Em pé, do lado de fora do quarto, tentando ouvir algum movimento, ela bateu na porta, bem de leve, duas vezes.

Ninguém respondeu.

Joy tornou a bater e então entreabriu a porta, com cuidado. A cama, embora tivesse marcas de que alguém se deitara ali recentemente, estava vazia. Deu uma olhada em volta e então, sentindo que estava invadindo a privacidade de Sabine, recuou e fechou a porta. A menina, provavelmente, estava na casa de Annie. Joy engoliu a tristeza de pensar que sua neta achava mais fácil se sentar em uma casa cheia de estranhos do que com sua própria família.

Não é culpa dela, disse para si mesma. Nós é que simplesmente não tentamos compreendê-la direito.

Fechou a porta com todo o cuidado atrás de si, como se Sabine estivesse presente, e chegou a dar alguns passos pelo corredor quando a porta do velho escritório do andar de cima atraiu o seu olhar. Ela estava encostada.

Joy, irritada, foi até lá para fechá-la, mas uma espécie de instinto lhe ordenou que desse uma olhada lá dentro. Ela abriu a porta e entrou.

Aquele era um aposento no qual ela raramente entrava. Edward deixara de usá-lo há muitos anos, e a senhora H tinha ordens específicas para não mexer em nada, ali. Portanto foi fácil, para Joy, perceber que as coisas estavam fora do lugar. Teria sido fácil de perceber, mesmo se não fosse pelas duas caixas destampadas no chão e o álbum de fotografias aberto, apoiado sobre um dos tapetes enrolados.

Joy olhou para as fotos, todas espalhadas pelo chão. Havia uma dela em companhia de Stella, rindo de alguma piada. Tinha sido no dia da coroação. Lá estava o velho barco de juncos que elas pegavam emprestado aos domingos, para ir à praia em Shek O. Lá estava Edward, em seu uniforme branco da Marinha. E lá estava Kate, uma garotinha. Com o seu amigo. Seu amiguinho chinês.

Joy sentiu a fúria brotar, ao ver suas lembranças pessoais atiradas de forma descuidada por todo o tapete, como se não tivessem importância. Como é que ela tivera a coragem de fazer aquilo? Como é que ela ousara remexer naqueles objetos pessoais sem ao menos pedir permissão? Joy teve a imagem súbita de sua neta como uma intrusa, alguém xeretando sorrateiramente no seu passado. Aquelas fotos eram uma coisa pessoal. Aquela era a vida dela, suas memórias, as lembranças particulares dos anos que haviam passado. E ainda por cima, tê-las deixado ali, espalhadas de forma descuidada, como se fossem coisas banais...

Engolindo um soluço de indignação, Joy se abaixou e começou a colocar as fotos soltas de volta na caixa, e então tampou a caixa com uma força desnecessária. Foi direto para a porta e

marchou com rapidez escadas abaixo, tão transtornada que os cães, em vez de esperarem por ela com ar de alegria, saíram da sua frente, correndo.

Era a terceira vez que Sabine assistia ao filme Bonequinha de luxo. Ela lembrava aquela parte em que o chapéu da mulher da festa pegava fogo e ninguém notava.

Lembrava também a cena em que Audrey Hepburn pegava no sono na cama de George Peppard (e ele não tentou fazer nada com ela, ao contrário do que faria na vida real). E também a cena em que ela o fazia procurar pelo livro na biblioteca. Bem, Sabine conseguia praticamente repetir os diálogos de cor. Mas aquilo não importava, porque ela estava muito mais interessada em Annie.

Apesar de fazer pouco mais na vida do que ficar sentada assistindo a filmes o dia inteiro (Annie assinava todos os canais de TV a cabo, e era sócia de todas as locadoras de vídeo em um raio de quarenta quilómetros), ela na verdade não parecia prestar atenção a nenhum deles. Desde que Sabine chegara, o que fazia quase uma hora, desde o início de Bonequinha de luxo, ela já folheara duas revistas, marcara algumas peças de roupa em um grosso catálogo de compras pelo correio, passeara pela sala e fora até a janela pelo menos duas vezes, e frequentemente saía do ar, olhando além da tela da TV, para algum local que ficava muito atrás dela. Chegou a um ponto em que Sabine estava mais interessada em observar Annie do que em assistir ao filme.

Também, Annie jamais conseguia se concentrar em nada por muito tempo.

Durante a s conversas, quando a s duas s e inclinavam uma para a outra, de forma cúmplice, enquanto tomavam chá, ela parecia perder o fio do assunto sobre o qual estavam falando, e Sabine tinha sempre que lembrá-la. Às vezes, seu rosto ficava totalmente ausente, e de vez em quando ela sumia no andar de cima, por cinco ou dez minutos. Era muito comum Annie cair no sono, como se permanecer no presente fosse algo muito cansativo. No início, Sabine achou tudo aquilo muito irritante, e ficava se perguntando se fizera algo errado, mas então notou que ela agia desse modo com todos, com Patrick, com sua mãe, até mesmo com Thom, e resolveu que o jeito de Annie era assim mesmo. Como Thom dissera, todo mundo tem o seu jeito de ser e, desde que não seja nada pessoal, a gente deve aceitar as pessoas como são.

— E então, onde esteve esta manhã, Sabine? — Annie, com os pés embaixo do corpo, no imenso sofá azul, desviou os olhos da tela da TV Ela usava um imenso casaco de pescador que parecia engoli-la. Era, provavelmente, de Patrick. — Você andou a cavalo?

Sabine concordou com a cabeça. Descobriu que, inconscientemente, havia imitado a posição em que Annie estava, no sofá em frente, e a parte de baixo de sua perna estava começando a ficar dormente.

— Thom levou você para cavalgar?

— Levou. — Sabine esticou a perna, olhando para os pés, só de meias. — Você alguma vez já viu os cães de caça?

— Se eu já vi os cães de caça? Claro que sim. Você vai se cansar de vê-los andando para cima e para baixo, na temporada de caça.

— Eu perguntei se você já viu o lugar em que eles ficam.

— Os canis? — Annie olhou para ela, sem entender. — Claro. Lugar nojento, não é?

Por quê? Você ficou um pouco chocada?

Sabine fez que sim com a cabeça, novamente. Não queria contar a história toda a Annie. A casa dela era o lugar onde Sabine tinha que fingir que a vida era normal, com televisão e um pouco de fofoca, sem velhos doidos, regras idiotas e coisas mortas.

Annie reparou a expressão no rosto de Sabine, e então jogou as pernas para frente e colocou os pés no chão.

— Ele não devia ter levado você lá. Não é um lugar agradável para alguém que não está acostumado com a criação de animais.

— Não foi o Thom. Todos os cavalos que morrem vão para lá?

— Não só os cavalos. As vacas também, as ovelhas, todo tipo de animal. Eles têm que ir para algum lugar. Eu não ficaria impressionada com isso, se fosse você. Olhe, vou colocar a chaleira no fogo. Você não quer uma xícara de chá?

É claro que levou mais de quinze minutos para Annie ir perguntar a Patrick se ele também queria chá. No momento em que ela voltou para a sala de estar, Audrey Hepburn já estava com George Peppard, encontrara o gato que sumira, e Sabine estava achando que sua reação, nos canis, fora exagerada. Os animais já estavam mortos, como Annie dissera. E os cães precisavam comer alguma coisa. Tinha sido apenas um ligeiro choque, ver a crueldade de tudo aquilo. Especialmente para uma pessoa que era vegetariana.

Em Londres, sua mãe tinha todo o cuidado para respeitar os seus pontos de vista sobre o consumo de carne, havia sempre queijo, molho de macarrão e tofu na geladeira.

E Geoff sempre preparava comida vegetariana para todos. Era até mais simples, ele dizia. E provavelmente também era bom para eles, pois não ficavam comendo tanta gordura animal. E já era difícil o suficiente manter firmeza nas coisas em que a gente acreditava, sem que ninguém ficasse considerando tudo aquilo como se fosse frescura de adolescente. Ali, as pessoas viviam

"esquecendo" que ela não comia carne e serviam assim mesmo. Ou agiam como se aquilo fosse alguma fraqueza bizarra que ela ia acabar superando. Além do mais, não havia lutas entre a vida e a morte em sua casa, em Londres, a não ser o que passava na televisão. Ali, na casa dos avós, aquelas lutas pareciam estar em toda parte: nos pequenos animais que Bertie perseguia no pátio; no depósito de carne dos canis, um nomezinho horrível; no rosto encarquilhado e vincado do seu avô, no qual não havia energia nem mesmo para ele transmitir as suas várias expressões.

— O meu avô vai morrer? — perguntou ela.

Annie ficou parada na porta da cozinha, e então enfiou as duas mãos, de forma estranha, por dentro da bainha do casaco.

— Ele não anda muito bem — concordou.

— Por que ninguém me dá uma resposta direta? Eu sei que ele está doente, mas não posso perguntar nada à minha avó. Só queria saber se ele vai morrer.

Annie serviu o chá em canecas listradas. Ficou calada por alguns instantes, e então se virou para Sabine.

— Que diferença faz? — perguntou.

— Não faz diferença alguma. Só queria que as pessoas fossem francas comigo.

— Franqueza, bah... Você nunca vai conseguir muita franqueza das pessoas, pode acreditar.

Sentindo-se desconfortável, Sabine reconheceu um leve tom de agressividade na voz de Annie.

— E já que não faz diferença — continuou ela —, então não importa. Você devia simplesmente aproveitar a presença dele, enquanto ele está por aqui. Até mesmo amá-lo.

Os olhos de Sabine se arregalaram ao ouvir isso. A ideia de que amor era um sentimento que poderia ser dedicado àquele velho cheio de manias lhe parecia ligeiramente absurda.

— Ele... ele não é uma pessoa muito fácil de se amar — arriscou ela, baixinho.

— Por quê? Porque é velho? Porque é uma pessoa difícil? Ou porque você se sente pouco à vontade perto dele?

Sabine começou a se sentir cada vez mais desconfortável com o tom na voz de Annie. Ela era uma das poucas pessoas que Sabine achava que a compreendia e, agora, até ela estava agindo como se Sabine tivesse dito alguma coisa errada.

— Eu não quis ofender você, Annie — disse ela, fechando a cara. Annie colocou a caneca de chá diante dela. Quando Sabine levantou os olhos, ela estava olhando fixamente para ela, e seu olhar tinha um ar carinhoso.

— Você não me ofendeu, Sabine. Eu apenas acho que é importante amar as pessoas enquanto as temos junto de nós. Pelo tempo que isso durar. — Ao dizer isso, seus olhos se encheram de lágrimas, e ela desviou o rosto.

Ela fizera isso de novo. Sabine ficou gelada, consciente de que, de algum modo, fizera Annie chorar mais uma vez. Por que ela não conseguia entender direito nenhuma daquelas pessoas? Por que ela sempre acabava se sentindo como se tivesse interpretado errado algum sinal crucial, como fazia quando estava cercada de gente que não conhecia, em casa, com a sua mãe, e não conseguia entender nenhum dos seus provérbios ou piadas particulares?

— Eu tento, de verdade, ser gentil com todos — ela balbuciou, desesperada para que Annie voltasse a pensar bem dela.

Annie fungou e enxugou o nariz com a ponta da manga do casaco.

— Eu sei que sim, Sabine. É que você quase não os conhece, é só isso.

— Porque eles não são pessoas de demonstrar os sentimentos com facilidade. Eles não são muito... bem... sensíveis, se é que você me entende.

Annie caiu na risada e colocou a mão sobre a de Sabine. Ela estava fria, macia e seca. A mão de Sabine estava quente, de tanto mal-estar.

— Nisso você tem razão. Fazer com que aqueles dois demonstrem os próprios sentimentos... Bem, provavelmente seria mais fácil conseguir isso do Duke.

Ambas riram disso, com companheirismo, em silêncio. Sabine sentiu que estava mais relaxada.

Aparentemente, elas haviam conseguido atravessar a turbulência invisível que Sabine provocara sem querer.

Agora, falando sério, Sabine, eu acho isso, sinceramente. Só porque eles não são fáceis de demonstrar o que sentem, não quer dizer que não sintam.

Elas foram interrompidas por alguém que batia com força na porta da frente. Com um olhar rápido de estranheza para Sabine (a senhora H e Thom sempre entravam sem bater), Annie se levantou da cadeira e foi até a porta, ajeitando os cabelos atrás das orelhas.

Sabine levou um susto ao ver Joy parada na porta, alta e rígida, com um lenço na cabeça, o rosto impassível e os braços, junto do casaco acolchoado, estendidos de forma estranha, ao lado do corpo.

— Desculpe-me por incomodá-la, Annie. Será que eu poderia falar com Sabine?

— É claro, senhora Ballantyne. — Annie deu um passo para trás, abrindo a porta por completo. — Entre, por favor.

— Não, não vou entrar, muito obrigada. Sabine, gostaria que você viesse comigo para casa.

Sabine olhou para Joy, reparando a fúria reprimida com dificuldade que emanava de sua avó. Rápido, ela reviu mentalmente uma lista de possíveis coisas erradas que poderia ter feito: não, os frascos de xampu estavam no seu quarto, suas botas estavam limpas, a porta do seu quarto estava fechada, para que Bertie não entrasse. No entanto, algo na expressão de Joy a fez relutar em aceitar a ideia de deixar o conforto e a segurança da casa de Annie. Observou Joy, tentando reprimir a sua crescente sensação de desconforto.

— Estou só tomando um pouco de chá — disse ela. — Vou para casa assim que acabar.

Joy encolheu-se ligeiramente. Alguma coisa em seus olhos se tornou dura e fria como aço.

— Sabine — replicou ela —, quero que você venha para casa agora.

— Não! — respondeu ela, com o coração martelando. — Estou tomando chá.

Os olhos de Annie oscilavam entre as duas visitantes.

— Sabine... — disse ela, com um tom de advertência.

— Não pode ser tão urgente assim — disse Sabine, desafiadora. Ela sabia que estava em território desconhecido, naquele instante, mas algo dentro dela se rebelou diante da ideia de ser obrigada a voltar marchando para aquela casa deprimente, a fim de ouvir um sermão por causa de algum pequeno deslize doméstico. Sabine já aturara o bastante. — Só volto quando estiver pronta — afirmou.

Algo em Joy pareceu entrar em erupção. Ela passou direto por Annie e entrou na sala, carregando consigo o ar frio lá de fora em torno do corpo, como se fosse um campo radioativo.

— Como é que você tem coragem, Sabine? — disse ela, quase em um sussurro. — Como ousa mexer nos meus objetos particulares? Como ousa ficar vasculhando as minhas fotos pessoais sem nem ao menos me pedir permissão? Aquilo são coisas particulares, você compreende? Não são para você ficar xeretando.

Com um sobressalto Sabine se lembrou das fotografias, e seu rosto ficou vermelho com a descoberta. Ela nem pensara em guardá-las de volta no lugar. Não pareceu ser necessário, já que ninguém jamais entrava naquele quarto. Só que qualquer sentimento de culpa foi eclipsado pela imensa reação de sua avó. Sabine jamais a vira perder o controle, antes. Sua voz estalava, como uma tora de lenha seca atirada ao fogo, e os seus cabelos pareciam, subitamente, ter eletricidade, soltando-se dos dois grampos. E enquanto o confronto continuava na atmosfera pesada, a adrenalina inundou o sangue de Sabine, e ela se viu gritando com a avó, em resposta.

— Aquilo eram só fotografias! — berrou, com a voz mais alta do que a da avó. — Tudo o que eu fiz foi dar uma olhada em uma porcaria de caixa cheia de fotos! Está parecendo até que eu andei remexendo na sua gaveta de roupa íntima, não é?

— Elas não eram suas, para você ficar olhando! Você não tinha o direito de fazer isso! — A voz de Joy ficou um pouco mais aguda na última frase, fazendo-a soar, curiosamente, como se fosse uma adolescente.

— Direito? Direito? — Sabine se colocou de pé, empurrando a cadeira para trás com um golpe do corpo. — Eu nunca tive direito de fazer nada, desde que vim para cá. Não existe absolutamente nada que eu possa fazer sem ter que pedir a sua permissão, existe? Não posso andar pela casa, não posso conversar com os empregados, não posso nem mesmo tomar uma droga de banho sem ter que ficar me preocupando se alguém não vai aparecer de repente e enfiar uma régua na banheira, para ver se a água está acima da altura permitida.

— Aquelas eram as minhas coisas pessoais. — gritou Joy. — Você ia gostar se eu ficasse remexendo nas suas coisas pessoais?

— Quer saber de uma coisa? Por que não vai até o meu quarto e dá uma olhada?

Porque eu não tenho nada pessoal, sabia? Não consigo nem mesmo manter a droga da minha escova de dentes no banheiro. Não consigo assistir aos programas que eu gosto.

Não posso nem mesmo usar o telefone para fazer uma ligação pessoal! — Nesse ponto, a voz de Sabine começou a falhar, e ela colocou os punhos sobre os olhos, decidida a não permitir que a avó a visse chorando.

— Sabine, você podia fazer qualquer coisa que quisesse, naquela casa, mas sem ficar se esgueirando pelos cantos, recusando-se a se juntar a nós. Você tem que se integrar com a casa, se adaptar.

— Adaptar-me a quê? A caçar? A alimentar os cachorros com cavalos mortos? Opa, desculpe, cães de caça. A ajudar os oito milhões de pessoas que ficam zanzando pela casa, preparando ovos cozidos para o meu avô? — Sabine notou, com o canto do olho, que Patrick chegara e estava em pé na porta da cozinha.

— Você é uma hóspede na minha casa — disse Joy, falando como se estivesse lutando para controlar a respiração. — Como hóspede, o mínimo que espero de você é que não fique remexendo em coisas que não lhe dizem respeito.

— Eram só umas porcarias de fotos! Umas fotos fedorentas! A não ser aquelas em que a minha mãe aparece, elas nem são muito bonitas! Sabine começou a chorar. — Ai, meu Deus, e u não acredito que a senhora dê tanta importância a isso. Eu estava entediada, entende? Estava entediada e cheia de tudo, e queria ver como é que a minha mãe era quando tinha a minha idade. Se soubesse que a senhora ia criar tanto caso por causa disso, não ia nem chegar perto de suas fotos idiotas. Eu odeio a senhora. Odeio a senhora e gostaria de estar em casa. -

O choro se dissolveu em soluços profundos e entrecortados. Sabine se deixou afundar sobre a mesa e enterrou o rosto sobre os braços cruzados. Annie, que estava em pé, sem saber o que fazer, fechou a porta e foi até a mesa. Colocou uma das mãos sobre o ombro de Sabine.

— Escute — disse ela. — Senhora Ballantyne, estou certa de que Sabine não quis fazer mal algum.

Patrick foi, com calma, até o centro da sala.

— Está tudo bem por aqui? — perguntou ele.

— Pode subir, Patrick. Está tudo bem — respondeu Annie.

— Estamos com hóspedes. Eles estão perguntando o que está acontecendo.

— Eu sei, meu bem. Pode subir. — disse Annie. — Não vai haver mais barulho.

Joy balançou a cabeça de leve, como se tivesse se esquecido da presença da outra mulher. Levantou os olhos, olhou para Patrick e pareceu, de repente, desconcertada diante do próprio transbordar de emoções.

— Sinto muito, Annie, Patrick — disse, finalmente. — Não é do meu feitio perder a calma.

Patrick olhou para Joy e para Sabine com ar cansado.

— Sério. Eu sinto muito, muito mesmo.

— Vou estar lá em cima, se precisarem de mim — disse para a mulher e saiu.

Houve um breve silêncio, quebrado apenas pelos soluços e fungadas de Sabine. Joy colocou as mãos sobre o rosto, como se estivesse sentindo a própria temperatura, e então começou a andar, tensa, em direção à porta.

— Annie, eu sinto muito. Por favor, aceite as minhas desculpas. Eu... eu... sim.

Bem, acho que é melhor eu voltar para casa. Sabine, eu a vejo mais tarde.

Sabine se recusou a levantar a cabeça.

— Sinto muito — repetiu Joy, abrindo a porta.

— Está tudo bem, senhora Ballantyne — disse Annie. — Não é problema algum.

Sabine vai só terminar o chá e logo depois volta para casa.

Joy se sentou na beira da cama do marido. Ele estava reclinado de costas, apoiado em uma pilha de almofadas brancas, olhando fixamente para a lareira, do outro lado do quarto, que a senhora H tinha deixado acesa antes de sair. Estava escuro lá fora, e o quarto estava iluminado apenas pelo abajur da mesinha-de-cabeceira e pelas chamas, que tremulavam nos reflexos das colunas entalhadas em mogno da cama e nos puxadores de latão do camiseiro sob a janela.

— Ah, Edward, acabo de fazer uma coisa horrível — disse ela.

Os olhos de Edward giraram, por trás de um muco claro, até alcançar o rosto de Joy.

— Eu perdi completamente a paciência com Sabine. Na frente de Annie e Patrick.

Não sei o que deu em mim.

Ela enxugou os olhos com uma das mãos, enquanto a outra segurava com força um lenço que pegara na gaveta assim que chegou em casa. Não era comum para Joy se ver chorando. Ela nem se lembrava de quando aquilo acontecera pela última vez. Mas estava assombrada pela imagem da adolescente magra que explodira em lágrimas infantis diante dela, e mais assombrada ainda pelos sentimentos violentos que sentiu, dirigidos a ela.

— Ela entrou no escritório, entende?

Joy respirou fundo e tomou a mão de Edward. Estava seca e ossuda. Ao tocá-la, ela se lembrou dos tempos em que aquela mão era larga, com dedos compridos e bronzeados pelo trabalho ao ar livre.

— Ela andou mexendo nas fotos antigas de Hong Kong. E então senti uma coisa estranha, ao vê-las novamente... Eu... ah, Edward, eu perdi a calma por completo.

Edward continuava com os olhos fixos em seu rosto. Ela pensou ter sentido um leve apertar questionador em sua mão.

— Ela é apenas uma criança, não é? Não compreende. Por que não poderia olhar as fotos? Deus sabe que ela conhece muito pouco a respeito da própria família. Ah, Edward, estou me sentindo como uma velha tola. Gostaria de poder retirar tudo o que disse.

Joy começou a dobrar o lenço, com ar meditativo. Ela estava certa sobre o que devia fazer, mas não sabia como fazê-lo. Não era hábito seu recorrer a Edward em busca de conselhos, mas ele parecia estar em um dia bom, e não havia mais ninguém que pudesse compreendê-la, nem de longe.

— Edward, você sempre foi melhor do que eu para lidar com as pessoas. Muito melhor do que eu. O que posso fazer para consertar as coisas com ela?

Joy olhou para o marido e equilibrou o seu peso sobre a cama, inclinando ligeiramente o corpo na direção dele, para conseguir ouvi-lo melhor.

Os olhos de Edward se afastaram d o rosto dela, como se estivesse envolto em pensamentos profundos. Depois de algum tempo, girou os olhos e voltou a fitar o rosto da

mulher. Joy se inclinou ainda mais para baixo. Ela sabia que ele estava com problemas para falar, naquele instante.

Quando sua voz finalmente emergiu, estava rouca e entrecortada como papel-arroz.

— Vamos ter salsichas para o jantar? — disse ele.

Cinco

A ÚNICA VANTAGEM DE MORAR em uma casa matematicamente regida por normas e regras é que isso tornava mais fácil entrar sem ser notada. Sabine tinha calculado o tempo para chegar em Kilcarrion exatamente às oito e quinze, quando sabia que a sua avó estaria jantando na sala de refeições. Mesmo quando seu avô jantava no andar de cima, em seu quarto, Joy comia ali, em uma mesa com esmero, posta como se para manter viva, solitariamente, alguma importante tradição. E Sabine planejara uma rota bem definida para voltar, que não incluía a sua passagem pela sala de jantar: se entrasse pela porta dos fundos e seguisse sem fazer barulho pelo corredor que ia dar no quarto para guardar as botas, ela poderia subir pela escada de trás e sair no andar de cima sem que a sua avó sequer desconfiasse que ela voltara.

Porque Sabine não ia falar com ela, de jeito nenhum. A próxima vez que a visse, seria para dizer adeus. Ela ia esperar até que a avó fosse para a cama e depois viria na ponta dos pés até a sala de estar, a fim de ligar para a sua mãe e avisar que ela estava voltando para casa. Sua avó não tinha uma extensão no quarto, então não ia escutar nada. E o seu avô nunca ouvia nada, mesmo. A não ser que os cães ficassem agitados e começassem a latir, ela já estaria com tudo planejado e pronto, antes mesmo de sua avó poder fazer alguma coisa para impedir.

O pequeno nó de tensão na barriga que Sabine sentira pelo resto do tempo em que ficara na casa de Annie não havia passado enquanto ela fazia seus planos, mas ela não se importava. Estava quase agradecida. O sentimento de fúria e de injustiça lhe dava coragem para seguir em frente. Sim, ela ia sentir falta de Thom, de Annie e da senhora H, e era uma pena que estivesse começando a curtir um pouco estar ali. Mas não ia ficar em companhia daquela mulher nem mais um dia. De jeito nenhum. Em um determinado momento, depois que sua avó havia ido embora, quando ela ainda estava no estágio de soluços e suspiros pós choro, sugerira a Annie que talvez ela pudesse dormir no quarto extra. Aquele ao lado do quarto de Annie e Patrick, que jamais era usado pelos hóspedes. Assim, ela não precisaria voltar para Kilcarrion. Mas Annie tinha ficado esquisita novamente e dissera que não, que ninguém podia usar aquele quarto, e Sabine resolveu não insistir. Naquele instante, ela precisava de todos os amigos que conseguisse.

Sabine pegou a sua mala embaixo da cama e começou a jogar as roupas lá dentro.

Era melhor assim, disse para si mesma. Ela e sua avó simplesmente não se davam bem.

Agora ela compreendia por que sua mãe jamais voltara à Irlanda. Imagine só, ter que crescer e passar a vida toda aturando aquilo! Sabine sentiu uma pontada de saudade de Kate, e se confortou com o pensamento de que àquela hora, no dia seguinte, ela já estaria de volta e m sua casa, em Hackney. Isso era o mais importante. Quanto aos problemas com Justin, ela ia lidar com isso mais tarde.

Indo até a cómoda, abriu as gavetas e começou a jogar todas as roupas na mala de forma caótica, sem se importar se elas iam ficar amassadas. Estava cheia de fazer tudo de modo

certinho. Daquele momento em diante, ela ia simplesmente fazer as coisas do jeito dela.

Só que, enquanto fazia as malas, ela sentiu que não conseguia pensar muito a respeito de Justin. Ou Geoff. Ou sobre as coisas boas de Kilcarrion, como cavalgar com Thom, como acontecera naquela manhã. E o modo com que ele colocava a mão no ombro dela e dizia que ia transformá-la em uma amazona. Ou o jeito com que ele se inclinava na direção dela, quando estavam tirando as selas e os arreios dos cavalos, no pátio, e lançava um olhar de advertência para Liam, quando ele começava a fazer brincadeiras pesadas na frente dela. Ou a senhora H e sua comida, que era infinitamente mais gostosa do que qualquer coisa que ela conseguia comer em casa, onde apenas a mãe cozinhava. Ou Bertie que a seguia por toda parte e parecia adorá-la de um jeito que Goebbels jamais demonstrara, apesar de ela tê-lo criado desde que era um gatinho recém-nascido. Ou até mesmo Annie, apesar de ela ser esquisita. Porque se Sabine começasse a pensar muito a respeito de qualquer uma dessas coisas, sentiu que ia ficar com vontade de chorar.

Muito.

Ela deu um pulo quando ouviu a batida suave na porta, e então ficou gelada. Pega em flagrante, pensou. Então, lembrou-se de que qualquer coisa que sua avó fazia, nos últimos tempos, deixava-a daquele modo. Sabine ficou parada e não disse nada, mas, de qualquer modo, finalmente a porta se abriu, lenta e cuidadosamente, fazendo o velho tapete azul eriçar os pêlos de leve.

Sua avó estava parada diante dela, segurando uma pequena bandeja de madeira, sobre a qual havia uma tigela de sopa de tomate e um pouco do pão amanteigado da senhora H. Sabine olhou para ela por um instante, toda tensa e rígida, esperando pela próxima repreensão.

Mas Joy simplesmente olhou para a bandeja e disse: — Achei que talvez você estivesse com fome. — Então, depois de aguardar por alguns instantes, como se estivesse à espera de algum protesto, foi andando devagar até a penteadeira. Se reparou na mala que estava sendo feita, não disse nada. Colocou a bandeja com cuidado sobre um espaço livre, e então girou o corpo por completo, de modo a ficar de frente para a neta. — É sopa pronta, espero que você não se importe.

Sabine, que estava de pé, imóvel, ao lado da cama, balançou a cabeça com ar cansado.

Houve um longo silêncio. Sabine esperou que Joy se mexesse. Mas ela não parecia disposta a isso.

Em vez de se mover, ela juntou a s mãos, um pouco sem graça, e a s elevou ligeiramente na direção de Sabine, forçando o rosto a formar um sorriso. Então, enfiou as mãos no fundo dos bolsos do seu casaco forrado e disse: — Thom me contou que você cavalgou muito bem, hoje. Disse que estava muito elegante.

Sabine ficou olhando para ela.

— Foi, sim — continuou. — Disse também que você e o pequeno cavalo cinza se deram muito bem um com o outro. Isso é uma boa notícia. Muito boa. Contou que você tem mãos muito macias, para segurar as rédeas. E que também sabe se sentar muito bem sobre a sela.

O jeito desconfiado com que Sabine observava a avó foi distraído, por um instante, pelo pensamento de Thom examinando o seu traseiro. Será que aquilo era tudo terminologia de montaria? Ou será que ele andara olhando para ela por outras razões?

— Enfim — voltou Joy. — Pelo jeito, ele acha que vocês dois vão estar logo, logo, treinando alguns saltos. Aquele cavalo cinza é um saltador maravilhoso. Eu já o vi solto, no pasto. Ele é corajoso como um leão. Um animal muito generoso.

Sua avó estava parecendo muito desconfortável, Sabine reparou. Agora, ela estava torcendo as mãos em volta de um velho lenço branco, e parecia não ter coragem de encarar Sabine nos olhos.

— Ele consegue saltar sobre um barranco Wexford, sabia? Sem problemas.

Sabine se sentiu subitamente triste, diante do desconforto da velha. Aquilo não estava fazendo com que ela se sentisse melhor, nem um pouco. Levantando a cabeça, perguntou:

— O que é isso?

— Um barranco Wexford? Ah, esse é o mais difícil de todos. Não é daqueles fáceis de saltar, não, nem de longe. — Joy estava falando rápido demais agora, como se estivesse aliviada pela reação de Sabine. — É um banco alto de terra batida, bem duro, com mais ou menos um metro e meio de altura e uma vala muito larga, nos dois lados. Os cavalos sobem nele galopando, e então pulam até o topo do banco; os mais espertos se equilibram sobre ele por um rápido instante, como se estivessem na ponta dos pés. — Neste ponto, ela juntou as mãos, colocando-as em forma de funil e apontando para baixo, e a seguir moveu-as lado a lado, como alguém que estivesse testando o peso delas. — Então, eles tornam a saltar por cima da vala, para alcançar o outro lado. Só que nem todos fazem isso. É algo que requer muita coragem, e um pouco de experiência. Alguns deles preferem sempre pegar o caminho mais fácil.

Contornando o barranco e passando pelo portão.

Sim — confirmou a avó, olhando para a neta com um ar sério. Alguns sempre passam pelo portão.

As duas ficaram caladas por um momento. Então, Joy se afastou lentamente da bandeja e foi em direção à porta. Ao chegar lá, virou-se para a neta. Parecia muito velha e muito triste.

— Sabe — disse ela —, andei pensando e acho que talvez seja uma boa ideia eu fazer uma arrumação naquele escritório. Estava pensando se você não poderia me dar uma mãozinha. Talvez eu até tenha chance de lhe contar algumas passagens sobre o lugar onde a sua mãe viveu, quando era pequena. Isto é, se você não ficar entediada, ouvindo isso.

Houve um longo silêncio, e Sabine começou a olhar para as próprias mãos. Parecia não saber muito bem o que fazer com elas.

— Sabe — voltou a avó —, eu ficaria imensamente agradecida. Sabine olhou para ela, e então para a bandeja. Deu outra olhada para trás, para a mala de roupas que estava no chão, com as meias penduradas para fora, como línguas azuis estendidas.

— Tudo bem — respondeu, então.

Seis

A Bordo do SS Destiny, Oceano Índico, 1954.

A SENHORA LIPSCOMBE, debaixo do seu chapéu azul com aba larga, estava contando como foi que dera à luz. Mais uma vez. A parteira lhe deu conhaque, que ela acabou vomitando, pois não era de beber.

— Pelo menos, não naquela época — gargalhou ela com um som áspero, e contou que, nesse instante, a tola da parteira se abaixou para limpar alguma coisa nos sapatos.

Esse, infelizmente, foi o instante exato em que Georgina Lipscombe levantara o corpo da cama, tentando colocar-se ereta e, com um rugido, agarrou a primeira coisa na qual pôs as mãos e fez força para baixo com a barriga. Ejetada por esse poderosíssimo impulso final, a pequena e ensanguentada Rosalind foi lançada no ar, e já ia caindo no meio da sala quando foi agarrada, como se fosse uma bola de rúgbi, por uma criada atenta que estava esperando o nascimento, ali por perto.

— Agarrei u m punhado de cabelos daquela mulher, podem acreditar — disse a senhora Lipscombe, com um pouco de orgulho. Disseram que eu não os larguei por quase uma hora. Fiquei com vários tufos dos cabelos dela agarrados entre os dedos, quando soltei. Ela ficou furiosa.

Joy e Stella, sentadas em espreguiçadeiras ao lado dela, trocaram sorrisos quase imperceptíveis. As histórias de Georgina Lipscombe eram, normalmente, uma fonte de diversão, mas depois que ela tomava alguns gins-tônicas, elas começavam a ficar mais sanguinolentas.

— O bebé ficou bem? — perguntou Joy, com educação.

Rosalind? Ah, ficou ótima. Não ficou, querida?

Rosalind Lipscombe estava sentada na beira da piscina, com as pontas das perninhas de criança rechonchuda submersas na água azul e fria. Enquanto a mãe falava, ela levantou a cabeça e olhou rapidamente para as três mulheres, antes de voltar a examinar os pés muito brancos. Apesar de ser difícil identificar qualquer expressão em seu rostinho, Joy achava que ela, também, já estava cansada de ouvir aquela história.

— Não sei por que ela não mergulha — disse a mãe. — Está tão quente. Rosie, querida, por que não vai nadar um pouco? Você vai se queimar demais, sentada aí.

Rosalind olhou para a mãe reclinada sobre o convés e então, sem fazer barulho, recolheu os pés da água e saiu chapinhando da beira da piscina, indo em direção aos vestiários.

Georgina Lipscombe levantou uma sobrancelha e disse: — Vocês meninas, vão descobrir logo, logo, o que é isso. Ai! A dor! Eu falei para Johnnie que, para mim, era o bastante. Não aguentaria outro. Jamais passaria por aquilo novamente. — E soltou uma fina nuvem de fumaça no ar limpo. — É claro que acabei tendo Arthur, menos de um ano depois.

Ao contrário da irmã, Arthur estava sentado sozinho dentro d'água, na parte rasa, brincando com um barquinho de madeira sobre as ondas. Apesar do calor, ele era a única pessoa que estava dentro da piscina, devido à animada festa de variedades do navio na noite anterior, a qual, a avaliar pelo número de ressacas que provocou, tinha sido um tremendo sucesso.

O antigo navio para transporte de tropas 55 Destiny já estava no mar há quase quatro semanas, e seus esfalfados passageiros, esposas viajando para se encontrar com os maridos oficiais e oficiais viajando para assumir novos postos, já estavam desesperados por alguma coisa que os ajudasse a esquecer a viagem que não acabava nunca e o calor, que agora estava insuportável. Os dias se arrastavam, balançando e bocejando como o mar, pontilhados apenas pelas refeições, fragmentos de fofocas e a lenta, porém marcante, mudança no clima, enquanto eles seguiam do porto de Bombaim em direção ao Egito. Joy muitas vezes se perguntava como é que as tropas tinham conseguido aguentar aquilo, enfiadas o tempo todo nos andares de baixo, sem ter nem ao menos janelas nas cabines. Ela queria perguntar a alguns dos muçulmanos que trabalhavam na casa de máquinas como era a vida lá no fundo dos intestinos do navio, barulhentos e cheios de óleo, mas j á lhe haviam deixado bem claro que demonstrar interesse nesses assuntos não era uma coisa adequada. E, desesperada por uma novidade, que não fosse caminhar interminavelmente pelo convés ("Vamos lá, Joy!", Stella costumava exclamar todas as manhãs, sacudindo Joy de seu sono. "Dez voltas no convés, em torno do navio, para ficar com as coxas firmes!"), jogos de cartas ou, quando o tempo estava ruim, conhaque e ginger ale para combater o enjoo, Joy e o pequeno grupo ao qual ela e Stella curiosamente haviam aderido desde o embarque pulavam de alegria diante da oportunidade de fazer alguma coisa diferente.

Havia muita bebida. Até mais do que o normal. Um dos convidados da mesa do capitão tinha dado a largada, com uma sofrível versão da canção "My Blue Heaven", e então, depois de alguns protestos leves, pareceu a Joy que até mesmo os viajantes do seu grupo estavam quase saindo no tapa por uma oportunidade de cantar, contar piadas ou fazer alguma revelação pública pouco aconselhável. Stella, calibrada por três gins-tônicas, se levantara e cantara "Singing in the Rain", compensando a desafinação com uma expressão cativante que encantou a todos. Foi seguida por Pieter, o holandês corpulento e bronzeado que "trabalhava com diamantes", que cantara alguma coisa em holandês, aos berros, para depois tentar sem sucesso, embora de forma demasiadamente física, persuadir Stella a acompanhá-lo em um dueto ao piano, agarrando as mãozinhas finas dela como se pudesse colocá-las pessoalmente sobre o teclado. A modéstia cortês de sua recusa foi muito admirada na mesa de Joy, e por isso ela não deixou escapar que a única coisa que Stella sabia tocar no piano era o "Bife".

A noite piorou depois que os comissários trouxeram uma garrafa de conhaque muito forte. Conseguiu piorar ainda mais quando Pieter aceitou uma aposta para entornar, em um gole só, o terço da bebida que sobrara na garrafa. Piorou de vez quando o senhor Fairweather e a sua esposa, depois de conseguirem silenciar os ouvintes com sua versão esganiçada de "I Get a Kick Out of You", se levantaram, deram-se as mãos e tentaram apresentar um dueto da ópera Os pescadores de pérolas, cujo clímax dramático fez com que Georgina Lipscombe explodisse de rir, espalhando por entre os dentes o drinque que estava bebendo e molhando todo o corpete de seda roxa do seu vestido, e Louis Baxter, um dos oficiais de bordo, começasse a

atirar pãezinhos sobre os passageiros, de modo que o capitão teve que intervir e apelar, de forma delicada, para que todos se comportassem. Conseguiu isso, finalmente, mas a senhora Fairweather, vermelha de tão magoada, não falou com mais ninguém pelo resto da noite, nem mesmo quando foi arrastada, com a cara amarrada, e forçada a dançar uma conga caótica espremida entre dois comissários, formando uma fila que serpenteou em volta de todo o convés. Foi nesse momento que Joy reparou que Stella tinha sumido novamente.

— Sabem de uma coisa? Passei o dia inteiro só para conseguir enxergar direito — disse Georgina, ajeitando os óculos escuros sobre o nariz.

— Não sei como é que vocês, garotas, conseguem parecer tão bem e revigoradas.

Provavelmente por não serem acordadas ao raiar do dia pelas crianças.

— Ai! Eu estou arrasada — disse Stella, de modo agradável, arrumando o cabelo impecável.

Deve estar, mesmo, pensou Joy, lembrando-se de como Stella tinha se esgueirado de volta para a cabine delas, mais de uma hora depois que o dia amanhecera.

Naquele momento, enquanto estavam estiradas sobre o convés, em seus conjuntos de duas peças, Joy tentava não pensar muito sobre os desaparecimentos cada vez mais frequentes de Stella. Ela tinha certeza de que ela amava Dick, o animado piloto com quem se casara logo depois do casamento da própria Joy ("Eu não estaria navegando por meio mundo para me encontrar com Dick se não gostasse dele, não é?", Stella respondia, com a cara azeda, sempre que Joy tentava questionar isso), só que havia alguma coisa por trás dos seus contínuos flertes com os oficiais, especialmente a sua amizade com Pieter, e isso deixava Joy com um sentimento de insegurança que não podia ser atribuído totalmente à sua falta de equilíbrio quando o navio jogava.

De forma imprudente, Joy tinha falado de suas preocupações a esse respeito com Georgina Lipscombe, com quem elas dividiam a cabine, certa noite, depois que as crianças já tinham ido dormir, e Georgina levantara uma sobrancelha e dera a entender que Joy estava sendo ingénua.

— Isso acontece em todos os navios, querida — explicou ela, acendendo um dos seus onipresentes cigarros. — É difícil, para algumas jovens, conseguir permanecer fiel, quando há um monte de oficiais adoráveis à nossa volta. É uma questão de tédio, basicamente. O que mais há para se fazer a bordo?

A conversa com ar cansado de Georgina e o jeito casual com que ela pronunciara a última frase fizeram com que Joy começasse a pensar se ela estava sendo realmente ingénua. Ela não vira Georgina, que era casada com um engenheiro naval, demonstrar amizade especial por ninguém; por outro lado, sempre havia um intervalo de umas boas duas horas, sempre que Georgina pedia a Joy e Stella que saíssem da cabine para que ela pudesse ler uma história para as crianças e o momento em que finalmente aparecia de volta para jantar. E Joy sabia, com certeza, que era sempre um amigável comissário natural de Goa a pessoa que dava banho e lia para as crianças, porque ele próprio lhe contara. Talvez também Georgina se divertisse, de vez em quando, com os "adoráveis oficiais". Talvez Joy fosse a única mulher do navio que

não fazia isso. Pensou em Louis Baxter, que se mostrara incrivelmente atencioso na noite anterior, fazendo questão de se sentar perto dela. Mas a presença de Louis, apesar de ser agradável, não fazia Joy pensar nessas coisas: ninguém a bordo poderia se comparar com Edward.

Como frequentemente fazia, Joy fez o pensamento recuar para meses antes, para a última vez em que estivera com o marido. Marido há apenas dois dias, na ocasião. Eles haviam se casado em Hong Kong, aproveitando uma licença de quarenta e oito horas que Edward conseguira, e apenas a família mais próxima assistiu à cerimónia, para desapontamento de sua mãe. Houve um café da manhã em comemoração, onde foram servidos um frango à coroação e vinho Borgonha branco, especialmente enviado para a ocasião por um dos colegas de seu pai, que conhecia um bom fornecedor.

Joy usara um vestido justo de seda branca, muito simples, cortado em viés ("Vai fazer você parecer menos magricela", sua mãe comentara), e Edward usara um sorriso que durou quase o período inteiro das quarenta e oito horas. Stella conseguiu mais destaque do que a noiva, com seu vestido azul-escuro bem decotado e um chapéu de plumas que fez com que as mulheres presentes se agitassem impacientes e começassem a cochichar pelos cantos das bocas cheias de batom. Sua tia Marcelle, que viera da Austrália especialmente para a cerimónia, pisara na cauda do seu vestido e então desmoronou, sentada em uma elaborada confusão de panos e reclamando da umidade.

Seu pai bebeu demais, chorou e deu uma gorjeta tão alta ao cozinheiro francês que sua mãe ficou sem fala por toda a última hora da recepção. Mas Joy não se importava.

Quase não reparou nos enfeites. Ficou ali, apertando as mãos largas e sardentas de Edward como se estivesse agarrada a um bote salva-vidas, sem conseguir acreditar que, depois de quase um ano de dúvidas silenciosas (aumentadas em grande parte por outras, alardeadas em voz alta por sua mãe), Edward voltara para se casar com ela.

Não é que Alice não quisesse que a filha fosse feliz, Joy decidira. Ela não era uma mulher mal-intencionada. Simplesmente acreditava, como um antropologista que estivesse estudando uma tribo estranha, que qualquer contato mais próximo do que um metro de distância podia acabar trazendo problemas.

— Na sua noite de núpcias — ensinou com a voz grave certa vez, enquanto embalava o enxoval de Joy em papel fino — você deve tentar... bem, deve tentar fazer parecer que não se incomoda com aquilo. Como se estivesse até gostando. — Alice olhou para baixo, para o vestido de seda creme enfeitado com um laço da mesma cor, como se estivesse em conflito com as próprias lembranças. — Eles não gostam se você fizer cara de quem não está satisfeita — disse, por fim. E esse foi o fim da apresentação que Alice fez da vida de casada à filha.

Joy s e sentara meio sem graça a o lado dela, percebendo que sua mãe estava tentando lhe transmitir algum tipo de conselho maternal importante. Eram tão raras as vezes em que sua mãe não tratava a filha com críticas implícitas que Joy achou melhor consagrar a o fato algum tipo de consideração. Mas, embora tentasse, não conseguia relacionar as experiências de sua mãe e a dela própria com Edward. Alice encolhia-se visivelmente todas as vezes que o pai de

Joy, normalmente bêbado, tentava, de modo sentimental demais, abraçá-la. Dava tapas em suas mãos errantes como alguém que tivesse acidentalmente se sentado sobre um formigueiro. Joy, por sua vez, acordava todas as manhãs desejando que Edward estivesse ao seu lado, para tocá-la.

Então, quando a grande noite chegou, não lhe passou pela cabeça sentir-se assustada. Joy, a essa altura, estava simplesmente louca para atravessar a invisível faixa divisória entre as mulheres que sabiam como era e as outras, como ela, que não sabiam. E, estimulada pela longa ausência do noivo, durante a qual ela tivera pouco a fazer a não ser preencher aquele vácuo de conhecimento com sonhos borrados e imprecisos, ela o abraçara quase com tanta sofreguidão quanto ele fizera com ela.

Não foi algo perfeito, é claro. Ela nem estava certa do que significava a perfeição.

Mas apreciou a proximidade dele, deixou-se consumir pelo simples prazer de ter a pele dele junto da dela, uma pele forte, rija, máscula, com odores e texturas que representavam uma bem-vinda separação d a feminilidade enfeitada e empoada que guiara sua vida, até então. Ela gostou da estranheza da presença dele, da força de seus corpos combinados, do jeito com que o tamanho dele significava que ela não era grande demais, e o modo com que o desejo que ele sentia por ela não a fazia se sentir como se estivesse fazendo algo errado. E, no dia seguinte, alegre e desinibida em seu estado recém-despertado, recebera o olhar questionador da mãe com um sorriso largo e tranquilizador. Só que Alice, em vez de parecer aliviada, como Joy pretendia, franziu a testa e saiu apressada, fingindo que tinha alguma coisa a verificar na cozinha.

Joy gravara quase todos os detalhes daquela noite em sua memória, para poder revivê-los nas intermináveis noites úmidas que passava sozinha, de volta à cama de criança dos tempos de solteira. Era tudo o que podia fazer, pois iam se passar cinco meses e catorze dias até ela poder vê-lo novamente, quando desembarcasse em Tilbury, depois da viagem de seis semanas no SS Destiny.

Stella também estava indo se encontrar com Dick, e os pais delas tinham ficado mais tranquilos ao saber que as duas amigas iam viajar juntas, embora isso não fosse o suficiente para impedir um dilúvio de conselhos não solicitados, durante as semanas antes da partida. Alice estava convencida de que os navios de transporte eram "incubadoras de imoralidades": uma prima de Bei-Lin trabalhara como cozinheira em um navio de tropas igual àquele durante a guerra e contara, divertida, sobre a interminável fila de entediadas esposas de oficiais que saracoteavam para cima e para baixo pelas estreitas escadas que iam dar nos alojamentos dos homens. Joy não estava certa sobre o que deixava a sua mãe mais chocada, a ideia de atividades extraconjugais ou o fato de elas ocorrerem com homens de classe inferior à dos oficiais. A mãe de Stella, cujos "nervos" sempre abalados pareciam balançar como sininhos ao vento na maior parte das vezes, estava mais preocupada com o recente afundamento do Empire Windrusb, que naufragara em uma tempestade perto da ilha de Malta. Mas Stella e Joy, livres pela primeira vez da vigilância dos pais, estavam determinadas a aproveitar ao máximo a aventura.

Só que, à medida que as semanas se passavam, as ideias de Stella sobre o que isso significava se mostraram muito diferentes das de Joy.

— Certo. Vou dar uma voltinha — disse Stella, descruzando as pernas lisas e bronzeadas sobre a espreguiçadeira, enquanto acenava com a cabeça para Georgina.

Georgina levantou a cabeça e olhou para ela. Era impossível dizer o que ela estava pensando, por trás dos óculos escuros.

— Vai a algum lugar interessante, Stella? — perguntou.

Stella fez gestos vagos na direção da proa do navio.

— Não. Estou só querendo esticar um pouco as pernas — respondeu, casualmente.

— Ver o que os outros estão fazendo. Parece que a maioria das pessoas ficou dentro das cabines, hoje.

Joy olhou para Stella, consciente da recusa da amiga em trocar olhares com ela.

— Divirta-se! — disse Georgina. E sorriu, com os dentes perfeitos e brancos, por baixo dos óculos.

Stella se levantou e, amarrando a saída-de-praia em volta da cintura, foi caminhando rápido na direção do bar. Joy, sentindo-se subitamente aflita, lutou contra a vontade de segui-la.

Houve um breve silêncio, durante o qual Georgina aceitou mais um drinque servido pelo rapaz de Goa, que apareceu ao seu lado.

— É melhor a sua amiga tomar cuidado, querida — disse Georgina, ainda sorrindo de forma inescrutável por trás dos óculos. — Não há modo mais rápido de adquirir má fama do que ficar brincando desse jeito em um navio.

Joy estava deitada em sua cama, com os pés enfiados em um par de í meias, esticados diante dela, deixando-a entre a janela e a porta aberta para pegar um pouco da brisa. Naqueles últimos dias da viagem ela ficava muitas manhãs daquele jeito, sem vontade de passar o dia inteiro em companhia das outras esposas e seus filhos rebeldes e chatos, ou com os oficiais que ficavam agrupados nos bares, relembrando antigas batalhas e comentando as fraquezas de velhos conhecidos. Quando o navio zarpou, Joy ficara quase sem fala, empolgada e louca para começar a primeira aventura verdadeira de sua vida. Porém, desde que entraram na parte mais longa da viagem, entre Bombaim e o canal de Suez, os dias pareciam ter diminuído de velocidade e parado de vez, enquanto a temperatura subia, deixando os seus mundos presos em uma faixa estreita de bar, convés e salão de refeições, de modo que todos os passageiros começaram a se sentir como acessórios do navio, raramente se dando ao trabalho de se aventurar em terra, nos vários portos em que o navio atracava.

Gradualmente, começou a ficar mais difícil imaginar a vida real em outro lugar e, em consequência, alguns preferiam nem tentar, e se deixavam ser carregados pelo ritmo suave da vida a bordo, embalados pelo calor como se estivessem em fogo brando, de modo que seus interesses iniciais pela quadra de ténis, as caminhadas vespertinas e a natação foram se transformando em um esforço muito grande, e até mesmo as conversas eram mais raras. Cada

vez mais, naqueles dias, os passageiros ficavam dormindo durante a tarde, ou assistindo a filmes ao anoitecer quando, então, alguns deles cantavam, apáticos, acompanhando a bolinha saltitante sobre as legendas. Ao cair da noite ficavam olhando, sem realmente ver, os espectrais poentes iridescentes, já acostumados pela repetição diária de sua extraordinária beleza. Só mesmo aqueles que eram forçados pelos pedidos insistentes dos filhos, como era o caso de Georgina Lipscombe, se viam engajados em algum tipo de atividade.

Stella ficou entediada e inquieta, de modo que, às vezes, Joy até gostava quando ela desaparecia. Isso tudo era bom para Joy porque, descobrindo que os estreitos parâmetros da vida no navio eram muito parecidos com os que ela deixara em Hong Kong, ela se via à vontade para satisfazer a sua natureza antissocial sem ninguém reparar. Gostava de ir sozinha para a cabine quando sabia que todos os outros estavam fora, para ficar olhando para o que ela chamava, secretamente, de seus tesouros edwardianos: as cartas dele, que estavam começando a ficar encardidas e frágeis por excesso de manuseio, a foto emoldurada do casamento dos dois, e a pequena pintura chinesa, um cavalo azul desenhado sobre papel-arroz que Edward comprara no primeiro dia de casados, quando eles passeavam por Hong Kong.

Ele a acordara bem cedo, e ela arregalara os olhos, como se não compreendesse completamente, em seu estado sonolento, como foi que tinha ido parar na mesma cama que aquele homem. E quando se lembrou, esticara os braços na direção dele, envolvendo languidamente o seu pescoço cheio de sardas e apertando os olhos para enfrentar a claridade. Edward a tinha puxado mais para junto dele, murmurando suavemente. Ela não conseguia ouvir nada, a não ser o farfalhar sussurrado dos lençóis.

Um pouco mais tarde, depois que o suor já secara sobre sua pele exposta, ele se levantara de lado, apoiando-se no cotovelo, e a beijara de leve no nariz.

— Vamos levantar — ele cochichou. — Quero que tenhamos a primeira manhã só para nós dois, antes que os outros se levantem. Vamos sumir. — Joy lutara contra uma vaga sensação de desapontamento, ao ver que ele não queria continuar na cama da lua-de-mel para enlaçar o corpo dela com seus braços quentes. Porém, ansiosa por agradá-lo, ela se levantara e colocara o vestido de seda e o bolero que sua mãe fizera para a viagem de núpcias. Eles haviam pedido chá para a camareira e o beberam rapidamente olhando, tímidos, um para o outro sobre a mesa do café, e então emergiram, com os olhos piscando, nas ruas rudes e barulhentas da capital, seus sentidos de repente tomados de assalto pela confusão de imagens, sons e odores pouco agradáveis que representavam Kowloon logo de manhã cedo. Joy olhava para tudo com olhos de incompreensão e surpresa, como se fosse uma recém-nascida, perguntando-se como era possível o mundo parecer tão diferente em menos de vinte e quatro horas.

— Vamos tomar a barca Star — disse Edward, agarrando a mão dela e puxando-a em direção ao terminal. — Quero levar você até a Cat Street.

Joy jamais estivera no mercado da Cat Street. Sua mãe, se Joy tivesse ousado sugerir um passeio como aquele, teria ficado pálida, lembrando a história do local, um antigo refúgio de criminosos e prostitutas (embora a sua mãe as chamasse de "mulheres largadas") e lembraria que ninguém que tivesse um pouco de classe poderia ir até lá. O lugar ficava na ponta do lado oeste da ilha, em uma região que Alice descreveria, de modo um pouco perverso, como

"chinesa demais". Porém, a os e sentarem sobre os bancos de madeira da barca, envoltos em um casulo de felicidade própria dos recém-casados e sem prestar atenção às vozes estridentes em volta, Edward contou a Joy que, desde a revolução de 1949, na China, o comércio da área tinha sido tomado por antigos bens de famílias, e que muitos deles eram valiosas antiguidades.

— Quero comprar algo para você — disse ele, fazendo um caminho na palma da mão dela, com o dedo. — Assim, você vai ter alguma coisa para se lembrar de mim, até conseguirmos nos ver novamente. Quero alguma coisa que seja especial para mim e para você. — Ele a chamara, então, de senhora Ballantyne, e Joy ficara enrubescida de prazer. Todas as vezes que ele lhe lembrava a sua condição de mulher casada, ela não conseguia evitar que o pensamento voltasse para as intimidades conjugais da noite anterior.

Quando eles chegaram, já passava um pouco das sete horas da manhã, mas o mercado de Cat Street já estava borbulhando de vida: mascates se sentavam com as pernas cruzadas, atrás de panos estendidos no chão, onde se viam relógios antigos ou peças trabalhadas em jade e penduradas em cordões vermelhos; velhos se sentavam em bancos, junto de agitados pássaros em suas gaiolas. Havia baús ornados, folheados a ouro. Mobília laqueada. Tudo envolto pelo cheiro adocicado de pasta de nabo frito, preparada por vendedores ambulantes que pareciam soltar vaias e berros, falando tão depressa que nem mesmo Joy, que entendia mais cantonês do que seus pais gostariam, conseguia compreender.

Aquilo mais parecia uma cena do Velho Oeste. Joy, porém, notando o entusiasmo de Edward, lutara contra a vontade de se segurar nele. Edward não queria uma esposa que vivesse agarrada nele, foi o que dissera a ela na noite anterior. Ele gostava da força dela, da sua independência, e do fato de que ela não ficava "borboleteando" como as outras mulheres de oficiais com quem ele convivia. Ele conhecera apenas outra mulher como ela, confessou baixinho quando os dois estavam deitados, entrelaçados, no escuro. Ele a amara, também. Mas ela morrera durante a guerra, atingida por uma bomba em Plymouth, para onde tinha ido em visita à irmã. Joy sentira o coração ficar apertado quando ele mencionou a palavra amor, apesar de saber que aquela mulher não poderia significar uma ameaça no sentido convencional do termo. Com essa emoção, porém, surgira a terrível compreensão de que, daquele momento e m diante, sua felicidade era uma coisa cativa, refém das palavras impensadas do marido, e quase totalmente dependente da delicadeza de outra pessoa. — Veja — disse ele, apontando para uma barraquinha cheia de gente em volta. — É isto. O que você acha?

Joy se virara para acompanhar a direção do seu dedo e vira um pequeno quadro, com moldura de bambu, encostado em uma panela de ferro trabalhado. Em rápidas pinceladas de tinta atiradas sobre um fundo branco, a pintura exibia um cavalo azul com o corpo retorcido, como se estivesse se soltando, embora cercado, ao fundo, por linhas escuras que sugeriam um tipo de cercado.

— Você gostou? — perguntou ele. Seus olhos brilhavam como os de uma criança.

Joy olhou para o quadro. Não gostou dele, na verdade. Ou, pelo menos, nem teria reparado naquilo, se estivesse sozinha. A expressão de Edward, porém, fez com que ela o visse através dos olhos dele.

— Adorei — disse ela. Era o seu marido. Queria comprá-lo. Para ela, a sua esposa.

— Realmente, adorei.

— Quanto custa? — perguntou ao vendedor, que estivera observando os dois, analisando as roupas de boa qualidade que ela usava e o uniforme branco dele.

Por trás do seu comprido bigode, todo embaraçado, ele encolheu os ombros, como se não conseguisse entender. Joy parou e olhou para Edward.

— Geido tsin ah? — perguntou ela.

O vendedor olhou para ela e encolheu os ombros mais uma vez. Joy olhou bem para ele, sabendo que ele a entendera.

— Mgoi, lei, Sinsaahn — disse ela, com mais doçura. — Geido tsin ab? O homem tirou o cachimbo de barro que lhe pendia dos lábios, como se estivesse considerando alguma coisa. Então, informou um preço. O valor era exorbitante.

Joy olhou para ele, sem acreditar.

— Pengh di Ia! — exclamou ela, pedindo para que ele pensasse bem a respeito do preço. Mas o homem balançou a cabeça.

Ela se virou para Edward, tentando afastar o tom de fúria da voz.

— Ele está sendo ridículo — disse, baixinho. — Está pedindo dez vezes o que o quadro vale, só porque você está de uniforme. Vamos embora.

Edward olhou para Joy, e então para o vendedor.

Não! — disse ele. — Diga-me quanto ele quer. Não me importo com o preço, hoje. Você é minha mulher. Eu quero comprar um presente para você.

Este presente.

— Isso é lindo — disse Joy, apertando a mão dele. — Só que eu não posso aceitar.

Não por esse preço.

— Por quê?

Joy o contemplou demoradamente, tentando achar um meio de expressar o que sentia. Isso ia estragar tudo, disse a si mesma, em silêncio, porque quando eu olhasse para ele eu não enxergaria o seu amor por mim. O que eu veria é você sendo explorado por um homem sem escrúpulos. E não é assim que eu quero me lembrar de você.

— Escute — murmurou ela em seu ouvido. O cheiro dele a distraiu por um instante, fazendo com que ela desejasse, subitamente, que eles não estivessem naquele mercado, e sim de volta ao quarto do hotel. Vamos só fingir que estamos indo embora.

Ao achar que vai perder a venda, ele vai ficar assustado, e então vai propor um preço mais razoável.

Só que o homem ficou simplesmente olhando enquanto eles iam embora, de modo que Edward começou a ficar cada vez mais agitado. Não havia mais nada de que ele gostasse,

comentou, enquanto olhavam nas barraquinhas, uma após a outra. O quadro era perfeito. Ele queria comprar o quadro.

— Vamos até o templo — disse Joy, gesticulando para a construção em vermelho berrante e dourado do templo Man Mo, na esquina da Hollywood Road, de onde o incenso fumegava como se, relutantemente, estivesse s e oferecendo aos deuses, em nome daqueles que apelavam. Edward, porém, sugeriu, de modo distraído, que ela entrasse sozinha, pois ele ia dar uma volta pelas redondezas. E trocou o peso do corpo de uma perna para a outra, como se sugerisse um desconforto urinário.

Joy se virou para o outro lado, sentindo-se arrasada, como se, por algum motivo, o tivesse desapontado. A manhã não estava sendo tão boa como ela planejara.

Nas escuras entranhas do templo, ela torceu para que ele mudasse de ideia. Alguns chineses que acendiam suas oferendas nos fundos se viraram em silêncio e a olharam, a gweilo, a estrangeira que estava invadindo o seu espaço sagrado. Sem querer ofendê-los, Joy murmurou algumas palavras de cumprimento em cantonês, e isso pareceu apaziguá-los um pouco, pois tornaram a se virar. Joy olhou para o teto, dos quais pendiam imensas espirais de incenso que queimavam lentamente, e se perguntou em quanto tempo poderia sair dali. Em quanto tempo ela conseguiria convencer Edward a tomar a barca Star e voltar, a fim de aproveitar da melhor maneira possível as poucas horas que eles ainda tinham para passar juntos.

Nesse instante, Edward apareceu ao seu lado, sorrindo.

— Consegui — disse ele.

— Conseguiu o quê? — ela perguntou, já sabendo a resposta.

— Consegui. E por um bom preço. — E segurou o pequeno quadro com as duas mãos, como se estivesse fazendo a sua oferenda. — O sujeito abaixou o preço, depois que você foi embora. Provavelmente ele não queria passar vergonha diante de uma dama, hein? Eu sei que essa história de "vergonha" é muito importante, por aqui.

Joy olhou para o rosto orgulhoso e sorridente do marido, e para o cavalinho pintado sobre papel arroz, que ele segurava diante do corpo. Houve uma pequena pausa, e então ela disse:

— Nossa, como você é esperto. Eu simplesmente adorei.

Ele ficou tão satisfeito enquanto saíam do templo que não havia razão para que Joy lembrasse a ele que, na verdade, ela não chegara a lhe dizer o preço inicial do quadro.

Joy, movimentando os dedos dos pés na porta da cabine, olhou para o cavalo azul.

Depois, olhou para a foto do casamento. Então, ficou em dúvida se dava a si mesma o prazer de reler uma das cartas. Ela tinha que racionar a leitura agora, pois sabia que as cartas estavam se desmanchando, mas às vezes era difícil imaginar a figura de Edward sem a ajuda delas. Ela conseguia se lembrar de pedaços dele, o tom de tenor de sua voz quando ele ria, suas mãos largas, a imagem de suas pernas compridas na calça do uniforme branco, mas estava ficando cada vez mais difícil formar a figura dele como um todo. Nas últimas semanas antes de elas embarcarem, Joy entrara em pânico, porque mal conseguia se lembrar de como

ele era. Faltam uma semana e quatro dias, lembrou a si mesma, já tão acostumada a essa aritmética mental que as datas surgiam com tanta naturalidade quanto seu próprio aniversário. Então, vou revê-lo.

— Está nervosa? — perguntara Stella na semana anterior, quando elas estiveram conversando sobre o que deveriam usar no dia em que fossem reencontrar os maridos.

— Só sei que eu vou ficar. Às vezes fico me perguntando se vou conseguir reconhecê-lo.

— Havia menos de três meses que Stella estivera com Dick pela última vez, muito menos tempo do que Joy e Edward.

Mas Joy não estava nervosa. Apenas desejava vê-lo, queria sentir a solidez do seu abraço, queria ver seu rosto brilhar como o sol, quando ele olhasse para ela. Quando disse isso para as outras esposas, no cabeleireiro do navio, Stella soltara uma risadinha, e Joy ficou magoada com a atitude, mesmo sabendo por que motivo Stella fizera aquilo, enquanto as outras mulheres trocavam olhares experientes. Como sua mãe, há tantos meses atrás, elas estavam insinuando que Joy ainda era muito inocente, uma ingénua, e que ainda tinha muito que aprender sobre os homens e a vida de casada. Apenas a senhora Fairweather sorrira para ela, e balançou a cabeça como se realmente compreendesse, mas o seu marido jamais estivera embarcado, e parecia estar unido a ela como unha e carne. Joy não dissera mais nada sobre Edward, depois disso; guardara tudo para si mesma, como se estivesse escondendo um segredo precioso.

Uma carta só, disse a si mesma, desdobrando a mais recente como alguém que desembrulha um bombom muito suculento. Uma carta só por dia, até eu me reencontrar com ele. Então, vou trancá-las em algum lugar a fim de mantê-las em segurança, para que eu possa olhar para elas quando for muito, muito velha, e me lembrar então de como foi ficar separada do homem que eu amo.

A atmosfera se modificou sutilmente à medida que eles se aproximavam do canal de Suez, com o leve sussurro de um conflito em potencial trazendo os passageiros para fora do seu estado onírico.

As palavras "Suez" e "governo" eram usadas a toda hora durante o jantar, e os homens, conversando em pequenos grupos, assumiam uma expressão terrivelmente séria, de modo que Joy, que não tinha ideia do que aquilo poderia significar, começou a se sentir quase ansiosa, e mais satisfeita quando estava em companhia dos homens em serviço. Os britânicos, de acordo com o primeiro oficial, ainda estavam ocupando a margem africana do canal.

— Mas eu não chegaria nem perto da amurada, enquanto estivermos passando pelo canal — avisou ele, com ar grave. — Não se pode confiar naqueles árabes. Tivemos informações de que eles ficam galopando à margem do canal, de um lado para o outro, portando armas. E não seria a primeira vez que usariam um navio estrangeiro para treinar um pouco de pontaria. — Todas as mulheres soltaram uma exclamação de pavor ao ouvir isso, e levaram as mãos ao pescoço, de forma teatral, enquanto os homens balançavam a cabeça com ar sábio, murmurando coisas a respeito da barragem de Assuã, e agindo como se as mulheres estivessem em pânico. Joy não arfara de medo: ela estava entusiasmada. E apesar dos

terríveis avisos não conseguiu ficar lá dentro enquanto o 55 Destiny passava pelo canal, e muitas das vezes se sentava sozinha, com a cabeça camuflada por um chapéu de abas largas contra o sol, sorrindo, afável, para as recomendações dos oficiais que passavam e com a esperança secreta de avistar algum assassino de turbante montado em um camelo. Sabia que os oficiais estavam achando que ela era um pouco rebelde, e os hindus que serviam o convés estavam comentando a respeito dela, mas Joy não se importava. Afinal, quando é que ela iria ter oportunidade de tomar parte de uma aventura na vida real?

O canal de Suez, propriamente dito, não s e mostrou a passagem de concreto destruída pela guerra, conforme ela havia imaginado, e sim uma faixa de água comprida e agitada, ladeada por dunas e pontuada por uma procissão majestosa de navios quase silenciosos, deslizando ao longo da passagem como se estivessem amarrados uns aos outros em um imenso cordão. Era difícil de acreditar, vendo aquela fila calma e ordeira, que pudesse haver algo a temer. A única emoção verdadeira aconteceu certa noite, quando o capitão ordenou que todas as luzes do navio fossem apagadas e os passageiros tiveram de permanecer sentados temporariamente em silêncio no salão de jantar escurecido, mas mesmo nesse instante ela se sentiu grata, de um modo perverso, por sentir que alguma coisa, além do jogo de bridge e as partidas de ténis no convés, estava acontecendo.

Foi quando o navio já estava próximo do Egito que o primeiro oficial avisou a eles que haveria uma festa à fantasia. Ela aconteceria na véspera do desembarque em Southampton, um apropriado clímax para a viagem, e o capitão queria dar tempo suficiente para que pudessem preparar suas fantasias. Joy achou, secretamente, que ele estava apenas querendo distraí-los, para que não pensassem a respeito de sua passagem através do Egito, mas não disse nada, pois todos ficaram muito empolgados com a notícia. Como se a menção da última noite de viagem os deixasse, de certa forma, mais próximos, eles começaram a planejar seus trajes.

— Eu queria ir vestida de Carmen Miranda, mas acho que eles não vão me conseguir as frutas — disse Stella, enquanto elas voltavam para a cabine, vindo do salão de jantar. Pieter não aparecera naquela noite, o que a deixara um pouco mal-humorada e, por isso, Joy não disse o que pensava: que uma fantasia de Carmen Miranda poderia ser um pouco reveladora demais para uma mulher casada usar, sem dar margem a comentários.

— Eu poderia, também, ir vestida como a Marilyn Monroe no filme Como agarrar um milionário. Se ao menos eu arranjasse algum enfeite diferente para usar com o meu vestido cor-de-rosa — explicou Stella, olhando para o seu reflexo em uma vidraça. — Você acha que vale a pena pintar o cabelo, deixando-o um pouco mais claro? Estou pensando nisso há séculos.

— O que será que Dick vai achar? — perguntou Joy, sentindo, no instante em que acabara de perguntar, que dissera algo errado.

— Ah, Dick vai me receber bem de qualquer jeito — disse Stella, com ar de desprezo. — Ele tem muita sorte de ter alguém como eu ao seu lado, afinal.

Foi Pieter que dissera isso a ela, pensou Joy, sentindo-se desconfortável. Não era algo que a velha Stella diria. Por outro lado, era difícil saber o que aquela nova Stella ia dizer ou, na

verdade, o que era seguro dizer a ela. Depois de ter sentido, durante anos, confiança total para contar à amiga as suas mais dolorosas confidências, Joy agora estava achando que conversar com Stella era muito parecido com caminhar sobre areia movediça. A gente tinha que pisar com todo o cuidado, e mesmo assim não dava para ter certeza se a pessoa ia tropeçar e afundar.

— Bem, se você acha que Dick ia gostar... Tenho certeza de que você i a ficar terrivelmente bonita, Stella. Só que, será que você não preferia parecer exatamente a mesma de quando ele a deixou, para que ele não se sinta... bem, estranho?

— Ai, Dick, Dick, Dick — retrucou Stella, aborrecida. — Francamente, Joy, você fica insistindo nisso. J á lhe falei, Dick ficaria feliz de qualquer jeito, mesmo que eu voltasse parecendo uma oriental, então, por que não para de insistir nisso? É só uma fantasia, afinal.

Magoada, Joy não falou mais nada durante o resto do caminho, até a cabine.

Momento em que, como era de se prever, Stella disse que não aguentava ter que ouvir aquelas crianças barulhentas, e ia dar uma volta pelo convés. Sozinha.

Na manhã seguinte, seu humor havia melhorado, e nos dias que se seguiram ela ficou mais parecida com a velha Stella, envolvida com o trabalho de encontrar os materiais mais adequados para criar a fantasia. Quando o navio aportou em Port Said, alguns mascates foram autorizados a subir a bordo, trazendo contas e bugigangas em imensos baús de madeira, de modo que até mesmo mulheres como a senhora Fairweather, que normalmente teriam dispensado os egípcios como indignos de consideração, se viram futucando e remexendo os baús em busca de enfeites e penas, de um modo que era, de acordo com Georgina Lipscombe, francamente vergonhoso.

Joy tentou se envolver com planos de fantasias e disfarces, mas quando eles entraram nas águas mais calmas do Mediterrâneo, tudo o que conseguia pensar era que agora, dentro de poucos dias, não mais semanas, ela se reencontraria com Edward. Às vezes ela imaginava que conseguia sentir a sua proximidade crescente como se fosse uma presença física.

Embora, sem dúvida, Stella tivesse soltado risinhos debochados, se ouvisse isso.

Na noite da festa, eles estavam para ultrapassar a última porção de oceano e se preparavam para entrar no canal da Mancha. A baía de Biscaia, os velhos lobos do mar avisaram, era famosa por suas águas agitadas, portanto a s garotas "deviam agarrar seus copos com firmeza". "E se elas não conseguirem agarrar os copos, podem agarrar a mim", disse Pieter, alto demais, de modo que as mulheres que estavam mais perto dele se esquivaram discretamente, com um sorriso congelado nos rostos. Mas a perspectiva da festa, ou a proximidade de casa, tinha aos poucos contagiado a todos, de modo que, na última noite, mesmo com o convés frio e gelado devido aos respingos do Atlântico, gritos frenéticos de mau comportamento eram ouvidos, saindo da garganta de vários passageiros exoticamente fantasiados que corriam de uma cabine para outra. O senhor e a senhora Fairweather estavam vestidos como um rajá indiano e sua esposa, envergando roupas genuínas, as quais tinham sido adquiridas durante um rápido e, de acordo com a senhora Fairweather, muito desgastante período em que o marido ocupara um cargo em Deli, e eles carregavam a s fantasias durante as viagens marítimas especialmente

para eventos como aquele. A senhora Fairweather pintara o rosto e os braços com chá frio, só para conseguir o tom de pele exato de uma indiana, explicava a todos de modo autoritário, puxando e apertando as pontas de seus panos exóticos para disfarçar a rápida revelação de um pedaço de pele muito branca, perto da barriga. Stella, depois de desistir de Marilyn, após lhe descreverem o que um descoloramento feito no navio faria a os seus cabelos, se metamorfoseara em Rita Hayworth no filme Salomé, exibindo uma fantasia na qual pelo menos dois dos sete véus estavam faltando. Ficou extremamente irritada ao se ver, se não ofuscada, pelo menos igualada em brilho por Georgina Lipscombe, que convencera um dos oficiais a lhe emprestar o uniforme branco e apareceu atordoantemente glamorosa com os cabelos pretos presos embaixo de um boné. Joy deixara tudo para a última hora e se sentiu sem inspiração, então Stella lhe fez uma coroa em papel laminado e lhe sugeriu que fosse de rainha. "Podemos salpicar meu vestido roxo com um pouco de algodão, para parecer um casaco de peles.

E a rainha não usa maquiagem muito pesada, então você vai poder ficar bem à vontade", disse ela. Apesar de sua paixão de menos de um ano antes, Stella deixara de se interessar por Elizabeth. Depois de um rápido encanto pela princesa Margaret ("Ela sabe se vestir muito melhor") seus olhos se voltaram para Hollywood.

Joy estava se sentindo uma tola, vestida de rainha Elizabeth, sem saber se era a presunção da escolha ou a infantilidade da roupa que a estava tornando mais desconfortável. Quando finalmente chegou ao salão de jantar, porém, e deu uma olhada nas outras fantasias, ficou mais aliviada.

Pieter estava vestido de mercador egípcio, com o corpo exposto da cintura para cima, escurecido com o que parecia graxa de sapatos, de modo que seus músculos brilhavam e ondulavam sob as luzes esmaecidas do ambiente. Seu cabelo louro estava todo coberto por um gorro de lã feito em croché, pela velha senhora Tennant, e ele carregava uma cesta de contas e entalhes em madeira. Já completamente empolgado e fora de si, de vez em quando se atirava para uma das mulheres, que berravam de forma teatral e o enxotavam, rindo, embora parecessem ligeiramente irritadas. Em nenhum momento ele se atirou sobre Joy.

— Estou com o rosto manchado? — perguntou a senhora Fairweather, chegando perto dela enquanto se sentava à mesa. — Acho que o líquido que borrifei me deixou com marcas.

Joy analisou a sua pele coberta de chá.

— Para mim, está bem — disse ela. — Só que eu ia retocar um pouco, se fosse a senhora. Tenho certeza de que um dos garçons pode nos conseguir chá frio.

A senhora Fairweather pegou o pó compacto na bolsa e estudou o próprio reflexo, ajeitando as joias que lhe enfeitavam a cabeça.

— Ah, acho que não quero incomodá-los. Devem estar terrivelmente atarefados esta noite. Já me disseram que vamos ter uma ceia especial.

Olá, Joy... ou devo dizer Vossa Majestade? — Era Louis, que fez uma longa reverência antes de pegar a mão de Joy para beijá-la, fazendo-a enrubescer. — Devo acrescentar que você parece ter nascido para isso, não acha, senhora Fairweather? — Ele estava usando uma

saia de tweed com aparência desmazelada e uma echarpe, além de um batom de tom muito assustador.

— Oh, sem dúvida — concordou a senhora Fairweather. — Ela parece mesmo pertencer à realeza.

— Ah, parem com isso — pediu Joy, rindo, enquanto Louis se sentava a seu lado. — Vou acabar ficando com mania de grandeza. Posso perguntar qual é a fantasia que o senhor está usando?

— Não percebeu? — Louis pareceu decepcionado. — Não acredito que você não tenha descoberto.

Joy olhou para a senhora Fairweather e então para ele, novamente, dizendo: — Não, não descobri, sinto muito.

— Sou uma Garota da Terra — explicou ele, segurando um forcado.

— Olhe só isto! Aposto que você não acredita que eu tenha conseguido um desses.

— Uma Garota da Terra?

— Agora é que eu estou vendo — disse a senhora Fairweather, rindo. — Você conseguiu descobrir, Philip? O senhor Baxter veio de Garota da Terra. Olhe, tem até um saco de batatas!

— O que é uma Garota da Terra? — perguntou Joy, vacilante.

— Mas aonde você tem andado? Timbuktu?

Joy olhou em volta, para ver se mais alguém compartilhava a sua falta de conhecimento daquilo. M a s Stella estava berrando, fugindo de Pieter, Georgina Lipscombe conversava como primeiro oficial, e a única outra pessoa próxima, uma bailarina com suspeitas pernas cabeludas, parecia não estar prestando muita atenção.

— Quando foi a última vez que esteve na Inglaterra? — perguntou Louis.

— Ah, meu Deus. Acho que foi quando eu ainda era criança — respondeu Joy. — Quando Hong Kong foi invadida, todos nós fomos enviados para a Austrália.

— Imagine só, Philip. Joy não sabia o que era uma Garota da Terra — disse a senhora Fairweather, cutucando o marido, o qual, debaixo do turbante, olhava fixamente para o seu gim-tônica, tentando não deixar Joy sem graça.

— Imagine — retrucou ele, baixinho.

— Você, realmente, nunca viu uma?

Joy se sentiu esquisita. Sempre acontecia algo assim, em reuniões como aquela, pensou, que a fazia se sentir ignorante ou burra. Era por isso que ela amava Edward: ele jamais a fazia se sentir assim.

— Acho que não há razão para acharmos que Joy deveria saber o que é uma Garota da Terra — disse Louis, falando depressa. — com certeza há um monte de coisas sobre Hong Kong que eu jamais compreenderia. Quer que eu lhe traga um drinque, Joy?

Senhora Fairweather?

Joy sorriu para ele, grata pela sua gentileza, e o momento passou.

O mar começou a ficar gradualmente mais agitado no momento em que eles estavam terminando o prato principal, de modo que os garçons tinham que se apoiar nos móveis de vez em quando ao passar, para não derrubarem os pratos, e o vinho na taça de Joy se inclinava em ângulos violentos e alarmantes.

— É sempre assim — disse Louis, que estava sentado ao lado dela. Todo o batom já havia saído de sua boca com a comida, e ela já estava conseguindo olhar para ele sem cair na risada. — Na minha primeira viagem pelo canal, despenquei da cama enquanto dormia.

Joy não se importava. Cada onda imensa daquelas a levava um pouco mais para perto de Tilbury. Algumas das senhoras, porém, soltavam exclamações de desagrado, como se alguém pudesse ser culpado por aquela falta de consideração meteorológica.

Suas vozes se elevavam acima da música, estridentes como gaivotas, e o capitão mandou que a orquestra continuasse, embora os instrumentistas tentassem o tempo todo se manter de pé e a melodia estivesse ficando cada vez mais desconjuntada. Foi nesse momento que Stella, tentando caminhar de forma cambaleante em direção ao toalete, quase caiu, e Pieter pulou para ajudá-la, jogando a própria cadeira para trás. Joy viu a expressão de Stella quando ela agradeceu a ele e se sentiu, subitamente, pouco à vontade.

Louis, observando-a, tornou a encher a sua taça e sugeriu que ela bebesse.

Se beber bastante, vai achar que você é que está jogando de um lado para o outro, em vez do barco — explicou, e sua mão acidentalmente tocou a dela. Joy, ainda com os olhos fixos em Stella enquanto ela agarrava o braço de Pieter por tempo demais, quase não percebeu.

Então ela estava bêbada. Estivera em relativa abstemia até aquela noite, mas agora, como os outros, tinha sido infectada pela sensação de que algo estava acabando, por um senso de irresponsabilidade provocado pelo seu isolamento e a expectativa de uma vida mais sóbria, uma existência mais adulta dali para frente. Os brindes ficaram mais altos e mais ridículos: brindavam ao antigo rei; ao velho país; a Elizabeth, diante do qual ela se viu levantando e agradecendo altivamente; ao Zorro e Tonto; ao pudim, uma elaborada confecção de cremosidade e álcool; e ao próprio 55 Destiny, que se inclinava para o lado e seguia em frente através das ondas.

Joy se viu dando risadinhas e não se importando muito quando Louis colocou um braço em torno dela, e deixou de reparar quem tinha sumido da mesa, e em que momento. E quando o capitão subiu no palco e anunciou que ia entregar o prémio para a melhor fantasia, Joy atrapalhou seu discurso de forma tão rude e incessante quanto o resto da mesa.

— Silêncio! Por favor, senhoras e cavalheiros — insistiu o primeiro oficial, batendo em sua taça de conhaque com a lateral da faca. Quietos! Por favor!

— Sabe, Joy, eu acho você simplesmente maravilhosa.

Joy se afastou do palco e olhou fixamente para Louis, cujos olhos castanhos tinham adquirido, de repente, o ar ansioso de um cachorrinho.

— Estou querendo dizer isso para você desde Bombaim — continuou ele, e colocou a mão sobre a dela, o que fez Joy retirá-la com rapidez, temerosa de que alguém pudesse ver. — Agora, senhoras e senhores, acalmem-se, por favor. Vamos lá, vamos lá! — O capitão levantou as mãos, com as palmas para baixo, à frente dele, e então levantou uma delas de repente, quando o navio adernou para estibordo, fazendo os passageiros gritarem e vaiarem.

— É um tempo terrivelmente longo para ficar separado de alguém que a gente ama, Joy. Eu sei disso. Tenho uma garota em casa, também. Só que isso não a impede de desejar outra pessoa, impede?

Joy olhou para ele, triste ao ver que ele acabou complicando tudo. Ela gostava dele.

Em outras circunstâncias... bem, talvez. Mas não daquele modo... Joy abanou a cabeça tentando infundir nele uma pequena sensação de arrependimento, com o gesto, só para salvaguardar os sentimentos do rapaz.

— Não vamos falar dessas coisas, Louis.

Louis olhou para ela por um tempo ligeiramente longo, e então baixou o olhar para a mesa.

— Desculpe-me — disse ele. — Acho que já bebi demais.

— Silêncio — pediu a senhora Fairweather. — Dá para vocês dois ficarem quietos?

Ele está tentando falar.

— Bem, eu sei que este é o momento pelo qual vocês estavam esperando e gostaria de dizer que todos fizeram um tremendo esforço... mas isso não seria verdade. — O capitão hesitou, diante do som de risos.

— Não, não, estou só brincando. Olhem, considerei durante muito tempo e avaliei com cuidado todas as fantasias. No caso de algumas delas, avaliei com mais cuidado ainda. — Nesse ponto, ele olhou significativamente para os véus diáfanos de Stella. Joy, preocupada como estava, sentiu alívio ao ver que Stella ainda estava sentada à mesa.

Pieter saíra por um instante. — Mas a decisão, pela maioria dos meus votos e dos meus auxiliares, foi com o intuito de outorgar o nosso prémio — e segurou uma garrafa de champanhe — a um homem que veio para a festa de peito aberto. Literalmente.

Os passageiros reunidos ficaram calados, esperando.

— Senhoras e senhores, Pieter Brandt. Ou, melhor dizendo, o nosso mercador egípcio.

O salão de jantar explodiu em aplausos, com guardanapos e pães semicomidos voando para o alto. Joy, bem como o resto da mesa, olhava em volta, tentando localizar Pieter entre as cabeças muito enfeitadas. Como o seu gorro preto não apareceu, os aplausos foram diminuindo gradualmente, enquanto um pequeno murmúrio surgia entre as cabeças que giravam, olhando para todos os lados.

Joy olhou para o capitão, que tinha parado de falar por um instante, silenciado pelo não comparecimento de Pieter ao palco, e depois olhou para Stella, que parecia igualmente confusa.

Talvez ele esteja lá fora, vendendo alguma coisa — brincou o capitão. — É melhor chamar o cozinheiro e pedir para ele ir procurá-lo na despensa. — E olhou em torno, evidentemente sem saber o que fazer em seguida.

Foi interrompido por um murmúrio que surgiu na outra extremidade do salão. O zumbido de vozes veio se espalhando pelas fileiras de mesas como uma brisa suave, e Joy, ao se virar na direção dos olhares, finalmente conseguiu ver do que se tratava.

Todos os olhos estavam pousados em Georgina Lipscombe, que vinha entrando, cambaleante, pela porta dos fundos do salão, os cabelos em desalinho, soltos do boné e escorrendo em cascatas encaracoladas, em volta dos ombros. Vinha titubeando, tentando recobrar o equilíbrio, e esticou o braço para se apoiar no espaldar de uma das cadeiras desocupadas.

Joy olhou para ela, tentando compreender o significado do que estava vendo, e então olhou para

Stella, que apresentava um tom acinzentado no rosto. Pois o uniforme imaculado de Georgina Lipscombe já não estava tão branco. Das dragonas, descendo até algum lugar no meio de suas coxas, o uniforme exibia uma mancha borrada, mas bem definida, de graxa de sapatos. Georgina, aparentemente sem saber o que se passava, olhava para os rostos que a fitavam e então, com o rosto erguido, evidentemente decidiu ignorá-los. Chegando à sua mesa, sentou-se, quase se jogando, na cadeira, e acendeu um cigarro. Houve um silêncio breve e carregado.

E então:

— Sua piranha, sem-vergonha! — berrou Stella, que voou sobre ela por cima da mesa, agarrando os cabelos, as dragonas e qualquer porção de pele ou uniforme que conseguisse, antes que Louis e o primeiro oficial pudessem pular dos lugares onde estavam para tentar puxá-la para trás. Joy, atónita e paralisada, simplesmente ficou ali, em pé, sem conseguir reconhecer aquela enlouquecida figura de olhos esbugalhados como a sua amiga, com os véus se rasgando e voando da fantasia enquanto ela lutava para conseguir agarrar a oponente com mais força.

— Piranha! Uma tremenda piranha! — gritava Stella, chorando agora, com a elaborada maquiagem de artista de palco já borrando a pele em volta dos olhos.

Louis agarrou o braço, forçando-a a largar os cabelos de Georgina, mas se passaram ainda alguns instantes antes de os homens se sentirem seguros o suficiente para soltá-la.

— Ora vamos, querida, vamos — disse a senhora Fairweather, fazendo um carinho nos cabelos dela quando os homens conseguiram fazer com que ela se sentasse. -Vamos lá, acalme-se. Já houve agitação demais para uma noite.

Todo o salão ficou em silêncio. O capitão mandou a orquestra recomeçar a tocar, mas houve uma pausa longa e significativa antes de os músicos hesitantes descobrirem o lugar em que tinham parado a música. Em volta deles, os outros comensais riam com ar chocado ou soltavam exclamações de desaprovação, enquanto voltavam a atenção, lentamente, para as próprias mesas.

Georgina, com os cabelos embaraçados e amontoados de um lado só, no lugar onde Stella os havia agarrado, colocou a mão no rosto, para ver se estava sangrando. Vendo que não havia sinal de sangue nos dedos, olhou em volta da mesa em busca do cigarro aceso que lhe escapulira da mão. Estava boiando, de um jeito desamparado, no drinque da senhora Fairweather. Ela pegou outro, com toda a calma, de dentro de sua cigarreira de prata, e o acendeu. Então, levantou os olhos e olhou para Stella. Houve um rápido momento de silêncio.

— Sua garota tola — exclamou, exalando uma comprida nuvem de fumaça. — Você não achou que era a única, achou?

Joy estava sentada do lado de fora, no convés de estibordo, com os braços em volta de uma Stella soluçante, pensando quanto tempo mais ia esperar antes de explicar à amiga, com toda a delicadeza, que não só elas estavam totalmente ensopadas, como seus dentes estavam batendo.

Stella já estava chorando havia mais de vinte minutos, sem sentir os borrifos congelantes do mar e o convés vacilante, enquanto se embrulhava no abraço úmido e pesaroso de Joy.

— Não posso acreditar que ele mentiu para mim — exclamou, sem fôlego, entre um e outro soluço. — Todas as coisas que ele me disse...

Joy não insistiu em saber que coisas eram essas. Ou a que ponto elas poderiam ter levado.

— E ela é horrível, também. E muito velha, pelo amor de Deus! Stella lançou para Joy os olhos inchados de tanto chorar. Sua voz era de incredulidade. — Ela tem feições duras e usa maquiagem demais. E é cheia de celulite.

O problema não era tanto o fato de Pieter tê-la enganado, suspeitou Joy. Stella via aquilo apenas como uma escolha indiscriminada de parceira, da parte dele.

— Ó Joy... E agora, o que vou fazer?

Joy tornou a pensar na volta de Pieter Brandt à mesa. Primeiro, ele riu e soltou algumas piadas sem graça, seu estado de embriaguez o impedindo de reparar que sua mesa o recebeu com um silêncio sepulcral. Então o seu riso ficou muito forçado, e ele tentara contar outra anedota, como se tentasse restaurar o clima bom. Só quando o capitão chegou e bateu com a garrafa de champanhe na mesa, diante dele, anunciando simplesmente: "Você venceu!", e indo embora rapidamente foi que ele notou que nem tudo estava da mesma forma que antes de seu desaparecimento, cerca de meia hora atrás.

— É melhor retocar a sua graxa, garotão — dissera Louis, olhando explicitamente para o peito pálido de Pieter e depois, com a mesma expressão, para a frente manchada da roupa de Georgina.

Por motivos óbvios, ficou impossível dizer se Pieter ficara lívido, mas ele olhou apreensivo para os companheiros de viagem e então pediu desculpas, dizendo que precisava "esticar a s pernas". Georgina olhara para tudo aquilo com ar de tédio, sugando o seu onipresente cigarro e conseguindo olhar para o infinito, sem encarar ninguém. Afinal, visivelmente aborrecida pela falta de atenções masculinas, deixou a mesa, logo depois de Pieter.

A essa altura, Stella já saíra, escoltada até o toalete pela senhora Fairweather, que enxugara o seu rosto, em vão, com um inadequado lencinho de renda, pedindo para que ela parasse de chorar.

— Você estava tão bonita com a maquiagem que colocou — tagarelou. — Não deve deixar aquela mulher perceber que você ficou tão aborrecida. — Pareceu ficar aliviada quando Joy entrou, e entregou Stella aos seus cuidados, com um toque de entusiasmo e gratidão. Vocês duas são amigas — disse. — Você sabe como animá-la, Joy. Fique com ela. — Então, em uma nuvem de Arpège, contas e tecidos translúcidos, desapareceu.

— O que vou fazer? — repetia Stella, meia hora depois, olhando fixamente para o mar escuro e espumante. — Está tudo acabado. Talvez fosse melhor que eu...

Joy seguiu o olhar de Stella em direção à amurada e apertou a mão que segurava o braço da amiga.

— Não ouse falar dessa maneira! — ralhou, em pânico. — Nem ouse pensar em uma coisa dessas, Stella Hanniford!

Stella virou o rosto para olhar para Joy, com uma expressão sem artifícios nem manhas.

— Mas o que vou fazer, Joy? Estraguei tudo, não foi?

— Você não estragou nada. — Joy tomou as mãos geladas de Stella entre as suas. — Simplesmente, se aproximou demais de um homem muito, muito idiota, que, depois que o dia raiar, nunca mais na vida vai tornar a ver.

— Mas isso é que é horrível, Joy. Uma parte de mim quer vê-lo, novamente. — Stella olhou para ela, com os olhos azuis imensos de sofrimento. Largou uma das mãos de Joy e tirou os cabelos da frente do rosto. — Ele foi absolutamente maravilhoso. Muito melhor do que Dick. Isso é que é o pior... Como posso voltar para Dick e fingir que tudo está bem, depois de ter sentido que existe algo muito melhor?

Joy se sentiu enjoada. Uma parte dela queria tapar os ouvidos e dizer para Stella: "Pare! Eu não quero saber!", mas sabia que era a única confidente possível para Stella. A única confidente de alguém que, apesar de abusar um pouco do lado dramático, sempre olhara para aquelas oscilações de um modo francamente neutro.

Você precisa esquecê-lo — disse Joy, inutilmente. — Você tem de tentar fazer com que o casamento com Dick dê certo.

Mas e se eu descobrir que não devia ter me casado com Dick, para começo de conversa? Ah, eu estava apaixonada por ele, garanto a você mas o que eu podia saber a respeito das coisas? Só tinha beijado dois homens, antes de conhecê-lo. Como poderia adivinhar que ia acabar gostando mais de outra pessoa?

— Mas Dick é um bom homem — argumentou Joy, pensando no piloto bonitão e simpático. — Vocês estavam tão felizes, juntos. Podem ficar, novamente.

— Mas não sinto desse jeito. Não quero ser obrigada a sorrir para ele, e beijá-lo, e deixá-lo pressionar o corpo horrível de encontro ao meu. Queria Pieter... e agora vou ter que aturar alguém que já não amo mais, pelo resto da vida.

Joy colocou os braços em volta da amiga, e olhou para o céu escuro. Quase não havia estrelas, naquela noite; as constelações estavam ocultas pelas nuvens baixas e pesadas.

— Tudo vai ficar bem — murmurou ela, no ouvido frio de Stella —, eu lhe garanto.

Tudo vai parecer melhor quando a manhã chegar.

— Como sabe? — perguntou Stella, levantando a cabeça.

— Porque as coisas sempre são assim. Eu sempre me sinto melhor à luz do dia.

— Não, não é isso. Como é que você sabe que fez a escolha certa? Joy pensou por um minuto, sem querer dar a resposta errada.

Pensou, por um rápido instante, em Louis.

— Acho que a gente não sabe — disse, finalmente. — Temos apenas que ter esperança nisso.

— Mas você sabe. Você sabe!

— Sim — assentiu Joy, depois de um curto silêncio.

— Como?

— Porque não me sinto muito confortável perto de mais ninguém. Estar em companhia dele... é um pouco como estar com você... só que com o amor para acompanhar. — Olhou para Stella, que a estava fitando com atenção. Acho que sinto como se ele fosse a versão masculina de mim mesma. A metade melhor. Quando estou com ele, quero me sentir à altura da versão dele de mim. Não quero desapontá-lo. — Joy conseguia imaginá-lo com nitidez, naquele instante, sorrindo para ela, com os olhos enrugados nos cantos, os dentes quase sem aparecer por trás do lábio superior. — Eu, na verdade, jamais tinha realmente me importado com o que as pessoas achavam de mim, até ele aparecer — continuou ela —, e agora mal posso acreditar que foi a mim que ele escolheu. Todas as manhãs acordo e agradeço a Deus por Edward ter feito isso. Todas as noites vou para a cama pedindo para que o tempo passe mais depressa para que eu possa estar com ele de novo. Imagino o tempo todo o que ele está fazendo, e com quem está conversando. Não de uma forma ciumenta, nada disso; quero apenas me sentir mais perto dele, e quando consigo imaginar o que ele está fazendo, isso ajuda.

Ele devia estar dormindo naquele instante, ela pensou. Ou lendo um livro.

Provavelmente um dos seus livros sobre raças de cavalos, cheios de linhagens formadas por famílias de animais que voltavam gerações no tempo, e pendurando seus sonhos em uma árvore genealógica equina.

— Ele é mais do que eu jamais pedi a Deus. Mais do que eu jamais poderia esperar — completou ela, com ar sonhador. — Não consigo me imaginar junto de mais ninguém.

Houve uma breve pausa. Joy compreendeu que quase se esquecera de que Stella estava ali.

Mas Stella já estava se levantando da cadeira, junto dos botes salva vidas. Já parara de chorar e estava apertando o xale junto do corpo, para se proteger do frio.

Joy obrigou-se a se levantar também, e tirou o cabelo molhado do rosto.

— Sim, bem, você tem sorte — disse Stella, sem olhar para Joy nos olhos. — Para você, tem sido fácil.

Joy franziu ligeiramente a testa, diante do tom de voz da amiga. Stella caminhou até a porta do convés e então se virou, para que suas palavras finais voassem até Joy, levadas pelo ar da noite borrifado de água.

— Sim, para você, é muito mais fácil. Afinal, ninguém mais quis ficar em sua companhia.

Sete

SABINE ESTAVA SENTADA NO CHÃO, bem no centro do tapete persa muito gasto, olhando para a foto em que Stella usava o seu vestido azul-escuro. Os tons neutros da velha sala que a moça da foto ocupava saíram temporariamente de cena, substituídos por um convés ondulante e molhado de chuva, pelo cetim cintilante da roupa e o brilho dos seis ou sete véus encharcados e enfeitados com lantejoulas.

— E ela acabou voltando para o Dick? — Sabine olhou para os olhos muito brilhantes e o sorriso hábil de Stella, tentando imaginar, sem conseguir, aquela jovem da foto desolada e abandonada em um navio molhado. Ela parecia autoconfiante demais para isso.

Joy, que estivera separando alguns papéis em uma caixa com certidões e diplomas antigos, olhou por cima dos ombros de Sabine.

— Stella? Voltou, mas não por muito tempo.

Sabine se virou para olhar melhor para a avó, esperando uma explicação. Joy colocou a caixa sobre os joelhos e pensou por um instante.

— Dick a adorava, de verdade, mas acho que os sentimentos dela por Pieter Brandt a deixaram muito abalada e, depois de algum tempo, quando nenhum filho surgiu do casamento, penso que ela decidiu que era melhor procurar um pouco de empolgação em outro lugar.

— Então, o que aconteceu depois?

Joy bateu as mãos uma na outra, em uma tentativa de se livrar de um pouco da poeira. Estava contente por ela e Sabine estarem conversando novamente, mas era um pouco desgastante o jeito que a garota tinha de querer saber de tudo. Respirou profundamente, como se estivesse se preparando para dar uma má notícia, do mesmo jeito que Stella, tantos anos atrás.

— Ela passou por uma grande quantidade de homens, no fim. Jamais ficou muito tempo com alguém.

— Ela parecia ter muita energia — disse Sabine, alegre. Ela gostava do jeito de Stella.

— Acho que podemos dizer que sim. Certamente, ela se divertiu muito, quando era mais nova. Foi depois de ficar mais velha que se tornou um pouco triste. Costumava beber demais. — Joy levou uma das mãos ao olho que estava ardendo, como se tivesse um pouco de areia. Seu último marido morreu de cirrose, e depois que ela o perdeu, acho que começou a compreender que, na verdade, jamais tivera ninguém. Estava com sessenta e dois anos na época, veja só. Uma idade muito difícil para se ficar totalmente sozinha.

Sabine tentava imaginar a figura glamorosa e radiante à frente dela não apenas abandonada, como também velha, bêbada e solitária.

— Ela morreu?

— Sim. Faz poucos anos. Foi em 1992, eu acho. Nós sempre mantivemos contato uma com a outra, mas ela se mudou para um pequeno apartamento na costa da Espanha e nunca mais nos vimos, depois disso. Só soube que ela havia morrido porque uma sobrinha dela me enviou uma carta muito bonita. — Joy parecia um pouco distraída.

— Muito bem. Acho que eu vou me desfazer de todas essas velhas rosetas. Elas estão todas manchadas de ferrugem e com um pouco de mofo. Que pena.

Sabine colocou as fotos de volta na caixa diante dela, tentando imaginar a sua mãe no lugar de Stella Hanniford. Kate era menos glamorosa do que Stella, mas, do jeito que ia, bem que podia passar por um monte de homens e acabar sozinha em um apartamento na Espanha. Sabine teve uma súbita visão de si mesma visitando a mãe, que lhe aparecia reclinada em um sofá surrado, agarrada a uma garrafa de vinho de Rioja, relembrando, meio bêbada, aqueles que ficaram para trás. "Ah, Geoff", ela dizia, com os cabelos ruivos pendendo, embaraçados, sobre os ombros e o batom todo borrado em volta da boca. "Aquele foi um ano muito bom, Geoff. Ou será que era George? Eu sempre confundo os nomes deles."

Sabine afastou a imagem da cabeça, sem saber ao certo se a ideia a fazia ter vontade de rir ou chorar, e então olhou furtivamente para a avó, que despejava a caixa cheia de velhas rosetas em um saco de plástico preto, tentando encaixar a figura rígida que estava ali diante dela, usando calças de veludo cotelê verde, com a imagem perfeita da jovem apaixonada que há pouco se enraizara em sua imaginação. No decorrer dos últimos dias, Sabine se viu forçada a enxergar seus avós sob um novo ângulo. Aquela dupla pomposa e extravagante vivera, no passado, uma história de amor que podia competir com qualquer uma das que passavam na TV Seu avô tinha sido muito bonito.

Sua avó... bem, era bonita, também. Mas o que realmente impressionara Sabine foi a longa espera, todo aquele tempo separados, e mesmo assim ela tinha certeza. Todos aqueles oficiais do navio em volta dela, e ela se mantivera fiel.

— Hoje em dia, ninguém aceitaria ficar noivo depois de se conhecer na véspera — comentou ela, pensando alto. — Pelo menos, não aceitariam se ainda tivessem que esperar por mais um ano, depois disso.

Joy, enrolando um pedaço de cordão na boca do saco preto, parou e olhou para a neta.

— Não... — respondeu. — Acho que poucos fariam isso.

— E a senhora, faria tudo isso novamente? Quer dizer, se tivesse que decidir isso hoje em dia?

Joy colocou o saco no chão e ficou em pé no meio do quarto, pensando.

— Como assim? Agir do mesmo modo... Com o seu avô?

— Não sei. Tudo bem, isso mesmo, com o meu avô.

Joy olhou para fora da janela, onde a chuva estava caindo com golpes metálicos.

Acima da vidraça, uma mancha marrom semicircular marcava o lugar onde a calha havia se soltado do lado de fora, fazendo com que a água escorresse por outros caminhos, descendo pela casa de forma entusiasmada.

— Sim — respondeu —, claro que sim. — Mas não parecia muito convicta.

— A senhora chegou a ficar nervosa? Isto é, antes de reencontrá-lo? Depois de todo aquele tempo no navio.

— Já lhe disse, querida. Sentia-me alegre por reencontrá-lo. Sabine não ficou satisfeita.

— Mas a senhora deve ter sentido alguma coisa. Naqueles últimos instantes, antes de revê-lo. Quando estava esperando que o navio ancorasse e começou a olhar por cima da amurada, tentando localizá-lo. Deve ter sentido um pouco de náusea, de tanto nervoso. Eu sentiria.

— Isso foi há muito tempo, Sabine. Houve tantos encontros. Eu, na verdade, não consigo me lembrar. Agora, tenho que levar todo este lixo lá para baixo para não perdermos a hora do lixeiro, quando ele chegar.

— De modo brusco e repentino, Joy bateu na parte da frente da roupa, para tirar a poeira, e se dirigiu à porta. — Vamos embora, guarde todas essas coisas, é melhor descermos para almoçar. O seu avô deve estar cheio de fome.

Sabine, descruzando as pernas e se levantando, reparou no jeito abrupto da avó, mas não se importou com aquilo. Durante as últimas duas semanas, nas quais elas passaram pelo menos duas horas juntas na maior parte dos dias, olhando as fotos antigas e os objetos que lembravam o passado, a conduta rígida de Joy se amenizara, especialmente nos momentos em que ela se envolvia com as longas histórias dos primeiros dias que ela e Edward passaram juntos. As lembranças iam, pouco a pouco, liberando suas frases, esticando-as em histórias mais compridas e fluentes, enchendo-as de cor, de modo que Sabine ficou fascinada e feliz por escutá-las, ao mesmo tempo em que lhe era permitido entrever um novo mundo de privilégios, conformismo e mau comportamento.

E sexo. Era estranho ouvir a sua avó se referindo a sexo. Embora, na verdade, ela jamais tenha pronunciado a palavra "sexo", propriamente. Deixara, porém, poucas dúvidas a respeito d o que trouxera tantos problemas a Stella Hanniford e Georgina Lipscombe. Sabine mal podia acreditar que eles já estivessem fazendo essas coisas, e daquele modo, nos anos 50. Era difícil até imaginar a sua mãe fazendo essas coisas agora. Sabine pensou na mãe e ficou imaginando, não pela primeira vez, nos que motivo ela não poderia ter um amor imenso e romântico como os seus avós. Um amor de verdade, analisou, melancólica, capaz de sobreviver aos altos e baixos do destino, como uma espécie de Romeu e Julieta dos anos 50, acima das coisas insignificantes e mundanas. O tipo de amor sobre o qual as pessoas liam em grandes livros, que inspirava canções e deixava os amantes leves como pássaros, e, no entanto, os mantinha sólidos como monólitos, vastos, abrangentes e resistentes.

Em pé, na porta, Joy se virou para olhar para a neta.

— Vamos logo, Sabine. Levante-se daí. A senhora H preparou hadoque, e se nos atrasarmos para levá-lo para a mesa não vou conseguir convencer o seu avô a comê-lo.

Por tudo isso, pelo jeito com que a avó estava se derretendo com ela, por estar começando a se acostumar com a umidade e estar até gostando de cavalgar (embora não conseguisse admitir nem para si mesma), as saudades que Sabine sentia de casa, se não chegaram a desaparecer, certamente diminuíram consideravelmente. Pelo menos, ela já não sentia tanto a

falta da televisão. E quase não pensava em Dean Baxter. A senhora H e o marido iam completar trinta e dois anos de casados no domingo e, embora aquela não fosse uma das datas mais importantes (eram bodas de granito, de papelão ou algo assim, e não bodas de ouro ou diamantes), a senhora H falou que, no que lhe dizia respeito, era importante o bastante para merecer uma comemoração, e que Sabine, bem como grande parte da família da senhora H, estava convidada.

Sabine ficou muito satisfeita com isso, não só porque o evento lhe daria uma desculpa para sair à noite (apesar de ela e a avó estarem amigas, agora, os jantares naquela mesa imensa ainda eram uma espécie de suplício), mas também pelo fato de o convite provar que, além de estar se tornando parte de sua própria família afastada, ela estava se tornando parte da família de Thom e Annie, também.

Filha única de uma mãe que periodicamente se via solteira, aquela era a primeira família de verdade que Sabine conhecera de perto; uma família que parecia interminável, se espalhava em várias direções e, no entanto, se mantinha íntima o bastante a ponto de todos saberem da vida de todos; uma família onde as pessoas entravam e saíam das casas uns dos outros com a segurança de pertencerem àquele lugar, simplesmente sabendo exatamente onde se encaixavam. Mas o que Sabine mais gostava era do barulho: as conversas intermináveis, as interrupções, as explosões de riso, as brincadeiras e peças que pregavam entre si. A casa de Sabine sempre fora quieta. Desde que ela se entendia por gente, o silêncio era necessário, ali, para permitir que a sua mãe trabalhasse, de modo que o ambiente era sempre sombrio e constantemente abafado, como se a casa estivesse coberta por um grosso cobertor. E quando ela, sua mãe e Geoff se sentavam à mesa para comer, não havia nenhuma daquelas risadas barulhentas, só Geoff lhe perguntando, educadamente, como tinha sido o seu dia, tratando-a, aparentemente sem sentir, como se ela já fosse adulta, enquanto sua mãe ficava com o olhar pregado na distância, sonhando sabe-se lá com o quê. Provavelmente Justin, lembrou Sabine, ressentida. Por algum motivo ela estava voltando a se sentir muito chateada mais uma vez, por causa de Justin.

Aquela era a primeira vez que ela ia à casa da senhora H, um bangalô que ficava na periferia da aldeia. Estava situado no centro de um terreno e cercado por uma área pavimentada, tendo diante dele uma série de canteiros com flores cultivadas com todo o cuidado. Uma antena parabólica se projetava de forma questionadora ao lado da casa, como a boca de uma trombeta, e havia cortinas claras nas janelas, com motivos florais, e pequenos vasos de flores nos peitoris, cheios de ciclamens brilhantes, vermelhos e cor-de-rosa.

O revestimento era de um material sintético que imitava pedra, e Sabine sabia que isso deixaria Geoff indignado; além do mais, tida sido toda construída pelo marido da senhora H, Michael, que todos chamavam de Mack. Na verdade, a própria casa era chamada de "Mackellen". Quando Sabine pensou nisso, imaginou que talvez esse fato estivesse lhe revelando que "Ellen" era o verdadeiro nome da senhora H.

— Lá é completamente diferente da casa dos seus avós, pode acreditar disse Thom, que estava levando Sabine até a festa, vindo da casa-grande.

— Pelo menos, deve ter menos mofo — observou Sabine, e Thom sorriu.

Lá dentro, Sabine viu o que Thom quis dizer. Assim que ele abriu a porta, Sabine foi recebida pelo ar morno e acolhedor do aquecimento central, que estava ligado no máximo, e por hectares de tapetes claros e fofos sob os pés. Havia fotos da família espalhadas pelas paredes, dois poemas bordados e emoldurados, mas a maioria do que se via eram enfeites, enfeites por toda parte: pequenos elefantes de vidro, palhaços sorridentes com cara de plástico, charmosos bibelôs representando pastoras e seus rebanhos. Todos os objetos reluziam sob as luzes fortes, sem um vestígio sequer de poeira, todos brilhantes, alegres e imaculados. Sabine olhou para os batalhões de pequenas criaturas, espantada, por um momento, pela infinidade deles que havia ali.

— Venha, vamos entrando, Sabine. Feche a porta, Thom, você está deixando esse ar úmido entrar. Nossa, como está frio esta noite! Sorrindo, a senhora H se aproximou de Sabine para ajudá-la a tirar o casaco. Só que ela estava completamente diferente da senhora H que Sabine via todos os dias: a senhora H da casa de sua avó usava um penhoar de náilon em cor pastel, trazia os cabelos sempre presos e exibia um rosto rosado, sem maquiagem. Aquela senhora H, diante dela, estava usando uma blusa de malha com dois cordões de ouro em volta do pescoço, um deles com uma cruz. Seu cabelo ondulado e brilhante parecia mais cheio, e seu rosto brilhava com a pintura que aplicara, de modo que ela parecia mais jovem, muito sofisticada e nem um pouco severa.

Sabine se sentiu, por um instante, sem graça, e compreendeu, para sua vergonha, que jamais considerara a possibilidade de que a senhora H pudesse ter uma vida pessoal, longe do casarão e de seus afazeres de cozinha e limpeza. Mesmo quando estava na casa de Annie, ela sempre parecia atarefada, andando de um lado para o outro apressada, desempenhando alguma tarefa doméstica.

— A senhora... A senhora está bonita! — disse ela, hesitante.

— É mesmo? Ah, que gentileza! — respondeu a senhora H, levando-a através do saguão. — Annie me comprou esta roupa há uns dois anos, e sabe que eu nunca a usei?

Sempre ficava guardando para uma ocasião especial. Ela ralha comigo por causa disso, é claro, mas é que a roupa me parece boa demais para usar no dia-a-dia.

— Annie está chegando?

— Ela já está aqui, meu amor. Venha, vamos até lá. Thom, não se esqueça de deixar esses seus sapatos na porta. Já usei muito aquele aspirador, para um dia só.

Seguindo a senhora H, Sabine pensou no que acontecera na véspera, quando, ao passar cavalgando perto do jardim dos fundos da casa de Annie, olhara por cima do muro, para ver se a via por ali, a fim de acenar para ela. Annie lhe dissera diversas vezes que Sabine podia chamar por ela quando passasse pela casa, para que Annie pudesse dar uma olhada nela e em seu cavalo, e Sabine tinha de admitir que estava se sentindo secretamente orgulhosa pela sua renovada capacidade de cavalgar. Andara treinando saltos, praticando por conta própria, e estava, aos poucos, reunindo um pouco mais de coragem para tentar saltar sobre pequenas sebes, incentivada pelo seu cavalo, que parecia infalível.

Mas ao fazer o cavalo parar em frente da casa, com cuidado, para olhar pela janela da cozinha, o que viu não foi uma Annie acenando de volta, e sim Patrick, seu marido, que estava sentado junto de uma mesa, com a cabeça enterrada nas mãos e as costas recurvadas, como se tivesse uma imensa carga sobre elas. Annie, meio encoberta pelos reflexos da janela, estava sentada do outro lado da mesa, diante dele, olhando para um ponto vazio.

Sabine fizera o cavalo cinza parar de todo, esperando que eles se movimentassem, mas depois de esperar alguns instantes, como nenhum dos dois se mexeu, resolveu seguir em frente, a fim de que eles não achassem que ela andava bisbilhotando. Pensou, ao chegar na festa naquele momento, em contar o que aconteceu à senhora H, mas não conseguiu imaginar um meio de puxar esse assunto; além do mais, ela andava muito depressa na frente de Sabine, e as duas já estavam chegando à sala de estar.

A família da senhora H estava toda sentada em sofás bem estofados e muito limpos; batiam papo em pequenos grupos e tomavam drinques que já estavam pela metade. Em um canto uma mesa grande, com aba dobrável, estava cheia de pratos e talheres, tendo como decoração um deslumbrante arranjo de flores, e cercada de cadeiras que estavam colocadas a poucos centímetros uma da outra. No centro da sala, sobre o piso, em cima de um tapete azul e creme, dois menininhos brincavam com um autorama, fazendo os diminutos veículos passarem zunindo até saírem voando da pista, indo parar junto das poltronas. A sala estava ainda mais quente do que o saguão, fazendo com que Sabine se sentisse desconfortável e calorenta em seu grosso suéter. Ela ficara tão habituada a viver em uma casa gelada que não ia a parte alguma sem, pelo menos, quatro camadas de roupas, e não conseguia se lembrar se as três que usava naquele momento por baixo do suéter eram apresentáveis.

Sabine não conhecia quase ninguém, exceto Patrick e Annie, a qual, compreendeu com um sobressalto, ela jamais vira fora dos limites de sua própria casa. Patrick levantou uma taça, brindando a chegada de Sabine. Cutucou Annie, a seu lado, que olhava para algum ponto do outro lado da sala, e ela levou um susto, até que ofereceu a Sabine um sorriso largo e a chamou para chegar mais perto e se sentar junto dela.

Sabine, tentando se desvencilhar da imagem que tivera dos dois na véspera, hesitou, e afinal foi em frente, empurrada pela senhora H, que teve de falar mais alto para conseguir ser ouvida acima da barulhada e da música que tocava ao fundo.

— Esta aqui é a Sabine, pessoal, e eu não vou nem começar a apresentá-la a vocês um por um, porque ela não vai conseguir gravar os nomes de todo mundo, mesmo.

Olhem, vou começar a servir em cinco minutos, portanto, podem vir todos, assim que estiverem prontos. Thom, vá pegar um drinque para Sabine.

Annie estava novamente usando um dos seus casacos muito largos de moletom.

Sabine, que já estava enfiando o dedo na gola, para alarga-la, se perguntou por que Annie não parecia tão à vontade como a própria Sabine estava.

— Como vai, Sabine? — perguntou Patrick. — Soube que você está indo muito bem naquele cavalinho cinza.

Sabine concordou, reparando que ele estava com uma aparência horrível. Tinha olheiras sob os olhos e estava com a barba de pelo menos dois dias por fazer. Apesar de ser um homem grande, de aparência rústica, que mais parecia fazendeiro do que escritor, Patrick normalmente estava sempre de barba feita e era muito limpo. Tinha cheiro de amaciante de roupas.

— Você vai sair com os cães de caça na semana que vem, para ver um pouco da região rural de Wexford?

— Claro que vai — respondeu Thom, que se sentara no chão com os meninos. — Eu mesmo vou levá-la. Primeiro, vou treinar com ela alguns saltos mais elaborados, para ver até onde ela vai, e então nós dois vamos curtir um grande dia.

Sabine não sabia se devia protestar diante da ideia de ir caçar raposas ou ficar quieta, sentindo um calorzinho por dentro diante da notícia de que era Thom que ia levá-la. Ela não queria ir para matar raposas, não queria, mesmo. Era vegetariana, afinal de contas. Chorava s ó de ver animais mortos na beira da estrada. A ideia de passar um dia inteiro em companhia de Thom, porém... Só os dois...

— Sua mãe está aqui com você, Sabine? — era uma mulher de meia-idade, com cabelos curtos cor de berinjela e um par de imensas ombreiras que competiam visualmente com seus pesados seios. Sabine olhou para ela, sem expressão.

— Sabine, esta é a tia May — apresentou Thom. — Ela é irmã da mãe de Annie, e irmã da minha mãe, também. E aquele é o Steven, marido dela. Eles conhecem a sua mãe de quando ela morava aqui.

— Podemos todos ir para a mesa? Mack, vá pegar algumas conchas na cozinha, por favor.

— Era uma linda jovem, a sua mãe — disse a mulher, colocando a mão rechonchuda sobre o braço de Sabine. — Ela costumava ir ao baile, de vez em quando, com a minha Sarah. As duas eram muito amigas. Ela está aqui, com você?

— Não. Teve que ficar em casa, por causa do trabalho.

Ah, que pena! Uma pena, mesmo. Eu ia adorar revê-la. Deveria ter ido visitá-la quando estive lá... Quanto tempo faz, Steven? Dois anos? É que, devido aos meus problemas com os ossos da bacia e tudo o mais, fica difícil viajar com frequência.

Sabine concordou com a cabeça, enquanto era encaminhada para a cadeira, sem saber ao certo o que lhe dizer em resposta.

— Artrite — continuou ela. — E de matar! Há pouca coisa que os médicos podem fazer, já me disseram. Vou acabar em uma cadeira de rodas em pouco tempo. Não vou mais poder andar. Mas, por favor, diga à sua mãe que lhe mandei lembranças, está bem?

— Sabine, pode se servir de tudo, fique à vontade. Este bando de selvagens não vai esperar, portanto, pode atacar e pegar o que quiser.

— Diga à sua mãe para aparecer — voltou tia May —, se ela passar por aqui uma hora dessas. Como disse, pode ser que eu já não esteja mais saindo de casa, mas ela vai ser muito bem recebida.

— Sua bacia piorou, May? Você nunca comentou nada. — Isso foi acompanhado de uma risadinha quase inaudível.

— Tia Ellen? Posso pegar um pouco de suco?

— Pegue as batatas, Sabine. Se você ficar com muita cerimónia por aqui, não vai comer nada — disse Thom. — Se não se servir quando tiver chance, pode apostar que alguém vai se servir na sua frente.

Enquanto tudo isso acontecia, Annie mantinha o olhar fixo nas cortinas do outro lado da sala, com a mente aparentemente longe dali, muito longe do barulho da sala lotada. Patrick, que normalmente mantinha algum tipo de contato físico com a mulher, seja acariciando as suas costas ou segurando a sua mão, estava olhando para o outro lado e bebendo a sua lata de cerveja com uma espécie de determinação sombria.

Ah, meu Deus, pensou Sabine, enquanto olhava para eles. O casamento está se desmanchando. Afinal de contas, ela era especialista em reconhecer os sinais.

— Sirva-se de mais um pouco de legumes, Sabine. O que você serviu mal dá para alimentar um passarinho.

— Deixe a menina em paz, Mack. Ela vai comer o que quiser, não vai, Sabine?

Como uma língua que não consegue se manter longe do dente que está doendo, Sabine viu sua atenção voltar a toda hora, durante a refeição, para o infeliz comportamento de Annie e Patrick. Reparou quando Patrick tentou, duas ou três vezes, falar com a mulher, mas agora, mesmo quando ela se dignava responder, parecia que mal o via. Seu olhar estava sempre fixo em algum ponto invisível, logo atrás dele. Sabine notou como Annie estava bebendo mais do que o normal, tanto que a sua mãe, em um determinado momento, colocou um copo com água diante dela, disfarçadamente.

Reparou também como Thom, que evidentemente, reparava um pouco do que estava acontecendo, cobria Annie de atenções, com a intenção de fazê-la rir, em conluio com Patrick, tentando puxá-la para dentro das conversas quando ela já estava ausente da festa.

Foi uma pena que Sabine estivesse se sentindo cada vez mais ansiosa ao observar tudo o que se passava, pois ela achou que provavelmente estaria se divertindo muito, se não fosse por isso. Além de dois perus imensos, havia um monte de legumes realmente apetitosos, e um pedaço de salmão só para ela, e todos estavam conversando tão animadamente uns com os outros que não fazia diferença se ela participava da conversa ou ficava recostada na cadeira, apenas ouvindo. A família de Thom ficava o tempo todo mexendo com ele a respeito de sua natureza solitária, e como ele ia acabar virando um eremita, morando em uma cabana no fundo da floresta.

— Acho que vi uma casinha com telhado de zinco na última vez que passei por lá — disse Steven. — Você pode pegar um financiamento e fazer dela o seu primeiro imóvel, que tal, Thom?

— Que nada! Aquela é a casa da namorada dele — disse um dos meninos, cujo nome parecia ser James. — Ela fica lá, caçando morcegos para usar na sopa.

O senhor e a senhora H, enquanto isso, ficavam se acariciando o tempo todo e trocando olhares de um jeito que, se eles fossem os pais dela, Sabine teria ficado claramente envergonhada. Estavam sempre dando palmadinhas um no outro, e de vez em quando o Senhor H dizia alguma coisa no ouvido da mulher e a fazia ficar toda vermelha, exclamando:

"Ó Mack!", e então o resto da mesa pegava no pé deles e começava a brincar, pedindo que eles "aguentassem só mais um pouquinho" e perguntando: "Não dá para vocês esperarem pelo menos até a gente colocar as crianças na cama?"

No entanto, em meio a tudo isso, Annie, apesar de abrir um sorriso de vez em quando, estava tão animada quanto um dos bibelôs da senhora H. Só que menos alegre.

Sabine a observou e sentiu uma sensação de tédio. Por que era tão difícil para Annie se divertir?

Foi no momento em que o pudim estava sendo servido, uma gigantesca mistura de chocolate e biscoitos esfarelados acompanhado de sorvete tirado direto da embalagem, que Sabine sentiu uma vaga pontada no útero e uma dor obscura, bem baixa, que a distraiu do que estava acontecendo na mesa e a fez apertar as pernas uma contra a outra, com medo.

Ah, meu Deus, aqui não. Não agora. O ritmo da sua vida na Irlanda era tão distante do que ela levava em casa que Sabine nem mesmo considerara aquela possibilidade.

Agora, no entanto, enquanto contava silenciosamente a s semanas que haviam se passado, enquanto pegava um pouco de pudim de chocolate, percebeu que, mesmo que ela não tivesse se lembrado, o seu corpo tinha.

Esperou até um momento particularmente estridente da conversa e saiu da cadeira de fininho.

— Por favor, onde fica o banheiro? — sussurrou para a senhora H, que estava sem fôlego de tanto rir, depois de ouvir alguma coisa que um dos parentes mais velhos dissera.

— Saindo da sala, é a primeira porta à direita — respondeu a senhora H, colocando a mão sobre o seu braço. — Se aquele estiver ocupado, tente o outro, junto da cozinha.

Sabine se trancou no banheiro e viu, com um suspiro de desalento, o sinal indiscutível que ela esperava e temia. E ela estava completamente despreparada. Não ia, de jeito nenhum, ficar sentada nos estofados da senhora H pelo resto da noite, a não ser que estivesse usando alguma coisa que a pudesse deixar à vontade.

Por falta de outra coisa, enrolou um pedaço de papel higiénico em volta da mão e usou aquilo como uma espécie de proteção temporária.

Então, abriu as portas dos armários tão devagar quanto possível, consciente de que ficar xeretando nas coisas do banheiro de sua anfitriã não era uma maneira correta de agir, e começou, desesperada, a fazer exatamente isso.

Espuma de banho, água sanitária, fixador para dentaduras (Para quem?, pensou, sem conseguir imaginar os dentes da senhora H), sais de banho, sabonetes e rolos extras de papel higiénico. Um par de pinças enferrujadas, algodão, uma rede de cabelo, um vidro de remédio

esquecido ali e um frasco de xampu. Não havia tampões. Nenhum absorvente. Sabine suspirou e olhou em torno do banheiro para ver se havia algum lugar onde não tivesse olhado.

Depois de verificar embaixo de uma bonequinha de pano que cobria os rolos de papel higiénico, só por garantia (a senhora H podia ser uma pessoa envergonhada), e o armário de cima, com as toalhas de mão ao lado, combinando, no mesmo tom pastel, Sabine se viu forçada a concluir que a senhora H talvez fosse um pouco velha para lhe fornecer o que ela precisava. A única outra pessoa que havia por ali era Annie. Pelo menos, ela estava na idade certa, mas como é que ela ia conseguir tirá-la da mesa para pedir aquilo sem chamar atenção para si mesma? Eles não perdiam tempo para fazer graça com as coisas, e se descobrissem o que ela procurava e fizessem piadas a respeito, Sabine ia morrer. Tinha certeza de que ia morrer de vergonha.

Talvez se eu ficar aqui e esperar por mais alguns minutos, Sabine avaliou, sentando-se sobre a tampa do vaso que estava envolto por uma proteção estranha feita de pano e cheia de lacinhos, eles vão acabar de comer o pudim e voltar novamente para os sofás. Então, vai ser mais fácil ir até lá para trocar uma palavrinha com Annie.

Ficou sentada por algum tempo, inalando o perfume de pinho, e então deu um pulo, assustada e sentindo-se culpada, ao ouvir uma batidinha na porta. Prendeu a respiração, imaginando se era um dos homens que precisava ir ao banheiro, mas então ouviu a voz da senhora H:

— Sabine, você está bem, meu amor?

— Tudo bem — respondeu Sabine, tentando fazer o tom parecer tão natural quanto possível. O que fez com que a sua voz imediatamente subisse uma oitava e oscilasse.

Tem certeza? Você já está aí há tanto tempo... "

Sabine hesitou, e então se levantou, foi até a porta e a abriu. A senhora H estava em pé ao lado do portal, ligeiramente curvada, como se estivesse tentando ouvir melhor pelo buraco da fechadura.

— Você está bem, meu amor? — repetiu ela, ajeitando o corpo.

— Mais ou menos. — Sabine mordeu o lábio.

— Qual é o problema? Você pode me contar.

— Preciso falar com Annie sobre... uma coisa.

— Que coisa?

Sabine desviou o olhar, sentindo que sua necessidade estava em luta com a terrível alternativa de ter que confessar o problema.

— Vamos lá, querida, não seja tímida.

— Eu não sou tímida. Não sou, mesmo.

— Qual é o seu problema?

— A senhora poderia chamar Annie para vir falar comigo?

A senhora H franziu a testa, ligeiramente, mas conseguiu manter o sorriso.

— O que você quer com ela?

— Preciso pedir uma coisa a ela.

— Precisa pedir o quê?

Será que era tão difícil assim descobrir? Sabine, de repente, ficou impaciente com a senhora H, por ela não perceber a natureza da sua desagradável situação.

— Preciso pedir a ela um absorvente. Ou um tampão, ou algo desse tipo. — Até mesmo as palavras pareciam sair envergonhadas.

O sorriso da senhora H desapareceu, e ela olhou para trás, na direção do barulho que vinha da sala de estar.

— A senhora poderia chamá-la?

— Acho que essa não é uma boa ideia, meu bem.

A senhora H parecia muito séria agora, e o brilho das últimas horas desapareceu de seu rosto.

— Vou lhe dizer o que eu vou fazer, querida — continuou ela. Fique aqui, que eu vou dar uma batidinha na porta da vizinha. Carrie deve ter o que você precisa.

E então saiu.

Sabine voltou a se sentar, angustiada, cogitando sobre os motivos pelos quais ela não devia pedir um tampão a Annie. Será que ela e Patrick eram tão pobres que Annie não podia comprar aquilo, e seria embaraçoso reconhecer isso? Será que tinham alguma objeção religiosa a esse respeito? Uma garota da escola de Sabine lhe dissera certa vez, quando eram mais jovens, que as garotas católicas não usavam tampões porque eles podiam tirar a virgindade. Mas Patrick e Annie eram casados, e deviam estar fazendo sexo há anos, portanto, certamente não se importariam.

Quando a senhora H retornou com um discreto saco de papel, não deu maiores explicações. Simplesmente disse a Sabine para voltar quando estivesse pronta e a deixou sozinha.

Quando Sabine voltou para a sala, todos ainda estavam sentados em torno da mesa, embora duas das mulheres estivessem ajudando a senhora H a recolher os pratos. Havia no ar uma sensação de que acabara de ocorrer uma explosão de risadas, como se todos tivessem escutado uma divertidíssima piada. Ou talvez a impressão fosse apenas devido à sensibilidade de Sabine ao dilema de minutos atrás. Ela não tinha certeza.

— Você não ia querer mais pudim, ia, Sabine? Por via das dúvidas, eu deixei o seu prato na mesa.

Sabine balançou a cabeça e olhou para Annie, que brincava, distraída, com um guardanapo de papel, rolando e desenrolando a sua ponta.

— E agora, quem é que me acompanha em uma bebidinha, lá no pub? -Mack se levantou, na outra ponta da mesa, e olhou para Patrick.

— Estou indo, já, já — disse Thom.

— Você não serve para isso, só bebe suco de laranja. Quem é que vai me acompanhar em um drinque? Steven, você vem, que eu sei. Grande cara! E você, Patrick?

— Vou ficar aqui com Annie — disse ele, parecendo pouco empolgado com a ideia.

— Annie também vai conosco, não vai, garota? Já está na hora de você dar uma saída e ir até o Black Hen, para beber alguma coisa. Você não vai lá há séculos.

Obrigada, papai — Annie olhou para a mãe —, mas eu não estou com muita vontade.

Vamos lá, garota. Seu marido aí quer tomar um drinque, e não vai se você não for, portanto, venha, nem que seja só para fazer a vontade dele.

— Não, vocês podem ir. Vou ficar por aqui para ajudar a mamãe a lavar as coisas.

— Não vai, não. A máquina de lavar pratos vai dar conta do recado. Vá com eles, Annie. Saia e divirta-se um pouco, para variar.

Houve uma calorosa onda de concordância por toda a mesa. "Vá até lá, Annie", murmuravam. "Dê uma saída, vá tomar um drinque."

— Vamos lá, prima. Você está me devendo umas doses de bebida, por todas aquelas fitas de vídeo que eu lhe trouxe. — Thom se levantou e ofereceu o braço.

— Eu realmente não estou a fim. Obrigada.

— Ah, pare com isso. Não seja uma estraga-prazeres, seu velho pai quer levá-la para tomar um drinque.

— Vocês querem me deixar em paz? — O rosto de Annie ficou sombrio. — Não quero ir à porcaria do pub. Quero ir para casa! — Então, com a sala em total silêncio, ela se virou e saiu, e a senhora H seguiu logo atrás dela.

Sabine ficou olhando para todos os rostos em volta da mesa, chocada pela ferocidade da resposta de Annie. Thom, reparando em seu olhar, tentou exibir um sorriso tranquilizador. Um sorriso do tipo: "Mulheres são imprevisíveis." Não foi nem um pouco convincente.

— Ellen vai cuidar dela — murmurou Mack. — Vamos, rapazes. Vamos logo!

— Sim, vão logo, vocês — disse a tia May, levantando-se da mesa e pegando em uma pilha de pratos. — Vá com eles, Patrick, vai lhe fazer bem, você precisa se desestressar um pouco.

— Você vai ficar bem, aqui, Sabine? — Thom abaixou a cabeça e levantou as sobrancelhas, com jeito questionador.

Não, ela queria dizer. Mas estava claro que ninguém ia convidá-la para ir ao pub, então, em vez disso, simplesmente assentiu com a cabeça educadamente e respondeu: — Está tudo bem, obrigada.

Silenciosamente, os homens saíram em bando, bem no instante em que a senhora H voltava. Ela, Mack e Patrick trocaram algumas palavras sussurradas, e então a senhora H foi andando depressa até o meio da sala, e deu um sorriso largo.

— Annie foi para casa, descansar um pouco. Estava com um pouco de dor de cabeça, eu acho. Disse que vai vê-los mais tarde.

Sabine olhou em volta e notou que ninguém acreditara no que a senhora H dissera.

Nenhum deles, porém, a questionou: simplesmente arrumaram tarefas, ajudando a limpar e arrumar a mesa, jogando conversa fora a respeito de pessoas das quais Sabine jamais ouvira falar.

— Vá se sentar um pouco, Ellen — disse a tia May. — Vá fazer um pouco de companhia a Sabine e dê uma olhada nos meninos. Nós cuidamos da cozinha. Vá, ande logo, é o seu aniversário de casamento, mulher. E você não se sentou nem por cinco minutos desde que nós chegamos.

A senhora H protestou, até que tia May levantou a mão cheia de joias para silenciá-la.

— Não quero saber, Ellen — insistiu ela. — Já lhe disse, fique de olho nos meninos.

Um pouco de movimento vai fazer bem para a minha bacia. Assim, mais tarde, não vou sentir tantas dores.

A senhora H, ainda segurando o pano de pratos, se sentou no sofá ao lado de Sabine. Os meninos haviam ligado a televisão e estavam sentados no chão, de meias, olhando sem piscar para a tela. A senhora H tentou falar com eles, por um momento, mas viu que sua atenção estava longe. Sabine a observou, pensando se poderia perguntar o impensável. Estava começando a ficar muito pesada aquela sensação de ser excluída de algum segredo importante. Sabine se lembrou de um incidente recente que acontecera em sua casa, em Londres, quando todas as garotas da sua turma, no colégio, se dividiram em grupos exclusivos, e aquelas que Sabine pensou que eram suas amigas se viraram contra ela, e não lhe contaram a respeito de uma festa que estavam planejando, e todas ficavam olhando para Sabine com cara de desentendidas quando questionadas, com ansiedade crescente, onde era a festa. Não que Sabine quisesse ir (ela não gostava tanto assim de festas), mas o problema era o horror de ser excluída.

— Annie é alcoólatra? — perguntou à senhora H.

No fim, elas acabaram contando a Sabine onde era a festa. Então, foi a vez de Jennifer Laing ser deixada de fora do grupo.

O rosto da senhora H se virou. Ela parecia realmente chocada.

— Annie? Alcoólatra? É claro que não. Por que está perguntando isso?

— Não estou querendo dizer que ela parece alcoólatra, nem nada disso... — Sabine ficou vermelha. — É que todos vocês parecem ficar nervosos quando estão junto dela, e ninguém comenta nada quando ela age de forma estranha. Eu... eu estava só pensando se era porque ela bebia demais.

A senhora H levou a mão aos cabelos e começou a esticá-los para baixo com os dedos, um tique nervoso que Sabine jamais reparara.

— Não, Sabine. Ela não é alcoólatra.

Houve um longo silêncio, durante o qual os meninos começaram a brigar pelo controle remoto.

Sabine, ouvindo o distante ruído de louça na cozinha, se sentiu ao mesmo tempo envergonhada por ter perguntado aquilo e magoada por ninguém parecer disposto a lhe dar uma explicação para o comportamento estranho de Annie. Que se tornara ainda mais estranho, recentemente. Ela parecia se esquecer de arrumar a casa, e todas as vezes que Sabine parava com o cavalo do lado de fora da sala, que sempre fora um pouco bagunçada, notava que o ambiente estava começando a ficar caótico. Annie caía no sono com mais frequência e, quando estava acordada, muitas vezes não parecia ouvir o que as pessoas diziam. Talvez fosse um problema de drogas, pensou Sabine, de súbito.

Aquela não era exatamente uma cidade do interior, mas ela tinha certeza de que vira alguma coisa no noticiário a respeito do uso de drogas em áreas rurais. Talvez Annie fosse viciada.

A senhora H estivera olhando para as mãos. Então, levantou-se e fez um sinal para que Sabine a acompanhasse, olhando para trás, na direção da cozinha.

— Venha comigo — disse ela. — Vamos ter uma pequena conversa, só nós duas.

O quarto da senhora H era tão imaculadamente arrumado quanto o resto da casa, e provavelmente até um pouco mais quente. A cabeceira de sua cama era acolchoada, em um tom de framboesa, de onde saía um imenso edredom bordado. O rosa do edredom combinava com as cortinas de tecido aveludado, que por sua vez era acompanhado pelos babados das almofadas na espreguiçadeira que ficava em um dos cantos do quarto. Um friso junto do teto, em volta de todo o quarto, exibia imagens esmaecidas de galhos de videiras, cheios de uvas entremeadas com ramos e folhas verdes. Aquele era o tipo do quarto que normalmente faria Sabine e sua mãe trocarem olhares perversos e cúmplices, pois ambas sabiam que era de mau gosto ter tudo combinando. No entanto, Sabine não se sentiu confiante e m seu julgamento, nem maliciosa. Naquele instante a aconchegante e quente uniformidade da casa da senhora H lhe pareceu muito mais convidativa do que qualquer coisa que sua própria família tinha a oferecer.

No fundo do quarto havia uma fileira de portas de armários embutidos, algumas delas espelhadas. Foi atrás de uma delas que, enquanto Sabine se via duplicada, a senhora H abriu com cuidado uma gaveta.

Fazendo um sinal para que Sabine se sentasse e vindo até ela, a senhora H se acomodou a seu lado, pesadamente, trazendo nas mãos um objeto. Era um porta-retratos com moldura de prata onde se via uma garotinha ao sol, sorrindo, sentada em um triciclo azul.

— Esta é Niamh — explicou ela. Sabine olhou para o sorriso largo cheio de dentes e para o cabelo louro. — Esta é a filha de Annie. Era a filha de Annie. Ela morreu há dois anos e meio. Um carro a atropelou, quando ela saiu pelo portão. Desde então, Annie nunca mais foi a mesma.

Sabine olhou para a garotinha, com o coração martelando devido ao choque, e sentiu os olhos ficarem quentes, com lágrimas.

— Ela tinha três anos. Acabara de completar. Tem sido muito difícil para Annie e Patrick, pois eles ainda não conseguiram ter outra criança. Bem que tentaram, mas não aconteceu. E esse é um fardo a mais para Annie carregar. Foi por isso que eu não quis que você lhe pedisse um... entende?

Aquilo representa uma lembrança a mais, todos os meses.

A voz da senhora H estava muito calma, calculada, como se aquela fosse a sua maneira de controlar a emoção crua e explosiva por trás das coisas que estava dizendo.

Sabine podia sentir essa mesma sensação, como se fosse uma bolha imensa que lhe subia pelo esôfago, enchendo o peito e fazendo com que ela tivesse vontade de gritar bem alto.

— Esperamos que ela supere isso, um dia — continuou a senhora H, baixinho. — Estes têm sido anos terríveis. Algumas pessoas parecem levar mais tempo do que outras.

— Eu sinto muito, realmente — sussurrou Sabine. Uma alcoólatra. A senhora H devia estar achando que ela era uma grossa.

— Você não tinha como saber — disse a senhora H, batendo carinhosamente na mão de Sabine. — Nenhum de nós fala sobre Niamh, porque isso parece piorar as coisas. Annie não gosta de ver fotos dela pela casa, e por isso eu guardo esta aqui em minha gaveta. Só que é uma pena. — Ela traçou uma linha, com um dedo frágil, em volta da imagem da garotinha. — Eu bem que gostaria de ter algumas fotos dela por aqui. Só para me lembrar, entende?

Sabine concordou, ainda sentindo o peito atravessado pela garotinha. No andar de baixo, dava para ouvir a tia May e as outras rindo muito, acima do som da televisão.

— Aquele era o quarto dela? Na casa de Annie?

— O quarto junto do de Annie e Patrick? Sim, era o dela. Annie não gosta que as pessoas entrem ali. — Ela suspirou. — Vivo dizendo a ela que já está na hora de desmontá-lo, mas Annie não me ouve. E não posso obrigá-la.

Sabine ficou pensando por alguns instantes, e então perguntou: — Ela... ela já procurou um médico?

— Ah, já lhe ofereceram tratamento. E o padre também já tentou ajudar. Mas acredito que ela e Patrick acharam que iam conseguir superar o problema juntos. Agora, Patrick parece estar arrependido da decisão, mas já é tarde. Ela não quer ver ninguém.

Nem mesmo um médico. Você já deve ter reparado que Annie não gosta muito de sair de casa.

Elas continuaram sentadas em silêncio, ambas se lembrando na saída abrupta de Annie, ainda há pouco. Sabine olhou mais uma vez para a foto da garotinha. Ela usava botinhas vermelhas de plástico e uma camiseta com um pinguim desenhado. Sabine não se lembrava de ter visto a foto de uma criança morta, antes. Observando os olhos da menina na foto, ela quase fantasiou que era possível ver alguma coisa presciente ali, algum prenúncio da própria morte naquele sorriso.

— A senhora sente saudades dela?

A senhora H colocou a fotografia de volta na gaveta com todo o cuidado. Quando a fechou, ficou de pé por um segundo, olhando para a porta do armário, de modo que Sabine não podia ver o seu rosto.

— Sinto saudades das duas, Sabine. Sinto saudades das duas.

Por mais que ela gostasse da senhora H e sua família, Sabine ficou muito contente por passar dois dias sozinha com os avós. Ela precisava daquele tempo para assimilar o que a senhora H lhe contara, e para reavaliar Annie em sua imaginação, fazendo-a deixar de ser "a mulher difícil e excêntrica" para se transformar em "jovem mãe trágica".

Ela não sabia o que dizer a uma jovem mãe trágica, e ainda não decidira o que aquilo poderia significar para a amizade das duas. Até então, elas tinham se sentido como uma espécie de pessoas iguais: o fato de Annie ser casada de certa forma contrabalançava a sua incorrigível falta de praticidade; a juventude de Sabine era contrabalançada pelo seu conhecimento superior d o que estava por dentro o u por fora dos modismos do momento (pelo menos, era assim que Sabine avaliava). Agora, tudo mudara, e Sabine já não tinha certeza de como deveria proceder. A senhora H, parecendo sentir a reserva da jovem, mantinha uma presença decididamente discreta em sua vida, ao mesmo tempo em que dizia a Sabine que tinha sido um prazer convidá-la para jantar, e que todos haviam ficado muito satisfeitos por conhecê-la. Ela era realmente simpática; toda a família era.

Até mesmo a sua avó estava sendo simpática, naquele momento: servira torta de legumes no jantar da véspera, e agora servia kedgeree, uma estranha combinação de arroz, ovo, peixe e passas, que de algum modo tinha melhor sabor do que cada uma das partes em separado.

É um típico café da manhã para caçadores, na verdade — explicara a sua avó, enquanto Sabine olhava para o prato com os olhos arregalados. — Só que também serve como uma ceia leve.

Sabine decidira que ela estava com um bom estado de ânimo porque o seu avô estava "mais animadinho", como dissera o médico. Embora ficasse contente com isso, Sabine não definiria o estado dele como "animadinho". O que aquilo queria dizer era, apenas, que ele conseguira vir por conta própria até o andar de baixo, enxotando os cães do caminho com a bengala e, após ter se alimentado com uma quantidade minúscula de comida, estava agora sentado na sala de estar, em uma das poltronas de encosto alto, junto à lareira.

Depois de ter ajudado a avó a tirar a mesa do jantar (aquele espírito de cooperação era capaz de funcionar dos dois lados, afinal de contas), Sabine já estava pronta para escapar dali e ir para o quarto quando a avó a chamou de volta.

— Tenho que ir até lá fora, para dar uma olhada nos cavalos — disse ela, colocando o casaco acolchoado e enrolando um cachecol de lã em torno do pescoço. — Quero colocar um cataplasma na perna de Duke, e pode ser que eu demore um pouco. Você se importa de ficar fazendo companhia ao seu avô?

Sabine, sentindo um súbito desânimo, tentou não dar a perceber o quanto se importava. Ficar fazendo companhia ao avô parecia ser uma contradição, em si. Ele quase não falara nada durante o jantar, a não ser quando disse "pobres ovelhas", aparentemente um comentário que

tinha relação com algo que ele dissera várias horas antes a respeito do estado em que estava o pasto das redondezas. E mal pareceu perceber que a neta estava ali. Certamente não notara que Bertie estava por perto, e conseguiu pisar nele duas vezes, provocando ganidos de fazer o sangue gelar, no momento em que sentou à mesa e, depois, quando se levantou. Só a ideia de ter que ficar puxando assunto com ele, de modo educado, por uma hora inteira antes do noticiário das dez da noite fez com que Sabine sentisse vontade de sair correndo porta afora.

— Claro — respondeu ela, e foi caminhando lentamente em direção à sala de jantar.

Os olhos dele estavam fechados, então Sabine pegou um exemplar de Vida no campo em uma pilha sobre a mesinha de café e foi se sentar, bem quieta, na poltrona macia que ficava diante dele. Ela bem que gostaria de se deitar no sofá, mas o ambiente estava tão gelado e úmido que um lugar junto do fogo era um pré-requisito para conseguir ficar ali.

Por alguns minutos ela folheou a revista, tentando descobrir qual das casas exóticas nas ilhas Maldivas pertencia a diversos pop stars, e em seguida bufou ao ver algumas debutantes louras de olhos vazios. Não havia nada de interessante ali, a não ser que a pessoa fosse entusiasta de velhas igrejas da costa leste da Inglaterra, ou de pecuária orgânica; assim, em pouco tempo, ela se pegou olhando para o avô em vez de olhar a revista.

Ele tinha mais rugas no rosto do que qualquer pessoa que Sabine tivesse encontrado na vida. As rugas e linhas não se estendiam em caminhos bem marcados e compridos, como Geoff quando estava preocupado com seus pacientes, nem eram sulcos delicados, pequenos sussurros do futuro, como aqueles que dava para ver no rosto da sua mãe. Não, as rugas do avô de Sabine se entrecruzavam umas contra as outras em um padrão quase regular, mais parecendo linhas de um velho mapa, só que ainda mais ressecadas. Em alguns lugares a pele era tão fina que dava para ver as veias correndo por baixo como se fossem estradas secundárias, semi camufladas por grandes manchas senis marrons, e no lugar em que elas se encontravam casualmente, no alto da cabeça, desgarrados fios de cabelo brotavam, como viajantes solitários no deserto.

Era difícil imaginar que alguém pudesse ser tão velho assim. Sabine olhou para baixo, para as suas mãos e a sua pele, através da qual apenas pequeninas linhas roxas, quase imperceptíveis, podiam ser detectadas, dilatadas pela juventude e por uma vida boa e saudável. As mãos dele estavam tão ossudas que pareciam garras, e as unhas eram duras e amareladas, como os chifres de um animal.

Sabine levou um susto quando ele abriu os olhos. Sabia que era falta de educação ficar olhando fixamente para as pessoas e ele, sem dúvida, ia lembrá-la disso. Encarando-a por trás de olhos cujas pálpebras pareciam pertencer a um réptil, ele deixou o olhar vagar para a direita e para a esquerda, compreendendo que os dois estavam sozinhos na sala. Em meio ao silêncio, as toras estalavam e crepitavam, lançando pequenas fagulhas que saíam voando como pequenos animais de encontro à proteção de metal da lareira.

Ele abriu a boca, fez uma pausa e então falou.

— Acho que eu já não faço muita coisa, agora — disse bem devagar, enunciando cada palavra com cuidado.

Sabine olhou para ele. Seu rosto pareceu subitamente animado, como se ele estivesse muito concentrado na mensagem que estava tentando transmitir.

— Eu agora apenas... fico aqui.

Fechou a boca lentamente, como se o esforço para falar o tivesse exaurido, mas manteve o olhar firme.

Sabine, fitando-o de volta, sentiu um pequeno lampejo de compreensão. E compaixão, entendendo que acabara de receber uma espécie de pedido de desculpas.

Concordou com a cabeça, com um movimento mínimo, como para demonstrar que ela reconhecia o que ele queria dizer, e então voltou a olhar para a lareira.

— Que bom — disse ele, finalmente. E fechou os olhos.

Oito

NA MANHÃ DA CAÇADA, Kilcarrion parecia ter se lembrado da sua razão de existir.

Era como se a casa tivesse despertado de um longo sono e entrasse em ação entre rangidos, como as engrenagens de uma máquina pouco usada que lutava para alcançar o objetivo para o qual fora construída. Sabine, assim que acordou, viu que suas roupas já estavam preparadas ao pé da cama e, com uma xícara de chá colocada em suas mãos pela senhora H, sentiu um nível de atividade no andar de baixo e do lado de fora que fazia com que o ritmo normalmente lento de Kilcarrion se parecesse com o de um passeio tranquilo. Os cães, contagiados por essa sensação, ladravam e arranhavam o piso do saguão; o telefone não parava de tocar, como se fosse uma espécie de sirene, alardeando as menores mudanças nos preparativos. Até mesmo o boiler, cujos estrondos distantes muitas vezes acordavam Sabine no meio da noite, parecia retinir e estremecer com mais determinação.

A senhora H andava de um lado para o outro, animando-a, arrumando as coisas de Sabine e lhe contando quem é que ia ficar "de fora" naquele dia, enquanto a avó ficava colocando a cabeça para dentro do quarto, apressando Sabine e mandando que ela "se aprontasse logo", embora dissesse isso com o tom de quem estava estimulada, e não zangada. Sabine podia ouvi-la no andar de baixo, no pátio, berrando instruções para os rapazes ao mesmo tempo em que, lentamente e com dedos trémulos, tentava colocar o próprio equipamento.

Embora fosse obviamente revoltante, imoral e o cúmulo da crueldade deve ser dito que a caça à raposa era um esporte muito glamoroso. Dava para perceber, só pela roupa que Joy lhe fornecera. Era toda de seda e feita sob medida. O casaco azul-marinho e as calças de montaria em tom creme faziam-na parecer uma personagem de peça teatral de época (sua avó exibira um sorriso largo quando a neta acabou de se aprontar, a primeira vez que sorria de modo tão descontraído e sem constrangimento); dava para perceber, também, pelo jeito com que o cavalo dela e o de Thom estavam preparados e enfileirados, com os pêlos lustrados até adquirirem um brilho luzidio, depois de uma boa meia hora de escovação pesada; dava para notar, pelo modo com que a sua avó agitava os braços e fazia estardalhaço para prender um lenço especial no pescoço de Sabine, nem parecendo uma respeitável avó, e como espetava com cuidado, na lapela da neta, o seu próprio alfinete, todo em ouro, além de vistoriar se as botas estavam bem engraxadas... e foi por tudo isso que, umas duas horas depois, quando Sabine e os cavalos foram levados para o ponto de encontro, ficou patente que, de algum modo, eles acabaram no lugar errado.

Não estavam nas terras de uma propriedade suntuosa, cercados de casacões rosa-escuro (não se devia falar "vermelho", sua avó alertara), e bebendo champanhe ou algo assim, em uma taça de prata, antes de partirem. Debaixo de uma chuva acompanhada de vento forte, eles foram deixados em uma encruzilhada no meio do nada e, à medida que os cascos dos cavalos desciam batendo na rampa de madeira e alcançando a pista, tudo o que Sabine conseguia ver era um mosaico organizado composto por póneis sujos de lama carregando crianças em capas

de plástico com camiseta por baixo, dois cavalos imensos e desajeitados, fazendeiros e m roupas de tweed, outro grupo de cavalos desmazelados e pessoas que andavam atrás deles, a pé, vestidas com roupas coloridas de todo tipo, protegidas por impermeáveis e carregando guarda-chuvas, com os cabelos molhados balançando ao vento ou usando gorros de lã colocados com firmeza sobre a cabeça. Havia até mesmo uma dupla de rapazes usando roupas de camuflagem e dirigindo quadbikes[{3}]. E havia lama por toda parte; nas margens do caminho, transformadas em caldo marrom pela ação dos cascos impacientes; nas botas dos cavaleiros; batendo no meio das pernas dos sabujos que se moviam em círculos, passando junto de tudo e de todos e soltando latidos ou ganidos ocasionais. Havia apenas três pessoas usando casacos rosa-escuro, e um deles, para desapontamento de Sabine, tinha um rosto onde apareciam as veias, além de um nariz bulboso, e Thom o apontara como mestre da caçada.

Não era como nos quadros, nem como nos desenhos dos jogos americanos usados sobre a mesa do casarão, que retratavam um grupo de puros-sangues esbeltos e privilegiados homens de casaco rosa-escuro; não era como nos quadros a óleo que ela via nas salas da casa de seus avós. Não era sequer como aparecia nas reportagens da televisão, quando homens com cabelos rastafári tentavam sabotar as caçadas, cantando alto e soprando apitos, em uma espécie de guerra contra os caçadores a cavalo que mais pareciam membros da realeza. Era como um tipo de guarda de honra formada apenas por equinos, só que acrescida de cães e bicicletas. E, possivelmente, mais lama.

Sabine s e sentiu vagamente desapontada. Embora ainda tivesse sentimentos ambivalentes a respeito de participar de uma corrida, se convencera de que era importante ver uma coisa de perto antes de condená-la e, mais especificamente, tinha o desejo secreto de que Thom não a visse como o bebé da família, circulando por ali com várias camadas de roupa e usando botas plásticas de cano alto, e sim se vendo obrigado a criar uma nova imagem dela, uma visão vestida de azul-marinho e couro polido, a arrojada amazona, glamorosa em seu ambiente natural. Apesar de ser uma amazona arrojada cujos nervos a deixavam com uma frequente vontade de ir ao banheiro.

— Tome, pegue umas barras de chocolate — disse Thom, colocando algumas em sua mão. — Você vai precisar delas, mais tarde. — Ele enfiara o chapéu na cabeça e estava tentando controlar o agitado Birdie, um puro-sangue jovem e muito inquieto, já em sua segunda participação no campo de caçada. O vento balançava a cauda do animal e ele inflava as narinas enquanto saltitava, meio de lado e a seguir para frente e para trás, movimentando as folhas caídas no chão.

— O bobalhão do Liam andou agitando esses cavalos — disse ele, enquanto Joy olhava com ar preocupado. — Achou que era muito engraçado começar a tocar a trombeta antes mesmo de prepararmos os animais. Agora este rapazinho aqui não sabe se deve andar ou ficar parado.

O efeito de uma trombeta de caça sobre os cavalos de Kilcarrion deixou Sabine abismada. Poucas semanas antes, Thom tocara uma delas, soprando uma vez só, quando tentara convencer Sabine de que os cavalos adoravam uma caçada. Duke foi correndo até a porta de

seu cercado, no estábulo, e colocou sua imensa cabeça para fora, olhando para a direita e para a esquerda, para a seguir se urinar todo, de tão agitado.

— Como é que você sabe que ele não age desse modo simplesmente porque está com medo? — desafiara Sabine. — Se eu ficasse apavorada com um barulho desses, provavelmente também viria ver o que era, e talvez sujasse as calças de medo.

— Dá para perceber quando essas belezas estão com medo — disse Thom. — Eles achatam as orelhas para trás, junto da cabeça, e dão coices. E também dá para a gente ver a parte branca dos olhos. Ainda não está acreditando? Tudo bem. Se eu abrisse esta porta agora, o Duke ia sair correndo e parar bem diante dos apetrechos, pronto para ser preparado.

Só para provar o que dizia, Thom fez isso, e o cavalo foi.

Sabine sentiu vontade de rir quando viu o velho cavalo se dirigir com determinação até a rampa, e ficar esperando ali, pacientemente. E, quando Thom lhe deu um torrão de açúcar e o levou, devagar, de volta para o estábulo, ela teve de admitir que, mesmo sem gostar de caçadas, estava em minoria, pelo menos naquele ambiente cheio de quadrúpedes.

Agora, enquanto Thom a ajudava a montar o cavalo cinza, Sabine estava muito nervosa. Sentindo a tensão dela, o cavalo, normalmente bem-comportado, batia com a pata no chão e mastigava ruidosamente o freio, impaciente, com as orelhas indo para frente e para trás como alavancas.

— Aconteça o que acontecer, jamais ultrapasse o mestre. — Joy, com os cabelos presos por um lenço, ajeitava o estribo de Sabine, enquanto repetia as instruções que já dera duas vezes durante a vinda até ali. Mantenha o seu cavalo fora do caminho dos sabujos, e não salte desabalada por cima dos obstáculos. Se os outros estiverem alinhados atrás de você, pare um pouco e espere até eles continuarem. Não galope pela parte do meio dos campos. E não deixe este rapazinho esgotado — completou, acariciando o focinho do cavalo com a mão úmida. — Faça com que ele corra só até sentir que está cansado e, na volta, estaremos aqui para recebê-lo com um belo carro, a fim de transportá-lo de volta até o estábulo. Não quero que você o force a correr até anoitecer só porque se deixou levar pela empolgação.

Sabine, cujo estômago estava dando voltas de pavor, pensou que ela era provavelmente a pessoa menos propensa, ali, a se deixar ser levada pela empolgação por tudo aquilo. A não ser que sua avó estivesse falando em se deixar ser levada dentro de um caixão. Todo mundo em volta parecia estar sorrindo, trocando cumprimentos e admirando os animais. Por que ela era a única que estava convencida de que ia morrer?

— Não se preocupe, senhora Ballantyne — disse Thom, atirando a perna por cima da sela. — Vou tomar conta dela muito bem.

— Não deixe que ela vá muito longe, até os limites do campo, Thom — pediu Joy, apreensiva. — O terreno está muito molhado, e vai haver uma multidão muito malcomportada logo atrás do mestre.

Sabine seguiu o olhar da avó até um grupo de rapazes que, rindo muito, faziam cócegas nos cavalos uns dos outros com o cabo do chicote, obrigando os animais a saírem de lado, assustados, querendo se empinar.

— Idiotas — disse Thom, embora sorrindo. — Não se preocupe, senhora Ballantyne. Vou ficar de olho.

Então, de repente, com alguns toques da trombeta, saíram todos em disparada, mais de uma centena de cascos movendo-se com estardalhaço pela estrada molhada.

— Sorria — disse Thom, rindo para ela. — Você vai se divertir à beça.

Sabine achou que não poderia dizer a ele o que estava pensando: que era mais provável que ela fosse pisoteada pelos cascos daqueles animais insanos, que não se sentia preparada nem para saltar sobre um meio-fio, muito menos sobre um obstáculo com cinco barras, e que estava tão enjoada que era capaz de vomitar.

Não quero ver nenhum animal morto — disse ela, com a cabeça baixa contra o vento. — Não quero nem chegar perto. Se alguém tentar balançar aquela coisa ensanguentada na minha frente, é bem capaz de eu matá-lo. Mesmo que seja o mestre.

— Não consigo ouvir você — disse Thom, apontando com o chicote para frente. — Vamos lá, fique comigo. Estamos indo para aquele campo, logo adiante.

A partir daí, o dia passou como um borrão de tempo. Assim que os cavalos sentiram o macio do terreno molhado debaixo deles, começaram a correr em disparada, subindo morro acima pelas laterais cheias de buracos e poças, e Sabine, pega no meio deles, sentiu que o tormento inicial do medo i a sendo substituído por uma sensação de empolgação com a cavalgada, enquanto rostos sorridentes, cobertos de lama, passavam por ela, a meio galope. Ao atingirem o topo do morro, Sabine percebeu que ela também estava sorrindo, e se esqueceu de tirar o sorriso do rosto quando Thom chegou perto dela.

— Você está bem? — perguntou ele, rindo.

— Estou legal — respondeu ela, sem fôlego.

— Vamos colocar um pouco de cor nessas bochechas, hoje — disse ele e, então, saiu novamente.

A primeira parte d a caçada passou voando. Encapsulada naquela turba sortida composta de cavaleiros e cavalos, Sabine sentiu que o melhor a fazer era depositar toda a confiança no pequeno cavalo cinza, e frequentemente fechava os olhos e agarrava-se à crina do animal quando eles se aproximavam de pequenas cercas ou sebes, que todos sobrevoavam juntos, em um grupo coeso que se movia em bloco, no ar, como um líquido. Nem teve tempo de ficar assustada e então, reparando o número de crianças pequenas montadas em póneis e imprudentes meninos da fazenda sobre cavalos malhados de pouco trato, percebeu que não havia nada que eles pudessem enfrentar e que ela, em um cavalo maior e mais valente, não conseguisse.

Sabine não tinha a menor ideia de onde eles estavam indo, ou o que devia estar fazendo. Seus olhos ardiam, sua boca estava com gosto da lama que era atirada para trás pelos animais diante dela, mas seu coração martelava de empolgação, e ela incentivava o cavalo a ir mais rápido, tentando ir em frente na direção da campina.

Thom tentou ficar colado nela, mas muitas vezes eles se separavam, ou porque um deles diminuía um pouco a velocidade para pular um barranco e chegar ao terreno seguinte, ou simplesmente porque o grupo todo se dividia e havia um período de calmaria, com os cavalos parados aguardando o soar das trombetas para que todos se reunissem de novo.

Durante a caçada, Sabine descobriu que havia muitos momentos em que eles ficavam totalmente parados, e em geral era bem na hora em que ela já estava acostumada com o ritmo firme do galope. Aquilo parecia acontecer apenas para que as pessoas pudessem bater papo umas com a s outras, fazendo comentários sobre os desempenhos de seus respectivos animais, ou fofocando a respeito de quem sumira nos bosques e em companhia de quem, ignorando totalmente a chuva que caía torrencialmente em volta deles, formando rios por dentro de seus casacos e fazendo com que as caudas dos cavalos ficassem tristemente coladas sobre as ancas. O fato de Sabine não conhecer ninguém ali, além de Thom, não a deixou deslocada no grupo: uma mulher de meia-idade, bem rechonchuda, disse a Sabine que ela estava "indo muito bem" e acrescentou que conhecia a sua mãe; um sujeito magro com nariz pontudo informou que conhecia o seu cavalo; e uma das crianças desmazeladas perguntou-lhe se podia dar uma mordida em sua barra de chocolate. Sabine lhe entregou a barra toda.

Então, logo depois, ficou preocupada, pois naqueles momentos em que todos ficavam parados, uma garota muito jovem, com cabelos louros compridos e cacheados, presos atrás da cabeça por uma rede, se aproximava com frequência de Thom, conversava com ele, ria e tirava com elegância a lama de cima do nariz, ou, sorrindo, pedia que ele fizesse isso por ela. A moça gostava dele; era tão óbvio. Estava praticamente babando. Só que quando Sabine disse isso para Thom, enquanto eles esperavam até que um dos homens mais velhos montasse em sua sela, após tê-la involuntariamente abandonado dois segundos antes, ele olhou para Sabine sem expressão, como se não tivesse reparado na moça.

De modo irritante, ele parecia determinado, naquele dia, a continuar paparicando-a como a um bebé. Por duas vezes, Thom apeou e disse que queria verificar a cilha do cavalo dela, empurrando a perna de Sabine para o lado e arando a aba da sela do caminho, enquanto apertava a fivela mais um ou dois buracos. Só que isso não era feito com nenhuma intenção de flerte, ne m apertos desnecessários em sua coxa, e quando Sabine tentou limpar a lama que respingara em seu lenço de montaria, em volta do pescoço, ele riu e se afastou com o cavalo, limpando-o ele mesmo.

— Agora vá, preocupe-se com você mesma — disse Thom, batendo inexplicavelmente na própria cabeça. — Tem coisas muito piores que podem acontecer por aí do que um pouco de lama em seu equipamento.

Eles já estavam cavalgando há quase três horas quando Sabine percebeu que ainda não tinham avistado nem uma raposa, sequer. Sentiu-se envergonhada por ter esquecido que perseguir e matar um animal era o objetivo de tudo aquilo; por outro lado, ela já não estava mais perto dos sabujos e seu cavalo, acompanhado de outros dois ou três, havia tomado, de algum modo, um caminho diferente e se afastado do grupo maior da caçada. Estavam andando como se estivessem sedados, "dando um refresco para os cavalos poderem respirar", como explicou o fazendeiro de feições rudes que seguia na frente dela.

Sabine se afastara de Thom em um bosque, no momento em que ele desmontara para ajudar a livrar um dos cavalos, cuja pata ficara presa e m uma cerca de arame farpado. Quatro pessoas estavam em pé, em volta do animal, e uma delas tinha feito surgir do bolso do casaco um alicate de corte; Thom ficara segurando com cuidado a cabeça d o cavalo atingido, enquanto a delicada operação para livrá-lo do arame era realizada.

— Vá em frente — gritou para Sabine. — A gente vai ficar algum tempo por aqui, mas eu alcanço você. — Pelo jeito, ele tinha parado de se preocupar com ela, o que acabou sendo um erro, como ficou provado em seguida: uns dez minutos depois, o cavalo cinza derrapou em uma passagem de madeira e ela foi lançada para frente, por cima da cabeça dele.

— Você está bem? — perguntou um rapaz que vinha logo atrás e imediatamente saltou do cavalo para ajudá-la, enquanto outra pessoa pegava o cavalo.

— Estou legal! — disse ela, erguendo-se do meio do barro escorregadio. — Só fiquei um pouco enlameada.

Aquilo era atenuar demais a realidade, percebeu Sabine, um pouco desanimada: as suas calças de montaria brancas e sedosas estavam agora completamente marrons, só em uma das pernas, mais parecendo uma roupa de bobo da corte, e o maravilhoso casaco azul-marinho de Joy estava duro de tanta lama.

O homem pegou um lenço encardido no bolso e o estendeu para ela, dizendo: — É para limpar o seu rosto. Você está com um bocado de lama em volta do olho.

Quando ela colocou o lenço sobre o olho errado, ele tentou avisá-la e então, pegando o lenço da mão dela, limpou todo o rosto, ele mesmo. Foi nesse instante que ela reparou nele: tinha olhos castanhos, pele clara e um sorriso imenso. E era jovem.

— Você não é aqui da região, é? — perguntou, ajudando-a a caminhar até junto do cavalo cinza, depois de vistoriá-lo e ver que estava bem. — Dá para perceber pelo sotaque. Londres, não é?

— É. — Pareceu que era preciso dizer mais alguma coisa. Estou passando uns tempos com meus avós.

— Onde?

— Kilcarrion. Fica em uma aldeia chamada Ballymalnaugh.

— Eu conheço. Quem são os seus avós?

— São os Ballantyne.

Ele esticou o braço em direção às botas dela, oferecendo-se para ajudá-la a montar.

— Conheço os seus avós. Um casal idoso. Sei que eles são ingleses. Não sabia que tinham parentes.

Ah. — E Sabine olhou para baixo, para ele, sorrindo. — Quer dizer que você sabe da vida de todo mundo?

Ele sorriu de volta. Era muito bonitão, na verdade.

Escute, garotinha de Londres, por aqui, todo mundo sabe da vida de todo mundo.

Ele ficou junto dela depois disso, batendo papo, e agora, enquanto caminhavam com um pequeno grupo pelos caminhos molhados, ele continuava conversando. Morava em uma aldeia que ficava a sete quilómetros da dela, planejava cursar a Universidade Durham, na Inglaterra, como seu irmão, e passava o tempo "vagabundeando" pela fazenda dos pais. Chamava-se Robert, todos o conheciam como Bobby, e Sabine não se lembrava de conhecer ninguém que falasse tanto.

— E então, você sai muito à noite, Sabine?

— Onde, em Londres?

— Não, aqui. Tenho certeza de que uma garota bonita como você não tem problemas para arranjar convite para sair, em Londres.

Sabine olhou para ele com os olhos apertados. Bobby tinha um jeito de dizer coisas charmosas que davam a entender, de leve, que ele estava caçoando dela. Sabine estava sempre preocupada com a possibilidade de estarem caçoando dela.

— Eu saio um pouco — replicou.

— Vai ao pub e essas coisas? — perguntou ele, freando um pouco o cavalo para que os dois pudessem ficar lado a lado.

— E, essas coisas — respondeu ela, um pouco sem saber o que dizer. Sabine não entrara em um pub desde que chegara. Seus avós não eram de frequentar pubs, e Thom jamais demonstrara inclinação para convidá-la.

— Quer sair comigo, uma hora dessas?

Sabine ficou vermelha. Ele a estava convidando para sair! Olhou para as próprias mãos, censurando-se pela quentura que sentiu no rosto. Nossa, ela era tão palerma, às vezes.

— Se você quiser — murmurou.

— Bem, você não é obrigada a aceitar — disse ele. — Não vou torcer o seu braço nem nada disso. — E continuou sorrindo.

Sabine sorriu de volta. Quando chegasse em casa, ela ia resolver como se sentia a respeito dele. E tentar descobrir como ia conseguir explicar aos seus avós a possibilidade do encontro com um rapaz.

— Tudo bem, então.

— Ótimo, agora, segure firme nas rédeas, porque eu acho que a gente vai ter que pegar um atalho, para poder voltar até onde os outros estão.

Antes que Sabine tivesse a chance de refletir a respeito de Bobby McAndrew, já estava galopando pelo campo logo atrás do seu cavalo baio. Começava a escurecer, e enquanto eles corriam em direção ao outro lado da campina, Sabine percebeu que estava toda dolorida e nem sentia mais os dedos dos pés. Seus olhos estavam focados nas ancas cobertas de lama do cavalo à sua frente, e sentiu o súbito desejo de tomar um banho quente, alimentando a esperança de que já não estivessem muito longe de casa.

Não tinha a menor ideia de onde ia se encontrar com Thom, ou se ao menos ia conseguir encontrá-lo e, se não pudesse achá-lo, também não ia saber em que lugar se encontrar com a sua avó. Ela não prestara atenção às instruções, de manhã.

Estava tão preocupada em encontrar o caminho de volta que levou alguns segundos antes de perceber que Bobby estava gritando alguma coisa em sua direção.

Ela tentou virar a cabeça na direção contrária do vento, para ouvir o que ele estava dizendo, mas no fim foi ele que veio até ela, berrando.

— Temos um barranco Wexford bem à nossa frente — disse ele. E esse é um dos mais difíceis. Apoie-se com toda a força no estribo e agarre-se na crina do cavalo.

Sabine, com os olhos arregalados, olhou para onde ele estava apontando. Pouco adiante, conseguiu divisar dois cavalos que pareciam estar dando saltos quase na vertical para alcançar o alto do barranco e então, em uma confusão de lama e cascos, os viu soltando-se no ar novamente. Seu coração parou.

— Eu não consigo fazer aquilo! — gritou.

— Vai ter que fazer! — berrou Bobby. — O único jeito de atravessar este campo é por cima do barranco, ou então voltar pelo caminho que viemos. — E agarrou as rédeas com força, já se preparando para dar o salto.

Sabine chegou à conclusão que uma longa viagem de volta e sozinha era preferível a um pescoço quebrado e resolveu parar ali. Mas o cavalo cinza não queria saber disso.

Determinado a permanecer com os companheiros, ele lançou o pescoço para frente, inflexível como um vergalhão, e seguiu a toda em direção ao barranco, sem levar em consideração as puxadas nas rédeas e as súplicas. Sabine nem teve tempo de pensar direito: o u pulava d o cavalo em movimento e caía no terreno molhado que corria embaixo dela ou confiava no animal e tentava fazer o que pudesse para permanecer em cima dele. O barranco que assomava diante dela parecia agora incrivelmente alto, com a vala diante dele escura como um túmulo. Viu o cavalo de Bobby se preparar e então se lançar para frente, dando o salto e derrapando ligeiramente no topo para então, acompanhado do grito empolgado do rapaz, sumir de vista, do outro lado.

Ela afrouxou as rédeas, se apoiou com firmeza nos estribos e fechou os olhos. Vou morrer, pensou. Eu amo você, mamãe, e então sentiu o dorso do cavalo estender-se para frente e para cima, por baixo dela, tão rápido que ela foi lançada para trás, escorregando sobre a sela e então, quando entreabriu os olhos, viu que já estavam no topo do barranco, e o pescoço do animal já estava curvado para baixo, conferindo a posição correta para as patas da frente e a seguir, enquanto ela fechava de novo os olhos e dava um grito agudo, já estava saltando sobre uma distância impossível de alcançar, o que a fez despencar para frente quando ele pousou, os pés já soltos dos estribos e os braços agarrados caoticamente em volta do pescoço do animal.

— Aqui! Pegue aqui! — berrou Bobby, atirando uma das rédeas soltas na mão dela e rindo. — Você conseguiu! Muito bem!

Sabine s e endireitou sobre a sela, gaguejando de tanto rir e dando tapinhas afetuosos no cavalinho embaixo dela, sem conseguir acreditar no que tinham acabado de alcançar.

— Bom menino, bom menino — cantarolava ela, alegre. — Garoto esperto, muito esperto. — com o sangue cheio de adrenalina, ela queria gritar bem alto, e voltar e saltar sobre o obstáculo outra vez.

— Eu mesmo achei que talvez não conseguisse — disse Bobby. Você foi ótima, só de conseguir se segurar, sem cair.

Ela se virou para ele, com o rosto iluminado por um sorriso largo e descontraído. E falou as palavras que, para o filho de um fazendeiro vizinho, não faziam nenhum sentido:

— Eu não dei a volta para passar pelo portão!

Não parecia justo que uma pessoa que acabara de saltar sobre o maior barranco do mundo tivesse que passar tanto tempo lavando a lama das pernas do cavalo, limpando arreios e engraxando botas, especialmente quando essa pessoa estava toda dolorida, seu traseiro parecia ter sido espancado por uma barra de ferro e sentia tanto frio que seus dedos estavam fracos, moles e dormentes, inúteis como salsichas cruas, mas Joy foi bem clara:

— O cavalo vem em primeiro lugar. Ele a serviu muito bem hoje, portanto, o mínimo que você pode fazer é dar uma boa e vigorosa escovada.

Quando Sabine conseguiu tirar o último restinho de lama do pêlo do animal (e a lama irlandesa, ela acabara de descobrir, tinha a capacidade de s e grudar e m toda parte, deixando qualquer um enfurecido), ela já tinha quase perdido a empolgação pós-caçada, e estava se sentindo muito enregelada e dura, com a sensação de que era ela que estava precisando muito de uma lavada e escovada, além de um prato de farelo com melaço quente (o cheiro estava tão bom que ela chegara até a experimentar, mas o gosto era de cola de carpete). Infelizmente, foi nesse instante que Joy veio descendo as escadas até o quarto de guardar as botas e informou a Sabine, do jeito mais próximo de um pedido de desculpas que ela jamais conseguira, que, devido a um problema com o sistema de aquecimento, não ia sobrar água quente suficiente para Sabine tomar um banho.

— A senhora está brincando — disse Sabine, sentindo vontade de chorar. A ideia de arrancar aquelas roupas úmidas dentro do seu quarto úmido e simplesmente entrar em outra vestimenta gelada era deprimente demais.

— Não, não estou brincando. — Joy fez uma pausa. — Mas eu troquei uma palavrinha com Annie, e ela disse que eles não têm hóspedes esta noite, e você será bem recebida, se quiser tomar um banho lá. — E quase sorriu para Sabine ao chegar perto da porta. — Você não achou, realmente, que eu ia deixar você voltar de um dia de caçada sem tomar um banho quente, achou? Essa é praticamente a melhor parte.

Sabine sorriu de volta, pensando consigo mesma que a avó tinha um senso de humor esquisito, e então subiu para o seu quarto a fim de pegar uma toalha e xampu.

Um banho na casa de Annie! Podendo usar quanta água quisesse! Um sabonete que não estava ressecado nem cheio de fissuras cinza e profundas ao longo dele. Sem precisar correr

tremendo de frio do banheiro até o quarto! Sabine foi praticamente correndo pela estrada, sentindo que a proximidade de um momento como aquele, de calor e luxo, a estava enchendo de renovada energia.

Ficou claro, entretanto, quando ela abriu a porta, que havia alguma coisa gélida na atmosfera da casa de Annie. Sabine irrompeu na sala de estar, louca para contar a Annie tudo a respeito do seu dia, sobre o convite que Bobby lhe fizera para sair, e agradecer pela experiência maravilhosa que seria aquele banho, mas no momento em que pôs os olhos nos dois, cada um olhando para lugares distantes e em lados opostos da mesa, as palavras congelaram em seus lábios.

— Eu... eu... oi, pessoal — disse então, parando na porta. Tudo estava anormalmente quieto; até mesmo a televisão, sempre presente, estava desligada. E era um silêncio do tipo ruim... pesado, sobrecarregado por palavras arremessadas pouco antes.

— Sabine — disse Patrick, fazendo menção de se levantar. Annie, com a gola de seu gigantesco blusão de moletom levantada até o queixo, simplesmente olhou para Sabine como se não houvesse ninguém ali.

A jovem trocou o peso do corpo de uma perna para a outra, sem saber se devia ficar ou ir embora.

— Eu... ainda está de pé o oferecimento para eu tomar um banho?

Patrick concordou, mas Annie levantou a cabeça bem devagar, parecendo não compreender.

— Banho? — perguntou.

— Eu pensei que a minha avó...

— Você acabou de dizer que ela podia tomar banho aqui, Annie. Você conversou com a senhora Ballantyne ao telefone. Eu ouvi Patrick parecia exaltado, como se aquele fosse apenas o mais recente de uma série de acontecimentos daquele tipo.

— É claro que você pode tomar um banho. — Annie encolheu os ombros. — À hora que quiser.

— Posso tomar agora? — Sabine olhou para ela, ansiosa. — Minha avó falou que estava tudo bem, se eu viesse agora.

Houve um silêncio curto. Patrick, sem conseguir aguentar a indecisão de Sabine, disse:

— Claro que está bem, Sabine. Estávamos esperando por você. Pode subir agora mesmo e chame por nós, se precisar de alguma coisa. Pode levar o tempo que quiser.

Sabine entrou na sala, andando devagar, e foi em direção às escadas.

— Eu trouxe a minha toalha — disse baixinho, como se isso pudesse melhorar a disposição de Annie.

— Está tudo ótimo, Sabine — foi Patrick que falou. — Fique à vontade.

Sabine ficou no banho por algum tempo, mas não estava totalmente satisfeita.

Viu-se deitada na banheira completamente imóvel ouvindo, ao longe, os sons abafados de uma discussão; as pausas longas, as vozes alteradas e o som baixo de raiva contida que caracterizava as brigas entre os adultos. Eles estavam obviamente discutindo, pelo que parecia, mas as reclamações pareciam vir de um lado só, como se Annie estivesse se recusando a entrar em conflito e deixasse Patrick falar o tempo todo sozinho. Como Annie era sua amiga, era normal que Sabine saltasse, mentalmente, em sua defesa: como era possível que ele estivesse sendo tão horrível com uma mulher que perdera a filha? Como é que ele podia discutir com alguém que ainda não conseguira superar o luto? No entanto, quando se via mais de perto, alguma coisa em Patrick parecia sugerir que era ele que estava sofrendo mais.

Sabine não queria descer de volta para a sala. Não queria ter que atravessar novamente aquela zona de batalha, sorrindo e puxando conversa, educadamente.

Queria poder ir embora logo, para deitar na cama e se sentir arrasada. Se eu estivesse disposta a entrar em uma zona de guerra, teria ficado em casa, pensou, sorrindo de forma sombria diante da própria argúcia. Mas o assunto não era para rir. Ela não queria que Patrick e Annie se separassem. Patrick, evidentemente, amava Annie, e Annie, evidentemente, amava a filha que perdera, e eles deveriam estar dando apoio um ao outro para poder superar o trauma e não se separando. As vezes a vida lhe parecia tão simples que Sabine mal podia acreditar que os adultos agissem de forma tão errada.

Mas eles pareciam gostar de complicar a vida, s ó para sofrer; sua mãe estava sempre questionando a s coisas, mesmo quando tudo estava indo bem. Kate simplesmente não conseguia aceitar nada. E Sabine já sabia exatamente o que ia acontecer assim que Justin se mudasse para lá, se é que já não tinha feito isso; ele e Sabine iriam se desentender, fatalmente, e Kate, depois de passar muitos meses tentando agir como se eles formassem uma família grande e feliz, i a acabar choramingando em cima da mesa da cozinha, reclamando de como ela arruinava a vida de todos, e perguntando se Sabine achava que elas poderiam ser mais felizes se ficassem sozinhas. Porque ela queria que Sabine tivesse voz ativa na casa, queria mesmo... e Sabine sabia exatamente o que responder a isso, pois ela era muito boa em ensaiar as brigas que ia ter com a mãe, e à s vezes chegava a se espantar ao ver que as coisas acabavam exatamente como ela previra: "Ah, eu tenho voz ativa em sua vida, não é?

Como é que eu nunca fui ouvida, então, quando Geoff foi embora? Como é que eu nunca fui ouvida quando Jim partiu? Hein?" E sua mãe i a ficar toda arrasada e cheia de desculpas, descobrindo então que deveria ter sido o tempo todo um pouco mais como a própria mãe.

Sabine continuou deitada, imersa nas injustiças de ter dezesseis anos e não possuir poder algum, ao mesmo tempo em que continuava imersa na água do banho que estava começando a esfriar.

Finalmente, sentindo que os dedos das mãos tinham ficado enrugados como passas e que a temperatura da água já não estava tão confortável, saiu da banheira e se enrolou na toalha.

Quando Sabine voltou a passar pela sala de estar, não havia ninguém. Ela não sabia se aquilo era um alívio ou não. Ao correr, porém, pela estrada molhada que levava a Kilcarrion, alguma coisa a fez olhar para trás. Annie, com a silhueta recortada contra o fundo iluminado,

estava na janela lateral, olhando para o jardim. Por cima de seu grosso conjunto de moletom, suas duas mãos seguravam a barriga.

— Um jantar especial para você, esta noite, Sabine.

A avó da jovem colocou a panela fumegante no centro da mesa que brilhava e levantou a tampa com um floreio elaborado, muito diferente do seu jeito habitual.

— A senhora H preparou isto especialmente para você. É uma caçarola de legumes com ervas e bolinhos de queijo. Comida gostosa e quentinha, para depois de um dia de caçada.

Sabine inspirou o aroma delicioso e sentiu o estômago se contorcer de fome.

Durante a tarde toda ela se arrependeu por ter dado a sua barra de chocolate para o menino, e agora uma sensação de muito frio era a única coisa que a fazia esquecer o ronco do estômago.

— Pensei em comer um pouco também, para lhe fazer companhia.

— Parece delicioso — disse Sabine, perguntando a si mesma se era muito grosseiro esticar a mão e começar a se servir logo.

— Eu sempre acho que a gente precisa de um bom cozido ou uma jardineira para se aquecer depois de um dia no campo — disse Joy, revirando o armário à procura de guardanapos. — Eu costumava ficar com tanta fome... e descobri que, mesmo que eu levasse alguns sanduíches para a caçada, eles acabavam caindo dos meus bolsos e eram pisoteados pelo cavalo.

Por favor, ande logo, desejou Sabine. De acordo com as regras da boa educação, ela não podia começar a se servir até Joy ter se sentado.

Seu estômago, respondendo ao aroma da comida, roncava tão alto que até Bertie virou a cabeça na direção do barulho.

Ai, onde foi que coloquei os porta-guardanapos? Tinha certeza que estavam nessa gaveta. Talvez a senhora H os tenha levado para a cozinha.

— Posso... posso... — O cheiro delicioso do molho estava deixando Sabine meio zonza.

— Vou até a cozinha para dar uma olhada. Você não se importa de esperar um minuto, não é?

— Para falar a verdade, eu...

Elas foram interrompidas por um som metálico distante e uma pancada surda do lado de fora da sala. Os dois cães pularam de onde estavam, embaixo da mesa, e correram, ganindo e arranhando a porta, pedindo para sair.

Joy, virando-se, foi com rapidez até a porta e a abriu.

— Edward! O que está fazendo?

Ela deu um passo para trás e Sabine viu quando o velho entrou na sala, meio cambaleante, arrastando os pés e ofegante, dobrado sobre duas bengalas, como se fosse um quadrúpede pré-histórico.

— O que você acha que eu estou fazendo? — resmungou ele, sem tirar os olhos do chão enquanto se arrastava para frente. — Vim jantar!

Joy lançou um olhar preocupado na direção de Sabine e esta, em respeito aos sentimentos da avó, desviou o rosto. Porque não era a chegada inesperada de Edward na mesa de jantar que deixara sua avó alarmada, mas a sua forma de trajar, completamente inadequada. Ele usava uma calça de pijama e m algodão grosso estampado com uma padronagem em vermelho vivo, que combinava com os chinelos, junto dos quais Sabine conseguia enxergar os seus tornozelos arroxeados e dolorosamente inchados. Na parte de cima, sobre a camisa do pijama, ele usava o paletó de uma farda branca toda amassada, com um colarinho em estilo chinês e dragonas, e a roupa emanava u m leve, porém inconfundível, cheiro de naftalina. U m uniforme da Marinha, Sabine reconheceu. Em volta do pescoço, como se fosse uma espécie de dândi com frio, ele havia enrolado o cachecol de caxemira, roxo e estampado com flores azuis, de Joy.

Enquanto Sabine olhava sem piscar para o próprio prato, ele conseguiu chegar à mesa e se sentou, cuidadosamente, em sua cadeira. Acomodado, pousou suas bengalas, deu um suspiro, curvou-se e olhou bem de perto o tampo polido da mesa à sua frente.

— Eu não tenho um prato — anunciou.

Joy continuou junto da porta, com o cenho franzido.

— Eu não estava esperando você para jantar. Você me disse que não estava com fome.

— Bem... estou com fome.

Houve um ligeiro atraso, como se os dois estivessem conversando através de um telefone internacional. Joy, passando as mãos na frente das calças, sem saber o que fazer, esperou até ter certeza de que ele se decidira. Então foi em direção à cozinha, enxotando os cães que corriam na frente dela, com mau humor.

— Vou pegar um prato para você.

Satisfeito, o avô de Sabine recostou-se na cadeira e olhou em volta, como se estivesse à procura de alguma coisa. Quando pôs os olhos em Sabine, parou e pousou a mão sobre a mesa, pesadamente.

— Ah, aí está você — exclamou. Sabine sorriu, indecisa.

— Ora... — E inspirou com força, fazendo barulho. — Soube que você esteve fora, caçando. — Isso foi dito com certa satisfação.

Antes que Sabine pudesse responder, Joy entrou com o prato e os talheres, que colocou com rapidez e precisão diante do marido.

— Foi sim — disse ela. — Sabine teve um dia muito divertido, no campo.

Edward levantou os olhos bem devagar, até alcançar o rosto da esposa e, com o rosto sem expressão e a voz cheia de irritação, disse: — Eu quero conversar com a minha neta. Gostaria que você não nos interrompesse.

Joy levantou uma sobrancelha, mas o ignorou. Voltou para o seu lugar à mesa e começou a se servir da caçarola de legumes.

— Então... — continuou ele, vagarosamente, observando Sabine com um olhar que ela podia jurar que era o de uma criança travessa. O dia foi bom?

Apesar de gostar d o espetáculo de ver a avó sendo repreendida, Sabine, já saboreando a primeira garfada do jantar, não queria ser interrompida por conversas.

— Sim — disse ela, balançando a cabeça para frente com todo o vigor, para não precisar repetir.

— Ótimo, ótimo. — Ele voltou a se recostar, sorrindo. — Que cavalo você montou?

Foi o Duke?

— Não, Edward, o Duke está mancando. Você sabe que o Duke está mancando.

— O quê?

— O Duke. Está mancando. — Joy serviu uma pequena taça de vinho tinto e a entregou a Sabine.

— Oh... Ele está mancando, é? — O avô parou de falar e olhou para a comida. — Ai, meu Deus... O que é isto?

— É uma caçarola de legumes — respondeu Joy, bem alto. — É o prato predileto de Sabine.

— Que carne é essa? — pegou o garfo e remexeu a comida, com a mão trémula. — Não ganhei nenhum pedaço de carne no meu prato.

— Não tem carne. São só legumes.

— Mas onde está a carne? — perguntou, olhando para cima, desconfiado.

Joy pareceu ligeiramente irritada.

— Eu não lhe dei carne — disse, finalmente —, porque não sobrou nenhuma. — E olhou para Sabine, demonstrando que mentia, mas incitando a neta a fazer o mesmo.

— Oh. — Edward continuava olhando para o prato. — Tem milho verde aí dentro?

— Tem — disse Joy, apanhando um pouco de comida do próprio prato. — Tem milho verde, sim. Você vai ter que separar.

— Eu não gosto de milho verde.

— Sabine saltou sobre um barranco Wexford, hoje — disse Joy, com determinação, levantando um pouco a voz. — Thom me contou.

— Você saltou sobre um barranco? Muito bem! — Os cantos da boca de seu avô se levantaram, ligeiramente, formando um sorriso. Sabine notou que ela mesma o estava acompanhando, e sorriu também. Ainda estava quase explodindo de orgulho, cada vez que lembrava daquilo. — São muito traiçoeiros aqueles barrancos.

— Foi o cavalo que fez tudo, na verdade — disse com modéstia. Eu só me segurei em cima dele.

— Às vezes, o melhor a fazer é deixar por conta do cavalo — disse Joy, limpando a boca com o guardanapo. — De qualquer modo, o seu é um animal muito esperto.

Sabine, olhando para os avós enquanto eles comiam, teve uma súbita sensação de ser parte de uma família maior, e de como era gratificante conseguir a aprovação deles.

Estava pensando que jamais, em sua vida, se sentira tão orgulhosa. Completara o ensino médio no verão, mas aquela vitória tinha sido manchada pelo problema com Geoff e Justin: embora tivesse ficado satisfeita consigo mesma, compartilhar aquele sentimento com a mãe, que também ficara orgulhosa dela, seria como entrar em uma espécie de conluio com ela, e Sabine passara todos aqueles meses se sentindo zangada demais para isso. D e algum modo, com os avós era menos complicado. Eu não me importo mais de ficar aqui, pensou. Posso até mesmo gostar da ideia.

— E então... Quantas vezes você arrancou?

Sabine olhou para o avô, e depois para a cadeira da avó, que estava vazia. Ela não tinha ideia de sobre o que ele estava falando.

— Como disse? — perguntou baixinho, atenta à iminente volta de sua avó da cozinha.

Seu avô lhe pareceu um pouco impaciente, aparentando estar cansado pelo esforço de ter que repetir coisas que eram obviamente fáceis de ouvir.

— Eu perguntei quantas vezes você arrancou.

Ela não sabia exatamente por que, mas a verdade é que não queria admitir que não sabia sobre o que ele estava falando. Apreciara tanto a aprovação tácita e incomum que recebera deles; seria como quebrar um encanto.

Seu avô ficaria desapontado, como se ela fosse uma espécie de impostora. Sua avó ia exibir aquela expressão vazia e, no entanto, carregada de uma leve exasperação, a mesma expressão que, até recentemente caracterizara todos os seus encontros. Ela voltaria a ser a antiga Sabine, a estranha que veio da cidade grande.

— Seis.

— O quê?

— Seis. — Parecia um número razoável, bem mediano.

— Seis vezes? — Os olhos de seu avô se arregalaram. A avó voltou da cozinha, trazendo uma tábua de pão.

— Você ouviu isso, Joy? A caçada de Sabine, hoje. Ela arrancou seis vezes.

Joy lançou um olhar penetrante para Sabine. Esta, notando agora que tinha dado uma resposta errada, tentou transmitir alguma explicação com o olhar que devolveu à avó.

— Isso é assombroso — disse ele, balançando a cabeça enquanto olhava para o prato. — A última vez que eu soube de uma caçada em que alguém conseguiu arrancar raposas da toca seis vezes deve ter sido... foi em 1967, não foi, Joy? Naquele inverno em que recebemos os Pettigrews. Foram cinco ou seis vezes, não foram?

— Não me lembro — respondeu Joy, sem dizer mais nada.

— Eu devo ter entendido errado — disse Sabine, desesperada.

— Seis vezes — repetiu o avô, balançando a cabeça novamente. Bem, bem... Foi uma grande temporada, 1967. Um ano com bons cavalos, também. Você se lembra, Joy, daquele pequeno potro que nós compramos em Tipperary? Qual era mesmo o nome dele?

— Master Ridley.

— Master Ridley. Esse mesmo. Fomos até Tipperary e gastamos uma quantia tão grande na compra do cavalo que não sobrou nenhum dinheiro para pagar o hotel.

Tivemos que dormir no trailer. Não foi, querida?

— Foi, sim.

— É. Dormimos no trailer. E estava congelando lá dentro. O trailer estava cheio de buracos.

— Ah, estava, mesmo.

— Foi tudo muito divertido, aquilo. Pois é... — sorriu de leve, para si mesmo, com o rosto tão enrugado que a pele reclamou do esforço, e Sabine viu que Joy se permitiu atenuar a expressão grave.

— Foi — disse ela. — Foi muito divertido.

— Parece ter sido bom, mesmo — murmurou Sabine, aproveitando a oportunidade para se servir de mais um bolinho.

— Seis vezes... Sabe de uma coisa? Não há nada no mundo como a música de alerta para os sabujos — afirmou ele, levantando a cabeça, como se estivesse ouvindo uma trombeta ao longe. — Não há som igual.

Então, olhou diretamente para Sabine, como se estivesse vendo a jovem pela primeira vez, e disse:

— Você não é nem um pouco como a sua mãe, não é?

E sucumbiu, de repente, caindo para frente com o rosto sobre a caçarola de legumes.

Por um segundo rápido e terrível, Sabine ficou olhando para ele, imaginando, distraída, se aquilo era algum tipo de brincadeira. Então Joy, com um grito de horror, pulou do seu lugar e correu para acudi-lo, levantando a cabeça do marido de cima do prato e embalando-a de encontro ao peito.

— Chame o médico! — gritou para Sabine.

Sacudida do seu estado de paralisia, Sabine empurrou a cadeira para trás e saiu da sala correndo. Revirou o caderno de telefones à procura do número do médico, e então ligou para ele com as mãos trémulas e a terrível visão de seu avô ainda dançando na cabeça. Aquela era uma imagem que, ela já sabia, ia assombrá-la por muito tempo, mesmo depois que sua vida já tivesse voltado ao normal. Os olhos dele estavam semicerrados, e a boca ligeiramente aberta. Pequenos filetes de um líquido da cor de tomate escorriam pelos despenhadeiros marcados em sua face. Vieram descendo até pingar no cachecol florido e se espalharam sobre o uniforme imaculadamente branco, parecendo sangue, claro e fino.

Cate estava sentada no sofá ao lado de Justin, pensando se deveria se recostar nele, e talvez passar os dedos através dos seus cabelos. Ou pegar sua mão. Ou até mesmo repousar os dedos em sua coxa, de uma forma relaxada e que ao mesmo tempo mostrasse um sentimento de propriedade. Olhou de forma dissimulada para o rosto dele, tentando avaliar o que seria mais apropriado. Aquelas não eram preocupações que teriam lhe ocorrido há menos de dois meses, mas naquela ocasião ela se sentia desinibida na companhia dele, confiante de que qualquer movimento que fizesse seria acompanhado de um gesto amoroso em resposta.

Porque o Justin de hoje em dia não compartilhava o constante desejo de tocá-la, segurá-la ou acariciá-la como o Justin de dois meses atrás. Na maioria das noites ele nem mesmo parecia se importar se ela se sentava ao lado dele ou não. E Kate, louca para diminuir a distância entre eles, se via muito constrangida, tentando fabricar um ardor que não existia mais sem os seus esforços.

Resolveu se sentar reta ao lado de Justin, com a perna apoiada casualmente na dele.

— Quer mais vinho?

Ele não tirou os olhos da televisão.

— É. Legal.

— Eu adoro o Fleurie. É um presente especial para mim mesma. Ele deu um riso forçado para algo que viu na tela, e então olhou para Kate, enquanto ela completava a sua taça.

— Muito legal — disse ele.

— Eu não sei qual é o seu vinho favorito. — Ela queria que eles voltassem a conversar um com o outro, que voltassem a se tocar, de verdade, um no outro, deixando escapar segredos que nem sabiam que tinham, desesperados para se entregarem de corpo e alma um ao outro; tome, é desse jeito que eu sou, aceite-me. Quando ela e Justin se encontraram pela primeira vez, Kate ficou com a ideia de que ela era uma pessoa que possuía potencial; ele pareceu ver inúmeras possibilidades nela, a fez acreditar que ela podia ser maior do que era, e que eles podiam ser maiores ainda, juntos. Agora, logo que chegava, ele se sentava no sofá com o controle remoto na mão, diante da televisão, e perguntava o que iam ter para o jantar.

— Isso se chama fixar o relacionamento — explicara ele, quando Kate trouxe o assunto à baila, uma certa noite. — Mostra que eu me sinto confortável em sua companhia. Você não pode esperar que uma paixão ardente dure para sempre.

Então, para que troquei Geoff por você?, ela queria gritar de volta. Pelo menos, com ele, eu não precisava fazer comida nem lavar roupa. Pelo menos Geoff gostava de conversar comigo, à noite. Pelo menos Geoff, de vez em quando, tinha vontade de fazer amor.

— Então, qual é o seu vinho favorito, Justin?

— Como?

— Seu vinho favorito. Qual é? — Dava para sentir os fios de aço em sua voz.

— Vinho? Ahn... Acho que nunca pensei nisso. — Parou de falar, como se estivesse utilizando metade d o cérebro naquela tarefa e sentindo que uma resposta s e fazia necessária. — Alguns daqueles vinhos chilenos são bons.

Era como se, depois que o fantasma de Geoff e a emoção da descoberta tinham ido embora, não tivesse sobrado combustível suficiente para manter aceso o seu desejo por ela. E Kate se viu lutando contra o ressentimento, com a suspeita de que, lenta e involuntariamente, ela assumira outro papel, e se transformara em um tipo de mãe substituta, fornecendo refeições, um ambiente doméstico e um refúgio seguro para alguém cuja verdadeira paixão estava além, em uma estrada distante, vista através de uma lente.

— É um arranjo muito cómodo para ele — Maggie observara, na semana anterior, ao ver o monte de equipamentos fotográficos de Justin que estava espalhado pela sala.

— Como assim?

— Uma casa confortável, um lugar para ficar, com comida e sexo no mesmo pacote.

Um local prático para guardar as câmeras. E nenhuma responsabilidade. Nenhum compromisso. Nenhuma conta para pagar apertou os lábios, indo a passos rápidos até a cozinha, onde Kate preparava o chá.

Por que ele deveria pagar as contas, se não mora aqui? — Kate se sentira irritada com o tom de voz de Maggie. Mas também estava bem consciente das sacolas de equipamento de Justin que estavam proliferando ali; Kate tinha a sensação de que Sabine não ia ser assim tão receptiva à presença delas.

— Não é por nada. Só que eu achei que, depois desse tempo, ele ia querer vir morar aqui, com você.

— Escute, Maggie, nem todo mundo quer ser como você e Hamish. Justin tem um espírito livre. E, o que é mais importante, eu acabei de sair de um rompimento muito complicado. Você sabe como foi difícil. A última coisa que eu quero é outra pessoa mergulhando aqui dentro e entulhando a minha vida, antes mesmo de eu ter a chance de curtir o fato de estar sozinha.

Kate quase convencera a si mesma.

— Ah — fez Maggie —, eu não tinha percebido que você rompeu com Geoff para ficar sozinha. Desculpe, querida. Pensei que você tinha dito que queria ficar com o Justin. Confundi tudo. Deve ser meu Alzheimer chegando. — E Maggie, olhando de lado, com um ar meio travesso, deu por encerrada a conversa.

Ela tinha razão, é claro. Mas Kate não estava disposta a admitir que cometera um erro. Porque isso significaria que toda aquela dor, toda aquela confusão, a piora do seu relacionamento já precário com a filha, tudo tinha sido em vão. E significaria que, mais uma vez, apesar de ter trinta e cinco anos e ser uma veterana de só Deus sabe quantos relacionamentos, apesar de ser alguém que achava que sabia o que estava fazendo, Kate errara na escolha de um homem. Novamente.

Pensou, sentindo-se desconfortável, em Sabine, com quem ela falara pela última vez há mais de uma semana. Sua filha tinha sido relativamente simpática, não a censurara por nenhuma deficiência, e nem mesmo reagiu com agressividade quando Kate, sem querer, mencionou Justin. E quando Kate tentou, gentilmente, sugerir que talvez já estivesse na hora de Sabine começar a pensar em voltar para casa, ela mudara de assunto, de forma educada, mas

bem definida. Ainda mais incómoda do que a sua aparente recusa em voltar era o comportamento dela. Sabine jamais expressara preocupação com os sentimentos da mãe; na maioria das vezes fazia o possível para ser desagradável com ela. Esta nova Sabine, mais adulta, não só estava lhe dizendo, com toda a gentileza, que não aprovava o modo de vida de Kate, como estava, visivelmente, criando o seu próprio estilo de vida, tão longe da mãe quanto possível.

Kate lutou contra o bolo que se formou em sua garganta. Vou ter que tentar com mais vontade, pensou, olhando para as pernas de Justin esticadas diante dela, dentro das calças de algodão. Vou dar um pouco mais de tempo para Sabine, e então vou lembrá-la das coisas que adorava em Londres. Não vou parecer grudenta nem desesperada, vou só ficar sentada quietinha, até ela se sentir pronta para voltar para mim. E não vou ficar analisando demais o comportamento de Justin. Ele é um bom sujeito e me ama; nós simplesmente caímos no tédio da vida doméstica muito depressa.

Só preciso sacudir um pouco as coisas.

Kate respirou fundo e passou os dedos pelo cabelo, ajeitando-o um pouco.

— Então — disse, colocando a mão sobre a perna dele —, você gostou do jantar?

Ela preparara filé de atum, o prato favorito dele. Na verdade, estava se tornando muito boa, como cozinheira.

— Estava ótimo. Eu disse para você.

Kate deixou a mão subir lentamente pela coxa de Justin e murmurou em seu ouvido:

— Será que você está a fim de uma sobremesa...?

Nossa, aquela parecia uma frase de filme pornô de segunda categoria. Mas ela tinha que ir em frente. Se parasse para pensar, estragava tudo.

— Ótimo — respondeu ele, desligando a televisão e olhando para ela. — O que é que tem, aí?

Ela tentou manter o sorriso sedutor.

— Bem, não é exatamente uma sobremesa convencional, o que eu tinha em mente.

— Ele olhou, sem expressão. — Mas pode ser bem doce... Eu acho... — Será que você é assim tão burro?, ela queria gritar. Em vez disso, porém, determinada a seguir o caminho que escolhera, deixou a sua mão sugerir, lentamente, o que tinha em mente.

Houve um silêncio prolongado.

Justin olhou para ela, baixou o olhar para a mão dela, e a seguir levantou o rosto de novo. Sorriu, e então ergueu as sobrancelhas.

— Essa... essa é uma ideia muito legal. Só que, para ser franco, Kate, agora você me deixou com vontade de comer um pudim. Tem algum doce nesta casa? — Parou de falar.

— Um pedaço de chocolate, talvez? Ou sorvete?

A mão de Kate parou onde estava, e ela olhou para ele.

— Olhe, foi você que colocou essa ideia na minha cabeça — explicou Justin, meio na defensiva. — Não estava nem pensando em doce, até você começar a falar de sobremesa. Agora eu quero alguma coisa, mesmo.

Por um instante rápido e insano, Kate lutou contra o impulso de ir correndo ver se havia algo no freezer. Então, considerou que era melhor bater nele. Depois cogitou que, provavelmente, era melhor sair da sala até decidir qual das fervilhantes emoções ela estava disposta a seguir. Nesse instante, talvez para sorte de Justin, eles foram interrompidos pela aguda campainha do telefone.

Ele fez menção de atender e então, sentindo algo na expressão dela, deixou-se afundar de volta sobre as almofadas do sofá.

— Alo — ela atendeu, sabendo que Justin continuava de olho nela, como se estivesse confuso por sua reação.

— Kate?

— Sim?

— É a sua mãe.

Aconteceu alguma coisa com Sabine, pensou Kate, assustada. Ela sofreu um acidente.

— O que aconteceu? — Não havia outro motivo para a mãe telefonar para ela. Havia anos desde que ela fizera isso pela última vez.

— Eu achei que deveria ligar para lhe contar. O seu pai... não tem passado nada bem. Teve um colapso, esta noite. Ele... está no hospital.

— Ela vacilou e a voz ficou mais tensa, como se esperasse alguma reação da filha.

Quando nada aconteceu, ela soltou o ar bem devagar. — Como falei, achei que você deveria saber. — E desligou.

Kate se sentou na cadeira e colocou o fone no gancho, sentindo que, apesar do choque, ela estava abalada também graças a um gigantesco sentimento de alívio por saber que não foi Sabine que havia se machucado. Ficara tão aliviada por saber que a filha estava bem que não conseguira alcançar o significado do que Joy lhe dissera.

— É o meu pai — disse, afinal, para Justin, que estava olhando para ela com ar de curiosidade. — Acho que ele está morrendo. Ela não teria me telefonado, se não fosse tão grave. — Sua voz estava surpreendentemente firme.

— É melhor você ir até lá — disse ele, colocando a mão em seu ombro. — Pobrezinha. Quer que eu faça uma reserva para você em algum voo?

Já fazia mais de uma hora que Justin havia saído; Kate estava ligando para várias empresas aéreas e descobriu, com a mesma parcela de frustração e alívio, que devido a uma combinação de festivais de arte, congressos médicos e o seu carro que pifara de vez ela ia levar pelo menos dois dias antes de conseguir desembarcar no aeroporto de Waterford, na Irlanda. Nem por um momento, apesar do seu comportamento solidário, Justin se ofereceu para ir até lá com ela.

Nove

CHRISTOPHER BALLANTYNE E SUA ESPOSA Julia se pareciam tanto um com o outro que, como dizia a senhora H, caso tivessem se casado trinta anos atrás haveria "muita fofoca" na aldeia. Ele tinha cabelos escuros e ondulados, exatamente no mesmo tom que os da mulher, abundantemente espalhados sobre uma cabeça larga, como se fosse uma cobertura de bolo mal colocada. Os dois tinham o mesmo nariz aquilino, a mesma compleição longilínea, pontos de vista igualmente fortes sobre a maioria dos assuntos, especialmente higiene e política, e ambos falavam com o mesmo timbre explosivo e áspero, como se cada frase saísse expelida de dentro deles por um fole.

E ambos, Sabine reparou, com certo ressentimento, trataram-na com o mesmo ar de afastamento indulgente que reservariam a qualquer pessoa estranha. Só que, no caso da jovem, ela sentia que isso era uma tentativa deliberada de fazê-la perceber que ela não era, apesar dos laços de sangue, parte verdadeira da família. Não como eles. E isso era culpa de Kate, é claro.

Christopher entrou com passos largos na casa, como se fosse dono dela, na mesma noite em que o avô de Sabine caíra sobre o jantar, dizendo a Joy, de uma forma sem sentido na opinião de Sabine, que ela "ficaria bem, agora, apesar do tremendo golpe".

Ele e Julia, por acaso, estavam participando de um encontro entre caçadores ali perto, em Kilkenny, que foi "um tremendo golpe de sorte", como disseram, repetindo a expressão sem demonstrar tato algum; assim, pegaram o carro e vieram correndo, instalando suas coisas no quarto de hóspedes bem mobiliado, aquele que ficava junto do quarto da avó. Jamais, até então, ocorrera a Sabine perguntar por que não tinham oferecido aquele quarto a ela, pois ele tinha um tapete muito mais bonito e uma cómoda e m nogueira, toda envernizada, mas, quando comentara o fato com a senhora H, ela dissera que Christopher "gostava de ter um quarto próprio" para suas visitas. E que ele e Julia "apareciam sempre ali". Em outras palavras, não são como a minha mãe, pensou Sabine. Mas não disse nada.

Se Joy percebera o ressentimento de Sabine, não fez nenhum comentário. Também estava terrivelmente distraída, agora que não tinha Edward em casa para ocupá-la. O

Hospital Geral de Wexford resolvera mantê-lo ali para observação, e Sabine não queria perguntar a Joy qual era o problema do avô (embora achasse que não sobrara muito nele para observar); mas era algo sério, evidentemente, não só porque a sua avó estava pálida, com aparência cansada e muito inquieta, mas também pelo fato de que, sempre que Joy não estava no aposento, Christopher corria para conferir a parte de trás dos móveis e de baixo dos tapetes, à procura de pequenas etiquetas adesivas, a fim de verificar alguma possível mudança na distribuição da herança que, alguns meses antes, sua mãe começara a fazer entre os filhos, para depois que Edward morresse.

— Uma ideia muito sensata, mãe — ele dissera a Joy. — Vai evitar confusões futuras. — Sabine, porém, já o ouvira cochichar com Julia que não achava justo que o imenso relógio de

pêndulo do saguão ou o quadro de moldura dourada trabalhada que ficava na parede da sala do café da manhã tivesse etiquetas com o nome "Katherine" neles. — Desde quando ela demonstrou algum interesse por este lugar, afinal? — completara ele, e Sabine esquivara-se furtivamente, resolvendo que, a partir dali, ia monitorar todas as etiquetas que havia na casa, para ter certeza de que Christopher não ia trocá-las.

Enquanto isso, Julia insistia em "ajudar" a cuidar da casa. E desempenhou essa ajuda com tamanha determinação que a expressão normalmente amena da senhora H foi ficando a cada dia mais fechada, como se estivesse moldada. Julia já "organizara" a cozinha, e ajudava a preparar a comida de todos, já vasculhara a geladeira para avaliar se era mesmo necessário guardar todos aqueles restos, e perguntou se não seria mais simples comprar o pão na padaria, em vez de consumir o denso pão caseiro que a senhora H preparava diariamente. Quando ela saía da sala, Sabine falava para a velha empregada que achava Julia enxerida, mas a senhora H respondia apenas que "ela tinha boa intenção", e repetia, como se fosse um mantra, que logo, logo eles iam voltar para Dublin.

Considerando que os dois eram os únicos tio e tia que Sabine tinha, a jovem devia estranhar o fato de só ter encontrado Christopher e Julia algumas vezes, em toda a vida.

A primeira vez foi no casamento deles, em Parsons Green, quando ela ainda era bem pequena. Tudo o que lembrava dessa ocasião foi de ter sido convidada para ser dama-de-honra, mas a sua mãe, de algum modo, fez o vestido da menina em um modelo ligeiramente diferente do das outras daminhas, provavelmente devido a um problema de feitio, e ela acabou ficando ali humilhada, em suas mangas bufantes, enquanto as pequenas deusas em volta dela, percebendo seu desajuste, lhe deram um gelo. A ocasião mais recente ocorrera vários anos atrás, antes de os tios se mudarem de Londres para Dublin, quando eles ofereceram uma "pequena recepção" e, com espírito de reconciliação, convidaram Sabine, sua mãe e Geoff para a festa. Estava cheio de gente da sociedade londrina, havia muitos advogados, e Sabine arranjou um modo de se enfiar no quarto do casal a fim de ficar assistindo à televisão em companhia dos gatos de Julia, tentando ignorar o adolescente que ficou se esfregando no canto com a namorada de treze anos durante todo o episódio do seriado The Railway Children. Sabine estava doida para ir embora dali. Como se ouvida por alguma deidade, foi finalmente resgatada por Geoff e sua mãe, pouco mais de uma hora depois de terem chegado, e Geoff passou todo o caminho de volta para casa reclamando dos capitalistas, enquanto Kate ficava falando o tempo todo: "Eu sei, mas é que, bem, eles são d a família, entende?", de forma estranha, sem parecer que estava realmente defendendo o irmão.

Foi, em parte, pelo puro terror de ficar perto de Christopher e Julia que Sabine, aos poucos, foi assumindo várias das tarefas relacionadas aos cuidados com o avô quando, dois dias depois, frágil, enrolado em um cobertor e aparentemente condenado a uma cadeira de rodas, ele voltou para casa. Em sinal de respeito aos sentimentos de Joy, seu filho e nora deixaram-no exclusivamente aos seus cuidados (pelo menos, era essa a desculpa, como Sabine dizia à senhora H, sabendo que o motivo verdadeiro é que eles queriam sair para cavalgar), mas Joy parecia apreciar quando Sabine vinha e se sentava junto d o avô o u lia para ele a s cartas dos leitores de uma revista especializada em caçadas. Na maior parte do tempo ele nem

parecia notar a presença dela, mas Sabine tinha certeza de que o via assumir uma expressão de profunda irritação a cada vez que a agitada enfermeira, que Christopher contratara para ficar com ele a maior parte do dia, chegava para ajudá-lo a se ajeitar e levantar o corpo, alegremente anunciando que estava na hora de "os meninos irem ao banheiro". Às vezes, quando Sabine conversava com ele a respeito do que fizera com o cavalinho cinza ou contava alguma história que ouvira de Thom no estábulo, ela tinha certeza de que seus olhos brilhavam por um instante, interessados, como se uma nuvem efémera passasse em seu rosto.

Joy, por sua vez, reagira à volta do marido pondo-se mais atarefada do que nunca.

Aparentemente sempre havia algo a fazer no estábulo, aquilo estava um desastre, e se Liam e John— John não limpassem a s selas e equipamentos, tudo i a começar a se desmontar. Jamais mencionava o que os médicos diziam, nem explicava o motivo de Edward ter praticamente deixado de se alimentar ou por que havia uma série tão grande de aparatos médicos em volta da cama, apitando o tempo inteiro, como que em alerta máximo para algum desastre iminente. Simplesmente disse a Sabine, de forma vaga e casual, que ela estava fazendo "um grande trabalho", enfiava a cabeça pela fresta da porta, de vez em quando, como se apenas para confirmar que ele ainda estava vivo, e então passava mais tempo do que nunca, se é que era possível, cuidando do seu velho e cansado cavalo, no estábulo.

Agora está tudo bem — dizia Sabine, depois que a enfermeira ia embora e ela se sentava na cadeira ao lado da cama do avô, grata por escapar da azáfama de atividades que aconteciam no andar de baixo. Já pode relaxar, vovô. Nos livramos de todos eles, novamente.

Puxava as cobertas até o alto de seu peito côncavo, reparando que sua fragilidade já não a fazia se contorcer. Estava simplesmente grata por ele parecer em paz, vivo, e sem estar coberto de molho de tomate.

— Olhe, não se preocupe comigo, ou quanto a eu ficar entediada ou algo assim — disse ela, sussurrando junto de seu ouvido enquanto se preparava para ler um velho livro de Rudyard Kipling que ela achara na biblioteca, e que falava de cavalos e partidas de pólo na índia. Ela sabia que ele conseguia ouvi-la, embora a enfermeira, às vezes, levantasse as sobrancelhas como se ela estivesse fazendo algo idiota. — Eu pretendia lhe contar no outro dia, vovô — disse suavemente —, tem horas em que eu também gosto de ficar só aqui, sentada.

No seu décimo oitavo aniversário, Kate Ballantyne ganhara três presentes importantes. Um, de seus pais, era uma sela especial, topo de linha, toda em marrom-escuro, que ela abriu com desespero, uma vez que tinha especificamente pedido dinheiro para comprar um novo sutiã e um par de calças. O outro, também dos pais, era uma sessão marcada com um retratista local, para pintar um quadro que marcaria a sua entrada no mundo dos adultos. Isso também lhe provocou uma reação de pouca gratidão: eles escolheram o mesmo artista que acabara de pintar um imenso quadro a óleo retratando o novo cavalo de sua mãe, Lancelot. O terceiro presente... Bem, o terceiro presente surgira como resultado indireto do segundo. E isso foi muito depois.

Dezesseis anos e meio mais tarde, Kate se lembrava de tudo isso enquanto viajava no banco de trás de um táxi, sentindo u m aroma penetrante de aromatizador de automóveis, enquanto ia do aeroporto de Waterford em direção a Kilcarrion. Estivera na casa de sua família exatamente três vezes desde que saíra de casa, logo depois de seu décimo oitavo aniversário; a primeira vez para apresentar a recém-nascida Sabine, a segunda vez com Jim, quando Kate ainda achava que o fato de fazer parte de uma "família" poderia amenizar a atitude dos pais para com ela, e agora, dez anos depois. Por que será que sempre estava chovendo, ali?, pensou, distraída, enquanto limpava o vidro embaçado da janela do carro com a mão. Não consigo me lembrar de uma vez em que não estivesse chovendo.

Kate levara quase dois dias para conseguir um voo para Waterford, e já sabia que o atraso na sua chegada seria usado como um chicote contra ela, embora sua mãe tivesse se dado ao trabalho de ligar novamente para informar que o estado do pai havia se "estabilizado". Afinal, ela nem mesmo havia se preocupado o bastante para vir logo: esse era o recado nas entrelinhas. Mesmo sabendo que o próprio pai estava à beira da morte.

Devia estar ocupada demais s e divertindo com o mais recente namorado. Suspirou fundo, lembrando-se da ironia da última conversa que tivera com Justin. Ele parecera menos chocado e perturbado com o fim abrupto que Kate dera ao relacionamento do que com a insistência dela em que ele removesse todas as suas coisas pessoais antes da viagem para a Irlanda.

Ela nem mesmo estava certa do porquê de ter vindo: tirando o fato de estar desesperada para rever a filha, Kate não tinha nenhum laço emocional verdadeiro com o lugar. Seu pai não falava com ela com carinho, ou pelo menos com educação, desde que ela tinha dezoito anos; seu irmão e a mulher iam tratá-la com condescendência, além de soltar piadinhas para mostrar que eram muito mais ligados à casa da família, e sua mãe há muito tempo parecia se sentir mais à vontade conversando com os cães do que com ela. Eu vim porque meu pai está morrendo, disse a si mesma, testando as palavras para ver se, depois de todo aquele tempo, elas conseguiam lhe transmitir a sensação de que aquela podia ser a ocasião correta de voltar ou uma perda em potencial. Tudo o que conseguia sentir, no entanto, era apreensão diante da perspectiva de estar novamente sob aquele teto, temperada pelo alívio por rever a filha.

Vou ficar só alguns dias, disse a si mesma enquanto o táxi estava parado em um sinal, já nas imediações de Ballymalnaugh. Sou adulta, posso ir embora na hora que quiser. Dá para aguentar alguns dias. E talvez consiga convencer Sabine a voltar para Londres comigo.

A senhora vem de muito longe? — pelo jeito, o motorista do táxi sentiu a necessidade de garantir a gorjeta, agora que eles já estavam se aproximando do destino.

— Vim de Londres.

Os olhos dele, duas jabuticabas embaixo de grossas sobrancelhas, se encontraram com os dela, pelo espelho retrovisor.

— Londres, é? Tenho parentes em Willesden. — E piscou. — Não se preocupe, dona, não vou perguntar se a senhora os conhece.

Kate sorriu meio sem graça, olhando para fora da janela e reconhecendo os familiares pontos de referência: lá estavam a casa da senhora H, a igreja de São Pedro, o terreno de

dezesseis mil hectares que seus pais haviam vendido a um fazendeiro vizinho, da primeira vez em que ficaram sem dinheiro.

— A senhora já esteve aqui, antes? Esta não é uma área que atraía muitos turistas.

Geralmente, eles vão mais para o norte. Ou para o oeste. É impressionante o número de visitantes que estão indo para o oeste, agora.

Kate hesitou antes de responder, olhando para o muro de pedra que circundava Kilcarrion.

— Não, nunca estive aqui — respondeu ela.

— Está apenas visitando amigos, então.

— Algo desse tipo.

Pense apenas que você veio até aqui para apanhar Sabine, disse para si mesma.

Isso vai tornar tudo mais tolerável.

S ó que não foi Sabine quem veio recebê-la na porta. Foi Julia que, vestida com calças de montaria, um imenso e felpudo agasalho escarlate e meias combinando, após um turbilhão de beijos e exclamações, falou com excessiva ênfase que não "fazia a mínima ideia" de onde Sabine estava: "Aquela menina fica o tempo todo cavalgando, ou perto do estábulo, ou enfiada no quarto com Edward." Julia sempre falava de um jeito estranho, como se vivesse confusa com as atitudes das pessoas.

Kate, tentando disfarçar a irritação pelo tom de exagerada intimidade com o qual Julia se referia ao seu pai, decidiu que entendera tudo errado. Sabine jamais ficaria perto dos cavalos, e era ainda menos provável que ficasse "enfiada no quarto" com o avô.

— Mas, meu Deus, o que estou fazendo? — exclamou Julia, pegando uma das malas da mão de Kate. — Vamos entrar. Ora, onde está a minha educação?

Foi arrasada pelo trator dos seus instintos de posse, analisou Kate, amarga, para então dizer a si mesma que não tinha o direito de pensar aquilo: no decorrer dos últimos dezesseis anos ela jamais se importara em saber se a casa era dela ou não, ou se havia sido demolida para dar lugar a um drivethru do McDonalds. Ajeitou os óculos sobre o nariz (ela se esquecera, é claro, de levar as lentes de contato), tentando absorver a imagem da casa que já não era mais a sua residência.

— Resolvemos colocar você no quarto italiano — tagarelava Julia, enquanto "conduzia" Kate para o andar de cima. — Acho que ele está sem goteiras, no momento.

Na década que se passara desde a sua última visita, era como se a casa tivesse envelhecido trinta anos, pensou Kate, olhando em volta. Sempre fora fria e úmida, mas ela não se lembrava daquelas feias manchas marrons de umidade que se espalhavam pelas paredes, como mapas em sépia de continentes distantes; nem se lembrava que tudo ali parecia tão surrado e velho, com os tapetes persas tão gastos que haviam se transformado em uma rede de fios de algodão encardidos, os estofados muito usados, os móveis lascados e necessitados de reparos há muito tempo. Ela também não se lembrava do cheiro; o onipresente aroma de cachorros e cavalos, agora misturados com mofo e descaso. E não se lembrava do gelo: não era um frio seco, como ela sentiu em sua casa de Londres quando o sistema de aquecimento quebrou, e sim uma

umidade penetrante, uma sensação contínua de frio que lhe parecia ter encharcado os ossos poucos minutos depois de chegar. Kate olhou para as costas de Julia bem agasalhadas no casaco felpudo com outros olhos. Certamente aquilo parecia bem mais quente e adequado do que qualquer roupa que ela trouxera.

Nós, na verdade, conseguimos esquentar um pouco este lugar — disse Julia, abrindo a porta do quarto designado para Kate. -Você não ia acreditar no ponto em que eles deixaram esta casa ficar, de tão fria. Eu disse a Christopher que não é de espantar que

Edward tenha ficado doente.

Eu pensei que tinha sido um derrame — disse Kate, fria.

— Sim, foi um derrame, mas ele está velho e muito fraco. Os idosos precisam de conforto, não é? Eu disse a Christopher que devíamos levá-lo para Dublin conosco, quando voltássemos, para que ele aproveitasse um pouco do aquecimento central lá de casa. Já temos um quarto todo pronto. Só que sua mãe não quis nem ouvir falar nessa ideia. Quer mantê-lo aqui.

O tom de suas últimas palavras deixou Kate com poucas dúvidas sobre o que Julia achava dessa atitude. Ao insistir para que o marido permanecesse em Kilcarrion, Joy estava, na prática, condenando-o a ir para o túmulo mais cedo, essa era a impressão.

Kate, porém, sentiu uma súbita afinidade com a mãe: seu pai ia sempre preferir ficar ali, gelado e úmido, a ficar até morrer no aconchego abafado com cores pastéis e aquecimento central da casa de Julia.

— Cá entre nós, Kate, mal posso esperar para voltar para a nossa casa — murmurou Julia, abrindo uma das gavetas para verificar se estava vazia. Ela possuía essa tendência de compartilhar "confidências" falsas, palavras que não significavam nada, mas sugeriam certa intimidade com a pessoa que falava. — No fundo, ache este lugar deprimente, mesmo sabendo que Christopher gosta tanto daqui. Nosso vizinho está tomando conta dos gatos, e eu sei que eles devem estar se sentindo péssimos a esta hora, os pobrezinhos. Eles odeiam, quando estamos fora.

— Ah. Os gatos — concordou Kate, educadamente, lembrando-se da paixão que Julia nutria pelos dois felinos com cara de arrogantes. Ainda são os mesmos?

— Sabe, Kate — Julia colocou a mão no braço da cunhada —, é muita gentileza sua se interessar por eles, mas eles não são mais os que você conheceu, não. Bem, Armand ainda está conosco, mas Mademoiselle infelizmente morreu, na primavera. — Kate reparou, com preocupação, que os olhos de Julia se encheram de lágrimas. -Mas, enfim, ela teve uma vida muito boa... — avaliou, distante. — E nós acabamos por conseguir uma gatinha adorável para fazer companhia a Armand. Poubelle, é o nome dela. — Riu, deliciada, com o bom humor subitamente renovado. — Vive xeretando a nossa lixeira da cozinha, aquela mocinha.

Kate tentou sorrir, imaginando em quanto tempo ia conseguir escapar das garras de Julia, que cheiravam a frésia, para procurar pela filha.

— Você deve estar louca para desfazer as malas, eu vou deixá-la anunciou Julia. — Não se esqueça, o chá é às quatro e meia em ponto. Conseguimos convencer Joy a tomá-lo na sala do café da manhã, a partir de agora, porque é um aposento um pouquinho mais fácil de manter aquecido. Nos vemos lá.

E, teclando o ar com os dedos à guisa de despedida, saiu.

Kate se atirou pesadamente sobre a cama, e olhou em torno do quarto que não via há quase dez anos. Aquele não tinha sido o seu quarto de criança: Julia lhe dissera que Sabine o estava ocupando, agora, embora ela e Christopher estivessem no mesmo quarto que sempre fora dele. O outro quarto de hóspedes "seco", pelo visto, estava sendo ocupado pela mãe. Isso não deixou Kate surpresa: ela suspeitava que eles muitas vezes dormiam em quartos separados, mesmo quando ela morava ali, por causa dos roncos de seu pai, sua mãe explicara certa vez, de forma pouco convincente. Estava sendo difícil associar qualquer coisa naquele quarto com as lembranças da infância e adolescência: era como se a casa tivesse envelhecido mais rápido do que as pessoas, e o tempo tivesse apagado todos os símbolos ou marcas familiares enquanto passava e, agora, tudo ali parecia, sinceramente, não ter nada a ver com ela.

E por que eu deveria me importar com isso?, pensou Kate, animando-se. Minha vida não está mais aqui, desde que Sabine nasceu. Minha vida está em Londres.

Mesmo assim, ela se pegou olhando em volta, observando os quadros nas paredes, olhando dentro dos armários, como se esperasse algum lampejo de reconhecimento, ou até alguma fisgada de melancolia, lembranças de uma vida mais antiga e menos complicada.

Cate estava descendo as escadas quando colocou o olho em Sabine, pela primeira vez. Ela estava de costas para a mãe, agachada junto dos cães, tirando as botas de cavalgar, fazendo festa em Bella e Bertie, dizendo com muito carinho, enquanto eles esfregavam os focinhos em seu rosto, que eles eram "bichinhos muito, muito bobalhões". Bertie, ficando ainda mais empolgado, pulou em cima dela, fazendo-a cair para trás sobre o tapete do saguão, e Sabine ria muito, empurrando-o e tentando limpar o rosto que ele continuava babando.

Aquela jovem nem mesmo se parecia com a sua filha: Kate ficou ali, de pé, olhando, sentindo-se alegre pela demonstração de afeto desinibido que presenciava, sentindo, ao mesmo tempo, uma dor distante ao ver que aquele momento de emoção congelado no tempo estava acontecendo com a sua filha, diante dela, sem ter sido ela a pessoa que conseguiu criá-lo.

Sentindo a presença de alguém, Sabine virou a cabeça para trás e deu um pulo ao ver que a mãe estava na escada.

— Oi, Sabine — disse Kate, em um impulso, estendendo os braços. Não estava preparada para a emoção pura que a simples presença da filha podia provocar nela. Já não se viam havia muitas semanas.

Sabine se pôs em pé, com um ar de indecisão tomando conta de seu rosto e disse: — Oh, ahn... oi, mãe — disse e, dando um pequeno passo para frente, permitiu-se ser abraçada. Então, afastou-se um pouco, delicadamente, quando sentiu que o abraço estava longo demais.

— Olhe só para você! — exclamou Kate. — Você parece... parece... bem, você está ótima! — Até parece que pertence a este lugar, ela quis dizer. Aquela frase, porém, implicava tantos perigos que ficou parada em seus lábios, sem conseguir sair.

— Eu estou podre — disse Sabine, olhando para a calça jeans enlameada e a blusa larga toda pontilhada de fiapos de feno. Baixou a cabeça, passou a mão magra pelos cabelos e, de imediato, voltou a ser a velha Sabine, constrangida, hipercrítica e desesperadamente desconfiada ao receber qualquer elogio. — Você está de óculos — disse para a mãe, fazendo a observação tomar um tom acusatório.

— Eu sei. Com toda a confusão, como uma idiota, acabei me esquecendo de trazer as lentes.

— Você devia arrumar uma armação nova para eles — sugeriu Sabine, olhando para a mãe e, em seguida, tornando a se virar para os cães.

Houve um breve silêncio, enquanto Sabine se abaixava para recolher as botas.

— Então — comentou Kate, sentindo que a voz saíra um pouco aguda demais, e ansiosa —, você tem andado a cavalo?

Sabine fez que sim com a cabeça, guardando as botas atrás da porta.

— Nunca pensei que a sua avó fosse conseguir que você voltasse a montar. Você gosta? Ela lhe deu um cavalo?

— Sim. Ela me emprestou um.

— Ótimo... que ótimo! É tão legal, redescobrir velhos interesses, não é? E o que mais você tem feito?

— Não muito — Sabine olhou para ela, meio irritada.

— Como assim, tem cavalgado o tempo todo? — A porta da sala do café da manhã estava aberta. Kate notou, aliviada, que ainda não havia ninguém ali.

— Não. Tenho ajudado. Ando fazendo algumas coisas por aqui. Sabine chamou os cães para dentro da sala e então, em um ato que parecia habitual, colocou um dos pés, ainda de meias, sobre um dos aquecedores a óleo.

— E... você está se sentindo feliz, aqui? Está tudo correndo bem? Eu... quase não soube de você, nos últimos tempos. Fiquei imaginando se estaria tudo bem.

— Estou legal.

Houve um silêncio prolongado, durante o qual Sabine ficou olhando, fixamente, para fora da janela, observando o céu que escurecia.

— Nós não costumamos tomar chá aqui — disse, finalmente. Normalmente, tomamos o chá da tarde na sala de estar. Mas Julia — e pronunciou o nome de forma arrastada, e com um pouco de deboche —, Julia acha que a lareira não aquece a sala o suficiente. Por isso é que nós temos tomado o chá aqui.

Cate s e sentou devagar e m uma das cadeiras, tentando não s e mostrar muito magoada pela indiferença de Sabine. "Nós não costumamos, normalmente...", ela dissera. "Nós,

normalmente...", como se ela tivesse passado toda a vida naquele lugar.

Como se sentisse à vontade naquela casa, dona do lugar.

— E então... — Kate disse, com a voz animada. — Não quer saber de Goebbels?

Sabine, arrastando os pés, olhou para a mãe, respondendo: — Ele está bem, não está?

— Sim, está. Só que pensei que você ia se mostrar interessada em saber o que ele anda aprontando.

— Ele é um gato — disse Sabine, encerrando o assunto. — O que pode haver para contar?

Meu Deus, pensou Kate. Não sei quais são a s lições que eles dã o para ensinar garotas adolescentes a dar um corte tão direto nos adultos, mas sejam quais forem, Sabine aprendeu por ela e por mim.

— Você não quer me perguntar nada a respeito das coisas de Londres? Como vai o meu trabalho? Como está a nossa casa?

Sabine franziu os olhos para a mãe, tentando imaginar o que, exatamente, Kate esperava que ela dissesse. Ela parecia louca para tentar arrancar alguma reação dela, como se esperasse que ficasse empolgada, correndo em volta da mãe, bombardeando-a com perguntas, querendo saber notícias de casa, pulando sem parar, como se aquilo fosse uma espécie de reunião familiar em algum programa da TV. E talvez, há uma ou duas semanas, ela tivesse feito exatamente isso, só que agora Sabine se sentia diferente a respeito do lugar em que estava, e rever a mãe de forma tão inesperada... Bem, aquilo a deixou um pouco nervosa. A falta que sentia da mãe se evaporou com a sua chegada.

Era como estar com garotos: depois de passar a semana toda pensando neles e ficar impaciente para vê-los, ela tinha uma sensação complicada e ficava já sem saber se queria vê-los mesmo, afinal. Como se eles fossem melhores na imaginação do que na vida real.

Sabine olhou para a mãe, furtivamente, enquanto esta olhava e m volta d a sala parecendo um pouco perdida, com ar meio patético. Nos últimos dois meses, tudo o que ela lembrava de Kate eram as coisas boas, o jeito que a mãe tinha de apoiá-la, como era gentil, e sentia-se capaz de lhe contar qualquer coisa. E agora, ao olhar para ela, sua emoção mais forte era... bem, o quê? Irritação?

Uma leve impressão de estar sendo invadida? Olhar para Kate fazia Sabine se lembrar, de repente, de todo o problema com Geoff e Justin. Ouvi-la falar fazia Sabine se lembrar de que a mãe jamais conseguia relaxar e não a deixava em paz; estava sempre exigindo mais do que Sabine se sentia confortável em oferecer. Por que ela não podia apenas ser simples? Queria perguntar por que não podia simplesmente dizer "oi", e esperar que Sabine fosse até ela? Por que tinha de forçar tanto a barra que, no fim, acabava afastando-a? Mas simplesmente ficou ali, esquentando os pés de encontro ao aquecedor a óleo, engolindo as emoções.

— Olá, Katherine — disse Christopher, entrando pomposamente na sala. — Julia me disse que você estava aqui. — Colocou a mão sobre o ombro da irmã e lançou um beijo, de longe. — Fez uma boa viagem? Acabou vindo de barca, afinal?

— Não, vim de avião. Só que não consegui marcar um voo para mais cedo — explicou Kate, notando que já estava começando a se colocar na defensiva.

— Ah, sim. Sim, ouvi dizer. Mas isso não importa, parece que o nosso velho melhorou um pouquinho.

— Não, não melhorou, não — murmurou Sabine. — Passei quase o dia todo com ele, e ele não melhorou nem um pouco.

— Então, Kate, vai ficar por quanto tempo?

Ignorando Sabine, ele se sentou na cadeira do pai e olhou em torno, como se aguardasse que Julia ou a senhora H fossem entrar a qualquer momento, trazendo a bandeja de chá. Kate não sabia o que responder. Vou ficar até ele morrer, queria dizer.

Acho que é para isso que estamos todos aqui.

— Ainda não sei ao certo — foi o que respondeu.

— Nós, provavelmente, vamos embora amanhã — anunciou Christopher. — O pessoal no meu trabalho já está agitado, louco pela minha volta e, para ser franco, agora que ele parece estar melhor, não existe tanta urgência como havia alguns dias atrás.

NO período em que eu não estava aqui, pensou Kate.

— Mesmo assim, eu provavelmente vou aparecer nos fins de semana — continuou ele —, só para me certificar que está tudo bem. Só para ficar de olho nele. Cuidar para que ele esteja sempre bem aquecido, essas coisas.

— Ele fica com a lareira acesa o tempo todo — aparteou Sabine. Christopher mal parecia notar a presença dela.

— Sim, sim, mas esta casa velha é muito úmida. Isso não pode lhe fazer bem. Ora, mas aonde anda a Julia? E onde está a mamãe? Pensei que fôssemos tomar chá às quatro e meia em ponto.

Como se estivesse respondendo a ele, Joy apareceu no portal. Seus cabelos, raramente dóceis, haviam se soltado do coque que os prendia e pareciam um esfregão muito usado. Sua blusa azul-marinho tinha um remendo no cotovelo e suas meias, visíveis por baixo das calças de veludo cotelê, combinavam tão pouco que nem pareciam formar um par.

— Katherine. Sim. Como vai? — inclinou-se para frente e então, hesitante, beijou a filha no rosto. Kate, vacilante diante do perfume tão familiar de alfazema e cavalos, reparou, ligeiramente chocada, no quanto sua mãe envelhecera desde que a vira pela última vez. Sua pele, antes castigada pelo tempo, parecia agora ter sido vergastada e ressecada pelos elementos, o sol e o a r gelado deixando-a pálida, cheia de veias aparentes e muito enrugada, marcada por linhas profundas. Seu cabelo, que antes era grisalho, estava agora totalmente branco. Eram os olhos, porém, que mostravam os grandes estragos da idade; no passado penetrantes e alertas, estavam agora ligeiramente caídos e pareciam distraídos. Ela parecia menor, de algum modo, menos robusta. Menos assustadora.

— Você fez uma boa viagem? Desculpe, eu não sabia que você já havia chegado.

Estava no estábulo.

— Tudo bem — disse Kate. — Julia me mostrou o quarto.

— E você já viu Sabine. bom. bom... Sabine, o seu avô quer tomar chá?

— Não, ele está dormindo. — Sabine estava sentada no chão, com um cão de cada lado. — Posso perguntar a ele, daqui a uma meia hora.

— Sim, por favor. bom trabalho. E agora, onde está a senhora H com o serviço de chá? — Joy saiu da sala. Kate ficou olhando para o espaço vazio onde a mãe estivera.

Então era só isso?, pensou. Há dez anos que não nos víamos, meu pai está morrendo, e o nosso reencontro resume-se a isso?

— Ela tem andado meio... bem, fora do ar, desde que papai caiu de cama — disse Christopher.

— Definitivamente, não está no estado normal dela — continuou Julia, que entrou na sala assim que Joy acabara de sair. — Parece que tudo isso a deixou doente, também.

— Ela está bem — disse Sabine, defendendo a avó. — Só está meio distraída.

— Está é meio esquecida — Julia balançou a cabeça. — Tive que repetir para ela duas vezes que vamos voltar para cá no sábado.

— Devíamos arranjar alguém para ficar tomando conta deles. Tomando conta dos dois. — Christopher se levantou e foi olhar no corredor, para se certificar de que não ia ser ouvido por alguém. — Acho que eles já não estão conseguindo cuidar de si próprios.

— E é muito difícil conseguir fazer alguma coisa para ajudá-los disse Julia. — Eles gostam das coisas ao seu jeito.

— A senhora H cuida deles — resumiu Sabine. — E vocês trouxeram aquela enfermeira. Eles detestam vê-la circulando pela casa desse jeito. Não vão querer mais ninguém.

Kate olhou para a filha, estupefata diante da defesa do modo de vida dos avós que a filha estava fazendo. Christopher olhou fixamente para Sabine e então desviou o olhar para Kate, como se a estivesse culpando por aquela inesperada amostra de atrevimento.

Kate, colocada entre os dois, não se sentia qualificada para entrar na briga.

A voz de Sabine estava mais alta:

— Eles não gostam de gente de fora zanzando por aqui. A senhora H faz tudo e já falou que pode fazer qualquer trabalho extra, se for necessário. Não sei por que vocês não os deixam em paz.

— Bem, Sabine, é muito gentil se preocupar assim, mas você só conhece os seus avós há cinco minutos. Julia e eu já estamos por aqui, ajudando, há anos. Acho que sabemos o que meus pais precisam ou não.

Não, não sabem — replicou Sabine, furiosa. — Vocês ne m perguntaram nada a eles. Simplesmente chegaram e tomaram conta da casa. Não perguntaram à vovó se ela queria uma

enfermeira, e enfiaram uma dentro de casa. E o vovô a odeia. Começa a gemer de irritação sempre que ela entra no quarto.

— O seu avô está muito mal, Sabine — explicou Julia, com gentileza — Precisa de cuidados profissionais.

— Não, não precisa de ninguém ralhando com ele por não ir na privada direitinho.

Não precisa de alguém que o mande comer legumes como se ele fosse um bebé, para depois ficar falando a seu respeito como se ele nem estivesse no quarto.

A paciência de Christopher se esgotou.

— Sabine, você não sabe de absolutamente nada do que os meus pais precisam ou não. Você e Katherine, em termos práticos, não se envolveram com esta família durante anos, e você está errada em pensar que pode entrar aqui dando ordens e determinando como é que a casa deve ser administrada. — Seu rosto ficou todo cor-de-rosa. — Olhe, este já é um momento muito difícil para todos nós, e eu agradeceria muito se você ficasse de fora dos assuntos que não lhe dizem respeito.

— Eu vou me embora daqui — disse Sabine, bem alto —, mas só quando eles quiserem. Não quando você quiser que eu vá. E todos nós sabemos que você só está interessado nas preciosas antiguidades da casa. Já percebi que você anda analisando todos os móveis, pensa que eu não vi? — Levantando-se do chão com um pulo, o rosto vermelho, ela saiu correndo dali, gritando, e bateu a porta com toda a força quando passou. — Eles ainda não morreram, não, sabia?

Joy, aparecendo na sala com a bandeja de chá, assustou-se com a saída abrupta da neta.

— Para onde Sabine foi?

— Ah, sei lá, teve um chilique de adolescente — respondeu Christopher, tentando amenizar a cena. Parecia, Kate notou, ainda mais vermelho do que a filha. O que Sabine falou sobre a mobília devia ser verdade.

— Oh... — Joy olhou por um rápido instante para a porta, como se considerasse a possibilidade de ir atrás dela e então decidiu, com relutância, que o seu lugar era ali na sala. — Talvez ela volte — disse, esperançosa.

Inclinando-se, começou a cuidar do bule e a colocar as xícaras sobre os pires. — Eu gosto muito de ter Sabine por aqui. — E olhou para a filha de forma quase tímida, ao dizer isso. Kate, testemunhando essa inédita demonstração de emoção, o equivalente, em Kilcarrion, a uma pessoa normal arrancar fora todas a s roupas e declarar amor eterno a outra através de um alto-falante, sentiu-se inexplicavelmente com frio.

O chá não foi um momento agradável, pois a ausência de Sabine deixou um buraco no ambiente, como se uma cabeça tivesse sido apressadamente cortada de uma foto de família. Joy continuou falando sem parar sobre o trabalho que a jovem estava fazendo, perguntando a si mesma o tempo todo se deveria guardar um pouco de bolo para ela, enquanto Christopher ficou de cara amarrada, com Julia ao lado, falando muito alto sobre coisas sem importância, tentando manter uma aparência de atmosfera feliz. Kate, que já percebera que aquela visita ia

constituir um pesadelo ainda pior do que ela imaginara, não falou quase nada e limitou-se a responder às perguntas feitas com muito tato, sempre relativas ao seu trabalho, reparando na flagrante falta de referência à sua vida amorosa, ao mesmo tempo em que lutava contra a vontade imensa de ir ver se a filha estava bem. Ela poderia ter ido, queria ir, mas algo lhe dizia que Sabine ia simplesmente rejeitá-la, ou dizer que ela não compreendia nada, e Kate não sabia se conseguiria aguentar tanta rejeição em um dia só.

Mas aquilo não estava destinado a acabar por ali. Quando Joy saiu, anunciando para a sua xícara de chá pela metade sobre a mesa que ia dar uma olhada em Edward, Christopher, pelo jeito ainda ressentido por causa das observações de Sabine, perguntou a Kate, de forma direta, quando é que ela ia ensinar bons modos à filha.

— Chris, por favor, chega — disse Kate, com ar desgastado. Sinto-me cansada, e não estou a fim de discutir.

— Bem, ela precisa aprender boas maneiras com alguém, você não acha?

Evidentemente, não vai conseguir aprender com você.

O que está querendo dizer?

Exatamente isso. Que você não parece muito disposta a se descabelar para fazê-la aprender como se comportar na presença das pessoas.

Kate olhou fixamente para ele, sentindo o sangue esquentar as orelhas. Ele já começara. Ela estava ali há menos de duas horas e ele já começara, como se os últimos dezesseis anos não tivessem passado e eles fossem apenas irmão e irmã, sentados na mesa, ele implicando com ela novamente por sua "incapacidade de se comportar direito".

— Aí, pelo amor de Deus, Chris, acabei de chegar. Por favor, me dê um tempo!

— Por favor, querido, não... — Julia, que pelo visto tinha horror ao menor indício de brigas familiares, se levantou, como se estivesse pronta para sair da sala.

— Por que razão eu deveria dar um tempo? — Christopher olhou para Julia. — Ela volta aqui, agora que o velho está quase batendo as botas, depois de ter preparado o terreno, mandando a filha na frente para adular a mamãe. Acho que é perfeitamente justo que ela escute umas verdades.

— O que foi que você disse? — Apesar de estar preparada para as rabugices do irmão, Kate mal podia acreditar no que estava escutando.

— Você ouviu muito bem. É bastante óbvio o que você andou preparando, Katherine, e saiba que isso é desprezível.

— E você pensa que eu queria voltar? Acha que Sabine gosta de estar aqui? Meu Deus, eu sempre soube que você tinha um péssimo conceito de mim, mas essa leva a taça.

O irmão enfiou as mãos nos fundos dos bolsos e virou o rosto para o outro lado com ar de teimosia, olhando para a lareira.

— Bem, Kate, convenhamos que é muito conveniente para você, não é? Nunca ligou a mínima para nenhum dos dois por todos esses anos e, agora que o papai está indo embora,

tanto você quanto a sua filha vêm correndo, como umbus.

— Como ousa? — Kate se levantou, furiosa. — Como tem a coragem de sugerir que eu dou alguma importância para o dinheiro da mamãe e do papai? Se você se der ao trabalho de verificar a própria paranoia, vai se lembrar que eu sempre vivi muito bem sem precisar de um centavo deles, até hoje. Ao contrário de alguns que eu posso mencionar.

— Aquele dinheiro foi um empréstimo!

— Foi. Um empréstimo que, até hoje, você não pagou e já tem quanto tempo?... Uns onze anos? Mesmo sabendo que os próprios pais estão tremendo de frio em uma casa sem aquecimento central e que está caindo aos pedaços. Isso é tremendamente generoso, de fato.

— Por favor, vocês dois — disse Julia. — Por favor... -Virando-se de um para o outro e concluindo que nenhum dos dois ia lhe dar ouvidos, saiu da sala.

— Ah, é? — retrucou Christopher. — E quem é que você acha que está pagando pelo que eles têm? — Ele estava de pé, agora, fazendo com que a sua altura, muito maior do que a da irmã, o fizesse agigantar-se diante dela, enquanto gritava. — Quem você acha que está pagando quatrocentas libras por semana pela droga da enfermeira?

Quem você acha que está pagando para a mamãe continuar criando os velhos cavalos, para fingir que sua vida continua do jeito que sempre foi? Quem você acha que coloca dinheiro na conta deles todos os meses e fala que é o lucro dos investimentos, porque sabe muito bem que eles não aceitariam o dinheiro se fosse de outra forma? Olhe à sua volta, Katherine, abra os olhos. Se você ligasse a mínima para eles e viesse aqui mais de uma vez a cada dez anos, já teria desconfiado que nossos pais estão completamente falidos.

Kate olhou para ele. Christopher continuou: — Só que você, também, jamais teve interesse algum por nada que não estivesse embaixo do seu próprio nariz, não é? Ou talvez eu devesse dizer embaixo do seu próprio umbigo. Imagino que você agora vai sair correndo à procura de Alexander Fowler, já que está aqui, aproveitando que se livrou do mais recente namorado, não é? Tenho certeza que ele vai estar pronto para dar uma rapidinha com você, já que este é o único tipo de cavalgada que você gosta, pelo que eu me lembre.

O braço de Kate se levantou sozinho, e ela deu uma bofetada no irmão, com toda a força.

O ar em torno deles pareceu ser subitamente sugado. Ela ficou em pé respirando com dificuldade, chocada com o próprio gesto, com os olhos fixos na mão, como se estivesse espantada com a violência do impacto. Ele olhou de volta para ela com uma das mãos parada, tentando alcançar o próprio rosto.

Então — perguntou ele, com a voz baixa e venenosa. — Ela já sabe? Sua filha conhece as respeitáveis origens? — E olhou para a irmã, à espera de uma reação. — Ela já se encontrou com o pai? Talvez você possa fazer os arranjos para que ela se sente com ele, também. Que lindo retrato de família isso não daria...

— Vá para o inferno! — disse Kate, empurrando-o para o lado e saindo da sala.

A casa de verão jamais tinha sido o tipo de casa de verão que as pessoas imaginam, ao ouvir essa palavra adorável. Para início de conversa, ela nunca pareceu muito primaveril; as

janelas sempre foram sombrias, com os vidros embaçados de musgo em vez de se mostrarem brilhantes e radiantes, ao sol; a parte de dentro não era cheia de móveis de ferro trabalhado, pintados em cores alegres, em vez disso exibia velhos caixotes, latas com tinta ressecada e verniz, com a s tampas grudadas, e pequenas criaturas que se moviam rapidamente entre pedaços de madeira não identificados.

Jamais acontecera uma festa ali, nem um almoço alegre, e a construção nunca servira como ponto de decoração no que sobrara dos jardins originais de Kilcarrion. Por outro lado, estes jamais foram os objetivos da casa de verão, pelo que Kate se lembrava.

Quando era criança, servira como esconderijo, um lugar para onde ela podia fugir para ficar sonhando com a família que viria, é claro, buscá-la em breve. Nos anos da adolescência, servira como lugar seguro para ela fumar escondido, ouvir música no rádio e sonhar com os rapazes que não gostavam muito dela porque ela morava no casarão e jamais sabia muito bem as roupas certas que devia usar. Algum tempo mais tarde, quando apareceu um namoradinho, tinha sido um lugar para encontros secretos, longe dos olhares indignados da família.

Agora, era um lugar para soltar os demónios de seus verdadeiros sentimentos com relação àquela visita.

— Cretino, safado, veado, foda-se! Foda-se! — ela soluçava, socando a parede com fúria impotente, fazendo com que a velha lâmpada balançasse e piscasse. — Danem-se eles. Danem-se todos, fodam-se todos eles. Foda-se o Christopher. Foda-se o Justin.

Que... se... fodam!

Ela estava com dezesseis anos, novamente, sem conseguir fazer as coisas certas aos olhos da família, indefesa diante das certezas absolutas que tinham e da visão do mundo que compartilhavam. Sua posição profissional, seu status de mãe e a sua autoestima lhe tinham sido rápida e efetivamente arrancados, deixando-a fraca de novo diante da ira de seu irmão mais velho, exatamente como fora trinta anos antes, quando ele se sentava em cima da barriga dela, estendia os braços, prendendo os no chão com os joelhos, e jogava pequenos insetos em seu rosto.

— Eu tenho trinta e cinco anos, caramba — disse ela, para as aranhas e para as velhas caixas de papelão com agrotóxicos. — Como é que eles conseguem me fazer sentir desse jeito? Como é que conseguem? Como são capazes de me fazer sentir como uma criança? — Parou de falar, sentindo que estava parecendo uma idiota, e isso a deixou ainda mais furiosa. — Como é que pode? Voltei há menos de duas horas e já estou aqui desesperada, batendo com a cabeça em uma parede?

— Feliz por estar de volta, hein?

Kate se virou de repente, empalidecendo diante d o visitante inesperado. Então, ficou em pé, completamente imóvel, com a boca um pouco aberta, como se fosse uma debilóide desanimada.

— Thom? — perguntou ela, hesitante.

— Como vai? — Ele deu um passo para a frente e entrou, de modo que seu rosto ficou visível sob a lâmpada pendurada. Trazia dois sacos de adubo embaixo de um dos braços e um engradado na outra mão. — Não quis assustá-la — disse, ainda com os olhos fixos nela. — Estava no galpão dos equipamentos e vi a luz acesa, aqui. Pensei que eu mesmo tivesse esquecido de apagar.

Seu rosto estava mais redondo. Quando Kate morava ali, o rosto de Thom sempre tinha sido fino, comprido, quase esquelético. Naquela época ele estava treinando para tirar a licença para trabalhar como jockey, e vivia preocupado em manter o peso bem baixo. Agora, seus ombros estavam largos, e por baixo da roupa grossa seu corpo parecia mais robusto, mais sólido. Era um corpo de homem. Quando eles se viram pela última vez, ele ainda era um menino.

Você... você está com boa aparência — disse ela.

Você também está ótima. — Deu um sorriso lento e divertido. -

Só que suas palavras não são tão doces quanto costumavam ser.

Kate ficou vermelha de vergonha, e a s mãos foram, inconscientemente, para os óculos horrorosos.

— Ah, meu Deus. Desculpe o linguajar, Thom. É que... bem, você sabe como a minha família é. Eles não fazem sobressair exatamente o que há de melhor em mim.

Ele concordou. Continuava olhando para ela. Kate sentiu que a vermelhidão do seu rosto começava lentamente a descer para o pescoço.

— Nossa — disse ela. — Eu... eu realmente não esperava encontrar você aqui.

Ele continuou parado.

— Achei que você já não trabalhava mais aqui — completou ela.

— Não trabalhava, mesmo. Voltei há alguns anos.

— Por onde andou? Quer dizer, eu sei que você foi para a Inglaterra depois que fui embora daqui. Só não sabia exatamente para onde.

— Fui para Lambourn. Trabalhei em um hipódromo lá, por algum tempo. Depois, fui para outro, em Newmarket. Deu tudo errado, e resolvi voltar para casa.

— Você se tornou jóquei? Desculpe, mas nunca leio a seção de turfe nos jornais; então, jamais fiquei sabendo.

— Trabalhei como jóquei por algum tempo. Eu não era grande coisa, para ser franco. Sofri um acidente, e acabei indo trabalhar no estábulo.

Foi só então, quando Thom levantou o braço, que Kate reparou na mão dele.

Recuou um pouco e compreendeu que a falta de movimentos em seu braço não era natural. Ele notou que o olhar dela abaixou em direção à sua mão, e uma pequena sensação de desconforto o fez mexer um pouco a perna. Kate viu que tinha sido a causa do embaraço e sentiu vergonha.

Houve um longo silêncio.

— O que aconteceu com você, Thom?

Ele olhou para ela, mais à vontade por ela ser direta.

— Fiquei preso nos arreios bem no momento da largada, em uma corrida, e caí. Quando conseguiram ir em meu socorro, já não havia muito do braço para salvar. — E o levantou, como se o estivesse examinando. — Mas está tudo bem. Agora, já não me incomoda mais. Eu me viro muito bem.

Kate se sentiu invadida por uma tristeza profunda ao ver que Thom, entre tantas pessoas, com a sua energia e jeito tranquilo, sua jovial capacidade física, pudesse estar aleijado.

— Sinto muito — disse ela.

— Não sinta. — Sua voz ficou um pouco mais dura: evidentemente ele não queria que Kate sentisse pena dele.

Ficaram os dois em pé, em silêncio, por mais alguns instantes, Kate com a cabeça baixa, observando os próprios pés, e Thom ainda com o olhar fixo nela. Quando ela finalmente olhou de volta para ele, foi como se Thom tivesse sido apanhado fazendo algo que não devia.

— É melhor eu ir embora — disse ele. — Preciso terminar o serviço com os cavalos.

— Está bem. — Ela se viu tirando os óculos, e ficou com eles pendurados, balançando-os com a mão.

— A gente se vê por aí.

— Certo. Eu... eu vou ficar aqui, pelo menos por alguns dias.

— Se a sua família não a deixar maluca, não é? Ela riu, uma risada curta e sem graça.

Ele se virou de costas para ir embora, abaixando a cabeça quando chegou ao portal.

— Sua filha, Sabine — disse ele, olhando subitamente para ela, de novo. — Ela é muito legal. De verdade. Você a criou muito bem.

Kate sentiu o rosto se abrir em um sorriso largo, provavelmente o primeiro desde que ela chegara.

— Obrigada — disse. — Obrigada, mesmo.

E então ele se foi, uma figura pálida desaparecendo na escuridão.

Dez

NUNCA É FÁCIL PARA ALGUÉM voltar ao lugar em que foi criado. Especialmente se a mãe dessa pessoa fica, aparentemente, pouco à vontade com o fato de ela ter crescido. Joy, que esperava que poucas coisas na vida fossem descomplicadas, jamais alimentou a ilusão de que um reencontro dela com a mãe, Alice, fosse caloroso ou fácil.

Para começar, já se haviam passado seis anos desde que Joy estivera pela última vez em Hong Kong, seis anos durante os quais ela acompanhara Edward nos diversos postos que ele ocupara por todo o mundo; seis anos durante os quais ela se tornara, tinha certeza disso, se não uma pessoa diferente pelo menos, certamente, alguém cuja confiança e perspectivas haviam eclipsado e deixado para trás as da velha Joy; seis anos durante os quais o seu pai morrera, e sua mãe se tornara cada vez mais fechada e amarga diante da vida que ainda lhe restava.

Joy soube do infarto do pai por telegrama, quando eles ainda estavam morando nas residências para oficiais da Marinha em Portsmouth. Joy havia sofrido a dor da perda em silêncio, sob o peso da culpa por não ter estado lá na hora da morte do pai e uma suspeita de que, se permitisse a si mesma pensar no assunto, teria preferido que a mãe tivesse ido antes dele.

— Bem, imagino que agora ela conseguiu o que queria — Joy comentara com Edward, fazendo-o levantar as sobrancelhas diante do tom contundente da observação. — Ela vai poder tocar a vida e se casar com outra pessoa. Alguém que alcance os seus padrões.

Longe, porém, de se sentir aliviada pela morte do marido, Alice transformou o finado Graham Leonard no mais novo foco de sua vida, tornando-se, se é que tal coisa era possível, ainda mais irritada com o marido depois da sua morte do que quando ele ainda estava vivo. "Agora é muito tarde para mim", costumava escrever, em missivas que traziam cada vez mais garranchos e nas quais a mensagem implícita sugeria que ela não teria sido abandonada em meio a essa confusão se ele tivesse a decência de se retirar da vida mais cedo, antes de a cintura da mulher começar a engrossar, a pele despencar e o cinza se tornar a cor dominante de seus cabelos, em vez do indício justificável do que estava por vir. Ou antes de Duncan Alleyne, apavorado pelo estado de disponibilidade repentina de Alice, ter voltado as suas atenções para Penelope Standish, mais jovem e com um marido que, embora frequentemente ausente, estava muito vivo.

Em tais cartas, ela também conseguia sugerir, em um tom martirizado, que se ressentia da ausência de Joy, embora se mostrasse irritada diante de qualquer sugestão de que Joy devia voltar para ficar com ela. "Você tem a sua própria vida, agora", era uma frase particularmente recorrente, sempre que Joy, com certa relutância, oferecia o quarto extra no lugar em que ela estivesse na ocasião. Era como se as palavras escorressem em tons sarcásticos das páginas que Alice enviava: "Você não vai querer ficar sobrecarregada por uma velha." (Se Joy tivesse

usado a palavra "velha" cinco anos antes, ela refletiu, o chicote da língua de Alice teria estalado com tanta força que daria para cortar um pedaço de papel.)

"Querida mamãe", ela escrevia de volta, de modo brando. "Como já lhe assegurei, Edward e eu ficaríamos encantados se a senhora viesse morar conosco, a qualquer tempo." Isso era muito seguro, Joy sabia: Alice jamais aceitaria trocar a sua casa de Robinson Road, com seus pisos taqueados e uma vista maravilhosa (a vida d o seu marido podia ter findado e m má hora, mas estava bem segurada), por algo que ela avaliava como condições de vida "imoral" dos casais da Marinha, que se comprimiam em um espaço exíguo, morando colados uns nos outros.

Mesmo assim, em todas as cartas Joy fazia de tudo para deixar escapar pelo menos uma referência a infestações diversas, problemas de mau comportamento entre os criados o u crianças chorando e berrando na casa ao lado, como uma espécie de segurança.

Joy não queria voltar para Hong Kong. Nos seis anos em que desempenhou seu novo papel de esposa de um oficial da Marinha, ela sentiu que já deixara para trás a velha Joy, com sua falta de independência, sua estranheza diante da vida e sua infelicidade, e em vez de sentir a pressão de agir como as outras pessoas, apreciava a liberdade de simplesmente ser do jeito que era. Sua ânsia desesperada de descobrir o mundo lá fora havia sido saciada pelas frequentes mudanças em volta do globo, de Hong Kong para Southampton, depois Cingapura, uma pequena temporada nas Bermudas e finalmente Portsmouth; Edward certa vez comentara que, pelo que ele sabia, a sua era a única esposa em toda a Marinha que encarava o reaparecimento constante das malas em sua vida com um sorriso ávido, em vez de um suspiro resignado. Joy, sem ter a sobrecarga de criar filhos (eles concordaram que era melhor esperar um pouco) nem o desejo de se acomodar em um só lugar, apreciava cada novo lugar para o qual era enviada, tanto fazia se eram os ares salgados do sul da Inglaterra ou as areias escaldantes dos trópicos. Tudo lhe trazia algo novo: ajudava a alargar seus horizontes como uma lente panorâmica e diminuía seus temores de se sentir confinada, restrita, amarrada a um estilo de vida mais formal e rígido.

Mais importante do que isso, aquilo significara estar com Edward, o qual, apesar de estar se tornando cada vez menos uma figura divina, tinha sido, com o seu afeto e a sua atenção tão mais do que ela jamais esperara, que Joy levou mais de três anos para deixar de fazer uma prece diária de agradecimento por ele. Ela era feliz; repetia essas palavras para si mesma inúmeras vezes como se, ao dizê-las, pudesse criar uma espécie de barreira supersticiosa que impedisse a sua felicidade de desaparecer. Gostava da sensação de que eles formavam uma equipe, duas pessoas trabalhando interligadas e em harmonia, ao contrário de seus pais e de muitos outros casais que ela observara durante os anos enquanto crescia, casais curvados e distorcidos pelo peso do desapontamento, da obrigação e dos sonhos desfeitos. Joy não abdicara dos seus sonhos: na verdade, estava apenas começando a se permitir tê-los.

Entretanto, ela foi obrigada a realizar certos ajustes; aprendera a administrar uma casa (e nesse ponto, Joy sentira uma certa empatia imprevista com a mãe a cada vez que enfrentava problemas com a criadagem "difícil", os sistemas de aquecimento imprevisíveis, e a infindável e absorvente questão de o que preparar para as refeições).

Apesar de ter sido sempre uma pessoa muito solitária, que se sentia mais feliz quando estava sozinha, conseguindo, graças a isso, aguentar as longas ausências do marido, ela também já se habituara ao fato de que Edward era um homem que precisava de muita atenção; tanto que, nos primeiros anos de casamento, era comum ela enfrentar momentos de claustrofobia quando, ao voltar para casa, ele a seguia por toda parte, de sala em sala, como um cão à espera de migalhas. Ela também aprendera a ser mais sociável: a posição de Edward exigia que eles recebessem muito, tanto os seus colegas e sócios em negócios quanto os oficiais de navios visitantes. E era função de Joy organizar os jantares, idealizar o menu, instruir a criadagem e se assegurar de que havia sempre um número suficiente de uniformes (os brancos, para usar de dia, e as fardas com casacos tão curtos que mal aqueciam o traseiro, além de todos os outros adereços, para usar à noite), a fim de que Edward se apresentasse sempre como deveria.

Ela não se importava: as festas agora, como mulher de Edward, eram diferentes para Joy, pois ela estava livre das infindáveis apresentações a namorados em potencial, e a chateação das casamenteiras de plantão e seus comentários inconvenientes. Agora, Joy quase nunca deixava Edward embaraçado, mesmo quando ficava sem ter o que conversar com as pessoas; de qualquer modo, ele sempre disse que preferia a companhia dela à deles. Às vezes, os outros homens, com sorrisos ligeiramente forçados, o repreendiam por dar tanta atenção à mulher. Segundo eles, demonstrar assim tanto interesse não era a coisa adequada a se fazer.

Assim, Joy e Edward desenvolveram um código próprio: um leve roçar dos dedos no nariz se alguém estava sendo particularmente chato, ficar arrumando o cabelo o tempo inteiro para denotar a pomposidade do interlocutor e uma puxada no lóbulo da orelha esquerda se um dos dois estava desesperado para ser resgatado. E Edward sempre a resgatava, chegando ao lado dela com um drinque ou uma observação engraçada, pronto para afastá-la da pessoa que a estava incomodando. Havia outro código, que sugeria certa impaciência para os dois ficarem a sós. Isso sempre fazia Joy corar. Edward gostava muito de quando os dois ficavam a sós.

Mas seria muito diferente e m Hong Kong. Ela estava certa disso. Lá, ela se transformaria novamente na desajeitada Joy, atazanada pela mãe, conhecida na sociedade como alguém um pouco "difícil" e sem grande beleza. A filha do velho Graham.

(E não foi uma pena, a morte dele? Tão novo e tudo o mais.) Sorte a dela ter conseguido se casar.

E depois de todo esse tempo, casados e sem filhos. ("O que as pessoas iam pensar?")

Eles chegaram de volta à colónia em uma das semanas mais úmidas de que se tinha notícia, e as instalações da Marinha, no alto do mirante de Victoria Peak, viviam permanentemente envoltas pela neblina; os altos níveis de umidade deixavam os cabelos de Joy escorridos e sem vida, e ela era obrigada a trocar de roupa pelo menos três vezes por dia, só para se manter apresentável. Mas o prédio para onde eles estavam se mudando era recém-construído e Joy, supervisionando o trabalho dos empregados chineses que ajudavam a trazer a mobília para o espaçoso apartamento do terceiro andar, notou, empolgada, que o imóvel não só oferecia uma sala de estar imensa, com uma vista maravilhosa para o porto de Aberdeen, como também tinha uma sala de jantar independente, nada menos que três quartos, além de um

daqueles ultramodernos desumidificadores, os quais, embora barulhentos, ajudavam a combater a eterna ameaça de mofo que surgia com a estação das chuvas.

A batalha contra o mofo era uma luta incessante entre as mulheres da colónia, que se entregavam a essa luta com a mesma determinação aflita com as quais os maridos haviam enfrentado os japoneses. Não por opção: se a pessoa não instalasse pequenos aquecedores elétricos dentro do guarda-roupa, ou deixasse de engraxar vigorosamente as botas e calçados, os recantos quentes, úmidos e fechados dos apartamentos iam fazer com que, em duas semanas, tudo parecesse estar coberto por uma fina camada de feltro verde, e as melhores roupas estariam enfeitadas por pequenas filigranas também verdes. A cigarreira (mesmo que a pessoa não fumasse, Joy descobriu que era importante ter cigarros para oferecer) tinha que ser especialmente vigiada, pois não havia nada mais embaraçoso do que presenciar um convidado tentando acender um cigarro úmido. E ainda havia, o tempo todo, o aroma bolorento e desagradável que pendia no ar, alertando para a presença de esporos invisíveis por toda parte. Joy colocara o desumidificador para funcionar antes mesmo que todas as suas coisas fossem trazidas, e ficou ao lado do aparelho, acompanhada por três meninos chineses, balançando a cabeça com ar de aprovação quando, depois de um estrondo rouco, a máquina começou a extrair a umidade do ar.

Eles tiveram sorte de conseguir o apartamento, uma das outras esposas comentou enquanto instruía Joy sobre a melhor maneira de pegar a correspondência quando o correio chegasse, que era através de uma cestinha presa a uma corda comprida (era muito chato ter que descer até lá embaixo): desde que os comunistas haviam tomado a China, tinha havido um imenso afluxo de chineses que tentavam escapar para Hong Kong, provocando os mais terríveis problemas de acomodação para as pessoas. E tudo parecia, de certa forma, ainda mais caótico e apinhado de gente, com favelas aparecendo da noite para o dia nos morros, e cada pedaço do porto ficando a cada dia mais tomado por pessoas amontoadas em pequenas sampanas a vela. Além de tudo isso, a colónia tinha se transformado em um centro comercial ainda mais importante, e havia todo tipo de gente se mudando para lá, pegando as melhores casas e fazendo subir os preços dos aluguéis.

Havia alguns fatos agradáveis, por conta de tudo isso; o pequeno mercado de hortifrutigranjeiros, ali perto, tornava possível que a ama da casa pudesse comprar comida sempre fresca, e também dava para comprar algumas iguarias especiais para oferecer nas recepções, como ostras, por exemplo, que vinham de avião diretamente de Sidney. Também havia outras lojas que ofereciam uma variedade imensa de coisas; era fácil conseguir revistas e livros, e a grande afluência de jovens enfermeiras e professoras para a colónia fazia com que não fosse mais uma dor de cabeça completar o número certo de casais para uma mesa de jantar. A maioria das enfermeiras era muito animada, conforme Joy descobriu, preocupada, mas elas eram também muito divertidas quando relatavam suas experiências com as tropas; e tinham a tendência de ser muito populares junto aos jovens oficiais (bem mais do que as professoras, que além de serem bem menos agitadas e alegres eram, para piorar, bem mais velhas). As jovens também eram arrojadas o suficiente para acompanhar os homens em suas investidas pela exuberante vida noturna de Wan Chai, onde as boates como o Smoky Joes ou o Pink Pussycat estavam fazendo muito sucesso, aproveitando o interesse pela diversão depois d

o trabalho não s ó das tropas visitantes como dos comerciantes solitários. Joy morria de curiosidade para conhecer uma dessas boates, e adoraria ter a oportunidade de saber o que havia de tão escandaloso a respeito delas, mas Edward não demonstrava interesse em levá-la, e aquele não era um lugar onde uma mulher zelosa por sua reputação poderia ir sozinha, especialmente depois de escurecer.

Enquanto isso, a mãe de Joy reclamava com amargura d a barulhada sem fim causada pelas construções que surgiam em toda parte, e dizia que todas as vistas bonitas estavam desaparecendo, obscurecidas pelas casas dos novos-ricos que surgiam e avançavam até a privilegiada beira-mar. Ela já não conseguia mais ver o oceano de suas janelas viradas para o oeste, explicava, devido aos prédios de escritórios que se multiplicavam em volta da estrada Central e da estrada Dês Voeux, enquanto pegar um bonde se transformara na mais desagradável das atividades. Por isso, ela ficou muito impressionada com o carro de Joy, um Morris branco, que a filha dirigia com cautela todos os dias até o porto, para esperar o marido voltar do trabalho.

— Posso levá-la de carro até o mercado Stanley se a senhora quiser, mamãe — dizia Joy, observando o olhar atónito da mãe ao ver a filha tirar o carro da garagem. Para Alice, a independência da filha era surpreendente. "Fora do comum", era a palavra que usava para se referir sobre isso quando falava com Joy. "Um pouco masculino demais para o meu gosto", foi o que dissera à mãe de Stella. Ela podia se dar ao luxo de admitir essa ideia à senhora Hanniford, pois todos sabiam que Stella dera um fora no marido piloto, e sua família, em consequência, não estava em posição de julgar ninguém.

— Não quero lhe dar trabalho — disse Alice, apertando a bolsa com mais força contra o estômago com ambas as mãos, como se estivesse protegendo as entranhas.

— Ora, mamãe, não é trabalho algum. Preciso mesmo ir até lá para comprar novas toalhas de mesa, e a senhora pode me ajudar a escolher. Vamos, vai ser um dia agradável.

Alice fez uma pausa e respondeu:

— Vou pensar no assunto.

Embora as previsões de Joy sobre a possibilidade de se sentir socialmente deslocada ou o temor de voltar a se sentir insegura como na adolescência não tivessem se materializado com a volta a Hong Kong, os temores relacionados com as dificuldades que teria com a mãe s e mostraram acertados, para seu desânimo. Apesar de sofrer poucas interferências de Alice (na verdade, era ela que se via obrigada a forçar a mãe a acompanhá-la a toda parte), ainda estavam presentes o ar de desaprovação, transmitido pelos lábios apertados, a esmagadora sensação de desapontamento, agora acompanhada por uma forte tendência a se fazer de mártir, aliada a um forte tom de ciúmes. Quando Edward chegava em casa, vindo das docas, e tentava se chegar a Joy com alguma coisa mais afetuosa do que um distante beijo no rosto, a cabeça de Alice girava sobre o próprio eixo, como se fosse motorizada, e ela olhava, abertamente, para o outro lado. Quando Edward convidava Alice para jantar (ele era incrivelmente paciente, pensava Joy, sentindo-se grata, mas agia assim porque ambos sabiam que Alice podia causar pouco impacto na vida deles), a sogra aceitava, com certa relutância, mas só depois de avisar

repetidas vezes que "não queria atrapalhar". Quando ele sugeria que marido e mulher fossem, só os dois, dar uma cavalgada nas praias da Cidade Nova, as sobrancelhas de Alice lançavam-se para o alto, como se ele tivesse acabado de insinuar que os dois iam se entregar a alguma atividade sexual indecente em público, antes dos aperitivos.

Joy tentava compreender isso; como já comentara com Edward, em particular, valia a pena fingir e esconder um pouco a própria felicidade só para manter a mãe de bom humor.

— Sabe, mamãe — disse a Alice, pouco depois de voltar do mercado Stanley, onde acabou indo sozinha, enquanto notava a mãe que analisava a nova toalha de linho para a mesa recém-comprada com um ar de desaprovação mal disfarçado. — Talvez a senhora pudesse me ajudar a escolher uma ama.

— Que tipo de ama você quer?

— Não sei — respondeu Joy, que estava exausta. — Alguém para me ajudar em algumas coisas. Para lavar as roupas. Eu não fazia ideia do número de camisas que Edward ia usar, com toda essa umidade.

— E quem é que vai fazer a comida?

— Eu já tenho preparado as refeições — disse Joy, quase como um pedido de desculpas. — Pelo menos, quando não estamos recebendo ninguém para jantar. Gosto muito de cozinhar para ele.

— O que você precisa é de uma ama que seja também lavadeira, e uma governanta para cuidar da comida — explicou Alice, com firmeza, sentindo a confiança aumentar diante das deficiências de Joy na área doméstica. — E a governanta vai poder cuidar das crianças também, quando elas chegarem.

Ela não pareceu notar o olhar penetrante que Joy lançou.

— Olhe — disse Alice, folheando o seu livrinho de endereços encapado em couro —, eu soube de uma ama em Causeway Bay que está à procura de emprego. Seu nome é Mary. Resolvi anotar o endereço dela na semana passada porque Bei-Lin estava insuportável, e eu achei que ela devia saber que não é insubstituível, não importa há quanto tempo esteja comigo. Bei-Lin não é a mesma desde que o seu pai faleceu, entende? Anda mais emburrada. E Judy Beresford disse que sabia da governanta de uma família que estava deixando o país. Vou ligar para ela e perguntar se a empregada ainda está disponível. Vai ser muito bom para você. — Fez uma pausa, olhando para Joy e abaixando as sobrancelhas de forma desconfiada. — Quer dizer, se você não achar que estou me metendo demais em sua vida — completou.

Esta é uma boa notícia, alguém para cuidar da minha roupa - comentou Edward, enquanto jantavam. — Você tem muitas qualidades, querida, mas lavar roupa não é uma delas. Estava começando a achar que ia ter de fazer esse serviço por minha conta. Mas por que precisamos de mais outra empregada, uma governanta? Afinal, nós não temos filhos.

Joy levantou os olhos da comida.

Edward olhou para a mulher e ficaram se fitando, um ao outro, por um longo tempo, sobre a mesa.

— Por que você não está bebendo? — perguntou ele.

Kate ficou de pé do lado de fora da porta, olhando do corredor a sua mãe e a sua filha sentadas juntas, com as cabeças quase se tocando, analisando uma das fotos em tom de sépia que Joy segurava nas mãos calejadas. Sabine, inclinada sobre a imagem, exclamou que o antigo carro branco era "muito legal", enquanto Joy se lembrava, rindo, de como ficara assustada por dirigir pelas ruas de Hong Kong, já tão apinhadas.

— Eu tinha acabado de aprender a dirigir — ela contou. — O seu avô me ensinou, porque os instrutores de direção eram muito caros, mas ele sempre ficava rangendo os dentes de pavor. Sempre tínhamos que parar em algum lugar depois das aulas, para ele tomar um pouco de conhaque.

Kate subira para tentar encontrar Sabine, que sempre estava cavalgando ou enfiada em algum quarto em companhia de seu avô, lendo para ele, ou de sua avó, bombardeando-a com perguntas sobre como era a vida "nos velhos tempos", como ela dizia, ainda mais agora que a ameaça representada por Christopher e Julia tinha ido embora junto com eles e estava bem longe, em Dublin. Com isso, há vários dias, Kate, sentindo-se de certa forma deslocada, se vira andando tristemente em volta da casa e de seus jardins, perguntando de forma patética se alguém vira a sua filha, agradecida por qualquer migalha de tempo que Sabine escolhesse para passar em sua companhia.

Apesar do que, Sabine parecia querer passar o mínimo de tempo possível em companhia da mãe. E Kate dizia a si mesma o tempo todo que não era o caso de se sentir rejeitada (Sabine não queria mais passar muito tempo com a mãe desde que completara treze anos), e sim confusa pela paixão que a filha demonstrava por tudo o que era irlandês. Ela adotara os avós com uma afeição sem constrangimentos, desenvolvera um inesperado amor pelo cavalinho cinza quando o cavalgava no campo de trás e, o que era mais surpreendente, renunciara à sua necessidade urbana de estar sempre "na onda".

Ela nem se importava com o fato de seus ténis viverem cobertos de lama. E também não se preocupava em esconder a sua irritação sempre que Kate tentava ajudá-la, fosse para levar a bandeja com o almoço para o seu pai no quarto, fosse para dar uma folga para a filha, a fim de poder subir e ler um pouco para ele. "Ela está desenvolvendo uma sensação de posse com relação ao avô", comentou a senhora H, com um tom afetuoso.

"Jamais daria para imaginar isso, pelo jeito que ela mostrava quando veio para cá."

A senhora H era a única voz que transpirava sanidade, em toda a casa, oferecendo a Kate toda espécie de boas-vindas (boas-vindas, pensou Kate, com certo amargor, no sentido mais amplo do termo), e tranquilizando-a quando dizia que a felicidade que Sabine sentia em Kilcarrion era algo que começara a acontecer havia pouco tempo. Mas, quando Kate viu o jeito carinhoso com que Sabine falava com a senhora H, aquilo a fez se sentir novamente excluída e inadequada.

Houve um rápido degelo em seu relacionamento com a filha no dia em que Kate foi até o quarto de Sabine, certa noite, e comunicou que ela e Justin já não estavam mais juntos. Kate achava que era responsabilidade sua contar aquilo a Sabine, e contou de modo suave e casual,

temendo a possibilidade de que isso pudesse vir a ser interpretado como uma nova reviravolta na vida da filha (além do fato de que ela podia começar a chorar se descrevesse a situação de outra forma que não fosse breve e objetiva). Sabine ficara muito parada, como se estivesse ouvindo algo que esperava havia muito tempo, e então, com ar satisfeito, disse para a mãe que aquilo "não era surpresa".

— Então, você não se importa, filha?

— E por que deveria? Ele era um idiota.

Kate tentou não mostrar estranheza diante da avaliação áspera de Sabine. Ela já se esquecera do jeito pouco delicado que a filha tinha com as palavras.

— Então, acha que eu fiz a coisa certa?

— E por que eu deveria me importar com o que você fez ou deixou de fazer? A vida é sua. — Sabine se virou para o lado, como se estivesse muito ansiosa para continuar a ler um livro. — Simplesmente, para mim não foi surpresa — murmurou, olhando para a página aberta diante dela.

Kate se sentou, à espera, com os olhos fixos no rosto da filha.

— Bem — continuou Sabine —, você nunca conseguiu ficar por muito tempo com ninguém, mesmo, não é? Nenhum dos seus relacionamentos durou. Não é como no caso da vovó com o vovô.

As palavras foram ditas sem agressividade, mas tinham o poder de uma arma recém-disparada, e Kate, sentindo-se ferida, saiu correndo do quarto. Desde essa noite, Sabine se mostrava mais calorosa com ela, como se tivesse consciência de que tinha sido rude demais, mas mesmo assim continuava a se sentir mais à vontade longe da mãe, na companhia de praticamente qualquer outra pessoa da casa.

E então, naquela manhã, depois de ter procurado pela filha em toda parte sem sucesso, Kate encontrou-a no escritório, com a avó.

No entanto, ao vê-las sentadas ali, juntas, relaxadas, mais à vontade uma com a outra do que jamais conseguiam ficar com ela mesma, Kate sentiu um bolo gigantesco preso na garganta, e a sensação infantil de estar sendo deixada de fora. Virou-se, fechou a porta com suavidade e voltou a descer as escadas.

Sabine, se tivesse a percepção da quantidade de lágrimas que sua mãe derramara por sua ausência, talvez tivesse desenvolvido algum sentimento de culpa ou um desejo de consolar a mãe. Afinal, não era uma menina de má índole. Tinha dezesseis anos apenas, e, sendo assim, havia muitas outras coisas mais importantes em que pensar, como a dúvida sobre se deveria ou não sair com Bobby McAndrew. Ele ligara para ela dois dias depois da caçada (interessado, mas não desesperado para falar com ela, conforme a jovem notara, aprovando a sua atitude) e sugeriu que eles fossem ao pub, ao cinema ou a qualquer lugar que ela quisesse. Joy, que foi a pessoa que atendeu a o telefone, entregara o aparelho a uma Sabine muito pálida, informando que "era um dos coleguinhas dela". Bobby, que tinha ouvido o recado de Joy, riu muito, afirmando: "Aqui quem fala é aquele seu coleguinha, o Bobby", e isso ajudara a

quebrar o gelo, de modo que Sabine não achara tão esquisita a ideia de sair em companhia de um rapaz irlandês.

Agora, no entanto, com os sábados e aproximando rápido, ela se viu com a determinação enfraquecida. Seria muito fácil sair da casa (ninguém parecia mesmo reparar no que ela andava fazendo ultimamente), mas o problema é que ela já não estava muito certa se queria passar um fim de tarde em companhia de Bobby. Nem se lembrava se gostava dele, para começar: seu rosto se transformara em um borrão indistinto na memória, e tudo o que ela lembrava de sua aparência era que ele não possuía cabelos castanho-escuros nem a pele morena, atributos que, conforme Sabine descobrira recentemente com a ajuda de uma das revistas femininas da senhora H, eram o "tipo dela". E ele, provavelmente ia tentar agarrá-la no fim do encontro, especialmente se eles fossem ao cinema e, mesmo que ela gostasse dele, ainda não decidira se isso seria ou não uma espécie de traição. Apesar de Thom ainda não ter demonstrado sinais de querer agarrá-la, Sabine não queria fechar essa porta. Talvez Thom fosse apenas tímido.

Annie também não ajudava em nada. É verdade que ouvira o relato que Sabine lhe fizera sobre a delicada situação, mas foi daquele jeito de Annie, que envolvia ficar olhando para a janela o tempo todo, esfregar as mãos uma na outra, olhar para a televisão uma ou duas vezes e depois começar a andar em volta da sala, sem rumo, como se estivesse procurando algo que perdera (e se ao menos ela conseguisse se lembrar do que era).

— Você devia ir — disse Annie, vagamente. — É bom para você, fazer amigos.

— Eu não preciso de mais amigos.

— Bem, então vai ser bom para você, sair um pouco daquela casa. Você tem passado tempo demais em companhia de seu avô.

— Mas e se ele quiser se tornar mais do que amigo?

— Bem, aí você vai ter fisgado um namorado.

Nesse ponto, Annie se mostrou exausta, e disse a Sabine que de fato não sabia, que estava terrivelmente cansada e então, finalmente, perguntou se a jovem se incomodava de voltar mais tarde, porque ela estava pensando em tirar um cochilo. O que, para tornar tudo mais frustrante, era basicamente o ponto em que a maioria das conversas com Annie acabava. Sabine tinha vontade de contar aquilo à mãe, e talvez pedir para que ela lhe comprasse alguma roupa nova para ir ao encontro. Mas sabia que Kate ia fazer o maior estardalhaço, empolgada com o "encontro" de Sabine, como ela com certeza ia chamar aquilo, e ia insistir em levá-la de carro até lá, só para dizer "oi" ao rapaz, ou então ia se mostrar toda magoada e muda por notar que Sabine estava tocando a própria vida para a frente, ali na Irlanda. Ela sabia que isso deixava a mãe chateada, o fato de Sabine estar gostando dali. Mas a culpa não é minha, queria gritar para a mãe quando a viu andando sem rumo em volta da casa com cara de fim de semana chuvoso, como diria a senhora H. Foi você que virou nossas vidas de cabeça para baixo. Foi você que me mandou para cá.

Sabine tinha ficado muito satisfeita com a notícia sobre Justin, mesmo que não tivesse querido demonstrar. Mas era óbvio que foi ele que largara a mãe, e não o oposto; de certo

modo, isso ainda tornava mais difícil para Sabine alimentar algum tipo de respeito por ela.

No fim, contou tudo ao avô. Agora era mais fácil conversar com o velho, pois ele não ficava gritando o tempo todo para que ela falasse mais alto, nem se mostrava chateado com o horário das refeições. Ele simplesmente apreciava o fato de que a neta ficava ali, jogando conversa fora com ele: Sabine pensava que era assim pelo jeito com que notava o seu rosto ficar relaxado, derretendo-se como manteiga e, às vezes, quando segurava a sua mão ao acabar de falar (ela parecia, na verdade, u m papel macio, e não lhe provocava arrepios, como ela imaginava), ele a apertava muito delicadamente, como se a compreendesse.

O senhor provavelmente ia gostar dele — explicou ao avô, colocando os pés, só de meias, sobre a cama do velho —, porque ele gosta de caça à raposa, e também sabe cavalgar muito bem. Não se agarra na crina do cavalo na hora de dar os saltos. Talvez o senhor até mesmo conheça a família dele. São os McAndrew.

Ao dizer isso, sentiu um ligeiro aumento na pressão dos dedos do avô.

— Mas não é um encontro sério, nem nada. Quer dizer, eu não vou me casar com nem ter filhos. Simplesmente é bom para mim fazer alguns amigos.

Uma baba fina de saliva começou a escorrer pelo canto da boca do avô, como se fosse um riacho serpenteando montanha abaixo. Sabine pegou o lenço que estava sobre a mesinha-de-cabeceira e limpou o rosto dele, com cuidado.

— Uma vez aconteceu isso comigo no metro, e eu babei assim contou ela para o avô, sorrindo. — Eu tinha ficado acordada até muito, muito tarde, na véspera, só que mamãe não sabia disso porque eu tinha ido dormir na casa de uma amiga, e acabei tombando de sono em cima de um homem que estava sentado ao meu lado. Então, quando acordei, vi que tinha deixado uma pequena mancha molhada bem no ombro dele, onde eu tinha babado. Tive vontade de morrer, de tanta vergonha.

E olhou para ele.

— Bem, fiquei muito sem graça, de qualquer modo — continuou ela. — Acho que esse é um bom truque, afinal. Se eu resolver que não estou gostando muito da companhia desse Bobby McAndrew, posso babar no ombro dele, no cinema. Isso vai fazê-lo sair correndo.

Sabine resolveu sair de cima da cama, pois sabia que já estava quase na hora de a enfermeira voltar do seu horário de almoço.

— Vou lhe contar o que aconteceu, depois que voltar — disse ela, alegremente, plantando um beijo na testa do avô. — Pode deixar.

Atrás dela, enterrado sob camadas e mais camadas de cobertas, e rodeado de sentinelas eletrônicas que apitavam, o avô de Sabine fechou a boca.

Cate escrevera quatro opções em um pedaço de papel: voltar para Londres; voltar para Londres em uma semana; sair dali, ir para um hotel e dane-se o preço; e, não, não permita que os canalhas dobrem você. De acordo com a teoria de Maggie, a gente tinha que jogar os papéis todos para o ar e pegar um deles, e o destino é que ia decidir que decisão tomar (ou talvez fosse Freud, Kate jamais conseguia lembrar). Como método de ação, aquilo sempre

fornecia o caminho errado. Ao mesmo tempo em que todas as células do corpo de Kate a empurravam na direção da barca de volta para Fishguard, o método de jogar os papeizinhos para o ar deu o veredicto número três, o qual ela sabia que, sensatamente, não poderia seguir por falta de dinheiro, e além do mais era o menos provável de resultar em algum tipo de solução para os problemas.

Mas era a isso que uma semana na casa dos pais a havia reduzido, avaliou ela, enquanto caminhava apressada e furiosa pelos campos lamacentos que margeavam o rio: brincadeiras de colegiais e superstições. Uma mágoa rabugenta dos pais. Uma inabilidade total de abrir a boca sem falar a coisa errada. Uma idade emocional de quinze anos.

Não era assim que ela planejara voltar a Kilcarrion: queria ter voltado altiva, serena e graciosa, uma escritora famosa, talvez já com uns dois livros publicados; um homem lindo e inteligente ao lado, uma filha feliz e adorável; dona de uma autoconfiança natural que teria obrigado todos eles a reconhecer que ela estava certa, e que havia outros estilos de vida além do deles. É por isso que estão sendo legais com você, queria gritar para a filha, porque você está fazendo tudo exatamente do jeito deles. É muito fácil serem legais com você quando está fazendo exatamente o que eles querem. É quando começa a levar a vida do jeito que você quer que as coisas começam a ficar complicadas.

Só que, naturalmente, a vida não funciona dessa maneira. Ela voltara, se não como a ovelha negra da família, ao menos como alguma coisa oprimida, pronta para o abate.

Era apenas a desajustada, mais uma vez: aquela que não cavalgava, que parecia excêntrica, que não conseguia segurar o emprego nem manter um relacionamento decente, uma visão tão difundida e fixada que, agora, até a própria filha a estava vendo através dessa ótica pouco auspiciosa. E por não ter aquele emprego bem remunerado ou aquele homem decente, ela não podia nem mesmo dar uma volta de carro, se enfiar no pub ou talvez ir a um cinema, como qualquer pessoa adulta normal, e em vez disso era deixada ali, impotente, vagando pelos campos encharcados e vendo nisso a única opção real para escapar aos horrores da casa dos pais.

Ballymalnaugh nem sequer tinha uma paisagem particularmente atraente; constituía-se apenas de um campo atrás do outro de terras baixas com algumas colinas inexpressivas, que em vez de se apresentarem com uma tonalidade verde-esmeralda, como era de esperar, tornavam-se marrons sob o céu eternamente cinzento, recortadas por sebes baixas e pontilhadas por lúgubres estradas chicoteadas pelo vento. Não havia ali o charme ondulante da região baixa de Sussex nem a beleza selvagem e indomada da área de Peaks. O que havia era apenas, Kate meditou com amargor, um monte de ovelhas molhadas e árvores esqueléticas que gotejavam. E lama.

Evidentemente, começara a chover. Porque toda a vida dela era parte de alguma grande brincadeira cósmica. E, é claro, como ela era uma burra da cidade grande, não se lembrara de levar nem uma capa nem um guarda-chuva. Enquanto a água escorria com determinação pela parte de trás da sua gola, Kate olhou para o céu que parecia irritado, escurecendo, enquanto a tarde ia embora, e pensou com certo anseio na opção número um. Simplesmente vá embora, aconselhou a si mesma.

Volte para Londres. O estado do seu pai parece ter se estabilizado, e pode ser que ele siga em frente, por meses ainda. Ninguém podia estar esperando que ela colocasse toda a sua vida em compasso de espera até que alguma coisa acontecesse, podia? Por outro lado, havia a questão de Sabine: Kate tinha a desconfortável sensação de que, s e sumisse e voltasse para Londres, qualquer chance de levar Sabine com ela para casa também sumiria.

Como que fazendo eco ao seu estado de espírito, a chuva começou a cair ainda com mais força, transformando a garoa enevoada em lâminas grossas de vidro, quase sólidas. Kate, apertando o passo para se proteger em um pequeno bosque, reparou que mal conseguia enxergar o cenário hibernal e cinzento em volta dela, que já se transformara em um borrão indistinto. Por que não inventam limpadores de para-brisas para óculos?, pensou, com mau humor, já tremendo por dentro em seu casaco de lã ensopado, enquanto conseguia finalmente chegar ao abrigo representado pelas árvores.

Foi então que ouviu o barulho: o som abafado de pancadas irregulares, alternadas por um tilintar distante. Apertando os olhos para ver melhor, Kate perscrutou através das árvores na direção do barulho. Não conseguia ver quase nada através das lentes embaçadas, mas, gradualmente, através da chuva, conseguiu divisar a silhueta de um cavalo que vinha na direção dela, pela terra molhada. Imenso e cinzento, bufando de modo aterrador e contornado pelo vapor que subia do próprio corpo, parecia o animal de um cavaleiro medieval que voltava para casa depois de uma batalha terrível.

Kate se encolheu toda para dentro dos arbustos.

Mas o animal já a tinha visto. Diminuindo o passo, foi chegando mais perto com a cabeça baixa, como que confirmando a presença dela. Foi então que ela o viu. Montado de forma bem descontraída sobre o cavalo, quase escondido por completo debaixo de uma imensa capa marrom e um chapéu de abas largas vinha Thom. Ele olhou duas vezes, como se estivesse se certificando de que era realmente ela, e então parou.

— Você está bem? — perguntou.

Kate teve que vencer a paralisia que se apossara dela, provocada por aquela chegada repentina. Sua voz, quando finalmente conseguiu sair, parecia loquaz e urbana, bem distante dos seus verdadeiros sentimentos.

— Estou bem, não tenho nada que um guarda-chuva, uma troca completa de roupas e uma vida nova não consigam curar. — E tirou o cabelo da frente do rosto. — Estou só esperando a chuva dar uma trégua para poder voltar para casa.

— Você está encharcada. — Thom se mexeu, em cima da sela. Quer montar aqui comigo? Esse rapazinho vale ouro. Pode levá-la de volta muito mais depressa.

Kate olhou para o imenso cavalo cinza com cascos maiores do que pires de xícaras para café que se movimentavam perto demais dos pés dela, e para a cabeça maciça que balançava sem parar para cima e para baixo, impaciente para sair da chuva. Os olhos do animal rodavam sem parar exibindo um pouco da parte branca nos cantos, enquanto sua respiração saía em rajadas de vapor quente, como se ele fosse um dragão.

Não, obrigada. Acho que vou esperar aqui mesmo.

Thom relaxou o corpo sobre a sela. Kate conseguia sentir o seu olhar sobre ela e se sentiu em desvantagem, pois estava bem abaixo dele. Limpou os óculos e completou: — Estou bem, Thom, de verdade.

— Você não pode ficar aqui, sozinha. A chuva não vai parar por agora, está até aumentando. Pode levar a noite inteira para diminuir.

— Thom, por favor...

Mas ele já se inclinara para frente, lançou a perna sobre o dorso do animal pela parte de trás da sela e desmontou. Segurando as rédeas com uma das mãos foi caminhando até Kate, com as botas fazendo um som forte sobre a lama que era esmagada embaixo delas, e tirou o chapéu marrom.

— Tome — disse ele —, use isto. — E passou a mão molhada pelo cabelo curto e escuro, fazendo-o ficar arrepiado e cheio de pontas luzidias.

— E coloque isto também — continuou. Já removera a capa de chuva e a atirou na direção de Kate. Ela pegou a capa no ar, sem dizer nada, olhando para ele, parado ali, vestindo uma blusa pesada e grossa, que recebia os primeiros pingos que já começavam a atravessar as copas das árvores. Não dava para notar o braço mecânico de Thom, a não ser que a pessoa olhasse para a mão. — Vamos lá, vista logo — insistiu ele.

— Vou caminhar com você até em casa.

— Você vai ficar ensopado.

— Não por muito tempo. Se você ficar aqui usando esse troço apontou, com ar de desdém para o casaco leve de Kate, mais apropriado para o clima de Londres —, vai acabar pegando uma pneumonia. Vamos lá, a chuva está passando através das folhas.

— Eu sinto... sinto... — ela hesitou.

— Que está frio. Molhado. Ande logo, quanto mais depressa você se mexer, mais rápido a gente volta para casa.

Ela vestiu o casaco. Como ele tinha sido feito para cobrir toda a sela e mais o cavaleiro, ficou comprido em Kate, indo até os tornozelos, com as pontas batendo em suas canelas. Ele sorriu quando ela encaixou o imenso chapéu na cabeça.

— Por que você não volta a trote para casa? — sugeriu ela, quase implorando. — Assim, você não vai ficar tão molhado. Vou ficar bem, com estas roupas.

— Vou caminhar com você até em casa — repetiu ele, com firmeza, e ela desistiu de argumentar.

Eles foram seguindo ao longo do riacho, seu silêncio cortado apenas pelo plof-plof produzido pelos cascos do cavalo e o estalar ocasional do seu freio contra os dentes.

Além do bosque, a névoa já descera por completo, de modo que mal podiam ser avistadas as chaminés distantes de Kilcarrion, em meio a um silêncio cinza onde nada respirava. Sem conseguir evitar, Kate tremeu.

— Há algum motivo para você estar por aqui sozinha?

Eles estavam tendo que forçar a voz para falar bem alto, quase gritando, para conseguir ouvir um ao outro acima do barulho da chuva.

— Sozinha como, em vez de estar a cavalo, você quer dizer?

— Você sabe o que eu quis dizer. — E riu.

Kate olhou para as botas. Era difícil andar no terreno enlameado, não havia um ritmo certo no caminhar.

— É que não é muito fácil — Kate disse, finalmente. — Quero dizer que não é fácil voltar.

— Ah, com certeza.

— Então, por que você fez isso, Thom? — Ela parou e olhou para ele. — Por que voltou?

Thom, que também estava analisando os próprios pés, apertou os olhos ao se virar para ela, e então desviou o rosto.

— Ah, é uma longa história.

— Temos quase meia hora. A não ser que um táxi passe por aqui.

— É verdade. Então, conte você primeiro.

— Bem, voltei porque o meu pai está morrendo. Pelo menos, eu acho que ele está morrendo.

Você provavelmente sabe a respeito disso até melhor do que eu. — Olhou para ele, mas Thom simplesmente encolheu os ombros, como que tentando contradizê-la. Seu blusão, ela notou com uma fisgada de culpa, estava começando a ficar com as pontas todas esticadas, devido ao peso extra da água que o embebia.

— E eu também queria ver Sabine — continuou. — Só que parece que aconteceu alguma coisa enquanto ela estava aqui, ela... — Kate levantou a cabeça, tentando manter o bolo que sentiu na garganta longe da voz — ela parece que não está querendo voltar.

Pronto. Conseguiu colocar aquilo para fora. Olhou para ele à espera de alguma reação, alguma sugestão ou julgamento de sua parte, mas Thom continuou a caminhar, olhando para os pés.

Kate suspirou.

— Não posso dizer que a culpo. Houve... bem, houve um bocado de confusão lá em casa, em Londres. Abandonei uma pessoa que estava comigo, troquei-o por outro homem que acabou provando que era... bem, mostrou que não era o que eu imaginava.

Então, acabei sozinha. Ela tropeçou e olhou para Thom, tentando sorrir. — Provavelmente isso não o deixa surpreso.

Mas Thom continuou caminhando. Kate hesitou novamente, lutando contra a crescente vontade de chorar.

— Mesmo assim — continuou ela —, pensei que Sabine ficaria feliz. Que ela ia querer voltar para casa, a fim de ficarmos só nós duas. Porque, na verdade, ela jamais gostou de ninguém com quem eu estive na vida. E eu achava também que ela ia odiar tudo aqui, por

causa das regras, dos horários idiotas para as refeições, das caçadas, caçadas e mais caçadas. Sempre quis que ela crescesse longe de tudo isso, entende?

Sem essa rigidez. Sem essas formalidades. Sem essa constante sensação de que as coisas são polarizadas, certas ou erradas. Queria apenas que ela fosse feliz, que fosse minha amiga. Mas... — Nesse ponto, ela levantou os óculos e passou os dedos nos olhos, grata pelo fato de que, por baixo da imensa aba d o chapéu, parecia que ela estava limpando a água da chuva. — Sabine parece ter gostado de tudo isso. Na verdade, ela até parece preferir viver aqui a morar comigo. Por tudo isso, o motivo de eu estar aqui na chuva é que, para ser franca, estou me sentindo como uma peça que está sobrando. Não sei o que fazer. E não sei como proceder comigo mesma. Não acho que alguém aqui saiba realmente o que fazer comigo. — Soltou um suspiro longo e trémulo. — Uma tremenda confusão, na verdade. — Terminou, com ar de quem pede desculpas.

Thom, com um braço apoiado no pescoço do cavalo, que estava abaixado, parecia estar absorto em pensamentos, sem sequer perceber os filetes de água da chuva que lhe escorriam pelos cabelos até a linha do maxilar e pingavam na gola de sua roupa.

Continuaram a caminhar em silêncio até alcançarem um portão reforçado o qual, solícito, Thom abriu, puxando o animal para trás e mantendo-o longe de Kate até ela ter entrado.

— Isso tudo é besteira, para falar a verdade — disse ela para tentar preencher o silêncio, agora que o dilúvio diminuía. Ela não se lembrava de que o campo podia ser assim tão calmo. — Cá estou eu com trinta e cinco anos na cara, e continuo incapaz de acertar a minha vida. Era de se esperar que eu já tivesse conseguido me organizar, a essa altura. Meu irmão conseguiu. A maioria dos meus amigos conseguiu. Às vezes fico pensando que fui a única pessoa que não ganhou o papel com as regras do jogo... Você sabe, aquelas que ensinam a pessoa a crescer.

Sua voz, Kate notou, estava mais alta. Ela estava começando a parecer um papagaio.

— Você vai ficar aí, sem dizer nada? — reclamou ela, depois que Thom fechou o portão.

Ele levantou o rosto na direção dela. Seus olhos, bem delineados pelas pestanas pretas e compridas, estavam surpreendentemente azuis. Ou talvez parecessem assim porque tudo em volta estava tão cinzento.

— E o que quer que eu diga? — perguntou ele. Naquele momento, isso soou como uma verdadeira pergunta.

A quatrocentos metros dali, em um cómodo pouco menos úmido, Sabine e Joy estavam revendo um dos álbuns de fotografia. Aquilo tinha sido sugestão da própria Joy, o que deixara Sabine surpresa. Muitas coisas no comportamento de Joy, ultimamente, eram uma surpresa para a jovem: a avó aceitara os planos da neta para se encontrar com o rapaz sem um resmungo sequer; começou a permitir que os cães dormissem no quarto de Sabine, para alegria deles, e parecia estar animada para fazer qualquer coisa, desde que não fosse ficar sentada no mesmo quarto que o marido.

A quem ela adorava.

Sabine olhou para a foto formal do casal, tirada no dia do seu sexto aniversário de casamento. Joy estava sentada em um banco, e usava uma blusa fina, em tom escuro, abotoada até embaixo, adornada com uma gola larga, listrada e complementada por uma saia comprida, e o seu sorriso sugeria uma vontade reprimida de gargalhar. Ele, de uniforme como sempre, estava de pé ao lado dela, com uma das mãos pousada em seu ombro, enquanto a outra segurava a mão da esposa com uma espécie de afeição descontraída. Ele olhava para baixo, para o alto da cabeça de Joy, e também tentava segurar o riso.

— Este era o pior dos fotógrafos — explicou Joy, de modo afetuoso, limpando uma poeira inexistente da página do álbum. — Era um chinês adorável, mas usava as mais terríveis expressões em inglês que aprendera com as tropas, supondo que estava expressando sentimentos completamente diferentes. Quando achava que estava mandando alguém sentar mais próximo, na verdade estava soltando uma daquelas gírias pesadas, como... — Joy olhou para Sabine. — Enfim, seu avô e eu estávamos com a maior dificuldade para manter o semblante sério. Se eu me lembro bem, simplesmente nos acabamos de rir, depois que ele saiu.

Sabine olhou para a foto, dando vida, em sua imaginação, à imagem de duas pessoas apaixonadas que rolavam de rir, conspirando um com o outro para esconder a risada que queria escapar e pareciam emergir à luz do sol, piscando sem parar e compartilhando a emoção em comum. Era como se os dois tivessem uma espécie de escudo invisível em sua volta, como se a sua felicidade não deixasse espaço algum para outra pessoa de fora penetrar. Quero um homem que olhe para mim desse jeito, pensou Sabine. Quero me sentir amada exatamente desse jeito.

— A senhora e o vovô nunca brigaram?

Joy recobriu a página com o papel fino.

— Claro que brigamos. Bem, não brigamos, por assim dizer. Na verdade, às vezes discordávamos um do outro, em algumas coisas. Olhou para cima, para fora da janela.

— Acredito que as coisas eram um pouco mais fáceis para a nossa geração, Sabine.

Sabíamos qual era o papel de cada um na relação. Não havia toda essa agitação e briga para decidir quem foi culpado do quê, como parece existir hoje em dia.

— Além do mais vocês tinham criados — comentou Sabine. Ninguém reclamava por ter que lavar as coisas.

— Não. Isso ajudava.

— Mas ele deve tê-la aborrecido, às vezes, vovó. Um deve ter odiado a raça do outro, profundamente, de vez em quando. Ninguém é perfeito.

— Eu nunca "odiei a raça dele", como você de forma tão charmosa falou.

— Mas vocês devem ter brigado. Todo mundo briga. — Por favor, meu Deus, não permita que isso só aconteça com a minha mãe, disse Sabine para si mesma, em silêncio.

Joy apertou a boca, como se estivesse medindo com cuidado cada palavra.

— Houve um dia, um só dia, em que o seu avô me deixou muito abalada.

Sabine ficou esperando por uma explicação sobre a terrível façanha de seu avô, mas lhe pareceu que ela não vinha. Então Joy respirou fundo e continuou: — Fiquei muito, muito infeliz depois daquele dia, e pensei: "Por que motivo tenho que ficar aqui? Por que devo tolerar isto? É muito difícil!" E então, me veio à mente uma frase ridícula que eu ouvira na cerimónia de coroação da rainha. Como você já sabe, nós éramos obcecados pela coroação, quando jovens. E, pelo que compreendi na época, a frase falava da necessidade de agarrar-se a alguma coisa para conseguir uma recompensa maior. Falava de dever. E de honra. E me lembrei de como todos haviam ficado empolgados diante daquela jovem que abria mão da sua vida ao lado de seu vistoso marido para cumprir o seu dever, que era o de comandar o seu "reino temporário", como se dizia naquele tempo. E descobri que as coisas não se resumiam a uma só pessoa, à felicidade de alguém. Era uma questão de não desapontar os outros, de manter os sonhos das outras pessoas vivos.

Joy olhou para o lado de fora da janela, para um ponto distante, e se deixou ficar ali por um instante, presa às próprias lembranças.

Foi então que resolvi me agarrar a isso. E pensei em todas as pessoas que teriam ficado muito desapontadas se eu não tivesse... Bem, acho que, no final, fomos mais felizes como resultado disso.

Mas e quanto à senhora?, Sabine sentiu vontade de perguntar. Só que, repentinamente, sua avó ficou agitada.

Minha nossa. Olhe só para esta chuva. — disse. — Nem notei que estava tão forte.

Venha comigo, Sabine, temos que tirar aqueles cavalos do campo baixo. Você pode me ajudar, antes de sair para o seu encontro.

Onze

THOMAS KENEALLY FOI EMBORA da Irlanda quando tinha dezenove anos, sem dinheiro no bolso nem ofertas de emprego, e seguiu para Lambourn, na Inglaterra onde, conforme lhe asseguraram seus amigos jóqueis, um homem com as mãos leves e, o mais importante, "colhões de aço", poderia encontrar trabalho como jóquei de saltos. Deixou atrás de si um bom emprego, pelo menos duas ofertas de trabalho feitas por importantes treinadores irlandeses, e também seus atormentados pais que, embora aceitassem que os filhos adolescentes pudessem crescer e resolver ir embora, sempre imaginaram que seria o irmão mais velho, Kieron, o primeiro a ir. O pai de Thom torcia para que fosse assim: Kieron destruíra o carro da família por duas vezes e nunca, ao contrário de Thom, deu para a mãe uma parte do salário, para ajudar "nas despesas da casa".

Ambos, os pais, rejeitaram a ideia de perguntar ao filho mais novo por que motivos ele estava partindo, mas foram informados discretamente, por sua tia Ellen, que trabalhava no casarão, que "parece que aquilo tinha alguma coisa a ver com a filha dos patrões".

Por esse motivo, a mãe de Thom, até o dia em que morreu, quase nove anos mais tarde, alimentava um profundo e silencioso ressentimento contra Kate Ballantyne, embora Thom jamais tivesse sequer mencionado o nome dela, as duas só tivessem se encontrado duas vezes na vida e a própria Kate tivesse deixado Ballymalnaugh por algum motivo grave, poucos meses antes de Thom.

Havia a questão do bebé, é claro, mas Thom, de forma pouco comum para ele, falara com agressividade com a mãe, no dia em que ela lhe perguntou se aquilo tinha alguma coisa a ver com ele. Já naquela época ele não era o tipo de rapaz de quem dá para a gente arrancar respostas com facilidade.

Como era de se prever, Thom encontrou trabalho com facilidade em uma cavalariça tradicional que pertencia a uma treinadora famosa, a qual combinava a surpreendente habilidade de flertar com todos os homens relacionados com os animais com um vigor (e compleição) de um cavalo de tiro[4], além de um génio capaz de provocar queimaduras de terceiro grau na pele das pessoas. Ela gostava de Thom: ele era muito direto e franco, bom com os cavalos e, o mais importante, não tinha medo dela. Corriam fofocas ressentidas, entre os rapazes da cavalariça, que diziam que ela gostava dele por outras razões além dessas, mas Thom era tão terrivelmente ambicioso, e trabalhava com tanto empenho que era difícil para alguém que passasse qualquer tempo que fosse, tanto com o cavaleiro quanto com a treinadora, conseguir levar as fofocas a sério.

Ele não era, como se dizia no ramo, apenas mais um dos rapazes. Não desaparecia com os colegas, enfiando-se no pub todas as sextas-feiras à noite para gastar o parco salário em cerveja, nem trazia garotas do lugar para o trailer apertado e mal aquecido que se passava por sua casa, em um local onde os trailers ficavam estacionados lado a lado, para um drinque tardio e barulhento, nem se sentava no estábulo pela manhã segurando canecas de café com

adoçante e reclamando do salário baixo e das horas desgastantes que eram rotina no trabalho dos jóqueis em treinamento. Ele trabalhava, pesquisava e m livros, não perdia oportunidades de treinar, e enviava para os pais qualquer dinheiro que tivesse, por pouco que fosse. Era um comportamento, até mesmo ele admitiu mais tarde, capaz de causar enjoo, de tão certinho.

E esse foi o motivo pelo qual, quando quatro anos mais tarde um animal mal-humorado de quatro anos chamado Nunca aos Domingos entrou em pânico na largada e passou por cima de Thom, esmagando o braço de forma tão cruel que o deixou pendurado por apenas dois tendões e um osso esfacelado, a única pessoa que sentiu um profundo pesar por ele foi a treinadora que o contratara (na verdade, ela estava sentindo muito por si mesma, pois jamais tivera alguém que trabalhasse tão bem quanto Thom em todo o tempo em que estivera naquela área) e também os bookmakers, que já haviam notado há muito tempo a misteriosa, ainda que agradavelmente previsível, habilidade que Thom possuía de levar um cavalo sempre ao segundo lugar. Os outros rapazes, apesar de solidários (afinal, aquilo poderia ter acontecido com qualquer um deles), demonstravam um silencioso sentimento de "antes ele do que eu", e sussurravam entre si que ser o "queridinho da treinadora" não adiantou nada.

Thom passou grande parte do ano seguinte no hospital, a princípio lutando contra a infecção provocada pela amputação e, depois, enfrentando as dificuldades de adaptação ao braço mecânico. É justo que se conte que ele não aceitou muito bem, de imediato, a sua nova condição de deficiente físico, apesar dos esforços da treinadora que, demonstrando uma inesperada mudança no comportamento duro e frio (o que chegou a fazer Thom achar que talvez estivesse errado na avaliação dos sentimentos que ela nutria por ele), lhe disse que ele poderia ter um emprego na cavalariça dela por toda a vida, se desejasse.

Essa oferta se mostrou um pouco menos entusiasmada depois que Thom começou a beber, e acabou sendo totalmente retirada certo dia, em que, após uma rodada de doze cervejas australianas e um escandaloso e rápido interlúdio com uma garçonete, que assegurava ser capaz de dizer certas coisas a respeito da anatomia de Thom pelo número de sapato que ele calçava, ele jogou o Range Rover da treinadora em uma vala da estrada, nas primeiras horas da manhã, ocasionando perda total do veículo. A seguir, foi andando para casa, ignorando o ferimento na cabeça e o fato de que o alarme do veículo estava acordando toda Berkshire, e ainda estava dormindo e m seus lençóis ensanguentados quando a patroa irrompeu em seu trailer e pediu (embora não exatamente sob a forma de um pedido) que ele fizesse suas malas.

Depois disso, ele trabalhou em estábulos variados e com cada vez menos reputação, os quais pouco ligavam à sua crescente fama de ser um bêbado que perseguia as mulheres, achando que poderiam levar algum tipo de vantagem por sua capacidade de trabalho e eficiência com os cavalos, que cada vez diminuía mais.

Normalmente, ele desapontava os patrões em menos de seis meses: era bom com os cavalos, mas criava problemas com os outros rapazes, tinha um génio inconstante e, o pior de tudo, muitas vezes era rude com os donos dos animais. O último colega a soltar uma piadinha a respeito do seu braço mecânico se viu pendurado de cabeça para baixo, preso em um gancho para limpar rédeas e com um cravo de ferradura alojado em uma parte do seu corpo, e isso logo se transformou em uma lenda na região.

Essa espiral descendente levou ao que aconteceu em seu último emprego, quando trabalhava para um treinador que também era da Irlanda e cuja firma e métodos chamavam a atenção dos círculos ligados a corridas de cavalos, que Thom certa vez frequentara. Agora, porém, deficiente mais pela reputação do que pelo braço, e determinado a ignorar os pedidos dos pais para voltar para casa, Thom se viu aceitando a oferta que JC Kermode lhe fizera, com ar de entusiasmo.

JC era um ex-jóquei baixinho e magro, com um cérebro tão penetrante quanto os dentes de metal de uma raspadeira de escovar cavalos e uma lábia tão escorregadia quanto o óleo para passar nos cascos. Não levou muito tempo para Thom perceber que essas duas características, essenciais em qualquer treinador, passavam a ser menos admiráveis quando acompanhadas de uma habilidade para torcer a verdade tão grande quanto a de Uri Geller para entortar velhas colheres.

O maior dom de JC não era o de treinar cavalos (seu histórico nessa área era fraco), mas sim a capacidade de convencer novos proprietários crédulos e ingénuos não só a deixar os cavalos alojados com ele, mas também a comprar outros animais, sem parar, ignorando as contas cada vez mais altas de despesas de estábulo, que JC conseguia descrever sempre como parte de sua "rotina de treinamento especial". O exemplo mais típico disso eram Dean e Dolores, um casal de alpinistas sociais originários de Solihull, e junto dos quais JC se sentara um dia, em um voo que partira de Dublin. No momento em que o aparelho pousou, ele já os havia convencido não só de que "se divertiriam muito" acompanhando-o nas apostas em Uttoxeter, como também, se estivessem interessados, ele tinha a potranca perfeita para que o casal começasse uma criação de cavalos. Dean, o gordo e desagradável diretor geral de uma companhia de utensílios de cozinha, jamais vira alguém se esforçar tanto para convencê-lo de que ele era uma companhia maravilhosa. Sua nova esposa, Dolores, ainda chocada pela recente expulsão da alta sociedade de Solihull, a "nata da cidade", como ela chamava, devido ao seu divórcio, ficou encantada com o modo gentil e brincalhão de JC, além da admiração que ele expressava o tempo todo pela argúcia para negócios que sentiu em Dean. Antes que a comissária de bordo solicitasse aos três que colocassem os cintos de segurança para a aterrissagem, o casal já estava se imaginando no exclusivo local reservado para os vencedores em Ascot (no caso de Dolores, depois de ter exibido um sorriso glamoroso para as câmeras de televisão, e alcançado todos aqueles malditos habitantes de Solihull que ficaram do lado do ex-marido) e JC já estava a caminho de se desfazer de um animal de três anos particularmente problemático, que se chamava A Favorita de Charlie e que, além de ter pescoço torto, ainda era dono de um pinote imprevisível.

Se Dean e Dolores eram a sua "galinha dos ovos de ouro", como JC com frequência os descrevia para Thom, também estavam destinados a ser sua ruína. Apesar de inicialmente seduzidos pelo ambiente das corridas e pela alegria de serem proprietários (uma visão que se beneficiou do fato de que A Favorita de Charlie, de forma totalmente inesperada, ganhou um dos páreos em Doncaster e por JC sempre trazer Thom com ele — Dolores gostava de Thom), gradualmente as imensas contas acumuladas pela sua tropilha de quatro cavalos deixaram Dean com algo a mais além de indigestão, depois do "divertimento inicial" representado pelas corridas. Ele tinha certeza, segredou a uma incrédula Dolores, que JC estava "armando alguma

coisa". Dolores, que sempre usava roupas com as mesmas cores que os uniformes de seus jóqueis, disse para deixar de ser ridículo. Quando Thom se aborreceu de tanto flertar com ela (aquilo o fazia se sentir um idiota, conforme disse, a contragosto, ao desesperado JC), ela também começou a questionar as vantagens de sua recente amizade com JC.

Foi quando um velho amigo irlandês de JC, Kenny Hanlon, apareceu. Ele soube do grande sucesso financeiro de seu velho camarada junto aos ingénuos proprietários britânicos, e resolveu que também queria um pedaço daquele bolo. Mais conhecido por suas controversas máquinas caça-níqueis (diziam que em quase todas elas havia frutas faltando no painel de premiação), começou a aparecer nos encontros após as corridas.

Com um cumprimento jovial a JC, ele se instalava na vaga recém-aberta por Thom na mesa e cobria a cada vez mais insegura Dolores de elogios e galanteios, ignorando a fúria silenciosa de JC no outro lado da mesa (para um homem com as duas orelhas deformadas devido a violentos golpes em lutas de boxe no passado, ele fazia um sucesso surpreendente com as representantes do belo sexo). Foi só uma questão de semanas antes de ele começar a agir como lago em relação a Otelo, sussurrando indiretas maldosas para as orelhas cheias de brincos de Dolores: Será que JC não estava acrescentando algum valor extra naquelas contas? Ele costumava fazer isso, era bom que ela soubesse. Será que JC estava conseguindo para ela os melhores cavalos, e não velhos pangarés? Afinal, eles não andavam conseguindo muitas vitórias. Será que ela não estaria interessada em levar os animais para outro lugar? Ele conhecia o lugar ideal para isso, e podia garantir que as contas que Dean pagava regularmente só de alimentação para os cavalos e salário para o veterinário iam cair a um terço do valor atual. E será que ela tinha consciência de o quanto ficava maravilhosa quando usava aquele tom de roxo?

Foi assim que Thom e JC acordaram, certa manhã, e descobriram que um trailer estava carregando todos os cavalos de Solihull de seu estábulo para outro, em Newmarket. Um estábulo que acabara de inaugurar, o motorista contou sem pena, enquanto JC ia ficando vermelho de raiva. A nova cavalariça pertencia a um sujeito chamado Kenny Hanlon. E foi nesse ponto que as coisas começaram a fugir ao controle.

JC furou os pneus do trailer com um forcado e o motorista chamou a polícia. Houve, então, uma sucessão de ataques noturnos de surpresa entre os dois estábulos, com roubo de selas, mantas de lã e até mesmo um forno de micro-ondas em ações realizadas por ambos os lados, supostamente "à guisa de pagamento". Quando Kenny Hanlon foi enquadrado pelas autoridades pelo não pagamento dos impostos relativos às suas máquinas caça-níqueis, uma acusação que resultou em uma sentença de quatro anos de prisão e o subsequente incêndio que destruiu tudo, provocado, suspeitava-se, por capangas do estábulo de JC, Thom resolveu que já aturara muito daquele ambiente de corridas. Parou de beber e voltou para casa.

Thom contou toda essa história a Kate, com exceção dos sentimentos que sua falecida mãe alimentava por ela, durante a lenta caminhada de volta a Kilcarrion; uma caminhada que se tornou ainda mais morosa porque, pouco antes de chegarem à porteira da propriedade, ele sugeriu que eles esperassem por algum tempo a chuva diminuir, em um ponto de ônibus coberto e deserto. Sentados nos bancos enquanto o imenso cavalo cinza cochilava ao lado e

aceitava ocasionalmente os pequenos torrões de açúcar que Thom lhe fornecia, o antigo empregado conseguiu completar a história dos últimos dezesseis anos de sua vida, ainda que de forma menos emotiva que Kate.

Depois de Kate comentar que era estranho que eles dois tivessem se reencontrado ali, Thom ficou olhando fixamente para ela por um período de tempo desconcertante e longo, tanto que Kate corou de vergonha e se sentiu, por um instante, sem equilíbrio.

Por outro lado, a essa altura, ela já se sentira tonta por muitas de suas reações a Thom: pelo fato de que, a cada vez mais, sempre que ela se encontrava com ele por acaso, perto da casa ou nos campos próximos, Kate se via sem saber o que dizer e, o que é pior, pelo menos por duas vezes ela havia corado; pelo fato de que o hábito que ele tinha de fitá-la insistentemente enquanto falava tirava toda a atenção dela do assunto; pelo fato de que durante as últimas noites no cómodo indevidamente batizado de quarto italiano (a não ser que o nome fosse uma homenagem a Veneza, pensava ela, analisando a mais recente mancha de umidade) tinha sido o rosto de Thom, e não o de Justin, que ela se pegara imaginando.

Será que ele era assim tão atraente? Ou será que os vendavais da vida e as ondas de dor e sofrimento haviam lançado novas linhas em seu semblante?

(Maggie muitas vezes comentava que Kate tinha uma atração pouco saudável por homens que chamava de "mágoas ambulantes".) Será que ele era tão bom assim em ouvir o que ela dizia? Olhar para ela com tanto interesse? Ela não sabia responder. O

Thom que ela conhecera aos dezenove anos tinha sido uma figura diferente, menos confiante em si mesmo. E a Kate que ela fora, por sua vez, era muito mais autoconfiante, determinada e impulsiva, e tinha certeza das coisas maiores e melhores que estavam à espera dela, na vida.

Sua tola, ela dissera a s i mesma, uma tarde, enquanto estava deitada n a cama como uma adolescente, analisando essas questões. Você é completamente incapaz de se ver em parte alguma sem imaginar algum tipo de flerte. Foi exatamente isso que lhe trouxe tantos problemas, da última vez. E é exatamente por isso que Maggie vive criticando você.

Assim, Kate resolvera evitar Thom, procurara algo para fazer no quarto, envolvendo-se com trabalhos e artigos interrompidos que ela trouxera consigo, pegara o carro da mãe emprestado para visitar alguns lugares aprazíveis das redondezas e, o mais importante, evitara a casa de verão fechada, os campos baixos da parte de trás da propriedade, o estábulo, enfim, qualquer lugar em que houvesse a mínima possibilidade de dar com ele.

Ele, a princípio, pareceu não notar isso. Então, certa manhã, quando ela estava tentando chegar de modo sorrateiro até o carro, ele se materializou ao seu lado, fazendo-a dar um pulo de susto, e perguntou: — Você anda me evitando, Kate?

Ela negou, gaguejando, é claro que não estava fazendo isso, andava muito ocupada, tinha que dar um pulo na cidade, e havia uma quantidade imensa de trabalho para fazer. Ele simplesmente balançara a cabeça, levantando uma sobrancelha com ar suspeito, e ela percebeu que ele sabia. E decidiu, ainda com mais determinação, que continuaria longe dele. Longe de problemas.

Mas acabou respondendo que sim quando ele a convidou para jantar fora.

A porta da casa de Annie estava destrancada, como sempre, mas Joy bateu duas vezes, mesmo assim, com jeito cansado, antes de tentar entrar. Ela não estava certa, diante dos mais recentes acontecimentos, sobre o que ia encontrar ali. Quando não obteve resposta, abriu a porta e entrou, parando por um momento no portal para dar aos seus olhos algum tempo para se acostumarem com a escuridão. A sala de estar parecia abandonada, como se um ciclone tivesse acabado de circular por ela, espalhando livros e papéis sobre todas as superfícies disponíveis, à sua passagem. As cortinas, que não estavam abertas, envolviam a sala em penumbra, e as finas frestas de luz que penetravam pela abertura entre elas faziam rebrilhar as partículas de poeira que haviam se agitado com a chegada de Joy. Tudo aquilo lhe pareceu a cena de algum crime importante, os objetos repousando silenciosamente sobre seus turbulentos segredos.

— Annie? — chamou ela, apertando contra o peito a vasilha de biscoitos que trouxera.

Joy não costumava se aventurar muito pela aldeia naqueles dias, pois havia muito a fazer em casa, especialmente agora que Sabine a estava ajudando a colocar toda a velha papelada em ordem. O mais importante, no entanto, é que ela achava que seria uma tentação para o destino, se resolvesse ir muito longe de casa. Deixara a neta com Edward, remexendo nos velhos presentinhos que ele costumava trazer para a mulher sempre que voltava de viagem. Edward parecia gostar do tempo que passava em companhia de Sabine. A jovem se ajeitava dentro de casa, com ele; Joy cuidava de tudo do lado de fora; assim, as coisas eram muito mais simples de enfrentar.

— Annie, você está aí? — repetiu.

Ouviu um ruído que vinha da direção da cozinha.

— Annie?

— Olá! -veio uma voz masculina. Uma cabeça apareceu na porta. Era um homem com feições bem delineadas, um cabelo cortado bem curto e um ar profissional, com pouco mais de quarenta anos. — Eu não encontrei ninguém — disse ele, desculpando-se —, então resolvi me servir do café da manhã. Espero que esteja tudo bem.

Oh — disse Joy —, claro que está bem. O senhor é um hóspede, então?

Sim. Meu nome é Anthony Fleming — respondeu, estendendo a mão.

Estava usando um casaco colante e o short mais curto e apertado que Joy jamais vira. Exibindo cores berrantes e confeccionado em algum tipo de náilon brilhante, ele se moldava completamente ao corpo do homem, fazendo sobressair alguns de seus atributos anatómicos de uma forma tão acentuada que, se Joy fosse o tipo de mulher que fica corada por qualquer coisa, teria exibido uma explosão de tons vermelhos e arroxeados em seu rosto. Em vez disso, porém, ela piscou com força e desviou o olhar.

— Joy Ballantine — apresentou-se ela, retribuindo o cumprimento e apertando a mão da forma mais natural possível. -Moro do outro lado da estrada. Annie está por aqui?

— Não a vejo desde ontem à noite — respondeu o homem, voltando a atenção para uma tigela de cereais que segurava. — Ela me recebeu e encontrou um local para guardar a minha bicicleta. Eu estou rodando por toda a Irlanda. Agora de manhã, não havia sinal dela. Para ser sincero, fiquei até chateado com a situação. Já estou pedalando pelo país há muito tempo, e flocos de milho com um restinho de leite não é exatamente a minha ideia de "acomodação com café da manhã".

— Oh — disse Joy, sem saber o que poderia oferecer ao homem, em uma casa que não era sua.

— Acho que não vou poder ajudá-lo, com relação a isso.

Houve um silêncio curto.

— Annie... — continuou ela, lentamente. — Annie não tem tido muita sorte nos últimos tempos, anda com alguns problemas. Normalmente, ela é um pouco mais organizada. — Joy sentiu o quanto suas palavras eram inadequadas diante do caos e da sujeira que havia em volta, por toda a casa.

— Pode ser — retrucou Anthony Fleming, passando uma água em sua tigela, embaixo da torneira e depois ajustando seus sapatos de ciclista —, só que não posso dizer que estou louco para voltar a esta casa. Isto aqui não é a minha ideia de hospitalidade irlandesa. Não se parece nem um pouco com o último lugar onde passei a noite, em Enniscorthy. Chama-se O Cavalo Branco.

Ou será que é O Castelo Branco? Agora, não me lembro direito. A senhora conhece o lugar?

Joy não conhecia. O homem, porém, aparentemente satisfeito por ter conseguido expressar a sua insatisfação para alguém, recolheu a bicicleta em um dos abrigos do lado de fora da casa e partiu, depois de ter deixado com Joy, de forma educada, o valor total do pernoite.

Depois de observá-lo enquanto ele ia pedalando pela estrada abaixo, Joy se virou, foi em direção à cozinha e inspecionou o lugar pela primeira vez desde que chegara, com um olhar mais crítico. Não era uma visão bonita: muitos pratos estavam empilhados dentro da pia, semi-submersos em água malcheirosa e engordurada; um pedaço de pão bolorento comido pela metade e atirado sobre uma bandeja de plástico; uma quantidade imensa de embalagens de papelão, resquícios de pratos prontos e congelados que formavam torres instáveis com vários andares cada uma, enfileiradas nas poucas superfícies d a cozinha que não estavam emporcalhadas com papéis de alumínio de barras de chocolate comidas, migalhas velhas o u caixas de leite abertas e vencidas, como se fossem indicadores orgânicos de uma vida em desintegração.

Não era uma grande surpresa. A senhora H lhe confidenciara, sentindo-se infeliz, que o marido de Annie finalmente se cansara de ter uma esposa que não parecia sequer reparar que ele estava em casa, s e fartara de uma companheira que não queria compartilhar coisa alguma com ele, nem conversar nem mesmo brigar com ele, e que Patrick resolvera abandonar a mulher.

— Ele é um homem bom — a senhora H dissera para Joy, que ficou em pé diante dela sentindo-se pouco à vontade com as confidências inesperadas da empregada. — Não posso culpá-lo por ter ido embora. Ultimamente, Annie fazia coisas capazes de levar um santo ao desespero, zanzando pela casa de um lado para o outro como se estivesse em outro mundo. Ela não queria conversar sobre Niamh, nem admitia que era isso que estava causando todo o problema. Também não se abria com o marido. Muitas vezes, ela não falava nem mesmo comigo.

Foi o desabafo da senhora H, tão pouco comum nela, que levou Joy a fazer aquela visita: Annie tinha piorado tanto na última semana, explicou a senhora H, que não deixava nem a mãe entrar para vê-la. Assim, quando Joy sugeriu que poderia dar um pulinho lá para levar uma latinha de biscoitos, a senhora H aceitara o oferecimento, com gratidão.

— Ela não espera que a senhora vá visitá-la — disse ela. — Provavelmente, vai lhe abrir a porta.

Mas o que poderia eu dizer para ela?, pensou Joy naquele instante, olhando em torno. Ela não queria interferir, aquilo não era d o seu feitio. Achava que a s pessoas geralmente deveriam ser deixadas sozinhas para chegar a um termo com os próprios problemas, se era isso o que elas queriam.

Só que aquilo que via ali...

— Annie? — chamou ela, saindo pela porta dos fundos e indo para o jardim de trás.

A horta, da qual no passado Annie se orgulhara tanto, pela qualidade das verduras que cultivava, agora parecia árida e infértil. O mato tomara conta de todo o espaço, transbordando para os lados, enquanto alguns ramos ressecados, remanescentes dos dias de verão, serpenteavam tristemente sobre a terra.

Joy entrou de novo na casa, fechando a porta atrás de si. A despensa, que antes vivia bem abastecida, cheia de rolos de papel higiénico, de papel absorvente para cozinha e sacos de batatas, estava, agora, fria e quase vazia. A sala de jantar exibia uma camada de poeira sobre as superfícies.

— Annie? — ela chamou, olhando para o andar de cima. — Você está em casa?

O quarto de Niamh foi o último no qual Joy entrou. Qualquer pessoa que conhecesse Annie se sentia pouco à vontade para entrar naquele cómodo, não por alimentar algum tipo de superstição sobre a menininha que um dia vivera ali, mas por conhecer o profundo pesar e a fragilidade de Annie. Alguém que perdera a filha, dizia a antiga sabedoria da aldeia, deveria ser deixada em paz para prantear sua dor do jeito que escolhesse; o terror de um fato como aquele era tão inimaginável que, diferente de outros eventos da vida como casamentos, batizados e maridos que sumiam, ninguém se sentia qualificado para sugerir um modo certo ou errado para lidar com aquilo.

— Annie? — repetiu.

Annie estava sentada sobre a cama da criança, que tinha sido arrumada com todo o cuidado. De costas para a porta do quarto, segurava uma boneca de plástico na mão direita.

Não se virou de imediato quando Joy chamou-a pelo nome e, em vez disso, continuou a olhar para o lado de fora da janela, para os campos marrons abaixo, como se não tivesse escutado.

Joy ficou parada na porta do quarto, absorvendo a visão dos brinquedos, as cortinas de cores brilhantes, os quadros emoldurados nas paredes, sem saber se deveria entrar. Já se sentia uma intrusa.

— Annie, você está bem? — perguntou, hesitante.

A cabeça de Annie s e virou quase imperceptivelmente para a direita, como se estivesse examinando a boneca. Levantou o brinquedo bem devagar e passou o dedo sobre o rostinho de plástico.

— Eu vivo querendo fazer uma limpeza por aqui — disse ela. Está tudo um pouco bagunçado. — Virou a cabeça para poder olhar para Joy, dando um sorriso estranho e lúgubre. — Trabalho de casa é assim mesmo, não é? Vive querendo fugir da gente.

Annie parecia pálida e cansada, com os cabelos escorridos dos lados do rosto, e cada movimento que fazia era lento e preciso, como se o simples ato de se movimentar a deixasse exausta. Estava sentada de forma estranha, engolfada na quantidade usual de roupas que usava em volta de si, parecendo decidida a desaparecer dentro delas, como em uma tentativa patética de se remover do mundo que a rodeava. Joy, que praticamente não a vira mais desde o dia da briga com Sabine, meditou, com o coração apertado, em como era possível que o luto e a dor tivessem transformado a jovem mãe cheia de vida de três anos antes naquele autómato que parecia estar sob o efeito de alguma droga. Isso a fez se lembrar de Edward, mas ela afastou o pensamento da cabeça, na mesma hora.

— Eu... eu lhe trouxe alguns biscoitos, Annie.

Aquilo soou tão ridículo. Mas Annie não pareceu nem um pouco surpresa.

Biscoitos amanteigados, para mim? Que gentil. Eu não sabia como você estava.

Não temos nos visto muito, ultimamente.

Houve uma longa pausa, durante a qual Annie examinou o rosto da boneca com todo o cuidado, como se procurasse por algum dano.

— Estava me perguntando se você estava precisando de uma mãozinha para fazer alguma coisa — voltou Joy. — Algumas compras, talvez. Ou, quem sabe... — Joy não queria falar "limpeza", por causa das implicações -... um pouco de companhia. Sabine sempre adorou vir até aqui para visitá-la. Talvez eu possa pedir que ela venha aqui, mais tarde. Lembrou-se do dinheiro que trazia na mão. — Ah, e o senhor Fleming, seu hóspede, deixou este pagamento para você. — Estendeu a mão e então, como não obteve reação, deu um passo à frente e o colocou sobre a penteadeira.

— Como vai o senhor Ballantyne? — perguntou Annie, subitamente.

— Ele vai bem, obrigada. — Joy respirou fundo. — Um pouco melhor.

— Isso é ótimo. — E recolocou a boneca com todo o cuidado sobre a cama, voltando a olhar para a janela.

Joy não tinha certeza se estava sendo dispensada. Finalmente, deu alguns passos e colocou a latinha de biscoitos em cima da cama. Os pensamentos da pobre moça estavam longe. Não havia mais nada que Joy pudesse fazer. Resolveu dizer à senhora H que Annie realmente precisava de ajuda, talvez até mesmo ser levada para a casa dos pais por algum tempo. Talvez ela devesse... Como era mesmo que se fazia hoje em dia?... procurar ajuda de um psicólogo.

Bem devagar, sentindo os passos serem abafados pelo tapete grosso, Joy se virou para sair do quarto.

— Patrick me abandonou, a senhora sabia? — veio a voz.

Joy se virou novamente para Annie, que continuava olhando para a janela. Era impossível ver a expressão do seu rosto.

— Achei que deveria contar para a senhora — completou.

Havia dois casais saindo de Kilcarrion para um encontro, naquele sábado à noite, embora, nos dois casos, eles tivessem todo o trabalho para não fazer parecer que aquilo era "um encontro". Sabine resolvera aceitar o convite de Bobby McAndrew para ir ao cinema, e até ajudara a escolher o filme, no jornal, e então passou os dias seguintes preocupada com a possibilidade de ele querer se sentar com ela na última fileira para tentar enfiar a mão por dentro de sua blusa. Ela estava indecisa, e achou que talvez fosse melhor desmarcar tudo.

— Vou usar o meu suéter preto, aquele com gola rulê, para que ele não fique com ideias — Sabine dissera para o avô. — E vou de jeans, para não parecer que sou oferecida.

Os olhos do avô se voltaram para ela. Por trás dele os aparelhos, cheios de visores de plástico, emitiam um bipe regular.

— Não fique olhando para mim desse jeito — disse ela, ralhando com ele. — Hoje em dia, é assim que as pessoas se vestem para sair. Vocês é que usavam, antigamente, ternos e roupas elegantes para dar uma saída.

Seu avô olhara para o outro lado, novamente. Sabine sorriu e colocou a mão dele de volta em cima da colcha.

— Além do mais — continuou —, para o caso de ele ter mãos ágeis, quero parecer a mais horrorosa que conseguir.

Só que Bobby McAndrew não parecia ser muito abusado. Chegou vestindo calças verde-escuras, botas marrons de sola grossa e um suéter de lã preta, também de gola rulê, o que a fez ficar com vontade de rir. Talvez ele também estivesse com medo de que ela pudesse atacá-lo. E ele chegou dirigindo o próprio carro, o que causou uma boa impressão em Sabine; era um carro muito pequeno, um Vauxhall, mas tinha uma cor bonita. E Sabine, que jamais saíra com alguém que tivesse carro (ela nem tivera tantos encontros, para falar a verdade), gostou da sensação de maturidade que sair com um namorado motorizado lhe proporcionou. Também apreciou o jeito cavalheiresco com que Bobby a lembrou de prender o cinto de segurança (quando a sua mãe lhe lembrava a mesma coisa, estava sendo chata). Ela se inclinou para o painel, ligou o som e a voz de uma famosa cantora encheu o ar do carro, gorjeando histórias de amores perdidos e noites insones. Ao ouvir a canção, Sabine percebeu, com surpresa, que

já fazia mais de um mês que não ouvia uma canção pop. A voz da cantora, uma das que ela gostava mais, lhe pareceu quase estranha; talvez um pouco auto-indulgente e piegas. Inclinando-se novamente, desligou o rádio.

— Você não gosta de música? — perguntou Bobby, olhando para ela. Ele estava cheirando a loção após barba. Não era tão terrível.

— Não estou muito no clima para música — respondeu, e ficou olhando quieta para fora da janela, satisfeita com o efeito da frase.

A sessão começou bem cedo, o filme foi engraçado o suficiente para fazê-la rir sem pensar muito, e Bobby não a deixou sem graça tentando segurar a sua mão no escuro (ela passou quase metade do filme sentada na beira da poltrona, pronta para reagir), e quando ele perguntou se ela gostava de pizza, Sabine respondeu que sim. Ninguém lhe dissera a que horas devia voltar para casa e, em Kilcarrion, uma oportunidade como essa era para ser aproveitada. E se viu forçada a admitir para si mesma que não se importava de passar algum tempo a mais com Bobby. Era bom, depois de tanto tempo, bater papo com alguém da mesma idade que ela. Embora já tivesse se esquecido do quanto os garotos dessa idade conseguiam ser irritantes.

— Você é vegetariana, não é? — perguntou Bobby, olhando-a por cima do menu enquanto Sabine escolhia a sua pizza.

— Sou. Por quê?

— E você caça?

Ela suspirou. Olhou em volta do restaurante barulhento. A garçonete olhou para Sabine como se ela fosse jovem demais para estar ali.

— Só fui caçar aquela vez, para ver como é que era. E nós não pegamos nada, não foi?

— E você usa sapatos de couro? — Abaixou a cabeça, como se estivesse se preparando para olhar embaixo da mesa.

— Uso, uso sim. Até eles conseguirem fazer sapatos de borracha que sejam decentes, não tenho muita escolha.

— E você masca chicletes? Sabia que eles são feitos com pedaços de vaca? E a parte gelatinosa delas.

Sabine fez uma careta, torcendo para Bobby mudar de assunto. Ele vinha fazendo aquilo sem parar, desde o fim do filme; aquela conversa do tipo confronto, brincando e tentando ganhar pontos dela. No início, a brincadeira a fizera rir, mas agora estava começando a ficar chato.

— Quer parar com isso? — pediu ela com um sorriso, para retirar o tom penetrante de suas palavras.

— Parar com o quê?

— Eu simplesmente não como carne. Não quero fazer um cavalo de batalha por causa disso.

— Tem razão.

Ele olhou para ela por baixo das pestanas, mostrando um pequeno ar de constrangimento no rosto. Atrás dele, a garçonete, de sapatos muito altos e excesso de maquiagem, pousou um copo de Coca-Cola com muita força sobre a mesa.

— Então, como vai o seu avô? Ouvi dizer que ele está nas últimas.

— Ele está bem. — Sabine se colocou na defensiva, estranhando a pergunta. — E por que é que você está tão interessado assim na minha família, afinal?

— Já lhe disse, garota de Londres. Aqui, nós gostamos de saber tudo a respeito da vida dos outros.

— Sei. São xeretas.

— Não, apenas eficientes recolhedores de informações alheias. Conhecimento é poder, como você sabe.

— Acho preferível ter dinheiro.

Ele passou o dedo pela borda do prato.

— Para falar a verdade, só perguntei porque queria saber quando é que você vai voltar para a Inglaterra.

Sabine parou de repente, com o garfo a meio caminho da boca.

— Bem — continuou ele. — Pela ordem natural das coisas, se veio até aqui para ajudar a cuidar dele e ele... bem... ouvi dizer que você vai logo embora.

E por que você se importaria?, Sabine ficou com vontade de lhe perguntar. Mas ia parecer muito petulante.

Ele não está morrendo, se é isso que você está insinuando explicou ela.

Ora, então você vai ficar aqui por mais algum tempo. Quer dizer, sua mãe não vai arrastá-la de volta para casa, com ela.

— Minha mãe não decide nada sobre o que eu faço — disse Sabina com ar atrevido, espetando um pedaço de champignon com o garfo. Se eu quisesse, poderia ficar morando aqui para sempre.

— Você não sente muita falta de Londres, então? Sabine pensou por um instante.

— Na verdade — disse, por fim —, a não ser por uma ou duas amigas, não sinto falta, não nem um pouco.

A partir daí a conversa ficou mais descontraída. O jeito de Bobby provocá-la com perguntas, criando um duelo, se abrandou, e conversar com ele se tornou mais parecido com o papo que ela batia com os amigos. De vez em quando ele ainda implicava com ela, fazia umas imitações estranhas com a voz e era um pouco o que a senhora H chamava de "muito agitado", mas olhava para ela com um jeito carinhoso, e Sabine decidiu, enquanto voltavam para casa, que se ele tentasse enfiar a língua dentro da sua boca na hora do beijo ela, provavelmente, não ia bater nele, nem algo assim. Pelo menos, não com muita força.

— E então, onde está os e u pai? — perguntou ele. O s dois estavam cantando juntos, acompanhando uma das músicas da fita, que acabara de mudar de lado.

— Meu pai de verdade? Eu não sei dele.

— Como? Não sabe aonde ele anda?

— Não.

— A sua mãe e ele tiveram alguma briga séria?

— Na verdade, não. — Sabine escreveu suas iniciais com a ponta do dedo, sobre o vidro embaçado da janela. — Acho que eles não ficaram muito tempo juntos, depois que eu nasci. E acho também que ele não estava muito a fim de ser um pai, e minha mãe não o queria mesmo por perto, de qualquer modo. Além d o mais, ela queria morar na Inglaterra. — Essa era a versão oficial da história, a versão que sua mãe lhe contara no início da adolescência, quando Sabine ficara, por um breve período, fascinada e interessada por suas origens.

— E você não se importa? — Bobby parecia incrédulo.

— Por que deveria? Nem mesmo o conheci. Se ele é uma pessoa que não estava interessado sequer em ser meu pai, não era eu que ia ficar correndo atrás dele, não é?

— Você sabe quem ele é?

— Não sei o seu nome. Minha mãe deve ter dito, uma vez, mas esqueci. Acho que ele era um artista.

Sabine não estava sendo vaga: a questão de sua paternidade não era, realmente, de seu interesse. Em Londres havia um monte de pessoas da idade dela que não tinham contato algum com o pai verdadeiro. As únicas vezes em que isso a incomodou foi quando ainda era bem pequena, e ficava se perguntando por que motivo sua família não era como a que havia nos livros. Ela pensara nele algumas vezes, desde que chegara à Irlanda; isso era inevitável, pois ela sabia que ele devia morar por ali. Mas era exatamente como dissera. Sabine era muito orgulhosa para correr atrás de alguém que jamais demonstrara interesse por ela. Além do mais, sabia que esses encontros com pais sumidos nem sempre funcionavam: ela já vira muitos casos assim, em programas de entrevistas.

Mas não contou a Bobby o resto da história. A parte que sua mãe lhe confidenciara certa vez, quando estava um pouco "alta"; que eles dois tinham estado juntos no tempo em que ela era modelo dele. O único outro rapaz para quem ela confiara essa informação tinha sido muito desagradável, e começou a falar que talvez a mãe posasse para ele sem roupa, e que talvez ela fosse meio "oferecida". Sabine acreditava que Bobby não ia falar uma coisa dessas, mas não o conhecia o suficiente para ter certeza.

Bobby ficou calado por um instante, olhando pelo espelho retrovisor enquanto ligava a seta e tomava a pista que levava a Ballymalnaugh. De acordo com o relógio no painel do carro, eram quase quinze para as onze. Sabine estava torcendo para ninguém soltar piadinhas a respeito disso quando ela entrasse em casa.

— Os pais são meio chatos, mesmo — disse ele, olhando direto para a frente. — Provavelmente você está melhor, sem um por perto. O meu está sempre pegando no meu pé,

por qualquer motivo. Gosta de criar um caso, entende?

Sabine balançou a cabeça, como se entendesse. Sabia que ele estava sendo gentil por sentir pena dela. Mas não se importava.

O outro encontro não estava correndo assim tão bem. Na verdade, nem tinha acontecido. Depois de ficar em pé diante do espelho do quarto por quase uma hora, Kate decidiu que não ia jantar fora com Thom. Para início de conversa, havia Christopher: ele estava para chegar e, no instante em que descobrisse os planos da irmã para aquela noite, ia começar a distribuir seus comentários sarcásticos e a recitar sem papas na língua, para Julia, a lengalenga de que isso não era de estranhar. Havia também a sua mãe que, quando descobrisse que a filha estava saindo com um "empregado", como ela sem dúvida veria o fato, isso apenas ia transformar o relacionamento entre elas, que era frio, em gélido. Ela já não gostava daquilo no passado, quando Kate andou saindo, ainda adolescente, com Thom; era pouco provável que fosse aceitar isso agora. Além do mais, não era a coisa certa a se fazer, sair para encontros com homens quando o pai estava, pelo visto, à beira da morte. Ela devia ficar o tempo todo sentada à beira da cama, aparentando sofrimento. Só que isso ia deslocar Sabine, que já passava a maior parte do tempo lá em cima com o avô e parecia irritada sempre que a mãe se oferecia para ajudar.

E Kate tinha que admitir para si mesma que estava secretamente aliviada por ninguém cobrar dela mais tempo em companhia do pai; os dois mal haviam se falado desde que ela saíra de casa, e ele deixara bem claro que aquela não era uma situação que pudesse mudar.

Mas não era apenas pelo fato de esse encontro ser tão inapropriado, de tantas maneiras. Mais importante do que isso, ele ia apenas reafirmar a pior crença que tinha a respeito de si própria: a de que era incapaz de funcionar sem um homem, parecia sempre buscar o que não era adequado, e se permitia ser largada e desorientada, como se sua vida fosse feita dos destroços de um naufrágio no turbulento mar do romance. Já está na hora de eu tomar as rédeas da minha vida, Kate ralhou consigo mesma enquanto olhava para sua pele, que começava a ressecar por causa do frio. Já está na hora de eu aprender a viver por conta própria. Colocar a minha filha em primeiro lugar. Ser uma mulher adulta e responsável, o que quer que isso signifique.

O que Maggie faria?, questionou-se ela (uma pergunta que frequentemente fazia a si própria, e que também a levara a terminar prematuramente o relacionamento com Justin — não que ele tivesse ficado devastado por isso). Maggie teria cancelado o encontro, concluiu ela, recusando-se a reconhecer a pequena fisgada de desapontamento que o veredicto da Maggie virtual provocava nela. Maggie teria, definitivamente, cancelado o encontro. Na verdade, era impossível alguém analisar a situação e não ver que Maggie iria acabar cancelando o encontro. Kate sabia, e tentaria fazer isso também. Respirando fundo, colocou mais um suéter por cima da cabeça e foi até a cocheira à procura de Thom.

— Eu não posso ir. — A frase saiu um pouco mais inexpressiva do que ela planejara.

Thom estava amarrando um fardo de feno em um dos estábulos, sob a luz fraca de uma lâmpada que piscava de vez em quando. Atrás dele, o imenso cavalo cinza que ela vira no

bosque no dia da chuva balançava o focinho, que parecia de borracha, em busca de restos de comida dentro de um balde.

Thom nem se virou.

— Não pode ir por quê?

— Porque... é meio difícil de explicar, Thom. Tenho que tomar conta de Sabine.

— Sabine saiu. Foi a um encontro.

Ele acabou de dar um nó no fardo de feno, enrolou a ponta da corda duas vezes e então, dando um tapa afetuoso na anca do cavalo, saiu do estábulo, fechando a porta com os dois trincos, atrás de si. O pátio, que já estava escuro e quase deserto, fazia com que seus passos ecoassem.

Kate continuava parada, com a boca ligeiramente aberta.

Você não sabia, Kate? Ela saiu com um dos irmãos McAndrew.

Ele é um bom rapaz, você não precisa se preocupar.

Mágoa, fúria e humilhação se lançaram uns contra os outros dentro de Kate como se um desastre de carro estivesse acontecendo em seu peito esmagando toda a sua confiança e autocontrole. Sabine nem ao menos mencionara esse rapaz para ela e, no entanto, pelo jeito a casa inteira sabia que ela ia sair com ele. Como é que isso a fazia parecer, sendo mãe e acabando por ser também a última a descobrir? O que será que Kate fizera contra Sabine para que ela quisesse magoá-la tanto?

Ela "perdera a cara", como Maggie costumava dizer. Isso era muito importante na cultura asiática. E Sabine se assegurara de que a mãe não ficaria com cara nenhuma para colocar no lugar.

Pior, ela fizera a mãe passar por mentirosa.

Thom seguiu para o estábulo seguinte de forma que, apesar de estar totalmente sem graça, Kate foi forçada a segui-lo. Ele abriu a porta, deu uma olhada lá dentro e retirou um balde de água ainda com líquido pela metade.

— Então, qual é o outro motivo de você não poder ir? — perguntou ele, usando o braço bom para despejar o resto da água no ralo.

Kate olhou para ele, tentando descobrir se havia algum tom de zanga em sua voz.

Não lhe pareceu que houvesse.

— É que tudo é muito complicado — explicou, falando depressa. Thom pegou o balde com a mão boa e o colocou de volta dentro do estábulo, fechando a porta atrás dele. Então, parou por um instante e se encostou no revestimento de metal que servia de reforço para a porta.

— É complicado por quê...?

Seus olhos tinham um aspecto brando, dando a entender que ele estava se divertindo com aquilo. Seu cabelo curto estava todo polvilhado por pó e partículas de feno, como a pele de um animal. Confinadas nos bolsos, as mãos de Kate estavam coçando de tanta vontade de

limpar o cabelo dele. Não me faça agir desse modo, Kate suplicou em silêncio. Não me faça começar a desfiar os motivos.

— Thom...

— Olhe, Kate. Não tem nada de mais. Vamos apenas sair para comer alguma coisa.

Você me pareceu estar farta de tudo, e eu sei que a sua família não é nada fácil. Estava apenas pensando em lhe dar alguns momentos de folga. Mas não se preocupe, está tudo bem. — Foi caminhando até o estábulo seguinte, deixando-a para trás, sozinha no pátio.

— Talvez em alguma outra hora, hein? — gritou ele, por cima dos ombros, de forma alegre.

Kate continuou em pé, sufocada por um sentimento de estupidez. Ela interpretara errado: ele estava apenas lhe oferecendo a chance de passar algumas horas descontraídas longe da família. Era como o seu irmão dissera, por que será que ela sempre achava que o mundo girava à sua volta? Ela trocou o peso do corpo de uma perna para a outra, sentindo que seus dedos estavam ficando dormentes, mas sem querer voltar para casa.

Vá em frente, uma voz interior a empurrou.

Não ouse, disse a Maggie virtual.

— Thom?

— Oi. — Ele estava no compartimento dos arreios agora e colocou a cabeça para fora quando ela foi se aproximando. Estava com o rosto sem expressão, mas com ar amigável.

— Acho que posso tomar um ou dois drinques.

Ele fez uma pausa e, mais uma vez, ela sentiu aquela sensação de desorientação quando o olhar dele pousou em seu rosto.

— Tudo bem — disse ele.

— Então você topa? Podemos apenas tomar um drinque?

— Certo. Podemos nos encontrar lá no Black Hen. Você se lembra de onde fica? — ele começou a rir para ela. Aquele era o único pub da aldeia. — Nos encontramos lá por volta das... — olhou para o relógio —, sete e meia. A gente se vê, Kate.

Kate foi caminhando pela estrada escura e m direção a o pub, brincando com os óculos que estavam no bolso, colocando-os sobre o nariz para logo em seguida retirá-los rapidamente e coloca-los de volta no bolso. Era uma repetição menos estática do seu desempenho de uma hora antes, quando ela se sentara diante da penteadeira, tentando domar o cabelo revolto, alternadamente colocando e retirando a maquiagem e Se perguntando se, de uma forma imensamente sutil, ele não passara a perna nela. Thom lhe pareceu aceitar de uma forma genuína o que ela quisesse, tanto fazia se eles iam sair ou não, o que significava que não era assim, exatamente, um encontro. Só que, mesmo assim, aquilo não lhe parecia muito certo: uma mãe recém-separada que voltara para a casa da família para visitar o pai em seu leito de morte sai com homem bonitão menos de dez dias depois de chegar. Todos iam imaginar que se tratava de um encontro.

E mesmo que ela soubesse que não era, não gostava da ideia de ter de sair usando aqueles óculos que a deixavam horrível.

Não vou colocá-los, ela decidiu. Mesmo não sendo um encontro, não havia motivo para que ela não parecesse atraente. Depois do fracasso com Justin, a sua auto-estima precisava de todo o apoio que conseguisse. Vou colocá-los, pensou ela, a os e ver caminhando às cegas em direção a um arbusto. Não vou colocá-los, resolveu, ao chegar no Black Hen. E empurrou o lado errado da porta por alguns instantes, tentando entrar, até que alguém que estava saindo abriu a porta pelo lado de dentro.

Por ter a visão tão fraca, a audição de Kate era bem desenvolvida, e ela sentiu uma sutil, porém distinta, diminuição no burburinho e nas conversas no instante em que entrou na atmosfera abafada do pub. Outra das vantagens de não conseguir enxergar direito é que isso a deixava totalmente alheia ao que os outros pudessem pensar. Sem poder analisar as expressões de interesse que surgiam em volta dela, e que muitas vezes culminavam no reconhecimento do seu rosto, Kate movimentou-se com mais confiança pelo b a r enfumaçado e apertado do que a maioria d a s mulheres quando entram desacompanhadas em um local como aquele (e no Black Hen não havia muita competição nessa área).

Havia desvantagens no entanto, especialmente o fato de que a pessoa que entrava sob essas condições costumava tropeçar em degraus inesperados, esbarrar nos clientes que vinham trazendo do balcão novas rodadas de drinques precariamente equilibrados, e era quase impossível localizar, sob a fraca luminosidade, a pessoa a ser encontrada. Ela ficou diante do terrível dilema de aceitar a derrota, colocar os óculos e admitir publicamente a sua vaidade ou seguir em frente apesar de tudo, apertando os olhos para ver melhor enquanto tentava divisar o contorno das mesas e das pessoas.

— Desculpe — disse ela, apertando o cotovelo de um homem que acabara de empurrar, entornando quase toda a bebida dele no chão. Por favor, deixe-me pegar outra cerveja para o senhor.

— Não, pode deixar que eu pego — disse uma voz, e através da luz precária e da névoa provocada pelos cigarros, Kate conseguiu reconhecer, com alegria, o contorno do rosto de Thom. — Eu estou bem aqui — continuou ele, levando-a pelas mesas até o lugar onde estava instalado. — Sente-se, que eu vou pegar um drinque para você.

Kate tentava decidir se devia pegar os óculos no bolso ou não. Naquele ambiente escuro, a dificuldade para ver o que estava à sua volta era muito maior. Os óculos, porém, eram horrorosos. Ela ainda se lembrava da expressão de escárnio no rosto de Sabine, quando ela vira a mãe usando os.

Thom colocou um cálice de vinho branco sobre a mesa, diante dela, dizendo: — Não posso garantir a qualidade desse vinho. — E levou o suco de laranja que tomava aos lábios. — Era a única garrafa que eles tinham, e com tampa de rosca, em vez de rolha. Se estiver com gosto de vinagre, volto lá e troco por alguma outra coisa, — O que está bebendo, Thom?

— Isto? Suco de laranja.

Ela olhou para ele, com ar curioso.

— Na verdade, não bebo desde os dias em que corria. Descobri que sou uma daquelas pessoas que... Como é que se diz?... não podem beber um drinque sem acabar entornando dez.

— Pessoas com inclinação para a bebida.

— Algo desse tipo.

— Você não me parece uma pessoa assim — comentou ela. — É muito cuidadoso.

Kate mal conseguiu ver o sorriso que se formou no rosto dele.

Ah, Kate Ballantyne. Você diz isso porque não teve contato comigo por quase metade da minha vida.

O vinho estava mesmo com gosto de vinagre. O sabor forte a fez apertar os lábios e os olhos, como se estivesse mastigando raiz de ruibarbo. Ele riu e lhe trouxe um copo de cerveja Guinness. Ela provou e disse:

— O gosto d a bebida era para ser diferente, e m u m pub — Kate sentia uma necessidade irracional de manter a conversa em terreno neutro.

— Só que, como não costumo beber cerveja nem quando estou em casa, não dá para avaliar.

A mão dele estava pousada sobre a mesa, diante dela. Thom não ficava balançando as mãos o tempo todo, como Justin fazia, pegando o chaveiro e largando-o logo depois a fim de segurar o maço de cigarros, para em seguida ficar tamborilando com os dedos sem parar no tampo da mesa, em ritmos irregulares. A mão de Thom estava simplesmente ali, com dedos largos e compridos, escurecida e castigada pelo trabalho e pelo tempo. Kate se perguntou se ela era áspera, de tanto trabalhar ao ar livre o tempo todo, e lutou contra a vontade de tocá-la.

— E então, você já conseguiu resolver os problemas com Sabine? Kate sentiu a fisgada de dor familiar.

— Na verdade, não — respondeu. — Isto é, ela não fica mais tão zangada comigo como quando estava em Londres, mas age como se eu continuasse a ser uma pessoa irritante. E até mesmo um pouco desnecessária.

— Ela me parece mais feliz — disse ele.

— Mais feliz de que modo? — Kate levantou a cabeça.

— Mais feliz do que quando chegou aqui. — Thom notou que Kate se enrijeceu. — Eu não quis insinuar nada com isso, Kate.

— Desculpe. Eu é que estou um pouco sensível demais a respeito de tudo.

E tomou um gole da cerveja. O sabor lhe pareceu forte, com gosto de ferro.

— Eu já lhe disse, gosto de sua filha. Ela é fantástica.

— E ela também gosta de você. Acho que fala mais sobre a vida dela com você do que comigo.

— E você está com pena de si mesma, por isso?

Ela sorriu, e se sentiu relaxar pela primeira vez, desde que chegara. Seus ombros, ela notava agora, haviam se levantado e pareciam estar encostados nas orelhas, de tanta tensão.

— Devo estar só com ciúmes, Thom. De você. Da minha mãe. De qualquer pessoa que consiga fazer com que Sabine se sinta descontraída e feliz. Isso é algo que eu, pelo jeito, não consigo.

— Ela é só uma adolescente. Vai acabar se chegando a você.

Os dois continuaram ali sentados em silêncio, absortos em pensamentos que voavam acima do suave clamor das pessoas à sua volta.

— Ela se parece com você — disse ele.

Kate olhou para Thom, desejando poder ver melhor a expressão que ele tinha no rosto.

— Você é a Kate? Kate Ballantyne?

Ela s e virou e conseguiu divisar uma jovem que estava e m p é a o seu lado, inclinando-se ligeiramente a fim de cumprimentá-la.

— Eu sou Geraldine... Geraldine Leach. Costumávamos cavalgar juntas, lembra?

Kate conseguiu formar a vaga imagem de uma menina rechonchuda com tranças tão apertadas que deixavam marcas vermelhas acima das orelhas. Só lembrava disso.

Meio sem graça, não conseguia ver com nitidez o seu rosto, naquele momento.

— Olá... — disse, estendendo a mão. — Que bom revê-la.

— Eu também. Voltou de vez ou está apenas visitando os seus pais?

— Ahn, apenas visitando.

— Você vive em Londres, não é? Ah, eu adoraria morar em Londres. Minha casa fica em Roscarney, a uns sete quilómetros daqui. Passe lá, se tiver um tempinho.

— Obrigada. — Kate tentou parecer grata pelo convite, mas sem se comprometer a visitá-la.

— Minha casa é meio caótica. Tenho três filhos. E Ryan, o meu marido, que está sentado bem ali, é a maior criança do grupo. Mas você será muito bem recebida. Vai ser bom colocar o papo em dia. Não a vejo há mais de... quanto tempo? Deve ter uns vinte anos. Nossa, isso não a faz se sentir velha?

Kate sorriu, sem vontade de se imaginar tão velha assim.

— Você está com a mesma cara, sabia? E esse cabelo ruivo, tão lindo. Eu morria de inveja do seu cabelo quando era mais nova, sabia? Olhe só o meu cabelo, começando a ficar grisalho. Você tem filhos?

— Só uma — respondeu Kate, que estava notando o silêncio de Thom.

— Ah, que legal.

Geraldine não se mostrava disposta a ir embora.

— Eu adoraria ter uma filha. Sabe como se diz? Você só consegue ficar com um filho até ele se casar, mas uma filha você tem para a vida toda. Estou morrendo de inveja da sua filha. Se bem que os meus meninos vão ficar lá em casa até depois dos trinta anos, porque dou muita mordomia para eles. Culpa minha, eu sei. Nunca consegui agir diferente nem com o pai deles.

E se inclinou bem para perto dela, de modo que Kate conseguiu sentir o seu perfume.

— Meu marido é um pé no saco quando não consegue as coisas do jeito que gosta — continuou ela. — Sempre digo que ele já nasceu devagar-quase-parando, se você entende o que quero dizer.

Não é por acaso que ele acabou indo trabalhar no departamento de impostos do...

O sorriso de Kate estava congelado no rosto.

— Bem, não vou mais incomodar — disse Geraldine, olhando para Thom. — Vocês devem estar com um monte de assuntos para conversar. Venha até a minha casa. Fica na estrada Black Common, número quinze. Pode me telefonar também, meu nome está no catálogo. Vamos nos divertir à beça.

— Obrigada — disse Kate, enquanto Geraldine se preparava para sair. — É muita gentileza de sua parte. — E tomou um gole da cerveja bem devagar, tentando não olhar ao redor até o lugar para onde Geraldine Leach voltara, perto do bar.

— Posso ir embora, se você quiser — disse Thom, rindo.

— Não ouse fazer isso. — Kate levantou os olhos para ele. Ambos caíram na risada.

— Onde é que nós estávamos?

— Acho que estávamos conversando sobre Sabine. — Kate olhou para o copo em sua mão.

— Então, vamos falar de você, agora.

Havia algo no modo com que ele olhava para ela que a fazia se sentir transparente, pensou Kate.

— Não gostaria de falar de mim. No momento, não sou um assunto muito interessante.

Thom não disse nada.

— Sempre que começo a falar sobre a minha vida — continuou ela —, sinto como se estivesse repetindo o mesmo rosário de desastres. Fico com tédio só de pensar nisso.

— Você é feliz?

— Feliz? — Aquilo lhe pareceu uma coisa muito estranha de se perguntar. Pensou por um instante. — Algumas vezes, sim, acho que sim. Quando Sabine está feliz.

Quando me sinto como se... ah, sei lá. Quando é que as pessoas se sentem felizes? Você é feliz,

Thom?

— Sou mais feliz do que era antes. Creio que fico contente, por isso.

— Mesmo tendo voltado para cá?

— Especialmente por ter voltado para cá — ele sorriu para ela, novamente; dava para ela ver pelo branco de seus dentes, na penumbra.

— Acredite se quiser, Kate, mas este lugar foi a minha salvação.

— E a minha mãe foi o seu anjo da guarda. — Kate riu, de forma amarga.

— Sua mãe é uma pessoa legal. Vocês duas enxergam o mundo com olhos diferentes, apenas isso. — É fácil para você dizer isso — retrucou ela.

— Sabine conseguiu lidar com ela. E olhe que ela e a sua mãe estavam feito cão e gato, no princípio.

Havia tantas coisas que Kate não sabia a respeito da vida da filha que, às vezes, isso era difícil de suportar. Kate sentia falta daquela garotinha que voltava correndo da escola e se jogava e m seus braços, tropeçando nas palavras com a pressa de contar o que havia feito e quem tinha visto. Kate ainda podia sentir o peso dela em seu colo, ou encolhida debaixo de seu braço quando as duas se sentavam no sofá da sala assistindo aos programas infantis, conversando com empolgação sobre os acontecimentos do dia.

— Será que podemos parar de falar sobre a minha família? Pensei que você tinha me convidado para sair a fim de me alegrar. — Não deixe que elas estraguem este momento, pensou. Não deixe que elas se intrometam em todos os recantos da minha vida. Kate queria, compreendeu então, que Thom estivesse ali apenas para ela.

Ele levantou o copo, como se estivesse avaliando se deveria fazê-lo durar até que ela terminasse a cerveja.

— Tudo bem, então. Não podemos conversar sobre você. Não podemos falar sobre a sua família. Que tal religião? Isso é um assunto que sempre mantém o papo animado.

Ou então, que tal conversarmos sobre as coisas que mudaram em Ballymalnaugh desde que você foi embora? Isso vai manter o papo por... bem, alguns minutos.

Ela riu, agradecida por ele estar neutralizando o seu pesado estado de espírito.

Thom tinha um jeito de sempre fazer as coisas parecerem melhores.

— Kate?

Ela se virou no banco, e olhou para um homem de meia-idade que estava inclinado na direção dela, segurando um copo de cerveja.

— Stephen Spillane — disse ele. — Não sei s e você s e lembra de mim. Eu trabalhava na fazenda. Tudo bem com você, Thom?

— Tudo bem, Stevie.

Kate apertou os olhos, tentando reconhecer as feições dele no rosto grande e vermelho.

— Vi você lá de longe, do outro lado do bar, e disse para mim mesmo: "Ora, aquela parece a filha de Joy Ballantyne." Bem, na verdade eu não tinha muita certeza até chegar bem perto. Já faz... quantos anos? Dez?....

— Quase dezessete — interrompeu Thom.

— Quase dezessete anos. Ora, ora, e agora cá está você de volta. Vai ficar aqui por muito tempo? — Não, eu...

— Essa é a jovem Kate Ballantyne? — Outro homem, que Kate também não reconheceu, chegou perto de seu ombro. — Bem que eu achei que conhecia o seu rosto.

Ora, mas isso é uma surpresa. Já faz muito tempo desde que a vimos pela última vez.

— Bem, Kate, você deve se lembrar de mim — continuou. — Sou o sacerdote da aldeia. Padre Andrew.

Kate sorriu de leve e balançou a cabeça, como se lembrasse.

— Não que você aparecesse muitas vezes para as missas de domingo.

— É que os jovens têm outras coisas nas quais pensar hoje em dia, padre — defendeu Stephen.

— É... e não só os jovens, não é, Stevie?

— Você se mudou para Londres? — Stephen Spillane puxara uma cadeira para junto de Kate. Cheirava a tabaco e, de modo estranho, a água sanitária. — Mora perto de Finsbury Park? Lembra-se do meu filho Dylan? Ele está morando em Finsbury Park.

Depois lhe dou o endereço.

— Aposto que muita coisa lhe parece diferente por aqui, desde a última vez, hein, Kate? — voltou o padre.

— Tenho certeza de que o meu filho Dylan gostaria muito de sair com você. Ele adora moças bonitas. Você está casada?

— Ora, veja só, lá vem o Jackie. Jackie, você se lembra de Kate Ballantyne? A filha de Edward Ballantyne. Ela voltou da Inglaterra. Jackie, vá até o bar pegar algumas bebidas para nós.

Talvez pelo fato de ser interrompida o tempo todo ou não conseguir reconhecer os rostos das pessoas com quem estava conversando (ou, ainda, talvez, por querer ficar a sós com Thom), Kate achou que manter aquela conversa de forma educada estava sendo muito cansativo. Não, respondeu ela, não ia ficar por muito tempo. Sim, era maravilhoso estar de volta. Sim, ela ia transmitir ao seu pai os votos de todos para uma rápida recuperação. Sim, ela tinha certeza de que as caçadas já não eram a mesma coisa, desde que ele deixara de trabalhar como mestre. E o pior, sim, seria ótimo conversar um pouco com algumas daquelas pessoas que ela não via há dezessete anos, e que se lembravam dela do tempo de adolescente. Ah, lá estavam elas, do outro lado do bar. Claro que seria muito bom se eles viessem todos para junto de sua mesa. O que mais ela podia dizer?

— Pena que nós temos que voltar para casa, Kate — disse Thom, de repente. — Você se lembra, a sua mãe pediu para que voltasse para casa cedo, para ajudá-la.

Kate franziu o cenho.

— Você prometeu estar de volta antes das oito e meia.

— Ah, foi mesmo. — Entendeu ela, com certo atraso. — Eu já tinha esquecido. — Olhou em volta para o mar de rostos bem-intencionados e indistintos. — Desculpem-me. Talvez a gente possa colocar os assuntos em dia na próxima vez que eu vier ao pub. Seria maravilhoso — completou, sorrindo abertamente. Sentindo que ia escapar dali, ela podia se dar ao luxo de ser simpática.

— Ah, que pena — alguém falou. — Nós mal tínhamos começado a conversar.

— Mas ela está com ótima aparência, vocês não acham? Morar na cidade grande combina com você, garota.

— Só que Thom, obviamente, está com outras ideias na cabeça, hein, rapaz? Não queremos atrapalhar os planos dele. — Kate não era cega e reparou no piscar de olhos exagerado que Stephen Spillane deu.

— E agora, para onde vamos? — perguntou ela baixinho enquanto Thom a encaminhava pelo braço até a porta de saída.

— Espere aí fora — disse Thom. — Só dois segundos. Momentos depois ele emergiu com duas latas de cerveja Guinness e duas de suco de laranja enfiadas debaixo do braço mecânico. (Dava para perceber, mesmo sem os óculos, o braço artificial: era uma noite clara e, com a manga do suéter puxada para trás, o plástico do aparelho brilhava, refletindo as luzes das janelas do pub.)

— Por acaso, conheço u m bom lugar para beber escondidinho, e não fica longe daqui — respondeu. — Além do mais, você não vai mais ser incomodada pelos habitantes do lugar.

A luz elétrica da casa de verão fechada não podia ser vista de nenhum cómodo do casarão. De modo incomum, as duas janelas da pequena construção, embora largas, não ficavam de frente para a casa principal, e a sua pouca luminosidade brilhava sobre um espaço vazio em um dos lados e para os restos de um jardim abandonado coberto de mato, do outro. Quando era jovem, Kate sempre se perguntara quem havia construído o lugar daquela maneira, e se ele havia sido projetado especificamente para que ninguém pudesse interromper o silêncio com vozes intrusas vindas do casarão. Naquele instante, ela analisava se a lâmpada sem globo estava lançando sombras muito desfavoráveis sobre o seu rosto e se valeria a pena sair de perto dela, considerando-se que ela não ia conseguir enxergar nada.

— Não é exatamente o Hotel Ritz — desculpou-se Thom, abrindo uma das latas e entregando-a a Kate.

— Pois eu, por mim, sempre achei que faltava ao Ritz o charme dessas velhas latas de verniz e agrotóxicos — disse ela, sentando-se sobre uma manta de lã para colocar nos cavalos, que Thom estendera sobre os caixotes.

— Sem falar nos insetos e outros animais. — Abriu o braço, tirando uma teia de aranha da frente dela e acima de sua cabeça. Limpando a mão nas calças, ele se sentou em outro caixote a poucos centímetros dela, e abriu sua lata de suco.

Ela o achou distante. Haviam saído do pub de braços dados, quase correndo, e ela morrera de rir, como uma colegial, sentindo uma deliciosa sensação de fuga. Conseguia sentir ainda a

sensação peculiar do braço rígido de Thom junto do dela.

— Poderíamos ter ficado no pub — disse ele, em tom de desculpas —, mas você sabe como o pessoal é... Não iam deixar você em paz pelo resto da noite.

Eu estava louca para sair dali.

— E eu achei que seria mais fácil conversarmos em outro lugar.

— Poderíamos ter ido para a sua casa — disse ela, sem pensar.

— E se eu sugerisse isso, você ia querer voltar para a sua.

Kate notou o sorriso dele, e sentiu o próprio sorriso desaparecer do rosto. Ele tinha razão. Ela ia achar que aquilo era muito íntimo, muito arriscado. No entanto, o que poderia ser mais íntimo do que aquele lugar onde estavam? Eles dois, escondidos em seu velho refúgio que recendia a lembranças, e cujas vigas estavam permeadas com o aroma agridoce dos anos que passaram.

Kate olhou em volta na velha casa abandonada e sentiu algo estranho, subitamente, como se tivesse sido apanhada em um lugar onde não deveria estar.

Pensou, inesperadamente, em Justin. E então em Geoff. O que estou fazendo sentada aqui com este homem?, pensou. Isso é ridículo. A Maggie virtual avultou-se diante dela em pensamento; sua boca estava fechada em sinal de desaprovação e ela balançava o indicador de um lado para o outro.

— Sabe de uma coisa? Eu devia ir embora — disse, baixinho. Naquele instante, ela estava feliz por não conseguir ver o rosto dele direito.

Thom pousou a lata no caixote e se levantou. Isso fez com que ficasse mais difícil, para ela, se levantar.

— Eu tenho mesmo que ir.

— Do que tem medo, Kate?

Houve um silêncio curto. Ela tentava encontrar o rosto dele, mas ele saíra debaixo da luz, e ela não conseguia enxergar nada, a não ser o brilho difuso de uma lata de tinta tombada. Apertando os olhos para ver melhor, em vão, ela escutou os passos dele sobre as tábuas do piso. Viu que ele se reaproximava, quase como uma sombra monocromática, crescendo diante dela. Então, sentiu os cheiros sutis dele: sabonete misturado com um aroma distante de terra e cavalo, além das mais recentes camadas de fumaça e cerveja.

Imobilizada, Kate levou um susto quando sentiu a mão dele entrar com cuidado no bolso do seu casaco. Devagar, Thom pegou os óculos que estavam ali, abriu suas hastes e os colocou carinhosamente sobre rosto dela. O plástico de sua mão falsa lhe pareceu frio, em contato com a sua face.

Ele se abaixou um pouco, de modo que seus rostos ficaram no mesmo nível.

— Do que tem medo, Kate? — repetiu ele, suavemente.

— De você. — Agora, ela conseguia enxergar cada um dos cílios dele.

— Não.

Ela olhou para ele, notando com nitidez, pela primeira vez, a forma com que seus olhos se encurvavam nos cantos, e o modo com que seus lábios se fechavam quando ele soltava o ar. Viu a pequena e pálida cicatriz que ele tinha sob a sobrancelha. Não quero enxergar você assim com tanta clareza, pensou ela. Era mais fácil quando seu rosto estava borrado.

— Não — ele repetiu, com ar sério. — Você não tem motivo para ficar com medo de mim. Eu jamais lhe faria mal algum.

— Então, estou com medo de mim mesma. — E continuou olhando para ele.

Thom esticou o braço e tomou a mão. A pele dele parecia seca, um pouco áspera. Mas era gentil. Ela se perguntou, distraída, como será que a outra mão parecia.

— Eu sempre estrago tudo, Thom. Entendo tudo errado. Vou acabar fazendo isso com você, também.

— Não — repetiu ele.

Seus olhos estavam fixos nos dela. Ela sentiu o corpo mole, e teve que se lembrar que devia continuar respirando. Lágrimas lhe surgiram nos olhos, inesperadamente.

— Não posso deixar que isso aconteça. Você já não me conhece mais, Thom. Não sabe como eu sou. Não posso acreditar totalmente em meus sentimentos, entende? Não sou confiável. Acredito que estou apaixonada por uma pessoa e depois, passados poucos meses, descubro que não estava, afinal de contas. E então, todo mundo se machuca. Eu fico magoada. Sabine fica magoada.

Ela estava plenamente consciente da pressão da mão dele sobre a dela. Queria puxá-la para escapar da força dele. Queria mover a mão para colocá-la em seu rosto, ser tragada por ela, pressionar seus lábios sobre ela, senti-la de encontro à sua pele.

Os olhos de Thom continuavam ardendo sobre ela. Kate olhou para longe, para o lado de fora da janela, e disse em direção ao ar: — Você não consegue ver? Tudo isso só está acontecendo porque eu estou aqui, sozinha e carente; só porque acabei de terminar o relacionamento com uma pessoa. Sei exatamente o que está acontecendo. Não sou auto-suficiente, entende? Não sou como você, ou como Sabine, que consegue ficar bem sozinha consigo mesma. Preciso de proximidade, de atenção. E por não conseguir isso dela busco em você.

Ela estava falando depressa demais, agora, com a voz aumentando.

— Olhe, se eu fosse um cavalo, você ia me dispensar por ser inadequada. É isso o que eu sou. Inadequada. Pelo amor de Deus, Thom, você não se lembra? Não se lembra do que eu fiz com você há dezessete anos? Não se importa de saber o quanto o magoei?

Ele olhou para baixo, estudando a mão dela, e então levantou os olhos.

— Se você fosse um cavalo — retrucou ele —, eu provavelmente ia dizer que você foi tratada por mãos erradas.

Kate olhou fixamente para ele. Ele estava tão próximo, agora, que dava para ela sentir o calor de sua respiração na pele de seu rosto.

— Ia ser um desastre — disse ela, com imensas lágrimas começando a escorrer pelo rosto. — Seria um desastre gigantesco.

E então, quando Thom carinhosamente levantou o rosto molhado, com as mãos que não combinavam uma com a outra, ela se inclinou para a frente e colocou sua boca de encontro à dele.

Doze

DUKE ESTAVA EM PÉ, de frente para o canto do estábulo com a cabeça baixa e a cauda ligeiramente enfiada embaixo das pernas, como se estivesse esperando para ser atingido por algum golpe. Os ossos dos quadris projetavam-se para fora como peças de mobília, e o seu pêlo, que no passado brilhara com a exuberância da saúde em estado bruto, estava agora sem vida e áspero, com a textura de um tapete barato e velho. Acima de seus olhos, havia duas concavidades profundas e as pálpebras estavam semicerradas, como uma cortina que se preparava para descer.

O veterinário, um homem magro com a r académico, passou a mão a o longo do pescoço do animal, deu uma palmada carinhosa e então foi caminhando com dificuldade sobre a espessa camada de palha espalhada pelo chão até o lugar em que Joy estava à espera, junto da porta.

— Sinto muito, mas esse rapaz não está nada bem, senhora Ballantyne.

Joy piscou algumas vezes e olhou para baixo, como se estivesse digerindo uma informação que há muito tempo já sabia que ia receber.

— Qual é o problema com ele, agora, doutor?

— Basicamente, a osteoartrite. Isso e os analgésicos que temos aplicado nele. — Franziu o cenho. — A fenilbutazona não está mais fazendo efeito. Para ser franco, acho até que está lhe fazendo mais mal do que bem. Ele deve ter desenvolvido uma úlcera, o que é comum em animais que tomam esse remédio por muito tempo, mas o pior é que também está com diarreia e perdeu peso, o que não é nada bom para um cavalo da idade dele. Vou levar estas amostras de sangue comigo para analisar, mas posso apostar que ele está com hipoproteinemia. É uma baixa de proteínas no sangue. — Fez uma pausa.

— Também está cansado, seu coração está com insuficiência, e acho que tudo está começando a desabar, pobrezinho.

O rosto de Joy estava imóvel, com ar grave, as feições muito rígidas. Apenas um observador muito cuidadoso poderia notar o leve tremor em sua voz, a única pista dos sentimentos que ela estava tentando controlar.

— A úlcera dele foi culpa minha? — perguntou ela. — Eu dei remédio demais a ele?

— Não. Nem de longe a culpa é sua. É uma reação tóxica muito comum em cavalos que tomam essa droga por um longo período. É por isso que, em alguns lugares, esse medicamento não está mais sendo usado. Só que, em um cavalo da idade dele, havia pouco mais que pudéssemos fazer. E ele se deu bem com o remédio, por um bom tempo.

Com quantos anos ele está, agora? Vinte e sete? Vinte e oito?

— Será que podemos lhe dar outra coisa para tomar? Trocar as drogas? — Joy juntou as mãos diante de si, como em súplica.

O veterinário se agachou, colocou os instrumentos de volta na maleta e a fechou com um golpe rápido. Do lado de fora, o céu estava claro e sem nuvens, contrastando com a atmosfera sombria do lado de dentro.

— Sinto muito, senhora Ballantyne. Ele até que vem aguentando bem. Só que acredito que não vai dar para mantermos essa situação por muito mais tempo. Não seria justo com ele.

A última frase foi dita com o olhar meio de lado para Joy. O veterinário sabia o quanto aquele cavalo representava para a velha senhora, mas eles já vinham prorrogando o inevitável havia meses.

Joy foi andando até ficar ao lado da cabeça do cavalo e acariciou carinhosamente as suas orelhas, um gesto afetuoso e espontâneo. Olhou para ele, mexeu em seu topete, como se estivesse examinando a testa e então acariciou o seu focinho. O cavalo empurrou a imensa cabeça na direção dela e então, com os olhos quase fechados, pousou sua cabeça imensa sobre o ombro da dona, de modo que os joelhos dela se dobraram ligeiramente com o peso. O veterinário continuou parado na porta, esperando. Ele conhecia a sua cliente muito bem e sabia que não devia apressá-la.

— Quero que o senhor venha amanhã — disse finalmente, com a voz baixa e firme.

— Amanhã de manhã, se o senhor puder.

O veterinário assentiu com a cabeça.

— Nesse meio tempo, gostaria de lhe pedir um favor. Ele olhou para ela.

— Quero que o senhor dê alguma coisa a ele. Algo forte, para a dor. Algo que não vá perturbar-lhe o estômago. — Levantou a cabeça, com um ar autoritário. — O senhor deve ter algum medicamento desse tipo.

— Para ser franco, senhora Ballantyne... — o veterinário trocou a posição dos pés —, não há muito a...

— Qualquer coisa — ela interrompeu. — Deve haver algo.

O veterinário respirou fundo e soltou o ar lentamente, inflando as bochechas. Ficou olhando para o chão forrado de palha, pensando.

— Existe um medicamento novo — disse, por fim. Joy ficou à espera, cheia de expectativa.

— É uma droga experimental — voltou ele. — Não é um remédio que eu normalmente aplicaria em um cavalo como o seu. Com certeza não planejava isso. Mas, sim, o novo remédio vai lhe acalmar a dor. Vai ser bom para as pernas e para o estômago.

— Quero que o senhor aplique esse medicamento nele.

— Eu realmente não deveria fazê-lo. Poderia perder a licença profissional, por causa disso.

— É só por um dia — replicou Joy. — Eu pago. A quantia que o senhor quiser.

— Não vai ser necessário.

Ele virou a cabeça um pouco para o lado e olhou para fora da porta do estábulo.

Soltou novamente o ar, devagar.

— Se eu fizer o que a senhora está querendo, gostaria de lhe pedir que não contasse nada sobre esse caso. Para ninguém.

Joy se virou de novo para o cavalo e sussurrou algo, delicadamente. Seu rosto estava mais calmo, como se estivesse antecipando a perspectiva do próprio alívio.

Traga o remédio ainda hoje — pediu ela, sem olhar para o veterinário. Estava acariciando o focinho do cavalo, brincando com ele, passando as velhas e largas mãos sobre os ossos protuberantes do animal, movimentos nascidos de um longo período de familiaridade.

O veterinário balançou ligeiramente a cabeça. Ele era mole demais. Seu sócio ia ficar furioso se soubesse daquilo.

— Tenho mais um caso para atender, agora de manhã. Depois, volto com o remédio. — E se virou para ela. — Como vai o senhor Ballantyne, por falar nisso?

— Vai bem, obrigada — respondeu Joy, sem levantar a cabeça.

A vários quilómetros dali, Kate seguia no Land Rover, olhando pelo para-brisas para o farol de Hook Head, um monólito monocromático com a silhueta recortada contra o fundo azul do porto de Waterford. Era o primeiro dia totalmente claro em semanas; o farol imenso, cheio de pequenas casas em volta, estava firme, duramente golpeado pelo tempo, e parecia desbotado sob a luz aquosa do sol hibernal, enquanto as ondas batiam e explodiam em espuma, sem cessar, sobre a pedra muito antiga. Com os pulmões ainda aclimatados à atmosfera mais poluída d a cidade, Kate aspirava o ar salgado carregado pelos ventos cortantes que vinham do litoral diante deles, como um connoisseur que experimentava um vinho fino, enquanto ouvia os gritos recém-emitidos pelas gaivotas e pelos maçaricos que voavam suspensos sobre as correntes invisíveis de ar, acima. Ela estava usando os óculos e, apesar da distância, eles eram periodicamente atingidos por pequenas partículas de espuma que vinham do mar e brilhavam como pequenos diamantes sob a luz fraca.

— Você não me pergunta muita coisa, não é? — disse ela, sem olhar para Thom, ao seu lado. — Isto é, a respeito do que aconteceu comigo. Sobre Justin, meu último namorado. Ou sobre Geoff.

— Por que diz isso? — Thom virou o rosto para olhar para ela. Você quer que eu pergunte?

As nuvens deslizavam sobre o horizonte distante, fustigadas por ventos imperceptíveis.

— Não, só pensei que você gostaria de saber. A maioria dos homens gosta. Querem saber tudo sobre o passado das mulheres.

— Eu sei tudo o que preciso saber. — Ele virou o rosto para a frente em direção ao mar, tomando um gole do copo de plástico cheio de café que segurava. — Às vezes as pessoas querem saber demais.

— Mas você não quer saber nada. Não se interessa nem em saber o que eu penso de tudo isso. Ou se vai ser uma coisa boa.

— Como e u falei, a s pessoas à s vezes fazem perguntas demais. Ele riu para si mesmo. — Especialmente com alguém como você.

Eles estavam sentados ali há quase meia hora, aproveitando em paz a fuga de Kilcarrion e as complicações associadas ao lugar. Durante quase metade daquele tempo, tinham estado nos braços um do outro, trocando beijos lentos e se olhando como se estivessem intoxicados e transbordantes por uma espécie de expectativa silenciosa.

Ainda não seria naquele dia: isso estava subentendido. Mas isso não importava. Já era bom o suficiente ficar ali, um com o outro abraçados, e a sós.

Já fazia vários dias desde que haviam estado juntos na casa de verão, e os sentimentos de pânico e culpa que Kate sentia haviam sido discretamente substituídos por um desejo desesperado de estar junto de Thom, de ver o seu sorriso e tê-lo todo para ela. No dia seguinte, ela acordara em puro pânico, com quaisquer sentimentos de calor que restaram da noite anterior consumidos pelo terror de estar "se envolvendo" novamente. Ela tinha ido procurá-lo na cocheira, tentando explicar tudo a ele e dizendo com firmeza (e um quê de histeria na voz) que aquilo tinha sido um erro terrível, e que ela sentia muito por tê-lo provocado, mas agora deveria ficar sozinha.

Thom concordara com a cabeça, disse que a compreendia e permaneceu impassível, quando, em três outras ocasiões naquele mesmo dia, ela foi procurá-lo e, em um tom apressado e urgente, explicou mais uma vez por que motivo achava que era impossível ficar com ele, e como ela refletira muito sobre o assunto Apreendera que eles eram totalmente inadequados um para o outro, que ela gostava demais dele para destruir a sua vida.

Kate subira então para o seu quarto e chorara muito, furiosa consigo mesma e arrasada. Quando Thom, porém, de modo inesperado aparecera na sala do café da manhã para informar a Joy que ele ia até a cidade para comprar algumas coisas na loja de arreios e selas, Kate perguntou, em tom casual, se ele não poderia lhe dar uma carona, aproveitando a viagem. Havia algumas coisas que ela também precisava comprar, na cidade. Christopher, com seu aguçado faro de cão de caça, pronto para sentir no ar qualquer leviandade de sua parte, tinha ido embora no domingo de manhã, Sabine estava fora e Joy não notou nada de estranho no pedido; na verdade, ela não notava quase nada, naqueles dias, a não ser as coisas relacionadas com a saúde de seu cavalo, cada vez mais débil, além das infindáveis tarefas externas que subitamente adquiriram urgência. Assim, os dois tinham escapulido, levando o Land Rover, enquanto, secretamente, trocavam olhares cúmplices, como duas crianças que matam aula. Kate, agora incapaz de refrear sua frenética necessidade de tocá-lo, tinha esticado o braço para alcançar a mão de Thom, mas precisou se forçar a não encolher o corpo quando sua pele entrou em contato com o plástico duro, em vez da pele macia.

— Você vai acabar se acostumando — comentou ele, com ar aparentemente divertido. — Eu mesmo costumava dar pulos, quando coçava o nariz enquanto dormia.

Ou algo pior.

Ele olhou para ela meio de lado ao falar isso, com um sorriso travesso que brincava em seus lábios.

Kate sentiu o rosto arder com alguma coisa que poderia ser constrangimento, mas sem dúvida continha um elemento de prazer. Depois daquilo, nenhum dos dois dissera uma palavra

sequer por vários minutos, ambos calados pela visão que as palavras de Thom provocara.

— Bem, e quanto a você? — perguntou Kate.

Thom acabou de tomar o café e colocou o copo sobre o painel, junto das luvas de lã, um barbante de embrulho e um exemplar amarelado de uma revista de turfe.

— Quanto a mim, o quê?

— Bem, deve ter aparecido alguém em sua vida. Afinal, se passaram mais de dezessete anos.

— Olhe, eu não era santo. — Thom encolheu os ombros. — Mas não houve ninguém que fosse especial.

— Nesse tempo todo? — Kate mostrou-se incrédula. Sua voz transmitia uma leve impressão de medo, provocada pela possibilidade desconfortável de haver uma obsessão pouco saudável de Thom por ela. Deve ter havido alguém. Você jamais teve vontade de se casar? Nem de morar com alguém?

— Houve umas duas garotas de quem eu gostava muito. — Olhou para ela, tentando acariciar sua mão. — Só que nós somos diferentes. Para mim, não é muito fácil ficar envolvido com alguém. Prefiro ficar sozinho a estar com alguém que não é...

Kate tentou completar a frase. Adequada? Perfeita? A alma gémea? A perspectiva da última ideia a fez começar a suar; era cedo demais para ele começar a falar daquele jeito; ela já não estava tão certa sobre se tinha sido a decisão adequada, deixar-se envolver tanto daquele jeito. Mas havia também outra possibilidade: uma que trazia uma dose de crítica implícita no que ele dissera. Nós somos diferentes. Prefiro ficar sozinho a... ser como ela? Será que ele estava insinuando que ela era pouco seletiva?

Kate tomou um gole do próprio café, formulando e rejeitando várias respostas. Não queria perguntar a ele o significado do que dissera. Como ele mesmo dissera, às vezes a gente faz perguntas demais.

Dois homens, figuras diminutas como insetos, estavam às voltas com o seu trabalho na areia, em torno de um pequeno barco, um deles apontando e gesticulando.

Um terceiro caminhava com dificuldade junto da linha-d'água coletando objetos.

— Você ficou zangado comigo? — perguntou ela, finalmente.

— No princípio, sim.

Os olhos azuis dele refletiam o céu claro, tão pouco comum ali. Eles estavam fixos em algum ponto distante, talvez perdidos em lembranças.

— Mas é difícil ficar zangado com alguém por muito tempo. Alguém com quem a gente se importa, pelo menos.

— Desculpe-me — Kate apertou o lábio.

— Não se desculpe. Nós éramos jovens, íamos acabar estragando tudo, de um jeito ou de outro.

— Mas fui eu que estraguei.

— É que, por acaso, você fez isso antes de mim.

— Você está muito zen, esses dias.

— Zen? — Ele riu. — É esse o nome que as pessoas dão? Não... não é isso, não. — E o sorriso se espalhou até iluminar todo o rosto. Simplesmente aprendi a não esquentar demais por causa de coisas que não posso mudar.

Kate hesitou, mas não aguentou e perguntou: — Como o seu braço?

— É... — Ele olhou para a mão esquerda, que estava pousada suave mente na coxa.

— Acho que isso foi um bom começo. Não dá para brigar por causa de um braço que já não está mais lá... Não dá para brigar por causa de coisas que não estão mais lá.

Continuaram sentados, em silêncio, observando as gaivotas que rodavam e pairavam acima da baía. O barquinho foi empurrado para o mar, e uma das pequenas figuras ficou acenando, enquanto as outras duas entravam nele e zarpavam. A embarcação seguiu saltitando por cima das primeiras ondas, como um salmão tentando nadar corredeira acima.

Kate ficou imaginando as possíveis interpretações para "as coisas que não estão mais lá". Havia coisas que ela gostaria de ouvir dele, e que ela sabia que iam deixá-la com vontade de se afastar, assustada; coisas que eram necessárias, mas difíceis de ouvir. Sempre contraditória, disse a Maggie virtual. Sempre obcecada pelo romance e suas possibilidades. Ainda sem ser capaz de se manter em pé sobre os próprios pés. Ah, caia fora, disse Kate, em pensamento.

— Houve algo que me perturbou muito — disse ele, com o olhar ainda fixo em um ponto longe dali.

Kate estivera passando a ponta do dedo na palma da mão dele e parou.

— Vai parecer um pouco estranho, eu perguntar isso. Mas foi uma coisa que me incomodou por muito tempo... eu queria saber... por que ele?

Ela não esperava por aquilo. Piscou com força, algumas vezes.

— Isto é, você mal o conhecia, Kate. Sei que vocês não estavam juntos há tanto tempo assim, nem nada desse tipo, e não consegui compreender por que motivo você ofereceu a ele algo tão especial. Não compreendi por que... Bem, por que não eu?

Pela primeira vez, ele pareceu perturbado e inseguro. Ficou abrindo e fechando a boca algumas vezes, como se estivesse lutando com emoções pouco familiares.

— Olho para Sabine — disse, por fim — e fico imaginando que... ela podia ser minha filha.

Kate lembrou-se de Alexander Fowler, do retrato de aniversário que ele pintara, da determinação furiosa e perversa por trás do momento em que ela abriu o zíper do seu velho vestido de veludo fora de moda sem que ele pedisse, e das emoções de surpresa e oportunismo que se amontoaram no rosto do homem, confrontado com a nudez inesperada daquele corpo de adolescente. Estava quente no estúdio, Kate lembrava bem, e ela ficara com

a cabeça permeada pelo cheiro de terebintina que tinta a óleo, rodeada de quadros ainda por terminar que retratavam pessoas que ela não conhecia.

Kate lembrava de ter se vestido lentamente, depois de tudo, enquanto ele desaparecia dentro da casa à procura de cigarros, e de sentir que aquelas pessoas desconhecidas a conheciam bem melhor, agora.

— Se tivesse sido com você, teria significado algo — disse ela, pausadamente —, e suponho que não queria que significasse tanto assim. A cavalo dado não se olha os dentes, tinha sido a expressão que o retratista usara. Aquilo a fizera se encolher toda.

Thom olhou para Kate, com o rosto sem expressão, ainda sem compreender. Por trás dele, uma gaivota solitária guinchou e deslizou no ar.

— Se tivesse sido com você, Thom — disse ela, apertando ainda mais a mão dele —, aquilo teria feito com que eu permanecesse aqui.

Sabine, sentada junto da janela do andar de cima, viu o momento em que o Land Rover virou a curva e notou quando a sua mãe desceu do veículo, no terreno coberto de pó de pedra do lado de fora da casa. Ela trazia um jornal e alguma coisa não identificada, em um saco de papel pardo— nada que não pudesse ser comprado na cidade quando Kate fosse com a avó, mais tarde, observou Sabine. Ela também estava passando a mão nos cabelos o tempo todo, uma indicação clara de que a pessoa estava interessada em alguém: Sabine lera isso em uma revista. Se ela fosse olhar bem de perto, sem dúvida ia ver que as pupilas de sua mãe deviam estar dilatadas, também.

Sabine saiu da janela e foi em direção à cama onde o avô dormia, depois de fechar a pesada cortina. Sua mãe estava muito ocupada saindo com homens para que sobrasse tempo para passar com o próprio pai, pensou, amarga. Dava para contar nos dedos da mão as vezes que ela subira até ali para vê-lo. Vovô nem parecia lembrar que sua filha estava lá, de tão pouco envolvida que ela estava. Por outro lado, a não ser pela enfermeira, Sabine era a única que parecia ficar com ele, naqueles dias. Sua avó estava sempre muito ocupada. Ou então resolvendo problemas com a saúde de Duke, o qual, John— John contara a Sabine com aparente alívio, estava para ir, a qualquer momento, para a grande fábrica de comida para gatos que ficava no céu.

Sabine se sentou bem devagar na beira da cama, com cuidado para não acordá-lo.

Ele parecia se sentir mais confortável quando dormia, ultimamente. Quando estava acordado, muitas vezes ficava agitado e a respiração vinha em espasmos roucos e difíceis, que faziam o próprio peito de Sabine se sentir apertado e tenso. Nesses momentos, ela segurava a mão dele, tentando não se apavorar quando ele apertava demais a sua mão em contrações musculares esporádicas, como se estivesse treinando o corpo para o rigor mortis.

— Ele apagou novamente? — perguntou Lynda, a enfermeira, entrando no quarto com agilidade, trazendo uma jarra de água fresca. Bem, assim é melhor para ele.

Lynda (que colocara o "y" em seu nome por conta própria, conforme contara a Sabine) estava pensando em abandonar o serviço de enfermeira em tempo integral por uma carreira em

aromaterapia, assim que terminasse aquele trabalho. Ela não disse em que momento ia considerar o trabalho terminado, mas as duas sabiam que momento seria esse.

— Sim, ele acabou de dormir — respondeu Sabine.

— Por que, então, você não aproveita para dar uma saída? Vá e se divirta um pouco. Eu faria isso. Você passa tempo demais aqui em cima.

— Sabine esperou que ela acrescentasse o comentário de que "aquilo não era saudável", um dos favoritos de Lynda, mas ele não veio.

— Pode ir — continuou ela. — Vou me sentar aqui agora, e ver um pouco de novela, por meia hora, então você pode aproveitar para sair. E eu já sei, não precisa me avisar, vou manter o volume bem baixo.

Sabine saiu, desaparecendo em seguida no escritório a fim de reexaminar o pedaço de papel que se tornara uma peça permanente em seu bolso. Já havia dois dias que ela recebera a carta de Geoff informando que ele ia se casar com aquela mulher indiana, e Sabine continuava sem saber o que fazer com aquela notícia. A princípio, imaginou que sua mãe também recebera uma carta como aquela, mas não havia nada em seu comportamento que a fizesse acreditar nisto. Pelo contrário, ela lhe parecia até mais alegre.

Não era apenas a notícia de que Geoff, como Jim, encontrara uma nova família que a deixava chateada. Era o que aquilo significava a respeito de sua própria família. Por que Geoff jamais pedira sua mãe em casamento? Eles haviam estado juntos durante seis anos, e ele era um sujeito do tipo que se compromete. Havia até mesmo, com certa hesitação, s e referido a s i próprio como "pai substituto". Kate, Sabine foi forçada a concluir, não era o tipo de mulher com a qual os homens se casam. Não era como a avó de Sabine, que conseguiu ser pedida em casamento em menos de um dia. Sua mãe era o tipo de mulher que se permitia ser usada e jogada fora, repetidas vezes. Sua falta de auto-respeito era incorrigível. E o pior era aquela expressão de ânsia permanente que ela trazia no olhar quando estava perto dos homens, como se aceitasse qualquer migalha emocional que eles lhe atirassem. Sabine olhava para as já familiares palavras da carta, s e u desejo aparentemente verdadeiro de "mantê-la sempre na memória", e suas promessas de que "ele sempre estaria pronto a ajudá-la, se necessário". Não que Sabine desejasse ver a sua mãe se casando com Geoff; o problema é que ele jamais a convidara a fazer isso, e esse fato a deixava irritada com Kate, mais do que já estava.

Aquilo lhe parecia um novo fracasso da mãe.

Ela olhou para as fotos que ela e a avó ainda não tinham conseguido organizar: as fotografias de quando Kate e Christopher eram bebés (ele já parecia pomposo naquela época, Sabine decidiu), as duas crianças em roupas de gorgorão, com as bordas trabalhadas em dourado, e as outras fotos de Kate e o menininho oriental. Sabine tinha vontade de saber mais a respeito do menino chinês, porém, na última vez em que elas haviam se sentado ali, Joy lhe disse que estava ocupada demais para acabar de separar as fotos, e retomou a velha forma de falar, ríspida e decidida. Havia muitas outras coisas mais urgentes que precisavam ser resolvidas. Sabine podia ficar arrumando as fotos do jeito que quisesse.

Esse menino parece ter sido o único homem que não saía de perto de você, pensou Sabine, segurando uma das fotos das duas crianças que sorriam, exibindo todos os dentes por baixo dos chapéus. Qualquer que fosse o seu charme, mamãe, você o perdeu pelo caminho, em algum lugar.

— Sabine?

Sabine deu um pulo. Kate estava na porta do escritório.

— Passei aqui para saber se você vai querer almoçar. Sua avó disse que estava sem fome e seu avô está dormindo, então resolvi chamar você para comer comigo.

— Espero que você não o tenha acordado para perguntar — disse Sabine, enfiando a carta de Geoff no bolso de trás.

— Não, querida, ele já estava dormindo. A enfermeira me disse.

— E imagino que você nem foi confirmar.

Kate se forçou a manter o sorriso. Nada ia estragar o seu dia, nem a recusa pouco gentil de sua mãe quando Kate se ofereceu para fazer o almoço (a senhora H tinha saído, para consultar um médico em Wexford, para ver se ele tinha algum conselho a respeito de Annie), nem a aparente irritação da filha a qualquer tentativa sua de ajudar. Ela trocou o peso do corpo de uma perna para a outra e, ao fazer isso, entrou um pouco mais no quarto.

— Pensei em preparar um pouco de sopa. E umas torradas com manteiga. A senhora H nos deixou pão fresquinho.

— Certo. Para mim, qualquer coisa serve. — E Sabine voltou a olhar as fotos.

Kate, porém, não foi embora.

— O que está fazendo? — perguntou.

O que é que você acha?, pensou Sabine, mas respondeu apenas, evasiva: — Estou organizando algumas fotos antigas. A vovó falou que eu podia fazer isso.

O olhar de Kate pousou na foto em cima da caixa.

— Essa aí sou eu? — Entrou, agachando-se e pegando a foto onde ela aparecia ao lado do menino chinês. — Meu Deus — disse, ajeitando os óculos. — Não vejo essas fotos há muitos anos.

Sabine não falou nada.

— Esse é Tung-Li — explicou Kate —, o filho de minha ama. Nós costumávamos brincar sempre juntos até que... — Parou de falar. — Ele era um amor. Terrivelmente tímido. Foi, provavelmente, o meu primeiro amiguinho de infância. Nossa idade era de poucos meses de diferença, um do outro.

Sem conseguir evitar, Sabine começou a prestar atenção.

— Havia uma piscina nos fundos do prédio onde morávamos, em Hong Kong. E quando ninguém das outras famílias estava por ali, ele e eu costumávamos brincar de dragão, dentro d'água. Ou andar na minha bicicleta vermelha, em volta da piscina.

Caímos lá dentro umas duas vezes, se não me engano. Minha ama ficou furiosa. — E riu. — Ela tinha um trabalhão para secar as coisas na estação chuvosa, e ver os melhores sapatos de alguém dentro da piscina era realmente uma coisa terrível.

— Que idade vocês tinham, nessa época? Kate franziu a testa.

— Acho que nós mudamos para o prédio com piscina quando eu tinha uns quatro anos, então eu devia ter... provavelmente uns cinco anos? Talvez seis.

— O que aconteceu com ele?

A expressão de Kate mudou. Ela parecia menos animada.

— Bem, eu tive de... deixar de brincar com ele.

— Por quê?

— Era desse jeito que as coisas funcionavam naquela época. A sua... a avó tinha ideias muito rígidas sobre o que era apropriado. Pelo visto, brincar com Tung-Li não era adequado. Pelo menos, não para uma garota como eu.

— Mesmo sabendo que vocês eram amigos desde muito crianças?

— Sim. — Kate viajou ao passado, fechando a cara ao se lembrar da injustiça.

— Essa atitude não parece ser do feitio da vovó — disse Sabine, olhando para a foto.

— E... e você acha que não ? — A cabeça de Kate se levantou muito depressa. Ela não conseguiu evitar.

— Ela sempre foi muito legal comigo.

— Bem, querida, um dia você vai descobrir que nem sempre ela é a doce velhinha que você imagina. Ela pode ser dura como pedra com as pessoas.

Sabine olhou para a mãe chocada pelo seu tom duro, ao mesmo tempo que sentiu uma necessidade perversa de contradizê-la.

— Você acha — continuou Kate — que é uma coisa justa separar duas crianças só pela diferença de cor em suas peles?

— Não — respondeu Sabine, sentindo que estava se colocando contra a parede.

-Mas as coisas eram diferentes naquela época, não eram? As pessoas não encaravam as coisas do mesmo modo que hoje. Era assim que eles eram criados.

— Então você acha que seria justo se eu obrigasse você a comer carne lá em casa, só porque foi assim que eu fui criada? Porque foi exatamente assim, sabia? Se eu me recusasse a comer carne quando tinha a sua idade, eles iam mandar que eu me sustentasse com batatas, ou então que não comesse nada.

— Não, é claro que não.

— Então me explique, Sabine, como é que pode, tudo o que a vovó faz está bem feito, ou é aceitável? No entanto, tudo o que eu faço, não importa que exista a melhor das intenções, é recusado e me atirado na cara?

Kate não sabia de onde tudo aquilo viera à tona, de repente. De alguma forma, porém, a imagem daquela foto trouxe velhos ressentimentos lá do fundo, e a deixaram enfurecida. Estava farta de levar a culpa por todos os erros do mundo, farta de aceitar as piadinhas cruéis de Sabine com paciência, ou de se sentir curvada pela culpa de saber que ela arruinara as vidas de todos e tinha que seguir em frente, concordando com a cabeça e sorrindo, educadamente.

— Às vezes, Sabine, pode acreditar que a sua mãe é a parte prejudicada.

Ocasionalmente, muito de vez em quando, ela está com a razão.

Ela se encolheu, no entanto, diante da teimosia inerente da filha. E da capacidade que ela possuía de achar que tudo em que acreditava era certo e justo.

— Não posso aceitar — disse Sabine, com fúria — que você ache que está sempre certa. Não depois da maneira como se comportou, no passado.

— O quê?

— Muito justo. Então, a vovó a obrigou a procurar outras amizades, quando a família morava lá nos trópicos. Provavelmente ela estava só fazendo o que achava melhor para você. Na certa havia gente fazendo comentários sobre o seu comportamento, e coisas desse tipo, do jeito que as pessoas eram, naquela época.

Kate começou a balançar a cabeça, lentamente, sem conseguir acreditar.

— A vovó me disse muitas coisas sobre aquela época, sabia? Contou sobre as normas de comportamento e tudo o mais. Explicou que as pessoas ficavam mal faladas quando não faziam as coisas do jeito certo. E mesmo que você estivesse certa naquela época, isso não quer dizer que esteve certa o tempo inteiro em sua vida, não é? Nós sabemos que você jamais colocou outra pessoa em primeiro lugar. Olhe agora, por exemplo. Você mal se interessa em passar algum tempo com o seu próprio pai, mesmo sabendo que veio até aqui porque ele estava morrendo. Mas não... anda muito ocupada flertando com alguém que apareceu no seu caminho, só para poder acrescentar mais um relacionamento fracassado à sua lista.

— Sabine!

— Mas é verdade. — Sabine tinha consciência de que estava passando dos limites, mas estava zangada demais para se importar. Quem era a mãe dela para julgar outras pessoas? — Você passa de um homem para o seguinte como se fosse o vovô com os lenços, usando um atrás do outro. Nem se importa de ver como isso pega mal. Deveria ser mais do jeito que o vovô e a vovó eram, e aguentar firme até encontrar a pessoa ideal de verdade. Criar um compromisso. Ligar-se de fato a alguma coisa ou alguém. Você sabe, um amor real e verdadeiro. Só que prefere sair de um homem e entrar em outro, sem ligar a mínima. Olhe só o caso de Justin. Quanto tempo durou, esse? E Geoff?

Puxa, aposto que você nem se importa com o fato de que ele vai se casar.

Kate, já se preparando para dar uma resposta à altura, congelou ao ouvir a última frase.

Houve um breve silêncio.

— O que foi que você disse, Sabine?

— Geoff. Ele vai se casar. — Sabine respirou fundo, compreendendo, de repente, que era bem possível que a sua mãe não tivesse recebido uma carta igual à sua, afinal.

— Pensei que você soubesse.

Kate olhou para baixo, para os pés, e esticou a mão, amparando-se em uma prateleira, para não cair.

— Não — disse, bem devagar. — Eu não sabia. Quando foi que ele contou isso a você?

Em silêncio, Sabine puxou a carta amarrotada do bolso de trás e entregou-a à sua mãe. Kate, agora encostada na escrivaninha, leu tudo sem dizer uma palavra. Quando terminou, falou:

— Bem, até que ele não levou muito tempo, não é?

Ah, meu Deus!, pensou Sabine. Seus olhos se encheram de lágrimas.

— Achei que você soubesse, mãe — repetiu.

— Não, eu não sabia. É bem possível que ele tenha escrito uma carta para mim também, mas eu vim para cá e não a recebi.

Houve um longo silêncio. Do lado de fora, alguém deixou cair um balde, fazendo com que o ruído reverberasse por todo o pátio, e uma voz masculina começou a berrar com um cavalo, mandando-o ficar quieto. Kate nem se assustou com o barulho, fez força para se levantar, como se fosse uma sonâmbula, e começou a caminhar muito devagar em direção à porta.

— Bem, vou preparar um pouco de sopa para nós, então — disse ela, tirando o cabelo que caíra sobre o rosto. — E um pouco de pão, também.

Sabine continuou sentada no chão, sentindo vontade de chorar.

— Desculpe, mamãe.

Kate lançou um sorriso triste e lento.

— Não foi culpa sua, querida — disse ela. — Não foi culpa sua.

Kate e filha almoçaram em um silêncio quase total. Sabine, de modo incomum, tentava puxar conversa, sentindo-se culpada por ter, involuntariamente, soltado aquela bomba. Kate balançara a cabeça e sorrira; estava se sentindo grata diante das tentativas da filha para animá-la, algo muito raro, mas ambas se sentiram aliviadas quando o almoço acabou e elas puderam ir para outro lugar onde o assunto, ainda tão recente, não permanecesse acima delas como uma nuvem carregada ameaçando tempestades a qualquer momento. No caso de Sabine, escapar significava ir cavalgar o seu cavalo cinza até Manor Farm, um lugar na vizinhança. Os donos daquele pedaço de terra haviam dito a Sabine que ela podia ir até lá para treinar saltos na pista de equitação a qualquer hora que desejasse. No caso de Kate, escapar significava ir passar o primeiro período prolongado, desde que voltara a Kilcarrion, sentada em companhia do pai.

Ela se instalara junto dele por quase uma hora, na cadeira que ficava ao lado da cama, enquanto Lynda aparecia a toda hora para vigiar os monitores, conferir os cateteres e oferecer xícaras de chá. Apesar de todas as tentativas que haviam sido feitas para tornar o quarto do

pai um pouco mais alegre, tudo fora em vão. Kate, sentada em meio ao silêncio total, olhava para o rosto que no passado fora tão animado, o pai que a havia balançado pelos braços e a deixara frouxa de tanto rir com as cócegas; sentia-se consumida pelo pesar, e triste por ter sido incapaz de se transformar no que ele esperava dela e ver que, agora, ele ia morrer sem que os dois tivessem construído uma ponte sobre o abismo que os separava. Eu tentei fazer as coisas certas, pai, disse a ele. Tentei fazer com que as coisas funcionassem direito, tentei colocar os outros em primeiro lugar, mas o senhor e a mamãe são um casal muito difícil de a gente conseguir igualar. Eu queria tanto que o senhor entendesse isso. Queria tanto que dissesse isso a Sabine.

Ele não respondeu; ela não esperava que ele o fizesse. Ficou simplesmente sentada, ali, enviando pensamentos silenciosos para ele e passando o dedo nas lombadas dos livros que Sabine colocara sobre a mesinha-de-cabeceira.

Já era quase noite quando ela saiu em busca de Thom e pediu que fosse se encontrar com ela na casa de verão. Ele olhara com atenção para a expressão de Kate e reparou que ela não conseguiu encará-lo, mas não disse nada.

Quando ele chegou assobiando, através do jardim descuidado, não a beijou.

Simplesmente se encostou no portal de forma casual e sorriu.

Kate estava sentada sobre os caixotes onde ele estendera o cobertor, e seus braços envolviam os joelhos, protegendo-os, como se ela fosse uma criança, e os cabelos estavam quase lhe cobrindo o rosto.

— É melhor acabar com isso. Agora.

Thom abaixou a cabeça para tentar alcançar o olhar dela.

— Até você mudar de ideia novamente? — Seu tom de voz estava leve, quase bem-humorado. — Será que não seria melhor eu lhe dar uma meia hora?

Kate olhou para cima. Por trás dos óculos seus olhos estavam vermelhos, inchados, doloridos.

— Não, não vou mudar de ideia. Vou embora para casa.

— Não compreendo.

— Não espero que você compreenda.

— E o que significa isso?

— O que eu falei. Vou embora para casa. Para Londres.

— O quê?

Foi a primeira vez que Thom pareceu zangado. Kate olhou para ele e notou o ar de dor e incompreensão em seu rosto.

— Olhe, Kate, eu conheço você. Sei que muda de ideia como o vento muda de direção. Mas que diabos significa tudo isso?

Kate olhou para o outro lado, sem querer encará-lo.

— Estou fazendo isso por todos nós — disse, baixinho.

— Como assim?

— É como eu disse. É o melhor para todos nós.

— Conversa fiada.

— Você... você não entende.

— Então, me explique.

Kate apertou os olhos, fechando-os com força e desejando estar em qualquer outro lugar que não fosse ali.

— É por causa de uma coisa que ouvi hoje. Algo que Sabine disse para mim. Algo que me fez compreender que não importa o que eu possa pensar a seu respeito, não importa o que possa sentir por você, vou acabar repetindo os mesmos erros de sempre.

— Enxugou a ponta do nariz com a manga do suéter. — Não parei para pensar nisso direito, Thom. Não parei para analisar se a nossa relação tinha condição de ir a algum lugar. Não parei para pensar nas pessoas que poderia magoar, se tudo se desfizesse. E vai acabar se desfazendo, entende? Você e eu não temos nada em comum. Moramos em países diferentes. Não conhecemos nada um sobre o outro, só sabemos que sentimos uma atração física mútua. Portanto, é quase certo que vou conseguir estragar tudo, de algum modo. E o problema é que, sempre que estrago alguma coisa, perco um pouco mais do respeito que minha filha tem por mim. Pior do que isso, perco um pouco do respeito que eu tenho por mim mesma.

E ficou sentada, tentando não fungar, com o rosto enterrado nos braços cruzados, de modo que a voz saía abafada.

— Enfim, Thom, andei pensando em todas essas coisas, hoje, e resolvi que é melhor para todos se eu simplesmente voltar para casa. Vou pegar a barca de amanhã de manhã. Meu pai não vai sentir a minha falta, ele nem notou que estou aqui. E minha mãe fez tudo o que pôde para me ignorar, desde que cheguei. Quanto a Sabine... -nesse ponto, ela soltou um suspiro longo e entrecortado — resolvi que ela deve ficar aqui. Está muito mais feliz do que jamais esteve, em Londres. Até mesmo você reparou isso, e só a conhece há uns dois meses. Ela pode voltar para casa se quiser, na hora que desejar. Ou pode começar a faculdade aqui. Não vou forçá-la a fazer nada. Só achei que deveria dizer tudo isso a você.

Ela continuou olhando para os pés, através dos braços. Havia um pouco de palha grudada nos seus sapatos, de pouco antes, quando andara caminhando pelo pátio e pelas cocheiras tentando encontrar a mãe.

— Então, é só isso, não é? — perguntou Thom, enquanto ela levantava a cabeça.

Ele estava ofegante, e coçava a parte de trás da cabeça com a mão boa. — Bye-bye, Thom... de novo... desculpe se eu lhe dei alguma esperança, mas acontece que já resolvi o que é melhor para todo mundo, e você vai ter que engolir isso.

Kate olhou para ele.

— Bem, isso é conversa fiada, Kate. Conversa fiada. Não vou deixar que você faça isso novamente. Você não pode ditar nem decidir por conta própria o que vai acontecer em um relacionamento, e não deve presumir que está agindo para o meu próprio bem.

Ele andava de um lado para o outro no espaço apertado, sem se importar com as latas que chutava enquanto se movimentava. O ar parecia estalar com a força de sua raiva.

— Fiquei aqui sentado por vários dias, ouvindo você me dizer o que estava certo e o que estava errado, com o fato de ficarmos juntos. Conhecendo você como eu conheço, achei que o melhor a fazer era ficar quietinho e deixá-la descarregar todo esse peso. Só que, pelo simples fato de que decidiu que uma coisa está errada, não significa que esteja, sabia? Só porque deduziu que já tinha ido muito longe não significa que possa desligar a tomada, como se nada tivesse acontecido. — Apertando os maxilares, ele tentava acalmar a respiração que disparara, e se sentou sobre um balde que estava virado de boca para baixo. — Escute, Kate, eu sou apaixonado por você há muito tempo.

Um tempo longo demais. Já me envolvi com todo o tipo de mulheres desde então, muitas delas adoráveis, com grandes sorrisos e corações ainda maiores. Garotas, pode acreditar, ainda mais bonitas do que você. E quanto mais eu saía com elas, mais compreendia que estava faltando alguma coisa bem no fundo de tudo, e que quando a gente não sente essa... essa coisa, esse algo mais que é incontestavelmente correto, então não há motivos para continuar. Certo? E aí você volta, algo que eu jamais imaginara que fosse acontecer, e eu senti de cara. Soube desde o primeiro momento em que vi você aqui, xingando para as paredes e chorando como uma adolescente boba; senti que alguma coisa mexeu aqui dentro — e bateu no peito —, alguma coisa falou: "Ah, então é isso!", e eu tive certeza.

Kate olhou para ele, sentindo-se confusa, com o lábio inferior colocado mais para fora. Ela jamais o tinha visto zangado; jamais o tinha visto dizer tantas coisas ao mesmo tempo, antes. Quase se encolheu ao vê-lo levantar do balde e vir se sentar junto dela, sobre os caixotes.

— Olhe, mesmo que você ainda não saiba, Kate, eu sei. Não me importo com todos aqueles idiotas com quem você esteve, e não me incomodo com o fato de morarmos em lugares diferentes. Nem mesmo com o fato de não gostarmos das mesmas coisas. Porque tudo isso são apenas detalhes, entende? São só detalhes.

Ele tomou a mão dela e a colocou entre as dele.

— Tenho consciência de que não sou perfeito, Kate. Estou acostumado demais a viver por conta própria, e às vezes fico emburrado por coisas sem importância e... perdi um dos braços para sempre. Sei muito bem que não sou mais o homem que eu era.

Ela balançou a cabeça, mostrando que não queria que ele mencionasse aquilo, não queria que ele insinuasse que aquele era um motivo.

Thom olhou de volta para ela, com a voz subitamente mais calma, e continuou: — Só lhe digo uma coisa, Kate: é que, se você for embora agora, estará agindo errado. Muito errado. Porque assim você vai provar que é você a aleijada, e não eu. — Então, de forma inesperada, ele levantou a mão dela e apertou a palma sobre a própria boca. Manteve-a ali e ficou com os olhos fechados e aparentemente silenciado pela própria ação.

Cate, sem se importar com as lágrimas que, nesse instante, rolavam pelo seu rosto, esticou o braço e acariciou o lado do rosto de Thom.

— Mas como é que nós podemos saber, Thom? — perguntou. — Como é que eu posso ter certeza?

— Porque eu tenho certeza — respondeu ele, abrindo os olhos. — E pelo menos desta vez, você vai ter de confiar em mim, quanto a isso.

Eles saíram da casa de verão como viajantes cansados que acabavam de escapar de uma grande tempestade, e nem se importaram com a possibilidade de alguém vê-los.

Thom falou que precisava dar uma olhada nos cavalos, e Kate disse que ia até lá com ele, pois tinha esperança de encontrar Sabine. Queria se assegurar de que Sabine não ficara ansiosa, e queria que ela soubesse que a mãe estava se sentindo bem com relação a Geoff, mesmo que ainda não se sentisse pronta para contar à filha o motivo.

Liam estava do lado de fora do lugar onde ficavam guardados os arreios e as selas, sentado sobre um fardo de feno, polindo um arreio com um pano macio e assobiando para acompanhar uma melodia que vinha do rádio. Lançou um olhar de quem sabe das coisas ao ver o casal que se aproximava, mas não disse nada.

— Os cavalos já voltaram todos do campo de baixo? — perguntou Thom, enquanto verificava o trinco inferior de uma das portas do estábulo.

— Já.

— E Sabine, já voltou?

— Acabou de levar o cavalo cinza para o estábulo. Nós o transferidos para a cocheira da ponta, porque o telhado da do meio está novamente com goteiras.

Thom xingou baixinho, movendo os lábios e olhando para cima, para as telhas que estavam faltando.

— Vou ter que colocar uma lona por cima dessa cocheira, para protegê-la. A gente não tem nenhuma daquelas telhas sobrando para encaixar ali, tem?

— Usamos todas elas há alguns meses — respondeu Liam. — E vocês, estiveram em algum lugar interessante? — Olhou para Kate de cima a baixo, bem devagar, de uma forma que a fez sentir que estava ficando vermelha, com a pele pinicando.

— Estávamos só colocando uma papelada em ordem — disse Thom.

— Eu entendi que você tinha dito que todos os cavalos já tinham sido recolhidos.

Liam se virou para olhar para ele, e seguiu o olhar de Thom pelo terreno, até alcançar os campos da parte de baixo.

— Mas eles já foram todos recolhidos, sim — afirmou ele.

— Então, que cavalo é aquele?

Liam apertou os olhos para enxergar melhor através d a luz cor de pêssego do crepúsculo, colocando uma das mãos sobre a sobrancelha.

— Aquele lá parece o Duke — disse Liam, franzindo a testa. — Só que ele está mancando há muitos meses. E aquele cavalo não está mancando.

Thom estava calado, com o rosto paralisado.

Liam ajustou a mão sobre a testa, tentando ver melhor.

— E quem é que está montando nele? Tem alguém sobre ele.

— O que foi? — perguntou Sabine, que acabara de chegar, carregando a sua sela.

Olhou para a mãe, se perguntando o que ela estava fazendo nas cocheiras.

— Eu não consigo enxergar — disse Kate. — Não dá para ver, assim de tão longe.

— Ora, mas é a senhora Ballan...

Liam calou a boca quando sentiu que Thom colocara a mão em seu braço.

-Vamos embora — disse ele, baixinho. -Vamos deixá-los em paz.

— O que foi? — Sabine quis saber. — Aquela é a vovó? Que cavalo ela está montando?

— Minha nossa. Ela não monta há anos. — A voz de Liam ficou mais alta, de tanto assombro.

— Vamos embora — repetiu Thom, empurrando-os para fora dali, na direção da casa. — Vamos entrar.

E olhou por cima dos ombros enquanto caminhavam para o outro lado, vendo, na distância, as figuras magníficas da velha senhora e seu velho e rijo cavalo com as silhuetas delineadas de encontro ao sol que se punha. E a cabeça do animal, no passado tão altiva, estava novamente levantada com orgulho, suas orelhas balançando para frente e para trás, respondendo ao som da voz da dona, enquanto seguiam, lentamente, em direção ao bosque.

Treze

JOY FICOU DENTRO DO QUARTO por dois dias depois que Duke foi sacrificado; era a primeira vez, comentou a senhora H, que ela se lembrava de ver a senhora Ballantyne abatida por alguma coisa, isolando-se na tristeza. Naquele dia, ela se levantou ao amanhecer e passou as duas primeiras horas da manhã na cocheira do velho cavalo, cuidando dele e conversando com o animal, de modo que, quando o veterinário enfim chegou, não encontrou um animal pesaroso e condenado, e sim um cavalo aparentemente exuberante, com o maltratado pêlo escovado com força, em uma tentativa de fazê-lo exibir um brilho saudável, ainda que não fosse verdadeiro. Em seguida, Joy ficara e m p é a o lado de Duke, sem piscar, com uma das mãos acariciando o focinho, e suportando o peso de sua cabeça sobre o ombro, enquanto o veterinário preparava a dose mortal. Duke estava tão relaxado nessa posição que, ao cair, seu peso quase derrubou Joy, deixando-a debaixo dele; foi Thom, que aguardava o fim junto dela, que conseguiu puxá-la para o lado a tempo. Todos ficaram em pé por mais alguns minutos, sem falar, olhando para o corpo inerte que despencara sobre o piso coberto por camadas de palha. Então, com m agradecimento educado para o veterinário, ela saíra do estábulo com um caminhar resoluto e foi em direção à casa, com os braços enrijecidos ao lado do corpo e o queixo levantado. Sem olhar para trás.

Ela estava agindo de modo estranho, refletiu a senhora H. Parecia querer transmitir ao velho cavalo um pouco do seu orgulho, passando todo aquele tempo junto dele, no final.

Ao contrário do que fazia com o marido, pensou Sabine, sabendo que era o que todos estavam pensando.

Porque foi no segundo dia depois da morte do animal, quando Joy já estava trancada no quarto há mais de quarenta e oito horas, recusando-se a comer e pedindo aos visitantes, com um jeito formal, que "a deixassem em paz, por favor", que a respiração de Edward piorou, e Lynda acabou por resolver, ela mesma, chamar o médico, por medo que se não o fizesse ele poderia não estar mais vivo quando sua mulher se dignasse de emergir do quarto.

Sabine, pálida e vigilante, havia sentado ao lado do avô segurando a mão, enquanto o médico lhe tomava o pulso, apertava o estetoscópio contra o peito magro e trocava ideias com Lynda em sussurros agitados.

— Tudo bem, doutor — disse Sabine, irritada com tudo aquilo. O senhor pode me contar. Eu sou neta dele.

— Onde está a senhora Ballantyne? — perguntou ele, ignorando-a.

— Ela não vai sair do quarto hoje, portanto, o senhor vai ter que falar comigo.

O médico e Lynda trocaram olhares.

— O cavalo dela morreu — explicou Lynda levantando a sobrancelha, e sentiu-se ligeiramente desapontada quando o médico assentiu com a cabeça, parecendo compreender.

— E o Christopher, está por aqui?

— Não, está fora.

— E a sua mãe, ela ainda está aqui? — perguntou ele a Sabine.

— Sim, está, mas ela não tem nada a ver com o caso do meu avô. Sabine falou isso lenta e cuidadosamente, como se estivesse conversando com idiotas.

— Essa família é assim mesmo — disse Lynda. Ela estava começando a se sentir à vontade para emitir opiniões pessoais.

— Escute, por que o senhor não conversa comigo? Eu passo as informações para a minha avó, quando ela sair do quarto.

O médico pareceu avaliar essa possibilidade. Então, olhou para Sabine e apertou os lábios, formando uma linha fina e disse: — Acho que não podemos esperar tanto tempo.

Foi pouco depois desse instante que Kate, energizada pela recém adquirida confiança dos que sabem que são amados, decidiu tomar o problema nas próprias mãos.

Seguiu com determinação ao longo do corredor, bateu com vigor na porta do quarto da mãe e, ignorando os protestos roucos de Joy, entrou no quarto pouco mobiliado para dizer que o médico precisava falar com ela, e que era urgente.

— Não posso ir até lá agora — disse Joy, sem olhar para a filha. Ela estava deitada na cama de solteiro, de costas para a porta, com as pernas finas e compridas moldadas pelas surradas calças de veludo cotelê que usava, e recolhidas em uma posição fetal. — Diga que eu telefono para ele, mais tarde.

Kate, que jamais vira sua mãe em um estado de vulnerabilidade (que ela soubesse, a mãe jamais se deitara à luz do dia, em toda a sua vida), tentou manter a voz firme.

Queria parecer determinada.

— Sinto muito, mas ele quer conversar com a senhora agora mesmo. Papai não está nada bem.

Joy continuou imóvel sobre a cama.

Kate ficou ali por um longo minuto, aguardando uma reação da mãe.

— Olhe, eu sinto muito pelo que aconteceu ao Duke, mamãe, mas a senhora precisa se levantar. Estão precisando de sua presença lá embaixo.

Do lado de fora do quarto, deu para ouvir quando Sabine passou correndo pelo corredor e foi para o seu quarto, fungando de tristeza e dor. Ao se convencer da seriedade do estado do avô ela tinha, de um modo que não era do seu feitio, explodido em um choro lacrimoso e barulhento, em uma reação infantil, com os punhos fechados como uma bola em volta dos olhos, e filetes de muco e lágrimas escorrendo pelo rosto. Foi o choque provocado em Kate pela reação inesperada da filha que a fez tomar a decisão de agir. Em algum momento, sua mãe ia ter que falar com ela. Tudo bem que ela deixasse tudo por conta de

Sabine, mas em momentos como aquele ela tinha que se lembrar que a neta só tinha dezesseis anos.

— Mamãe...

— Por favor, vá embora — disse Joy, levantando e virando ligeiramente a cabeça, de modo que Kate conseguiu ver os olhos inchados de chorar e os cabelos brancos despenteados e amassados pelo travesseiro. Eu quero ficar sozinha.

Do lado de fora, no corredor, Kate ouviu o som da porta do quarto de Sabine, que se fechava. Abaixou a voz e disse:

— Sabe de uma coisa? Seria muito bom que a senhora me escutasse, pelo menos esta vez.

Joy olhou para fora, pela janela.

— Olhe, mamãe. Não importa o que a senhora pense de mim, eu ainda sou a filha do papai. E sou eu que estou aqui. Christopher não está. Não é justo que Sabine tenha que aguentar toda essa pressão sozinha. Alguém precisa decidir se o papai vai ser levado para o hospital e, se não for, o que vamos fazer. — E passou o dedo sobre a mancha em uma das pernas da calça.

— Muito bem. Se a senhora não descer em cinco minutos, então sou eu que vou decidir com o médico qual é a melhor coisa a fazer com o papai. — E dando um suspiro profundo, Kate saiu do pequeno quarto, fechando a porta com firmeza atrás de si.

Joy chegou à sala de estar no momento em que o médico acabava de tomar a sua xícara de chá. Seu cabelo estava penteado para trás e quase não dava para ver seus olhos, inchados e escondidos por olheiras profundas.

— Sinto muito tê-lo feito esperar, doutor — disse ela.

Kate, sentada do outro lado da sala, em uma das espreguiçadeiras junto da lareira, não sabia se aquilo era para rir ou chorar.

— Era como se ela preferisse fazer qualquer outra coisa que não fosse falar comigo — descreveu ela depois, passando o dedo, distraída, sobre uma tira de couro, sentada em companhia de Thom no compartimento das selas e arreios.

Estava afundada em uma velha poltrona, com as pernas esticadas na direção de um aquecedor elétrico que, apesar do brilho incandescente, fazia pouco para dispersar o frio. O ar, que estava limpo e claro do lado de fora, condensava-se em pequenas nuvens de vapor enquanto ela falava.

— Isto é, em momentos como esse, uma família devia ficar unida. Mesmo uma família como a nossa. No entanto, ela ficava andando de um lado para o outro, colocando-se cada vez mais ocupada, o tempo todo longe do papai, recusando-se a conversar comigo sobre o que devia ser feito a respeito dele. Christopher não podia vir, estava ocupado em Genebra, em uma conferência, e Sabine é jovem demais para tomar decisões desse tipo, de modo que não sobrou mais ninguém com quem ela pudesse resolver o caso, não é?

Thom, com uma esponja molhada, tirava a sujeira de uma rédea e soltava algumas fivelas, desembaraçando as faixas de couro com habilidade, usando a mão direita.

— Será que sou assim tão inútil? Será que é tão inconcebível que eu seja capaz de ajudá-la?

Ele balançou a cabeça.

— Não se trata de você. O problema é com ela.

— Como assim?

— Para ela, é mais fácil demonstrar pesar pelo cavalo do que pelo marido. Ela é tão fechada, a sua mãe, tão habituada a manter tudo trancado dentro de si mesma. Não creio que ela saiba como lidar com o que está acontecendo.

— Eu não concordo com isso — disse Kate, depois de pensar por um momento. — Ela sempre achou muito simples o fato de se mostrar aborrecida. Acho que o problema é comigo. Ela simplesmente não quer que eu sinta que existe alguma coisa que eu possa fazer e que possua algum valor para ela. — Levantou-se e ficou de frente para a porta.

Ela jamais teve orgulho de nada do que eu fiz na vida. Sempre agi errado, aos olhos dela.

Agora, ela simplesmente não quer que essa situação se modifique.

— Você está sendo terrivelmente dura com ela.

— Ela sempre foi terrivelmente dura comigo. Diga-me, Thom, quem é que falou que eu não podia mais continuar a viver nesta casa, quando fiquei grávida de Sabine? Hein?

O quanto você acha que aquilo me magoou? Eu tinha só dezoito anos, pelo amor de Deus. — Kate, agora, estava andando de um lado para o outro no pequeno espaço, correndo as mãos ao longo dos armários das selas alinhados na parede.

— Sempre pensei que foi você que não quis ficar aqui.

— Não quis, mesmo. Mas isso, em parte, foi pelo fato de eles terem sido tão horríveis comigo.

Thom levantou a rédea em direção à luz, procurando resquícios de sujeira, e então baixoua novamente, pousando-a sobre o joelho.

— Isso foi há muito tempo, Kate. Você devia tocar a vida para frente. Nós fizemos isso.

Kate se virou para ele com um ar carrancudo e obstinado que, se sua falecida avó Alice tivesse visto, teria comentado que era exatamente igual ao de sua mãe.

— Não posso ir em frente, Thom. Pelo menos, enquanto ela não parar de me julgar por tudo o que eu faço. Não até que ela consiga começar a me aceitar do jeito que eu sou.

— Kate cruzou os braços e ficou olhando para ele, com os cabelos caídos sobre o rosto.

Ele colocou a rédea de lado e se levantou, abraçando-a com força, de modo que o seu corpo, inevitavelmente, ficou lânguido e relaxado.

— Deixe isso para lá.

— Não posso, Thom.

— Pelo menos por agora. Vamos fazer alguma coisa para afastar isso tudo da sua cabeça. — Sua voz era suave, macia. Kate levantou um dedo e contornou a boca de Thom. O lábio inferior dele estava todo rachado, por causa do frio.

— Então, o que tem em mente? — murmurou ela. — Você sabe que a casa está cheia de gente.

Ele riu, com os olhos se levantando de modo travesso.

— Acho que já está na hora de você dar uma cavalgada...

— Kate olhou fixamente para ele e então se afastou dos seus braços.

— Ah, não — disse ela. — Você pode ter conseguido isso com Sabine, mas não vai conseguir comigo. Passei os últimos vinte anos de minha vida agradecendo a Deus por não ter que montar na porcaria de um cavalo. De jeito nenhum.

Thom foi se aproximando lentamente dela. Continuava sorrindo.

— Nós podíamos cavalgar por quilómetros e quilómetros. Está um dia lindo.

— Não. Nem pensar.

— Podíamos só trotar bem devagar e ir em direção à floresta. Onde ninguém vai poder nos ver.

Kate balançou a cabeça, com a boca fechada com firmeza, do jeito que alguém fica quando quer escapar de um beijo não desejado.

— Eu não monto, Thom. Cavalos me deixam apavorada. Vou ficar muito feliz se nunca mais montar em um cavalo pelo resto da vida.

A mão boa dele foi se chegando por trás do pescoço de Kate, puxando-a com carinho em direção a ele. Ele estava cheirando a sabonete, e com um leve e adocicado aroma de feno da campina.

— Você não precisa montar em um cavalo. Pode ir na garupa, comigo. Ou eu posso colocá-la na frente e ir abraçando você o tempo todo.

Kate se sentiu zonza, intoxicada pela proximidade dele. Colocou os braços em volta do colarinho de Thom, desejando mergulhar dentro dele e querendo senti-lo mergulhar dentro dela. Seus olhos se fecharam, ela deixou a cabeça cair para um dos lados e sentiu sua respiração quente sobre o seu pescoço exposto.

— Quero ficar sozinho com você, só nós dois — sussurrou ele, e as vibrações da voz dele fizeram com que os pêlos de sua nuca se arrepiassem, em uma sensação maravilhosa.

Então, de repente, ela deu um pulo para trás, ao ouvir o barulho da porta de uma das cocheiras que bateu.

O som de passos que se aproximavam veio em seguida e Liam apareceu na porta do compartimento onde eles estavam, seu rosto magro e marcado pelo tempo recortado em silhueta contra o fundo brilhante do lado de fora. Ele ficou em pé por um instante, com uma manta debaixo do braço, o olhar pulando de Thom, que já estava sentado limando os arreios novamente, para Kate, que estava de pé junto dele, encostada com casualidade em uma das selas.

Está um dia fantástico — disse ele. A frase era dirigida a Thom, mas seus olhos estavam fixos em Kate. — Achei melhor tirar um pouco das mantas do potro baio. Ele não está tão magro quanto nós pensávamos.

— Boa ideia — concordou Thom, com a cabeça. — Eu estava mesmo achando que já era hora de o equiparmos por completo, já que o tempo está melhorando — continuou. Então, levantou a cabeça com ar questionador, olhando de relance para Kate. — E você, Liam, vai ficar por aqui o dia inteiro?

Sabine foi andando até o estábulo, com as mãos enfiadas nos fundos dos bolsos do jeans e o pescoço enterrado na gola rulê de seu suéter, de modo que só os seus olhos e o seu nariz, ambos vermelhos e com aparência cansada, estavam aparecendo do lado de fora. Seu avô estava morrendo, isso era basicamente o que o médico dissera, mesmo que ele tivesse tentado dourar a pílula usando toda espécie de "jargões médicos" e "prognósticos". Seu avô ia morrer, sua avó estava toda esquisita porque o seu cavalo fora sacrificado, Annie não respondia às ligações de Sabine havia muito tempo, e tudo à sua volta estava começando a desmoronar. A única família de verdade que ela jamais tivera estava se desmontando.

Com Bertie aos pés, Sabine se sentou no banco de madeira junto do cercado e enxugou o nariz com a manga do suéter. Ela estava começando a ter uma suspeita crescente, por mais que aquilo parecesse uma ideia idiota, de que tudo tinha alguma coisa a ver com ela. As duas famílias que ela tivera em Londres, com Jim e Geoff, haviam desmoronado. Agora, a sua família irlandesa, que estava perfeitamente bem e normal quando ela chegou ali (bem, não exatamente normal, ela reconheceu), estava igualmente se desintegrando, desmanchando e desaparecendo em volta dela. Nada mais estava como era antes da sua chegada. Nada. E se aquilo não tinha nenhuma relação com ela, qual era a explicação?

Sabine soltou um suspiro longo e soluçado, tão alto que Bertie olhou para cima com ar de interrogação, antes de voltar a aninhar o focinho entre as patas. Bobby lhe falara que ela estava sendo ridícula, quando ela lhe contou sobre a sua teoria, ao telefone.

— Gente velha morre, Sabine. Cavalos velhos também morrem dissera ele. — São coisas que acontecem. É que você ainda não tinha visto nada disso de perto. — Ele havia sido simpático, não fizera piadas com aquilo, como se compreendesse que ela realmente precisava se abrir com alguém. Poderia ter desabafado com Thom, pensou ela, amarga, mas até mesmo ele jamais parecia estar por perto, naqueles dias. Ele não a chamava para cavalgar há séculos, e quando os dois estavam sozinhos, nas cocheiras, ele parecia querer agradá-la, e brincava com ela como fazia com John— John, ou até com pessoas estranhas.

Levantando-se, Sabine subitamente sentiu que estava muito frio, começou a esfregar os braços à altura dos cotovelos e foi até o estábulo, enfiando a cabeça por cima de cada porta para ver quem estava ali, e quem não estava. Pensara em conversar com a mãe. Elas estavam se dando bem há uns dois dias, desde a carta de Geoff. Mas mesmo que sua mãe se mostrasse solidária, como era de se esperar, qualquer conversa que houvesse entre as duas a respeito de Kilcarrion ia ser muito difícil, devido à falta de habilidade de Kate para lidar com Joy, e à turbulência do fato de as duas saberem que Kate queria ir embora da Irlanda o mais depressa possível e Sabine, não.

Porque aí é que estava o ponto crucial do problema: mesmo que o seu avô morresse, Sabine não queria voltar. Ela se acostumara com a vida ali, seus ritmos e estruturas, e o jeito com que sempre dava para saber como as coisas iam acontecer. Na maior parte das vezes. Ela

gostava dos cavalos. Da casa-grande. Das pessoas. Não conseguia mais se imaginar zanzando horas a fio pelas redondezas de Keir Hardie, onde tudo o que importava era quem estava usando o quê, e quem estava a fim de quem. Se ela tentasse conversar com eles a respeito de cavalgadas ou caçadas eles iam tirar a maior onda com ela, dizendo que ela tinha voltado toda elegante e metida. Iam acabar fazendo com que ela se sentisse diferente, mais do que já se sentia. De algum modo, ela já não sentia mais Londres como a sua casa. E ouvi-la dizer isso, Sabine pensou, sentindo-se culpada, ia magoar a sua mãe, mais uma vez.

Ela abriu a porta de uma das cocheiras, entrou bem devagar e enlaçou o pescoço do cavalo cinza com os braços. Ele, por sua vez, absorto com um fardo de feno, a ignorou.

Depois de alguns minutos tornou a sair, fechou a porta com cuidado e seguiu para o compartimento das selas e arreios. Cavalgar um pouco poderia afastar a s nuvens escuras de sua cabeça. Era isso que a avó sempre dizia.

Liam estava sozinho lá, esfregando a manta de um cavalo com uma escova que parecia estar mais cheia de pêlos do que o tecido que limpava.

— Pensei em levar o cinza para dar uma saída — disse ela, pegando as rédeas.

— Está um grande dia para isso — replicou Liam, rindo. — Se bem que, para cavalgar, sempre está um grande dia.

— É... — exclamou Sabine, tentando não sorrir. Não queria que Liam se empolgasse muito.

— Você vai cavalgar sozinha?

— Vou. Por quê?

— Pomada.

— Pode falar.

Liam encolheu os ombros, e disse:

— Pensei que você preferisse cavalgar acompanhada por alguém. Achei que gostava de cavalgar com Thom.

Sabine tentou levantar a sela do apoio, determinada a não ficar vermelha.

— Bem, não sei onde ele está. E não há mais ninguém por aqui, hoje. Ninguém.

— Bem, acredito que você vai ter uma surpresa.

Sabine olhou para ele.

— Eu acho que Thom foi na direção da floresta. Montado no cavalo grande. — Jogou a escova dentro de uma caixa que estava no chão e deu uma sacudida na manta.

— Não me lembro bem se ele estava sozinho ou não. — E se virou para pegar a manta seguinte na pilha, com um sorriso estranho nos lábios. — Divirta-se — completou.

Sabine olhou para Liam e franziu a testa. Então, foi novamente para o pátio, com as rédeas arrastando pelo chão, atrás dela. Liam, às vezes, era meio esquisito.

A Floresta Escura do Javali, como era conhecida por ali, não era particularmente escura nem, pelo que se sabia, continha javalis. Tinha uns quatrocentos metros de largura e seguia o

curso de um pequeno rio, que corria por trás de duas fazendas da região e fornecia trutas durante a temporada de pesca, além de oferecer uma boa oportunidade para os adolescentes locais se perderem no verão, longe dos olhares dos mais velhos. Apesar de estreita, a floresta era comprida, acompanhando o rio que serpenteava por quase três quilómetros, de modo que as pessoas que queriam se convencer de que estavam longe da civilização podiam fazê-lo, protegidas pelo abrigo quase silencioso das árvores e dos arbustos que havia por ali.

Foi quando chegou ao meio desse caminho que acompanhava o rio que Thom fez o grande cavalo baio parar, lançou a perna direita por sobre a parte de trás da sela e pulou com suavidade na terra macia coberta de turfa. Atirando as rédeas sobre o braço esquerdo, esticou a mão para ajudar Kate a descer do animal. Com muito menos graça ela se deixou escorregar, sempre agarrada ao cavalo, e então foi caminhando devagar até um tronco caído, onde s e sentou com todo o cuidado sobre a superfície coberta de musgo.

— Amanhã, não vou nem conseguir andar — disse ela, esfregando as costas e contraindo o rosto.

— É depois de amanhã que você vai sentir ainda mais.

— Você não precisava demonstrar tanta satisfação com isso. Thom acariciou o focinho do cavalo e depois o conduziu até outra árvore. Soltou a corda que ficava em torno do pescoço do animal e a prendeu no freio, amarrando-o a um galho, com um nó frouxo. Então, caminhou lentamente até o tronco caído e sentou-se ao lado de Kate, colocando o cabelo dela para trás com os dedos e beijando-a no nariz.

— Foi tão ruim assim?

Ela sorriu com ar triste, olhando para baixo, como se conseguisse ver as marcas roxas que iam começar a aparecer por baixo das roupas. — Eu não teria feito isso por nenhuma outra pessoa.

— Espero que não. Estávamos tão agarrados que, se a gente estivesse mais junto um do outro, estaria quebrando alguma lei de decoro público.

— Hum, não me pareceu que você estivesse se importando tanto assim com isso.

Eles se inclinaram na direção um do outro e se beijaram longamente. Kate respirou fundo aquele ar úmido com aromas misteriosos de madeiras e de musgo, folhas secas que apodreciam e o cheiro forte de vegetação nova misturado com os aromas mais sutis do homem ao lado dela. Compreendeu que estava se sentindo indubitavelmente feliz.

— Eu amo você, sabia? — perguntou ele, quando os dois se afastaram.

— Eu sei. Amo você, também.

Não foi preciso nenhum esforço para falar aquelas palavras. Não foi preciso pesquisar no fundo da alma. Não houve trauma.

Acima deles, o brilho do sol lançava raios compridos e estreitos através das copas verdes, iluminando a terra em torno deles com pontos de luz que pareciam piscar e se mover. A brisa murmurava sobre a vegetação rasteira em volta, como se mãos invisíveis dançassem pela superfície, com suavidade. Eles se beijaram novamente, as mãos dele agora entrelaçadas nos

cabelos dela, forçando-a gentilmente para trás sobre a larga superfície do tronco, de modo que ela podia sentir o peso do corpo dele sobre o seu.

Aquilo a fez se sentir fraca de desejo, e ela apertou a cintura dele em resposta, tentando trazê-lo mais para perto, mais para junto dela.

O tempo foi desacelerando e então parou por completo, dissolvido na sensação do calor entre eles, o ritmo da respiração deles se unificando, e a sensação dos lábios dele sobre a pele dela.

— Ó Thom — ela murmurou em seu ouvido —, eu quero você.

E sentiu a face dele, áspera, contra a dela, e o jeito com que ele ficou imóvel, fazendo uma pausa. Então, ele se ajeitou, levantando-se um pouco, apoiado na mão boa, os olhos fixos nela.

— Eu também quero você — disse ele, e abaixou a cabeça para beijála no rosto, como se fosse uma bênção.

Ela lançou o corpo para cima, sentindo que a distância entre eles era muito grande, puxando-o na direção dela. Só que, a meio caminho, ele parou, mantendo, à custa de algum esforço, a distância entre seus corpos.

— Não. — disse ele.

— O que foi? — ela apertou os olhos para ver melhor, enquanto uma réstia de luz atravessou as folhas acima deles, deixando-a por um segundo sem conseguir ver o rosto dele. Ah, meu Deus, ela pensou, são os óculos. Eu não devia estar usando os óculos.

— Não quero que isso aconteça aqui, desse jeito. — Deu um impulso no corpo, colocando-se novamente em pé, com a respiração ainda irregular. — Não quero que seja... vulgar.

— Mas como isso poderia ser vulgar? — Kate, também lutando para conseguir se colocar em pé, fazia tudo para manter o tom de impaciência longe da voz.

— Tudo bem, não foi vulgar que eu quis dizer. Palavra errada. Ele pegou a mão dela e a virou com a palma para cima. — É que eu gostaria que este momento seja perfeito. É que... não sei explicar... esperei por tanto tempo... Você significa muito para mim.

Kate olhou para a palma de sua mão, sentindo o calor começar a se dissipar lentamente dentro do corpo. Substituído por um tipo diferente de ternura. Um poder incomum.

— Não vai ser perfeito, Thom.

Ele olhou para ela, com as duas íris azuis emolduradas, e ela continuou: — Você não deve esperar que seja perfeito. Se criar uma expectativa muito grande, vamos acabar desapontando um ao outro. Acredite em mim. — Eu sei, acrescentou ela para si mesma.

Ele olhou para baixo, ainda observando a mão dela. Ela continuou: — Só porque houve um longo tempo de espera, não significa que nós devemos tornar este momento mais significativo do que já é. Provavelmente vai ser até um pouco estranho, no início. Isto é, nós vamos ter que nos acostumar um com o outro. — Inconscientemente, ele olhou para o próprio braço.

Nós dois mudamos, Thom. Vamos ter que começar tudo do início. Sei que vai acabar sendo perfeito... depois de algum tempo. O mais importante é que comecemos em algum ponto — e

sorriu, olhando em torno —, mesmo que não seja aqui. Ou que não aconteça nos próximos dias. Porque, para ser sincera, é capaz de eu não conseguir movimentar as minhas pernas.

O estado de espírito deles ficou mais leve, se expandiu. Ele olhou de volta para ela e soltou um suspiro que era quase uma risada. E então levantou a mão de Kate com os olhos ainda fixos nos dela e mordeu levemente a parte de dentro de seu pulso. Ao sentir o toque de sua boca na pele, a espinha de Kate se transformou em metal derretido, e a sua visão, mesmo por trás dos óculos, ficou embaçada. Ela engoliu em seco.

— Você está certa — disse ele, falando para o pulso dela, os olhos ainda queimando quando se levantaram em busca dos dela. — Nós não devemos transformar isso em tudo-ou-nada.

Ele a soltou e colocou a mão dela de volta sobre o colo, sorrindo ao completar: — Só que você também está errada, sabia? Vai ser perfeito, sim.

Sabine puxou o cavalo para voltar para casa, levantando a perna direita para a frente a fim de montar nele com uma prática recém-adquirida, e soltando as fivelas da cilha do animal para que ele também pudesse relaxar um pouco. Ela o cavalgara por muito tempo naquela tarde, determinada a se focar unicamente nas sensações físicas da carne rija do animal que martelava de modo rítmico a turfa abaixo dela, o sentimento de glória que a absorvia ao senti-lo elevando o corpo e retesando-o de volta, saltando sobre as sebes, tornando-a disposta a se esquecer por completo das complicações que a aguardavam para breve. Ela não ia voltar para casa em Londres. Ia ter que comunicar isso à mãe. Ia explicar que ela poderia visitá-la na Inglaterra, e que telefonaria todas as semanas, mas ia ficar morando ali, onde poderia ser útil a avó. Onde ela se sentia mais feliz. Talvez ela não dissesse essa última frase, pensou, afrouxando as rédeas, de forma que o cavalo cinza conseguiu abaixar um pouco mais a cabeça, parecendo grato. Falar isso parecia um pouco cruel. Até mesmo para com a mãe dela.

O sol que se punha revestiu-se de um brilho vermelho, um brilho escandinavo que iluminava os campos vazios e tingia as partes mais altas da paisagem, ainda pintadas com tons rosados no ar gelado. Atrás dela, exausto, Bertie corria apático, a uma distância segura dos cascos, com as patas fazendo cliques secos sobre a pista asfaltada.

Ela poderia ir a Londres a cada duas semanas, se sua mãe se mostrasse realmente desesperada. Sabine bem sabia que ela não gostava de se sentir sozinha. Só que ela ia ter de entender que tudo aquilo, em parte, era culpa dela mesma, pois foi ela quem havia mandado Sabine para a Irlanda, afinal. E não era culpa sua se ela tinha se dado tão bem com a avó e o avô, melhor até do que Kate jamais conseguira.

— Talvez eles me deixem ficar com você — disse para o cavalo, fazendo com que suas orelhas se inclinassem um pouco para frente. Um cavalo a mais não ia fazer diferença, não é?

Mas não era só uma questão de egoísmo. Se ela ficasse ali, poderia ajudar a avó a cuidar do avô. A velha senhora estava sempre muito ocupada fazendo outras coisas, e eles ainda iam economizar algum dinheiro se dispensassem Lynda. Além do mais, a senhora H poderia passar um pouco mais de tempo com Annie, caso ela precisasse de tratamento, e eles iam precisar de alguém para preparar o almoço. Contanto que a senhora H continuasse a preparar o pão

caseiro, Sabine achava que poderia dar conta do resto. E, nesse meio tempo, poderia cavalgar todos os dias. E ajudar a animar as pessoas, um pouco. E ficar de olho em Christopher e Julia. E talvez continuar a sair com Bobby. Ela resolveu que gostava dele como amigo, embora não estivesse tão certa sobre a outra possibilidade.

Ao passar pela curva da igreja de São Pedro Abençoado o cavalo cinza parou, e sua cabeça se elevou de repente, as orelhas se esticando para frente. Suas narinas se alargaram, como se sentisse o cheiro de alguma coisa e ele soltou um relincho baixo e prolongado, como se estivesse fazendo um cumprimento. Bertie, que chegou e foi um pouco adiante dele, olhou para cima, também.

Subitamente trazida de volta de seus pensamentos, Sabine olhou em volta para ver o que colocara o cavalo em alerta. Seguindo a linha de visão do animal, ela notou, a distância, o cavalo grande do estábulo que andava lentamente ao longo da sebe ao lado do campo aberto. Ele estava vindo de frente para ela, de modo que, daquela distância, ela pensou ver apenas a silhueta de Thom, que vinha montado nele, e teve ímpetos de chamar a atenção dele com um grito, para cumprimentá-lo. Foi então que o cavalo se virou ligeiramente para a esquerda e Sabine viu que havia duas pessoas sobre o animal.

Uma delas era Thom. A outra, atrás dele, era a sua mãe. Dava para ver o tom ruivo do cabelo dela, brilhando em contraste com a porção de terra arada ao fundo do campo, em marrom-claro. Ela estava com os braços em volta da cintura dele e a cabeça recostada em seu ombro.

Sabine piscou com força sem conseguir acreditar, a princípio, no que estava vendo e então, quando a imagem se confirmou, sentiu-se paralisada pelas implicações do que via.

Sua mãe tinha pavor de cavalos. Só podia haver um motivo para ela estar em cima de um.

E se lembrou, de repente, do que Liam lhe dissera.

Esperou até que eles tivessem passado ao longe, sem notar o barulho que os cascos do cavalo cinza faziam no chão, inquietos. Seu próprio olhar foi se tornando gradualmente mais frio, tão gelado quanto suas pernas imóveis. Então, só depois de se certificar de que já estava fora de vista, deixou que o cavalo a conduzisse de volta para casa.

Kate estava submersa na banheira com a espuma até o queixo e os dedos dos pés emergindo da água fumegante na outra ponta, como pequenas salsichas rosadas enfileiradas ao lado das torneiras esbranquiçadas por uma fina camada de calcário. Seu corpo já estava começando a doer, como ela sabia que ia acontecer, mas havia uma sensação agradável de relaxamento e liberação da tensão, de modo que já não ligava. Thom a amava.

Realmente a amava. Tudo o mais eram detalhes.

Fechando os olhos, ela se lembrou de como se sentira, com o hálito dele misturando-se ao dela, os braços em volta do seu corpo, como ela sentira a presença dele quando estava sobre o cavalo, a sensação calma e erótica do seu corpo pressionado contra o dele, o silêncio de ambos contrastando com o som abafado dos cascos batendo no chão abaixo. Lembrou do momento em que, depois de conversarem sentados no tronco, ele despira o suéter a pedido dela e abrira a camisa para lhe mostrar o mecanismo que movia o seu braço. Ele se mostrara

um pouco desconfortável, a princípio, dava para perceber, e então, como se fosse para esconder essa sensação, tornou-se quase desafiadoramente relaxado, explicando tudo para ela e conversando a respeito daquilo com os olhos brilhando sem parar, como se estivesse testando as reações dela diante de cada revelação. Não que aquilo fizesse diferença para ela, Kate queria lhe dizer, mas ela simplesmente precisava conhecer o mecanismo. Aquilo era uma parte dele que ela não conseguia imaginar e, agora que eles tinham atravessado uma barreira, precisava saber de tudo com detalhes.

A mão, ele explicou, era feita de silicone. Tinha um pouco de pressão, para segurar os objetos, mas era pouca. (Ele poderia ter optado por outro tipo de mão, que lhe daria uma capacidade muito maior de segurar e apertar as coisas, "só que eu me senti como o capitão Gancho, ao experimentar aquele modelo. Jamais ia conseguir relaxar, com as duas pontas esticadas para fora daquele jeito".) A mão continuava com um pulso articulado coberto de plástico, e então se transformava em uma mistura de cabos de metal e tubos quase cilíndricos que se fundiam uns aos outros, formando uma teia de fios finos que se encontravam em torno dos ombros.

— Você não preferiu um daqueles braços mecânicos modernos? perguntou Kate, passando os dedos ao longo do aparelho. — Aqueles que respondem ao comando dos nervos, ou algo desse tipo? Eles não parecem mais realísticos?

— Não se eu quisesse continuar com este emprego — explicou ele. — com este modelo antigo, posso molhar o braço, e a poeira do feno não o estraga. Não tem muitas partes que possam enguiçar. Além disso consigo me arrumar muito bem usando apenas a mão direita, na maior parte do tempo. — Muitas pessoas que perdiam o braço, ele explicou, nem se interessavam em usar um membro mecânico. Dava muito trabalho para fazer a adaptação, e era muito desconfortável, no início. Ele tinha sido perseverante porque não gostava que as pessoas ficassem olhando muito para ele. E as pessoas olhavam, não conseguiam evitar.

Nesse momento, Kate levantara a mão de silicone e a beijara, e Thom a puxara para junto dele, beijando os cabelos, e m retribuição. Ela não voltou a pensar mais naquilo, depois desse momento. Não saber o que havia por baixo do suéter é que a tinha deixado tão interessada. Pensou em como a vida poderia ser, ao lado de Thom; como seria se levantar, olhar para aqueles olhos brilhantes e muito azuis, e se aninhar de forma casual dentro daquele peito largo e musculoso.

— Como é que a senhora sabe que é amor? — ela perguntara uma vez à mãe, ainda nos velhos dias em que elas conseguiam conversar sobre essas coisas.

— Você simplesmente sabe — explicara ela, com segurança; uma resposta que Kate considerou muito incompleta, na ocasião. Porém, talvez ela estivesse certa, avaliou, pensativa. Talvez, apenas talvez, fosse simples assim. Ela jamais sentira aquilo, antes; não era o tipo de amor ansioso e agitado que ela achou que sentia por Justin, nem o amor grato e reservado que sentira por Geoff. Aquela era uma paixão, sem dúvida, mas lhe parecia algo sólido, imutável, como se não houvesse nada que ela pudesse fazer para mudar, mesmo que tentasse. Algo inevitável. Sorrindo para si mesma, dobrou os joelhos e submergiu, permitindo que o calor da água a inundasse.

Por passar tanto tempo sozinha em casa, Kate não tinha o hábito de trancar a porta do banheiro; parecia desnecessário, já que não havia risco de alguém entrar. Assim, foi com uma espécie de choque que, ao tornar a abrir os olhos, deu de cara com Sabine, em pé ao seu lado.

— Sabine? — balbuciou, apressada, limpando a espuma do rosto. Você está bem?

Quer alguma coisa?

— Você não podia deixar as coisas como estavam? — Sabine atirou as palavras, com as mãos nas cadeiras e o rosto contorcido de raiva. Não conseguiu ficar nem cinco minutos sem um homem?

Kate fez força para se colocar sentada na banheira, tentando não demonstrar muita pressa em cobrir a sua nudez, sob o olhar hostil da filha.

— O que...

— Você me dá nojo, sabia? Eu sinto nojo! Parece uma piranha!

— Ei, espere aí... — Kate tentava pegar a toalha, que estava na outra ponta da banheira, fazendo com que um pouco da água transbordasse no chão, em ondas. — Espere um instante...

— Eu cheguei a sentir pena de você, sabia? — Sabine estava balançando a cabeça, agora. Seu cabelo, ainda amassado pelo chapéu de cavalgar, estava eriçado nas pontas, em ângulos irregulares. — Senti pena de você, por causa de Geoff! Cheguei a me sentir muito mal por ter contado aquilo sobre ele. E o tempo todo você estava só... — e lutou para escolher as palavras — você estava só se esfregando com Thom. Atirando-se para cima dele. Nossa, você me deixa enojada!

— Eu não dormi com Thom. — Kate se levantou, apoiando-se no aquecedor enquanto saía da banheira. — Não dormi com ninguém.

— Eu vi vocês dois! Eu vi você no cavalo, com ele! Vi com os meus próprios olhos!

Kate ficou muda, arrasada pelo ódio puro que sentiu no olhar da filha.

— Sabine, não é o que você está pensando...

— O quê? Vai querer me dizer que você não está envolvida com ele?

— Não, não estou dizendo isso. — Kate soltou um suspiro.

— Então, não minta para mim. Não tente encobrir as coisas. Nossa, mamãe, quando eu cheguei aqui, senti pena pelo que você passou, senti mesmo, sabia? Achei horrível que você tivesse sido obrigada a crescer aqui. Achei que eles eram impossíveis de se conviver. — Sabine estava chorando, agora, a respiração saindo em golpes curtos e entrecortados e os olhos muito apertados para tentar evitar que as lágrimas escorressem.

— E agora, agora, eu só queria... eu só queria que eu tivesse crescido aqui com eles, em vez de você. No meio de gente que se ama de verdade, mesmo que nem sempre demonstre. Gente que se liga de verdade, e fica junto um do outro. Gente que não vai correndo para a cama com qualquer homem do passado que apareça. Por que você não podia ser mais parecida com eles, hein? Por que tinha que se comportar como... Como escória"? A última palavra cortou o ar cheio de vapor que havia entre elas, como uma lâmina gelada.

— Eu não dormi com ele — disse Kate, baixinho, apertando mais a toalha, com lágrimas descendo pelo rosto. Mas Sabine já tinha ido embora.

A jovem saíra correndo de casa sem ter ideia do que deveria fazer em seguida, com a cabeça cheia de pensamentos conflitantes, como cacos de um espelho que refletiam as formas uns dos outros, mas não conseguiam formar uma imagem. Acabou no estábulo quase por instinto, sentindo que, de algum modo, a companhia descomplicada dos cavalos e dos cães era mais segura do que a variedade humana que havia dentro da casa. Como é que ela pôde fazer isso?, pensou, com os braços agarrados em torno do pescoço impassível do seu cavalo cinza, sentindo a bochecha molhada de lágrimas de encontro ao seu pêlo. Como é que a sua mãe pôde se atirar para cima de Thom? Logo Thom, entre tanta gente, a única pessoa que a compreendera de verdade, desde que ela chegara ali? Será que ela não tinha nenhum autocontrole? Por que ela tinha que estragar tudo?

Sabine largou o animal e se sentou no chão, no canto da cocheira, tentando relembrar o que a mãe realmente havia falado. Ela argumentara que não havia dormido com ele. Mas era óbvio que ia fazer isso. Se Sabine fechasse os olhos, ainda conseguia ver a imagem dela, colada junto das costas de Thom, enquanto ele guiava o cavalo lentamente de volta para casa. Mesmo daquela distância, dava para perceber a expressão no rosto dela: toda convencida e satisfeita consigo mesma. Deleitando-se com a intimidade entre eles. O mesmo tipo de expressão que ela costumava exibir quando olhava para Justin e achava que Sabine não estava reparando. Esfregou os olhos, ainda dentro da cocheira que já estava começando a ficar escura, tentando dispersar de sua mente a imagem dos dois juntos.

Por que ela tinha que acabar com uma mãe como aquela? Certa vez, no passado, ela se sentira mais próxima da mãe, compreendeu que Geoff era uma pessoa difícil, mas que Kate estava tentando manter uma espécie de família tradicional, mesmo que não fosse exatamente do tipo convencional. Agora, ela já não sabia mais quem a mãe era: desde o caso com Justin, Kate se transformara em uma pessoa diferente. Alguém que não tinha limites. Aquilo não só fazia com que Sabine se sentisse zangada, mas também a fazia se sentir insegura, como se estivesse pisando em areia movediça.

Levantando-se, enfiou as mãos no balde de água do cavalo cinza e as passou, quase congeladas, sobre o rosto, para tentar esfriar os pensamentos que fervilhavam em sua cabeça. A água gelada pareceu confortá-la. Foi enquanto estava em pé ali, com as palmas das mãos cobrindo o rosto, que Sabine o ouviu chegando, e notou que ele brincava delicadamente com o cavalo da cocheira ao lado, escutando a palmada abafada de sua mão contra a anca musculosa do animal. Ouviu-se um ruído metálico e então o som seco do cavalo que esbarrava o corpo, desajeitado, contra a parede da cocheira. Por vários minutos, Sabine permaneceu imóvel, como se estivesse pensando.

Só que ela não estava pensando.

Colocando os cabelos para trás, enxugou os olhos e alargou a gola da blusa.

Pensando melhor, tirou o suéter, lutando para arrancá-lo por cima da cabeça, e colocou-o com todo o cuidado sobre a porta da cocheira. Depois, saiu do compartimento onde o cavalo

cinza estava e foi, bem devagar, até o do lado, fechando a porta atrás dela.

Thom, com as costas todas polvilhadas com pedaços de palha, estava virado para a parede. Ele olhou para trás, por sobre os ombros, e o seu rosto ficou temporariamente iluminado pela luz amarelada da lâmpada acima de sua cabeça.

— Oi — disse ele, içando um fardo de feno com o auxílio de uma roldana e dando um nó apertado para deixá-lo preso, no ar. — Veio me dar uma mãozinha?

Sabine se encostou na parede da cocheira, com os olhos fixos nele.

— Eu tirei uma pedra imensa do casco desse rapazinho aqui ainda há pouco; parecia um ovo, de tão grande — disse ele, ainda ajeitando o fardo. — Você precisava ver, para acreditar. Não é de se estranhar que ele estivesse mancando um pouco enquanto trotava, ontem.

Sabine veio deslizando pela parede, chegando cada vez mais perto dele.

— Foi culpa minha, não ter percebido — murmurou ele, dando um último empurrão no fardo. — Não dá para acreditar que a gente ainda comete um erro desses depois de vinte anos, não é? E você, por onde andou? — Finalmente se virou na direção dela, mas teve que girar o corpo e dar um passo para trás, porque ela estava mais perto do que ele esperava.

— Dei uma saída com o cinza — disse ela, levantando um joelho e dobrando-o atrás do corpo. — Nada de especial.

— Ele está se dando muito bem com você, agora — disse Thom, sorrindo —, e você se dá muito bem com ele.

— E quanto a você? — Sabine olhou para ele apertando os olhos, por trás dos cílios.

— Ah, ele é pequeno demais para mim. Mas reconheço que é o meu tipo de animal.

Um garoto corajoso, decidido. Não há nenhum como ele.

— Eu não estava falando sobre o cavalo.

Thom parou, com a cabeça pendida um pouco para o lado.

— Nós nos damos bem? — voltou ela. — Você e eu? — Sua voz estava baixa, melíflua. De repente, a cocheira ficou muito calma, e o som de mastigação que vinha dos cavalos pareceu aumentar, devido ao silêncio quase total.

— Nós nos damos muito bem. — Ele franziu o cenho, tentando descobrir aonde aquela conversa os estava levando.

— Então, você gosta de mim? — Sabine o encarou.

— É claro que gosto de você. Gostei desde o primeiro dia em que a encontrei.

Sabine deu um passo na direção dele. Seu coração estava batendo com tanta força que ela tinha certeza de que Thom conseguia ouvi-lo.

— Eu também gostei muito de você — sussurrou ela. — Ainda gosto.

Passou a ponta da sua língua em volta dos lábios, umedecendo-os.

Thom, ainda com a testa franzida, desviou o olhar dela e pegou a vassoura que estava encostada n a manjedoura, n o canto. Parou. Então, coçou a parte de trás da cabeça, como se

estivesse considerando alguma ideia e se virou, agachando-se para pegar o balde de água que estava quase vazio.

O balde caiu no chão, fazendo tanto barulho que o cavalo se assustou.

Sabine estava em pé, a poucos centímetros dele, com a blusa aberta até a cintura.

Não usava nada por baixo.

— Sabine... — Thom deu um passo à frente, como se fosse cobri-la, mas ela esticou o braço e pegou a mão dele. Aproximou-se mais e colocou a mão direita no peito dele, com seu corpo delicado inclinando-se contra o dele, fazendo uma pressão leve.

Depois, levantou a mão direita dele, que ainda segurava e, olhando para baixo por um breve segundo, colocou-a lentamente, mas com firmeza, sobre o seu seio esquerdo.

— Silêncio — sussurrou ela, com os olhos arregalados, perdidos nos dele.

Por baixo da mão dele, sentiu a pele estremecer. Os olhos de Thom também se arregalaram, e sua respiração ficou ofegante por causa do choque.

— Sabine... — ele disse de novo, mas ela se esticou, puxou a cabeça de Thom na direção dela e levantou os lábios para poder encontrar os dele.

Houve um silêncio curto e terrível. Então Thom se afastou subitamente, puxando o corpo para trás, gaguejando e balançando a cabeça.

— Sabine. Não. Não, eu sinto muito... sinto muito, mas... — E se virou em direção à porta, apoiando-se nela. Então, pegou o balde caído com a mão de silicone, enquanto esfregava a boa nos olhos e no rosto, como se para dispersar a imagem d o que acontecera. Uma luz piscou no compartimento dos arreios e selas, com um brilho fluorescente que refletiu nas pedras do piso. Do lado de fora do estábulo, Bertie latiu.

— Sabine, olhe... eu não posso... Você é adorável, de verdade, só que eu...

Sabine começou a tremer. Ainda em pé diante dele, na semiescuridão, ela tentava prender a blusa em volta dela, de forma desajeitada, e seu lábio inferior tremia. Pareceu muito frágil e muito jovem.

Thom, com o rosto tomado de preocupação agora, deu um passo de volta na direção dela.

— Ah, meu Deus, Sabine, venha aqui...

Mas ela passou ao lado dele e, com um soluço abafado, saiu correndo na escuridão.

Kate encontrou Joy no escritório, com um coque caótico de cabelos brancos visível acima de um casaco acolchoado verde, fortemente preso em volta das costas. Ela estava sentada na escrivaninha que um dia fora de Edward, e remexia em uma caixa cheia de papéis, alguns dos quais ela colocava em uma pilha organizada diante dela, embora a maior parte deles fosse direto para a cesta de papéis feita de metal que estava junto de seus pés. Não havia nenhum tipo de consideração ou meditação diante de cada papel, apenas um olhar firme e um veredicto definitivo, tanto para guardá-lo na pilha quanto para lançá-lo no lixo. À sua esquerda estava a caixa de fotografias que Kate vira Sabine organizando dois dias antes, aparentemente o item seguinte a s e r sistemática e cruelmente racionalizado.

Kate, que subira as escadas quase correndo, respirou fundo e bateu na porta aberta, embora já estivesse dentro do quarto.

Joy se virou na cadeira. Pareceu ligeiramente surpresa por ver a filha parada ali e olhou para trás dela, como se estivesse na expectativa de ver chegar mais alguém.

— Bem, mamãe. A senhora vai ficar muito satisfeita em saber que conseguiu o que tanto queria.

— Kate entrou no cómodo, passando a ponta dos dedos ao longo da prateleira, com a voz baixa e controlada.

Joy franziu a testa.

— Honestamente, mamãe, eu sabia que jamais contei com a sua aprovação, mas o fato de que levou apenas... quanto tempo? Dois meses e meio? Bem, isso foi impressionante. Mesmo para os seus padrões.

— Desculpe-me, Kate — Joy se virou por completo na cadeira, ficando de frente para ela —, mas não estou compreendendo.

— Sabine. Foram necessárias apenas algumas semanas. Agora, ela me despreza tanto quanto a senhora.

Mãe e filha ficaram olhando fixamente uma para a outra, no velho aposento empoeirado. Era o maior contato que elas tiveram, desde a volta de Kate.

Joy s e levantou d a cadeira; seus movimentos eram mais lentos d o que Kate se lembrava e pareciam mais difíceis.

— Katherine, o que quer que tenha acontecido entre você e Sabine não tem nada a ver comigo. — Girou um pouco o corpo para ficar novamente de frente para a filha, uma das mãos ainda agarrada com firmeza no espaldar da cadeira. — Eu não faço a menor ideia de sobre o que você está falando. Agora, se me der licença, tenho coisas para resolver, lá embaixo.

— Ah, isso é uma surpresa.

Joy levantou a cabeça, de forma abrupta.

— Bem, é que sempre há algo para a senhora fazer lá embaixo, não é? Há sempre alguma coisa que é preferível resolver a conversar comigo, sua própria filha.

— Você está ficando histérica. — Joy recusou-se a olhar para Kate, que agora se colocara bem no seu caminho.

— Não, mamãe. Não estou histérica. Estou perfeitamente calma e controlada.

Apenas acho que já está na hora de a senhora e eu termos uma conversa. Eu estou cansada — e, nesse ponto, não conseguiu evitar que a voz se elevasse um pouco — de ver a senhora me ignorar, educadamente, como se eu fosse algo que estivesse cheirando ligeiramente mal. Quero conversar com a senhora, e gostaria de fazer isso agora.

Joy olhou para a porta, e depois para o chão do quarto em torno dela, que estava quase limpo das caixas que se espalharam ali por anos.

Havia marcas escuras, quadradas, sobre os velhos tapetes, gravadas nos locais onde elas haviam estado.

Bem, então vamos fazer com que seja uma conversa rápida. Não quero deixar seu pai sozinho por muito tempo.

Kate sentiu a raiva subir pela garganta, como se fosse bile.

— O que foi que a senhora disse a Sabine a meu respeito?

— Como assim?

— O que disse para ela? Ela estava bem, quando saiu de Londres. Muito bem. E agora, despreza tudo o que eu faço. Tudo o que sou. E sabe de uma coisa, mamãe?

Algumas das coisas que ela me diz... bem, parecem estar saindo da sua boca.

Joy ficou ali em pé, rígida, com os braços em torno do corpo.

— Não tenho ideia do que você está falando. Não conversei com Sabine a respeito de você.

Kate riu, um riso vazio e sem humor.

— Ah, a senhora pode não ter falado nada específico, mas eu a conheço bem, mamãe. Sei como a senhora é. Sei o quanto as palavras que a senhora não diz podem ser tão venenosas quanto qualquer coisa que possa dizer. E pode acreditar em mim, alguma coisa aconteceu. Porque minha filha tem a senhora na conta de única guardiã do verdadeiro amor. E tudo o que eu faço agora é muito deficiente, em comparação.

— Isso não tem nada a ver comigo. — O rosto de Joy estava duro como pedra. — Não estou com tempo para isso. De verdade.

Mas Kate não estava disposta a ser impedida de continuar.

— Sabe de uma coisa? Eu sinto muito não ter conseguido ser como a senhora e o papai, certo? Sinto muito não ter seguido o figurino de casar de branco, na igreja, com tudo o que tinha direito. Sinto muito não estar até hoje com o primeiro namorado da minha infância. Só que os tempos mudam, acredite ou não, e não há muitas pessoas com a minha idade que estejam até hoje em companhia do primeiro amor.

Joy apertou a cadeira com mais força.

— Eu não consigo alcançar o seu padrão, certo, mamãe? Não tenho condições de tentar igualar a história de amor que aconteceu entre a senhora e o papai, a história definitiva, aquela diante da qual todas as outras perdem o brilho, certo? Mas isso não me transforma em uma pessoa má. Não significa que a senhora pode me julgar por cada pequenina coisa que eu faço.

— Jamais julguei você.

— Ora, vamos lá, mamãe. A senhora encontrou deficiências em todas as coisas que eu fiz na vida. A senhora me julgou por causa de Sabine, por causa de Jim. Deixou bem claro que não aprovava o meu namoro com Geoff, mesmo sabendo que ele era um médico respeitável.

— Não julguei você. Apenas queria que fosse feliz.

— Ah, conversa fiada! Conversa fiada! A senhora nem permitia que eu tivesse os amigos que queria, desde criança. Olhe só. — Esticou o braço e pegou a foto dela com Tung-Li em cima da pilha. — A senhora se lembra deste menino? Aposto que não.

Joy olhou de relance para a foto e desviou o olhar, dizendo: — Eu me lembro muito bem deste menino, sim, senhora.

— Sim, Tung-Li. Meu melhor amigo. Meu melhor amigo, com quem eu não tinha permissão de brincar porque a senhora achava que uma menina da minha classe social não deveria ficar brincando com o filho da ama.

Subitamente, Joy pareceu muito cansada. Deu um passo para trás e se encostou na cadeira.

— Não era por causa disso, Katherine. Você compreendeu as coisas errado.

— Ah, compreendi? Acho que me lembro muito bem de a senhora ter sido bem clara, na ocasião. "Não é apropriado", foi a frase que a senhora usou. Lembra-se disso?

Porque eu ainda me lembro, e muito bem. De tanto que aquilo me magoou. Não era apropriado.

— Não era assim que as coisas eram. — A voz de Joy estava mais baixa, agora.

— Ele não era bom o suficiente para a senhora. Como todas as coisas que eu fiz na vida, que jamais eram boas o suficiente para a senhora. O jeito com que eu levava a minha vida, por quem eu me apaixonava ou como criei a minha filha. Não, nem mesmo quem eu escolhia para ser meu amigo. E eu tinha só seis anos! Não era apropriado!

— Você entendeu errado.

— Como? Como é que eu posso ter entendido errado? Tinha só seis anos!

— Já lhe disse, não era assim que as coisas eram.

— Então me conte, como é que eram?

— Está bem! Está bem! Eu vou lhe contar. — Joy inspirou profundamente e fechou os olhos. — Vou lhe contar o motivo de eu não poder deixar você brincar com Tung-Li...

Respirou fundo, mais uma vez. Do lado de fora, um dos cães arranhava a porta e gania, pedindo para que o deixassem entrar.

— Eu não podia deixar você brincar com Tung-Li porque... eu não podia aguentar aquilo. Era muito duro, para mim.

Abrindo os olhos, Joy olhou diretamente para Kate. Eles estavam marejados de lágrimas.

— Era difícil, porque ele era seu irmão.

Quatorze

JOY BALLANTYNE PASSAVA TÃO MAL c om os enjoos constantes, todas as manhãs, conforme sua mãe contou aos amigos, que o marido da filha despediu duas cozinheiras, uma atrás da outra, convencido de que elas deviam estar tentando envenenar a comida da casa. A primeira demissão Alice tomara como ofensa pessoal, pois havia movido céus e terras para conseguir os serviços daquela que era a empregada principal da casa; isso foi uma tarefa que a obrigou, na época, a rechaçar as investidas de ninguém menos do que a família Jardine. Apesar disso, até mesmo ela era obrigada a reconhecer que os acessos de vómitos constantes em Joy e a sua incapacidade de se levantar da cama durante várias semanas não eram coisas normalmente associadas a uma gravidez saudável.

Porque, começando pouco mais de seis semanas antes, quando Joy informou a Edward que ele ia ser pai, e a partir dali, ela vinha ficando a cada dia mais doente, sua palidez aumentava e sua pele estava adquirindo uma tonalidade amarelo-acinzentada enquanto o cabelo, normalmente maleável e viçoso, perdera o brilho e estava sem vida, apesar das infindáveis tentativas da mãe para arrumá-lo. Joy achava difícil até mesmo se mover, reclamava de tonturas quando se movimentava e ficava igualmente cansada só de falar, e era quase impossível frequentar encontros sociais, pois os ataques de vómito apareciam geralmente sem avisar e eram violentos. Morar naquele prédio cheio de famílias também não ajudava muito, Alice costumava comentar.

— Todas essas cozinheiras da vizinhança fritando alho e sabe-lád-eus-o-quê o dia inteiro — dizia. — Intestinos de porco pendurados do lado de fora para secar. Pasta de nabo frito. E aquela fruta revoltante que cheira a coisa podre.

— Sim, obrigada por me fazer lembrar, mamãe. — Joy acabara de se inclinar para aliviar o estômago na pia.

Desde que recebera a notícia de que ia ser avó, Alice estava muito mais animada (devido à sua condição física, aquele não foi um segredo que Joy conseguiu manter por muito tempo) e tinha, com uma satisfação quase indecente, assumido o papel de matriarca do número quatorze de Sunny Garden Towers. Ela substituíra a última governanta por uma jovem de Guangdong, que se chamava Wai-Yip, a qual era bem mais nova do que a maioria das cozinheiras, mas tinha fama de preparar muito bem os pratos da cozinha inglesa; além do mais, como Alice ressaltou, uma mulher mais jovem ia ter muito mais energia para cuidar das crianças.

— Porque eu vou lhe dizer com sinceridade, Joy, essas crianças não só acabam com o seu corpo, mas deixam a gente absolutamente exausta. Então, você vai precisar de alguém para ajudá-la a cuidar delas. — Alice também escolhera a lavadeira, Mary, vinda de Causeway Bay, e fazia questão de ressaltar a Edward, em todas as ocasiões que surgiam, a brancura superior das suas camisas.

Nesse meio tempo, Joy chorava em segredo, lágrimas silenciosas e amargas, ressentida pelo fato de aquele ser estranho estar dentro de seu corpo, deprimida pela náusea incessante e

frustrada por sua própria incapacidade. Na maior parte do tempo ela culpava aquele usurpador silencioso por chegar e se colocar entre ela e Edward; pelo fato de ela não poder mais acompanhá-lo em acontecimentos sociais devido à sua aparência, que ela sabia que o deixava desapontado, mesmo que ele não dissesse coisa alguma, e pelo fato de que ele já os afastara um do outro, de certa forma, transformando-a não mais em uma parceira, mas em uma mãe iminente que devia ser paparicada e protegida pelas amigas e médicos, e ser banida dos jogos de ténis, dos passeios a cavalo e de qualquer outra das atividades físicas que eles tanto aproveitavam juntos. Ele já começara a enxergar Joy de modo diferente, ela sentia isso. Era algo visível, pelo jeito cuidadoso com que ele se aproximava dela ao chegar do trabalho e pela maneira com que plantava um beijo respeitável e cavalheiresco em seu rosto, em vez de agarrá-la de forma arrebatada e trazê-la para junto de seu corpo como costumava fazer.

Dava para sentir pelo modo com que ele a olhava, enquanto ela andava de um cómodo para o outro, tentando demonstrar que estava superando aquilo enquanto a mãe exclamava, com ar alegre, que "nunca vira alguém tão pálida". Mas o pior aconteceu quando ela estava com dez semanas de gravidez. Evidentemente frustrado pela falta de intimidade física entre eles (afinal, eles normalmente tinham relações quatro ou cinco vezes por semana), Edward se chegara devagar para junto dela, na cama, e começou a tocá-la com carinho, seu rosto debruçando-se sobre o dela em busca de um beijo.

Joy, que estava quase dormindo, acordara com um sentimento de pânico. Ela não contara a ele o pior: que o simples cheiro de sua pele, agora, a deixava com vontade de vomitar. Quando ele não fez mais nada a não ser beijá-la no rosto, ela conseguiu esconder aquele fato terrível por trás de um sorriso forçado. De repente, porém, o toque ritmado de sua mão a deixou constrangida, e a sua boca sobre a dela a fez ficar tonta de tanta náusea. Ah, meu Deus, por favor, não permita que isso aconteça, rezou em silêncio, enquanto ele se colocava por cima dela. Fechando os olhos com força, fez um esforço para bloquear a sensação de enjoo que se avolumava dentro dela. E então, quando sentiu que não dava mais para segurar, empurrou-o com força e correu para o banheiro, onde vomitou por longo tempo, fazendo muito barulho.

Aquilo tinha sido o começo dos problemas: ele não quis ouvir as explicações chorosas dela e se retirara silenciosamente para o quarto de hóspedes, com o rancor emanando dos poros em ondas quase palpáveis. N a manhã seguinte s e recusou a conversar sobre o assunto, mesmo quando as criadas estavam fora da sala. E duas noites mais tarde, depois de Joy ter ficado acordada por muito tempo se perguntando por que o marido estava chegando tão tarde das docas, ele pronunciara apenas duas palavras: "Wan Chai." E Joy sentira um receio imenso.

Depois disso, ela jamais tornou a perguntar aonde é que ele ia quando desaparecia por três ou quatro noites por semana. Apesar de estar sempre fraca de cansaço, Joy ficava acordada na cama de casal, esperando pelo som da porta da frente que se abria e aguardando o barulho do marido tropeçando nos móveis, geralmente um pouco alto, até chegar ao quarto de hóspedes, para onde ele se mudara quase que em definitivo (a não ser nas noites em que chegava completamente bêbado, quando então se esquecia que não dividia mais a cama com a mulher e deitava-se ali, e ela então era forçada a sair para outro quarto, nauseada pelo fedor do álcool).

De manhã, eles não conversavam mais: Joy estava sempre em seu pior momento de enjoo e não sabia o que dizer, enquanto Edward sofria os efeitos da bebedeira da noite anterior, e evidentemente tinha sempre muita pressa em sair para o trabalho. Não havia ninguém com quem ela pudesse conversar a respeito daquilo; Joy não queria que Alice tivesse a satisfação (e seria uma satisfação) de ver a filha e Edward reduzidos àquele tipo de infelicidade que deixava um em cada canto, e era tão aparente nos casais em volta deles. Com Stella na Inglaterra, não havia ninguém que Joy pudesse considerar amiga. Edward tinha sido o seu amigo: ela jamais imaginou que pudesse precisar de outra pessoa.

Assim, ela foi ficando cada vez mais magra, e m uma época e m que, conforme o médico da Marinha afirmou, ela deveria estar ganhando peso, e cada vez mais triste ao ver que Edward considerava mais fácil ir para a rua em vez de ficar em casa para encarar o olhar de reprovação da mulher.

E então, quando estava na décima sexta semana, ela acordou certa manhã e sentiu que o mal-estar desaparecera quase por completo, já conseguia pensar em comida sem gemer e tinha vontade de dar uma volta pela rua sem a preocupação de encontrar cheiros desagradáveis e inesperados. Ao ver seu reflexo no espelho, Joy achou que um pouco de cor voltara ao seu rosto e seus olhos estavam um pouco mais brilhantes.

— Pronto, a í está você de volta — disse a mãe, com uma pontada quase imperceptível de desapontamento na voz. — Você começou a florescer. Agora, vai poder se embelezar um pouco, para parecer mais alegre para todos.

Mas havia apenas uma pessoa para quem Joy queria parecer mais alegre. Naquela noite, quando Edward chegou em casa, ela não só estava acordada como também usava o vestido favorito dele, e colocara um pouco do perfume que ele lhe dera no Natal. Um pouco temerosa, mas ainda com mais receio do que poderia acontecer a eles se ela não fizesse aquilo, Joy correu até Edward no momento em que ele abriu a porta e, silenciosamente, colocou os lábios sobre os dele, enlaçando-o pela cintura com seus braços firmes.

— Por favor, não saia esta noite — sussurrou para ele. — Fique comigo.

Ele olhou para ela com os olhos terrivelmente tristes e ao mesmo tempo imensamente aliviados, apertou-a com força e tamanha intensidade que Joy achou, por um breve instante, que ia ficar sem ar. Depois, ficaram em pé por mais algum tempo, sem dizer nada, abraçados, até a tensão das últimas semanas desaparecer por completo.

— Ora, ora... vocês dois estão parecendo mais alegrinhos, esta manhã — comentou Alice, quando chegou no dia seguinte, logo cedo, e os encontrou completamente envolvidos, no café da manhã. E então voltou a fechar a cara, quando compreendeu a causa daquilo.

Christopher Graham Ballantyne nasceu n o hospital d a Marinha, cinco meses e meio depois daquele dia, em um parto rápido e sem problemas, o que, como Edward sempre dizia, brincando, tinha menos a ver com a determinação do bebé em ver o mundo aqui fora do que com a vontade que a mãe tinha de voltar a cavalgar. Ele era um bebé grande, tranquilo e adorado pelos pais que, por sua vez, não só estavam felizes por ter o corpo de Joy de volta como também não deixaram o novo adendo da família atrapalhar demais a sua vida social e as

saídas habituais para cavalgar. Isso não incomodava Alice, pois era considerado um pouco estranho para os pais, naquela época, perder muito do seu tempo cuidando dos filhos. Além do mais, isso permitia que a avó se dedicasse totalmente a ele, paparicando-o, vestindo-o com roupinhas claras, maravilhosamente bordadas e com botões forrados de seda, além de poder desfilar com ele no imenso carrinho de bebé Silver Cross, importado, sempre pronta a exibir sua aparência superior e os marcantes traços de sua personalidade às outras mulheres que passeavam com seus bebés pela colónia. Joy observava a adoração que Alice tinha pelo pequeno Christopher com uma mistura de satisfação maternal e um pouco de espanto: sua mãe parecia muito mais capaz de demonstrar um amor incondicional pelo neto do que jamais fizera com Joy, sua própria filha. Ela não se lembrava de ter sido agraciada com os infindáveis aconchegos, as conversas, os elogios constantes e a atenção que Christopher agora recebia, com a maior naturalidade.

— Não se preocupe com isso — disse Edward, que estava satisfeito por obter para si a maior parcela das atenções da esposa. — Eles dois estão felizes, não estão?

E pelos dois anos seguintes, todos ficaram felizes: Edward supervisionava as obras de engenharia nas docas, Alice seguia em seu papel não oficial de babá e Joy, embora fosse uma mãe dedicada, voltara para junto do marido, decidida a jamais permitir que aquele tipo de distanciamento tornasse a ocorrer entre o casal. No mínimo, Edward estava mais carinhoso, mais atencioso e talvez um pouco grato por Joy não ter se metamorfoseado naquele tipo de mãe ansiosa, agitada e obcecada pelo filho que ele tanto temia. Ele não se importava de ficar sempre em terra, como muitos dos oficiais que se sentiam inquietos quando eram obrigados a permanecer muito tempo no mesmo posto, sem ir para o mar. Gostava de ficar com a família. Com a mulher. Edward jamais comentava sobre a "época do Wan Chai", como Joy secretamente a chamava, e ela também jamais pressionou o marido para que lhe explicasse o que ele andara fazendo por lá; ela agora já conhecia o bastante sobre o que acontecia naquela parte da cidade para ter muitas suspeitas que não eram bem-vindas. Não devemos mexer em ninho de vespas, era a expressão que usava. Todos estavam felizes; mais felizes até do que ela imaginara, considerando-se o que se passara antes do nascimento de Christopher.

E foi por isso que, quando ela acordou certa manhã com a sensação familiar e penetrante de náusea, seu coração se contorceu de medo.

— Bem, as suas suspeitas estão certas, senhora Ballantyne — disse o médico enquanto lavava as mãos na pequena pia oval. — Já está com quase sete semanas, pelos meus cálculos. É o seu segundo bebé, não é? Meus parabéns.

O médico pareceu muito chocado quando Joy se debulhou em lágrimas copiosas e barulhentas. Ela ficou ali sentada com o rosto entre as mãos, sem conseguir acreditar que o pior estava acontecendo.

— Desculpe-me — disse o médico, colocando a mão em seu ombro.

— Eu imaginei que tivesse sido planejado. Afinal, nós conversamos a respeito de... métodos anticoncepcionais, depois que o seu filho nasceu.

— Meu marido não gosta de nenhum deles — explicou Joy, enxugando o rosto. — Diz que estragam as coisas, para ele. — E começou a chorar de novo. — Nós achamos que estávamos sendo suficientemente cuidadosos.

Depois de algum tempo nesse clima, o médico começou a se mostrar menos consolador. Sentou-se atrás de sua mesa e informou à recepcionista pelo telefone, de forma direta, que ele estaria pronto para receber a paciente seguinte "em poucos minutos".

— Desculpe-me — disse Joy, remexendo a bolsa em busca de um lenço que não estava lá. — vou me recuperar em um minuto. Vou mesmo.

— Um bebé é uma bênção, senhora Ballantyne — disse o médico com um olhar penetrante por trás dos óculos em meia-lua. — Existe uma infinidade de esposas que se sentiriam muito agradecidas pela adição de um bebé saudável à família. E, como a senhora sabe, o enjoo é um bom indício, um sinal confiável de criança sadia.

Joy se levantou para sair, silenciada pela sutil recriminação das palavras do médico. Eu sei de tudo isso, pensou ela, mas nós não queríamos outro bebé. Acho que não queríamos nem mesmo o primeiro.

— Pode ser que você não passe tão mal desta vez. — Alice a animou, já muito satisfeita diante da perspectiva de outro neto. Ela parecia associar a fertilidade da filha com o aumento de seu status de matriarca. Pelo menos, aquilo lhe dera um papel a cumprir, coisa que não tinha desde que Joy ficara adulta. — Muitas mulheres não enjoam na segunda gravidez.

Joy, porém, já sensível aos aromas ocultos da colónia, impressionada pela visão dos carrinhos de lixo lotados de carcaças de animais e as pungentes ofertas dos vendedores ambulantes, além do vapor de comida que vinha das ruas, sabia o que a esperava. E se sentiu indefesa e paralisada, como um pequeno animal pego na estrada pelos faróis de um carro, esperando ser atingido a qualquer momento.

Desta vez, se é que era possível, as coisas estavam ainda piores. Joy, levemente recostada na cama, não conseguia comer nada, a não ser o arroz empapado que consumia às colheradas de duas em duas horas, para tentar aplacar os acessos de vómito. Quando tinha fome, vomitava; quando comia, vomitava. Quando se movia na cama, vomitava e, frequentemente, acontecia a mesma coisa ainda que ela não fizesse nada a não ser ficar ali deitada, embaixo do ventilador de teto, desejando, como tantas vezes acontecia, que um imenso caminhão passasse por cima dela e a livrasse daquele sofrimento. Podia fazer pouco mais do que murmurar palavras de conforto para Christopher, que já estava começando a andar, quando ele subia sobre ela, deitada de barriga para baixo grande parte do tempo (como explicar que até o cheiro do cabelo do seu filho a deixava enjoada?). Logo, ela se sentiu tão mal que deixou de se importar com o que Edward achava. Simplesmente queria morrer. Não dava para piorar ainda mais.

Desta vez, até Alice ficou preocupada e o médico era frequentemente convocado.

Receitava remédios que Joy se recusava a tomar e começou a se sentir alarmado pela rapidez com que ela estava perdendo peso.

— Se continuar assim, ela vai ficar desidratada — explicou ele —, e vamos ter que colocá-la no soro. — O seu jeito de falar, no entanto, sugeria que, apesar de ser desagradável, sem dúvida, Joy ia ter que aguentar aquilo. Fazia parte dos problemas de ser uma mulher. — Por que não coloca um pouco de maquiagem? — sugeriu ao sair, enquanto enxugava a testa suada com um lenço. — Tente se animar um pouco.

Edward, apesar de se mostrar solidário, a princípio (ele sentava e acariciava os cabelos da mulher, lembrando-a, sem s e mostrar convincente, de que a qualquer momento ela ia ficar bem novamente), com o tempo começou a se mostrar cansado de seu papel de enfermeiro não oficial e, embora tentasse se mostrar paciente e compreensivo, não conseguia esconder suas suspeitas de que ela estava querendo fazer a coisa pior do que era. "Normalmente ela é muito forte", Joy o ouviu comentar com um dos colegas, certa vez, quando estavam sentados na varanda tentando matar os mosquitos que voavam em volta. "Não compreendo por que ela fica chorando o tempo todo." Edward não tentou fazer amor com ela nem um dia, desta vez; simplesmente pegou suas coisas e se mudou para o quarto de hóspedes. Isso a fez chorar ainda mais.

Também não adiantava nada quando as outras jovens esposas e mães davam uma passada por lá para contar a Joy suas próprias experiências. Algumas delas, como era de se esperar, tinham passado pela gravidez com muita facilidade e afirmavam, com alegria, que não tinham ficado "nem um pouco enjoadas", como se isso pudesse servir de algum consolo para Joy. Outras, essas ainda piores, diziam saber muito bem o que ela estava sentindo, o que Joy sabia que não era verdade, e sugeriam várias soluções, as quais, asseguravam, iam tirá-la da cama em dois tempos: chá fraco, gengibre moído, banana amassada. Joy tentou todas essas sugestões com dedicação e vomitou todas com o mesmo entusiasmo.

O s dias foram s e misturando, passando com rapidez e s e dissolvendo, até que chegou a temporada das chuvas, com dias parados e úmidos que eram seguidos por noites encharcadas de suor, e Joy estava achando cada vez mais difícil enganar o filho, fingindo que mamãe estava bem, ou o marido, assegurando que em breve estaria melhor (ela ficava repetindo essa frase o tempo todo, como se fosse um mantra, na esperança de que isso o impedisse de ir para Wan Chai). Fisicamente debilitada e mergulhada em profunda depressão, Joy deixou de contar os dias e, ansiosa pelo breve retorno à normalidade, ficava prostrada à meia-luz, ouvindo com atenção o som da própria respiração e tentando não vomitar a água que Wai-Yip lhe trazia e que era substituída de hora em hora.

Quando a gravidez chegou à décima sexta semana e não houve nenhuma melhora visível, o médico declarou que seria melhor para todos os envolvidos se Joy fosse internada no hospital. Ela já estava muito desidratada, explicou ele, e isso representava algum risco para a criança. Todos morriam de preocupação com "a criança", como todos chamavam o bebé. A essa altura, Joy já não se importava mais se o bebé ia viver ou morrer, nem se importava se ela própria ia sobreviver ou não. e aceitou sem reclamar a sugestão de sua mãe ir morar com eles.

— Eu vou ajudar a tomar conta de Christopher — disse Alice, com a testa franzida de preocupação. — Você precisa se concentrar apenas em melhorar. — Joy, para quem tudo

agora não passava de um bon nauseante de irrelevâncias, notou o rosto cheio de ansiedade da mãe e tentou apertar a mão, em agradecimento.

— Você não precisa se preocupar com nada, minha filha — disse Alice. -Wai-Yip e eu podemos cuidar de tudo, aqui na casa. — Joy simplesmente fechara os olhos enquanto era colocada na ambulância, agradecendo a Deus por não precisar pensar em mais nada.

Ela ficou internada por quase um mês, até que as náuseas melhoraram um pouco, pelo menos a ponto de ela poder ingerir comidas leves, conseguir andar por toda a extensão da enfermaria sem ajuda. Havia passado quase duas semanas no soro e isso, era obrigada a reconhecer, fizera com que ela se sentisse melhor quase de imediato. A perspectiva de comida sólida, porém, era um risco muito alto, pois havia a possibilidade de uma violenta crise de enjoo repentina e explosiva. Algumas vezes, a crise era desencadeada por algo tão inócuo quanto um pedaço de pão; outras vezes, nos dias em que estava um pouco melhor, conseguia até mesmo se forçar a engolir um pouco de peixe cozido sem problemas. Comidas leves e carne branca, era a dieta que os médicos determinaram, e quanto menos tempero, melhor. Assim, Alice vinha visitá-la todos os dias (embora, para tristeza de ambas, não pudesse levar Christopher, que era considerado "muito desgastante para a mamãe"; trazia pequenas broas saídas do forno, bananas, e até suspiros o u qualquer outra coisa que e l a e Wai-Yip resolvessem preparar.

— Wai-Yip está sendo maravilhosa, tenho que admitir — Alice contou a Joy enquanto mordiscava uma broa, sentada ao lado da cama, vestida com um tailleur azul enfeitado com um lacinho. — Não é de falar muito, e trabalha demais, mesmo quando parece exausta. Acho que essas mocinhas do continente não têm a mesma atitude das de Hong Kong, você não acha? Não são tão seguras de si. Quanto a Bei-Lin, a empregada lá de casa, eu já avisei que qualquer dia a mando embora e troco por uma jovem de Guangdong, pode acreditar que sou capaz disso.

Aquele período, Joy avaliou mais tarde, foi a época em que mãe e filha estiveram mais próximas uma da outra em toda a sua vida, com Alice vendo-se cheia de responsabilidades, cuidando da filha e do neto, levando todas as tarefas muito a sério, sem fazer a filha se sentir culpada por isso. O fato de Joy estar doente por causa de "problemas tipicamente femininos" contava a seu favor. Mostrava a todos que Alice era necessária e que sua filha esquisita e pouco convencional acabou por se mostrar uma pessoa normal, no fim. Estava sofrendo para dar ao marido outro filho, não estava?

Enquanto isso, Joy perdia a sua batalha. Devido à sua internação no hospital derrubada pelo enjoo, e com os cuidados dominadores e incansáveis, ainda que carinhosos que recebia de toda a equipe médica, ela foi se tornando a cada dia mais passiva, aceitando os vários tratamentos e as normas que faziam-na parecer uma inválida, grata pela ajuda da mãe, e uma escrava da rotina do hospital. Ela queria apenas que outra pessoa cuidasse de tudo. Ali, ela podia ficar deitada em lençóis de linho branco, debaixo do ventilador de teto, ouvindo os passos macios dos sapatos das enfermeiras sobre o linóleo e o leve farfalhar das suas roupas, as vozes sussurradas que vinham da outra ponta da enfermaria, longe dos ruídos, dos suores e dos cheiros da vida real. Embora sentisse uma dor indefinida provocada pelas saudades do

filho, aquilo era compensado pelo alívio de não precisar mais lidar com as constantes exigências da criança nem suas necessidades físicas.

O mesmo deve ser dito sobre o marido.

Depois, porém, que se passou outro mês e ela se sentiu um pouco mais em seu estado normal, Joy começou a desejar cada vez mais estar novamente com a família. Sua mãe trouxera Christopher duas vezes para visitá-la, nos dias em que permitiam que elas ficassem sentadas do lado de fora, nos jardins exuberantes do hospital, e o coração de Joy se quebrara quando Alice foi obrigada a separá-lo dela, embora ele estivesse chorando e pedindo para ficar, no fim do horário de visitas. Porém, o que mais a preocupava era o reduzido número de visitas que Edward lhe fazia.

Ele andou estranho com ela, no início, nem sequer tentara beijá-la no rosto nas duas últimas vezes em que aparecera, e tinha ficado andando de um lado para o outro ao lado da cama, olhando o tempo todo para fora da janela, como se esperasse que algum desastre se precipitasse a qualquer momento sobre eles, de tal modo que Joy teve de pedir para que ele se sentasse. Ele não gostava de hospitais, murmurara para ela.

Todos eles o deixavam pouco à vontade. O que ele queria dizer é que se sentia desconfortável em uma enfermaria só de mulheres, ela tinha certeza disso, e o compreendia, porque ambientes só de mulheres a deixavam pouco à vontade, também.

Mas Edward foi rude quando ela insistiu em saber se ele estava realmente bem, e disse a Joy que gostaria que ela parasse de perturbá-lo com perguntas. Quando ele saiu, Joy chorara lágrimas copiosas com a cara enfiada no travesseiro.

— Edward anda... anda saindo muito, a senhora sabe me dizer? perguntou ela à mãe, depois daquilo. Alice costumava dormir no apartamento com frequência, preocupada de que talvez Wai-Yip não conseguisse confortar o pequeno Christopher de forma apropriada.

— Se Edward anda saindo? Não muito. Ah, ele foi a uma recepção na casa do comandante na semana passada. E foi às corridas no hipódromo de Happy Valley na quinta-feira. É isso o que você queria saber?

— É, é isso — respondeu Joy, recostando-se no travesseiro e mal escondendo o alívio. — A festa do comandante. Eu só queria ter certeza de que ele não havia se esquecido de ir.

Edward quase não saía de casa, disse Alice. Ela até mesmo chegou a lhe dizer que ele devia sair mais vezes, "aproveitar esse pouquinho de liberdade" (e isso era um pouco difícil de engolir, pensou Joy, vindo da mulher que certa vez batera na cabeça do marido com um rolo de pastéis por chegar tarde em casa). Mas Edward sempre comia a refeição da noite, preparada por Wai-Yip, dava uma passada no quarto do filho para dar boa-noite e depois se enfiava no escritório para trabalhar; ocasionalmente ia até Happy Valley e, às vezes, saía para dar uma volta, mais tarde, pelo mirante de Victoria Peak.

— Eu tenho que voltar para casa — disse Joy.

— Você precisa é cuidar do bebê — retrucou Alice, retocando a maquiagem. — Não adianta nada você voltar correndo, nós estamos nos arranjando muito bem sem você.

Permitiram que Joy voltasse para casa, finalmente, quando ela completou vinte e duas semanas, depois que ela prometeu que ia repousar direitinho, evitar excessos e beber no mínimo dois litros de água por dia até que a estação quente passasse. Edward, em mangas de camisa e calça esporte, veio apanhá-la com o Morris e a recebeu com um abraço mais afetuoso, o que a deixou imediatamente relaxada e convencida de que dali para a frente as coisas iam voltar a melhorar. Christopher, depois de se mostrar um pouco reservado, a princípio, agarrou-se às meias novas que cobriam as pernas da mãe e demonstrou desaprovar a mudança que acontecera na rotina da casa acordando três ou quatro vezes por noite na primeira semana depois da volta de Joy. Alice, enquanto isso, parecia dividida entre o alívio e o desapontamento pelo fato de que a sua filha não era mais uma inválida e, portanto, já não precisava tanto de sua ajuda.

— Vou dar uma passada por aqui todo dia, pelo menos nas primeiras semanas — disse ela enquanto Joy abria a porta de seu apartamento, sentindo-se uma estranha em sua própria casa. — Você vai precisar de ajuda. E Christopher precisa manter a sua rotina. Temos uma rotina muito interessante, nós dois.

Joy olhou em torno, para o piso taqueado, imaculado, e para a mobília de teca maciça de sua casa, tentando sentir de novo que tudo aquilo pertencia a ela. Era como se fosse um lugar que ela conhecera havia muito tempo, em vez de um local ao qual pertencia. Wai-Yip, que chegara carregando uma bandeja de refrescos, olhou para ela, acenou com a cabeça em um cumprimento rápido e saiu da sala em seguida. Até mesmo ela não está mais habituada a me ver por aqui, pensou

Joy. Deve estar tentando se lembrar de quem sou eu. Foi até o console da lareira, onde estava o cavalo azul em papel branco, agora colocado dentro de uma moldura dourada e toda trabalhada. Joy olhou para ele por um momento, e então olhou para trás, para Edward, que a estava observando e também, aparentemente, tentando se acostumar à presença dela dentro da casa deles, novamente.

— É bom estar de volta — disse ela.

— Sentimos sua falta — disse Edward, com os olhos fixos nos dela.

— Eu senti a sua falta.

Subitamente, sem se importar com a mãe, que já estava com a s sobrancelhas levantadas, Joy caminhou até o outro lado da sala a passos largos até o marido, e enterrou o rosto em seu peito, sentindo a sua solidez, lembrando-se do cheiro que amava. Ele colocou os braços em volta dela e abaixou a cabeça, de modo que o rosto repousou sobre os cabelos de Joy.

Alice desviou o olhar, até que Christopher entrou correndo na sala e tentou, ansiosamente, se colocar no limitado espaço entre as pernas dos pais, com os bracinhos roliços estendidos enquanto berrava: "Colo... colo."

Como acontecera durante a gravidez anterior, Joy e Edward voltaram a ficar chegados, agora que ela se recobrara do enjoo matinal. Ele estava muito afetuoso, mais até do que o normal, mesmo para ele, e trazia flores, caixas de chocolates suíços que conseguia com os

oficiais dos navios que atracavam, e estava tão carinhoso com a mulher que Alice chegou a ficar abertamente irritada e disse: "Coloque-a no chão.

Não é bom para Christopher ser obrigado a assistir a essas cenas." Edward também redescobrira o hábito de segui-la em toda parte pela casa, de um aposento para o outro, tanto que, uma vez, Joy teve que se trancar no banheiro, perseguida pelos dois elementos masculinos da família. Se Edward perdera um pouco do seu senso de humor durante aquele período e ficou com u m olhar mais acautelado, Joy atribuía isso a problemas nas docas. Soube que Edward estava trabalhando sob muita pressão, porque seus companheiros da Marinha lhe contaram isso quando vieram jantar, uma noite. Edward está muito chato, disseram eles. Anda levando tudo muito a sério. Ultimamente, não se diverte mais com nada.

Katherine Alexandra Ballantyne nasceu uma semana antes do prazo, no mesmo hospital em que Joy passara a maior parte do verão, em um parto quase indecente de tão rápido, segundo o médico.

— Essa menina não esperou nem pela largada — brincou ele com Edward que, depois de finalmente ser admitido na sala, olhava, embevecido, para sua filha. O médico também frequentava as corridas de cavalos, e os dois já haviam se encontrado ocasionalmente, nos páreos noturnos em Happy Valley.

Joy recostou-se entre os travesseiros, seu júbilo misturado com u m alívio profundo, muito profundo, pelo fato de que o pesadelo da gravidez tinha chegado ao fim.

— Como está se sentindo, minha querida? — perguntou Edward, inclinando o corpo para beijar a testa.

— Um pouco cansada, mas louca para voltar para casa — respondeu ela, dando um sorriso fraco.

— Avise ao velho Foghill para preparar o meu cavalo, porque eu já estou chegando.

Ele sorrira com ar de aprovação, ao ouvir isso.

Mas, daquela vez, Joy teve menos tempo para cavalgadas, pelo menos nos primeiros meses. Katherine, como Alice comentava com frequência, era um "bebé difícil", que não se acalmava com facilidade, tinha muitas cólicas e costumava acordar várias vezes todas as noites. Em pouco tempo ela conseguiu levar à exaustão as forças combinadas de sua mãe, Alice e Wai-Yip, destruindo todas as teorias "tradicionais" e os remédios usados pelas duas últimas com a eficiência de um moedor de carne.

Por estranho que pareça, Edward era quem tinha mais paciência com ela, pegando-a no colo por mais de uma hora sempre que chegava do trabalho, e abrindo mão de seu gim-tônica para levá-la para um tranquilo passeio em volta do mirante de Victoria Peak (pelo menos, aqueles eram para ser passeios tranquilos, se Katherine parasse de chorar pelo menos por um minuto). Ele era carinhoso com ela nos momentos em que Joy ficava exausta demais para sentir algo que não fosse desespero e, em troca, ela parecia se comportar melhor com o pai, com os olhinhos claros piscando para ele e reconhecendo-o de imediato.

— Essa é uma filhinha do papai — comentou Alice, com Joy, sentindo-se feliz por poder se dedicar por completo ao pequeno Christopher. — Você era igualzinha. — E fazia aquilo parecer quase uma doença.

— Não me importaria de saber de quem ela era a "filhinha", desde que ao menos parasse de chorar — replicou Joy, que não conseguia dormir uma noite inteira sem interrupções havia quase dois meses. Wai-Ip estava encarregada de tomar conta do bebé à noite, mas seu choro constante ainda acordava Joy, acionando alguma resposta primitiva de seu instinto materno, e a criança, pelo visto, também deixara Wai-Yip totalmente exausta, pois Joy frequentemente se levantava com o choro e a encontrava dormindo profundamente em sua cama dobrável, esquecida do mundo.

Joy não se lembrava de jamais ter estado tão cansada: seus olhos ardiam o tempo todo e viviam vermelhos e inchados como se, devido a uma escolha errada de maquiagem, sua visão se mantivesse sempre embaçada. Às vezes ficava tão exausta que imaginava já ter atendido Katherine sem tê-lo feito, de modo que era Christopher que chegava e a acordava, avisando com ar sério que "o bebé estava chorando de novo". Ela tentava tornar todos esses problemas mais leves para Edward, louca para que eles retomassem a proximidade dos dias pré-Katherine, e desde que os médicos haviam liberado as atividades físicas do casamento, ela fez questão de não se recusar nem uma vez a ele, apesar da própria exaustão.

— Vou voltar a ser eu mesma assim que ela começar a dormir direito — dizia ao marido, desculpando-se, sabendo que ele a deveria estar achando tão excitante quanto um cobertor velho.

— Está tudo bem. Eu só quero ficar juntinho de você — dizia ele, olhando-a de cima, e ela chegava quase às lágrimas, de gratidão.

Desta vez ele concordara com os "métodos anticoncepcionais" dos médicos.

Joy estava tão arrasada por todas as exigências da família que quase não reparava como a sua jovem ama também vivia exausta. Por duas vezes, Joy a pegou dormindo em pleno dia, uma situação que a própria mãe julgou escandalosa, embora Joy, que vivia ela mesma em estado de contínuo torpor, se identificasse com Wai-Yip e evitasse criticá-la ou puni-la.

— Ela já fez tanto por nós, na época em que eu estava no hospital disse a Alice, enquanto WaiYip voltava para a cozinha a fim de pegar o almoço. — De modo geral, ela é muito boa.

Ela balançava Katherine no joelho, tentando protelar outra crise de choro. Quando completasse três meses, o médico garantira, ela ia sentir menos cólicas, mas por mais que Joy procurasse por sinais de melhora, Katherine sempre parecia assustadoramente predisposta a cair no choro.

Alice, folheando uma revista, observou Wai-Yip colocar os dois pratos na mesa e, depois de fazer uma pequena reverência, retirar-se apressada.

— Vou mandar essa menina embora — disse ela, formando com a boca uma linha reta de desagrado. — Acho que ela está relaxando com o serviço. Não há nada que eu deteste mais do que uma empregada pouco confiável.

Katherine, sem conseguir se conter por mais tempo, soltou um grito lancinante, e Joy começou a balançá-la para cima e para baixo furiosamente sobre o joelho, receando que ela acordasse Christopher, que acabara de descer para tirar uma soneca.

— Como assim, pouco confiável? — perguntou à mãe.

— Você não tem reparado nela, ultimamente? Não viu como engordou? Era magra como um palito quando veio para cá. Deve estar se alimentando às suas custas, esvaziando a despensa.

Joy não estava disposta a se aborrecer por causa de umas tigelas de macarrão a mais ou a menos. Quando a gente conseguia uma boa empregada, valia a pena relevar alguns defeitos. Havia poucas criadas que não tentavam tirar algum tipo de vantagem.

Joy soubera, recentemente, que quando Leonora Pargiter, sua vizinha do segundo andar, estava fora, a sua empregada alugava o processador de comida novinho em folha.

Parece que já juntara um bom dinheiro.

— Vou deixar passar, mamãe. Ela provavelmente passava fome na China — disse ela, colocando Katherine sobre o ombro e batendo nas costas dela com tanta força que os olhos da menina se arregalaram. Deve ser a primeira vez na vida que está comendo decentemente.

Joy se sentiu menos tolerante quando, um mês depois, em um dia em que ela e a mãe estavam sentadas na varanda aproveitando um breve momento de folga com as duas crianças dormindo, WaiYip chegou perto dela e avisou, chorosa, que ia ter que voltar para a China.

— O quê? Por quanto tempo? — perguntou Joy, horrorizada pela possibilidade de perdê-la. Katherine estava começando a se acostumar com ela e, nas duas noites anteriores, Joy conseguira até mesmo sair com Edward, deixando a filha aos cuidados de Wai-Yip.

— Não sei por quanto tempo, senhora. — A garota olhou para o chão. Duas lágrimas grossas caíram no piso de madeira.

— Eu sabia. Não lhe disse que ela estava tentando tirar alguma vantagem? — disse Alice, tomando um pouco de xerez.

— Wai-Yip? Você está bem? — Joy olhou para a figura encurvada diante dela, sentindo-se subitamente culpada por não ter levado o cansaço da empregada mais a sério. — Você está doente?

— Não, senhora.

— É claro que ela não está doente. Você paga um salário tão alto que ela já está podendo até tirar férias. Provavelmente vai fazer um daqueles cruzeiros de navio.

— Wai-Yip, pode me contar, qual é o problema com você?

— Senhora, eu não posso contar. Tenho que ir embora, voltar para casa — disse, ainda sem encarar Joy.

Alice se virara de frente para ela, e olhava agora com atenção para a jovem empregada, seus olhos penetrantes avaliando-a cuidadosamente. Mexeu-se então de leve, na poltrona, como se tentasse observá-la de vários ângulos.

— Joy, esta menina se meteu em apuros — anunciou. — Olhe para ela! Ela se meteu em apuros! — continuou, agora com ar triunfante.

— Não é de admirar que ela tenha engordado tanto. Andou por aí e agora a cegonha vem vindo. Ah, criança desnaturada. Você vai ter que ir embora, mesmo, não há dúvida.

Neste ponto, Wai-Yip começou a soluçar alto, com os ombros recurvados em volta de um corpo que, Joy tinha que reconhecer, aumentara consideravelmente de volume, embora ainda estivesse escondido, em sua maior parte, pelas roupas largas.

— Isso é verdade, Wai-Yip? — A voz de Joy era gentil, mas questionadora.

— Eu sinto muito, senhora. — Os ombros de Wai-Yip sacudiram, e seu rosto se enterrou entre as mãos cheias de calos.

— Você não tem que me pedir desculpas — disse Joy. -Você é que vai ter que enfrentar a situação. Quer dizer que você não é casada?

Wai-Yip olhou para ela, como se por um instante não compreendesse a pergunta, e então balançou a cabeça.

— É claro que ela não é casada. Provavelmente andou saindo com algum soldado americano.

Isso é o que todas elas querem, afinal, um passaporte para os Estados Unidos.

— Mas, e então, o que vai fazer, Wai-Yip?

— Por favor, senhora, agora preciso voltar ao trabalho. Meu serviço é muito pesado.

— E o que a minha filha vai fazer com o novo bebé? — Alice, que agora estava com os braços cruzados, fungou com irritação.

— Não sei, senhora... talvez a minha mãe... — E nesse ponto, começou a chorar novamente.

Joy pensou na perspectiva de mais um bebé na casa. Edward não ia gostar nada daquilo, isso ela tinha certeza. Joy sabia que ele estava satisfeito por ter um pouco de normalidade de volta às suas vidas, o que significava apenas eles dois e um mínimo de distúrbios. Mas estava sentindo pena de Wai-Yip, que era pouco mais que uma criança (Joy compreendeu, sentindo-se um pouco envergonhada, que jamais se dera ao trabalho de perguntar a sua idade). E ela realmente dava conta de um trabalho muito pesado.

— Se você deixar ela trazer um bebé para esta casa, vai ser um atrás do outro — alertou Alice.

— Vou ter que conversar com o meu marido, está bem, Wai-Yip? Espero que compreenda.

A jovem balançou a cabeça afirmativamente, fez uma reverência e desapareceu.

Dava para ouvi-la fungar enquanto andava pelo corredor.

— Você vai se arrepender — disse Alice.

Conforme reza uma lenda chinesa, existiu um tempo em que havia dez sóis no céu, e o seu calor combinado deixou a terra calcinada. Foi quando um arqueiro, Hou Yi, conseguiu derrubar nove dos dez sóis com sua flecha, e o Rei da Terra lhe deu uma poção mágica que o

faria viver para sempre. A linda esposa do arqueiro, Chang Er, sem saber que aquilo se tratava de um líquido mágico, bebeu a poção e começou a se elevar cada vez mais alto no céu, até atingir a lua.

O arqueiro sentia saudades de sua mulher, a Dama da Lua, e pediu ao Rei da Terra para ajudá-lo a alcançá-la. O Rei permitiu que o arqueiro voasse até o sol, mas, a partir daquele dia e para sempre, ele não conseguiria chegar até a lua, a não ser quando ela estivesse cheia, totalmente redonda.

Como a gravidez, pensou Joy, distraída. É isso que ela faz com todas as mulheres, no fundo: transforma-as em uma grande lua redonda.

Aquela era a noite do Festival da Lua, quando as famílias chinesas por toda a colónia tomavam as ruas em grupos que andavam devagar, marcando as celebrações lunares com lanternas acesas e trocando entre si biscoitos doces e bolos preparados em um auspicioso formato circular. Joy assistira ao movimento de sua varanda, como fazia todos os anos, encantada com a visão de milhares de luzinhas que se moviam devagar em direção ao porto, que ficava completamente às escuras para a apresentação dos fogos de artifício. N o céu claro, eles eram refletidos junto à s estrelas, dois conjuntos independentes de constelações brilhando um para o outro, vindos da terra e do céu. Até mesmo Alice, que jamais demonstrava muito interesse pelos vários festivais chineses (o fato de que eles não celebravam o Ano-Novo na mesma época que o resto do mundo era, para ela, mais uma prova das "aberrações" chinesas), havia trazido uma pequena lanterna-da-lua para Christopher, e ele correra de cómodo em cómodo pedindo para que as lâmpadas fossem apagadas para que sua luzinha brilhasse, como um frágil farol na escuridão.

Quando Edward chegou, estava mais alegre do que de costume, e não só beijou Joy como a rodopiou em volta dele no colo, por todo o saguão, enquanto Christopher ria e dizia que queria o mesmo. Alice anunciou, com a boca quase fechada, que já estava mais do que na hora de ir embora. Edward trouxera consigo uma latinha vermelha finamente decorada cheia de biscoitos-da-lua, que um dos engenheiros chineses dera para ele, e estava ansioso para contar a Joy os planos que tinha para as docas, os quais, se fossem aceitos, iam significar uma possível promoção.

— E você não vai ser transferido, vai continuar baseado aqui? Perguntou Joy, tentando manter a voz calma, enquanto eles se sentavam à mesa.

— Claro que sim. A promoção não implica transferência. Ma s pode significar melhores acomodações para nós, uma casa confortável, talvez, em vez de um apartamento. Você não gostaria disso, querida? Uma casa? Com um jardim, talvez?

Seria bom para as crianças.

— É, acho que sim — disse Joy, que estava começando a preferir morar em apartamento.

— Não vamos ser obrigados a mudar de casa. Só achei que você ia aproveitar mais o espaço extra, agora que temos dois filhos.

Talvez ele tivesse razão. Sua mãe vivia dizendo que a vida seria mais fácil se elas pudessem levar o carrinho com Katherine para a outra ponta de um grande jardim e esquecê-lo

ali por algum tempo.

Joy sorriu.

— A sua possibilidade de promoção parece maravilhosa. Como você é talentoso.

Edward estendeu a mão sobre a mesa e pegou a dela, apertando-a com carinho.

— As coisas vão melhorar para nós, querida. Você vai ver.

Joy olhou para Edward, que estava com os cabelos ruivos e brilhantes inclinados para frente enquanto mastigava, colocando a comida na boca com gestos decididos e de uma forma tão flagrantemente masculina que ela sentiu um sentimento transbordante de ternura por ele, não muito diferente do que sentia pelos filhos. Ele era tão atencioso, tinha tanta consideração por ela. Joy sabia a sorte que tinha, especialmente considerando os horrores que as outras esposas de oficiais tinham de aturar. E agora que ele concordara em fazer o que o médico sugerira, não precisavam ter mais nenhum filho. Podiam seguir do jeito que estavam, cada vez mais próximos. Mais próximos e mais felizes...

Joy percebeu que parecia estar sonhando acordada e se sentou um pouco mais ereta na cadeira, a fim de continuar a comer. O prato do dia era frango cozido; não estava à altura dos dotes culinários de Wai-Yip, mastigou, pensativa. Por outro lado, aquilo não era de se estranhar.

— Você jamais vai adivinhar o que foi que nós descobrimos hoje disse Joy, levando o garfo à boca. — Wai-Yip está esperando um bebé. Isso me pegou totalmente de surpresa, pode acreditar. Eu nem sabia que ela tinha um namorado.

A cabeça de Edward s e elevou com rapidez. Seus olhos azuis pareceram momentaneamente surpresos, e então ele fez uma pesquisa microscópica em todo o rosto de Joy. No apartamento ao lado, alguém deixou cair um objeto metálico no chão, e pareceu que o som de um címbalo ecoou por todo o corredor. Ele nem pareceu perceber.

O garfo de Joy ficou imóvel no ar. Ela se inclinou e olhou fixamente para ele, analisando a nova expressão do seu rosto. Percebeu uma leve palidez que se insinuou em suas faces normalmente coradas.

— Edward, você já sabia?

Ele olhou de volta para ela piscando muito rápido por alguns segundos e então, fora do seu feitio, desviou o olhar do dela. Parecia estar considerando a possibilidade de dizer alguma coisa, mas, em vez disso, pegou mais uma garfada do frango e a levou com todo o cuidado até a boca.

Houve um breve silêncio.

Joy continuava olhando para ele.

— Edward... — disse ela, com a voz carregada de um súbito medo.

— Edward, por favor...

Ele pareceu se recobrar ligeiramente. Engoliu a comida que levara à boca com visível esforço, e então levou o guardanapo aos lábios e os limpou lenta e metodicamente.

— Sua mãe tinha toda a razão a respeito dela. Ela perdeu a nossa confiança. Tem que ir embora. — Fez uma pausa. — Vou dar a ela um aviso prévio, depois do fim de semana. — Ele não olhou para Joy enquanto falava e manteve os olhos fixos no prato.

Do outro lado da mesa, ainda petrificada pela atitude do marido, Joy começou a tremer, a princípio um tremor delicado que, então, se transformou em algo violento.

Ainda estava tremendo quando Edward se levantou com a voz embargada, tentando não olhar para ela, e anunciou que estava indo para o escritório.

Joy passou aquela noite no quarto de hóspedes, sem ser procurada pelo marido.

Continuou tremendo até puxar a colcha branca bordada por cima da cabeça e então, ali curvada, deitada sob o ventilador de teto e iluminada fracamente pelo brilho azul da lua cheia que era coado pelas cortinas, lançou gemidos que pareciam uivos, soluços de dor que desciam em cascata por todo o seu corpo como abalos sísmicos. Edward, insone no quarto ao lado, entrou no aposento em que ela estava, mais ou menos às três da manhã, sussurrando fervorosos pedidos de perdão entre os lábios e tentando enlaçá-la com os braços. Mas ela se mostrou enfurecida, e o atacou com os punhos fechados, aplicando violentos golpes em sua cabeça, seus ombros e qualquer parte que conseguisse alcançar, até que Edward, também chorando, recuou e saiu pela porta.

Então, até amanhecer, Joy permaneceu completamente imóvel, na cama.

Pensando no passado.

Pensando.

— Sua mãe desconfiou, é claro. Desconfiou assim que Wai-Yip voltou para o apartamento com o bebé nos braços. Não foi tão difícil: apesar de ter as feições amarrotadas tão comuns aos bebés, Tung-Li possui um nariz diferente, aquilino, e um tom ligeiramente ruivo nos cabelos. Em favor de Alice deve ser dito que ela jamais comentou sobre este assunto com a filha, talvez adivinhando pelo jeito curto e direto com que Joy anunciou que a empregada principal da casa ia com eles para a casa nova, que qualquer comentário a respeito de "Os homens serem todos iguais" ou como aquelas "Garotas chinesas agarravam qualquer um que aparecesse" seria muito mal recebido.

Preocupada com o comportamento perigosamente rígido de Joy, ela também não comentou nada a respeito da certeza que tinha sobre o que a vizinhança ia falar. "O que as pessoas iam pensar?"... Joy parecia não se importar.

Três longas noites depois daquele jantar no Festival da Lua, Joy informara Edward sobre os seus planos. Ela se juntara a ele no café da manhã com o cabelo cuidadosamente arrumado, usando calças brancas, uma blusa azul de manga curta e se servira do chá sem olhar para ele nos olhos nem uma vez sequer.

— Eu avisei Wai-Yip de que ela não vai ser obrigada a voltar para a China — disse ela, com a voz baixa e contida. Era a primeira vez que ela estava falando com o marido, desde a noite em que recebera a notícia.

— O quê? — Edward olhou para ela, com um pedaço de torrada na mão, a meio caminho da boca.

— Conversei com algumas pessoas. Se ela voltar para a China, vai ser desonrada. Ela e o bebé. Não conseguirá arrumar trabalho e o bebé vai ser desprezado por causa... por causa da sua aparência incomum com as coisas do jeito que estão por lá, com os comunistas e tudo mais, os dois vão acabar passando fome.

Edward não se moveu.

— Cheguei à conclusão que... ela é uma responsabilidade nossa: Uma responsabilidade sua. E não vou sacrificar o bem-estar daquela criança e carregar isso na consciência. Você vai ter que providenciar para que a casa nova seja grande o bastante para nós não precisarmos vê-lo. Deve ser fácil de conseguir isso.

Houve uma longa pausa. Então, Edward se levantou e deu a volta em torno da mesa. Ao chegar junto de Joy ele se ajoelhou, levantou a mão dela, que estava pousada em seu colo, e colou o rosto em sua palma aberta.

— Eu pensei... pensei que você ia embora — disse, com a voz entrecortada.

Joy não disse nada e, apesar de seu queixo estar tremendo, manteve o olhar fixo na janela. Podia sentir as lágrimas quentes dele em sua pele.

— Ah, meu Deus, Joy, eu a amo tanto. Sinto muito, sinto demais. É que eu estava me sentindo tão terrivelmente solitário que...

A cabeça de Joy virou de repente para o lado, e ela afastou a mão dele, dizendo: — Não quero falar sobre esse assunto. Jamais.

Quinze

SABINE ESTAVA SENTADA em um caixote na casa de verão fechada, com um cobertor comido por traças em volta dos ombros e blusa bem apertada em volta do corpo, tremendo de frio. Já estava ali por quase uma hora; escutara, em meio ao som do próprio choro os chamados assustados de Thom que procurava por ela, no estábulo vira o entardecer se transformar em noite fechada, encobrir tudo com seu manto escuro e continuou ali, sentada em seu refúgio cheio de mofo, tão paralisada pelo próprio choque e pesar que não conseguia fazer com que os dedos trémulos enfiassem os botões da blusa amassada dentro de suas casas.

Ela não sabia para onde ir, simplesmente seguira o avassalador impulso de fugir de Thom e escapar do gosto amargo da humilhação. Assim, fora direto para os campos baixos e depois caminhara de volta angustiada, pela estrada, na direção da aldeia, até que escolheu a casa fechada como abrigo. Agora, estava encalacrada: caso resolvesse voltar para casa, ia ter que explicar tudo para a mãe. Se ficasse ali, depois de ter esquecido o suéter sobre a porta da cocheira do cavalo cinza, era bem capaz de congelar.

De uma coisa ela estava certa: ia ter que ir embora de Kilcarrion. Não havia como ficar, depois de ter feito o que fizera.

Sabine limpou o nariz com as costas da mão, dissolvendo-se em grossas lágrimas de novo ao se lembrar do momento em que colocara a mão dele sobre o seu seio; o seu olhar de horror ao vê-la fazer aquilo. O que ele estaria pensando dela? Ela era pior que a mãe: não passava de uma prostituta. O que a levara a fazer aquilo? Agora, ela arruinara tudo. Só que outro pensamento lutava por espaço em sua cabeça: será que ela era assim tão repugnante? Será que seria tão mau se ele tivesse correspondido ao seu beijo, nem que fosse por um instante?

Sabine não acendeu a luz por medo de atrair a atenção sobre o lugar em que estava, mas dava para divisar os ponteiros de seu relógio, que lhe mostravam que já era quase cinco e meia da tarde. Lá embaixo, no estábulo, ela conseguia ouvir as portas batendo e o barulho dos baldes, enquanto os cavalos recebiam a sua ração noturna. Sua avó devia estar ocupada em algum lugar, escovando os cães ou resolvendo com a senhora H qual a melhor maneira de reorganizar o freezer. Dentro de casa, Lynda devia estar contando os minutos para dar seis horas e ela poder ir para casa no seu carrinho vermelho. Devia estar vendo uma das novelas da televisão, que acompanhava diariamente. Seu dia era tão marcado por elas que até o avô de Sabine tomava seus vários medicamentos de acordo com os horários das novelas da TV.

Pensar no avô fez Sabine enxugar os olhos com mais força. Ele devia estar se perguntando onde é que ela estava; praticamente não a vira o dia inteiro. Talvez estivesse achando que a neta tinha ficado igual à filha: sem ligar para ele, não dando a mínima. Mas ela não podia voltar para casa. Não havia lugar para onde pudesse ir; pelo menos, nenhum lugar onde pudesse confiar em alguém. Ficou ali sentada, chutando uma pilha de velhos vasos de flores, sem se importar quando eles quebraram e se esfarelaram, quase sem conseguir vê-los através dos olhos inchados de chorar. Então levantou a cabeça, como um sabujo farejando o ar.

A casa de Annie. Ela podia ir para a casa de Annie. Ela ia compreender. E se Annie estivesse em um daqueles seus dias de "desligamento", ela podia pelo menos pedir a ela para usar o telefone, para pedir a Bobby que fosse buscá-la. Ela só precisava contar a ele parte da história, afinal.

Sabine sacudiu o cobertor do ombro e, depois de se certificar de que não havia ninguém em volta que pudesse vê-la, seguiu, sorrateira, através dos jardins desertos, em direção ao portão dos fundos, tentando não deixar que os soluços e tremores que sempre acompanhavam suas lágrimas a atrasassem.

Por algum motivo, as três lâmpadas que se alinhavam ao longo d a estrada de Ballymalnaugh estavam todas apagadas naquela noite. Sabine se sentiu grata pelo céu claro e quase correu estrada afora, apertando a roupa contra o corpo e ouvindo apenas o som dos próprios passos no asfalto. A única luz que havia era a que vinha das janelas das casas pelas quais ela passava e que ainda não haviam fechado as cortinas, revelando pequenos cenários de vida familiar: o jovem casal atirado em um sofá diante da TV com os filhos brincando diante deles; a velha solitária lendo o jornal; a mesa posta para o chá enquanto um aparelho de televisão lançava uma aurora boreal de sombras luminosas que se moviam na parede. Seguindo em frente, Sabine viu tudo aquilo e se sentiu mais sozinha do que nunca. Jamais vou conseguir ter uma família adequada, pensou, e isso a fez começar a chorar novamente. Vou ficar sempre do lado de fora, olhando para eles.

Diminuindo o passo ao chegar à casa de Annie, tentou retomar o fôlego e secar os olhos, para não parecer muito assustadora. Afinal, ela não queria que Annie pensasse que alguém tinha morrido. Ela já tinha feito estrago suficiente para um dia só.

As luzes do andar de baixo estavam acesas, mas as cortinas estavam fechadas, do mesmo jeito que estavam nas últimas vezes que Sabine passara por ali, a cavalo. Ela hesitou antes de entrar no caminho da entrada, conseguiu finalmente fechar os botões da blusa e perguntou a si mesma por um momento se, depois do que a senhora H falara sobre Annie precisar de tratamento, ela devia entrar ali.

Enquanto Sabine estava parada, incerta, diante dos degraus da casa, a porta se abriu bruscamente pelo lado de dentro, lançando uma réstia de luz alaranjada sobre o jardim. Um homem alto e magro, com cabelos pretos e shorts brilhantes de ciclista apareceu com a silhueta recortada contra a luz, saiu correndo como se fosse atropelá-la e então, ao ver Sabine, parou e agarrou-a pelos ombros, dizendo:

— Graças a Deus — arquejou ele. — Ah, graças a Deus. Precisamos chamar uma ambulância.

Sabine ficou paralisada.

— Uma ambulância. Você tem um celular, menina? Ela olhou para ele, perplexa.

Ele balançou a cabeça, irritado, e falou:

— Olhe, eu sou apenas um hóspede. Anthony Fleming. Acabei de voltar esta noite, e não ia nem parar aqui, para ser franco. Encontrei a senhora Connolly... e... bem, ela precisa de uma ambulância. Com urgência. Você tem telefone? Este aqui parece que foi cortado.

O coração de Sabine parou e ela olhou para trás dele, para a casa fortemente iluminada. Sabia que Annie andava muito deprimida, mas não pensara na possibilidade de... e estremeceu. Teve uma súbita visão de uma colega de sua escola que cortara os pulsos no banheiro dois anos antes, depois que os colegas caçoaram dela. O sangue esguichara até o teto, foi o que uma das meninas do quinto ano contou.

— Ela está... ela está...? — Sua voz falhou.

— Bem, eu não sou especialista, mas acho que já não lhe sobra muito tempo — disse o homem. — Não podemos perder nem um minuto. Onde é que tem um telefone?

Ignorando os protestos dele, Sabine se obrigou a entrar pela porta, quase sem perceber o caos em que estava a sala da frente, o cheiro de poeira e comida estragada que teve de enfrentar. Precisava ver Annie. Continuou andando com determinação, o peito apertado de medo enquanto tentava não prestar atenção aos sons estranhos que vinham da cozinha. Ninguém contara a ela sobre o barulho: quando as pessoas se matavam, nos filmes, ficavam sempre caladas.

Mas não havia sangue. Pelo menos, não n o teto. S ó uma espécie de líquido esbranquiçado espalhado por todo o piso de linóleo azul-claro, e Annie sentada no chão, agarrada à porta do armário com as duas mãos, como se estivesse tentando se levantar.

— Annie? — disse Sabine.

— Ah, meu Deeeeeeeeus... — Annie soltou um gemido longo e profundo. Parecia estar concentrada em algo que Sabine não conseguia ver. Ficou com o rosto fortemente vermelho, de tanto esforço. Não parecia estar morrendo.

— Ela não está morrendo — afirmou Sabine para o homem que reaparecera atrás dela.

— É claro que ela não está morrendo — replicou ele com impaciência, abanando as mãos para os lados como se estivesse sacudindo água delas. — Ela está tendo um bebé.

Só que eu sou um bancário, não sou médico. E eu já disse, precisamos de uma ambulância.

Sabine olhou para Annie, sentindo-se sacudida mentalmente enquanto tentava captar o significado do que o homem dissera. Então, falou: — Fique aqui com ela. — E saiu direto pela porta. — Vou buscar ajuda. — com o coração batendo forte em seus ouvidos, voltou correndo pela estrada em direção a Kilcarrion.

Kate estava encostada de encontro à escrivaninha, olhando para a foto esmaecida que ainda segurava nas mãos, vendo o próprio sorriso largo, aberto, inocente.

Analisando o rosto redondo de Tung-Li que olhava de volta para ela, sua timidez diante da câmera agora misturada com um simbolismo maior; suas feições pouco comuns — porque elas eram incomuns, agora que Kate olhava com cuidado para elas totalmente explicadas.

— Por que a senhora nunca me contou? — perguntou à mãe, por fim. Sua voz saiu frágil, trémula.

Joy, que se sentara ao lado dela na cadeira, com a cabeça abaixada, levantou o rosto cansado.

— Não havia nada a dizer. O que eu poderia ter contado a você?

— Não sei. Qualquer coisa. Algo que talvez explicasse... ah, não sei.

— Balançou a cabeça. — Ah, meu Deus, mamãe... todo esse tempo...

Já estava escuro lá fora e as duas luminárias de parede lançavam sombras soturnas sobre as paredes, em um jogo de claro-escuro, fazendo sobressair a extensão das prateleiras quase vazias e as poucas caixas remanescentes, ainda à espera de triagem. Um antigo mapa emoldurado do Sudeste Asiático caíra da parede e ficara encostado à parede, com o vidro quebrado.

— O que aconteceu com ele? — quis saber Kate, ainda olhando para a foto. — O que aconteceu com os dois?

— Eles não voltaram para a China. Quando nós voltamos para a Irlanda, consegui para Wai-Yip um bom emprego junto com a família de um dos integrantes do Black Watch[5] que morava no novo território. Acho que ela se sentiu muito mais feliz lá, de verdade. Estava mais perto d a própria família. E as coisas ficaram... — Joy respirou profundamente — mais simples.

Kate olhou para a foto novamente, e depois a colocou com cuidado em cima da caixa, deixando suaves impressões digitais sobre a superfície. Parou por um instante, como se estivesse decidindo se deveria virá-la para baixo, mas acabou deixando-a virada para cima.

— Não consigo acreditar nisso... — disse ela, quase para si mesma. Não posso acreditar que papai... Eu achava que vocês eram um casal perfeito. Achava, sinceramente, que vocês dois dividiam o amor perfeito.

— Ninguém é perfeito, Katherine.

As duas mulheres se sentaram em silêncio em ângulo reto uma com a outra, ouvindo os ruídos distantes das atividades no estábulo. Pelo menos daquela vez, Kate reparou, os barulhos não pareciam estar colocando Joy em ação.

— Por que a senhora ficou com ele? — perguntou. -Vocês já estavam nos anos 60, não é? As pessoas teriam compreendido. Nós teríamos compreendido.

Joy franziu os olhos e ajeitou o cabelo com a mão.

— Eu cheguei a pensar nisso. Só que, naquela época, um casal que se separava ainda era estigmatizado. Além do mais, apesar de tudo, achei que estava fazendo o que era certo. Achei que, assim, vocês, crianças, iam crescer com uma família, de forma adequada. Sem ter que aguentar as pessoas sussurrando, apontando e comentando.

Nós já havíamos construído uma vida, juntos. Acho que gostávamos das mesmas coisas...

Virou-se para olhar para Kate e sua expressão se suavizou.

Nós dois amávamos tanto vocês, sabia? — continuou. — A felicidade de vocês era tudo, para nós. E, apesar de o seu pai ter me magoado profundamente — ela recuou ligeiramente, o que fez Kate compreender com um pequeno choque, o quanto aquela traição ainda estava

próxima da superfície —, eu decidi que, no final das contas, os meus próprios sentimentos não eram o mais importante.

Houve um longo silêncio, e Kate continuou sentada no aposento frio e desprezado, tentando refazer suas antigas crenças sob a luz dessa revelação. Sentiu-se, por um instante, irracionalmente zangada, como se ter ficado de fora desse segredo fosse a causa de todos os problemas que havia entre elas.

— Christopher sabe?

— É claro que Christopher não sabe. E eu não quero que saiba. Não queria que nenhum de vocês dois soubesse. — Joy pareceu, por um momento, readquirir seu velho jeito brusco e autoritário. — Você não me vá contar nada para ele. Nem para Sabine.

Existem muitas bobagens a respeito de todo mundo ter que contar tudo a todos, hoje em dia. Sua voz, embora truculenta, escondia alguma coisa a mais. Algo quase doloroso.

Kate ficou em pé, olhando para a mãe por mais alguns momentos, tornando a reconhecer aos poucos a história de amor da qual tanto sentira falta. Então deu um passo para frente e, pela primeira vez desde que era criança, segurou Joy, envolvendo-a carinhosamente em seus braços, dando tempo para que a sua mãe substituísse a habitual rigidez por algo mais dócil. Ela tinha cheiro de cavalo, de cachorro, e de mais alguma coisa doce e perfumada como lavanda. Depois de alguns instantes, começou a dar tapinhas no ombro de Kate, em uma resposta distraída, como se estivesse consolando um animal.

— Todos esses anos... — disse Kate, com o rosto colado no casaco acolchoado da mãe, a voz entrecortada — todos esses anos, e eu... eu jamais consegui alcançar a senhora.

— Desculpe, minha querida. Eu não queria que você se sentisse assim.

— Não, eu não quis dizer isso. É que, todos esses anos, eu não sabia que a senhora estava sofrendo. Não tinha ideia das coisas que tinha de suportar.

Joy afastou o corpo um pouco e enxugou os olhos, erguendo os ombros.

— Não, filha. Não quero que você exagere as coisas — disse, com firmeza. — Seu pai é um homem bom. Eu não tive de suportar tantas coisas, como você está dizendo. Ele me amava, ao jeito dele. — E quando olhou para Kate, seu olhar era quase defensivo, quase desafiador. Ele simplesmente...

— Não conseguiu se segurar?

Joy desviou o olhar da filha e o fixou na janela.

Kate olhou para a porta do quarto ao lado, onde seu pai estava aproveitando o sono induzido por remédios, e sentiu uma fúria gelada contra o homem que traíra a única pessoa que ela o achou capaz de amar incondicionalmente.

— E a senhora jamais o fez pagar pelo que fez — disse, amarga. Joy seguiu o olhar da filha e então esticou o braço, pegando na mão de Kate. A mão de Joy tornara-se áspera e envelhecida por muitos anos de atividade constante.

— Você não deve dizer nada a ele. Não deve perturbá-lo. O seu pai pagou sim, Kate — disse ela, e sua voz estava carregada de uma melancólica certeza. — Nós dois pagamos caro.

Não havia ninguém no andar de baixo, nem na cozinha, nem na sala de estar.

Então Sabine, com a cabeça quase zonza de tanta adrenalina, começou a correr por toda a casa, batendo as portas e chamando pela senhora H, fazendo com que os cães latissem e arranhassem as portas, em resposta.

— Onde, diabos, está todo mundo? — gritou ela, abrindo e fechando as portas da despensa e do quarto de guardar as botas. A casa parecia parada, vigilante. A copa e a sala do café da manhã também estavam vazias, e o silêncio amplificava os sons de sua rápida passagem, fazendo-os reverberar em volta da mobília.

Com os pulmões cansados de tanto gritar, Sabine subiu as escadas de dois em dois degraus, as botas agarrando-se às pontas cobertas pela passadeira gasta, de modo que ela escorregava e derrapava enquanto subia, e teve que se agarrar por duas vezes ao corrimão, para não cair. O tempo todo, a imagem de Annie aparecia diante dela, com o corpo curvado pela dor e a expressão distante, como sempre, mas dessa vez mais focada. De certa forma, mais primitiva.

Ó Deus, onde estava a senhora H? Annie precisava da mãe. Isso era óbvio para qualquer pessoa. Ela certamente precisava de alguém mais que não fosse o tal de Anthony Sei-lá-o-quê. Sabine parou por um instante quando chegou ao andar de cima, olhando em volta à procura do aspirador de pó ou de outro indício qualquer de que a senhora H tivesse estado por ali, recentemente. Então, se lembrou.

Lynda.

Por que ela não pensara em Lynda?

Ela saberia o que fazer. Podia cuidar de tudo. Sabine escancarou a porta do quarto do avô, com a boca já aberta e preparada para dar o recado urgente. Mas encontrou apenas o olhar vazio da televisão desligada e uma fileira de frascos e caixas de remédios colocados lado a lado; uma lembrança silenciosa de que a enfermeira já tinha ido para casa. O perfil esquelético de seu avô emergia das múltiplas camadas de colchas e travesseiros sem se mostrar perturbado pela agitação da neta, no profundo sono quimicamente induzido.

Ela nem se preocupou em fechar a porta. Soltando um palavrão desesperado, Sabine começou a correr pelo corredor, abrindo todas as portas, e chamando pela senhora H, pela mãe, pela avó, por qualquer pessoa, lutando a cada instante com um crescente sentimento de pânico provocado pela cena que deixará para trás. E se o homem fosse embora? Ela poderia chamar uma ambulância, mas não sabia como ajudar. E uma parte dela não queria voltar para aquele barulho e para aquele sangue, sozinha.

Elas estavam no escritório. Sabine escancarou a porta, sem esperar encontrar alguém ali, e parou, ofegante, ao se confrontar com a imagem das duas mulheres abraçadas uma à outra.

Ficou parada por um instante, tentando assimilar uma cena que sabia que não podia ser real. Ainda consciente do que acontecera no fim da tarde, desviou o olhar da mãe. Então, se lembrou do que viera fazer.

— Onde está a senhora H?

Sua avó já se afastara da sua mãe e estava ajeitando o cabelo.

— Ela foi à cidade — respondeu Joy. — Parece que ia procurar alguém para tratar de Annie. — Estava quase constrangida por ter sido pega em um abraço tão íntimo com a filha.

— Eu preciso falar com ela.

— Bem, ela não vai mais voltar esta noite, por isso saiu cedo. Acho que Mack veio pegá-la. — As duas mulheres olharam para Sabine, que agora estava pulando de um pé para o outro, agitada. Mas o que é que está acontecendo?

— Precisamos encontrá-la. É Annie. Ela... acho que ela está tendo um bebé.

Houve um silêncio muito curto.

— O quê?

— Um bebé? Você tem certeza?

Do lado de fora da porta, afetado pelo movimento, um dos cães estava latindo.

— Annie não pode mais ter filhos — disse Joy, sem parecer muito convencida.

— Sabine? Você tem certeza?

— Olhe, vamos logo. Eu não estou inventando — disse Sabine, puxando a manga do casaco da avó. — Ela está na casa dela. Com um dos hóspedes. Mas já tem um negócio gosmento no chão e tudo, e ele disse que é só um bancário e que já não sobra muito tempo para ela, precisamos chamar uma ambulância e o telefone da casa dela não está funcionando.

Joy e Kate olharam uma para a outra.

— Ele está lá sozinho com ela — disse Sabine, que começou a chorar diante das caras paradas e idiotas que as duas fizeram. — Annie precisa de ajuda. Vocês têm que vir, agora

Joy colocou a mão no rosto, pensativa, e então correu para a porta, empurrando a filha na frente.

— Kate, você vai até lá com Sabine. Vou chamar uma ambulância e pegar algumas coisas aqui, para levar. Ah, meu Deus, e vou tentar ligar para o Mack, também. Acho que temos o número do telefone celular dele, em algum lugar. Vou pedir ao Thom que o encontre.

— V á n a frente, Sabine — disse Kate, enquanto seguia a filha, que descia as escadas rapidamente, quase tropeçando nos cães, na descida. Ah, aquela pobre mulher — disse, esticando a mão para dar um tapinha no ombro da filha. — Graças a Deus você a encontrou.

Anthony Fleming estava fazendo um pequeno número de dança nos degraus da casa de Annie, em passos curiosos, acompanhado por um alegre movimento das mãos e muito agitado, fora de compasso com alguma melodia mental. Pelo menos, era assim que parecia, de longe: quando Sabine e Kate chegaram mais perto, suadas e muito ofegantes pela corrida, viram que, na verdade, seus movimentos eram de desespero, pulando sobre os pés, em um pedido desajeitado de ajuda que vinha dos braços que naquele instante apertavam Kate, agarrando-a pela lapela, assim que ela conseguiu chegar ao último degrau.

— Você é médica? — perguntou, com o rosto pálido e apreensivo.

— O médico está a caminho — respondeu Kate. — Onde está ela?

— Ah, meu Deus... Ah, meu Deus... — Anthony Fleming retorcia as mãos.

— Onde ela está?

Ignorando-o e esquecida de Sabine, Kate o empurrou e forçou a entrada até a sala de estar e foi até a cozinha, onde se agachou ao lado de Annie, que agora estava agarrada aos pés de um banco, balançando-se para trás e para frente, emitindo sons de lamento que causaram arrepios no pescoço de Sabine.

— Está tudo bem agora, Annie, está tudo bem — Kate ficou repetindo, abraçando-a e ajeitando o cabelo. — Você está indo muito bem. Tudo vai dar certo.

Sabine olhou em volta na cozinha, para a saia longa de Annie, que estava jogada, toda ensopada junto da pia, perto de um pedaço de tecido cor-de-rosa manchado, que devia ser a sua calcinha. Havia sangue aguado em toda parte. Aquilo a fez se lembrar do dia em que o avô caíra com o rosto sobre o prato de comida.

— Não sei nada a respeito de bebés — Anthony Fleming ficava repetindo, com as mãos apertadas uma à outra. — Trabalho com empréstimos bancários. Só voltei aqui porque havia um lugar seguro para guardar minha bicicleta.

Sabine não conseguia dizer nada para ele. Estava olhando para Annie que, perdida em um mundo particular, estava agora agarrada a Kate, com o rosto ocasionalmente contorcido, enquanto soltava mais um de seus gritos animalescos. Kate, olhando por cima dos ombros para o rosto chocado da filha, tentava sorrir.

— Está tudo bem com ela, querida. Sério. Parece pior do que é. Por que não vai até lá fora e fica esperando a ambulância, que deve estar chegando?

— Eu faço isso — exclamou Anthony Fleming, que já estava a caminho da porta. — Eu espero pela ambulância. Vou ficar lá fora.

Kate lançou um olhar irritado para as suas costas, quando ele saiu. Ficou olhando para o relógio, marcando o tempo entre as contrações angustiadas de Annie.

— Certo, certo... Ahn... Sabine, vá procurar algumas toalhas, por favor. E uma tesoura. Depois, coloque uma chaleira para ferver e esterilize a tesoura. Está bem?

— Você não vai abrir a barriga dela, vai? — Sabine, ainda paralisada na porta da cozinha, sentiu o peito se apertar de medo. Ela achava que não ia aguentar a visão de mais sangue.

— Não, querida, é para cortar o cordão. Só para o caso de o bebé chegar antes da ambulância. Vá, ande logo, não temos muito tempo!

Virou-se novamente para Annie, acariciando os cabelos e murmurando palavras de incentivo, sem perceber que ela mesma já estava coberta pelo líquido sanguinolento, por estar apoiando Annie sentada no chão molhado.

— Eu tenho que empurrar — disse Annie, com os cabelos cheios de pontas suadas, colados por todo o rosto. Aquelas eram as primeiras palavras que Sabine a ouviu pronunciar. — Ah,

Deus, eu tenho que empurrar.

— Vá, Sabine, ande logo! Vá agora mesmo

Sabine se virou e saiu correndo dali, sem saber ao certo onde é que ia encontrar uma tesoura (na casa de Annie, as coisas pareciam nunca estar no lugar em que deveriam) e esbarrou em Joy, que chegava trazendo uma pilha de toalhas.

— A ambulância deve chegar a qualquer momento — disse ela. Thom está tentando localizar a senhora H. Onde é que elas estão?

— A senhora trouxe uma tesoura?

— Sim... sim — Joy ouviu um gemido longo e grave que, desta vez, vinha lá de dentro como se fosse algo sobrenatural, um som que se assemelhava a um grito. — Eu trouxe tudo. Elas estão na cozinha, não estão?

O som, quando veio mais uma vez, era horrível demais. Sabine ficou tão arrepiada quanto na vez em que ouviu os sabujos uivando no meio da noite. Parecia que Annie ia morrer. Seu rosto se contorceu.

A expressão no rosto de Joy ficou mais suave quando ela notou o pavor da neta, e esticou a mão para confortá-la.

— Está tudo bem, Sabine. De verdade. É que o nascimento é uma coisa muito brutal.

— Ela vai morrer? Eu não quero que Annie morra.

Joy sorriu e apertou o braço, antes de se virar na direção da cozinha.

— Não, filha, é claro que Annie não vai morrer. No instante em que o bebé nascer, ela nem vai lembrar de coisa alguma a respeito disso.

Sabine ficou olhando do portal enquanto Joy passava por ela e se agachava junto de Kate, entregando as toalhas e ajudando a apoiar os braços de Annie no chão, dando palmadinhas em sua perna e murmurando palavras alegres, enquanto fazia isso. Kate disse alguma coisa sobre um "período de transição" e Joy trocou um rápido olhar com a filha. Seus rostos tinham uma expressão de compreensão mútua e preocupação, mas transmitiam também um leve toque de alegria pendente, como se ambas soubessem de alguma coisa que não conseguiam exprimir direito. Sabine, olhando aquilo, sentiu lágrimas voltarem aos olhos, mas não por se sentir excluída: ela se sentiu consolada.

— Certo, Annie — disse Kate, que agora estava junto dos pés de Annie. — Fique pronta para fazer força para baixo e empurrar. Avise quando sentir que a próxima contração vem vindo.

Annie olhou com os olhos arregalados para os pés e então, comprimindo o queixo no peito, soltou um rugido longo, a princípio com os dentes cerrados e então com a boca tão aberta que Sabine, espiando d o portal, sentiu a própria boca fazer uma mímica inconsciente da ação que presenciava.

Joy encolhia-se toda enquanto tentava levantar a parte de cima do corpo de Annie, e seu rosto estava vermelho de tanto esforço. Kate empurrou os joelhos de Annie para cima, e

enxugou o seu rosto com um pano seco. Ela estava quase chorando, agora.

— Você está conseguindo, Annie. Já dá para ver a cabeça. Você está quase lá.

O s olhos de Annie s e abriram por u m instante e s e fixaram e m Kate. Estavam exaustos e perplexos.

— Respire fundo, Annie. Mantenha o queixo para baixo, está quase acabando.

— Onde está Patrick? — perguntou Annie, confusa.

— Patrick está chegando — disse Joy com firmeza, o rosto apoiado no de Annie e segurando-a por baixo dos braços. — Patrick já está chegando, seus pais estão chegando e a ambulância também. Não se preocupe. Mantenha-se concentrada apenas nesse lindo bebé.

— Quero Patrick — pediu Annie, começando a chorar. E então as suas lágrimas pareceram sufocadas por mais uma contração que lhe apertou o corpo, e seus soluços se transformaram em outro rugido profundo. Apertou os braços que a amparavam com tanta força que Sabine notou a careta de dor que a avó fez. Kate ainda estava abaixada diante de Annie empurrando os seus tornozelos, fazendo seus joelhos se elevarem enquanto continuava dizendo palavras de incentivo.

— Está saindo, Annie. Vamos lá, empurre, agora. Está vindo. Já dá para ver a cabeça. — A voz de Kate estava mais aguda com a excitação, e ela levantou o rosto, olhando para Annie com um sorriso nos lábios. Annie se jogou para trás nos braços de Joy, exausta.

— Eu não consigo — disse ela.

— Consegue, sim, já está quase lá — disseram as duas mulheres, em uníssono.

— Solte o ar com força, Annie — disse Kate. — Fique soltando o ar com força só por um minuto. — Olhou para a mãe, acrescentando, baixinho: — É isso mesmo, não é, mamãe?

Joy assentiu com a cabeça e elas quase sorriram novamente uma para a outra.

— Certo, agora, empurre só mais uma vez — disse Kate.

Então Annie começou a gritar, e soltou um longo, sufocado e vacilante guincho, e Kate começou a berrar também, e Joy, que ainda contorcia o rosto por causa da força com que Annie apertava seus braços, começou a gritar também, e Sabine se viu chorando, sem notar que, justo no instante em que achou que não ia mais aguentar, houve um rápido e molhado movimento de alguma coisa que escorregava de dentro de Annie, com um som de sangue e alegria, enquanto a sua mãe segurava uma coisa pequena com dois bracinhos vermelhos, arremessando-a para o ar como se fosse uma bola agarrada por um jogador de futebol, e Joy estava beijando Annie e rindo, e Kate já estava envolvendo o bebé com uma toalha, com todo o cuidado, e o colocava sobre o peito de Annie com uma expressão de alegria em estado bruto, e dor e alívio, sem ligar para o sangue e a sujeira, sem ligar para o barulho, sem ligar para Anthony Fleming, que estava parado no portal sem saber onde colocar as mãos e pedia desculpas a todos, avisando em seguida que a ambulância acabara de chegar.

Então Kate, como se subitamente se lembrasse de Sabine, olhou para cima e estendeu o braço para ela. Sabine foi até junto dela e se ajoelhou também, olhando para aquela pequena coisa, toda coberta de sangue e enrolada em uma toalha de praia, cheirando a suor e ferro. E,

ao olhar para baixo, não viu as poças de sangue, nem as toalhas ensopadas, nem a calcinha, nem a sujeira que manchara suas próprias calças; viu apenas dois olhos escuros e enevoados olhando fixamente para ela de um jeito tão ancestral, tão remoto que parecia conhecer todos os segredos do mundo. Uma boca miúda e com os cantos para baixo, que se abria e se fechava, transmitindo palavras silenciosas e contando tudo o que ela jamais soubera a respeito do significado da vida. E compreendeu, com um breve lampejo de intuição, que jamais vira nada tão maravilhoso em toda a sua vida.

— É uma menina — disse Kate, com os olhos molhados de lágrimas, apertando os ombros da filha.

— Ela é tão perfeita — disse Sabine, estendendo a mão, insegura.

— Meu bebé — disse Annie, olhando para a criança, sem parecer acreditar. — Meu bebé. — E então, inesperadamente, começou a tremer, soltando soluços imensos e violentos que lhe sacudiam todo o corpo, massacrando-a sob o peso de um pesar reprimido que parecia vir em ondas, de modo que Kate teve que, por um momento, pegar o bebé de volta, para protegê-lo da angústia de Annie. Joy se lançou para a frente, apertando a cabeça de Annie e gritando: "Eu sei, eu sei!", e então, quando as lágrimas de Annie finalmente diminuíram, disse: "Está tudo bem agora, Annie. Está tudo bem. Já acabou!", tão baixinho que Sabine mal conseguiu entender as palavras acima das exclamações feitas pelas pessoas que vinham chegando.

E então Kate, com as próprias mãos tremendo, ajudou Sabine a se levantar do chão e, com os braços fortemente envolvidos uma à outra, ambas caminharam em silêncio, piscando ao sair no ar da noite, no lugar onde os homens da ambulância, iluminados pela rodopiante luz azul, vestidos com uniformes fluorescentes e monitorados por rádios que apitavam, já estavam desdobrando a maca.

Dezesseis

HAVIA POUCAS SURPRESAS que ela ainda poderia ter na vida, disse a senhora H, e o nascimento de sua neta tinha sido uma dessas, sem dúvida. Ela disse essa frase muitas vezes, para muitas pessoas, mas isso não impedia que os seus olhos se enchessem de lágrimas a cada vez que ela repetia, e o fato de ela dizer isso várias vezes para a mesma pessoa não incomodava ninguém que a conhecia. A pequena Roisin Connolly era notícia boa, e uma notícia assim tão maravilhosa podia aguentar o fardo de ser repetida à exaustão.

Patrick voltara para Annie na mesma noite do nascimento, muito chocado, mas extremamente feliz pela chegada do novo bebé, e ainda estupefato pelo alívio de conseguir encontrar uma explicação para o comportamento cada vez mais estranho de sua mulher nos últimos meses. Annie, que jamais se conformara com a morte da filha, ficara temporariamente desequilibrada pelo choque d a nova gravidez, segundo os médicos, e enfrentara o fato ignorando-o e se afastando de todos os que estavam à sua volta. De um modo geral, essa não era uma reação muito incomum. Apesar disso, a senhora H se sentiu muito embaraçada por não ter reparado que a filha estava grávida, e culpara a si mesma pelo trauma que fora o nascimento de Roisin. Mack, porém, assim como Thom e todos os outros lhe disseram para não ser tão tola, e até mesmo Annie, mais tarde, argumentou que se ela tinha conseguido esconder o fato do próprio marido, que chance a mãe tinha de suspeitar de alguma coisa? A senhora H sentiu-se vagamente apaziguada, mas podia ser vista analisando a silhueta de várias mulheres do lugar, pronta para ser a primeira a adivinhar qualquer gravidez futura, e diversas vezes chegou a ser um pouco ofensiva por fazer perguntas diretas a respeito.

Annie passou várias semanas no hospital, tanto para fazer companhia a Roisin, que nascera prematura de mais de um mês e teve que passar um período na incubadora, como também para dar tempo a si mesma, a fim de se adaptar ao renovado papel de mãe sob os olhos vigilantes das autoridades de saúde. Após um período inicial de luto atrasado por Niamh (os dois bebés, todos concordavam, eram comoventemente parecidos), ela se recobrou com rapidez incrível, sem passar pelo período de depressão pós-parto que os médicos avisaram que era tão comum em casos como aquele. E teve também um pouco de apoio psicológico, embora a senhora H afirmasse que, para Annie, ter o bebé nos braços e o marido ao lado era todo o apoio que poderia precisar. Annie até mesmo falava a respeito de Niamh agora, comentando como os hábitos de comer e se enroscar de Niamh e Roisin eram parecidos, e como eram diferentes os formatos das pequenas unhas em forma de concha dos dois bebés, ou a cor dos seus cabelos; às vezes até mesmo chamava a atenção de parentes que começavam a chorar quando ela falava essas coisas, explicando que gostaria sempre de lembrar que tivera duas filhas, mas não queria que Roisin crescesse à sombra de Niamh.

Sabine a visitou várias vezes, segurando a criança com todo o cuidado em seus braços, maravilhando-se com a rapidez com que ela perdera a aparência amarrotada e manchada de sangue e ia ficando mais esperta, rosada e com um cheirinho doce. Apesar disso, disse a Annie que não queria ter um bebé. Pelo menos até que alguém conseguisse que os homens

também pudessem ter filhos. Annie (que, como Joy previra, surpreendentemente parecia ter esquecido por completo toda a dor e o sangue) riu muito ao ouvir isso. Andava rindo muito naqueles dias, e seus olhos brilhavam com um pouco de malícia quando brincava com Sabine a respeito de Bobby McAndrew, e mostravam prazer quando a filhinha fazia alguma coisa marcante, como acenar com a mãozinha que parecia uma estrelado-mar, ou até mesmo espirrar. Em segredo, Sabine continuava achando que Roisin parecia uma bolha de água, mas não dizia nada. Annie a convidara para ser madrinha da menina, e Sabine sentiu que chamar a menina de bolha não era algo que se esperasse de uma madrinha.

Patrick, que permanecia quase o tempo inteiro no hospital "atrapalhando todo mundo", como diziam as sorridentes enfermeiras, ficava só sentado, olhando para a filha, com seu rosto largo e moreno irradiando um ar de satisfação e as mãos não mais se esticando, nervosas, para acariciar e consolar a mulher, e sim entrelaçando-se com as dela. Estava sem escrever nada havia várias semanas, disse a senhora H, mas não se podia ter tudo, mesmo.

Ele vertera lágrimas de gratidão para Sabine, Joy e Kate quando chegou em casa na noite do parto, e Sabine ficou um pouco constrangida por ele, mas Kate o abraçara, também chorando, e ficou dizendo que estava "muito, muito feliz", como se ela mesma tivesse dado à luz. Uma criança, Joy dissera a Sabine, igualmente emocionada, era o maior presente que alguém podia ganhar. Um dia, ela ia compreender. Sabine pensou, consigo mesma, que talvez fosse capaz de compreender, realmente. Ela jamais testemunhara uma expressão como a que iluminou o rosto de Annie quando ela viu a filha pela primeira vez: uma mistura de alegria, dor e alívio. Só de pensar naquilo já se sentia emocionada, embora não contasse isso para ninguém. Já havia emoções demais rondando a casa.

Thom jamais contou a Kate a respeito de Sabine ter tentado seduzi-lo. Ou talvez tivesse contado e sua mãe decidiu não comentar nada a respeito com ela. De qualquer modo, Sabine se sentia grata e um pouco sem graça, por não saber a quem devia gratidão.

Ela o vira pela primeira vez, depois do que aconteceu, na mesma noite do nascimento de Roisin: ele viera correndo pela estrada, pouco depois de Sabine e Kate terem saído da casa, e ficou parado ao lado da ambulância, sem saber ao certo o que fazer em seguida. Parou de repente diante das duas com os olhos correndo de uma para a outra e uma das mãos no braço de cada uma delas. "Está tudo bem?", perguntara ele.

"Annie está bem? Vocês estão bem?" E olhara de um jeito penetrante para Sabine ao fazer a última pergunta, e ela balançara a cabeça afirmativamente, ainda abalada demais pelo drama da chegada do bebé para se sentir humilhada. De repente, tudo aquilo parecia ter acontecido havia muito tempo, quase em um sonho, como se fosse algo que fizesse parte da vida de outra pessoa. Ela achou, um pouco tensa, que ele ia beijar a mãe, envolvê-la com os braços ou algo assim, mas nada disso aconteceu. Eles apenas olharam um para o outro, e então Kate disse, baixinho, que ele podia entrar na casa para ver Annie. E, depois que ele se afastou, Kate puxou Sabine para o caminho de casa, dizendo:

— Não sei quanto a você, meu amor, mas eu bem que preciso de um drinque.

E então ela tornou a vê-lo no dia seguinte: Thom esperou até que Sabine fosse ao estábulo, e perguntou se ela queria dar uma saída para cavalgar, só eles dois. Ela olhou por cima da porta da cocheira do cavalo cinza e o encontrou já preparado, escovado e selado, o que a deixou sem escolha. Sabine se sentiu um pouco estranha então, embora fosse óbvio, pelo tom de voz dele, que Thom não ia lhe passar uma cantada, nem algo desse tipo; a ideia de que ele talvez pudesse falar alguma coisa a respeito do que acontecera entre eles na véspera era o mais doloroso.

Mas ele se comportou como se nada tivesse acontecido, conversou a respeito de cavalos, de Annie, do novo bebé, da forma como todos ainda estavam espantados, e a levara e m um longo passeio a cavalo, serpenteando pelos campos, incentivando-a a saltar sobre umas duas valas que ela não teria conseguido enfrentar sozinha e rindo muito quando ela se recusou com firmeza a tentar saltar sobre um barranco Wexford.

Sim, disse ela, tentando não rir de volta, ela bem sabia que já conseguira fazer isso uma vez. Só que agora era diferente, encarar as coisas assim, a sangue-frio. Ele concordou com aquilo, e disse que ela tinha razão. Foi como se Sabine tivesse dito algo mais sábio e profundo do que pretendera.

Não aconteceu nada de especial entre eles durante a cavalgada, mas, ao voltar, ela estava se sentindo mais relaxada novamente, como se o velho Thom tivesse sido trazido de volta para ela, na forma de alguém com quem ela pudesse conversar. Além do mais, pensou ela, depois de tê-lo avaliado com cuidado nos momentos em que ele não estava olhando ela achou que já não se sentia tão atraída por ele agora, especialmente depois que a sua mãe lhe contara como Thom estivera próximo de ser o pai dela. Não dava para olhar para uma pessoa do mesmo jeito, depois de ouvir isso.

Como era de se prever, as coisas foram menos simples com a sua mãe. N o dia seguinte ao nascimento do bebé, Kate continuava toda nervosa e tremendo, dizendo que não estava conseguindo tomar o café da manhã e mergulhando em um mundo de sonhos à luz do dia que fez com que os seus olhos se enchessem de lágrimas. Ela também tinha, um pouco constrangida, abraçado Joy na mesa do café, algo que Sabine considerou um pouco exagerado, embora a senhora H tivesse comentado que era "simplesmente adorável" que todos tivessem ficado amigos de novo, especialmente após todo aquele tempo. (É bem verdade que a senhora H achava tudo "simplesmente adorável" há algumas semanas; usara essa expressão até mesmo quando Lynda lhe contou que seu carro havia sido multado em New Ross.) Sabine, que estava cada vez mais envergonhada pelo pavor que sentiu durante o nascimento e pelo jeito com que todos haviam se abraçado em seguida, decidiu mostrar serenidade a respeito de tudo.

Afinal de contas, era apenas um bebé, comentou, quando eles ficaram sem falar de outra coisa durante tanto tempo. Era uma coisa irritante, o jeito com que a sua mãe e a sua avó trocavam olhares e sorrisos cúmplices sempre que ela dizia isso, como se compartilhassem uma espécie de empatia e soubessem o que Sabine estava sentindo.

Apesar disso, Kate acertara em uma coisa. Ela subira para ver a filha vários dias depois, enquanto Sabine estava mudando de roupa, e sentando-se na beira da cama perguntou, de modo inesperado, se ela preferia ficar na Irlanda ou voltar para a Inglaterra. Sabine, já

enfiando o grosso suéter azul por cima da cabeça, respondera através da lã (no fundo se sentindo satisfeita por não ter de encarar a mãe) que ela gostava muito da Irlanda, e que estava pensando em continuar os estudos ali mesmo.

Para sua surpresa, sua mãe não começou a chorar: pareceu até animada, e disse que se era aquilo que Sabine queria, então era o que elas deviam fazer. E saiu. Nenhum drama, nem sermões sobre como tudo o que ela queria era ser amiga da filha, e que fossem felizes, e blablablá. Tudo foi bem simples. Sabine se sentiu até um pouco chocada quando emergiu pela gola do suéter e viu que a mãe já tinha ido embora.

Depois, alguns dias após essa conversa, quando as duas estavam sozinhas na sala de estar, ela perguntou a Sabine o que é que ela achava de elas venderem a casa em Hackney e se mudarem para ali, para ficar junto da vovó de vez. O que você quer é ficar junto de Thom, pensou Sabine, mas estava surpresa demais ao sentir que a sua opinião era importante, para ser cruel a respeito daquilo. — Pensei e m comprarmos um daqueles chalés n a estrada — disse Kate, que parecia mais animada do que Sabine vira, em muito tempo. Algum lugar por aqui. Um lugar pequeno, só com dois quartos. Ficaríamos com algum dinheiro no bolso, com a venda da casa de Londres. E não há motivo para que eu não possa trabalhar, daqui mesmo. Seria muito divertido, escolhermos um lugar assim.

Subitamente desconfiada, Sabine ficou com vontade de perguntar se Thom ia se mudar para essa casa nova com elas, mas Kate respondeu por conta própria.

— Thom vai continuar morando onde está, por enquanto — explicou. — Acho que já há muita agitação nesta família, por agora. Só que ele vai passar bastante tempo em nossa companhia, se estiver tudo bem para você.

— O que foi? Ele não quis vir morar com você? — perguntou Sabine, sem conseguir evitar o tom de deboche na voz. A história estava se repetindo.

— Eu nem perguntei isso a ele, querida — respondeu Kate. — Achei que já estava na hora de você e eu ficarmos um pouco juntas, só nós duas. — E então acrescentou: — E nós sabemos onde encontrá-lo, não é?

Joy tinha recebido bem a notícia do envolvimento de sua mãe com Thom. Sabine contara o fato à avó, com um pouco de cautela, esperando alguma expressão de irritação ou desaprovação. Mas Joy, que curiosamente já parecia saber de tudo, nem mesmo levantara a cabeça da revista Cavalos e Cães que folheava, e disse que Thom era um bom homem, e que tinha certeza de que ele sabia o que estava fazendo.

Para falar a verdade, ela nem mencionara o nome de Kate, Sabine reparou, mais tarde. Porém, como a senhora H costumava dizer, não se pode ter tudo.

Bobby, por sua vez, fizera uma piadinha idiota quando ela lhe contou que ia ficar morando ali. Algo a respeito de ela não conseguir ir embora e deixá-lo ali, dando sopa.

Mas conseguiu que ele parasse de tagarelar por alguns minutos, e ele disse que ela ia gostar muito de conhecer o que descreveu como "o resto da gangue". Contou a Sabine sobre o baile dos caçadores, que ia acontecer dali a duas semanas, e ao qual eles podiam ir, e uma festa em Adamstown naquele fim de semana, com música ao vivo e onde, ele garantiu, eles iam se

divertir muito. Bobby pareceu muito satisfeito com a permanência dela, na verdade. Sabine nem quis contar a ele que estava começando a sentir um pequeno interesse pelo irmão mais velho dele.

Edward Ballantyne morreu três semanas depois do dia em que Roisin Connolly nasceu, retirando-se da vida de forma calma e eficiente, entre o noticiário da hora do almoço e a primeira novela da tarde. Não tinha importância, estava tudo bem, Lynda comentou mais tarde com a senhora H. Ela sempre deixava todos os capítulos gravando em casa, para o caso de acontecer algo daquele tipo. A senhora H mostrou-se muito emburrada com Lynda, depois de ouvir isso.

Sabine, que estivera fora, cavalgando com Bobby em Manor Farm, mostrou-se inconsolável na volta, culpando-se por ele ter estado sozinho no momento da morte, embora tivesse que reconhecer que ele já quase não parecia acordado em hora alguma.

Joy, porém, deixou que ela entrasse no quarto e se sentou junto da neta, ao lado da cama, abraçando-a até ela parar de chorar, e Sabine teve de concordar com a avó quando ela disse que ele parecia estar muito mais em paz, agora. Pelo menos, o que sobrara dele: era como se a pouca essência do que ele era tivesse se dissolvido no ar, restando apenas seu velho rosto plácido e encovado, e as mãos quase frias que repousavam sobre a colcha escarlate como relíquias de outra vida. Sabine se lembrou por um rápido instante da mão artificial de Thom, quando tocara nela pela primeira vez.

A mão de Thom, porém, embora não fosse uma coisa viva, estava impregnada com o próprio entusiasmo pela vida que era típico do dono. As mãos de seu avô, por sua vez, pareciam empoeiradas peças de museu em papel crepom, exibindo ecos distantes de um passado remoto.

— A senhora não devia ter deixado que Sabine ficasse ali sentada junto dele — disse Kate, que estava esperando do lado de fora do corredor quando elas saíram, com o rosto pálido e abatido. — A menina vai ter pesadelos.

— Isso é bobagem — replicou a avó, que estava curiosamente tranquila e com os olhos secos. — Ele era o avô de Sabine. Ela tinha o direito de se despedir dele. Vai lhe fazer bem também dizer adeus ao seu pai.

— Mas Kate, com uma das mãos no rosto, foi para o próprio quarto e ficou lá dentro por umas duas horas.

Christopher e Julia chegaram na mesma noite, Julia já totalmente vestida de preto e tão chorosa que tinha de ser consolada o tempo todo por Joy.

— Não consigo aguentar — dizia ela, soluçando no ombro da sogra.

— Não sou muito boa para lidar com a morte.

Como se alguém fosse, disse a senhora H, com ar de desaprovação. Julia também se esforçou para afirmar a Joy, a toda hora, que sabia avaliar muito bem como ela estava se sentindo. Afinal, havia menos de um ano que perdera Mademoiselle.

Christopher, enquanto isso, parecia muito branco e cadavérico, e falava o tempo todo como se estivesse com a boca cheia de rolhas. Acariciara as costas de Kate, meio sem graça, quando ela desceu as escadas, e disse que esperava que as coisas não fossem começar a ficar "difíceis". Sabine percebeu que ele estava falando a respeito da mobília com as etiquetas coladas, mas Kate disse que ia "deixar tudo por conta da mamãe". Era a casa dela, afinal. As coisas dela. E nenhum dos dois estava em dificuldades financeiras. Christopher concordou com a cabeça e a deixou em paz, o que pareceu agradar a ambos.

Joy se ocupou com os preparativos para o funeral, rejeitando todas as ofertas de auxílio, mas não do jeito rígido e brusco que exibia no período em que o marido estava morrendo. Agora, embora ainda fosse impecavelmente eficiente, ela se tornara mais gentil, como se todas as aparas tivessem sido lixadas, e um pouco meditativa.

— Ela vai ficar desesperada, mais tarde. — Julia fungava, com ar enlutado, acompanhando a saída de Joy da sala, enquanto os outros ficavam sentados, depois do jantar. — O pesar chega com atraso, vocês vão ver. Eu sei, porque não tinha me dado conta do que aconteceu até o momento em que enterramos Mademoiselle.

Mas, se o pesar chegou, Joy não o demonstrou. E Lynda, em especial, parecia quase ofendida pela falta de ataques histéricos na casa dos Ballantyne.

— Eu trouxe alguns calmantes, só para garantir — avisava a todos os que passavam, enquanto arrumava as suas coisas para ir embora. — É só vocês pedirem, se precisarem.

Julia acabou tomando um comprimido, afinal. Na verdade, nem estava precisando, confidenciou a Kate, mais tarde. Simplesmente achou que tomar o remédio ia causar uma boa impressão. Afinal de contas, não queria que Lynda saísse por ali contando para todo mundo em Wexford que os Ballantyne eram insensíveis.

A pesar das impressões de Julia, que achava o contrário, Sabine ficou muito chocada ao ver como a sua mãe ficou triste depois da morte de seu avô. Não era a tristeza usual, chata, exibida, que se manifestava através de lágrimas barulhentas, puxões nos cabelos e maquiagem borrada. (Isso teria feito Sabine ficar muito aborrecida: ela sentia que tinha mais direito de sentir luto pelo avô do que sua mãe.) Mas Kate ficou muito, muito quieta e pálida, tanto que, quando Sabine a viu perto da casa de verão sendo abraçada por um solidário Thom, sua primeira reação não foi de raiva nem de irritação, mas de alívio ao ver que alguém estava fazendo alguma coisa verdadeira para ajudar. Ela continuava achando o contato físico com a mãe inexplicavelmente difícil, e se afastava de seu abraço o mais rápido que conseguia sem ser ofensiva.

A tristeza de sua mãe, porém, a afetou: Sabine chorou muito por dois dias, e então se sentiu melhor, por dentro. Sua mãe parecia estranha, um pouco frustrada, como se estivesse lutando com coisas que não conseguia transmitir.

— Como é que pode, você ficar assim tão triste por causa do vovô? — perguntou Sabine, quando as duas se viram sentadas juntas no escritório, embalando as duas últimas caixas em silêncio, com uma caneca de chá que esfriava ao lado delas. O aposento, agora reduzido a

algumas prateleiras vazias e um papel de parede desbotado de forma desigual, i a ser redecorado para ressurgir como quarto.

Como era um dos poucos cómodos secos da casa, ele precisava, segundo Christopher, ser utilizado de forma eficiente, talvez como um quarto para ser alugado a turistas de passagem. Ia haver uma brecha naquele mercado, agora que Annie e Patrick iam fechar as portas para os hóspedes. ("Não se preocupe", disse a senhora H, ao ver a reação espantada de Sabine. "Annie i a acabar afugentando os hóspedes, mesmo.") Assim, Sabine e sua mãe haviam tomado a seu cargo a função de limpar as últimas caixas do escritório; Sabine, depois de ter separado suas fotos favoritas, estava agora remexendo nos restos de correspondência, com o desejo secreto de encontrar alguma carta de amor realmente picante. As fotos, que já estavam em ordem cronológica, iam ser montadas em um álbum de couro, conforme sua mãe decidiu, que seria dado de presente para a vovó. Pelo menos, a maior parte das fotos.

— Não é que eu esteja sendo rude, mamãe, mas é que você não falava muito do vovô, quando ele estava vivo. — Olhou para a mãe, sentindo que suas palavras não pareciam tão gentis ao serem ditas do jeito que estavam em sua cabeça.

Kate fechou a tampa da resistente caixa marrom e fez uma pausa por um minuto, limpando um pouco de poeira do nariz.

— Havia coisas... — começou ela, e parou. — Eu... acho que simplesmente gostaria que papai e eu tivéssemos nos entendido um pouco melhor. Perdemos tanto tempo... e agora é tarde demais. Isso me deixa um pouco chateada e muito triste.

Sabine se inclinou sobre a escrivaninha, brincando com uma velha caneta, sem saber o que dizer.

Kate se virou na direção dela.

— Acho que gostaria, no fundo, de ter tido uma chance para sermos mais amigos.

Nós nos afastamos quando eu era pouco mais velha do que você.

— Por quê?

— Ah, o de sempre. Ele não gostava do jeito que eu levava minha vida. E aprovou ainda menos depois que eu tive você. Não que ele não a amasse... — acrescentou, depressa.

— Eu sei. — Sabine encolheu os ombros. Ela tinha a impressão secreta de que, no fundo, seu avô a amara mais do que qualquer outra pessoa.

As duas ficaram ali em silêncio por mais algum tempo, Sabine tentando peneirar alguma coisa entre os documentos desbotados, se dando ao trabalho de ler apenas aqueles que estavam escritos à mão. Havia muitos cartões-postais endereçados a Kate e Christopher, com a caligrafia angulosa e austera do seu avô, agora já tão familiar, contando aos filhos os nomes dos vários navios onde ele havia servido e as condições do tempo nos lugares que visitara. Pelo visto, ele viajara muito depois que Kate nascera, mas Sabine não conseguiu encontrar nada que fosse endereçado apenas à sua avó.

Kate estava sentada olhando para fora da janela, perdida em pensamentos.

— Eu fico me lembrando de como ele era amoroso comigo, quando eu era criança — disse, quebrando o silêncio, o que fez Sabine olhar para cima de repente.

— Ele estava sempre me levando a um monte de lugares: até as docas, para ver o seu trabalho, até o alto do mirante de Victoria Peak, de bonde, ou para passear nas pequenas ilhas em volta de Hong Kong, para que Christopher e e u pudéssemos sair explorando. Ele era um pai muito bom, sabia?

Sabine olhou para a mãe, notando o seu tom, um pouco na defensiva.

— Ele era um pai legal... para um velho rabugento. — Kate tentou esconder o tom de brincadeira da voz. Ainda achava muito difícil falar sobre ele.

— Acho que eu gostaria que ele tivesse tido orgulho de mim — continuou, com tristeza na voz. — É muito difícil sentir que a gente fez tudo errado e foi uma decepção aos olhos de quem ama. — Olhou para a filha, com um sorriso nos lábios. — É sim, pode acreditar, mesmo na minha idade.

Sabine olhou para a mãe por algum tempo. Então, estendeu a mão.

— Eu não acho que você tenha feito tudo errado — disse, com a voz baixa e rouca, como se estivesse deixando escapar uma confidência. Sei que às vezes não sou muito gentil com você, mas acredito que você é uma mãe legal. Quer dizer, de um modo geral.

Sei que me ama e tudo o mais. Isso é importante. — Começou a corar. — Aposto que o vovô tinha orgulho de você, sim — continuou — Aposto que tinha, de verdade. Só que ele não conseguia demonstrar. Eles não eram muito bons nessa história de demonstrar emoções, a vovó e o vovô. Não é como eu e você. Sério. — E apertou os braços da mãe. — Eu sei disso.

No andar de baixo dava para ouvir o som estridente da voz de Julia, que estava ajudando a senhora H a mudar a posição dos móveis da sala de estar para depois do funeral. Ouviu-se o som de móveis sendo arrastados e então uma pausa quando Julia, pelo jeito, caiu novamente no choro.

Kate olhou para a mão da filha e levantou a cabeça, sorrindo lentamente.

— Talvez você tenha razão — disse.

Edward Ballantyne foi enterrado em um dia tão chuvoso que as estradas em volta do cemitério ficaram alagadas, forçando o pequeno grupo de participantes a se arrastarem com água pelos tornozelos a fim de chegar perto do túmulo, o qual, para alívio de todos, ficava e m uma parte ligeiramente mais elevada do terreno. Chovera torrencialmente por dois dias, fazendo o céu ficar da cor de cinzas molhadas e a grama virou lama. As várias coroas de flores ficaram embaçadas por trás do celofane protetor.

Várias das pessoas mais velhas da aldeia, depois de se retirarem do interior da pequena igreja, manifestavam impaciência diante da inclemência do tempo, resmungando a respeito de presságios e sinais, mas Joy ficara sorrindo o tempo todo para si mesma, ignorando os sapatos encharcados, e dizia aos que chegavam perto dela que aquele clima estava de acordo com a ocasião. Chegou até mesmo a mandar, de forma banal, que Sabine fosse até em casa para

colocar as galochas, caso desejasse. Isso fez com que a neta, cheia de lágrimas em seu primeiro funeral, ficasse chocada e perguntasse à mãe se Joy estava se sentindo bem.

— Lembre-se apenas do que você me disse a respeito de demonstrar as emoções — sussurrou Kate, e Sabine, depois de pensar alguns instantes, pareceu vagamente satisfeita.

O comparecimento das pessoas foi muito bom. Era surpreendente até, comentou a senhora H, embaixo do guarda-chuva, considerando-se como ele tinha sido rude com a maioria dos habitantes da aldeia, em uma ou outra ocasião. Thom, porém, de braços dados com Kate, sussurrou para a tia que as pessoas sabiam das coisas. Além do mais, era uma questão de respeito, disse a Kate, que tinha, ela mesma, ficado espantada ao ver o número de pessoas que compareceram à igreja. Havia poucos ali que não admirassem o que Edward e sua família haviam feito em prol das caçadas na região, e os que não achavam isso tinham ido por causa de Joy.

— É uma questão de sangue. As pessoas conhecem uma boa linhagem, quando a encontram. — Thom falou isso baixinho e apertou o braço de Kate.

— Elas gostam é de u m velório com comida — sussurrou a senhora H, que, seguindo as instruções de Joy, comprara dois pernis, salmão e álcool suficiente para, segundo Christopher, afundar um pequeno navio. Ela observara o estado de ânimo dos participantes da cerimónia que estavam atrás deles, e a distante, porém perceptível, onda de conversas que ia aumentando depois que, cumprida a obrigação, todos ansiavam pela reunião na casa-grande.

Kate se aconchegou embaixo do guarda-chuva de Thom, sentindo-se estranha no casaco preto recém-comprado e com uma expressão de gratidão pela chuva que respingava em seu rosto e apagava qualquer vestígio de lágrimas. Era impossível para ela sentir-se furiosa com o pai: sua mãe cuidara para que não se sentisse assim. Ele era apenas humano, Joy dissera com firmeza, suas velhas mãos agarrando as da filha no momento em que ela demonstrou raiva, na noite de sua morte. Era tão humano quanto Kate. E, o que era mais importante, ela dissera, não cabia a Kate ficar zangada por causa daquilo.

Isso significava, porém, que só restaram a Kate as opções de sentir dor e arrependimento pela partida do pai. E uma culpa persistente de que, se tivesse tentado com mais empenho, poderia ter diminuído a distância que houve durante muito tempo entre os dois lados da família.

— Sabine fez isso por você — disse Thom. — Sinta-se feliz por isso. -Mas ainda era cedo demais para se sentir feliz por alguma coisa.

A voz do vigário, um murmúrio maçante por trás do silvo contínuo da chuva, parecia falar sobre pó e cinzas e, em algum ponto atrás deles, Julia, amparada por Christopher, começara a soluçar ruidosamente até que, pedindo desculpas em profusão, foi levada embora. Todos podiam ouvi-la clamar a incapacidade de suportar a própria dor a meio caminho de Kilcarrion.

As pessoas que ficaram tomaram aquilo como um sinal de que deveriam começar a se afastar do túmulo, também, e saíam devagar, sozinhas ou em pares, sob uma variedade de guarda-chuvas, alguns deles escuros e outros, inadequados, em cores berrantes. Annie e

Patrick se demoraram um pouco mais ali, com a filhinha Roisin, invisivelmente apertada de encontro ao peito da mãe, enquanto Patrick agigantava-se junto delas como um urso protetor. Naquele instante, estavam chegando mais perto.

— Diga-me o que posso fazer para ajudar — disse Annie para Joy, enquanto o vigário, com um aceno final da cabeça e tocando o braço, caminhava tão depressa quanto conseguia em direção ao abrigo representado pela igreja, com as vestes pesadas por causa da chuva balançando ao vento atrás dele. — Estou falando sério, senhora Ballantyne. A senhora já fez muito por mim.

— É muita gentileza sua, Annie — disse Joy, enquanto a chuva escorria em cântaros pelos gomos do guarda-chuva. — Pode deixar que eu aviso, se precisar de alguma coisa.

— Ela não vai avisar, não. — Dava para ouvir Annie murmurar, com carinho, enquanto eles se afastavam, devagar. — Aquela mulher é teimosa como uma mula.

Com isso, ficaram apenas Thom, Kate, Sabine e Joy, esta última uma figura alta e austera em um conjunto preto que já vira melhores dias no fim dos anos 50, todos em pé, parados ao lado do túmulo.

Thom s e virou na direção de Patrick e Annie, que s e afastavam caminhando, evidentemente tentando decidir se o seu lugar era com eles, a princípio empurrando Kate em direção à mãe. Kate, porém, diante da visão das costas resolutas da mãe, cobertas de preto, começou a chorar, e Sabine fez um sinal indicando que Thom deveria levá-la com ele. Se a vovó já estava abalada, a última coisa de que precisava era de Kate chorando em volta dela.

Joy, sem se importar com a lama que subia lentamente pela parte lateral dos sapatos, permaneceu ali em pé, junto do monte de terra escura incrustado com coroas de flores, sem olhar para nada. Ela achou que ia chorar durante a cerimónia, e receara se sentir embaraçada diante de todas aquelas pessoas com ar de pasmo, mas não o fez.

Sabia que, ao não fazê-lo, provavelmente os havia desapontado. A verdade, porém, é que estava se sentindo até melhor, como se uma imensa nuvem tivesse sido afastada de cima dela.

Desculpe, querido, disse para ele, em pensamento, assim que percebeu o sentimento. Você sabe que não estou achando a sua morte uma coisa boa. Era mais fácil conversar com Edward agora que ele se fora, como se o fato de não vê-lo incapaz e com dor, com a lembrança física da vida que tiveram antes, a tivesse libertado para amá-lo incondicionalmente mais uma vez. Ela sabia que seu modo de tratar as pessoas estava mais leve e que Julia, a senhora H e os outros estavam pisando em ovos em volta dela, acreditando que aquilo talvez pudesse ser a calmaria que antecede a tormenta, e que todos estavam prevendo que talvez fosse naquela noite, durante a reunião depois do enterro, que ela ia desabar, retirando-se para o quarto, abatida pela dor. Joy disse em silêncio, para o marido, que era capaz de fazer exatamente aquilo só para vê-los felizes.

Ela queria prestar homenagens ao marido, claro, mas não queria perder muito tempo bancando a anfitriã, agradando pessoas quase estranhas. Mesmo agora, ela continuava a não gostar muito de festas.

Edward ia compreender aquilo.

Joy piscou, subitamente notando que deixara o guarda-chuva tombar para a frente e que a água estava serpenteando por dentro de sua roupa, descendo pelas costas.

Olhou para cima, perguntando a si mesma, de forma distraída, se aquele pedaço mais claro de céu não acabaria por se espalhar por todo o resto, e então se virou e viu Sabine, ao lado. A jovem estava olhando para o rosto da avó, com os olhos inchados e uma expressão preocupada, e Joy envolveu o braço jovem ao seu lado com o seu, como se aquilo servisse de consolo para ambas.

— A senhora está bem? — perguntou.

— Estou, sim, Sabine. — Joy olhou para baixo, para o lugar onde o caixão estava.

Aquilo parecia não ter nada a ver com Edward.

— A senhora está triste?

Joy sorriu e pensou, por um instante.

— Não, querida, não estou tão triste. Pelo menos, não por ele. Respirou fundo. — Acho que o seu avô já estava pronto para ir. Era uma pessoa muito ativa, e acredito que ele não gostava muito de ficar sentado ali o tempo todo, sem fazer nada. Eu não poderia desejar que ele ficasse vivo por mais tempo do que ficou.

— Mas a senhora não vai sentir saudades dele? Joy fez uma pausa.

— É claro que vou sentir saudades dele. Mas nós tivemos alguns momentos adoráveis, seu avô e eu, e esses momentos eu vou manter comigo para sempre.

Sabine pareceu satisfeita.

— E também, suponho que a senhora, agora, não vai precisar se preocupar mais com ele — disse.

— Não. Nenhuma de nós vai.

O céu, definitivamente, estava clareando um pouco. A chuva se transformara em garoa, como se já não estivesse convencida de seu direito invencível de encharcar o mundo e já considerando o próximo destino. As duas se viraram e começaram a descer o monte.

— Eu trouxe uma coisa para a senhora — disse Sabine, subitamente, enfiando a mão no bolso. — Estava na última daquelas caixas do escritório. Achei que a senhora devia ler isso, hoje. Quer dizer, eu não sei nada sobre esses assuntos de religião, mas a senhora H costuma dizer que essas leituras podem servir de consolo em... bem, momentos como esse.

Entregou à avó um pedaço de papel escrito à mão e desbotado pela idade. Teve de chegar mais perto de Joy, embaixo do guarda-chuva, para impedir que ele ficasse molhado, mas mesmo assim pelo menos duas das palavras ficaram respingadas, fazendo com que a tinta antiga começasse a sangrar em minúsculos filetes azuis.

... e que, com assistência da graça divina possa governar e preservar os povos sob o seu comando em abundância, paz e santidade; e depois de uma longa e gloriosa jornada no comando de seu reino temporal sábia, justa e religiosamente possa, por fim, ser feita consorte de um reino eterno, sob o mesmo Jesus Cristo, Nosso Senhor. Amém.

— É a sua letra, então pensei que isso devia significar alguma coisa para a senhora.

Eu estava certa? Isso é uma coisa religiosa, não é? Eu sei que a senhora não é muito de incomodar Deus, nem nada desse tipo, mas achei que ia combinar com esse momento do vovô.

Joy ficou ali, olhando para o pequeno pedaço de papel, enquanto ele i a ficando borrado e começava a se desfazer aos poucos por ação dos pingos da chuva, e sentiu um bolo enorme se alojar em algum ponto da sua garganta.

— Era a sua letra — disse Sabine, como se estivesse na defensiva.

— Sim, é a minha letra. E é algo assim, meio religioso — disse Joy, com a voz entrecortada. — Sim, minha filha, está tudo bem. Na verdade, é muito... muito apropriado. Muito obrigada.

Sabine sorriu com aprovação, o pesar dispersando-se de seu rosto como as nuvens acima delas.

— Bom — continuou a velha senhora. — Como eu já lhe disse, eu normalmente não sou muito boa para essas coisas. — E então, de braços dados, e de um modo um pouco instável enquanto tentavam firmar o pé no terreno irregular, avó e neta foram pisando nas poças, caminhando de volta para casa.

Agradecimentos

Este livro não teria sido escrito sem a memória cristalina de minha avó, Betty McKee, cujo extraordinário romance com o meu falecido avô, Eric, e suas lembranças coloridas e u roubei, despudoradamente, a fim de dar vida aos meus próprios personagens. Gostaria também de agradecer a Stephen Rabson, do departamento de arquivos da Companhia de Cruzeiros, por me ajudar a pintar um quadro vívido da rotina a bordo dos navios nos anos 50, e também a Pieter Van der Merwe e Nicholas J. Evans, do Museu Nacional Marítimo, em Londres, pela ajuda que me prestaram nos assuntos de história naval. Agradeço, igualmente, a Brian Sanders, por suas lembranças do canal de Suez, e a Joan Price, por me apresentar a um barranco Wexford.

Meus sinceros agradecimentos a Jo Frank, da AP Watt, por finalmente conseguir que eu fosse editada, e por todo o seu incentivo, conselhos e magníficos almoços durante a longa (muito longa) preparação do caminho. Os mesmos agradecimentos vão para Carolyn Mays e toda a equipe da Editora Hodder, por seus dons de alquimia, e também a Vicky Cubitt por seu infinito entusiasmo. Gostaria de ter um pouco dele.

Estou imensamente grata a Anya Waddington e Penelope Dunn por seus conselhos e contatos, e por jamais sequer levantar a sobrancelha quando eu lhes dizia que havia escrito alguma coisa a mais e "gostaria que elas dessem uma olhadinha".

Agradeço também a David Lister e a Mike McCarthy, do Independent, e Ken Wiwa, pela sua generosidade e encorajamento durante as nossas várias aventuras literárias.

Boa sorte para os próximos títulos, rapazes.

Obrigada aos meus pais, Jim Moyes e Lizzie Sanders, por passarem para mim, se não uma habilidade genética de contar histórias, pelo menos uma dose de determinação cega. E acima de tudo ao meu marido, Charles, por tomar conta do bebé sem reclamar, pelas críticas cuidadosas e a fé na minha capacidade de realizar este trabalho. A ele, e a todos a quem eu alguma vez incomodei com uma das minhas ideias e histórias, obrigada.

Fim

{1} Famosa atriz dos anos 40. (N. T.)

{2} A mais antiga Ordem de Cavaleiros da Grã-Bretanha, e também a de maior prestígio. (N.T.)

{3} Quadriciclo com rodas grandes, usado tanto para competições quanto para lazer. (N. T.)

{4} Cavalo de origem holandesa, muito resistente e considerado o mais pesado do mundo. (N. T.)

{5} Primeiro regimento escocês a servir junto ao Exército Britânico. (N. T.)